

O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES DE VINCULAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: ASSOCIAÇÕES ENTRE  
CONTEXTOS RELACIONAIS COM PAIS, PARES E PAR AMOROSO

MAGDA ROCHA

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Doutor em  
Psicologia pela Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia  
e de Ciências da Educação, sob a orientação da Professora  
Doutora Paula Mena Matos

Este estudo realizou-se no âmbito do Programa *Formação  
Avançada de Recursos Humanos* (Bolsas individuais de  
Doutoramento, Refª de Bolsa: SFRH/BD/9322/2002), Programas  
Operacionais Ciência, Tecnologia, Inovação (POCTI) e do  
Programa Operacional Sociedade da Informação (POSI)  
comparticipados pelo Fundo Social Europeu e por Fundos  
Nacionais do Ministério da Ciência e Tecnologia.



*Ao Jorge e à Carolina*





## ***Agradecimentos***

Uma tese é um trabalho solitário. Também é. Mas é também uma partilha sem a qual números e palavras não fazem muito sentido. A cada uma das pessoas e instituições que me apoiaram nesta tarefa gostaria de conseguir transmitir a minha imensa gratidão.

À Professora Paula Mena Matos.

Por me ter despertado para esta forma de dar significado às vivências pessoais, a vinculação. Por ter estado sempre presente, por me ter mostrado a importância do rigor, da persistência e da curiosidade intelectual. Por ter sido minha orientadora e por dizer tantas vezes “e se”, mesmo quando às vezes não era exactamente o que eu queria ouvir. Muito, mesmo muito obrigada. Ser professora é muito mais que dar aulas.

Aos adolescentes com os quais trabalhei em escolas e pólos. Foi pelas histórias de vida de muitos deles que quis saber mais.

Às minhas companheiras de doutoramento quer pelo apoio profissional, quer pelo carinho e pela compreensão em momentos de dúvida.

À Joana pelas discussões teóricas, à Raquel Barbosa que tanto me ajudou com o seu exemplo a desmistificar os números e a estatística. À Helena Carvalho por ver sempre o melhor de cada um e à Catarina Mota, a minha companheira, porque sempre me chamou a atenção para a operacionalização dos resultados em termos clínicos.

À Isabel Monteiro que com a sua generosidade me permitiu utilizar a sua arte como representação gráfica dos *meus* adolescentes.

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e à Fundação para a Ciência e Tecnologia, instituições sem as quais não era possível reunir as condições para a construção deste trabalho.

E aos que conheço de toda uma vida.

Ao meu Pai de *opção*, o meu padrasto, e à minha Mãe porque me apoiaram sempre que eu quis ir mais adiante. À avó Feliciano, à Olímpia e à Paula que me mostraram, as primeiras na infância e a última na adultícia, o que é um *Porto seguro*.

Ao Jorge por ter compreendido tudo. À Carolina por me ter tornado mãe neste processo.

Obrigada.

## Índice Geral

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I. NASCIMENTO E PRIMEIROS DESENVOLVIMENTOS DA TEORIA DA VINCULAÇÃO</b>	<b>5</b>
1. Não há teorias desenquadradas da história de vida dos que as constroem: John Bowlby e Mary Ainsworth	8
<b>CAPÍTULO II. A VINCULAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA</b>	<b>19</b>
1. A transferência das componentes ou funções de vinculação: O modelo de Cindy Hazan	24
1.1. Construção de um modelo de transferência	24
1.1.1. <i>O trabalho a montante: Cindy Hazan e Phillip Shaver</i>	24
1.1.2. <i>Desenvolvimentos empíricos: Cindy Hazan e Debra Zeifman</i>	28
1.1.3. <i>Depois de Cindy Hazan e colaboradores</i>	33
1.1.3.1. Considerações acerca da exiguidade na investigação do modelo de transferência	33
1.1.3.2. Do final da infância à adultícia	34
1.1.3.2.1. <i>Na adolescência...</i>	34
1.1.3.2.2. <i>Longitudinalmente na adolescência...</i>	43
1.1.3.2.3. <i>O final da adolescência e a idade adulta...</i>	46
1.1.3.3. Na jovem adultícia	51
1.1.3.3.1. Recurso a amigos íntimos e par amoroso...	51
1.1.4. <i>Síntese</i>	54
2. Relações de vinculação aos pais, pares e par amoroso na adolescência	55
2.1. Relações pais-filhos: Dinâmicas entre exploração e vinculação	56
2.2. O género dos adolescentes e as relações com pares e par amoroso	64
2.3. Associações entre contextos relacionais com pais e pares	67
2.4. Exploração e vinculação aos pares e par amoroso	80
2.5. Funcionamento reflexivo e transmissão intergeracional da segurança de vinculação	83
2.6. Processos de continuidade e de mudança na vinculação: O privilégio dos estudos longitudinais	87
2.6.1. <i>Papel dos acontecimentos de vida</i>	98

<b>2.7. Auto-estima e vinculação</b>	<b>103</b>
<b>2.8. Síntese</b>	<b>108</b>

### **CAPÍTULO III. ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA, OBJECTIVOS, HIPÓTESES, AMOSTRA; DESCRIÇÃO E PROCEDIMENTOS DE ADAPTAÇÃO**

<b>1. Metodologia</b>	<b>115</b>
<b>2. Objectivos e hipóteses</b>	<b>120</b>
<b>2.7. Objectivo geral</b>	<b>120</b>
<b>2.1.1. Objectivos específicos</b>	<b>121</b>
2.1.1.1. Hipóteses	122
2.1.1.1.1. Hipóteses: Modelo de transferência das componentes de vinculação	122
2.1.1.1.2. Hipóteses: Abordagens dimensionais e prototípicas	123
2.1.1.1.3. Hipóteses: Modelos de equações estruturais	125
<b>3. Amostra</b>	<b>126</b>
<b>3.1. Características da amostra por tipo de formação</b>	<b>126</b>
<b>3.1.1. Ensino regular</b>	<b>127</b>
<b>3.1.2. Ensino profissional</b>	<b>127</b>
<b>3.1.3. Sistema de aprendizagem</b>	<b>127</b>
3.1.3.1. Cursos de Nível 2	127
3.1.3.2. Cursos de Nível 3	127
<b>3.2. Características familiares</b>	<b>128</b>
<b>3.2.1. Situação de casamento/coabitação parental</b>	<b>128</b>
<b>3.2.2. Nível formativo dos pais</b>	<b>128</b>
<b>3.2.3. Características familiares, socio-económicas e socio-culturais</b>	<b>128</b>
<b>4. Instrumentos de avaliação: Vinculação, acontecimentos de vida, auto-estima e dados demográficos</b>	<b>130</b>
<b>4.1. Instrumentos de avaliação da vinculação</b>	<b>130</b>
<b>4.1.1. As hierarquias de vinculação</b>	<b>131</b>
4.1.1.2. Attachment Network Questionnaire: ANQ	131
<b>4.1.2. A vinculação aos pais</b>	<b>134</b>
4.1.2.1. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe: QVPM	134
<b>4.1.3. A vinculação aos pares</b>	<b>137</b>
4.1.3.1. Inventory of Parent and Peer Attachment: IPPA	137
<b>4.1.4. A vinculação ao par amoroso</b>	<b>139</b>

4.1.4.1. Questionário de Vinculação Amorosa: QVA	139
<b>4.2. Instrumentos de avaliação dos Acontecimentos de vida e da Auto-estima</b>	<b>142</b>
<b>4.2.1. Acontecimentos de vida</b>	<b>143</b>
4.2.1.1. Questionário de Acontecimentos de Vida: QAV	143
<b>4.2.2. A Auto-estima</b>	<b>148</b>
4.2.2.1. Rosenberg Self-Esteem Scale/Escala de Auto-Estima de Rosenberg: SES	148
<b>4.3. Instrumento de recolha de dados demográficos: QD</b>	<b>150</b>
<b>5. Procedimentos gerais de adaptação</b>	<b>151</b>
<b>6. Procedimentos de administração dos instrumentos</b>	<b>152</b>

#### **CAPÍTULO IV. ADAPTAÇÃO DE INSTRUMENTOS: CONSISTÊNCIA INTERNA E ANÁLISES FACTORIAIS CONFIRMATÓRIAS**

<b>1. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe: QVPM</b>	<b>159</b>
<b>1.1. Qualidades psicométricas</b>	<b>159</b>
<b>1.1.1. Consistência interna</b>	<b>159</b>
<b>1.1.2. Análises factoriais confirmatórias</b>	<b>159</b>
<b>2. Inventory of Parent and Peer Attachment: IPPA</b>	<b>162</b>
<b>2.1. Qualidades psicométricas</b>	<b>162</b>
<b>2.1.1. Consistência interna</b>	<b>162</b>
<b>2.1.2. Análises factoriais confirmatórias</b>	<b>162</b>
<b>3. Questionário de Vinculação Amorosa: QVA</b>	<b>164</b>
<b>3.1. Qualidades psicométricas</b>	<b>164</b>
<b>3.1.1. Consistência interna</b>	<b>164</b>
<b>3.1.2. Análises factoriais confirmatórias</b>	<b>164</b>
<b>4. Rosenberg Self-Esteem Scale/Escala de Auto-Estima de Rosenberg: SES</b>	<b>166</b>
<b>4.1. Qualidades psicométricas</b>	<b>166</b>
<b>4.1.1. Consistência interna</b>	<b>166</b>
<b>4.1.2. Análise factorial confirmatória</b>	<b>167</b>

#### **CAPÍTULO V. O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES DE VINCULAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: ASSOCIAÇÕES ENTRE CONTEXTOS RELACIONAIS COM PAIS, PARES E PAR AMOROSO: ESTUDO EMPÍRICO**

<b>1. Tratamentos estatísticos</b>	<b>173</b>
<b>1.1. Tratamentos estatísticos com recurso ao programa SPSS 13 para Windows</b>	<b>173</b>
<b>1.1.1. Qualidade das variáveis e dimensões</b>	<b>173</b>
<b>1.1.2. Tratamentos estatísticos, critérios de significância e normalidade das distribuições</b>	<b>176</b>
<b>1.2. Tratamentos estatísticos com recurso ao programa EQS 6.1 para Windows</b>	<b>178</b>
<b>2. Resultados</b>	<b>179</b>
<b>2.1. O alargamento e a hierarquia das redes de vinculação na adolescência</b>	<b>179</b>
<b>2.1.1. Descrevendo hierarquias relacionais na adolescência</b>	<b>180</b>
<b>2.1.2. A variabilidade do recurso à Mãe, ao Pai, aos Pares do mesmo e de género oposto e ao Par amoroso como figuras de vinculação</b>	<b>184</b>
2.1.2.1. Influências da idade e do género no recurso às figuras de vinculação	184
2.1.2.2. Diferenciação no recurso às figuras de vinculação em função da instituição formativa	186
2.1.2.3. Diferenciação no recurso ao Par amoroso em função da Duração da relação amorosa	197
<b>2.1.3. Construção de Padrões de vinculação nos quatro contextos relacionais segundo o modelo bidimensional: a imagem de si e a imagem do outro</b>	<b>188</b>
2.1.3.1. Construção dos Padrões de vinculação na relação com a Mãe	188
2.1.3.2. Construção dos Padrões de vinculação na relação com o Pai	191
2.1.3.3. Construção dos Padrões de vinculação na relação com os Pares amigos	193
2.1.3.4. Construção dos Padrões de vinculação na relação com o Par amoroso	195
<b>2.1.4. Interações entre idade, género e padrões de vinculação</b>	<b>197</b>
<b>2.1.5. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação</b>	<b>198</b>
2.1.5.1. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com a Mãe	199
2.1.5.2. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com o Pai	200
2.1.5.3. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com os Pares amigos	201
2.1.5.4. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com o Par amoroso	203
2.1.5.4.1. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função da existência ou não de uma relação amorosa com significado	204
2.1.5.5. Discussão integrada de resultados	204

<b>2.1.6. Do geral para o particular: Cada uma das componentes de vinculação</b>	206
2.1.6.1. Procura de proximidade, Porto seguro, Protesto de separação e Base segura	207
2.1.6.1.1. <i>Contrastes Maternos</i>	207
2.1.6.1.1.1. As diferenças no recurso a Mãe e Pai	207
2.1.6.1.1.2. As diferenças no recurso a Mãe e Amigo	208
2.1.6.1.1.3. As diferenças no recurso a Mãe e Amiga	209
2.1.6.1.1.4. As diferenças no recurso a Mãe e Par amoroso	210
2.1.6.1.2. <i>Contrastes Paternos</i>	211
2.1.6.1.2.1. As diferenças no recurso a Pai e Amigo	211
2.1.6.1.2.2. As diferenças no recurso a Pai e Amiga	212
2.1.6.1.2.3. As diferenças no recurso a Pai e Par amoroso	212
2.1.6.1.3. <i>Contrastes Par amigo</i>	214
2.1.6.1.3.1. As diferenças no recurso a Amigo e Amiga	214
2.1.6.1.3.2. As diferenças no recurso a Amigo e Par amoroso	214
2.1.6.1.4. <i>Contrastes Par amiga (Par amoroso)</i>	215
2.1.6.2. Discussão integrada de resultados	216
<b>2.2. A variabilidade e as associações entre dimensões de vinculação</b>	223
<b>2.2.1. Variabilidade das dimensões de vinculação em função da idade e género, instituição de formação e Duração da relação amorosa</b>	223
2.2.1.1. Dimensões de vinculação na relação com a Mãe	224
2.2.1.2. Dimensões de vinculação na relação com o Pai	225
2.2.1.3. Dimensões de vinculação na relação com os Pares amigos	226
2.2.1.4. Dimensões de vinculação na relação com o Par amoroso	227
2.2.1.5. Discussão integrada de resultados	229
<b>2.2.2. Relações entre dimensões de vinculação (nos quatro contextos relacionais), os acontecimentos de vida e a qualidade mediadora da auto-estima</b>	234
2.2.2.1. Relações entre dimensões de vinculação aos pais, pares e par amoroso	234
2.2.2.2. Qualidade mediadora da auto-estima	237
2.2.2.3. Acontecimentos de vida	239
2.2.2.4. Discussão integrada de resultados	240
<b>2.3. A vinculação e a perspectiva prototípica</b>	245
<b>2.3.1. A variabilidade dos padrões de vinculação em função da idade, género, instituição de formação, duração da relação amorosa e acontecimentos de vida</b>	246
2.3.1.1. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com a Mãe	246
2.3.1.1.1. <i>Diferenças de idade</i>	246
2.3.1.1.2. <i>Diferenças de género</i>	247
2.3.1.1.3. <i>Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada</i>	249

2.3.1.1.4. <i>Diferenças por acontecimentos de vida</i>	251
2.3.1.2. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com o Pai	251
2.3.1.2.1. <i>Diferenças de idade</i>	251
2.3.1.2.2. <i>Diferenças de género</i>	252
2.3.1.2.3. <i>Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada</i>	253
2.3.1.2.4. <i>Diferenças por acontecimentos de vida</i>	255
2.3.1.4. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com os Pares amigos	256
2.3.1.4.1. <i>Diferenças de idade</i>	256
2.3.1.4.2. <i>Diferenças de género</i>	257
2.3.1.4.3. <i>Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada</i>	258
2.3.1.4.4. <i>Diferenças por acontecimentos de vida</i>	258
2.3.1.5. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com o Par amoroso	259
2.3.1.5.1. <i>Diferenças de idade</i>	259
2.3.1.5.2. <i>Diferenças de género</i>	259
2.3.1.5.3. <i>Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada</i>	261
2.3.1.5.4. <i>Diferenças por duração da relação amorosa</i>	261
2.3.1.5.5. <i>Diferenças por acontecimentos de vida</i>	262
2.3.1.6. Discussão integrada de resultados	265
2.3.1.7. Variabilidade da segurança de vinculação a pares e par amoroso: a segurança noutros contextos é um factor a ter em conta? – Uma integração	271
2.3.1.7.1. <i>Que contextos tem a Mãe maior probabilidade de influenciar?</i>	273
2.3.1.7.2. <i>Que contextos tem o Pai maior probabilidade de influenciar?</i>	273
2.3.1.7.3. <i>A (in)segurança aos pares amigos influencia a (in)segurança ao par amoroso?</i>	274
2.3.1.8. Discussão integrada de resultados: A segurança e a insegurança	276
<b>2.4. Em que modelos teóricos se (podem) organizam os dados empíricos?</b>	277
<b>2.4.1. O modelo</b>	279
2.4.1.1. Diferenças nos efeitos da Qualidade de vinculação a cada um dos progenitores nos factores Qualidade de vinculação a Pares amigos e Par amoroso	280
2.4.1.2. Os efeitos da Qualidade de vinculação ao Pai e à Mãe na Qualidade de vinculação aos Pares amigos e Par amoroso: diferenças de género	281
2.4.1.2.1. <i>O modelo causal para a Qualidade de vinculação à Mãe</i>	281
2.4.1.2.2. <i>O modelo causal para a Qualidade de vinculação ao Pai</i>	281
<b>2.4.2. Modelos finais para o género feminino</b>	282
2.4.2.1. <i>Modelo Qualidade de vinculação na relação com a Mãe</i>	282
2.4.2.2. <i>Modelo Qualidade de vinculação na relação com o Pai</i>	284
<b>2.4.3. Modelos finais para o género masculino</b>	285
2.4.3.1. <i>Modelo Qualidade de vinculação na relação com a Mãe</i>	285
2.4.3.2. <i>Modelo Qualidade de vinculação na relação com o Pai</i>	287
2.4.3.3. Discussão integrada de resultados	289



<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>299</b>
<b>O que nos disseram os resultados?</b>	<b>303</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>313</b>
<b>Índice de Quadros e Figuras</b>	<b>349</b>
<b>Anexos</b>	<b>355</b>
<b>Índice de anexos</b>	
<b>Anexo 1 (1a a 1f)</b>	
Attachment Network Questionnaire – ANQ (Trinke & Bartholomew, 1997; Adaptação de Rocha & Matos, 2003)	<b>a</b>
Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM (Matos & Costa, 2001, <i>versão revista</i> )	<b>b</b>
Inventory of Parent and Peer Attachment – IPPA (Armsden & Greenberg, 1987, <i>versão pares</i> )	<b>c</b>
Questionário de Vinculação Amorosa – QVA (Matos & Costa, 2001)	<b>d</b>
Questionário de Acontecimentos de Vida – QAV (Rocha & Matos, 2003)	<b>e</b>
Rosenberg Self-Esteem Scale – SES (Rosenberg, 1965)	<b>f</b>
<b>Anexo 2 (2a a 2d)</b>	
Questionário Demográfico	
Versão para 8º e 10º ano de escolaridade	<b>a</b>
Versão para 12º ano de escolaridade	<b>b</b>
Versão para nível 2 (Aprendizagem)	<b>c</b>
Versão nível 3 (Aprendizagem e Profissional)	<b>d</b>
<b>Anexo 3 (3a a 3d)</b>	
Carta dirigida aos Conselho Executivo/Direcção Pedagógica das instituições formativas seleccionadas para o estudo	<b>a</b>
Documento de anuência parental (para permissão de ingresso no estudo a jovens menores de 18 anos de idade) facultado às instituições formativas	<b>b</b>
Documento dirigido e entregue ao participante: Projecto e confidencialidade	<b>c</b>
Resumo para preenchimento de instrumentos de avaliação	<b>d</b>
<b>Anexo 4 (4a a 4d)</b>	
<i>Quadros a a a3: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Pai</i>	
Procura de proximidade	<b>a</b>
Uso de Porto seguro	<b>a1</b>
Protesto de separação	<b>a2</b>
Uso de Base segura	<b>a3</b>
<i>Quadros a4 a a7: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Amigo</i>	
Procura de proximidade	<b>a4</b>
Protesto de separação	<b>a5</b>
Uso de Porto seguro	<b>a6</b>
Uso de Base segura	<b>a7</b>
<i>Quadros a8 a a10: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Amiga</i>	
Protesto de separação	<b>a8</b>

Uso de Porto seguro	<b>a9</b>
Uso de Base segura	<b>a10</b>
<i>Quadros a11 a a14: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Par amoroso</i>	
Procura de proximidade	<b>a11</b>
Protesto de separação	<b>a12</b>
Uso de Porto seguro	<b>a13</b>
Uso de Base segura	<b>a14</b>
<i>Quadros b a b3: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Pai e Amigo</i>	
Procura de proximidade	<b>b</b>
Uso de Porto seguro	<b>b1</b>
Protesto de separação	<b>b2</b>
Uso de Base segura	<b>b3</b>
<i>Quadro b4 a b7: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Pai e Amiga</i>	
Procura de proximidade	<b>b4</b>
Uso de Porto seguro	<b>b5</b>
Protesto de separação	<b>b6</b>
Uso de Base segura	<b>b7</b>
<i>Quadros b8 a b11: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Pai e Par amoroso</i>	
Procura de proximidade	<b>b8</b>
Uso de Porto seguro	<b>b9</b>
Protesto de separação	<b>b10</b>
Uso de Base segura	<b>b11</b>
<i>Quadros c a c3: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Amigo e Amiga</i>	
Procura de proximidade	<b>c</b>
Uso de Porto seguro	<b>c1</b>
Protesto de separação	<b>c2</b>
Uso de Base segura	<b>c3</b>
<i>Quadros c4 a c7: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Amigo e Par amoroso</i>	
Procura de proximidade	<b>c4</b>
Uso de Porto seguro	<b>c5</b>
Protesto de separação	<b>c6</b>
Uso de Base segura	<b>c7</b>
<i>Quadros d a d3: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Amiga e Par amoroso</i>	
Procura de proximidade	<b>d</b>
Uso de Porto seguro	<b>d1</b>
Protesto de separação	<b>d2</b>
Uso de Base segura	<b>d3</b>

## **Resumo**

Este estudo pretendeu aceder às representações de vinculação de adolescentes a pais, pares e par amoroso estudando a articulação entre os três domínios relacionais, quer se tratando da Qualidade da vinculação, quer das quatro componentes da mesma: Procura de proximidade, Porto seguro, Base segura e Protesto de separação. Testou-se a influência dos acontecimentos de vida, tipo de escola, idade e género na qualidade de vinculação. O estudo de natureza transversal, baseou-se numa amostra de 627 jovens de ambos os géneros a frequentarem o ensino regular, profissional e pólos de aprendizagem (idades entre os 13 e os 23 anos). O trabalho recorreu a instrumentos de auto-relato, submetidos a análises factoriais confirmatórias e à avaliação da consistência interna: Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe e Questionário de Vinculação Amorosa, (Matos & Costa, 2001); Inventory of Parent and Peer Attachment, (pares, Armsden & Greenberg, 1987); Attachment Network Questionnaire (Trinke & Bartholomew, 1994); Rosenberg Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1967); Questionário de Acontecimentos de Vida (Rocha & Matos, 2003).

Os resultados deram conta da existência das quatro componentes de vinculação nas figuras estudadas: mãe, pai, melhores amigos e par amoroso, apoiando a ideia do recurso a cada uma delas a partir dos 13 anos de idade. Salientou-se contudo a manutenção da figura materna em primeiro lugar na hierarquia de vinculação. O processo parece seguir a ideia de um alargamento da rede relacional para exercício de funções de vinculação e não uma substituição de figuras, o que nem sempre segue o modelo de Cynthia Hazan (Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997).

Em termos da qualidade de vinculação verificou-se variabilidade em função da idade, género e instituição formativa nas relações com os pais, de idade e de género na relação com os pares, e apenas de género e duração da relação no contexto amoroso. Não existiu variabilidade relativa aos acontecimentos de vida, já que não foram encontrados acontecimentos maiores significativos. A auto-estima apresentou-se com qualidades mediadoras na associação entre qualidade de relacionamento com os pais e com os pares (de ambos os tipos), enquanto que a qualidade relacional com os pares é também mediadora da relação entre qualidade de vinculação a mãe e qualidade relacional com par amoroso, e entre a qualidade de vinculação ao pai e par amoroso (no género masculino).



## ***Abstract***

This study intended to assess adolescents' attachment representations to parents, peers and romantic peer and also to analyse the articulations among the three relational domains, whether in speaking about attachment, whether approaching the four theoretical attachment components: Proximity seeking, Safe Haven, Secure base and Separation protest. It was tested the influence of life events, school type, age and gender in attachment quality. In this cross-sectional study participated 627 adolescents of both genders, who were attending regular classes, professional and learning poles (ages between 13 and the 23 years). Participants responded to self-report measures, submitted to confirmatory factor analysis and the evaluation of the internal consistency of the items: Father/Mother Attachment Questionnaire and Love Attachment Questionnaire, (Matos & Costa, 2001); Inventory of Parent and Peer Attachment, (peers, Armsden & Greenberg, 1987); Attachment Network Questionnaire (Trinke & Bartholomew, 1994); Rosenberg Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1967); Questionnaire of Life Events (Rocha & Matos, 2003).

The results observed the presence of the four attachment components in the studied figures: mother, father, best friends and romantic peer, supporting the idea of the search to each one of them starting from the 13 years of age on. It was pointed out however the maintenance of the maternal figure in first place in the attachment hierarchy. The process seems to follow the idea of an enlargement of the relational net for the fulfilment of attachment needs and not a substitution of one significant by other, therefore not always supporting Cynthia Hazan's model (Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997).

In terms of attachment quality, there was variability in function of age, gender and type of school in the relationships with the parents, of age and of gender in the relationships with peers, and of gender and duration of the relationship in the romantic context. It wasn't found variability due to life events since in the sample there weren't find major events. The self-esteem mediated the association between relationship quality with parents and with peers (both types), while the relational quality with peers is also a mediator for the relationship among attachment quality to mother and relational quality with the romantic peer, as well among attachment quality to father and romantic peer (for males).



## ***Resume***

Cette étude a été axée sur les représentations de l'attachement des adolescents aux parents, paires et couple et à l'articulation entre les trois domaines relationnels en ce qui concerne la qualité de l'attachement, et aussi dans ces quatre composantes. L'influence des événements de la vie, type d'établissement scolaire fréquenté, âge et genre dans la qualité de l'attachement ont été testés.

L'étude de nature transversale a été basée sur un échantillon de 627 jeunes des deux sexes (âgés de 13 à 23 ans) qui ont fréquenté l'enseignement général, professionnel ou en apprentissage.

Ce travail a utilisé des outils d'anamnèse, soumis à des analyses factorielles les confirmant et à l'évaluation de la consistance interne: Questionnaire de L'attachement au Père et à la Mère et Questionnaire de L'attachment Amoureux, (Matos & Costa, 2001); Inventory of Parent and Peer Attachment, (paires, Armsden & Greenberg, 1987); Attachment Network Questionnaire (Trinke & Bartholomew, 1994); Rosenberg Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1967); Questionnaire des Événements de la Vie (Rocha & Matos, 2003).

Les résultats font apparaître l'existence des quatre composantes de l'attachement aux figures étudiées: mère, père, meilleures amis et couple, soutenue par l'idée de recours à chacune d'elles à partir de l'âge de 13 ans. Il en ressort l'importance de l'image maternelle comme figure d'attachement privilégié dans la hiérarchie de l'attachement. Ce processus fait apparaître l'idée d'un élargissement du réseau relationnel dans l'exercice d'attachement et non une substitution de figures qui contredit parfois le modèle de Cynthia Hazan (Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997).

En ce qui concerne la qualité de l'attachement, il a été vérifié sa variabilité en fonction de l'âge, du genre et de la scolarité dans la relation aux parents; de l'âge et du genre dans la relation aux paires; et seulement du genre et durée de la relation dans le contexte amoureux. Il n'y a pas eu de variabilité en relations aux événements de la vie, quand il n'y a pas eu d'événements majeurs significatifs.

L'estime de soi apparaît jouer un rôle médiateur dans l'association entre la qualité des relations avec les parents et avec les paires (les deux les types), et la qualité relationnelle avec les paires est aussi médiatrice de la relation entre qualité d'attachement à la mère et la qualité relationnelle au partenaire, et entre la qualité d'attachement au père et aux couple amoureux (dans le type masculin).





*Entre o sono e o sonho,  
Entre mim e o que em mim  
É o quem eu me suponho,  
Corre um rio sem fim.*

*Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo o rio tem.*

*Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.*

*E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre –  
Esse rio sem fim.*

*Fernando Pessoa (11-9-1933)*

## INTRODUÇÃO

A construção desta dissertação teve por base a vontade de *descobrir e reconstruir* o período adolescente sob a perspectiva teórica da vinculação. Não apenas o período final da adolescência, mas observar o seu início, o seu meio e a sua entrada na era adulta. É certamente uma tarefa ambiciosa já que é uma fase do ciclo vital onde, das experiências relacionais iniciais, são *convocadas* as competências de procura de cuidados e respectivas representações que até aí os jovens *traçaram* de si como merecedores de protecção e amor, para dar início à fase da construção das competências de prestar cuidados a outros significativos. É essencialmente uma *etapa de muitas fases*. No princípio da adolescência a história emocional, construída com a mãe e o pai, organiza o arquétipo através do qual se avaliam os outros enquanto consistentemente confiáveis e disponíveis para responder às necessidades do *self* – encontramos-nos à volta dos 13-14 anos. Mas a dinâmica específica dos novos relacionamentos (significativos) com pares, tem força para fazer alterar os modos habituais de funcionamento fazendo com que, fruto de uma continuidade íntima, os laços emocionais com pares amigos possam ser alternativas de segurança para os adolescentes. Estamos na plena adolescência, em torno dos 15-16 anos.

Alguns amigos do mesmo género são agora outros significativos, foram parceiros no processo de *separação/individuação* e a identidade deixa lentamente de *ser partilhada com todos*, à medida que os grupos mistos dão lugar à exploração de um par especial – o par amoroso. Mas até que passe o tempo necessário e que a relação seja mais do que uma mera experiência e passe a um contexto de intimidade relacional, estamos ainda na era dos amigos e só posteriormente, quando a identidade é pessoal mas integra e respeita a dos *outros*, a díade amorosa pode constituir-se numa vinculação – estamos na plena adolescência – caracteristicamente entre os 17 e os 18 anos, mas um período que poderá estender-se até aos primeiros anos da *década* dos 20.

Tal como num rio cada história de vida acarreta as narrativas emocionais que ocorrem na sua paisagem, sendo o seu *caudal* marcado por mais *sede* ou mais *corrente* na medida quer da nascente (da qualidade da vinculação inicial aos pais), quer do carácter dos afluentes que vai encontrando ao longo do seu percurso (da qualidade dos contextos relacionais significativos), quer ainda dos acidentes meteorológicos e da paisagem (sentido e qualidade dos acontecimentos de vida maiores). O *rio* teima em seguir o seu trajecto inicial (modelos internos de funcionamento na relação com os pais), o que não quer dizer que a construção de *diques* ou *barragens* (contextos alternativos de segurança) não façam alterar o seu *curso* (integrar novos funcionamentos nos modelos internos). Deste modo, embora o *rio* seja o mesmo ao longo do seu *vale*, aparece *largo* e *agitado* em determinadas *regiões* mas *frágil* e *acanhado noutras*, por outras palavras, embora possa haver uma forma mais ou menos firme de funcionamento geral, reconhecemos também padrões de funcionamento nas diferentes relações significativas, uns mais seguros que outros, porque a nossa perspectiva é a de que a hegemonia é adversária da adaptação.

Estamos perante uma investigação que consideramos ter a virtude de não se centrar apenas no estudo das relações de vinculação na adolescência média e final, mas que quis verificar o modo como estas funcionam ao longo de todo este período desenvolvimental, integrando por isso adolescentes e jovens dos 13 aos 23 anos de idade.

Tentamos também aproximar o nosso estudo o mais possível da realidade portuguesa, pese embora com constrangimentos, pelo que não nos cingimos a analisar uma amostra adolescente proveniente apenas de escolas regulares, como é comum encontrar, mas alargamos o seu âmbito a escolas profissionais e a pólos de aprendizagem.

Quisemos ver com detalhe de que forma as representações actuais das relações de vinculação com pais, pares e par amoroso se constituem e se articulam nesta fase do ciclo de vida, tendo em conta uma visão teórica que observa a vinculação de um ponto de vista desenvolvimental e ecológico, mas que integra também a observação deste sistema enquanto uma complexidade que assiste a adaptação pessoal. Vê-se a segurança ou a insegurança de vinculação como modos possíveis do sistema pessoal poder ajustar-se à

realidade circundante e por isso mesmo sobreviver. É característica deste sistema a auto-regulação, assim se o *parceiro de laço* (qualquer que seja o domínio relacional considerado) for *consistentemente insensível e não responsivo* às necessidades do sujeito psicológico, este último não responde certamente com um funcionamento caracterizado pela procura confiada no outro, já que anteriormente os seus esforços de proximidade foram recebidos com respostas de rejeição. A segurança não é por isso a forma mais adaptativa e a insegurança a mais desadaptativa de funcionamento pessoal, tudo depende das *prestações* relacionais que consistentemente são oferecidas ao sujeito para que um ou outro funcionamento sejam ajustados e justamente por isso, não se encara a dicotomia segurança/insegurança como uma oposição entre bom e mau.

Este é um trabalho orientado claramente pela teoria da vinculação tal como formulada por John Bowlby e Mary Ainsworth, mas que planeámos contemplar segundo o modelo posterior de Kim Bartholomew. Quisemos ainda ver de que modo as componentes de vinculação eram utilizadas nas *etapas* da adolescência seguindo o modelo de Cindy Hazan.

Para além de levantar hipóteses quisemos construir um modelo de interpretação possível do papel de três relações significativas na adolescência.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação damos conta dos contributos inestimáveis de Bowlby e Ainsworth para o reconhecimento da vinculação enquanto leitura (possível) da realidade psicológica, enquanto no segundo capítulo se pretende ver quais as contribuições empíricas e teóricas contemporâneas quanto a nós mais salientes no domínio da vinculação na adolescência. No terceiro capítulo damos conta das opções metodológicas que efectuámos, justificando-as do ponto de vista teórico e fundamentando as nossas opções ao nível da amostra, tendo em conta os objectivos e as hipóteses baseadas na revisão bibliográfica anteriormente efectuada. No quarto capítulo continuamos a legitimar as nossas opções metodológicas através da análise estatística dos instrumentos de auto-relato passíveis de exame psicométrico.

Finalmente, no quinto e último capítulo, quisemos dar conta dos resultados obtidos bem como da análise dos mesmos à luz do que tem vindo a ser reconhecido pela investigação. Fizemo-lo apresentando e debatendo quase em simultâneo os resultados obtidos, porque de facto esta tese foi construída deste modo, num constante questionamento. Neste derradeiro capítulo é ainda efectuada uma súmula e integração dos resultados essenciais, bem como uma reflexão acerca das pistas que futuras investigações poderão prosseguir.

Esta foi mais uma forma de ver o *rio*, a nossa.



## Capítulo 1

### Nascimento e primeiros desenvolvimentos da teoria da vinculação

*“(...) Talvez para nenhuma outra consequência comportamental os padrões de avaliação no homem sejam mais nítidos, desde o princípio, ou ambientalmente mais estáveis. Tão estáveis, na verdade, que bebês amarem as suas mães e mães amarem os seus bebês é considerado axiomático e intrínseco à própria natureza humana. Consequentemente, sempre que, durante o desenvolvimento de algum indivíduo, esses padrões se tornam acentuadamente diferentes da norma, como ocasionalmente acontece, todos estão dispostos a julgar a condição como patológica.” (Bowlby, 1969/1990, p.259).*

Este primeiro capítulo é uma referência ao que foi e ao que (também) é a teoria da vinculação. A explicitação de alguns conceitos recorre a aspectos pessoais e biográficos da vida dos autores que lhe deram existência.

Embora a figura que mais vezes seja referenciada como fundador da teoria da vinculação seja John Bowlby, consideramos ser da mais elementar justiça considerar a co-autoria como de Mary Ainsworth, não fazendo contudo nada a mais do que o próprio Bowlby não tenha ele próprio feito, nomeadamente nos agradecimentos do primeiro volume da trilogia “Vinculação e Perda” (1969/1990).

Os conceitos e o desenvolvimento da teoria da vinculação não se esgotaram com o trabalho destes dois autores, ao contrário, mantém-se como um dos enquadramentos teórico-empíricos mais utilizados na psicologia desenvolvimental e social. Não podendo aprofundar todos os progressos teóricos posteriores a Bowlby e Ainsworth, focar-nos-emos em mais duas figuras entre as muitas que concorrem para o desenvolvimento desta teoria: Kim Bartholomew e Cindy Hazan<sup>1</sup>, nomeadamente na expansão teórica que realizaram com a introdução do modelo bidimensional e com o trabalho nas áreas das hierarquias, redes e transferência das componentes de vinculação.

A opção por estes e não outros teóricos contemporâneos não espelha uma desvalorização dos trabalhos dos últimos, decorrem antes de decisões teóricas que assumem a escolha de determinadas grelhas de leitura em detrimento de outras.

---

<sup>1</sup> Não seremos exaustivos quanto às contribuições de Cindy Hazan e Kim Bartholomew neste primeiro capítulo já que posteriormente revisitaremos com pormenor o trabalho de uma e outra a propósito quer das questões da transferência de componentes de vinculação, quer da opção pelos instrumentos de avaliação da vinculação a pais e par amoroso.

## 1. Não há teorias desenquadradas da história de vida dos que as constroem: John Bowlby e Mary Ainsworth

Edward John Mostyn Bowlby (1907-1990) foi o quarto filho de uma família tradicional inglesa da alta burguesia do início do século XX.

O seu pai foi uma figura importante à época, agraciado pela realeza inglesa com o título de cavaleiro, tendo ocupado o cargo de Presidente do Colégio Real de Cirurgiões. A importância do estatuto profissional parece ter sido uma das suas prioridades, sendo descrito como uma figura autoritária e rígida. A mãe, Lady Bowlby, demonstrava uma clara preferência pelo filho mais velho, Anthony, sendo raros os momentos de proximidade física com qualquer um dos seus seis filhos. Deste modo as amas foram constantes na vida familiar dos Bowlby, aliás John terá dito que os membros da sua família eram apenas “*relativamente próximos*”. Neste contexto não é de surpreender que tenha formulado o princípio do relacionamento mãe-bebê mutuamente satisfatório como pressuposto à existência de saúde mental (Bowlby, 1958, 1969/1990) e, mais do que isso que tenha tornado mundialmente perceptíveis os efeitos da privação inicial de cuidados maternos.

Aos sete anos de idade o jovem John e o seu irmão Anthony ingressam num internato longe de Londres a fim de realizarem os seus estudos. Na era vitoriana o futuro profissional era pré-definido pela herança paterna, cabendo a Anthony, à partida, a carreira médica, porém, receando não atingir o patamar de excelência alcançado pelo seu pai, recusou este caminho. John não sendo um entusiasta da vida na Marinha apesar de ter sido aí onde prosseguiu estudos (*Royal Naval College*, Dartmouth), vê na recusa do irmão a oportunidade de escapar ao futuro militar que lhe era destinado. Pese embora o seu projecto vocacional relativamente à medicina não ser o mais consistente, parece que terá considerado que o ingresso na carreira médica seria uma forma de tornar a saída da Marinha mais aceitável aos olhos do pai.

Bowlby inicia então o curso de medicina no Trinity College (Cambridge), em 1925, porém, ao invés de continuar os seus estudos clínicos em Londres, aceita o posto de professor numa escola para crianças desadaptadas. Segundo ele o seu pai ter-se-ia oposto ferozmente a esta aposta profissional, porém, “*felizmente*” já tinha falecido na ocasião (Holmes, 1993, p. 18).

É neste contexto que Bowlby experiencia duas situações que virão a revelar-se basilares na teoria da vinculação. Conhece um jovem adolescente socialmente isolado que apresentava problemas de cleptomania. Dada a facilidade com que John comunicava com adolescentes e a sua abertura à possibilidade de que a privação de cuidados iniciais poderia resultar na incapacidade de estabelecimento de laços emocionais, um colega, John Alford, aconselha-o a fazer formação em psicanálise. O despertar para as consequências da falta

de cuidados iniciais na vida humana e a Psicanálise como forma de interpretar essas realidades foram decisivas para Bowlby se tornar *O teórico* da vinculação.

Entre 1929 e 1933 John realiza em simultâneo os estudos de medicina clínica no *University College Hospital* e sua formação psicanalítica no *Institute of Psycho-Analysis*. Ao que parece apresentava-se concomitantemente céptico e adepto da Psicanálise, isto é, embora não aceitasse por completo as bases teóricas da corrente observava dela resultados positivos na prática clínica.

Em 1940 John Bowlby voluntaria-se para o exercício da psiquiatria no exército. As funções de selecção atribuídas aos psiquiatras tinham por base a junção da estatística e da psicoterapia em ordem a um recrutamento com suporte científico. Quatro anos mais tarde, o Ministério da Guerra fundou uma unidade de pesquisa e treino em Hampstead na qual Bowlby participava, habilitando-o por este meio a cooperar com a Sociedade Psicanalítica, à época fraccionada pelos grupos opostos liderados teoricamente por Melanie Klein e Anna Freud. Enquanto realizava a sua formação psicanalítica, Bowlby foi um crítico de Melanie Klein a sua primeira supervisora, enquanto que parece ter existido um entrosamento exemplar com Ella Sharpe, a sua segunda supervisora. Bowlby foi particularmente crítico da desvalorização que, segundo ele, Melanie Klein fazia do papel do meio ambiente na irrupção de problemas psicológicos o que contrastava com a posição defendida por Anna Freud, que pertencia ao grupo de clínicos que faziam observações dos efeitos negativos no “*desenvolvimento da personalidade de cuidados institucionais prolongados e/ou de frequentes mudanças na figura materna ao longo dos primeiros anos de vida.*” (Bowlby, 1988, p. 20-21).

Da fractura no seio da *Sociedade Psicanalítica* resultam dois métodos e grupos distintos: os Freudianos por um lado e o compromisso entre Kleinianos e independentes (dos quais Bowlby fazia parte) por outro, mas que posteriormente sofreria mais uma fractura libertando os independentes. Nesta conjuntura a *Sociedade Psicanalítica* vai adquirindo também características pouco democráticas de um secretismo exacerbado, o que leva o grupo dos psicanalistas do exército, ao qual Bowlby pertencia, a reagrupar-se formando a Clínica Tavistock.

Bowlby casou cerca dos trinta anos de idade com Ursula Longstaff que ao longo de toda a sua vida se manteve afastada da psiquiatria. Desta ligação afectiva resultam quatro filhos que Bowlby deixa inteiramente ao cuidado da esposa, continuando de algum modo a experiência de afastamento emocional dos seus pais, reproduzindo-a na sua própria família.

Sendo Bowlby completamente dedicado ao trabalho, com uma história de vida que lhe permitia observar de perto as desvantagens do afastamento parental no desenvolvimento humano particularmente nos primeiros anos de vida, mas ao mesmo tempo observando as vantagens da existência de figuras alternativas na vida de cada

sujeito, estavam criadas as condições para o surgimento da teoria. Posicionando-se junto daqueles que consideravam o meio como um dos determinantes no desenvolvimento psicológico, é neste contexto que lhe é dada a responsabilidade de desenvolver na Clínica Tavistock o departamento pediátrico onde a prática clínica impunha a observação das díades mãe-criança. No seguimento da sua experiência na *Child Guidance*, estabelece que um dos seus objectivos seria o estudo dos efeitos da separação materna no desenvolvimento infantil. Contrata James Robertson que fica conhecido pelas filmagens do “*A Two-year-old Goes to Hospital*” (onde se observa a ansiedade extrema da separação mãe-criança), juntando-se mais tarde a esta equipa Mary Ainsworth e Mary Boston.

Bowlby foi ainda nomeado chefe da secção de saúde mental da Organização Mundial de Saúde, sendo indicado como consultor num estudo das Nações Unidas acerca das necessidades das crianças de rua. A sua tarefa é a de realizar um relatório que seria publicado em 1951 sob o título “*Maternal care and mental health*”, baseado em leituras exaustivas, mas complementado com a discussão com outros autores e investigadores no terreno. Bowlby concluiu “*a evidência longe de poder ser negligenciada das influências adversas que os cuidados maternos iniciais inadequados têm no desenvolvimento da personalidade, tendo chamado a atenção para a ansiedade aguda das crianças que se encontram separadas daqueles que conhecem e amam, e feito recomendações de como melhor evitar, ou pelo menos mitigar, os efeitos na saúde mental a curto e a longo-prazo*” (Bowlby, 1988, p.21-22).

Após a publicação do “*Maternal care and mental health*”, Bowlby sofreu e assumiu as críticas de que não existia qualquer suporte teórico no posicionamento de que a privação de cuidados maternos tinha efeitos no desenvolvimento da personalidade. Insatisfeito com as explicações oferecidas tanto pela teoria analítica que postulava a existência de *drives* (primários e secundários, mas que não explicava o porquê de uma criança entre o ano e os dois anos não se *vincular* prontamente a qualquer um que a alimente), quanto pela posição Kleiniana das relações objectais (onde a criança é vista apenas sob o ponto de vista da oralidade e da dependência total), Bowlby é introduzido em 1951 ao trabalho de Konrad Lorenz acerca do fenómeno do *Imprinting*. O questionamento foi imediato. Poder-se-ia falar de *instinto humano* quando se falava da natureza do laço emocional da criança à sua mãe? No caso de patos e gansos era estabelecida uma relação duradoura entre a figura materna ou uma alternativa (muitas vezes Lorenz) que não era mediada pela necessidade da alimentação. Bowlby adopta este ponto de vista (porque de facto era um modelo explicativo que se aplicava à sua prática clínica), e tal como Freud, fê-lo “*até que não mais satisfatoriamente*” explicasse o real. A sua teoria da personalidade estava quase concluída ao nível das premissas básicas:



*“Comportamento de Vinculação é qualquer tipo de comportamento do qual resulta a obtenção ou manutenção da proximidade de alguém a uma outra pessoa claramente identificada e que é representada como a mais capaz de interagir com o mundo. É mais evidente sempre que a pessoa está amedrontada, cansada, ou doente, e é um comportamento suavizado pelo conforto e pela prestação de cuidados. Noutras ocasiões o comportamento é menos saliente. Contudo saber que uma figura de vinculação está disponível e é responsiva dá-lhe um sentimento forte e penetrante de segurança, e deste modo encoraja-o a valorizar e a continuar a relação. Ainda que o comportamento de vinculação seja mais óbvio na infância, pode ser observado ao longo do ciclo vital, especialmente nas situações de perigo. Dado ser virtualmente observado em todos os seres humanos (embora em padrões variados), é considerado como parte integrante da natureza humana e algo que partilhamos (até a uma dada extensão) com membros de outras espécies. A função biológica que lhe é atribuída é a de protecção. Permanecer com acesso facilitado a um indivíduo familiar conhecido pela sua disponibilidade e disposto a correr em nosso auxílio numa emergência é claramente uma boa política de segurança – qualquer que seja a nossa idade.”* (Bowlby, 1988, p. 26-27).

Bowlby clarificou ainda a utilização dos conceitos de *Vinculação* e *Comportamento de Vinculação*, considerando o *Estar Vinculado(a)* ou o *ter uma Vinculação* como a disposição de procurar proximidade e contacto com uma pessoa específica, em situações de perigo físico ou psicológico, sendo que esta disposição persiste e mantém-se essencialmente estável no tempo. Ao invés, o *Comportamento de Vinculação* é qualquer acto que se inicia sempre que alguém deseja obter ou manter uma proximidade com outro, podendo ou não estar vinculado(a) a essa pessoa. Dito de outro modo, a *Vinculação* é uma disponibilidade que exige uma relação significativa e duradoura no tempo, enquanto que o comportamento de *Vinculação* é uma condição *sine-qua-non* da *Vinculação* mas que não é obrigatório encontrar-se apenas com quem se estabeleceu um *Laço de Vinculação*<sup>2</sup>.

A *Vinculação* é então um *Sistema Comportamental de Sobrevivência*, de qualidade psicológica e homeostática, que permite a qualquer ser humano manter o organismo dentro de determinados limites de recurso ou acessibilidade à *Figura de Vinculação*<sup>3</sup> necessários à vida.

Bowlby postulou ainda a existência de modelos internos dinâmicos de representação<sup>4</sup> do *self* e da *Figura de Vinculação*<sup>5</sup> que vão sendo construídos com base nas experiências de disponibilidade e responsividade dos outros significativos perante as necessidades do sujeito. Em resposta é construído o modelo de si próprio como merecedor

<sup>2</sup> Bowlby usa indiferenciadamente os conceitos de *Vinculação* e *Laço de Vinculação* na sua bibliografia, oferecendo a qualidade da durabilidade no tempo a ambos.

<sup>3</sup> Por *Figura de Vinculação* Bowlby entende a pessoa(as) da rede social do sujeito com as quais o sujeito estabelece uma relação ou laço de vinculação e não qualquer pessoa com a qual se inicia um comportamento de vinculação.

<sup>4</sup> *Internal Working Models*, no original.

<sup>5</sup> O autor não expande o conceito de representação interna do outro a todos os outros mas apenas às *Figuras de Vinculação*. Só posteriormente outros autores o farão, nomeadamente Ainsworth, Mary Main e Kim Bartholomew.

de afecto e carinho ou, pelo contrário, um arquétipo pessoal negativo. Estes modelos servem posteriormente de grelhas de leitura de si e das relações interpessoais, interferindo inclusive nos processos de transacção com o real, enviesando muitas vezes a interpretação que dele faz o sujeito.

Nesta abordagem, completamente nova, a reacção de ansiedade de separação observada nos seres humanos, particularmente nas crianças quando o(a) prestador(a) de cuidados se ausenta, não é mais que uma resposta predeterminada etologicamente pela necessidade de sobrevivência: “*se estiver longe de quem me pode proteger as minhas probabilidades de sobrevivência (física e psicológica) diminuem exponencialmente*”. A raiva que muitas vezes se observa em consequência da ansiedade de separação (com comportamentos de arranhar ou pontapear o(a) prestador(a) de cuidados quando uma criança se apercebe de que este vai iniciar um período de afastamento), não é mais que a tentativa de dissuadir o comportamento de separação. Deste ponto de vista o processo de luto é apenas a reacção a uma perda real (quer efectiva quer simbólica)<sup>6</sup>. Bowlby chamou ainda a atenção para a sequência de respostas comportamentais nas situações de separação temporária das crianças dos prestadores de cuidados ser extraordinariamente similar com as respostas de luto: protesto, desespero, afastamento e raiva (direccionada a si próprio(a), a terceiros ou à pessoa perdida), descrença na perda e tendência, consciente ou não, de procura da pessoa perdida. (Bowlby, 1954, 1958, 1973/1998<sup>a</sup>, 1977, 1973/1998b, 1988).

É ainda Bowlby (1969/1990) que descreve as fases do estabelecimento da vinculação de uma criança à sua mãe sugerindo um desenvolvimento deste laço em quatro etapas: (i) *Orientação e sinais com discriminação limitada da figura*, onde não existe discriminação das figuras no meio, mas em que pela proximidade exigida nas situações de alimentação e muitas vezes de desconforto do neonato, é por regra um adulto em específico<sup>7</sup>, e por norma a mãe, que executam essas tarefas e por isso mesmo iniciam uma repetição de actos que eventualmente resulta na discriminação dessa figura pela criança. A criança tem no seu reportório comportamental algumas (poucas) respostas de modo a poder manter essa proximidade, por exemplo fixar o olhar na mãe, o sugar, o agarrar, “aninhar-se” no colo da mãe, chorar e sorrir. (ii) *Orientação e sinais dirigidos para uma figura discriminada*, poucas semanas após o nascimento inicia-se esta segunda fase onde a criança se orienta e onde direcciona os seus sinais de *Procura de proximidade* a uma figura em específico dentro do leque das personagens familiares (prefere determinada pessoa, normalmente a mãe), discriminando também entre aqueles que conhece e os que não

<sup>6</sup> Referimo-nos aqui como perdas efectivas a mortes de significativos e a perdas simbólicas a perdas irremediáveis em termos relacionais mas que não implicam falecimento, por exemplo o final de uma relação amorosa.

<sup>7</sup> Vamos referir-nos ao prestador de cuidados inicial genericamente como mãe, pese embora tenha sido clarificado o facto de nem sempre assim acontecer. Trata-se apenas de simplificar a explanação teórica.

conhece. (iii) *Manutenção da proximidade com uma figura discriminada por meio de locomoção ou sinais*, trata-se da manutenção da proximidade à(às) figura(as) preferidas através não só de sinais mas da procura activa. Exemplos desta fase são os abraços, o beijar, o agarrar a mãe. Embora estes comportamento direccionados aconteçam apenas de vez em quando, é evidente que já se inicia um utilizar da mãe como elemento de segurança para explorar o ambiente. (iv) *Parceria corrigida para a meta*, aqui a criança já percebe a mãe como existindo mesmo se ausente e, por isso mesmo, consegue descentrar-se e observar o ponto de vista materno. Compreendendo as motivações e objectivos da mãe, a criança pode mais facilmente conseguir alterar os comportamentos maternos de modo a que se adequem aos seus próprios projectos. É a qualidade da complexidade relacional que permite esta parceria, baseada num compromisso mútuo em atingir objectivos para ambos os membros da díade, definindo-se esta última fase como o *estabelecimento da Relação de Vinculação*.

Antes de podermos avançar mais na teoria do desenvolvimento da personalidade a partir da vinculação, a *maternidade* da teoria, digamos assim, surge com Mary Ainsworth.

Tal como a história de vida pessoal de Bowlby parece reflectir-se na sua vida profissional, nomeadamente através da sua preocupação dos efeitos das separações na formação da personalidade, também a vida de Mary Salter Ainsworth parece espelhar-se na teoria da vinculação, pese embora o ênfase desta seja observado nas organizações básicas que se constroem no seio de famílias normativas (ao contrário do trabalho de Bowlby que se focalizou mais nas patogenias) e no papel da segurança nos *Padrões de Vinculação*.

Ainsworth nasce numa família de classe média americana no Ohio (1913), pese embora tenha passado grande parte da sua vida no Canadá (Ainsworth, 1983). A crer no tributo e fotografia efectuados por Mary Main após a sua morte (Main, 1999), não existiram na sua infância separações traumáticas ou perdas significativas, nem qualquer coisa que se assemelhasse a violência no seio da vida da família Salter. Em 1939 recebe o seu grau de doutoramento pela Universidade de Toronto. É introduzida à teoria de segurança de William Blatz (Ainsworth, 1988), seu professor à época, donde parece advir a vontade de investigar o papel que a segurança desempenha no desenvolvimento pessoal dos seres humanos. O fascínio pela noção de segurança observa-se já na sua dissertação de doutoramento (*“Uma avaliação da adaptação baseada no conceito de Segurança”*) onde afirmava *“(...) já que da falta de segurança provida no seio da família resultavam obstáculos individuais pela falta de uma Base segura a partir da qual o sujeito podia explorar o mundo.”* (citada por Main, 1999).

Mary Salter torna-se Ainsworth em 1950 por casamento com Leonard Ainsworth. É também neste ano e até 1953 que trabalha em Londres, especificamente na Clínica Tavistock como investigadora associada com John Bowlby.

O casal Ainsworth viaja para o Uganda em 1954, donde resulta a publicação em 1967 do livro *"Infancy in Uganda"*. É extraordinário verificar que num período de nove meses de observação directa, Ainsworth sistematiza os sinais do desenvolvimento do laço de vinculação com a mãe<sup>8</sup>. As marcas distintivas do estabelecimento da vinculação observadas e organizadas pela autora incluem o sorriso e o choro diferenciados, o choro como reacção à partida da mãe, o seguir a mãe, o enterrar a face no colo ou no seio da mãe, agarrar a mãe, erguer os braços para a mãe em congratulação, bater palmas à mãe em sinal de regozijo e o uso da mãe como *Base segura de exploração* e como *Porto seguro* (Ainsworth, 1967). É também nesta obra, e ao longo da sua estadia em Kampala, que a autora inicia a atribuição de nomenclaturas aos modos de funcionamento padronizados que tinha observado nas interações mãe-bebé. Os padrões (ou organizações de vinculação) observados aqui e posteriormente no *Baltimore Study* (Ainsworth, 1989a) definiram-se em *Seguros e Inseguros*, subdividindo a *organização de vinculação insegura* à mãe em *Insegura-Evitante* e *Insegura-Resistente/Ambivalente* (Ainsworth, 1967, 1970, 1989; Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). É através do procedimento da *Situação Estranha*<sup>9</sup> que foi possível avaliar estes modos de funcionamento. Este é um método de avaliação laboratorial dos *Padrões de Vinculação* nas crianças dos dois aos dezoito/dezanove meses de idade desenvolvido por Ainsworth na Universidade de John Hopkins. Constitui-se em oito episódios com a duração total de 21' e 30". Nesta experiência são utilizadas estruturadamente situações de separação e reunião da díade mãe-criança com recurso a um estranho, sendo observados os comportamentos da criança durante esses episódios. São justamente as reacções padronizadas observadas que permitem incluir o modo de funcionamento pessoal em um dos três padrões acima descritos ou ainda num quarto posicionamento denominado por Ainsworth como de *"nonattached"* ou *sem-vinculação*<sup>10</sup>. (Ainsworth, 1967a e b; Ainsworth et al., 1978).

A organização *Segura* (ou *Grupo B*) é aquela que representa o equilíbrio entre o envolvimento da criança com o meio circundante e com o(a) prestador(a) de cuidados; o comportamento da criança ao longo do procedimento tenderá progressivamente para a *Procura de proximidade* e para a manutenção do contacto com a mãe. A mãe é utilizada como *Base segura* a partir da qual se explora o mundo mas que a criança sabe poder reunir-se após cada acto de descoberta, existindo por isso um balanço harmonioso entre o comportamento de vinculação e o comportamento exploratório.

Quando se fala em organização *Insegura-evitante* (*Grupo A*), Ainsworth refere-se às crianças que preferencialmente se focalizam na exploração do ambiente circundante. As

<sup>8</sup> Num dos casos descritos a vinculação é estabelecida com um pai.

<sup>9</sup> Não cabe no âmbito da redacção desta tese a descrição exaustiva deste procedimento laboratorial, pese embora sejam dadas as referências bibliográficas para um aprofundamento teórico.

<sup>10</sup> Porque as crianças estudadas não apresentavam comportamentos de vinculação diferenciados perante as condições da *Situação Estranha*.

crianças evitam notoriamente a proximidade ou a interacção com as mães nos episódios de reunião, muitas vezes pura e simplesmente ignorando propositadamente o seu regresso. De facto a exploração é efectuada sem que a mãe seja observada como ponto de regresso seguro, devido a repetidos episódios de inacessibilidade e de falta de responsividade.

Por último, a definição da organização *Insegura-resistente* ou *Insegura-ambivalente* centra-se nas reacções das crianças ao afastamento das mães de uma entre duas formas distintas: ou acalmam-se e brincam sem reacções de *Protesto de separação* ou, pelo contrário, podem não conseguir acalmar-se de todo e não exploram o meio ambiente devido ao prolongamento exagerado do *Protesto de separação*. Quanto aos episódios de reunião, ou respondem com gritos e raiva ou alternam comportamentos demonstrativos de *Procura de proximidade* com comportamentos de afastamento activo das mães através do empurrar ou tentar arranhar.

É com Bowlby e Ainsworth que primeiramente se anunciou a qualidade complementar da vinculação. Tal como se avaliam os comportamentos de vinculação à mãe através da *Situação Estranha*, também no *Baltimore Study*, Mary Ainsworth encontrou formas de avaliar o comportamento das mães, desta feita através das *Maternal Sensitivity Scales* (Ainsworth, 1969a; Ainsworth *et al.*, 1978). Trata-se da avaliação da capacidade das mães (ou de um outro prestador de cuidados equivalente) a estar receptiva e a compreender os indícios e a as mensagens incluídas no comportamento dos filhos, mostrando-se disponível e respondendo prontamente às necessidades demonstradas. Estas escalas<sup>11</sup> espelham graus de comportamento materno que tomados em conjunto, permitem desenvolver na criança um sentimento básico de segurança ou insegurança, precursor das representações pessoais do *self* e dos outros, podendo observar-se enquanto *comportamentos modelo* ou *Padrões de Vinculação*.

Em resumo, o *Sistema de Vinculação* é uma organização biológica cujo objectivo é a sobrevivência, baseando o seu funcionamento em termos de uma meta fixada no objectivo da proximidade do sujeito a uma dada *Figura de Vinculação*, mas cuja urgência depende das circunstâncias. Deste modo, o sistema não é activado se o afastamento não acontecer em demasia, apenas ocorrendo para restaurar o grau de proximidade a atingir, ou se de algum modo o sujeito sentir qualquer tipo de ameaça (física ou psicológica).

“(…) do berço ao túmulo” (Bowlby, 1979) é uma expressão que permite encontrar em Bowlby a dimensão desenvolvimental do sistema de vinculação, que não se limita às fases iniciais da vida humana mas antes que se transforma progressivamente adaptando-se a cada etapa desenvolvimental. A personalidade tem na sua formação uma forte componente relacionada com a vinculação, tendo sido referido pelo próprio Bowlby que a *organização de*

<sup>11</sup> *Sensibilidade vs. Insensibilidade aos sinais do bebé, Aceitação vs. Rejeição do bebé, Cooperação vs Interferência no comportamento do bebé em curso e Acessibilidade vs. Negligência às necessidades do bebé* (Ainsworth, 1969a, 1982; Ainsworth *et al.*, 1978).

*vinculação* desenvolvida durante os períodos neonatal, da infância e na adolescência, se enraíza profundamente na qualidade relacional que os pais têm com os seus filhos (Bowlby, 1988). Perspectiva-se já aqui a importância das relações parentais de vinculação nas posteriores relações significativas. Do mesmo modo, também Mary Ainsworth fala da vinculação além da infância (Ainsworth, 1989b), chamando a atenção para os parceiros sexuais como eventuais *Figuras de Vinculação*, tendo em conta o carácter recíproco que neste tipo de relação podemos encontrar (ao contrário das vinculações iniciais, obrigatoriamente complementares, onde um dos elementos necessita de cuidados e o outro é o único capacitado a prestá-los). Quanto às relações com pares amigos a resposta de Ainsworth é clara: “*Thus, there is reason to believe that some, but not all, friendships have an attachment component and some, but not all, constitute enduring affectional bonds.*” (Ainsworth, 1989b; p. 714). Assim, pode deduzir-se que Mary Ainsworth considera que não só as relações com os pais são relações de vinculação, mas que há a possibilidade das relações com pares (amorosos ou de amizade próxima) se constituírem em vinculações. *Vinculações* são, manifestamente para ambos os autores, as relações onde estão presentes as *componentes de vinculação de Base segura*<sup>12</sup> e/ou *Porto seguro*<sup>13</sup> e o *Protesto de separação*<sup>14</sup>, e onde o factor continuidade no tempo (na *Procura de proximidade*<sup>14</sup>) permitiu o estabelecimento de um laço emocional, sendo que as relações seguras de vinculação serão aquelas onde as quatro componentes se encontram presentes.

Ambos consideraram que uma vez estabelecidos os modelos internos dinâmicos das representações do *self*, dos outros e da relação entre ambos, estes tendem a persistir e a funcionar a um nível inconsciente, de tal modo que podem ser observados em comportamentos estruturados posteriormente em *Padrões de Vinculação*. É neste ponto que os trabalhos subsequentes de outros autores acrescentam novidades à teoria, nomeadamente ao considerarem e estudarem a possibilidade da existência de acontecimentos de vida que alteram um modo típico de funcionamento de uma dada *organização de vinculação*, ao mesmo tempo que consideram a possibilidade de existirem

<sup>12</sup> A descrição de *Base segura* em Ainsworth é a seguinte: “The child who is attached to his mother, if he is secure in this attachment, does not need to maintain constant proximity or contact with her. He is content to move away, as long as he knows that she is there. He can even leave the room on his own initiative, and his aplomb in so doing is sometimes in sharp contrast to his consternation when his secure base gets up and moves off.” (Ainsworth, 1967; <http://www.psychology.sunysb.edu>.)

<sup>13</sup> Bowlby descreve admiravelmente a função de *Porto seguro* através dos seguintes excertos: “(...) Particularly when afraid, the infant will cling to his mother with great tenacity. (...) Although this clinging is often thought to an atavistic character related to an (imaginary) arboreal past, it seems far more reasonable to suppose that is homologous with the infantile clinging of our primate cousins.” (Bowlby, 1958; p.366). Claramente a procura de conforto e protecção está inclusa nesta descrição.

<sup>14</sup> Relativamente às componentes de vinculação *Procura de proximidade* e *Protesto de separação*, as descrições são inúmeras mas reflectem sempre as disponibilidades para buscar e seguir a mãe cujos exemplos se espelham no gatinhar, rastejar e procurar activamente em locais onde habitualmente a mãe se encontra; quando a mãe se afasta da criança e esta percebe a acção materna, o choro (mais ou menos intenso) define o *Protesto de separação*, fruto da ansiedade extrema do aumento do risco de perigo na ausência do prestador de cuidados (Bowlby, 1958, 1969/1990).

*relações de vinculação* capazes de serem alternativas de segurança às relações iniciais com pais (ou prestadores de cuidados equivalentes).

Na *prole da vinculação*, nos autores contemporâneos, descobrimos as questões da influência da vinculação aos pais nos restantes contextos relacionais e os modos como podemos observar a vinculação não só sob o ponto de vista dos padrões, mas também das dimensões, não só sob o ponto de vista das necessidades de vinculação como um todo, mas sobretudo do papel que cada uma das *figuras de vinculação* (pai, mãe, alguns amigos e par amoroso) têm perante o desenvolvimento, eventualmente diferenciado por género.

Através de uma viagem curta pela história inicial da teoria da vinculação, observamos a importância central que ela dá aos relacionamentos pessoais íntimos como motor desenvolvimental. Porém, este é um enquadramento teórico que não defende de todo uma posição determinista. É postulada, comprovada em muitos estudos e dizemos nós, quase diariamente na prática clínica, a importância das relações iniciais para o desenvolvimento posterior do ser psicológico, contudo, o que também vai sendo cada vez mais analisado é a importância que contextos relacionais admitidos na vida de cada um podem ter enquanto formas alternativas de oferecer segurança relativamente aos contextos construídos na infância. Se assim não fosse não faria sentido a intervenção psicológica, já que se trata justamente de um contexto seguro onde é permitido a cada cliente que, através da relação terapêutica, seja possível a mudança.

Ao realizarmos uma síntese biográfica quisemos explorar a história de vida de Bowlby e Ainsworth meditando na importância que estas tiveram, eventualmente, na formulação da teoria.

É contudo com o desenvolvimento posterior da teoria, com outros autores e outras etapas do desenvolvimento humano, que se passaram a investigar com profundidade contextos relacionais além dos parentais como contextos alternativos de construção da segurança, que contribuem para testar a posição de que o sistema de vinculação é desenvolvimental e existe “do berço ao túmulo”. É sobretudo o processo de desenvolvimento do próprio sistema, o modo como em cada contexto relacional ele se vai adaptando e a forma como diferentes necessidades elicitam a contribuição de diferentes figuras que nos interessa estudar, dentro de uma fase também ela muito particular: a adolescência.

Em síntese, a teoria da vinculação é uma grelha de leitura da realidade psicológica, que permitiu a compreensão de fenómenos que têm lugar tanto na espécie humana quanto em espécies de primatas caracterizadas pela existência de vida social. A sistematização dos pressupostos de base foi quase exclusivamente efectuada por John Bowlby e Mary Ainsworth, embora a qualidade sistémica desta teoria tenha vindo a permitir o englobar de conceptualizações e conclusões teórico-empíricas que a enriqueceram. Sendo um dos

paradigmas que serve de base ao estudo do desenvolvimento humano na actualidade, os novos caminhos por onde tem enveredado incluem o seu estudo noutras fases além da infância, tendo em conta que a integração de novos sistemas sociais a partir da adolescência exigem novos reequilíbrios pessoais que necessariamente passam pela transformação qualitativa (e não nos referimos à importância) do funcionamento do sistema de vinculação. Interessam-nos as abordagens que deram ênfase à adolescência como etapa privilegiada do desenvolvimento humano<sup>15</sup>, e obviamente que alargaram os estudos da vinculação a contextos relacionais diferenciados dos parentais.

A partir daqui falamos sobretudo de “descendentes” de Bowlby e Ainsworth.

---

<sup>15</sup> A circunstância de se recorrer nesta investigação a inúmeras referências ao trabalho de autores que se debruçaram sobre a vinculação na infância e na idade adulta resulta do facto de serem estas as faixas etárias privilegiadas nesta área da Psicologia Desenvolvidora. A insipiência nos estudos centrados na adolescência, embora tenha vindo a ser debelada, não atingiu ainda o volume empírico que seria desejável. Neste trabalho pretende-se cingir ao máximo a abordagem dos conceitos teóricos da vinculação apenas com referência à adolescência, pelo que alguns autores chave da vinculação poderão não ter aqui um destaque que é habitual encontrar-se.



## Capítulo 2

### A vinculação na adolescência

Embora a teoria preconize que o sistema de vinculação tem natureza desenvolvimental abrangendo todas as faixas etárias “do berço ao túmulo” (Bowlby, 1979), a verdade é que pouco tem sido o investimento em termos do estudo deste sistema de sobrevivência na adolescência (à excepção do período imediatamente anterior à adultícia). Esta é aliás uma realidade quer se trate do domínio relacional dos pais (embora menos), quer dos pares, quer ainda dos parceiros amorosos (e sobretudo neste contexto).

Na realidade existe como que um hiato investigacional entre o período que medeia o final da infância e a jovem e a plena adultícia, justamente a adolescência inicial e a média. As relações amorosas são as mais votadas à omissão empírica e teórica. Algumas razões avançadas pela investigação (*vide* Brown, Feiring & Furman, 1999) prendem-se sobretudo com a natureza das próprias relações amorosas na adolescência, já que existe um leque vastíssimo de situações que podem ser observadas como importantes do ponto de vista amoroso, que vão desde a *idealização romântica* ao *namoro* propriamente dito, mas que passam pelo *estar junto*, por *amizades com traços românticos*, ou com descrições próprias da terminologia adolescente (“*curtir*”, “*estar*”, “*sair*”, etc.). Percebemos que nesta área se nos depara a dificuldade da definição de relação amorosa porque muitas vezes se confunde com a relação com pares não-românticos. Como a maior parte da literatura específica define, nem todas as relações com pares e amorosas são relações de vinculação, deparando-se-nos uma dificuldade que é simultaneamente um objectivo de investigação.

O nosso ponto de vista é o de que as relações amorosas se integram na adolescência numa categoria mais vasta de relações, as de pares, cujas fronteiras são bastante permeáveis. O que é um(a) namorado(a) nesta fase? Tem o mesmo significado relacional que na adultícia ou tem uma qualidade específica, que muitas vezes não inclui uma relação sexual e muito menos intimidade mas que permite que um(a) adolescente de 13 ou 14 anos afirme que é namorado(a) de outrem? Segundo a literatura as relações de vinculação adultas totalmente desenvolvidas, isto é, detentoras das quatro componentes de vinculação (a saber, *Procura de proximidade*, *Porto seguro*, *Protesto de separação* e *Base segura* de exploração) encontram-se quase exclusivamente nas relações amorosas com mais de dois anos de duração que incluam a componente sexual ou, nas relações com os pais (*vide* Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997), tendo sido observado empiricamente que as componentes de vinculação são *transferidas* sequencialmente ao

longo do ciclo vital e que na adolescência e na jovem adultícia os sujeitos são orientados para os pares (ao invés do período infantil onde a orientação é feita aos pais) sendo, à medida que o tempo passa, nomeadas mais vezes como figuras primárias de vinculação os pares amorosos.

Que dinâmicas e que papéis desempenham estas relações em termos de valor desenvolvimental (porque cremos de facto que assim é), que importância detêm na adaptabilidade emocional do sujeito? Que alternativas de segurança de vinculação oferecem a cada indivíduo? As relações com pares apresentam-se com valor desenvolvimental expressando, cremos, a mediação de tarefas desenvolvimentais (construção identitária, desenvolvimento do ego, etc.). Mas qual a *articulação entre as representações* de vinculação dos adolescentes acerca dos seus pais, pares e par amoroso, são questões às quais a investigação apenas começa a responder. Parece contudo que as relações com pares são poderosos motores do sistema comportamental da afiliação, sistema este que influi significativamente no estabelecimento das relações amorosas (Furman & Wehner, 1994, 1997) e no papel último do sistema da vinculação - a sobrevivência.

Mas a sobrevivência (em termos de sistema de vinculação) não pode e não deve ser vista apenas do ponto de vista da espécie; são justamente as questões da sobrevivência emocional as que mais salientes se tornam a partir do final da infância. O modo como nos relacionamos connosco e com o mundo define redes mais ou menos adaptativas, mais ou menos viáveis e que em momentos de crise são traduzidas em modos mais ou menos facilitadores da integração do vivido. Tomemos por exemplo o luto, exactamente uma das situações onde se torna visível a adaptabilidade maior ou menor de uma organização pessoal. A sua integração supõe a passagem de algumas fases colmatando-se o processo num novo investimento emocional, porém, quando existe uma fixação em determinada etapa do processo, as dinâmicas pessoais reveladas enraízam-se na própria história de vida do sujeito. É de facto na história de vida que encontramos as formas relacionais aprendidas traduzidas em modos internos de funcionamento que se podem definir, segundo a teoria, em regularidades, padrões ou protótipos reconhecíveis. Esta forma de sobrevivência emocional concorre para a outra, a da espécie. Todo o luto comporta um período depressivo decorrente da dor da perda, porém, se esse período depressivo se prolonga no tempo e se transforma numa depressão *major*, as consequências traduzem-se normativamente em falta de capacidade de relacionamento social, viés cognitivo negativo, etc., uma plêiade de sinais que, por vezes, têm o seu desenlace numa incapacidade funcional. É justamente este aspecto da sobrevivência – o emocional – que nos interessa abordar.

Justamente porque privilegiamos uma abordagem da vinculação enquanto *adaptação* quisemos testar um modelo que olhasse os contextos das relações com cada progenitor, com os pares (do mesmo género e opostos) e ainda com o par amoroso, não

enquanto concorrenciais, mas antes como as melhores soluções em cada período desenvolvimental, construindo paulatinamente uma hierarquia relacional, onde a solicitação de cada figura depende, tal como no estabelecimento do sistema, da proximidade, disponibilidade e responsividade de cada uma delas. Se é na adolescência que a vinculação passa a não depender exclusivamente das relações com os pais e, que são designados os *iguais* como condição *sine-qua-non* à continuidade desenvolvimental, de que modo esta transformação se realiza? Existirá um estabelecimento de relações de vinculação com pares que segue um processo similar ao que se verifica na infância com os prestadores de cuidados iniciais/pais?

Utilizando como ponto de partida um modelo que integrasse as premissas que abordamos anteriormente, quisemos também considerar a vinculação na adolescência do ponto de vista das representações da qualidade relacional, quer dimensional quer prototipicamente. Claramente que ao afirmarmos mais este objectivo, estamos a assumir que o sistema é passível de ser observado de ambas as perspectivas. Embora seja possível estudar a vinculação apenas com um olhar dimensional considera-se que o mesmo não é válido para a visão prototípica.

Pai e mãe, amigos e par amoroso, raparigas e rapazes, entrar, estar e sair da adolescência: que representações (actuais) de vinculação em jovens portugueses e que associações entre domínios relacionais?

O estudo das relações de vinculação aos pais é robusto (sobretudo na infância), já que por norma são os pais (sobretudo as mães) as figuras primárias de vinculação na infância e aquelas que permitem o estabelecimento do sistema. Mas sob o ponto de vista do papel da vinculação aos pais em idades posteriores às do final da infância, a robustez empírica deixa de ser tanta apesar de existirem já investigações que lançam pistas acerca das relações entre vinculação aos pais e vinculação ao par e ao par amoroso, com interessantes observações no que concerne ao género dos pais e ao género dos adolescentes e aos efeitos da vinculação com cada elemento parental na relação amorosa de adolescentes de diferentes sexos (Matos, 2002).

A vinculação aos pais (ou seus equivalentes enquanto prestadores de cuidados) é o laço emocional mais permanente ao longo da vida, embora a partir do início da adultícia outras relações (com pares e com par amoroso) passem a integrar a vida dos sujeitos e mais tarde a equiparar-se no que respeita ao bem-estar do sujeito. Há ainda evidências de que o género e a idade são variáveis que fazem variar esse mesmo bem-estar, o que renova a questão dos processos de vinculação, questionando a função da diferenciação dos mesmos por género e tentando observar a causa das influências, também elas diferenciadas, da vinculação à mãe e ao pai.

Na perspectiva do crescimento do corpo teórico da vinculação a partir dos dados empíricos deparou-se-nos uma dificuldade usual: os processos de vinculação são observáveis essencialmente através de desenhos longitudinais, o que é sem dúvida mais enriquecedor, mas que comporta questões de mortalidade da amostra, suporte financeiro, recursos humanos disponíveis e protecção de dados pessoais. Não se devem descurar contudo os contributos transversais, sensíveis a comparações entre grupos etários e ao modo como eles se comportam em termos comparativos. Muitas vezes, é a partir de conclusões transversais que podem ser colocadas questões longitudinais.

Começamos esta síntese teórica pela apresentação do modelo da teórico transferência das componentes de vinculação, articulando este aos estudos empíricos que especificamente o utilizaram.

## **1. A transferência das componentes ou funções de vinculação: O modelo de Cindy Hazan**

### **1.1. Construção de um modelo de transferência**

#### **1.1.1. O trabalho a montante: Cindy Hazan e Phillip Shaver**

Se a universalidade e a qualidade filogenética da vinculação estão por demais investigadas (incluso em estudos que recorrem a comparações entre evolução de espécies, *vide* Fraley, Brunbaugh & Marks, 2005), a questão da transmissão, de modo eventualmente sequencial e padronizado das *componentes de vinculação* de pais para outras figuras sociais só na década de 90 começou a ser sistematicamente colocada.

Embora o pressuposto da presença do sistema de vinculação em todas as fases do desenvolvimento humano remonte a Bowlby e Ainsworth, o modo como das relações iniciais de vinculação se constroem outras relações da mesma categoria, embora com diferentes actores relacionais, esteve envolta em alguma opacidade teórico-empírica até Hazan e Shaver (1987) explorarem a possibilidade de que as relações amorosas poderiam constituir-se em relações de vinculação. Esta *especulação* teve por base justamente o posicionamento de Bowlby (1969/1990, 1973/1998a, 1973/1998b) de que a continuidade da segurança de vinculação é mais provável, dado que a internalização dos modelos de si e do outro acontecem numa dinâmica relacional criança-mãe onde existem expectativas e respostas de cada membro da díade que, por acção da continuidade e da estabilidade do contexto envolvente, permitem o estabelecimento de regularidades de funcionamento ou padrões de vinculação. Embora da obra de Mary Ainsworth transpareça uma certa relutância

em considerar como relações de vinculação as além das estabelecidas inicialmente com mãe e pai (ou outros prestadores de cuidados iniciais) e figuras subsidiárias (consistentemente presentes desde a infância, *vide* em especial Ainsworth, 1982, 1989), não é descartada a hipótese de que os relacionamentos com pares/amigos íntimos e sobretudo com o par amoroso possam ser vistos como de vinculação, no entanto sugere-se um forte investimento empírico para comprovar ou infirmar esta hipótese.

Hazan e Shaver (1987), partindo destes pressupostos, consideraram a possibilidade de que os relacionamentos amorosos, partilhando muitas das características das relações de vinculação na infância, poderiam ser observados como vinculações e ainda, que diferentes experiências relacionais entre pares amorosos providenciariam estilos de vinculação comparáveis qualitativamente aos definidos por Ainsworth e colaboradores (1978): Seguros, Evitantes e Ansiosos/Ambivalentes. Esta perspectiva incluía ainda um correlato ao nível dos modelos internos dinâmicos, pelo que era esperado que a cada estilo correspondessem formas automatizadas de encarar o *self* como merecedor de afecto e os outros como disponíveis, confiáveis e responsivos (ou não). Inicialmente com Shaver (1987, 1994a), Cindy Hazan considera que as relações com pares implicam a *novidade* da reciprocidade enquanto que até ao final da infância a complementaridade das relações é a norma entre pais/prestadores de cuidados-crianças. Postula-se então:

*“Se os pares adultos começam a cumprir e satisfazer necessidades de apoio emocional e segurança similares às da responsabilidade dos pais ao longo da primeira infância e da infância, então em dado ponto a vinculação será transferida de pais a pares.”* (Hazan & Shaver, 1987, p.8).

A partir de 620 respostas de uma amostra entre os 14 e os 82 anos e de 180 outras de jovens universitários (média de 18 anos de idade), a uma medida construída para avaliar os três estilos de vinculação nas relações adultas (a partir do enquadramento de Ainsworth e colaboradores, 1978), e a um questionário para avaliação dos modelos internos, elaborado a partir de medidas de amor romântico e extrapolações da literatura acerca da prestação de cuidados mãe-criança, Hazan e Shaver (1987) encontraram fortes sugestões de que as relações amorosas significativas podiam ser lidas à luz da teoria da vinculação. Estava aberto o caminho para realizar as investigações que Ainsworth (1982) considerava necessárias à *honestidade* teórica para que os relacionamentos com pares fossem passíveis de serem observados enquanto relações de vinculação.

São ainda Cindy Hazan e Phillip Shaver (1994) a dar continuidade a este trabalho, transformando em corpo teórico as conclusões que desde 1987 foram sendo recolhidas da investigação na área da vinculação adulta. De novo são solicitadas as bases da teoria segundo as quais o sistema de vinculação existe inicialmente para preencher as

necessidades de sobrevivência, dada a falta de competências físicas e mentais que o ser humano exhibe à nascença e que, embora desenvolvendo-se, se mantém por vários anos incapaz de sobreviver longe de um adulto que lhe providencie cuidados e protecção. O estabelecimento do sistema é facilitado com a proximidade a um adulto que consistentemente (ou não) responda às necessidades da criança, sobretudo nas situações de insegurança e medo. As componentes da manutenção da proximidade são justamente a *Procura de proximidade* (activa, em ordem à manutenção da proximidade) e o *Protesto de separação* (para readquirir a proximidade, quando por qualquer razão esta se perde). É a partir destas duas *componentes ou funções de vinculação* que o prestador de cuidados começa a ser visto como um *Porto seguro* (ou não, ou às vezes não), na medida em que presta apoio e cuidados em situações ansiogénicas. Este *Porto seguro* permite, numa lógica de consistência, que seja possível sair dos limites mais próximos do prestador de cuidados para explorar o meio ambiente, na certeza (ou não) de que este, quando o sistema está “em modo exploratório”, é uma *Base segura* à qual é possível voltar no caso de ameaça. Assim, *Porto* e *Base segura* são as outras duas componentes de vinculação definidas por Mary Ainsworth (1967, Ainsworth *et al.*, 1987).

O modo consistente ou inconsistente como a interacção dos membros de uma díade se vai desenrolando permite que ao nível interno se construam *moldes* relacionais, modelos mentais, representações que segundo a teoria (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1973/1998a; Collins & Read, 1994; Collins & Sroufe, 1999; Pietromonaco & Barrett, 2000 a e b) não só influenciam o modo como o *self* e outros são *lidos*, mas também como o meio envolvente é interpretado, de tal modo que os processos de atenção e a acção são dirigidos para a confirmação dessas organizações cognitivas. É mais provável a manutenção de determinado funcionamento que a mudança, utilizando para tal dois processos complementares: a estabilidade relacional e os processos de atenção dirigida. Mas a mesma teoria alega ainda que existe lugar a alguma plasticidade. O excerto abaixo revela as condições de continuidade e de mudança na organização de vinculação.

*“(...) o indivíduo constrói modelos de como as figuras de vinculação provavelmente se comportarão com respeito a si próprio, numa variedade de situações; e nesses modelos apoia todas as suas expectativas e, portanto, todos os planos para o resto da vida.*

*Separar o indivíduo, por breve ou longo tempo, de uma figura de vinculação, perde-la ou ver-se ameaçado de separação ou abandono – tudo isso age, agora o vemos, para desviar o desenvolvimento de uma linha que está dentro dos limites óptimos, levando a outra que talvez esteja fora deles. Voltando à analogia do caminho-de-ferro: essas experiências agem de forma que os pontos de um entroncamento se deslocam, sendo o comboio desviado da linha principal para uma secundária.” (Bowlby, 1973/1998a, p. 385-386).*

Bowlby e Ainsworth tinham já afirmado que na infância existe na rede afectiva de cada sujeito mais do que uma vinculação, referindo a valoração diferenciada que é dada à vinculação estabelecida com o principal prestador de cuidados (*Vinculação primária*) em relação com outros adultos que cuidam também da criança (*Vinculações secundárias*), observando-se que a intensidade dos correlatos comportamentais das componentes é superior com a figura de vinculação primária que com as restantes. Ao longo do desenvolvimento outras *relações de vinculação* são possíveis com amigos e com pares amorosos, mas, o que de inovador o modelo de Hazan e Shaver observou foi exactamente o modo sequencial, ligado à idade, como as componentes são transpostas, ao mesmo tempo que indicou a existência de uma hierarquia<sup>16</sup> a partir das diversas relações de vinculação da vida dos sujeitos, assinalada através da frequência do tipo de laços que são vinculações totais<sup>17</sup>. Muitos trabalhos versaram esta *transferência* na idade adulta, nomeadamente Fraley e Shaver (1997), Trinke e Bartholomew (1997), Mikulincer, Gillath e Shaver (2002), e mais recentemente Rowe e Cernelley (2005) dos quais voltaremos certamente a falar.

O modelo define que a transferência das componentes de vinculação de pais a pares segue um processo sequencial onde, por questões exploratórias e de afiliação, a primeira componente transferida é a *Procura de proximidade* (observada com pares já no final da infância). A proximidade permitirá na adolescência que seja possível iniciarem-se comportamentos de *Porto seguro* que, pelo mecanismo da repetição, levam à construção dos pares em *Bases seguras*. Se existe continuamente a procura do outro para apoio e conforto, surge o *Protesto de separação* ao seu *afastamento*<sup>18</sup>, quando este está além do limite permitido pela homeostasia do sistema pessoal.

Um outro pressuposto é o de que os pais nunca deixam de ser figuras de vinculação, porém perdem importância na hierarquia de vinculação dos filhos à medida que o ciclo vital decorre. Existirá então uma orientação clara aos pais para o cumprimento das funções de vinculação na infância, uma orientação aos pares na *Procura de proximidade* e *Porto seguro* do final da infância e durante a adolescência, e uma orientação aos pares (sobretudo ao par amoroso) para as quatro funções ou componentes no final da adolescência e na idade adulta. Em termos da hierarquia de vinculação o modelo prevê que a importância dos pais decrescerá à medida que crescem as redes sociais e por isso a possibilidade das vinculações com pares e, dentro desta categoria relacional, à medida que o tempo passa e o sistema sexual é activado, serão mais importantes as relações amorosas de vinculação que as relações de amizade. Vide Figura 1 para uma representação gráfica do modelo de transferência.

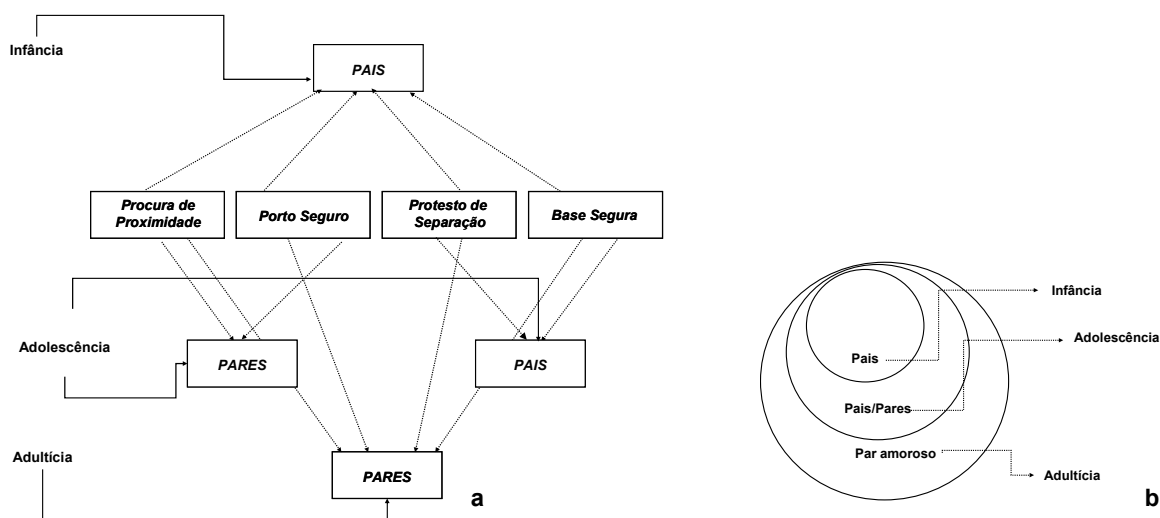
<sup>16</sup> Estas hierarquias, como veremos em capítulos posteriores desta tese, encontram-se ligadas ao tipo de relação (com pais, pares ou par romântico) e fazem-se depender de variáveis como o género ou a duração da relação.

<sup>17</sup> *Vinculação Total* é o termo utilizado para as relações de vinculação onde são exibidas em simultâneo as quatro componentes.

<sup>18</sup> O verbo afastar é aqui sinónimo tanto de afastamento físico real quanto de afastamento ou perda psicológica.

FIGURA 1.

Modelo da transferência de vinculação de Hazan e Shaver (1987) e correspondentes lugares superiores na hierarquia de vinculação



**Legenda.** (a): Modelo de transferência das componentes; (b): Hierarquia da rede de vinculação (a figura relatada em cada círculo temporal é aquela que detém teoricamente o lugar cimeiro na hierarquia de vinculação).

Hazan e Shaver (1994) consideraram ainda um paralelo entre a vinculação na infância, normalmente à mãe, e a vinculação na adultícia, constatação que é aferida posteriormente (Zeifman & Hazan, 1997). Tal como acabámos de expor, a probabilidade de que as relações adultas sejam observadas a partir dos modelos mentais construídos na infância é grande, porém, a natureza das relações na adolescência e adultícia não é de toda a mesma. Se na infância a vinculação é essencialmente complementar, a adolescência e a jovem adultícia trazem as relações simétricas onde por vezes se é um *prestador de cuidados* e outras vezes *sujeito de cuidados*. Passamos a ter pares como figuras potenciais de vinculação, embora no essencial se mantenham os objectivos do sistema: a protecção, a segurança e o apoio emocional.

### 1.1.2. Desenvolvimentos empíricos: Cindy Hazan e Debra Zeifman

Os desenvolvimentos posteriores da teoria da transferência retomam em Hazan e Zeifman (1994, 1997, 1999) o conceito de *figura de vinculação discriminada* definido pelo trabalho de Bowlby (1969/1990) e de Ainsworth (1967, 1982). Trata-se da proximidade preferencial a uma única figura entre as que estão disponíveis ao redor de uma criança, à qual Bowlby chamou monotropia (*vide* Bowlby, 1958, p.370) e, que constitui o fundamento à construção de uma rede hierárquica de vinculação que inclui a partir da adolescência pelo menos o par amoroso:



*“(...) Uma vinculação permanece frequentemente por grande parte do ciclo de vida. Embora durante a adolescência as vinculações iniciais possam atenuar-se e serem suplantadas, e em alguns casos substituídas por novas, as vinculações iniciais não são facilmente abandonadas e habitualmente perduram. (...) A construção de um laço é descrita como apaixonar-se, manter um laço como amar alguém, e perder um parceiro como fazer o luto a alguém. (...) Em sequência do que tem vindo a ser afirmado, o indivíduo que exhibe comportamentos de vinculação é habitualmente referido como criança e a figura de vinculação como mãe. Isto acontece apenas porque este comportamento só foi até ao momento estudado em pormenor em crianças. O que se afirmou, é contudo aplicado também a adultos e a qualquer pessoa que esteja a agir como figura de vinculação – frequentemente um cônjuge, por vezes um progenitor e com maior frequência do que se possa supor uma criança.” (Bowlby, 1977a, p. 203-204).*

O desafio de Hazan e Zeifman foi justamente tentar especificar de que modo no contexto de uma relação de pares, cada um pode ascender ao lugar cimeiro da hierarquia de vinculação, lugar até aí onde apenas se encontram as figuras parentais. Tendo em conta que entre o final da infância e ao longo da adolescência as relações entre pares podem ser consideradas próximas, com exibição de comportamentos similares aos de *Porto seguro*, de tal modo que no fim da adolescência os pares transformam-se nas principais fontes de apoio emocional (Furman & Buhrmester, 1985; Hartup, 1983; Steinberg & Steinberg, 1985; Lewis, 1982, citados por Hazan & Zeifman, 1994), tratava-se de encontrar o modo como no período entre a infância e a adolescência as componentes eram *transferidas*<sup>19</sup> dos pais aos pares.

No primeiro estudo, 100 crianças e adolescentes entre os 6 e os 17 anos de idade responderam a uma entrevista de avaliação da utilização de cada elemento da sua rede de vinculação, tendo em conta o recurso preferencial para cumprimento das quatro funções de vinculação. As respostas foram categorizadas em duas classes bastante amplas: Pais (incluía mãe, pai, madrasta, padrasto e avós) e Pares (incluía amigos de ambos os géneros e pares amorosos). Os resultados apresentados tiveram em conta apenas a idade.

Na *Procura de proximidade* os jovens eram orientados aos pares em qualquer um de quatro grupos etários (6-7, 8-10, 11-14 e 15-17 anos), sendo este um processo em crescendo com a idade para os pares e decrescente para com os pais. No recurso para a componente *Porto seguro*, os resultados verificaram que os pais eram as figuras mais solicitadas até aos 10 anos de idade, porém a partir desse ponto passavam a ser os pares os mais nomeados com os pais a apresentarem-se cada vez menos como recursos a este nível. Quanto ao *Protesto de separação* os pais eram os mais nomeados em qualquer uma das idades, porém, existia um movimento crescente do protesto relativamente aos pares, de tal modo que entre os 15 e os 17 anos quase havia um equiparar na menção de ambos.

---

<sup>19</sup> Hazan e Zeifman (1994) utilizam os verbos “shift” e “transfer” para descrever o processo de que falamos.

Finalmente, para a *Base segura* as figuras alvo de maior designação foram em qualquer idade os pais, contudo, notou-se um pico de recurso entre os 11 e os 14 anos de idade (e correspondente nível menos elevado de recurso a pares), sendo que nos adolescentes mais velhos os pares eram citados de forma muito próxima à dos pais. As autoras verificaram deste modo que a transferência das componentes era efectuada sequencialmente, concluindo que os verdadeiros marcadores da vinculação (a *Base segura* e o *Protesto de separação*) existiam apenas nas relações com os pais, nos jovens mais novos e, nas relações com pais ou par amoroso nos adolescentes mais velhos. Embora posteriormente (1997, 1999) as autoras corrijam uma posição inicial que defendia que nos relacionamentos recíprocos, apenas as relações amorosas exibiam as quatro componentes, a primeira formulação referia de facto que apenas quando a componente sexual ou pelo menos de atracção sexual estava presente, as relações de pares podiam ser *vinculações totais*<sup>20</sup>.

O estudo avaliou ainda o tempo necessário para que um laço de vinculação estivesse totalmente formado (ou *vinculação total*) nas relações adultas, utilizando-se o instrumento WHOTO (Hazan & Zeifman, 1994) aplicado a um grupo entre os 18 e os 82 anos de idade. A investigação centrou-se em três categorias de figuras alvo: pais, amigos e par amoroso.

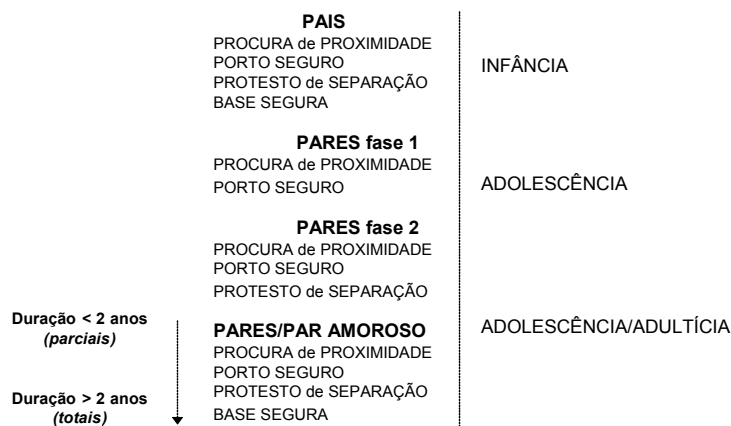
O WHOTO foi originalmente uma medida de entrevista, onde por cada componente eram realizadas várias questões (De quem gosta de estar próximo, passar tempo, etc.? – Procura de proximidade; De quem não gosta de estar longe, que sente a falta quando há separação, etc.? – Protesto de separação; Quem procura para conforto quando está incomodado, a sentir-se em baixo, etc.? – Porto seguro; Quem sente que pode sempre contar, que sabe estar disponível se necessitar, etc.? – Base segura) sendo pedido a cada respondente que refutasse relativamente a apenas a pessoa - a preferida em cada situação.

Uma conclusão genérica foi a de que as relações amorosas com duração inferior a dois anos eram de qualidade (ao nível das funções de vinculação) substancialmente diversa das que duravam há dois ou mais anos. Assim, quando não existia relação amorosa os adultos orientavam-se aos amigos em termos de *Procura de proximidade* e *Porto seguro*, porém, o *Protesto de separação* era indiferenciado para com amigos e pais. A preferência era pelos pais na componente *Base segura*. O quadro alterava-se com a relação amorosa. Nas relações com menos de dois anos os pais apenas são procurados mais que amigos ou par amoroso na componente *Base segura* (nas restantes componentes detêm sempre a menor percentagem de recurso) e os amigos são preferidos na função *Porto seguro*. Na *Procura de proximidade* e *Protesto de separação* a orientação é ao par amoroso. Contudo, quando as relações amorosas tinham dois ou mais anos, o recurso a pais e amigos era residual e a figura primária era o parceiro romântico. A Figura 2 representa o modelo.

<sup>20</sup> *Full-blown attachments* no original (Hazan & Zeifman, 1994).

FIGURA 2.

Representação do modelo de transferência das componentes de vinculação



**Nota:** Presença de vinculações totais apenas nas relações com pais e maior possibilidade nas relações amorosas que nas de amizade; vinculações totais na relação amorosa apenas em relações iguais ou superiores a dois anos de duração.

Embora tenham sido efectuados tratamentos em função do género dos respondentes, não é perceptível se foram encontradas (e não foram reportadas) diferenças ao nível do recurso a pais e pares ou, se apenas se encontraram as diferenças relativas às figuras alvo *irmãos e filhos*, o que poderá ter condicionado algumas conclusões.

O estudo foi de facto inovador dado que conseguiu ainda encontrar diferenças ao nível dos estilos de vinculação, concordantes com a formulação de Ainsworth e colaboradores. Os respondentes classificados como Evitantes relataram maior afastamento dos pares, ao mesmo tempo que se mostraram mais prováveis que Seguros ou Ambivalentes em não contar com apoio a não ser de si próprios. Os Ambivalentes relataram recorrer para exercício de funções de apoio, a mais figuras além da amorosa quando comparados aos restantes dois estilos.

Dando ainda mais suporte à pretensão de que as relações de vinculação existem além da infância, as autoras apresentam um paralelo entre comportamentos descritos por Bowlby nas relações mãe-bebé e o que parece acontecer nas relações adultas (Quadro 1).

QUADRO 1.

Modelo do processo de formação da vinculação na adultícia

Fases	Não existe ainda vinculação		Vinculação	
	Pré-vinculação	Estabelecimento da vinculação	Vinculação	Parceria por objectivo corrigido
Componente de vinculação*	Procura de proximidade	Porto seguro	Ansiedade de separação	Base segura
Contacto físico	Casual/"acidental"	Frequente, prolongado, excitante, "parental"	Frequente, menos prolongado, reconfortante	Menos frequente, deliberado, específico ao contexto
Contacto visual	Olhares furtivos, Miradas intermitentes	Frequente, miradas mútuas prolongadas	Frequente, menos miradas mútuas prolongadas	Menos frequente, miradas mútuas de acordo com o contexto

(cont. Quadro 1.)

Fases	Não existe ainda vinculação		Vinculação	
	Pré-vinculação	Estabelecimento da vinculação	Vinculação	Parceria por objectivo corrigido
Conteúdo do discurso	Neutro emocionalmente, superficial, auto centrado	Elicitar de carinho, revelação emocional	Menos emocional, elicitado de carinho, mais mundano	Predominantemente mundano
Qualidade vocal	Animada, tom mais grave, emocionalmente modulada	Sons murmurados, sussurros, calma	Calma de acordo com o contexto, tons mais normais e graves	Predominantemente normal
Comer/Dormir	Normal	Diminuição	Quase normal	Normal
Representação mental do outro	Modelo geral, expectativas	Em construção	Início de estabilização	Estabelecimento robusto, facilmente evocado
Neuroquímica/Hormonas	Entradas de feromonas, FEA	FEA, oxitocina	(FEA), oxitocina, opióides	Oxitocina, opióides
Reacções ao fim da relação	Nenhuma/ pequeno desapontamento	Letargia, pequena depressão	Ansiedade, interrupção de actividades	Ansiedade extrema, prevalência de desorganização física e psicológica

**Nota:** \* As entradas nesta coluna representam a componente de vinculação acrescentada durante cada fase, de tal modo que as quatro componentes estão presentes na fase final.

**Legenda:** FEA: Feniletilamina

Traduzido e adaptado a partir de Zeifman e Hazan (1997)

Embora este modelo tenha dado um contributo fundamental ao alargamento da teoria da vinculação, nomeadamente porque se foi recolhendo evidência dos relacionamentos mútuos enquanto passíveis de serem vistos enquanto relações de vinculação, não deixaremos de discutir opções que nos parecem ter obscurecido um pouco a teoria.

Este modelo foi estabelecido a partir de dados que não tomaram em consideração as diferenças entre figuras alvo, isto é, pensamos que uma abordagem por género quer de pais, quer de pares íntimos (do mesmo género e de sexo oposto), quer ainda por género dos respondentes deveria configurar diferenças ao nível das respostas de recurso. Esta é uma questão saliente em termos teóricos, tendo em conta as evidências de diferenciação qualitativa da vinculação nas díades mãe-filhos(a) e pai-filhos(as), mas também nas relações entre amigos do mesmo género e de géneros opostos em adolescentes e, ainda, das representações das relações românticas em rapazes e raparigas que, em última instância, dão suporte aos resultados distintos no que diz respeito à avaliação de dimensões da vinculação amorosa.

Uma outra crítica diz respeito ao requisito da nomeação de apenas uma figura para cada uma das componentes, o que enviesava os resultados dado não poderem ser consideradas vinculações secundárias e existir a forte possibilidade de que não fossem encontradas vinculações totais para algumas das figuras alvo. Esta é aliás uma análise que Hazan também realiza (Hazan, Campa & Gur-Yaish, 2006a) e que muitos autores tiveram

em consideração em estudos posteriores, com o instrumento de Hazan e Zeifman<sup>21</sup> ou outros, dando instruções aos respondentes no sentido da nomeação de uma ou mais figuras para cada componente (Allen, Porter, Tencer, & Williams, 2003; Doherty & Feeney, 2004; Feeney & Hohaus, 2001; Fraley & Davis, 1997; Friedlmeier & Granqvist, 2006; Freeman & Brown, 2001; Freeman & Newland, 2002; Markiewicz, Lawford, Doyle & Haggart, 2006; Nickerson & Nagle, 2005; Trinke & Bartholomew, 1997), embora existam outros estudos que mantiveram a formulação inicial (Diamond & Dubé, 2002; Mayseless, 2004).

Tendo em conta que o trabalho de Hazan e Zeifman representa a fase mais incipiente da tentativa de validar e consolidar um aspecto da teoria da vinculação acerca do qual muito pouco tinha sido realizado, é natural que as questões acerca da influência da qualidade da vinculação não estivessem presentes enquanto factor capaz de influenciar o recurso às diferentes figuras alvo. Esta é uma área chave para o modelo, nomeadamente porque tomadas separadamente, cada uma das componentes de vinculação resulta em comportamentos de vinculação que podem constituir-se, ou não, em laços duradouros e posteriormente em vinculações. Há contudo reconhecimento por parte de Cindy Hazan a este propósito (Hazan *et al.*, 2006a; Hazan, Campa & Gur-Yaish, 2006b), tendo sido deixada esta tarefa a cargo dos estudos subsequentes.

### **1.1.3. Depois de Cindy Hazan e colaboradores**

#### **1.1.3.1. Considerações acerca da exiguidade na investigação do modelo de transferência**

Embora a transferência das componentes de vinculação continue a suscitar interesse, a complexidade da sua avaliação, nomeadamente no que respeita à operacionalização dos próprios conceitos de funções/componentes bem como do direccionamento das respostas a apenas uma figura alvo ou a várias, podem de algum modo explicar a escassez da investigação. Indubitavelmente que as questões etárias oferecem uma dificuldade acrescida já que a existência de componentes de vinculação na relação com os pares deverá ser estudada a partir do final da infância/pré-adolescência, onde se inicia o processo de alargamento relacional a outras figuras significativas além dos pais. Se existem muitos obstáculos na avaliação das relações de vinculação na perspectiva das funções de vinculação na adultícia pelas dificuldades que acabámos de nomear, ao longo da adolescência encontramos graus diversos de desenvolvimento dependentes quer da segurança do meio ambiente, quer das oportunidades desenvolvimentais oferecidas, quer ainda da estimulação e consequente consolidação das ligações sinápticas. Embora

---

<sup>21</sup> O instrumento de Hazan e Zeifman (1994), WHOTO é posteriormente alvo de reformulações que implicou a passagem a um formato de questionário de auto-relato de resposta em likert de cinco pontos que, em ordem a avaliar as quatro componentes, tinha inicialmente três itens por componente (Fraley & Davis, 1997), no entanto existem variações do número de itens do WHOTO em utilizações posteriores.

genericamente possamos afirmar que a maioria dos pré-adolescentes se encontram no estágio das operações concretas, é evidente que muitos deles detêm ainda muitas características pré-operacionais e o egocentrismo exacerbado, dificulta em muito a colocação de questões que avaliam constructos psicológicos que necessitam já da capacidade de descentração, como é o caso das funções de vinculação.

É suposto que o sujeito psicológico atinja o estágio das operações formais ao longo da adolescência, porém também aqui surgem graus desenvolvimentais diversos. Neste período concorrem muitas tarefas desenvolvimentais capazes de estimular o atingir deste patamar ou a fixação no período das operações concretas. Por exemplo, construir uma identidade num ambiente seguro ou inseguro não se traduz em resultados equivalentes, quer ao nível da tomada de perspectiva do outro, desenvolvimento moral, tomada de decisão e mesmo ao nível do desenvolvimento para a intimidade.

Trata-se de construir e utilizar instrumentos num período do ciclo vital muito heterogéneo onde a possibilidade que entre figuras alvo existam diferentes situações que suscitem uma mesma componente é elevada. Os conteúdos semânticos variam seguramente em função das figuras consideradas e as respostas dependem também de uma rede relacional que pode incluir ou não pares amorosos. Finalmente, também um funcionamento mais ou menos seguro ao nível dos modelos internos gerais de vinculação é mais um dos vectores a tomar em conta nesta *equação*. A todas as dificuldades acresce o facto de que o modelo da transferência exige na realidade uma avaliação longitudinal minuciosa (desde o nascimento) e muitas comparações interculturais, o que na realidade, tanto quanto nos foi dado a conhecer através do trabalho de revisão bibliográfica, não aconteceu ainda.

#### 1.1.3.2. Do final da infância à adultícia

##### 1.1.3.2.1. Na adolescência...

Nickerson e Nagle (2005) estudaram as relações de vinculação a pais e a pares, justamente na perspectiva das componentes associadas à qualidade de vinculação, numa amostra de 278 adolescentes, subdividida em três classes escolares e etárias: respectivamente, 4º ano (M=9.58), 6º ano (M=11.5) e 8º ano (M=13.45). Utilizaram no seu estudo uma medida de auto-relato baseada no IPPA (*People in My Life*) que avalia as representações de vinculação a pais e pares (Cook, Greenberg & Kusche, 1995), a partir das dimensões Comunicação, Alienação e Confiança e ainda, a versão revista do WHOTO de Fraley e Davis, já referida.

Aos participantes foi pedido que respondessem a cada uma das questões do WHOTO relativamente a seis figuras alvo: Pais, avós, irmão(ã), melhor amigo(a), amigo(a) romântico(a) e outro.

Embora com variações, genericamente pais e melhores amigos foram referidos com mais frequência que avós ou amigos românticos para as componentes de *Procura de proximidade*, *Porto* e *Base seguros*. Em termos de *Procura de proximidade*, quase um quarto dos jovens do 8º ano escolheram os amigos românticos, embora para *Porto* e *Base seguros* o recurso a esta figura diminuísse drasticamente. No mesmo estudo, optou-se posteriormente por alargar a categorização das figuras alvo em pais (pais e avós), e pares (que incluía melhores amigos, amigos românticos, irmãos e outros), o que quanto a nós fez diminuir o poder explicativo das conclusões, pese embora possamos compreender que aumentasse a probabilidade da existência de resultados significativos, dado o número reduzido de sujeitos da amostra. Os resultados após a requalificação categorial evidenciavam que à medida que a escolaridade aumentava (dizemos nós a idade), os jovens tendiam a procurar menos a proximidade dos pais e mais a dos pares. Para o *Porto seguro* enquanto apoio emocional, foi observada uma tendência semelhante com os adolescentes do 8º ano a procurarem menos os pais e mais os pares, quando comparados às crianças do 4º ano; contudo para *Porto seguro* (enquanto procura de conselhos) não se encontraram diferenças no recurso a pais ou pares em função do nível de escolaridade dos jovens. Finalmente, para a função *Base segura* não foram encontradas diferenças etárias, com os jovens, independentemente da idade a confiarem significativamente mais esta componente a pais que a pares.

Tendo em conta as questões da influência da segurança de vinculação no recurso a pais e pares, os autores realizaram regressões logísticas, observando como preditores da procura de pais ou pares para cada uma das componentes, a escolaridade, o género e os valores de segurança de vinculação quer aos pais quer aos pares. Esta é aliás uma opção que do ponto de vista teórico não nos parece consistente, dado que se pretendeu avaliar as representações de vinculação a pais e amigos próximos, embora em termos de categorias de recurso fossem avaliados dois tipos de adultos em conjunto (pais e avós) e tivessem sido incluídas no grupo “pares” muitas figuras, nomeadamente, melhores amigos, amigos românticos, irmãos e outros, que não têm certamente qualidade relacional equivalente.

De qualquer modo, o ano escolar foi um preditor significativo da escolha de pais e de pares no preenchimento das funções de *Procura de proximidade*, sendo que era mais provável (11.34 vezes mais) que os adolescentes do 8º ano, comparativamente às crianças do 4º ano, escolhessem um par para esta função. Quanto ao género verificou-se que as raparigas eram menos prováveis que os rapazes a escolherem os pares para *Procura de proximidade*.

Interessantes foram os resultados referentes à qualidade de vinculação, que consideramos estarem a influenciar apenas os pais e os amigos e não todas as figuras das categorias alargadas construídas, que indicaram que quer a segurança a pais, quer a pares

era preditora significativa da escolha dos pares enquanto fontes primárias de vinculação. Os jovens com menor grau de segurança aos pais (num mecanismo de alternativa de segurança) e aqueles que eram mais Seguros aos pares eram mais prováveis recorrerem aos pares. De outro modo, a *transferência* da *Procura de proximidade* de pais para pares parece também existir em função da procura de um contexto alternativo de segurança.

Para a componente *Porto seguro* encontraram-se tendências muito similares às observadas para a *Procura de proximidade*, embora o género não fosse preditor da escolha dos pares para esta função. Os jovens do 8º ano eram mais prováveis (7.12 vezes) que os do 4º ano a procurarem os pares para cumprimento desta função. Quanto à segurança de vinculação, a insegurança existente na relação com os pais associava-se negativamente à procura dos pares, enquanto que a segurança aos pares se associava positivamente à procura para *Porto seguro*, ou seja, a segurança aos pais parece facilitar a *transferência* desta função para os pares sendo a segurança aos pares, a especificidade relacional, condição de novo para um maior recurso.

Finalmente, relativamente à *Base segura* o grau escolar não foi preditor significativo da escolha de pais ou pares, porém, ao nível do género as raparigas eram menos prováveis que os rapazes recorrerem aos pares para terem uma *Base segura* a partir da qual podiam explorar o mundo. Do mesmo modo que no *Porto seguro*, a insegurança de vinculação aos pais parece deter o recurso aos pares para a *Base segura*, enquanto que a segurança aos pares suscita um maior recurso a estas mesmas figuras.

Este estudo confirma de algum modo o modelo de Cindy Hazan, nomeadamente ao encontrar evidência de que a idade (os autores indicam ser a escolaridade) é um dos factores que permitem a integração dos pares nas hierarquias de vinculação, e que essa integração ao nível das funções de vinculação é sequencial. Mas mais importante do que isso são trazidos dados novos à teoria, sugerindo-se que a insegurança aos pais é um factor que determina a procura de relações de proximidade com os pares (nas três componentes), servindo estas últimas de alternativa de segurança e mais ainda, que a própria especificidade relacional com os pares ao nível da segurança, potencia a utilização destas figuras enquanto *figuras de vinculação*. Ora este resultado pode de algum modo complementar as perspectivas de uma maior probabilidade de continuidade de um funcionamento seguro nas relações de pais e pares, mas de que a insegurança de vinculação aos pais não determina por si só a insegurança ao nível de outras relações, eventualmente desde que estas providenciem um contexto de segurança alternativo.

Um estudo que é uma referência clássica em termos de vinculação é o de Paterson, Field e Pryor (1994), que explorou as mudanças nas percepções de vinculação a pais e pares em jovens neozelandeses (N=493) com idades entre os 13 e os 19 anos. A investigação utilizou uma escala relativa à *Procura de apoio* e de *proximidade* preenchida



após a apresentação de situações de activação das duas componentes relativamente a figuras significativas e ainda o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987), em ordem a avaliar representações de vinculação na relação com pares e pais. Tentou aceder-se também às percepções adolescentes da responsividade e importância de ambos os pais nos acontecimentos de *Procura de proximidade e Apoio* e por último, observou-se o impacto da dimensão étnica, do estatuto socio-económico e da composição familiar nas relações de vinculação adolescentes com pais e amigos<sup>22</sup>.

A amostra era multi-étnica<sup>23</sup> com 74% dos adolescentes provenientes de lares intactos e 7% de famílias mistas. Os resultados indicaram que na *Procura de apoio*, constructo que é utilizado enquanto operacionalização da componente *Porto seguro*, os scores de utilização quer da mãe quer dos amigos eram significativamente mais elevados que os do pai. Em termos de *Procura de proximidade*, os valores de recurso à mãe eram também significativamente mais elevados que os do pai e os amigos. Foi ainda encontrada evidência de que os adolescentes percebiam a mãe como significativamente mais responsiva que o pai em ambas as situações avaliadas.

Ambos os pais eram significativamente mais relatados para *Procura de proximidade* que para *apoio* e os amigos menos para a primeira função que para a segunda (embora com a idade aumentasse o recurso aos pares para ambas as componentes), o que é parcialmente concordante com a perspectiva da transferência de Hazan, já que seria suposto que os amigos fossem evocados de modo igualmente elevado em ambas as situações. Mãe e pai foram cotados como mais responsivos e mais importantes nas situações de *Procura de proximidade* que na *Procura de apoio*, ou seja, parece que a importância dos pares como fontes de apoio se eleva neste ponto desenvolvimental. Quanto à qualidade do afecto dos adolescentes para com as três figuras alvo era maior para com mães que com pais e amigos e, mais elevada para com o pai que para com os pares. Existiram também diferenças ao nível do género e interacções género e idade. As raparigas *procuravam mais o apoio* das mães que os rapazes, e aos 19 anos de idade aumentavam a *Procura de proximidade e apoio* relativamente às mães enquanto que os rapazes evidenciavam uma diminuição na procura da mesma figura. Comparativamente aos rapazes, as raparigas cotaram a mãe como mais importante quer nas situações de proximidade, quer de apoio. Embora rapazes e raparigas cotassem igualmente a mãe nas situações de *Procura de apoio* e nas situações de *Procura de proximidade* até aos 16 anos, esta

<sup>22</sup> Além do *Inventory of Parent and Peer Attachment* utilizou-se ainda o *Support Seeking Proximity Seeking Scale* (SSPSS; Paterson *et al.*, 1994), com o qual se pretendia aceder aos aspectos comportamentais das relações de vinculação nas vertentes procura de apoio (com uma forte componente verbal) e procura de proximidade (com uma forte componente de proximidade física).

<sup>23</sup> Dado que o estudo decorreu na Nova Zelândia, os sujeitos auto incluíram-se entre três grupos étnicos: Pakeha/Europeus, Maori e Ilhas Pacíficas, respectivamente nas percentagens de 78%, 11% e 11%. Em termos de estatuto socio-económico os sujeitos foram catalogados em três escalões tendo em conta o posicionamento dos pais ou das mães em termos profissionais: estatuto elevado (40%), médio (47%) e baixo (13%).

importância decaía drasticamente dos 17 aos 19 anos de idade nos rapazes, enquanto que nas raparigas voltava a elevar-se dos 17 anos em diante. Contudo, e consolidando a importância da figura materna, a qualidade dos afectos para com a mãe não variava nem com a idade nem com o género.

A utilização do pai variou em função da idade. Assim, nas situações de *Procura de apoio* os jovens de 17 anos relatavam menos o pai que os jovens aquém dessa idade. A qualidade do afecto para com a figura paterna variou com a idade. Os jovens de 17 e 19 anos cotaram a sua qualidade de afectos para com o pai como mais baixa que os de 13 anos de idade.

Na *Procura de proximidade* os entre os 17 e 19 anos relataram procurar mais os amigos que os restantes jovens da amostra; mais ainda, a qualidade dos afectos com os pares variou de acordo com o género. Deste modo, as raparigas cotaram a sua qualidade afectiva para com os pares de modo significativamente mais elevado que os rapazes.

Além das óbvias implicações deste estudo ao nível da diferenciação da qualidade de vinculação na relação com pai e mãe, encontrou-se evidência de uma utilização maior da mãe que do pai ao nível do apoio, que se opõe a conclusões que referem um recurso genérico equivalente a ambos os pais. Em termos da sequência de *transferência* também se encontraram resultados que fazem alterar ligeiramente o modelo de Hazan, ou seja, apenas com a separação de género parental verificou-se de imediato que a procura de mãe e amigos (em termos do apoio) era superior à do pai. Demonstra-se desta forma a necessidade de uma avaliação consistentemente diferenciada quer por género dos adolescentes, quer das figuras alvo das funções de vinculação.

Tendo em conta conclusões indiciadoras de que o funcionamento de *Base segura* na relação mãe-adolescente era o suporte a partir do qual o jovem pode buscar a sua autonomia e independência emocional, Allen e colaboradores (2003) quiseram saber até que ponto as interações com os pais se associavam à segurança de vinculação na adolescência. Os autores quiseram ver se e como os marcadores de segurança nas relações actuais com os pais diferiam ou se mantinham constantes, quando se perspectivavam em conjunto as relações com os pares. A ideia era compreender de que modo as representações de vinculação são ou não transferidas para relações sociais actuais além da infância. O estudo, de carácter longitudinal (avaliações aos 13, 14 e 15 anos de idade), versou um efectivo de 155 adolescentes (cerca de metade quando as análises envolviam o pai). Foi utilizada a *Adult Attachment Interview* (AAI, George, Kaplan & Main, 1985), uma entrevista que pretende aceder às representações adultas actuais das experiências de vinculação na infância, avaliando também a capacidade de discordância dos jovens com os pais mantendo todavia a relação. Esta última avaliação era efectuada através de um procedimento de observação, onde se verificava a validação das frases de

cada membro da díade e o grau de escuta activa evidenciado por cada um. O projecto incluiu ainda a observação dos comportamentos dos adolescentes e de um amigo íntimo ao longo de uma tarefa de apoio, cotada enquanto grau de apoio instrumental e emocional pedido e recebido pelo adolescente. Foi ainda sujeito a avaliação o grau de envolvimento na tarefa por parte de ambos os parceiros, a adequação da interpretação do problema colocado e a satisfação aparente com a interacção.

Em relação ao pai e à mãe, verificou-se que os adolescentes Seguros (AAI) evocavam uma capacidade de estabelecimento da autonomia verbal na discussão enquanto mantinham a relação, havendo um paralelo desta capacidade nas figuras parentais nas discussões fora do ambiente de laboratório.

Os autores encontraram também associações entre a segurança de vinculação (AAI) e o grau elevado de envolvimento e satisfação na realização da tarefa (com os pares) e mais ainda, entre a segurança e o grau com que os pares providenciavam apoio emocional e se envolviam também na tarefa. Ao analisarem esta mesma interacção porém na relação com a mãe, existiu no geral uma concordância entre estes e os resultados obtidos na relação com os pares. Globalmente, mesmo aos 13 anos de idade, a segurança na relação com o melhor amigo, com pai e com a mãe exibiam indicadores de utilização destas figuras enquanto *Bases seguras*.

A contribuição maior deste estudo ao nível do modelo de *transferência* é, quanto a nós, a conclusão de que os adolescentes Seguros na relação com ambos os pais tendem a criar com os amigos mais próximos relações que funcionam enquanto *Bases seguras* a partir das quais se exploram a si e ao mundo. Ou seja, a qualidade de vinculação na relação com os pais, tomada enquanto segurança nos modelos internos de funcionamento (porque avaliada através da AAI) é um factor que facilita o recurso aos pares como *Bases seguras*, mas que faculta também aos melhores amigos (conclusões retiradas dos resultados obtidos nas situações de interacção com os pares) uma maior responsividade ao nível quer do apoio emocional quer do envolvimento na tarefa, o que inclui a perspectiva da criação da *Base segura* com estas figuras pela facilitação da tarefa da responsividade advinda justamente das relações seguras dos adolescentes alvo com os pais. Por outras palavras, a associação entre a qualidade de vinculação aos pais e a *Base segura* no relacionamento com os amigos é moderada quer pelo recurso aos pares quer pela responsividade destes nas situações onde a função é elicitada.

Harry Freeman e Bradford Brown (2001) investigaram a natureza das relações de vinculação ao nível das componentes *Procura de proximidade*, *Protesto de separação* e *Base segura* na relação com pais e pares na adolescência e as diferenças eventuais em função dos estilos de vinculação. Fizeram-no recorrendo a uma amostra de 47 rapazes e 52 raparigas, entre os 16 e os 18 anos de idade. As representações de vinculação foram

avaliadas com recurso a uma entrevista projectiva semi-estruturada, a *Adolescent Separation Anxiety Test* (ASAT, Resnick, 1993; 1998; Resnick & Haynes, 1995), permitindo a classificação dos adolescentes em um de três estilos de vinculação (Seguros e inseguros Preocupados ou Desinvestidos). Os jovens eram também convidados a nomearem a figura que consideravam confiar mais para a *Procura de proximidade* e *Apoio emocional*, preenchendo de seguida o *Attachment Support Inventory* (ASI, Freeman & Brown, 2001), de modo a cotarem mãe, pai, melhor amigo do mesmo género e/ou namorado nas três componentes de vinculação acima referenciadas.

As classificações de vinculação obtidas distribuíram os jovens em 44% Seguros, 28% Preocupados e 26% Desinvestidos e, estas classificações associaram-se com as variáveis género, proveniência étnica, estatuto socio-económico e estrutura familiar.

A figura paterna era cotada com maior frequência pelos rapazes que pelas raparigas como fonte primária de apoio, porém, a mãe foi a resposta mais referida pelos adolescentes de ambos os géneros no que diz respeito à escolha para figura primária de vinculação (dez vezes mais que o pai e duas vezes mais que a segunda figura referenciada, os amigos).

Curiosamente as duas figuras parentais foram referidas em conjunto enquanto figuras de vinculação primárias apenas em 9% das vezes, o que associado ao resultado anteriormente referido, apoia uma perspectiva de avaliação da vinculação ao nível do género quer das figuras alvo, quer dos participantes activos dos estudos.

Posteriormente, os autores *colapsaram* em três categorias as figuras referenciadas pelos jovens, nomeadamente, pais, pares e o próprio sujeito. Nesta abordagem pais e pares eram mais prováveis serem considerados uma fonte primária de apoio, no entanto as mães mais que os pais e o par amoroso mais que os melhores amigos.

Os adolescentes que se classificaram enquanto Seguros revelaram uma preferência (90%) pela nomeação dos pais por oposição a pares, enquanto figuras primárias de suporte, enquanto que os jovens Desinvestidos nomearam, na mesma percentagem que Seguros, ou os pares ou a si mesmos. De acordo com a teoria, os Desinvestidos eram mais prováveis que Seguros e Preocupados (sete vezes mais e três vezes mais, respectivamente) de se nomearem a si próprios enquanto figuras primárias de apoio, justamente porque a imagem de si próprios é positiva e a dos outros negativa. Embora os jovens Preocupados evidenciassem também uma preferência pelo recurso aos pares sobre os pais, esta preferência não era tão robusta quanto a dos Desinvestidos.

A existência de par amoroso resultou na escolha desta figura como fonte primária de apoio em 50% por parte de Preocupados, 21% por parte de Desinvestidos e curiosamente, em ausência de escolha por parte dos Seguros que continuavam a preferir claramente as figuras parentais. Entre os jovens Seguros, as cotações de *Apoio de vinculação* relativas à mãe, melhores amigos e par amoroso não variavam significativamente entre si, embora as

cotações dos pais fossem as mais baixas entre as quatro figuras alvo e a mãe fosse menos cotada (embora não significativamente como já referido) que o par amoroso. Quanto aos adolescentes nos quadrantes inseguros o quadro é o oposto. Assim os melhores amigos foram cotados de modo significativamente mais elevado que mãe e pai e, quando existia par amoroso, este era mais cotado que mãe, pai e amigo, embora quanto ao último a diferença não fosse estatisticamente relevante. Na comparação entre Desinvestidos e Preocupados a cotação dos pais era inferior por parte do primeiro grupo.

O estudo revelou ainda algumas conclusões acerca das hierarquias de vinculação ao nível da figura de apoio mais provável, sendo que os adolescentes do grupo seguro colocavam a mãe em primeiro lugar, seguindo-se os melhores amigos e finalmente o pai, embora quando existia o par amoroso na rede, não houvessem diferenças nas cotações de mãe, amigos e par amoroso. Já para os sujeitos inseguros o par amoroso era a fonte referenciada em primeiro lugar, seguindo-se os amigos, mãe e finalmente, em último lugar, o pai.

Deste modo começam a levantar-se algumas questões relativas ao modelo da transferência, nomeadamente que as avaliações têm sentidos diversos de acordo com o género dos pais, que a mãe aparece nos adolescentes seguros como figura destacada ao nível hierárquico e que, o recurso para apoio é maior para as figuras parentais de acordo com um funcionamento seguro mas menor em função da insegurança de vinculação. Esta é justamente uma conclusão que vai de acordo com algumas hipóteses, entre as quais nos enquadrámos, que a segurança às figuras parentais é mais provável influenciar de forma mais decisiva os funcionamentos seguros aos pares, enquanto que o recurso mais célere aos pares poderá depender mais de um funcionamento geral inseguro, orientando-se num movimento compensatório; dito de outro modo, a segurança aos pais é mais provável ser continuada através da procura de proximidade e apoio quando há responsividade e disponibilidade e a segurança aos pares pode (também) advir da procura das mesmas variáveis em termos de um contexto alternativo de segurança aos pais.

Ainda Freeman, desta feita com Newland (2002), estudaram uma amostra de adolescentes entre os 14 e os 19 anos de idade a frequentarem o 9º, 10º e 12º anos de escolaridade, tentando compreender as ligações entre vários domínios relacionais. Aos jovens era pedido que cotassem quatro membros da sua rede de apoio que incluía pais (pai e mãe), melhor amigo do mesmo género, e par amoroso. As dimensões que operacionalizaram o constructo da qualidade relacional com cada uma das figuras significativas foram o Compromisso, o Respeito, a Satisfação, o Companheirismo, o *Protesto de separação*, o efeito *Base segura* e a *Procura de proximidade*. As escalas de vinculação utilizadas na investigação tinham por base o ASI (Freeman & Brown, 2001),

tendo ainda sido empregues três escalas do *Network of Relationships Inventory* (NRI, Furman & Burmester, 1985).

Interessantemente não se encontraram resultados significativos relativos à idade, porém existiram diferenças de género nas qualidades relacionais com o pai, mãe, melhor amigo e par amoroso, pelo que os autores optaram pela realização de análises em separado para rapazes e raparigas.

Em termos descritivos as figuras que obtiveram os *scores* mais elevados relativamente às funções de vinculação (em ambos os géneros) foram o par amoroso, seguido do(a) melhor amigo(a), mãe e, finalmente, o pai. Comparativamente, o recurso à mãe, melhor amigo e par amoroso era cotado de forma mais elevada nas três componentes pelas raparigas que pelos rapazes, sucedendo contudo o inverso para a figura paterna.

Não se encontraram associações significativas entre as três componentes de vinculação na relação com os pais e com o par amoroso, quer em rapazes quer em raparigas, embora, apenas nas raparigas, fossem observadas algumas associações entre componentes de vinculação na relação quer com os pais, quer com o par amoroso e algumas das outras dimensões que avaliavam a qualidade relacional nesses contextos.

Não se observaram também associações significativas entre nenhuma das dimensões que mediam a qualidade relacional com mães e melhor amigo do mesmo género nas raparigas, e embora se encontrassem associações significantes entre componentes de vinculação na relação com o pai e com a melhor amiga e as restantes dimensões relacionais em estudo, entre componentes de vinculação nas relações com pai e amiga tal não sucedeu.

No género masculino foi encontrada uma associação positiva entre o *Protesto de separação* na relação com a mãe e com o amigo, enquanto que não se encontraram associações entre nenhuma das três componentes nas relações entre pai e melhor amigo.

É nas relações entre pares (amigos e amoroso) que o estudo encontrou maior número de associações significativas entre componentes de vinculação. No género feminino o *Protesto de separação* na relação com a melhor amiga associava-se positivamente com o *Protesto de separação* e a *Base segura* na relação amorosa; a *Procura de proximidade* associava-se positivamente nos dois contextos relacionais, o mesmo sucedendo relativamente à *Base segura*.

Para os rapazes o *Protesto de separação* na relação de amizade associava-se positivamente, à imagem do que acontecia nas raparigas, com o *Protesto de separação* e a *Base segura* na relação amorosa enquanto que a componente *Base segura* se associava também, positivamente, nas relações com o melhor amigo e o par amoroso.

Em suma, os resultados deste estudo, embora apoiem a perspectiva de Hazan relativamente à transferência das componentes de vinculação (em todas as idades havia

presença das três componentes), observam contudo disparidades no que concerne às hierarquias de vinculação onde, quer para rapazes quer para raparigas, ao invés da esperada cotação mais elevada das componentes *Base segura* e *Protesto de separação* na relação com ambos os pais e das diferenças etárias para a *Procura de proximidade* (maior para com os pais nas fases iniciais da adolescência e para com os pares no restante período) se nos depara uma hegemonia das relações com o par amoroso e pares amigos ao nível das componentes de vinculação.

#### 1.1.3.2.2. Longitudinalmente na adolescência...

Os estudos longitudinais são ainda poucos na área da transferência das componentes de vinculação, embora se reconheça que permitem resultados mais apurados e que possibilitam simultaneamente conclusões ao nível causal.

Ofra Mayseless (2004) quis estudar a transição que os jovens israelitas realizam, deixando a casa dos pais e ingressando no exército (normativamente aos 18 anos), sob o ponto de vista da transferência das funções de vinculação. O estudo decorreu ao longo de 9 meses, havendo dois pontos de avaliação (3 meses antes do alistamento e seis meses depois, já no período básico de treino). O estudo incidiu apenas em jovens do sexo masculino (N=143). A autora utilizou o *Attachment Concerns Questionnaire* (ACQ, Mayseless, 1995; Mayseless, Danieli & Sharabany, 1996) em ordem a avaliar as preocupações de vinculação nas relações de intimidade através das dimensões Ansiedade e Evitamento.

Foi ainda utilizado o WHOTO (nove itens, seguindo a versão original de Hazan e Zeifman de 1994), que permitia a escolha entre seis figuras alvo (mãe, pai, irmãos, amigo, par amoroso e outros) para as quatro componentes ou funções: *Base e Porto seguros*, *Procura de proximidade* e *Protesto de separação*. Era pedido que fosse indicada a preferência relativa de cada uma das figuras alvo por comparação às restantes. Por último, avaliou-se ainda a resistência pessoal (*Hardiness*, no original) através de um instrumento tridimensional (Compromisso do *self*, Controlo e Desafio), a *Hardiness Scale* (Kobasa, 1979).

Os resultados evidenciaram uma propensão maior de recurso aos pares (amigos ou par amoroso) que aos pais para cumprimento de funções de vinculação. Especificamente, a preferência era clara para as funções de *Procura de proximidade* e de *Porto seguro*, porém, para *Base segura*, a opção ia para os pais e não para os pares.

O medo do abandono não se associava significativamente com o índice de transferência da componente de *Procura de proximidade*. Por seu turno, e ao contrário do que se esperava, o medo da proximidade associava-se positiva e significativamente ao aumento da transferência da componente *Procura de proximidade*, ou seja, quanto maior o

medo da proximidade, maior índice de transferência da componente de pais a pares quando se iniciava o cumprimento do serviço militar. Não esquecer contudo que quanto maior o medo do abandono, menor a adaptação ao serviço militar e, quanto maior o medo da proximidade, menor a adaptação.

Em suma, os resultados confirmam genericamente o modelo da transferência de Cindy Hazan, chamando a atenção para a associação entre dimensões qualitativas de vinculação ao nível do funcionamento pessoal (medo da proximidade, abandono, etc.) e a transferência. É sobretudo este último resultado que faz antecipar a necessidade de tomar em linha de conta factores que podem alterar de forma mais marcada ou mais indelével a utilização dos pares enquanto figuras de vinculação, nomeadamente o funcionamento ao nível mais estrutural da vinculação.

Friedlmeier e Granqvist (2006), utilizando uma metodologia prospectiva, quiseram investigar se, e de que forma, as várias funções de vinculação são transferidas de pais para pares na adolescência, recorrendo a duas amostras europeias: uma alemã (N=178) e uma outra sueca (N=171). Esta amostra foi estratificada por idade e género, sendo a média etária dos respondentes de 16 anos (entre 14 e 18 anos). O estudo comportou dois momentos avaliativos com intervalo de um ano na Alemanha, dos quais resultaram 72 jovens alemães, e com intervalo de 15 meses para a Suécia 123 adolescentes.

A primeira avaliação recorreu à *Adult Attachment Scale* (AAS, Collins & Read, 1990), em ordem a avaliar as orientações actuais de vinculação, donde resultam duas dimensões Ansiedade e Evitamento, porém, ao invés das respostas serem direccionadas para o par amoroso, eram focadas genericamente em alguém que os respondentes consideravam “gostar muito”, deixando em aberto os alvos para amigos ou par amoroso. A história de vinculação aos pais foi medida através de 13 itens derivados dos três parágrafos propostos pela medida de Hazan e Shaver (1987), tendo ainda em conta a transformação das frases para as respostas para a mãe e para o pai, separadamente.

De novo se recorreu ao WHOTO (versão de Fraley e Davis, já referida) para a avaliação do recurso em termos das funções de vinculação. Finalmente, recolheu-se quer no 1º tempo quer no 2º, informação acerca da situação de envolvimento ou não dos jovens numa relação amorosa donde resultaram quatro grupos: 1=sim e 2=sim; 1=não e 2=sim; 1=não e 2=não e; 1=sim e 2=não.

No primeiro tempo avaliado, 90% dos adolescentes utilizavam um par como figura primária de *Procura de proximidade*, 40% dos jovens alemães e 60% suecos, utilizavam também os pares como figuras primárias para *Porto seguro* e as percentagens de utilização dos pais enquanto figuras primárias para a *Base segura* foram de 54% (suecos) e 75% (alemães), respectivamente. Finalmente, no *Protesto de separação* os pais eram indicados



com maior frequência, nomeadamente com 75% das nomeações para os jovens suecos e 54% por parte dos alemães.

Apenas 10.4% da amostra sueca e 6.8% da alemã não tinham realizado a transferência de nenhuma das componentes avaliadas em nenhum dos tempos de avaliação. Para a função da *Procura de proximidade* (em solitário) a percentagem de jovens que já tinha efectuado a transferência no 1º tempo era maior que no 2º, porém, para a transferência das funções de *Procura de proximidade* e de *Porto seguro* (em simultâneo), a percentagem dos que a tinham efectuado no 2º tempo era maior que no 1º. Finalmente, a transferência das três componentes em uníssono era maior, como seria de esperar, no 2º que no 1º tempo de avaliação.

Os resultados observaram ainda uma estabilidade moderada no que respeita à manutenção da preferência de recurso na segunda avaliação a pares ou pais no que diz respeito à *Procura de proximidade* (88.6%), o mesmo sucedendo no que diz respeito à função *Porto seguro* (70.9%), embora a estabilidade para a manutenção da preferência para a *Base segura* foi apenas fraca (64.1%). Embora para as três componentes a preferência tenha sido para os pares, na *Procura de proximidade* e no *Porto seguro* foi moderadamente estável, enquanto que na *Base segura* foi apenas fraca do ponto de vista da estabilidade da preferência. Estes resultados foram de tal modo interessantes, que os autores realizaram análises suplementares onde verificaram que o processo seguia por vezes a direcção esperada (isto é, quando a *Base segura* estava transferida para os pares, a *Procura de proximidade* e o *Porto seguro* estavam-no igualmente), mas acontecia também o movimento não esperado teoricamente, ou seja havia “transferência” de pares a pais (relativamente aos dois momentos no tempo). Estes efeitos são interessantíssimos justamente porque sugerem que transversalmente o processo da transferência confirmou e justifica o modelo de transposição das componentes uma a uma, porém, ao nível longitudinal, quando a mudança era efectuada na segunda avaliação existia tanta chance de a componente ser atreída aos pais quanto aos pares. Ou seja, podemos levantar a hipótese que existem factores concorrenciais, nomeadamente factores do ambiente, tais como acontecimentos de vida, que permitem o recurso a cada uma das figuras, mediante a facilitação de resposta que cada uma pode dar a cada situação em específico e começa também a entrever-se a possibilidade de observar este processo do ponto de vista de um alargamento da rede das figuras capazes de exercer funções de vinculação para além dos pais e, não de uma transferência que apela à ideia da substituição de pais por pares.

Claramente a existência de um par amoroso era uma importante condição para a extensão em que a transferência ocorria de pais para pares e mais ainda, a rapidez de transferência encontrou-se maior para os jovens alemães que para os suecos.

A história de vinculação à mãe associava-se positiva e fortemente à transferência no tempo da primeira avaliação e, embora sucedesse o mesmo com a história de vinculação ao pai, a magnitude era inferior. As experiências com mães percebidas pelos jovens como insensíveis (mas não com pais) associavam-se a uma forte transferência das componentes de pais a pares.

Note-se o progresso efectuado com este estudo. Os constructos funções ou componentes de vinculação começam a perspectivar-se como altamente complexos, dependentes de factores contextuais, do género e das histórias de vinculação com os pais (o que do ponto de vista teórico sugere os modelos de funcionamento internos) ao nível do recurso a diferentes figuras significativas. Mais ainda, surge o conceito de transferência ao nível das idades, transversalmente, mas sugere-se um movimento de recurso quer a pais quer a pares, mediante as necessidades actuais ao nível longitudinal a partir da adolescência, o que reforça este período como basilar no estabelecimento do funcionamento ao nível mais prototípico.

#### 1.1.3.2.3. O final da adolescência e a idade adulta...

Numa amostra de 628 adolescentes e jovens adultos entre os 12 e os 28 anos de idade, Markiewicz, Lawford, Doyle e Haggart (2006) estudaram o apelo a pais e pares para exercício das funções de *Procura de proximidade*, *Porto* e *Base seguros*. Os autores dividiram a amostra canadense mista em três grupos etários, nomeadamente entre 12-15 anos, 16 a 19 anos e entre 20 a 28 anos de idade.

Utilizaram o WHOTO (versão de Hazan e Zeifman) para a avaliação do recurso a mãe, pai, melhor amigo, par amoroso, o próprio ou ainda a outros. Nesta versão era permitido aos sujeitos escolherem mais que uma figura por item de função.

Foi também avaliada a segurança de vinculação à mãe através do *Relationship Questionnaire* (RQ, Bartholomew & Horowitz, 1991), uma medida descritiva de auto-caracterização em quatro parágrafos.

Os resultados indicaram diferenças de género no recurso, isto é, o género masculino recorria mais ao pai para as funções de vinculação que o feminino e este, recorria mais aos amigos que os rapazes. Mais especificamente os rapazes recorriam mais que as raparigas ao pai para as funções de *Porto seguro*, enquanto que as raparigas utilizavam os amigos no preenchimento da mesma função, mais que os rapazes.

O recurso à mãe era maior por parte do grupo entre 13-15 anos comparativamente aos restantes grupos que não diferiam a este nível entre si. Do mesmo modo, também eram os mais jovens a recorrerem mais aos amigos, porém, seguia-se o grupo adulto em segundo lugar e por fim os adolescentes mais velhos, sugerindo um processo similar ao encontrado por Friedelmeier e Granqvist ao qual já nos referimos. O recurso ao par amoroso era maior

na idade adulta, seguida pelo grupo adolescente mais velho e por fim dos jovens mais novos da amostra, sugerindo de algum modo que podem interferir neste processo variáveis como o compromisso ou a intimidade relacional.

As mães eram seleccionadas mais para a função *Base segura* que para as restantes componentes e significativamente mais que todas as outras figura alvo. Os melhores amigos eram mais indicados para o *Porto seguro* e do mesmo modo que a mãe, também superiormente a todas as restantes figuras em estudo. O par amoroso era indicado significativamente mais que ambos os pais para a *Procura de proximidade*.

A utilização da mãe enquanto *Base segura* não variou com a idade, no entanto era menos procurada pelos dois grupos etários mais velhos quer para *Procura de proximidade*, quer para *Porto seguro*. Por seu turno, a utilização do pai foi consistentemente fraca nos três grupos etários para *Porto* e *Base seguros*, contudo, eram menos procurados nos dois grupos mais velhos para a *Procura de proximidade*.

Os adultos recorriam ao melhor amigo significativamente menos para as três funções que o grupo mais novo. Estes últimos utilizavam o melhor amigo mais na função *Base segura* comparativamente aos restantes sujeitos da amostra. Eram também os mais jovens a utilizar menos o par amoroso para as três funções comparativamente ao recurso dos dois grupos mais velhos. O par amoroso era procurado mais para a função de *Porto seguro* nos adultos que pelos adolescentes mais velhos, porém, estes últimos recorriam a esta figura para a mesma função mais que o grupo mais jovem. Nos adultos o par amoroso era utilizado mais que as restantes figuras alvo na *Procura de proximidade*, no entanto e curiosamente, neste grupo o recurso a amigo e par amoroso para *Porto seguro* era semelhante.

À imagem do que tinha sido já observado noutras investigações a existência de um par amoroso fazia com que o recurso a esta figura fosse superior aos restantes alvos. Embora a mãe fosse utilizada para *Base segura* mais que o par amoroso, esta utilização decrescia quando existia o par romântico e, na mesma condição a mãe era também utilizada menos na *Procura de proximidade*. Por seu turno, o melhor amigo era menos utilizado também quando havia na rede um par amoroso, contudo, nas funções *Procura de proximidade* e *Porto seguro*. Os jovens que relataram não ter uma relação amorosa recorriam mais ao amigo para *Porto seguro*, enquanto que os que tinham um par amoroso recorriam indiferenciadamente a ambas as figuras para o exercício da função.

Quando existia insegurança de vinculação à mãe, os jovens recorriam significativamente menos a ela que quando havia segurança; curiosamente esta diferença dilatava-se no que diz respeito à função *Base segura*. A segurança de vinculação à mãe não predizia quer o recurso ao pai quer aos amigos, porém, os que tinham relações inseguras com a mãe eram prováveis recorrer mais ao par amoroso para *Porto* e *Base seguros* que os

que eram seguros. De novo encontramos o efeito da insegurança parental na busca de alternativas sociais de segurança, desta feita no recurso a um tipo específico de par – o amoroso. Numa interessante interacção, os autores verificaram ainda que a confluência de maior idade (grupo adulto) e insegurança à mãe resultava num recurso maior ao par amoroso para as funções de *Porto* e *Base seguros*, porém, os adolescentes do grupo mais velho recorriam mais para *Procura de proximidade* ao par amoroso independentemente da segurança à mãe. Ou seja, o marcador *Procura de proximidade* parece acontecer no fluir desenvolvimental, enquanto que os marcadores mais sólidos *Porto seguro* e sobretudo *Base segura* parecem sofrer a influência de processos concorrentes que, de algum modo, são susceptíveis de alterar o processo de transferência destas componentes, como é o caso da segurança de vinculação à mãe.

Já o estudo de Doherty e Feeney (2004) contempla maioritariamente a adultícia, porém, foram incluídos adolescentes a partir dos 16 anos e os grupos etários foram até aos 90 anos de idade.

A amostra era constituída por 812 respondentes<sup>24</sup>, de ambos os géneros, com média de idade de 34.9 anos, subdivididos em quatro grupos etários (jovens: 16-25; adultos: 26-45; meia-idade: 46-60 e; idosos: 61-90). 67% dos respondentes tinham uma relação amorosa e 42% tenham pelo menos um filho. Os sujeitos estavam ainda subdivididos pelo seu estatuto relacional, isto é: solteiros (sem parceiro amoroso ou filhos); namoro (com parceiro, porém sem filhos e sem coabitação); vivência em comum (abaixo dos 50 anos com coabitação marital mas sem filhos); vivência em comum com filhos (coabitar com o parceiro e ter pelo menos um filho); separação (não ter parceiro mas ter pelo menos um filho); ninho vazio (coabitar com o parceiro e ter pelo menos um filho que já não vive com o casal).

Em termos de instrumentos utilizou-se uma conjugação de dois instrumentos: o WHOTO (numa adaptação do instrumento de Hazan e Zeifman, 1994) e ainda o *Attachment Network Questionnaire*<sup>25</sup> (ANQ, Trinke & Bartholomew, 1997), pelo que também se avaliou o *Protesto de separação*. As figuras alvos eram neste caso a mãe, pai, par amoroso, irmão, amigo e filho(os).

Um primeiro resultado interessante diz respeito à nomeação de mais elementos do género feminino que do masculino enquanto figuras significativas na vida dos respondentes.

Os sujeitos mais idosos listaram menor número de figuras que consideravam serem de importância nas suas vidas, o que talvez se associe com a ideia de que as relações de vinculação são difíceis de serem substituídas, pelo que de acordo, a rede vai diminuindo a partir da plena adultícia (normativamente).

<sup>24</sup> Relativamente a este estudo iremo-nos referir aos participantes enquanto sujeitos ou respondentes, o que não é do nosso agrado porém, a amostra é de tal modo ampla ao nível etário que qualquer outro substantivo pode gerar algum caos de nomenclaturas.

<sup>25</sup> Uma descrição mais detalhada deste instrumento existe neste documento no Capítulo 3, já que foi utilizada neste estudo uma versão adaptada do mesmo.

As autoras realizaram também análises ao nível das *vinculações totais*, isto é, da existência das quatro componentes numa mesma figura, tendo os resultados obtidos apontado para uma maioria de nomeações para com o par amoroso (74%) seguido da figura materna e de pelo menos um filho (40%), pelo menos um amigo (30%), pelo menos um irmão (22%) e finalmente ao pai (16%). No entanto, no intuito de refinar ainda mais os resultados, o procedimento anterior foi replicado retirando das análises os sujeitos que indicaram deter mais que uma figura primária de vinculação, observando-se a seguinte sequência descendente: par amoroso (74.2%), mãe (20.7%), amigos (15.8%), filhos (15.3%), irmãos (5.6%) e pai (3.4); do mesmo modo, esta sequência mantinha-se quando não existia a relação amorosa, porém, a mãe e os amigos apareciam nomeados com a mesma frequência (nomeadamente, 37.1%, 37.1%, 10.9%, 10.2% e 4.7%).

Os respondentes do sexo masculino comparativamente ao feminino, eram mais prováveis relatarem vinculações totais ao pai, porém, as mulheres eram mais prováveis estarem *vinculadas totalmente* aos filhos que os homens.

Além do estudo suportar as pretensões do modelo da transferência, nomeadamente ao referenciar que na adultícia o par amoroso é de facto a figura primária de vinculação, observa também resultados que apontam para a figura materna enquanto a mais permanente dessa mesma rede, com uma importância apenas suplantada na concomitância com um par amoroso. Interessante é verificar que o pai aparece em último lugar, em qualquer circunstância, na hierarquia das componentes de vinculação. É aliás muito curioso verificar que as mulheres relatam bem mais que os homens os filhos como figuras de vinculação, o que pode de algum modo ajudar a justificar a preponderância materna e o lugar modesto do pai nesta hierarquia, apesar de terem de ser considerados também os factores da cultura ocidental onde o papel da mãe como prestadora de cuidados é mais reforçado que o do pai.

Finalmente, a investigação abordou ainda a questão do recurso sob o ponto de vista dos acontecimentos de vida normativos, nomeadamente o ter uma relação amorosa de namoro ou de compromisso (excluindo contudo a figura alvo “filhos”), tendo sido observado que existia um maior recurso aos elementos da família (mãe, pai e irmãos) e aos amigos quando a relação era de namoro, mas maior ao par amoroso quando a relação era de compromisso. Ou seja, como é mais provável que com a idade surjam mais situações amorosas de compromisso que de namoro, muito provavelmente o grau mais elevado de intimidade e investimento que estas últimas comportam (comparativamente às primeiras) poderá fornecer o terreno para a alteração da rede hierárquica ao nível das funções de vinculação.

Fazendo parte do grupo dos estudos iniciais acerca das componentes e das hierarquias da vinculação, Shanna Trinke e Kim Bartholomew (1997) quiseram compreender

com quem estabelecem os adultos as suas vinculações e de que modo (re)organizam as suas redes relacionais ao nível hierárquico tendo em conta o enquadramento quer de Bowlby quer de Hazan e Zeifman.

Numa amostra de 223 jovens e adultos com idades compreendidas entre os 17 e os 45 anos, as autoras avaliaram quer o recurso a diferentes alvos em termos das funções de vinculação através do *Attachment Network Questionnaire*, quer o funcionamento pessoal de vinculação auto-referenciado através do *Relationship Questionnaire* (Bartholomew & Horowitz, 1991).

O ANQ permite que as relações listadas como detendo importância na vida destes jovens e adultos fossem organizadas em termos da importância para o respondente de cada figura alvo relativamente a cada uma das componentes (*Procura de proximidade*, *Porto e Base seguros* e *Protesto de separação*).

Em média o estudo observou que eram relatadas 9.66 relações consideradas importantes e que quando existia um par amoroso a sequência (por ordem decrescente) da importância de cada uma das figuras, em termos da orientação a cada um dos alvos enquanto figuras de vinculação era a seguinte: par amoroso, mãe, pai, irmãos e melhores amigos. Contudo, quando não existia um par amoroso a mãe ascendia ao primeiro lugar mantendo-se a posição relativa das restantes figuras (embora as cotações obtidas nesta condição fossem mais elevadas que quando existia relação amorosa). De acordo com os resultados de Doherty e Feeney para a componente *Base segura* (já apresentados), existia uma orientação maior à mãe, pai e irmãos que a amigos e par amoroso, todavia, existiu na investigação de Trinke e Bartholomew uma proporção equivalente de participantes a recorrerem às últimas figuras para *Base* e *Porto seguro*.

Porque o ANQ permite avaliar quer a tendência efectiva quer o desejo de recurso às diferentes figuras, verificou-se a concordância entre ambas para a função *Porto seguro* (para as cinco figuras alvo), embora o par amoroso fosse mais “desejado” que procurado para a *Base segura*, ocupando o segundo lugar ao nível da procura efectiva após a figura materna (os lugares relativos foram, respectivamente, mãe, par amoroso, pai, melhor amigo e, finalmente, irmão).

A mãe volta a aparecer como figura proeminente na hierarquia de vinculação sendo relatado que a perda da mãe (*Protesto de separação*) teria um impacto maior que a perda de qualquer uma das restantes figuras alvo.

A análise do recurso a cada figura alvo em função da segurança de vinculação, avaliada através do RQ, indicou que existiam associações significativas entre os constructos mas apenas para o par amoroso, mãe e pai, não se encontrando associações significativas para o melhor amigo. Assim, quanto maior a segurança maior a utilização efectiva ou desejada do par amoroso nas quatro componentes e ainda, maior o recurso à mãe e ao pai

para as componentes *Porto e Base seguros*. Estas associações eram mais robustas para o recurso efectivo que para o desejo de recurso, providenciando um reforço adicional das asserções da segurança, já que é nos quadrantes inseguros mais Evitantes (respectivamente no Desinvestimento e no Amedrontamento) que é mais provável encontrar discrepâncias entre desejo e recurso.

#### 1.1.3.3. Na jovem adultícia

Embora os estudos a que de seguida nos iremos referir possam ainda ser enquadrados na adolescência, parece-nos que a natureza das amostras utilizadas se enquadram melhor na nomeação de *início da idade adulta*. Estas investigações são mais distantes no tempo do que os que temos vindo a citar, todavia constituem referências incontornáveis na literatura da vinculação na adultícia, fazendo de algum modo a ponte entre a perspectiva do amor enquanto vinculação de Hazan e Shaver e a continuidade deste processo relativamente aos restantes contextos relacionais no que diz respeito quer ao modelo da transferência das componentes de vinculação, quer à alteração da hierarquia de vinculação apresentados por Hazan e colaboradores.

##### 1.1.3.3.1. Recurso a amigos íntimos e par amoroso...

Em 1997 Chris Fraley e Keith Davis quiseram observar até que ponto o modelo de Cindy Hazan era replicável. Recorreram transversalmente a 237 jovens de ambos os géneros (média etária de 20.4 anos), dos quais cerca de 66% (n=157) estavam envolvidos numa relação amorosa.

Os jovens adultos foram convidados a cotarem as relações amorosas e as relações com os melhores amigos ao nível da Intimidade mútua, Apoio, Prazer, Confiança, Respeito e Compreensão, e ainda Sexualidade e Fascínio na relação. Estes resultados foram posteriormente sujeitos a somatório em razão de cada um dos tipos relação, operacionalizando-se as dimensões avaliadas em três factores maiores: Carinho mútuo, Confiança e intimidade mútuas e Desejo sexual/fascínio.

A autoavaliação da segurança pessoal foi conseguida através do RQ, obtendo-se a partir deste instrumento o estilo de vinculação de cada participante nas relações íntimas mas também tendo a medida sido utilizada em referência quer ao par amoroso, quer ao melhor amigo.

Mais uma vez se recorreu ao WHOTO para a avaliação das componentes de vinculação, numa versão revista em que apenas se utilizaram dois itens por componente a avaliar. O recurso ao WHOTO permitiu observar até que ponto cada alvo era utilizado enquanto figura de vinculação. Os alvos foram neste caso definidos enquanto pais (pai e mãe) e pares (par amoroso, melhores amigos e outros) o que poderá comportar algumas

generalizações de resultados supérfluas, embora em algumas situações os resultados tenham sido apresentados separadamente.

Os resultados observaram concordância com o modelo de Hazan, nomeadamente ao observarem que os pais eram mais prováveis serem utilizados enquanto *Bases seguras* e, que era mais plausível este grupo utilizar mais os pares que os pais como alvos da *Procura de proximidade*.

Ao nível do *Porto seguro* quando os sujeitos se sentiam preocupados era mais provável procurarem os pares que os pais, porém, quando a questão se colocava ao nível do aconselhamento, os sujeitos procuravam quer os pais quer os pares na mesma proporção.

A vinculação total nas relações amorosas acontecia apenas quando o relacionamento tinha em média 23.9 meses de duração, duração esta que fazia também aumentar a transferência das componentes de pais a par amoroso. Curiosamente, nas relações de amizade próxima as *vinculações totais* aconteciam apenas quando a relação durava em média há cinco anos, aumentando igualmente a transferência das funções de pais a pares de acordo com a duração do relacionamento.

Qualitativamente, o envolvimento em relações de amizade caracterizadas por elevados níveis de carinho, apoio mútuo e confiança/intimidade mútuas eram mais prováveis moderarem a transferência de componentes no sentido de a potenciarem. O recurso ao amigo enquanto figura de vinculação associava-se positivamente com um modelo interno Seguro, mas negativamente com modelos Desinvestidos-Evitantes.

Também nas relações amorosas os elevados níveis de carinho e apoio mútuos e de confiança e intimidade mútuas, estavam associados à transferência das componentes dos pais para estas figuras. Do mesmo modo que nas relações de amizade, os Seguros eram mais prováveis recorrerem ao par amoroso enquanto figura de vinculação, no entanto, a associação negativa entre um funcionamento Desinvestido e o recurso ao par amoroso não era tão robusta quanto a observada para o amigo íntimo.

Um resultado muito interessante diz respeito à percepção dos participantes acerca do seu parceiro amoroso, ou seja, os parceiros eram menos prováveis serem entendidos como inseguros se o respondente estivesse *solidamente* “vinculado” (no sentido da avaliação das componentes) ao par amoroso. Quanto aos estilos Preocupado e Desinvestido, a associação era no sentido de observar o parceiro como inseguro.

Em suma, além da confirmação do modelo da transferência, embora com a ressalva do procedimento de agregação das figuras alvo, o estudo permite associar a qualidade de vinculação e o funcionamento interno, ambos Seguros, com níveis de transferência de pais a ambos os tipos de pares mais elevadas, chamando a atenção para a influência que existe ao nível das representações de vinculação na relação amorosa proveniente do recurso



maior ou menor a esta figura, apresentando os constructos da vinculação de funções, qualidade relacional e funcionamento interno como diversos mas mutuamente influenciados.

Num estudo essencialmente acerca das relações de amizade, Diamond e Dubé (2002) recorreram a populações heterossexuais e minorias sexuais (homossexuais, lésbicas e bissexuais) com o objectivo de analisar até que ponto a identidade de género seria um factor associado ao recurso aos amigos para preenchimento das funções de vinculação.

A amostra das minorias era constituída por 106 jovens mulheres e homens (com idades entre os 14 e os 25 anos), dos quais se retiraram posteriormente aqueles que referenciaram uma orientação bissexual, pelo que no total havia 31 lésbicas e 42 homossexuais de sexo masculino. Na amostra heterossexual havia 49 jovens de sexo feminino e 46 do masculino com idades entre os 17 e os 25 anos.

Em termos de instrumentos utilizados no estudo, aos jovens foi pedido que indicassem graficamente, através do preenchimento de uma circunferência de percentagens, a proporção relativa de amigos próximos do mesmo e de género oposto que consideravam deter. Ao mesmo tempo era pedido que indicassem o género do melhor amigo e requisitada informação acerca do envolvimento ou não numa relação amorosa.

O WHOTO na sua versão original foi o instrumento que avaliou as quatro componentes de vinculação na relação com os amigos e com o par amoroso.

No grupo heterossexual, 59% das raparigas e 57% dos rapazes tinham amigos do mesmo género, enquanto que as lésbicas apresentaram a maior percentagem de amigos do mesmo género (74%) e os homossexuais a menor (44%). Contudo, ao nível dos melhores amigos do mesmo género as percentagens de lésbicas e de raparigas e rapazes do grupo heterossexual são elevadas e muito similares (respectivamente 72%, 70% e 75%), ao invés dos rapazes homossexuais onde a percentagem foi de 43%.

Os homossexuais escolheram em 56% das vezes os melhores amigos por oposição ao par amoroso, como figuras de vinculação e os heterossexuais em 46%, porém, controlados os efeitos da existência de uma relação amorosa, verificou-se que esta diferença não era significativa.

Dentro dos jovens que escolhiam um melhor amigo como figura de vinculação era maior a probabilidade que a escolha recaísse numa rapariga que num rapaz, independentemente da orientação de género, o que levanta questões curiosas acerca do género, reforçando ao mesmo tempo o estereótipo do género feminino (e não só das mães) como o *prestador de cuidados*.

O grau de vinculação aos melhores amigos foi medido através do número de vezes em que o amigo era nomeado como primeira figura para cada uma das componentes, não tendo sido possível verificar se existia no geral uma vinculação mais robusta aos amigos do género feminino que do masculino, nem que os jovens do grupo homossexual fossem mais

vinculados aos melhores amigos do mesmo género e menos ao de género oposto que os jovens do grupo heterossexual. Contudo, os scores de vinculação dos rapazes homossexuais eram mais elevados para com os melhores amigos que os dos rapazes heterossexuais, enquanto que para com o par amoroso acontecia justamente o inverso, ou seja, eram os rapazes do grupo heterossexual a cotarem de modo significativo e superior o par amoroso quando comparados aos rapazes do grupo homossexual.

Em suma, parece existir uma orientação aos pares amigos de género feminino, independentemente do género ou da orientação de género, proporcionando suporte a perspectivas que observam o género feminino como mais íntimo e mais orientado à prestação de cuidados que o masculino, perspectivando-se então um recurso maior ao nível das componentes a figuras de sexo feminino (mãe e amigas) que a masculinos (pai e amigos).

#### 1.1.4. Síntese

As primeiras observações e os primeiros estudos acerca do sistema de vinculação tiveram por base justamente a existência das figuras primárias iniciais de vinculação no cumprimento das funções de *Proximidade*, *Porto seguro* e *Base segura* que, com a continuidade relacional e os processos de discriminação que lhe estão atreitos, permitem o exibir de comportamentos de *Protesto de separação* que são um forte indicador de que a relação é de facto de vinculação. O sistema para lá da infância continua a evocar estas mesmas componentes. Segundo a teoria e na maioria dos estudos na adolescência, os pares começam a cumprir estas funções, embora a *Base segura* esteja até tarde sob a “guarda” dos pais, mas a entrada na equação relacional dos pares amorosos parece alterar a importância hierárquica dos pais.

Parece também que quando se analisa na adolescência separadamente pai e mãe, a mãe tem um lugar no *séquito ou escolta da vinculação no círculo interior da proximidade pessoal*, como diriam os adeptos do *Convoy Model* (Antonucci, Akiyama & Takahashi, 2004; Levitt, 2005; Levitt, Levitt, Bustos, Crooks, Santos, Telan, Hodgetts & Milevsky, 2005; Takahashi, Antonucci & Akiyama, 2002), mas mais que isso, nessa área já delimitada, segundo a investigação parece que a mãe é durante a maior parte do ciclo vital a figura mais contígua, suplantada nesta hierarquia apenas na adultícia pelo par amoroso, sobretudo se se tratar de uma relação amorosa mutuamente investida. O pai, embora seja mais procurado pelos rapazes que pelas raparigas, aparece na maioria dos estudos que recorrem a adolescentes e adultos, em último lugar na hierarquia das relações de vinculação.

Parece também que o ter um par amoroso contribui para que o processo de transferência das funções de pais a pares e, que a duração maior da relação *acelera* o

processo. A este propósito verificou-se também que de facto é por volta dos 24 meses de duração da relação amorosa que podemos encontrar em coexistência as quatro componentes, quanto que para os melhores amigos este tempo se cifra à volta dos cinco anos.

Curiosamente parece existir um efeito de género no recurso a figuras significativas, tendo sido observado que as redes de vinculação ao nível das funções são preenchidas por mais elementos do sexo feminino que do masculino.

Finalmente, apenas um dos estudos verifica um fenómeno de transposição das componentes dos pares aos pais, de outro modo, quando é possível avaliar o processo longitudinalmente parece que a hipótese de encontrar recurso quer a pais quer a pares, após o período onde a rede de figuras de vinculação se alarga, é muito semelhante pelo que será de considerar que o processo, ao invés de ser irreversível como sugere o substantivo transferência, é de facto um processo aberto que depende essencialmente da avaliação pessoal da figura que no momento melhor se adequa às necessidades do sujeito psicológico. E, sob este ponto de vista, é de novo revigorado o carácter de sobrevivência da vinculação.

## **2. Relações de vinculação aos pais, pares e par amoroso na adolescência**

Nesta segunda abordagem à vinculação na adolescência, é provável que haja algum sentimento de repetição, já que muitos conceitos são contíguos e interpenetram-se. Há inclusivamente estudos onde componentes e qualidade de vinculação são ambos utilizados, concorrendo deste modo para essa sensação de recapitulação.

A vinculação é um constructo teórico complexo, impondo por isso um rigor conceptual na formulação dos conceitos aos quais recorre para lhe dar forma. Embora esta precisão seja necessária à compreensão do funcionamento do sistema, deparamo-nos na literatura com *liberdades* na utilização de algumas noções que originam, por seu turno, alguma desordem teórica. Esta realidade é ainda mais intrincada quando se alarga o estudo da vinculação a mais que um contexto relacional em simultâneo. A teoria passa a incorporar novas concepções, como por exemplo as de *hierarquias de vinculação* ou *contextos alternativos de construção de segurança*, e pais e pares integram uma mesma realidade psicossocial. Esta (re)organização é de difícil análise empírica se encarada de forma holística e integrada, isto é, tendo em conta mais que dois contextos relacionais e observando os processos subjacentes a esta recomposição. São sobretudo as avaliações múltiplas em função de cada uma das figuras em estudo e as operacionalizações de

variáveis causais, com hipóteses eventuais de moderação e/ou de mediação, que tornam ainda mais complexa esta pesquisa. Disto mesmo é espelho a revisão que efectuámos, onde são raros os estudos longitudinais, mais invulgares ainda os que integram dois domínios relacionais e mais esporádicos ainda, aqueles que dividem as análises por género quer de sujeitos, quer de pais e pares (românticos ou não). Optámos por isso por uma estrutura que subdivide as investigações mais expressivas não por tipo de desenho conceptual, e sim por grandes temáticas referentes à articulação entre os três contextos relacionais e à principais dimensões que a podem eventualmente afectar.

## 2.1. Relações pais-filhos: Dinâmicas entre exploração e vinculação

*“A necessidade de uma figura de vinculação, uma base segura pessoal, não está de todo confinada às crianças embora, dada a sua premência ao longo dos anos de imaturidade, é ao longo dessa fase que é mais evidente e foi mais exaustivamente estudada. Contudo, existem boas razões para crer que esta necessidade se aplica também a adolescentes e adultos maduros. Nestes últimos, admissivelmente, a carência é menos evidente, e provavelmente difere entre sexos e entre diferentes fases da vida” (Bowlby, 1979, p. 103-104).*

A importância da qualidade das relações primárias no futuro relacional de cada ser humano constitui um dos pressupostos teóricos da teoria da vinculação. Porém, existe um olhar complementar que encara o erguer do edifício pessoal em termos de construções sucessivas e reorganizações pessoais que, inevitavelmente, ajudam cada um de nós a poder observar-se diferencialmente ao longo do ciclo vital. Esta perspectiva tem em conta não só a integração das experiências pessoais, à medida que ocorrem com diferentes personagens que vão sendo acrescentadas ao *elenco* de vida, mas também a forma como o desenvolvimento cognitivo, a estrutura mental, é capaz de lidar e *absorver* essas experiências. Assim, até determinado limiar desenvolvimental, o final da infância, não é possível *prescindir* dos prestadores de cuidados iniciais, mas a partir daí, a estruturação quer social quer mental, começa a permitir o enquadramento de *actores* necessariamente mais parecidos em estatuto com cada um de nós, os pares. Estes não são de imediato tão importantes quanto os pais, e muitos não o serão nunca, porém, são essenciais ao processo de *nos tornarmos diferentes*. No entanto ser diferente de uns implica ser igual a outros e, neste processo sequencial alguns pares são especiais e permitem uma nova revolução pessoal: Ser diferente de todos e igual a si mesmo. Neste processo passam anos e nestes, revisita-se a vivência pessoal sempre de modo, mesmo que ligeiro, diverso (*vide* Kegan, 1982). Pese embora se mantenha uma constância pessoal conserva-se também a capacidade de mudar. As regularidades do desenvolvimento, cada idade ou grupo de idades que se agrupam em infância, adolescência, adultícia e maturidade apresentam também regularidades e consequentes mudanças às quais a teoria da vinculação não é indiferente.

A vinculação tem pois o processo complementar da exploração, sem o qual não seria possível que a primeira tivesse uma qualidade adaptativa.

O trabalho de Pipp e colaboradores (Pipp, Shaver, Jennings, Lamborn & Fischer, 1985) pode oferecer algumas luzes acerca do revisitar da infância à adolescência dos padrões de vinculação, nomeadamente ao ter constatado que em resultado do pedido a 100 universitários para esquematizarem as relações com o pai e a mãe ao longo do ciclo vital, os círculos que desenharam eram muito próximos (pai, mãe, filho) ao longo da infância, afastando-se progressivamente até ao máximo entre os 16-20 anos, voltando a aproximá-los na jovem adultícia, o que nos leva de novo às questões da complementaridade e da reciprocidade, ou seja, o afastamento pode aparentemente fazer *desligar*, ou melhor, tornar menos salientes alguns dos componentes de vinculação aos pais (nomeadamente a *Procura de proximidade* e o *Porto seguro* que pelas exigências da construção da identidade podem funcionar, comparativamente a novas relações por exemplo com os pares, de forma menos proeminente, nunca deixando contudo de manter uma representação interna mais positiva ou mais negativa dos pais). Contudo, após as tarefas maiores do desenvolvimento na adolescência, quando a construção da identidade pelo outro igual já não mais necessita do afastamento, encontramos um retorno à proximidade com os pais, sobretudo quando não existe um par amoroso *rival*. Nesta fase a transformação qualitativa nas relações com pais é sobretudo no sentido da mutualidade, o que de algum modo nos leva também ao pressuposto bowlbiano da parceria de objectivo corrigido, mas alargando esta perspectiva *mais além*, dito de outro modo, as aprendizagens necessárias para que um sujeito se torne num prestador de cuidados terão necessariamente que passar pela mutualidade. Só assim se é simultaneamente uma *Base segura* e um *Prestador de cuidados*, mas também alguém que evoca essas mesmas competências de um outro significativo quando o sistema pessoal de vinculação é activado. Esta aprendizagem relacional de mutualidade inicia-se com os pares e posteriormente encontra-se nos pares amorosos, pelo que será mais provável encontrar a influência da vinculação aos pais no início da adolescência pela concordância qualitativa (embora moderada) dos relacionamentos com pares, e destes, posteriormente, com pares amorosos.

A questão do “*detachment*” é aliás de importância crucial na teoria da vinculação.

Numa interpretação que se considera inexacta do termo, as relações com os pais no período adolescente podem ser encaradas como um *desligar* do sistema de vinculação. Do nosso ponto de vista, o “*detachment*” reflecte a activação mais saliente dos sistemas afiliativo e sexual na adolescência e não uma desvinculação no sentido de corte relacional; se quisermos, trata-se da plasticidade humana adaptativa que requer mudanças qualitativas nas relações com os pais ao longo da adolescência e que, necessariamente, têm o seu correlato nas relações de vinculação, de funcionamento assimétrico até aí (final da infância)

para o início da mutualidade a partir daí. Em termos teóricos e empíricos é consensual a existência tanto da *Exploração* quanto do regresso à *Base segura* na relação com os pais, e embora a tarefa maior de conhecimento de si através do outro similar se sobreponha na adolescência, muitos são os estudos que verificaram justamente a manutenção da qualidade de relação emocional pais-filhos em paralelo com o processo de exploração de si e dos outros.

A vinculação aos pais perdura no tempo e mantém determinadas funções, como por exemplo a função *Base de exploração*, mesmo na adolescência, pese embora a *Procura de proximidade* e o *Porto seguro* possam estar como que *diluídos*. Se quisermos, a confiança no outro similar (pares) ainda não permite que a exploração tenha a mesma magnitude que a procura de apoio, talvez porque a relação ainda não tem a duração temporal necessária, mas talvez também porque o período desenvolvimental ainda não permite que os pares se tornem para o sujeito em *Bases seguras de exploração*, às quais se pode voltar quanto a intensidade do processo é elevada, ou quando possa existir ameaça efectiva ou representada. Consideramos, que ao invés das posições que observam a relação pais-adolescente sob o ponto de vista de vista de um *gap* geracional (com contornos de uma luta *ad eternum*), se trata apenas de uma das facetas da exploração, pois esta é efectuada com certo distanciamento necessário ao considerar diferentes pontos de vista aos dos pais, sem que contudo se coloque a relação em causa porque esta é robusta em termos emocionais. Trata-se da questão dos comportamentos essenciais *versus* representações internalizadas. A propósito das questões do *detachment*, Soares (1996) utilizando a AAI numa amostra de adolescentes e de adultos, sugeriu justamente que os jovens tendem a descrever as figuras de vinculação iniciais como mais apoiantes que na adultícia, e embora associando este resultado às representações prospectivas dos adultos por oposição a representações mais presentes por parte dos adolescentes, cremos que os resultados reflectem também a importância que na adolescência os pais têm enquanto contextos de vinculação.

Por seu turno, Wyndol Furman (1999) sugeriu que o efeito de afastamento comportamental acontece precisamente porque o mutualismo e o altruísmo recíprocos não têm muitas oportunidades de serem apreendidos nas relações com os pais, já que são desiguais ao nível do poder entre os intervenientes. Os pares surgem na infância como um *meio* de iniciar o processo da reciprocidade, avançando para a cooperação e a igualdade na adolescência, que não são mais que prelúdios para a intimidade na adultícia. Contudo, as representações de intimidade advêm também dos pais, quer através das experiências vicariantes, quer através das representações de vinculação. Talvez por isso mesmo as relações amorosas e as relações com pares detenham muitas características comuns ao nível da afiliação.

Existe um lado oposto ao “*detachment*” enquanto desligar, isto é, a interpretação de que os pais permitem espaço à construção da identidade pessoal do adolescente, mantendo contudo a qualidade do relacionamento que até aqui mantiveram. É sobretudo esta manutenção de uma relação, na consciência de que crescer implica explorar e debater pontos de vista alternativos, que na adolescência se comunica a ideia de uma relação segura entre pais e filhos.

Gitter (1999) realizou um estudo com recurso a 88 adolescentes do 9º e 10º anos de escolaridade (45 rapazes e 43 raparigas) e respectivas mães, cujo critério de selecção passava pela potencial existência futura de dificuldades académicas e sociais. Mães e adolescentes foram entrevistados separadamente através da AAI. Dois anos depois as famílias foram de novo convidadas a nova entrevista. Uma das interessantes conclusões foi a de que os modelos Seguros de vinculação podem ser vistos, à luz dos seus resultados, como sendo positivos para ambos os elementos do elo relacional, dado que a autonomia é encontrada e atingida quando a díade mãe-adolescente é *altamente relacionada*, ou seja, quando o adolescente é capaz de construir a sua autonomia ao mesmo tempo que mantém uma relação positiva com a mãe. A *autonomia* adolescente é apresentada como decorrente da relação onde um dos membros é uma figura primária de vinculação e o outro um adolescente, pelo que se infere da necessidade de continuar a qualidade do relacionamento, justamente para que aconteça a individuação e a autonomia ajustadas.

Integrando as questões do “*detachment*” nos estudos longitudinais sobre a continuidade ou mudança na segurança de vinculação, Buist, Decovic, Meeus e van Aken (2004) ao analisarem 288 adolescentes com média de idade inicial de 13.5 anos, verificaram que os indicadores de vinculação a ambos os pais (*scores* do *Inventory of Parent and Peer Attachment*) eram significativamente mais elevados na relação com a mãe que com o pai. Os valores da vinculação na relação mãe-rapazes decresceram dos 11 aos 13 anos, aumentaram aos 15 anos e decresceram de novo aos 17 anos enquanto que os valores com as raparigas decresceram de forma constante dos 11 aos 17 anos. Na relação com o pai, a qualidade da vinculação com os rapazes decrescia constantemente dos 11 aos 17 anos, porém, com as filhas a qualidade relacional aumentava até aos 12 anos, diminuía até aos 16 e voltava a crescer aos 17. Ou seja, embora os valores totais apontem para maior qualidade relacional nas relações com as mães e para efeitos de género, existe algo de processual que preferimos atribuir, e de novo, ao processo da construção da identidade.

Smetana, Metgzer e Campione-Barr (2004) num estudo de cinco anos (três avaliações), realizado com recurso a um grupo de adolescentes afro-americanos com 13 anos ao início do estudo, quiseram examinar as diferenças nas percepções das relações com os pais em função das transições desenvolvimentais da adolescência. Quiseram ainda analisar a influência que o conflito e as percepções de proximidade emocional com os pais

tinham nas percepções de positividade ou negatividade dessas mesmas relações. Os investigadores encontraram uma continuidade na proximidade emocional dos jovens aos pais, sugerindo-se que a exploração no início da adolescência (que muitas vezes é comparada a conflito) não induz a deterioração da qualidade relacional. Existiram contudo resultados interessantes ao nível mais específico, nomeadamente que as raparigas que viviam com os pais ou que estavam para sair de casa (para ingressarem na universidade), relatavam relações mais negativas com as mães que aquelas que já tinham vivido fora da casa dos pais; mais ainda, quando as raparigas viviam com os pais ou estavam de saída, também relatavam relações mais negativas com a mãe que os rapazes na mesma situação. A proximidade emocional à mãe e ao pai foi extremamente estável ao longo do estudo, enquanto que os valores de conflito mostraram uma estabilidade entre fraca a moderada (bem como que o significado de *conflito* para pais e filhos era diferente). Os resultados indicaram ainda que as percepções de proximidade aos pais na segunda avaliação mediavam totalmente a associação entre as percepções de apoio e proximidade na primeira avaliação, e as percepções de proximidade e apoio na terceira avaliação. De outro modo, além de necessário, o processo de autonomia é saudável justamente para a manutenção da qualidade da relação.

Ainda a propósito da Exploração enquanto processo complementar da Vinculação, Smetana, Metzger, Gettman e Campion-Barr (2006) ao estudarem a partilha de informação significativa e o secretismo na adolescência (com jovens a frequentarem o 9º e o 12º anos de escolaridade), verificaram que o secretismo dos jovens para com os pais era maior no que dizia respeito aos pares, nos assuntos pessoais ou relativamente a trabalhos escolares, e ainda, que os rapazes escondiam mais as questões pessoais das mães do que as raparigas. Genericamente existia uma maior revelação pessoal com a mãe que com o pai. Ou seja, continua na adolescência a existir comunicação e confiança na relação com os pais, embora determinados assuntos sejam mais partilhados que outros. Num outro estudo similar, desta feita com recurso a pais, mães e filhos de ambos os géneros com média etária de 18.4 anos, Dolgin (1996) verificou que existia maior partilha de informação íntima com as mães que com os pais, quer o assunto fosse pouco íntimo, íntimo, ou muito íntimo, ao mesmo tempo que esta partilha era maior entre pais e filhos (homens) que entre pais (homens) e filhas. O romance era mais tema de conversa entre mãe e filhas que com filhos, enquanto que o pai era mais provável discutir carreira e sucesso com os rapazes que com as raparigas. Ou seja, também ao nível da partilha de informação significativa (que é um item relacionado com a utilização dos outros enquanto *Porto e Base seguros*) a questão passa necessariamente pelo género quer de pais, quer de filhos.

Jiménez e Delgado (2002) encontraram resultados diferenciais ao estudarem a comunicação e o conflito na família ao longo da adolescência, desta feita na forma como



cada jovem se relaciona com os pais. Existiu evidência de que as raparigas comunicam mais e têm menos conflitos com ambos os pais que os rapazes, porém, exibem também menores índices de autonomia relacional. Na mesma senda encontram-se os resultados de Oliva, Parra e Sánchez-Queija (2002a e b) onde as raparigas, independentemente da idade (dos 13 aos 19 anos), percebiam maior apoio parental e por parte dos pares que os rapazes adolescentes.

Em conclusão, os estudos permitem de algum modo supor que no período da adolescência, embora a construção da identidade e a procura de autonomia sejam processos complementares e reivindicuem um distanciamento relativamente aos pais, tal não implica que haja um corte emocional na relação entre pais e filhos. Antes pelo contrário, o que parece surgir em cada investigação é de facto que o processo de individuação coexiste com a manutenção da qualidade da relação parental, parecendo ser este o modo mais adaptativo do sujeito psicológico se constituir enquanto entidade própria, *self* ou se quisermos, identidade.

Tendo em conta tudo o que temos vindo a salientar em termos do sistema de vinculação, é possível vislumbrar que a nossa sinopse segue a direcção de considerar, tal como Bowlby, que as relações de vinculação iniciais são de facto basilares em termos do que somos enquanto seres relacionais e enquanto espécie, porém considerando que a história de cada um não se resume à qualidade das relações iniciais. Como sistema de sobrevivência que é, e na perspectiva de que inevitavelmente existirá um ponto no ciclo de vida onde os pais deixarão de existir, a vinculação permite integrar a partir da existência de alguma maturidade física e mental (na adolescência), outros significativos nas nossas redes hierárquicas, processo aliás a que extensamente nos referimos no ponto 1 deste capítulo a propósito da transferência de vinculação. Assim, iremos tentar observar ainda com maior profundidade, de que modo os estudos encontraram justamente esta associação entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares e par amoroso (ou não), prevendo em que circunstância há funcionamentos de continuidade e contiguidade entre domínios relacionais ou inversamente onde é que a mudança ou a existência de mudança de um funcionamento inseguro na relação com os pais a um seguro aos pares (ou vice-versa) é mais provável.

Actualmente começa já a ser posta em prática a necessidade levantada por Bowlby de investigar diferencialmente o papel que cada progenitor tem no desenvolvimento de filhos e filhas, do qual fazem eco alguns dos resultados que acabámos de apresentar. Trata-se, na nossa perspectiva, de introduzir questões sociais e culturais, onde o papel da mulher se confunde com o de mãe enquanto prestadora de cuidados e o do homem/pai com o de suporte das necessidades físicas mais elementares (provedor de suporte financeiro). O processo de desenvolvimento pessoal passa também, e inevitavelmente, pelo contexto cultural de proveniência das unidades familiares. A civilização ocidental transporta consigo

uma narrativa que, pese embora com diferenças claras ao nível da promoção da autonomia pessoal entre as culturas anglo-saxónicas e as do sul da Europa, mantêm em comum a noção de que o papel do prestador de cuidados até à adultícia está inevitavelmente atreito às mães. Por isso mesmo é possível que estejamos a enviesar quer as avaliações de mães, quer as de pais, já que o seu papel não implica que as mesmas dimensões tenham um mesmo peso em se tratando de cada um deles; mais ainda, a avaliação é normalmente observada do ponto de vista materno, o que muitas vezes faz com que as conclusões retiradas dos estudos permitam uma certa imagem dos pais homens como mais *desinvestidos* da vida emocional dos seus filhos. Contudo, sendo um sistema de sobrevivência, a vinculação não pode deixar de integrar no seu *software funcional* as características sociais específicas de cada cultura, pelo que na realidade as *diferenças encontram-se*.

Ainda acerca da influência diferenciada de mães e pais na vida dos seus filhos e filhas, Bailey, Repinski, Daniel e Zook (2002) estudaram uma amostra de adolescentes que frequentavam uma escola americana rural no 7º e 10º anos de escolaridade. Constatou-se que os rapazes, por comparação às raparigas, relatavam uma maior proximidade subjectiva a ambos os pais. Em geral, os adolescentes relatavam passar mais tempo e iniciar mais actividades com a mãe que com o pai, relatando concomitantemente maior emotividade positiva e proximidade para com a mãe que com o pai. Encontraram-se também efeitos de género de pais e adolescentes relativamente à quantidade de tempo e as actividades em conjunto. Assim as raparigas relataram mais tempo e maior número de actividades na relação com a mãe enquanto que os rapazes replicavam este relato em relação ao pai.

Na validação do *Parental Bonding Instrument* Parker, Tupling e Brown (*PBI*, um instrumento retrospectivo; 1979) estudaram uma amostra entre os 17 e os 40 anos, observando que as mães eram experienciadas como mais carinhosas e protectoras que os pais embora não se encontrassem diferenças de género relativamente aos filhos. A este propósito referimos também os resultados de Baptista e Lory (1997) que na sua adaptação do mesmo instrumento à população adulta portuguesa, não encontraram também diferenças de género para três das dimensões do instrumento (*Carinho na relação com o pai*, *Carinho na relação com a mãe* e *Protecção na relação com a mãe*). Observaram contudo que na dimensão *Protecção na relação com o pai*, o género feminino detinha *scores* mais elevados que o masculino. Resultados similares foram também observados por Rice, Cunningham e Young (1997) com o mesmo instrumento, desta feita em duas amostras (estudantes negros e estudantes brancos) com idades médias entre os 19.83 e os 21.90, respectivamente.

Matos e colaboradores (Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999) estudaram a vinculação parental na adolescência (final) e o seu relacionamento com a identidade numa

amostra de 361 adolescentes portugueses entre os 16 e os 22 anos de idade (12º ano de escolaridade). A metodologia utilizada recorreu a instrumentos de auto-relato<sup>26</sup>.

Os resultados indicaram diferenças de género relativas a algumas das dimensões de vinculação, nomeadamente a obtenção de resultados mais elevados das adolescentes se comparadas aos rapazes no que concerne à *Qualidade do laço emocional* e à *Ansiedade de separação e dependência* na relação com ambos os pais. Não havia contudo este efeito de género em se tratando da dimensão *Inibição exploração e individualidade*. As raparigas obtiveram também resultados mais elevados de *Inibição de exploração e individualidade* com o pai que com a mãe, o que de algum modo se pode explicar pela especificidade cultural desta amostra; no contexto português a imagem do pai protector das filhas sobretudo ao nível das relações com pares é um modelo fortemente enraizado, pelo que a premência na adolescência do desenvolvimento da identidade através do par sejam praticamente impossíveis de explorar com uma figura paterna superprotectora.

Genericamente, parece que as raparigas são mais investidas no relacionamento com as mães que com os pais, embora mais dependentes das mães; também em comparação com os rapazes, parece existir evidência de que o *Laço emocional* nas raparigas é mais robusto relativamente a ambos os elementos parentais, e por consequência os níveis de *Ansiedade de separação e a dependência* encontrados foram também mais elevados. As raparigas referem as relações com o pai como mais inibidoras que com a mãe. Nos rapazes os resultados indicaram relações com laços emocionais próximos com ambos os pais, e surpreendentemente referiram sem diferenças comparativamente às raparigas, a mesma inibição parental da exploração e da individualidade, não se podendo encaixar aqui a mesma justificação cultural referida para o género feminino. E se os pais portugueses detiverem práticas educativas não orientadas para a autonomia que se reflectem posteriormente na segurança dos filhos adultos (*vide* conclusões similares em Allen & Hauser, 1996), então a transferência de vinculação dos pais aos pares poderá ser mais precoce nos adolescentes portugueses ao nível da componente *Base segura*, o que em última instância explicaria também o porquê da *Procura de proximidade* (primeira componente a ser teoricamente transferida dos pais aos pares) expressa na “dependência” continuar a estar presente nos jovens portugueses.

Para as raparigas, sobretudo porque a robustez superior do laço com as mães por comparação ao dos filhos parece ser replicado em diversos estudos (Berman & Spearling, 1991; Matos 2002; Neves, Soares & Silva, 1999; van Wel, 2002), pode fazer supor que a vinculação das mães às suas filhas pode ter uma função protectora relativamente ao estatuto feminino nas sociedades ocidentais.

---

<sup>26</sup> *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos & Costa, 1997) e o *Objective Measure of Ego Identity Status* (EOMEIS; Bennion & Adams, 1986).

Num estudo que integrou tríades de mães, pais e filhos (Oliveira & Costa, 2005), foram encontrados resultados diferenciais no que concerne à associação entre os estilos de vinculação à mãe e ao pai e percepções de satisfação dos filhos relativamente a ambos. Assim, os Seguros ao pai percepcionavam maior amor à mãe que Amedrontados e Desinvestidos, sem que contudo existisse diferença nas percepções de Desinvestidos e Preocupados; já nos padrões de vinculação à mãe, os resultados indicaram que os Seguros tinham maior percepção do amor da mãe que Preocupados e Desinvestidos, sendo que entre Desinvestidos e o padrão Amedrontado não se encontraram diferenças significativas. Por seu turno, Bastos e Costa (2005) verificaram em jovens universitários que a qualidade da relação com a mãe é a principal dimensão na protecção do adolescente ao aparecimento da solidão, sendo a qualidade da relação paterna o segundo preditor a ter em conta. Quanto a factores protectores da solidão, encontrou-se evidência de que uma das condições das condições era a *Ansiedade de separação* na relação com a mãe contudo, não com o pai.

Tendo em conta a revisão efectuada, a questão do género parece ter muito a ver quer com especificidades das amostras mas também com os instrumentos utilizados na avaliação da vinculação e ainda, com características culturais que importa não descurar.

Se por um lado encontramos um corpo de estudos que analisa a importância diferencial de cada elemento da parentalidade na vida dos seus filhos, por outro, investigações há que optam por cingir-se ao estudo da qualidade de vinculação a apenas um dos progenitores (ou a ambos em conjunto) e a sua associação à qualidade das relações com pares.

## 2.2. O género dos adolescentes e as relações com pares e par amoroso

*“O padrão comportamental específico de vinculação exibido por qualquer indivíduo é função em parte da sua idade, sexo, e circunstâncias de vida presentes e em parte das experiências que deteve no inicialmente com as figuras de vinculação.” (Bowlby, 1988, p. 129-130).*

Os estudos da área da vinculação também abordaram as características individuais dos adolescentes nas relações que estes estabelecem com os pares e o par amoroso.

Quando falamos acerca de diferenças de género no que respeita os modelos dinâmicos internos dos adolescentes nas interacções com pares, Markovits, Benenson e Dolenszky (2001)<sup>27</sup> apresentam resultados que apontam para desigualdades na comparação entre rapazes e raparigas.

---

<sup>27</sup> O estudo recorreu a uma amostra mista (rapazes e raparigas) de 278 sujeitos da área geográfica de Montreal (com idades médias compreendidas entre os 5 e os 16 anos de idade) foram administradas 4 versões de um questionário de auto-relato por referência a uma figura típica, feminina ou masculina, de idade correspondente à dos respondentes; na prática cada sujeito responde a 2 questionários (na versões 1 e 2, são apresentadas

Os resultados indicaram que rapazes e raparigas têm representações diferenciadas das preferências de tamanho de grupo de pares; os relatos das representações dos rapazes indicam que estes preferem as interações de grupo às diádicas, antepondo as interações de jogo às de sentar e falar, e no geral são também percebidos pelos outros como preferindo as actividades de grupo. Por seu turno, as raparigas são percebidas como preferindo a actividade de sentar e falar à de jogo, embora não fosse clara a percepção acerca da preferência pela interacção diádica ou de grupo. Acerca da dimensão “estruturação da amizade”, os resultados observaram que rapazes que são amigos de um rapaz alvo (já a partir de uma idade média de 8 anos), são percebidos como tendo maior probabilidade de se tornarem amigos mútuos que raparigas em situação similar, os rapazes tendem assim a serem percebidos como preferindo uma estrutura interrelacionada de amizades e as raparigas uma organização mais diádica.

Quanto ao conhecimento de informação acerca dos amigos, os resultados mostraram que no 6º ano de escolaridade os sujeitos afirmavam que as raparigas, mais que os rapazes, teriam maior probabilidade de saberem as datas dos aniversários dos amigos, nomes de parentes, notas escolares e amizades, embora as cotações referentes às preferências dos amigos sejam mais mistas. Na questão relativa ao desporto favorito dos amigos, os sujeitos cotaram como sendo mais provável que os rapazes saibam qual este é, em claro contraste com a cotação dada às raparigas. Os resultados poderão indiciar que se as representações acerca das interações com pares são diferenciadas por género, talvez os modelos dinâmicos internos na relação com pares o sejam também, e dentro desta categoria, que seja maior a probabilidade de que sejam as raparigas a deterem resultados mais salientes nas dimensões *Base segura* e *Procura de apoio* já que parecem eleger relações de tipo mais diádico, onde o elicitar e o prover destas funções estão facilitadas.

Berndt é um autor que tem vindo a estudar com rigor a amizade (Berndt, 1999, 2004). Num estudo em que se pretendia observar na adolescência a influência dos amigos na adaptação à escola ao longo de um ano (Berndt & Keefe, 1995), os autores recorreram a alunos de escolas públicas a frequentarem os 7º e 8º anos de escolaridade (média inicial etária de 13.8 anos). Um dos resultados transversais da investigação diz respeito ao modo mais positivo como as raparigas viam as suas relações de amizade em comparação com os rapazes, corroborado aliás por uma outra análise que encontrou indícios de que os rapazes sabiam menos acerca dos comportamentos dos melhores amigos que as raparigas. Mais ainda, a adaptação das raparigas à escola era mais influenciada pelos melhores amigos que a dos rapazes, contudo, quanto mais os melhores amigos dos rapazes estavam envolvidos nas aulas, menos investidos nas estavam nas relações. Ou seja, parece que a qualidade

---

questões acerca de uma rapariga alvo, seguidas por questões acerca de um rapaz alvo; nas versões 3 e 4 o esquema de resposta mantém-se, invertendo-se a ordem do género nas perguntas).

das relações era mais elevada no género feminino que no masculino, e embora as relações com os pares influenciassem quer rapazes quer raparigas, não era nas mesmas dimensões que essa influência se fazia sentir.

Shulman, Levy-Shiff, Kedem e Alon (1997) e Shulman e Scharf (2000), no estudo a propósito das associações entre as relações de pares e amorosas, quiseram ver até que ponto os níveis de intimidade eram semelhantes em rapazes e raparigas (em relações românticas e de pares do mesmo género) e, de que modo as relações de pares afectavam as relações amorosas. Recorreram a 43 casais de adolescentes (média etária de 17.25 anos) que mantinham a relação há pelo menos três meses. A escala de auto-relato utilizada para avaliação da intimidade era de cinco dimensões: Proximidade emocional, Controlo, Similaridade, Relacionamento equilibrado e Respeito. Por seu turno, a abertura de comunicação pessoal ou *self-disclosure*, foi avaliada com recurso a três subescalas: Família, Amizade e Corpo<sup>28</sup>.

Os rapazes, comparativamente às raparigas, relataram níveis mais baixos de Proximidade emocional, Similaridade e Controlo nas relações de amizade do mesmo género, embora na relação amorosa relatassem níveis similares de intimidade. As raparigas, mais que os rapazes, detinham níveis de intimidade similares nas relações amorosas e de amizade e respeitavam mais quer o par do mesmo género, quer o par amoroso. Quanto à abertura de comunicação, nos rapazes era relatada em grau menor que nas raparigas apenas nas relações com os amigos, reportando maiores índices de *self-disclosure* na relação amorosa em *Amizade e Corpo* que os pares do género feminino.

Sulman e Scharf (2000) verificaram que as raparigas exibiam maior nível de intensidade afectiva nas relações amorosas que os rapazes, e que a vinculação e os cuidados eram reconhecidos, mais pelas raparigas que pelos rapazes, como vantagens da relação amorosa.

Em suma, os resultados da investigação não são robustos, porém, são mais consistentes relativamente à qualidade relacional por parte das raparigas que dos rapazes quer em se tratando das relações de pares do mesmo género, quer com o par amoroso, (Diamond & Dubé, 2002; Giordano, 2003, Grabill & Kerns, 2000; Wilkinson, 2006; Wilkinson & Sarandrea, 2005).

As diferenças específicas de género nas relações de pares parecem também ser um caminho da investigação que importa não desprezar, sobretudo se se tiverem em conta dados transculturais que podem permitir ver estas diferenças do ponto de vista das especificidades de cada cultura, país ou mesmo região.

---

<sup>28</sup> Para descrição aprofundada das medidas utilizadas *vide* Shulman, Laursen, Kalman e Karpovsky (1997).

### 2.3. Associações entre contextos relacionais com pais e pares

*“Há hoje evidência acumulada e impressionante de que o padrão de vinculação que um indivíduo desenvolve ao longo dos anos de imaturidade – primeira infância, infância e adolescência – é profundamente influenciado pelo modo como os pais (ou outras figuras equivalentes) o tratam.” (Bowlby, 1988, p.123-124).*

Numa revisão da literatura Berlin e Cassidy (1999) encontraram estudos que associavam a vinculação na primeira infância aos pais e os laços de amizade construídos na infância. O resultado deste exame ao nível das investigações transversais, verificou que uma qualidade segura na relação com as mães se associava a maior reciprocidade nas relações com os pares. Assim, mesmo que a associação não seja directa mas mediada pelas competências relacionais, parece que a qualidade dos relacionamentos com os pais na infância (se ausentes acontecimentos de vida fortemente ansiogénicos) influencia a vinculação noutros contextos relacionais no período imediatamente anterior ao adolescente.

Black (2002), ao estudar<sup>29</sup> as associações entre as interações mães-adolescentes e adolescentes-melhor amigo (adolescentes dos 13 aos 18 anos de idade) numa perspectiva dimensional (*Conflito, Evitamento, Competências de comunicação, Validação de apoio e scores de resolução de problemas*), observou resultados que vão na direcção da continuidade comportamental entre ambas as relações. Assim, os adolescentes que exibiam mais evitamento para com as mães demonstravam uma tendência para mais evitamento e menos validação de apoio com os melhores amigos; ao contrário, os adolescentes que exibiam maiores índices na comunicação com as mães patenteavam, tendencialmente, menos conflito e menor evitamento e mais validação de apoio e resolução de problemas com os melhores amigos. Finalmente, os adolescentes com maior validação de apoio com as mães exibiam a mesma tendência para com os melhores amigos. Geralmente existia mais conflito e menos evitamento com as mães do que com os melhores amigos, existindo uma relação entre o comportamento nos dois domínios relacionais embora este comportamento mostrasse diferenças ao nível de cada um dos domínios.

Podemos verbalizar que, a partir das dimensões de segurança de vinculação que foram avaliadas, parece que a segurança na relação com a mãe contribui positivamente para a segurança nas relações com os pares significativos, embora a discussão (ou a exploração com manutenção da relação, diríamos nós), é preferencial na relação com as mães, considerando-as deste ponto de vista como *Bases seguras*. Talvez quando a relação for “*mais*” segura com os pares, haja maior probabilidade de exploração e, por isso, de

---

<sup>29</sup> A investigação utilizou um procedimento de interações vídeo gravadas entre mãe-adolescente e adolescente-melhor amigo, tendo estas sido cotadas segundo o *Interactional Dimensions Coding System* (Julien, Markman & Lindahl, 1989; Julien, Markman, Lindahl, Johnson & van Widenfelt, 1987).

discussão, sem que a relação seja posta em causa. Mais ainda, este estudo permitiu também constatar a transferência de vinculação como um processo sequencial e faseado, tal como avançado por Hazan e Zeifman (1994), sobretudo quando se nos deparamos resultados onde há maior conflito com as mães, mas menos evitamento (naturalmente porque a componente *Base segura* se encontra apenas na relação com os pais em idades menos elevadas, e só mais tarde é transferida a outros domínios relacionais).

Por outro lado, a continuidade parece acontecer de forma directa (de dimensão a dimensão), por exemplo, a *Validação de apoio* (as capacidades de comunicação que induzem apoio e compreensão no parceiro) na interacção com as mães tinha um correlato directo na mesma dimensão mas com os amigos; mas há também a formulação indirecta, isto é, se com as mães existe determinada característica, por exemplo maior índice comunicacional, com os amigos existe menos conflito e menor evitamento, o que permitirá um estabelecimento relacional com maior probabilidade de durabilidade no tempo e, uma posterior capacidade de que o par possa vir a funcionar enquanto *Base segura*.

Black e Schutte (2006) encontraram diferenças de género relativas aos pais numa amostra de 205 jovens entre os 18 e os 22 anos de idade. Estudaram eventuais associações entre representações actuais de vinculação aos pais (recorrendo ao IPPA), representações na infância (recolhendo dados através da AAI), e dos sentimentos e comportamentos nas relações românticas na adultícia através da medida de Collins e Read (1990, *Adult Attachment Scale*, AAS). Assim, os jovens que relataram terem relações mais seguras quer às mães quer aos pais, confiavam mais e eram mais prováveis procurar os pares amorosos como *Portos seguros* em situações ansiogénicas. Contudo, enquanto que a *Confiança* e a *Alienação* na relação com a mãe se associavam à *Confiança* na relação amorosa, na relação com o pai apenas a *Alienação* se associava à última, embora a *Alienação* com o pai (e não com a mãe) se associasse com o ciúme e com o “agarrar ansioso” ao parceiro amoroso. Estudos há que não observaram diferenças de género nas relações de vinculação aos pais, e aqui falamos com certeza das observações de Armsden e Greenberg (1987) a propósito dos seus estudos de validação do IPPA; apesar dos resultados, os autores alertaram para a necessidade de realizar estudos diferenciados por género parental. Falamos também de Rice, Fitzgerald, Whaley e Gibbs (1995) que em universitários (caloiros e finalistas) apenas encontraram diferenças de género nas dimensões do IPPA respeitantes aos pares. Ainda a este propósito, encontramos os resultados de Vivona (2000) que numa amostra entre os 18 e os 43 anos de idade, e numa outra com média etária de 18.12 anos, não encontrou diferenças significativas nos *scores* masculinos e femininos das três dimensões do IPPA (*Confiança*, *Comunicação* e *Alienação*).



Ao estudar a relação entre a vinculação adolescente, as relações de pares e o sucesso escolar<sup>30</sup>, Carlivati (2001) utilizou uma amostra de 169 adolescentes (89 rapazes e 77 raparigas) dos 9º e 10º anos de escolaridade com uma amplitude etária entre os 14 e os 18,75 anos de idade (média 15.9). O estudo permitiu afirmar que os adolescentes com organizações de vinculação mais seguras aos pais, percebem-se e são percebidos pelos amigos como detendo maiores índices de aceitação social; os resultados também observam que o ter uma amizade próxima é um factor protector para o risco de interacções disciplinares negativas, no entanto não podemos dizer pelos tratamentos estatísticos apresentados se estas relações próximas são ou não de vinculação, especulando no entanto que servindo algumas das suas funções, contribuiriam para a estabilidade do meio e, por isso mesmo, serviriam também a continuidade. Salientamos sobretudo o papel da vinculação à mãe como factor de influência futura em diversas esferas relacionadas com competências relacionais, especulando-se que a influência da vinculação às mães medeia de forma mais vincada que a dos pais (homens) o relacionamento posterior com o par amigo.

Integrando três contextos relacionais no seu estudo, interessantes conclusões retiraram Margolese em conjunto com Markiewicz e Doyle (2005) da análise de dados obtidos a partir das respostas ao *Relationship Questionnaire* (para mãe, pai, melhor amigo e relação amorosa) de 134 adolescentes com média etária de 16.95 anos. Assim, observaram que o modelo do *self* era mais positivo relativamente às relações de vinculação com pais e com pares (sem que existissem diferenças significativas entre os *scores* das três relações) que com o par amoroso (com valores significativamente inferiores aos das restantes relações), enquanto que o modelo dos outros era mais positivo na relação com os pares (sem diferenças significativas nos *scores* entre pares e par amoroso) que com os pais, e mais ainda, que na relação com os pares amigos a dimensão protótipo do outro era mais positiva que na relação com ambos pais, e que a do par amoroso era mais positiva que a do pai. Dito de outro modo, os modelos do *self* continuam fortemente influenciados quer por mãe quer por pai, embora os pares amigos estejam nesta fase ao mesmo nível dos pais,

---

<sup>30</sup> Nesta investigação foi utilizada a AAI e o Q-Set (George, Kaplan & Main, 1996; Kobak, Cole, Ferenz-Gillies, Fleming & Gamble, 1993), em ordem a sondar as descrições dos relacionamentos ao longo da infância com os pais; a entrevista foi adaptada para a faixa adolescente. Foi também utilizado IPPA para aceder às percepções de Confiança, Comunicação e Alienação nos relacionamentos com as mães e os pares. A aceitação social e a competência nas relações de amizade próxima foram avaliadas através do *Adolescent Self-Perception Profile* (Harter, 1988); foram também obtidos os resultados escolares dos participantes, informação acerca de acções disciplinares tomadas para com os sujeitos e por último foi utilizada uma medida de atitudes em relação à escola (*Total Attachment to School*, adaptada da *Quality of School Life Scale – QSL* – de Epstein e McPortland (1976/1978).

A amostra era maioritariamente composta por europeus-americanos (59.6%), embora englobasse ainda 38.6% sujeitos afro-americanos e 1.8% de outras fontes étnicas. Existiam na amostra adolescentes de escolas públicas de áreas urbanas, suburbanas e áreas moderadamente urbanas, cujo critério de inclusão era o risco académico dos jovens (embora com um leque bastante alargado de situações, que abrangiam tanto aqueles que detinham dificuldades ocasionais quanto aqueles com dificuldades escolares graves). Os pares eram recrutados através do questionamento dos sujeitos acerca da nomeação de cerca de 5 amigos (média etária obtida para estes participantes foi de 16.4), perfazendo um total de 129 sujeitos/pares da amostra adolescente do estudo.

porém, a imagem do outro sofre maior influência positiva por parte de ambos os tipos de pares. Por seu turno, Freeman e Newland (2002) encontraram diferenças de gênero na vinculação aos pais, que se associava posteriormente à vinculação com o par amoroso e o par amigo. O compromisso (*Commitment*<sup>31</sup>, no original) relacional das filhas com as mães era associado negativamente com seis das sete qualidades das relações românticas (Satisfação, Compromisso, Protesto de separação, Procura de proximidade, Base segura, Respeito e Companheirismo), sendo a exceção no Protesto de separação, assim como o companheirismo com o namorado se associava negativamente com cinco das qualidades relacionais com as mães. Um padrão semelhante de interações negativas foi encontrado para as raparigas e os pais (homens) e os parceiros amorosos, embora um pouco mais baixas que as anteriores.

Nos rapazes os resultados indicaram associações não consistentes e não significativas entre a qualidade das relações parentais e as amorosas.

Quanto ao melhor amigo do mesmo sexo, os resultados foram no sentido de que o companheirismo no relacionamento com os pais (homens) e as filhas era preditor negativo da qualidade de relacionamento com a melhor amiga; já o relacionamento com as mães não parecia influir no relacionamento de melhor amiga. De novo encontramos um padrão de funções diferenciadas nos relacionamentos com pai e com mãe. Nos rapazes, o compromisso com a mãe e o respeito desta para com ele, eram os preditores positivos mais fortes da qualidade de relacionamento com o melhor amigo. Em suma, a relação com o pai parece associar-se fortemente com as relações amorosas nas raparigas, enquanto que era a relação materna com os rapazes produzia efeitos ao nível relacional com o melhor amigo.

Os autores levantaram então três hipóteses explicativas dos resultados obtidos: o modelo compensatório (se o relacionamento com os pais não fosse satisfatório, existiria compensação nos relacionamentos com pares e par amoroso); o modelo contínuo (existiria continuidade de qualidade relacional entre os diferentes domínios relacionais); e finalmente, o modelo independente (não existiria relação entre domínios relacionais). Os dados parecem encaixar-se no modelo compensatório para as raparigas, ou seja, tendem a compensar a falta de qualidade relacional com os pais, através das relações com pares e par amoroso. Ao invés, nos rapazes não parece haver ligação entre a qualidade relacional com os pais e a relação amorosa (os rapazes não procuram namoradas para colmatar a insatisfação relacional com os pais), embora haja uma associação positiva entre a relação com os pais e a relação com o melhor amigo. Concordantes com estes resultados, também Matos (2002) encontrou evidência de que a relação com o pai é aquela que mais influencia a relação romântica ao nível da *Dependência* e que é a relação com a mãe a influenciar o funcionamento amoroso em termos de *Evitamento* dos pais.

<sup>31</sup> Um exemplo da dimensão é o item "How sure are you that this relationship will last no matter what".

Por seu turno Klohnen, Weller, Luo e Choe (2005) quiseram estudar a organização e o poder preditivo dos modelos de vinculação no final da adolescência (19 anos de idade, em duas amostras) quer ao nível dos modelos gerais, quer no que diz respeito aos modelos específicos de vários contextos relacionais (mãe, pai, melhor amigo e par amoroso)<sup>32</sup>.

Desde logo foi encontrada evidência de uma maior similaridade entre as representações de vinculação de cada um dos pais e as representações quer dos pares, quer do par amoroso, que entre outro qualquer par de representações avaliadas. Tendo em conta as dimensões *Ansiedade* e *Evitamento*, verificou-se também que as semelhanças entre as quatro representações eram maiores em termos da primeira das dimensões que da última. Também se observou que as correlações eram significativamente mais elevadas entre os modelos gerais de vinculação e os modelos dos pares (românticos e de amizade) que entre os modelos gerais e os dos pais.

Em 2002 um grupo de investigadores (Ducharme, Doyle e Markiewicz) quis estudar as eventuais associações entre a segurança de vinculação à mãe e ao pai e os afectos e comportamentos observados na interacção com pais e pares, em adolescentes de 15 e 16 anos. A vinculação ao pai e à mãe foi avaliada com recurso ao *Relationship Questionnaire*, enquanto que aos adolescentes foi solicitado o preenchimento de um diário no qual relatavam as suas interacções interpessoais diárias (ao longo de 7 dias) com pais e pares. Os resultados encontraram evidência de que os auto-relatos de segurança de vinculação com as figuras parentais se associavam às descrições das interacções dos diários. Assim, aqueles que eram Seguros à mãe descreviam menor número de interacções com afectos negativos com ambos os pais, enquanto que os que se enquadravam num padrão Desinvestido à mãe relatavam maior ruptura nas situações de conflito com ambos os pais. Por seu turno, os Seguros à mãe cotavam-se como emocionalmente mais expressivos que os inseguros em todas as relações consideradas, enquanto que a segurança na relação com o pai se associou a relatos de menor conflito nas relações com os pares.

Wyndol Furman (1999, 2000, 2001) é um dos autores que mais tem trabalhado as questões da associação entre as relações de vinculação pais e aos pares na adolescência. Tem sido um autor extremamente preocupado com as questões da vinculação na adolescência, e embora a sua formação advenha da área da psicologia social, o seu papel tem sido preponderante sobretudo ao nível do estudo das relações dos adolescentes com pares e pares amorosos. É ele um dos autores que se focaliza na necessidade de ter em

---

<sup>32</sup> As medidas utilizadas foram *Relationship Questionnaire* em cada uma das relações em estudo e o *Circumplex Measure of Attachment-Based Self-Representations* (CMABS, Klohnen, 2005), uma medida dos modelos internos de funcionamento para cada relação. Estes dois instrumentos foram também a base para a avaliação do modelo geral. Além destas medidas avaliaram-se diversos indicadores de bem-estar geral (Estabilidade emocional; Auto-estima e Resiliência do ego) tendo sido ainda obtidas medidas da qualidade de cada relacionamento (Experiências relacionais positivas; Qualidade relacional; envolvimento na relação e ainda um índice compósito das três medidas anteriores).

conta o sistema afiliativo no universo adolescente, acrescentando-o ao modelo tradicional do desenvolvimento que aponta os sistemas comportamentais de vinculação, sexual e de prestação de cuidados como envolvidos no crescimento humano a partir da adolescência (Furman & Wehner, 1997).

Com Simon e Wehner (Furman & Simon, 1999; Furman & Wehner, 1994, 1997) trabalharam dados obtidos a partir de uma amostra de adolescentes de 243 raparigas a frequentarem os 10º e 12º anos de escolaridade e a universidade<sup>33</sup>. Concluíram destes estudos que as diversas relações se associavam fortemente em termos de escalas que avaliavam cada contexto em estudo, pelo que seria possível falar de um *estilo relacional genérico*. Verificaram também que os estilos relacionais na relação amorosa (Preocupado, Desinvestido e Seguro) se associavam às experiências específicas da relação amorosa, porém, o funcionamento interno seguro nas relações de amizade e os estilos de vinculação na relação amorosa estavam associados. Mais ainda, embora fossem encontradas associações entre a vinculação aos pais, pares e pares amorosos, a relação entre os dois primeiros contextos era significativa, porém, entre pais e par amoroso não acontecia assim, se bem que as associações decorriam no sentido esperado. É ainda sugerido que as representações de vinculação aos pares medeiam a associação entre as representações de vinculação aos pais e ao par amoroso, e ainda que o papel das relações de amizade em termos de ciclo vital é justamente transportar para as relações amorosas quer o que foi apreendido nas relações com os pais, quer a especificidade das relações com pares. Quanto a nós esta perspectiva faz todo o sentido, justamente porque as relações desiguais de poder com os pais e paralelas com os pares são os ingredientes para o funcionamento dos sistemas de vinculação, sexual e de afiliação nas relações amorosas.

Em 2001 Furman apresenta um trabalho de síntese acerca das associações entre a vinculação aos pais e os modelos internos de funcionamento nas relações com pares e par amoroso. Inicialmente refere-se ao trabalho realizado a partir de uma amostra<sup>34</sup> de 68 adolescentes a frequentarem o ensino secundário (Furman, Simon, Shaffer & Bouchev, 2002). O estudo recorreu a entrevistas em ordem a avaliar as representações de vinculação (a AAI para os pais e entrevistas similares para amigos e par amoroso)<sup>35</sup> das quais resultava a classificação clássica em Seguros, Preocupados ou Desinvestidos em cada relação.

<sup>33</sup> Pretendia avaliar-se quer as percepções conscientes de vinculação, prestação de cuidados e comportamentos de afiliação na relação com mães, pais, amigos mais íntimos e pares amorosos (Behavioral Systems Questionnaire (Furman & Simon, 1999; Wehner, 1982), quer o estilo de vinculação nas relações adultas (WHOTO, Hazan e Shaver, 1987); apenas em 54 raparigas do ensino secundário foi ainda aplicada a *Romantic Relationship Interview* (uma medida baseada na AAI; Furman & Simon, 1999).

<sup>34</sup> 54% dos jovens viviam com ambos os pais e os restantes em famílias monoparentais. Em média os adolescentes relataram ter 8.4 amigos e ter namorado em média com 8.9 parceiros. Actualmente três terços encontravam-se em relação de namoro.

<sup>35</sup> Além das entrevistas foram avaliados outros parâmetros psicológicos, nomeadamente a rede relacional (NRI), a auto-estima global (*Rosenberg Self-Esteem Scale*; Rosenberg, 1965) e a sintomatologia pessoal (*Brief Symptom Inventory*; Derogatis & Melisaratos, 1983).

As representações de vinculação aos pais e aos pares amigos tinham um nível de concordância muito elevado, enquanto que a concordância entre representações pais e par amoroso era apenas de 46%. A concordância maior acontecia entre as representações de vinculação entre ambos os tipos de pares em estudo (61%). Aliás estes resultados estendiam-se ao nível das associações, tendo existido correlações positivas significativas entre estilos de vinculação a pais e a pares (as mais elevadas) e entre amigos e par amoroso, porém, as associações significativas entre estilos na relação com os pais e com o par amoroso aconteciam apenas nos estilos Seguros e Preocupado, sendo as mais baixas entre as observadas. Tendo em conta a questão das experiências específicas influenciarem também os modelos internos dessas mesmas relações, o estudo revelou que as percepções de apoio se relacionavam positivamente a modelos Seguros e negativamente aos Desinvestidos, enquanto que as interações negativas se associavam com os modelos Preocupados, quer nas relações de amizade íntima com pares do mesmo género quer com o par amoroso. O estudo encontrou evidência também de que o terceiro factor a ter em conta ao nível dos modelos internos das relações com pares e par amoroso é a auto-estima. Esta associava-se à relação amorosa, positivamente com o funcionamento Seguro e negativamente com o Preocupado, enquanto que a sintomatologia se associava positivamente com o estilo Preocupado nas duas relações avaliadas.

A propósito das relações românticas, Darling e Cohan (2002) ao estudarem as relações entre a ansiedade romântica, o evitamento e os sintomas depressivos<sup>36</sup> na adolescência média (alunos do terceiro ciclo e do secundário), integraram no seu estudo a hipótese de que as vinculações amorosas inseguras nesta faixa etária são parte de uma constelação de vinculações inseguras, e ainda que é um padrão geral de ansiedade relacional e de evitamento de intimidade que prediz a depressão. De facto a análise dos dados das autoras atribui 70% da variância no evitamento e 50% da variância na ansiedade a diferenças no modo como, por comparação, os adolescentes se sentem relativamente a uma e a outra relação havendo por isso grande similaridade entre ansiedade e evitamento relatados nas relações com pais (ambos os géneros), amigos e parceiros amorosos, embora a predição da depressão, genericamente, pareça ser realizada através da relação amorosa. De notar é contudo o resultado de que o evitamento na relação com o pai por si só predizia sintomas depressivos quando controlada a relação amorosa. Ora o papel da relação com o

---

<sup>36</sup> Relativamente aos sintomas depressivos, as autoras recorreram ao relato dos sujeitos do número de sintomas experienciados durante os últimos 30 dias através do recurso ao *Center for Epidemiological Studies Depression Index* (Radloff, 1977); a avaliação da vinculação efectuou-se a partir de duas escalas (Ansiedade e Evitamento) do questionário *Experiences in Close Relationships Scale* (Brennan *et al.*, 1998).

O abuso no relacionamento foi avaliado através do instrumento de Wolfe, Reitzel Jaffe e Lefevre (1998), *Conflict in Relationships Scale*, enquanto que a qualidade relacional, enquanto percepções dos comportamentos positivos e negativos dos parceiros na relação com o sujeito, foi medida através do *Personal Network Inventory* (Furman & Buhrmester, 1992). Por último recorreu-se à escala *Global Self-Esteem Subscale of the Harter Self-Perception Profile* (Harter, 1988) em ordem a avaliar a auto-estima.

pai, mais que a relação com a mãe, parece deter influências maiores no relacionamento amoroso dos filhos ao nível da dependência e, a relação com a mãe ao nível do evitamento (Matos, 2002), pelo que mais uma vez se nos depara a hipótese de que as funções de vinculação dos pais são diferenciadas relativamente ao desenvolvimento posterior dos seus filhos. O estudo de Matos (2002) com dados recolhidos através de entrevistas, encontrou evidência moderada da correspondência entre vinculação aos pais e vinculação ao par amoroso, embora tivessem existido 30% dos casos em que a insegurança na relação com os pais não se reflectia similarmente na relação com o par; mais ainda, em 36.5% dos casos os Seguros na relação com os pais invertiam esta categoria na relação com os pares.

Ainda Matos e Costa (2006) apresentam os resultados de um estudo que pretendeu aceder às associações entre a vinculação aos pais e a vinculação ao par amoroso em adolescentes, observando paralelamente quais as diferenças nas representações de vinculação tendo em conta o género de pais e de filhos. Recorreu-se a uma amostra de 82 adolescentes com média etária de 17.28 anos ( $DP=.55$ ), provenientes de famílias intactas. O estudo optou pela metodologia qualitativa empregando a *Entrevista de Avaliação da Vinculação à Família* e a *Entrevista de Avaliação de Vinculação aos Pares* (Bartholomew, 1997, 1996, respectivamente). Desde logo os resultados indicaram uma elevada concordância na representação de vinculação segura aos pais de ambos os géneros, embora, por comparação com o pai de género oposto, mais jovens foram classificados como Preocupados na relação com a mãe e mais Desinvestidos na relação com o pai. Quanto aos pares, análises dimensionais observaram que mais adolescentes eram Preocupados, Amedrontados e Desinvestidos nas relações de pares por comparação a ambos os pais, o contrário acontecendo relativamente ao quadrante Seguro. Estando os resultados de acordo com os de estudos de Furman e colaboradores, esta investigação encontrou também associações significativas e moderadas entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares. Em suma, embora sem diferenças de género quanto aos adolescentes, quer a vinculação ao pai quer a mãe parecem influenciar a relação amorosa dos seus filhos, embora de modo moderado, talvez porque esta associação poderá estar a ser mediada através das relações com pares amigos.

Ainda acerca das relações de vinculação aos pais e nas relações amorosas, numa amostra de 90 jovens casais (média de idade masculina de 20.10 anos de idade e feminina de 19.03), Simpson, Rholes, Oriña e Grich (2002) estudaram o modo como os modelos internos de funcionamento na vinculação aos pais (avaliados através da AAI<sup>37</sup>) e aos parceiros amorosos (avaliados através do *Adult Attachment Questionnaire*, AAQ; Simpson, 1990), prediziam a prestação e procura de cuidados espontâneos numa situação

---

<sup>37</sup> Por questões estatísticas, os resultados da AAI foram transformados em medidas categoriais: segurança de vinculação e hiperactivação da vinculação.

ansiosgénica<sup>38</sup> (avaliação dos funcionamento de *Porto seguro* e procura de *Base de apoio de exploração*, respectivamente).

Desde logo os resultados encontraram diferenças de género no que respeita as dimensões mencionadas, com as mulheres a obterem resultados de maior segurança que os homens. Os homens, por seu turno, obtiveram resultados significativamente mais próximos da área Desinvestida (AAI) enquanto que as suas parceiras obtiveram resultados mais próximos da área Preocupada. Quanto aos resultados em termos de género do AAQ e da AAI foram verificadas associações que não atingiram significância.

Em termos gerais as mulheres eram mais apoiantes do seu parceiro no caso de este procurar mais apoio, e genericamente as mulheres mais Seguras na AAI não ofereciam significativamente mais apoio aos seus parceiros, dito de outro modo, as mulheres Seguras são responsivas e promovem a autonomia dos seus parceiros (aliás, à imagem das mães que promovem a autonomia mas mantendo a relação afectiva com os seus filhos). Foram ainda as mulheres mais Seguras cujos parceiros procuravam o seu apoio, as que se revelaram as mais apoiantes. Ao invés, as Seguras cujos parceiros não procuravam o seu apoio verificaram-se ser as menos apoiantes (de acordo aliás com a teoria, porque os Seguros não procuram compulsivamente prestar apoio aos parceiros quando é activado o sistema de vinculação). Quanto a mulheres Evitantes, quando o grau de evitamento era baixo, o apoio prestado era significativamente maior que quando se tratava de mulheres com graus de evitamento mais elevados, embora não existisse evidência de interacção entre a procura de apoio por parte dos homens e o evitamento das mulheres. Relativamente à segurança masculina (AAI), nem os mais Seguros nem os menos Evitantes procuraram significativamente mais o apoio das parceiras, se comparados aos restantes elementos da amostra com menores índices de segurança.

Embora este estudo tenha sido realizado numa amostra considerada já de jovem adultícia, os resultados parecem sugerir que quando existe uma relação com sequência no tempo, a segurança de vinculação aos pais nas mulheres parece ser um item de continuidade no que concerne à disponibilidade e ao apoio (quando elicitados).

Finalmente, Allen e colaboradores (Allen, McElhaney, Kuperminc & Joddl, 2004; Allen, Porter, Tencer & Williams, 2003b) tinham já identificado muitas qualidades da relação mãe-adolescente como reflectindo o comportamento da componente *Base segura* de vinculação, qualidades que incluíam a resolução harmoniosa de desacordos e a capacidade de observar realisticamente os pais; estes atributos incluíam ainda aspectos relacionais tais como o grau de apoio na relação e o nível no qual as mães conheciam os seus filhos. O estudo encarou então estas medidas como indicadores de uma relação emocionalmente

---

<sup>38</sup> A situação ansiosgénica foi avaliada através de um procedimento experimental no qual era dito ao parceiro masculino que iria experienciar algumas situações que lhe provocariam ansiedade; aqui eram deixados os membros da diáde a sós e a interacção era filmada.

robusta a partir da qual o jovem procura a sua autonomia e explora a sua independência emocional, do mesmo modo que, por comparação, na infância as crianças procuram a independência física dos seus prestadores de cuidados primários. Posteriormente (Allen, Kuperminc & Moore, 2005; Allen, McElhaney, Land, Kuperminc, Moore, O'Beirne-Kelley, & Kilmer, 2003a) quis-se ainda avaliar se a relação com o pai se aliava do mesmo modo à segurança de vinculação na adolescência.

A amostra foi constituída por 155 rapazes e raparigas adolescentes (provenientes de uma escola pública de Charlottesville, na Virgínia), os seus pais (homens) e o seu melhor amigo/a. Os sujeitos foram observados aos 13 anos de idade e nos dois anos subsequentes (anualmente)<sup>39</sup>. Os resultados obtidos para o pai eram similares aos obtidos com as mães: os adolescentes Seguros tinham a capacidade de evocar a capacidade verbal de estabelecimento da autonomia na discussão, ao mesmo tempo que mantinham o grau relacional com os pais (em situação de desacordo).

Também se encontraram resultados idênticos aos da mãe quando observadas as tácticas de conflito usadas pelos pais (fora do laboratório, recorrendo ao auto-relato dos filhos através da *Conflict Tactic Scale* de Straus (1979; 1996; foram utilizadas apenas as escalas de racionalidade e de punição física). Os pais (homens) que elicitam a racionalidade na interacção com os filhos, têm filhos que na AAI obtiveram resultados mais seguros; por oposição, os pais que utilizam a punição física são mais prováveis terem filhos cujos resultados na AAI são inseguros. Tomadas em conjunto as quatro variáveis, encontrou-se evidência ainda que a ausência de punição e o uso da racionalidade, prediziam a segurança adolescente. Em suma: a segurança adolescente associava-se claramente com os comportamentos dos pais e das mães que predizem a autonomia e o grau relacional dos filhos (ou falta de relação, tal como observada a partir da medida do comportamento abusivo), e que os processos de vinculação adolescente devem ser vistos com recurso às relações parentais.

Alargando a pesquisa além das questões da autonomia, observaram-se os comportamentos dos adolescentes numa tarefa de comportamento de apoio em interacção com o/a melhor amigo/a<sup>40</sup>.

Os resultados correlacionais realçaram que diversos aspectos dos comportamentos do melhor amigo e do sujeito adolescente parecem associar-se com a segurança de

<sup>39</sup> 31% dos sujeitos eram afro-americanos e os restantes de descendência europeia. Em termos de medidas recorreu-se à AAI com o sistema de codificação de Kobak (Q-Sort) para a avaliação da organização de vinculação do adolescente. Os autores usaram ainda uma medida de observação da capacidade de desacordo enquanto que paralelamente se mantém a relação (utilizada já no estudo com mães); esta observação incluía a extensão na qual os adolescentes e seus pais trabalhavam para manter o relacionamento, validando as afirmações de cada um e realizando práticas de escuta activa.

<sup>40</sup> A tarefa consistia na discussão de um problema acerca do qual o adolescente alvo necessita de ajuda; a cotação era efectuada em quatro pontos: Apoio instrumental e emocional (elicitado e recebido); Grau de entrosamento com o amigo na interacção; Interpretação correcta do problema por parte do ouvinte; Aparente satisfação do sujeito com a interacção.



vinculação, particularmente com um grau elevado de envolvimento e com a satisfação com a interacção. A medida em que os amigos providenciavam apoio emocional e se envolviam na tarefa eram os factores mais associados à segurança de vinculação (podendo-se incluso prever a segurança de vinculação do alvo quer pelo comportamento do amigo, quer pelo do adolescente alvo). Mas introduzindo aqui uma pequena polémica, podemos dizer que se os sujeitos Seguros procuram amigos Seguros (*vide* Collins & Sroufe, 1999), então talvez estes resultados sejam um reflexo dessa preferência relacional associada ao padrão de vinculação.

Ao repetirem esta experiência com as mães dos adolescentes, observaram-se resultados interessantes: genericamente, mesmo aos 13 anos de idade, a qualidade da relação com o par “melhor amigo” desenrola-se de formas que sugerem que as funções desta relação podem ser similares às de uma relação de vinculação; mais ainda, estas ligações eram similares e apenas ligeiramente menos robustas que as existentes entre mães e adolescentes, pelo que a transferência de vinculação poderá de facto efectuar-se na adolescência (tal como avançado por Hazan e Zeifman, 1994) em algumas das suas componentes, da mãe para os pares “melhor amigo”.

Os autores foram ainda mais longe e colocaram-se a questão acerca do que acontece não só nas relações próximas com pares, mas também com um leque mais alargado de qualidades das interacções sociais (que não de vinculação, mas interacções diárias alargadas). Se por um lado pensaram que estas interacções não se reflectiriam na segurança, por outro, se a segurança se reflecte em equilíbrio emocional, autonomia e grau relacional, então talvez a segurança prediga o funcionamento do adolescente no contexto social alargado.

Aos 13 anos de idade existia uma contribuição modesta da segurança de vinculação que explicava a popularidade geral com os pares (medida através das nomeações dos pares aos sujeitos alvo), porém, aos 14 anos de idade essa relação aumentava em magnitude estatística.

Através das respostas ao *Inventory of Parent and Peer Attachment*, os adolescentes seguros relatavam ter relações claramente positivas com seus pares (em geral), o que está de acordo de novo com o estudo de Collins e Sroufe (1999), onde os seguros, apesar de preferirem seguros para as suas relações diádicas de par, eram aqueles que mais resultados positivos que negativos tinham nas relações com sujeitos inseguros.

Os autores concluíram que a segurança de vinculação não aparece ligada à capacidade de estabelecimento de relações mutuamente satisfatórias para lá das de amizade (pares não-românticos). Não se ficando por aqui, os autores tentaram saber mais acerca dos processos nas interacções com o grupo alargado de pares que, eventualmente, trouxessem luz ao sucesso que os adolescentes seguros tinham na esfera social alargada

circundante. Consideraram que os processos mais úteis para levarem o seu projecto a *bom porto*, se relacionavam com a autonomia dentro do grupo de pares, colocando então a questão do seguinte modo: “como é que os processos de estabelecimento/conquista de autonomia se reflectem nessas relações?” Estudaram o problema através do ponto de vista da dimensão *Pressão grupal*, dado considerarem ser esta uma dimensão fundamental no desafio à autonomia.

Foram questionados os pares próximos do sujeito alvo sobre o grau no qual o adolescente alvo era pressionado pelos pares para iniciar comportamentos de contrariedade do outro, agressão física e comportamentos ilícitos. Aos 13 anos de idade não houve evidência de associação entre a dimensão estudada e a vinculação, mas aos 14 anos a pressão do grupo aliava-se à segurança de vinculação (e também ao rendimento familiar). Os autores explicaram este resultado através de duas hipóteses: ou a pressão só se fazia sentir a partir dos 14 anos ou “a capacidade de relato dos pares próximos também só era notada nessa idade” (Adapt. de Allen *et al.*, 2003b). A partir daqui, as análises longitudinais indicaram que a insegurança de vinculação se associava à crescente experiência de pressão negativa dos pares (no grupo) a partir do início da adolescência, observando-se também que, do mesmo modo, a insegurança de vinculação também se associa com uma maior pressão das mães (tal como relato por elas mesmas), em termos do modo como os adolescentes se devem vestir e de questões gerais de aparência. Os autores concluíram então que a segurança de vinculação (tal como definida por Mary Main, ou seja estado de autonomia com valorização paralela do relacionamento de vinculação) associa-se “à capacidade de cada um se estabelecer como pessoa separada e autónoma ao longo de múltiplas relações sociais”.

Consideraram-se ainda os marcadores identificados como sendo simultâneos no modelo regressivo (Envolvimento observado com o par; Popularidade; Pressão dos pares; *Score* total de vinculação no IPPA). Os resultados foram indicadores que cada um deles contribuía para a variância única na explicação da segurança de vinculação adolescente<sup>41</sup>. Esta análise permitiu a construção de uma variável latente que os autores interpretaram como reflectindo a *Base segura* adolescente-par que, por sua vez, espelhava as quatro dimensões/marcadores; esta base é por sua vez fortemente relacionada com a segurança de vinculação tal como medida através da AAI.

Porém, observando a vinculação nas relações mãe-adolescente no modelo descrito anteriormente, a segurança reflecte-se na componente autonómica *Falta de pressão dos pares*, e em algumas qualidades de relacionamento (no relato dos adolescentes da vinculação total aos pares, observações da sua interacção encetada na tarefa de comportamento de apoio e ainda na popularidade total com os pares). Ou seja, os

<sup>41</sup> Podendo este resultado ser demonstrado num modelo *post hoc*.

resultados sugerem que os adolescentes Seguros aos pais criam relações caracterizadas por um equilíbrio entre a autonomia e o grau relacional (há autonomia sem colocar a relação em questão), em ordem a criarem *Bases seguras* de exploração ao longo das relações no seu mundo social.

Este estudo é particularmente interessante já que coloca em questão que sejam os pais as únicas *Bases seguras* de exploração na adolescência, contestando o posicionamento de Hazan & Zeifman (1994), observando a segurança como uma construção multi-relacional e não como uma construção onde a base é a relação pais-adolescentes, relação a partir da qual se estrutura a segurança com os restantes domínios relacionais.

Taradash, Connolly, Pepler, Craig e Costa (2001) quiseram observar as relações amorosas na adolescência do ponto de vista das relações interpessoais, nomeadamente com mães e amigos. A amostra que utilizaram era de 905 adolescentes a frequentarem os 9º, 10º e 11º anos de escolaridade (média etária de 15.28 anos)<sup>42</sup>. Os resultados indicaram que a autonomia amorosa se associava positivamente à qualidade da intimidade na relação amorosa, e ainda que, em comparação com os rapazes, as raparigas percebiam maior autonomia nas suas relações amorosas com os pares e com as mães.

A autonomia percebida com o par amoroso era maior que com os amigos, porém, a autonomia na relação com a mãe não diferia da das restantes relações. Quando se realizaram análises de regressão hierárquica, após se terem controlado os efeitos da qualidade da relação amorosa e do género na autonomia amorosa, verificou-se que a autonomia na relação com a mãe e com o amigo e a qualidade da relação com os amigos explicavam quase 60% da variância na autonomia na relação amorosa (sendo que os factores com maior peso no modelo eram a qualidade e a autonomia da relação com os amigos). Ou seja, de novo surge a relação com os pares (ou melhor a segurança na relação com os pares, já que as dimensões examinadas foram a autonomia e a qualidade relacional) como os preditores mais robustos (mais que a autonomia na relação com a mãe) da autonomia nas relações amorosas, autonomia que pode considerar-se uma das dimensões da qualidade de vinculação nas relações interpessoais significativas.

Finalmente, o modelo de Kim Bartholomew é um dos modelos que quanto a nós integra de modo harmonioso quer uma visão prototípica, quer uma abordagem dimensional da vinculação, explicando, de modo admirável, o modo como a vinculação reflecte uma história de vida relacional que vai contribuindo para a construção da identidade pessoal. É

---

<sup>42</sup> Neste estudo recorreu-se ao *Dating Questionnaire* (DQ, Connolly, Craig, Goldberg & Pepler, 1999) em ordem a avaliar o estatuto da relação amorosa; a autonomia relacional foi obtida através da *Autonomy in Close Relationships Scale* (ACRS, Montgomery, Li, Friedman, Barrera & Chassin, 1996); quanto à intimidade nas relações na adolescência os autores recorreram ao IPPA. Em termos de afiliação na relação amorosa foi pedido aos adolescentes que reportassem o tempo que despendiam com o par amoroso fora da escola e aos fins-de-semana.

apresentado um modelo de vinculação adulta (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Bartholomew & Shaver, 1998; Griffin & Bartholomew, 1994a e b; Scharfe & Bartholomew, 1994) onde as representações do *self* e as representações dos outros, estabelecidas na qualidade do funcionamento relacional reiterado, se organizam em quatro padrões de vinculação de regulação emocional e comportamento interpessoais diversos entre si. A autora prescreve que estes modos de funcionamento não são necessariamente os mesmos quando fazemos variar o contexto relacional. Deste modo, os funcionamentos seguro e inseguro podem acontecer em simultâneo num mesmo sujeito tendo em conta diferentes tipos de relacionamento. Por exemplo é possível ver num mesmo sujeito *Segurança* aos pais, *Insegurança* na relação amorosa e *Segurança* na relação com o(a) melhor amigo(a), pese embora exista uma organização hierarquizada entre os diferentes modelos em coexistência. Referir-nos-emos contudo a este modelo com mais pormenor mais adiante, já que ele foi grelha de leitura e também guia metodológico, nomeadamente presidindo à escolha de alguns instrumentos e no derivar teórico dos grupos resultantes da análise de *clusters*.

Em Portugal (Moreira, 2006) realizou-se um estudo de generalizabilidade que se propôs testar até que ponto o estilo de vinculação de jovens adultos é específico de uma relação concreta ou característica do *self*. Utilizando justamente o enquadramento proposto por Bartholomew, os resultados indicaram que o quadrante Preocupado reflecte “uma característica pessoal que se manifesta em diferentes relações” (Moreira, p. 146), ao passo que o evitamento se refere em concreto a cada uma das relações. Ou seja, o padrão Preocupado reflectirá o *self* pessoal, enquanto que o Evitamento (ou os padrões Amedrontados e Desinvestidos) reflectirão mais a internalização da imagem dos outros.

Assim, somos o resultado de muitos *selves* interpessoais, os dos outros que connosco significativamente se relacionaram, ao mesmo tempo que dessa multiplicidade conseguimos retirar uma constância que faz de nós aquilo que de específico os *outros* vêem em nós, o nosso *self*. Somos também subprodutos daquilo que as nossas relações iniciais permitem, mas ao mesmo tempo produtos das oportunidades que os períodos desenvolvimentais posteriores à infância permitem, pelo que na adolescência manter uma *Base segura* com os pais potenciará a possibilidade de que os pares amigos e amorosos possam também eles vir a ser *construídos internamente* desse modo.

## 2.4. Exploração e vinculação aos pares e par amoroso

*“(...) ao contrário a capacidade de construir laços emocionais íntimos com outros indivíduos, por vezes no papel de quem procura cuidados e outras no papel de quem os presta, é encarado como a principal característica quer do funcionamento eficaz da personalidade, quer de saúde mental.” (Bowlby, 1988, p. 121).*

Como vimos até aqui, na adolescência encontra-se evidência da influência das relações de vinculação aos pais nas relações com pares e par amoroso, porém, é entre os dois últimos que parece existir, nesta faixa etária, maior robustez de associações.

Faz todo o sentido que assim aconteça já que teoricamente se sugere que é na adolescência que as funções de vinculação começam a ser desempenhadas por outros significativos além dos pais (consulte-se o ponto 1. deste capítulo). Começa a existir investigação acerca da sequência que leva ao aparecimento das relações amorosas a partir das relações com pares na adolescência, parecendo que esta continuidade progride das relações com pares do mesmo género, passa pelo relacionamento afiliativo em grupos mistos de pares, para posteriormente se começar a estruturar em relações diádicas com actividades de namoro incluídas (*vide* Connolly, Craig, Goldberg & Pepler, 2004).

Não queremos com isto sugerir que a influência relacional dos pais se deixa de sentir relativamente aos pares amorosos, mas apenas que estará possivelmente mais saliente na adultícia que na adolescência (sobretudo a inicial e média), posição aliás sugerida por diversos investigadores (Crowell, Fraley & Shaver, 1999; Furman & Wehner, 1997; van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996 a e b, 1997).

O trabalho de Furman e colaboradores é, com já anteriormente verificámos, no sentido de uma associação mais consistente entre os domínios relacionais dos pares e par amoroso na adolescência (*vide* ainda Bouchey & Furman, 2003; Connolly, Furman & Konarski, 2002; Simon, Bouchey & Furman, 2000).

Connolly e Johnson (1996), dois colaboradores de Furman, estudaram uma amostra de 1409 adolescentes entre os 13 e os 19 anos de idade que frequentavam o ensino secundário<sup>43</sup>. Quiseram estudar até que ponto as relações amorosas se associavam, na adolescência, a outras relações significativas. Desde logo verificaram que as redes de pares eram maiores no sexo feminino que no masculino, e que as adolescentes percepcionavam maior apoio social por parte do melhor amigo que os seus pares de género masculino. A qualidade relacional era também cotada de forma mais elevada por raparigas que por rapazes. Por seu turno, os adolescentes mais velhos da amostra cotavam a qualidade da relação amorosa de forma mais elevada que a relação de amizade e a relação com os pais, enquanto que os mais novos não relataram diferenças significativas entre relações. Os resultados indicaram ainda existir uma continuidade considerável entre a qualidade das relações com os pais e com os pares e a relação amorosa, e mais ainda, que à medida que a relação amorosa tinha maior duração no tempo, a associação entre o apoio social percebido por parte dos pais ia diminuindo até não mais se verificar quando a relação era

---

<sup>43</sup> Os autores acederam à estrutura da rede de pares através de um questionário construído para o efeito, tendo sido também requisitado que os adolescentes nomeassem o seu melhor, segundo melhor e terceiro melhor amigo, bem como o seu/sua namorado(a) e a duração de cada um destes relacionamentos. Foi ainda utilizado o *Network of Relationships Inventory* (Furman & Buhrmester, 1985)

mais extensa que 11 meses, no entanto a associação com os pares ainda se mantinha nessa ocasião. Salienta-se que até desaparecer a associação entre o apoio percebido pais-par amoroso, as associações mais robustas encontravam-se com o domínio parental e não com o dos pares.

Shulman e colaboradores (1997) referiram existir evidência de que as relações de amizade com pares do mesmo género, são um importante moderador da intimidade nas relações amorosas no sentido negativo, isto é, quanto maior a proximidade emocional com o amigo menor a proximidade e o respeito pela individualidade da namorada. Quanto às raparigas, parece existir uma especificidade relacional na relação amorosa que faz com que apenas a intimidade na própria relação e o grau de intimidade com o par amoroso explicassem o nível de intimidade.

Shulman, desta feita com Miri Scharf (2000) estudaram uma amostra de 168 adolescentes (54 a frequentarem o 9º ano, 53 a frequentarem o 11º ano e 61 que se encontravam no 13º ano; as médias etárias variaram entre os 14.11, 16.26 e 19.18 anos de idade). Os adolescentes e jovens foram solicitados a responder a uma entrevista e a uma bateria de questionários. Avaliaram assim a natureza dos comportamentos amorosos, as percepções românticas e as relações com o par amoroso, pais e amigo íntimo do mesmo género<sup>44</sup>. Neste estudo, tanto para rapazes quanto para raparigas, a intensidade dos afectos com os amigos próximos do mesmo género associava-se à mesma dimensão nas relações com o par amoroso, enquanto que a intensidade afectiva na relação com pais e relação amorosa, não se associava de todo.

Assim, em termos gerais a teoria e a prática empírica parecem concordar que as associações entre domínios relacionais significativos na adolescência, observam maior robustez entre os contextos de pares que entre os de pais e par amoroso, pese embora se verifique também que nas idades já mais próximas à adultícia, essencialmente porque as tarefas desenvolvimentais já não *exigem* uma exploração tão fora da proximidade parental, as associações entre a qualidade da relação com os pais ao par amoroso (quer se trate de representações actuais quer das relações na infância) parecem robustecer-se de novo. Porém, e tal como referido por Bowlby, não poderemos esquecer também questões diferenciais, de género e idade, condicionam, além das relações iniciais também o modo como cada um de nós se relaciona com os pares.

---

<sup>44</sup> As medidas utilizadas foram o *Índex of Affective Relationships (IAR*, Takahashi & Nagima, 1994) e o *Love Attitudes Scale (LAS*, Hendrick & Hendrick, 1986). A entrevista teve por base a versão revista do *Relationship Closeness Inventory (RCI*, Berscheid *et al.*, 1989).

## 2.5. Funcionamento reflexivo e transmissão intergeracional da segurança de vinculação

*“Estas são as mães que descrevem terem tido uma infância extremamente infeliz mas que apesar disso têm filhos que exibem com elas vinculações seguras. A característica de cada uma destas mães, que as distingue das mães de crianças inseguras, é a de que, apesar de descreverem muita rejeição e infelicidade ao longo da infância, muitas vezes fazendo-o em lágrimas, cada uma é capaz de contar fluente e coerentemente a sua história, na qual foi dado um lugar apropriado aos aspectos positivos das suas experiências que parecem integradas com todas as negativas que também experimentaram.” (Bowlby, 1988, p. 134).*

As questões do funcionamento reflexivo aliadas à transmissão da vinculação em termos intergeracionais chamaram também a nossa atenção, na procura de uma descrição do que pode ser a vinculação na adolescência, mas sobretudo porque abrem um olhar pouco fatalista acerca da continuidade da insegurança de vinculação. Este ponto serve para nós como introdução às questões da continuidade e mudança na vinculação, questão aliás que privilegiámos.

Essencialmente a teoria da vinculação procurou compreender a natureza das relações entre pais e filhos a partir de dois pontos de vista complementares: um ponto de vista individual, isto é, considerando a elaboração por parte de cada um dos elementos desta díade, em termos da história pessoal, de expectativas acerca dos outros e de si mesmos, porém, também do ponto de vista de construção interpessoal da relação, ou seja, tendo em conta que a interacção pessoal sugere a cada elemento da díade quer a clareza de envio de uma mensagem, quer a interpretação adequada e sensitiva da mesma (Kobak & Esposito, 2002). Porém, a teoria tem vindo também a expandir a possibilidade de que há um outro nível de análise, um modo de compreender o porquê quer da maior observação da estabilidade preditiva de vinculação ao nível da segurança, quer das revisões e da actualização dos modelos internos de funcionamento, o nível metacognitivo na terminologia de Main (Hesse, 1999; Main, 1990; Main & Weston, 1981; Main *et al.*, 1985), o funcionamento reflexivo na terminologia de Fonagy (Fonagy, 1987, 1999a, b, c, d; Fonagy, Steele & Steele, 1991), ou de outro modo, a capacidade de pensar de modo global acerca de si e dos outros.

O que estas perspectivas apontam é justamente que um progenitor pode ter tido experiências na infância que lhe permitiram construir, a um nível interpessoal, relações de vinculação inseguras com um ou os dois pais, no entanto, a capacidade maior ou menor que estes (agora pais) têm de coerentemente analisar as suas experiências, compreendendo o ponto de vista dos seus prestadores de cuidados, influencia decisivamente o funcionamento seguro da *prole*. As experiências são analisadas ao nível da interpretação pessoal. De outro modo, esta capacidade não é mais do que a aptidão para a compreensão de si e dos outros

enquanto psicologicamente diferentes. Assim, não é suficiente para a segurança de vinculação deter um ambiente constante, progenitores capazes de reflectir acerca dos seus modelos internos de funcionamento e nos dos filhos, filhos cuja experiência é no sentido da reflexão acerca de si e dos pais separadamente, mas como é também evidente, deter em paralelo o correlato comportamental dessa segurança. Ou seja, analogamente os pais terão que consistentemente demonstrar-se sensitivos mas também responsivos às necessidades filiais de modo que potencialmente apenas seja *possível* a segurança. Assim, e por reprodução, a transmissão desta competência de reflexão e a sensibilidade demonstrada através da mesma às necessidades dos outros, garante que os filhos sejam capazes de também eles pensar acerca dos pensamentos, afectos e sentimentos dos outros, tornando-se mais sensíveis às necessidades dos outros significativos, e por isso mesmo, às necessidades dos seus próprios filhos. Está assim garantida a transmissão de um funcionamento seguro (para uma revisão do modelo *vide* Lagos, 2007). Mas existirá de facto evidência de que a compreensão interpessoal potencia a formação de modelos internos mais abertos a revisão e por isso plausivelmente mais seguros?

Em termos de relacionamentos pais-criança na infância existem já estudos que sugerem justamente que a transmissão intergeracional da vinculação acontece através da complementaridade da função reflexiva e dos comportamentos de prestação de cuidados da mãe. Dois estudos complementares (Grienberger, Kelly & Slade, 2001; Slade, Grienberger, Bernbach, Levy & Locker, 2001) seguiram uma amostra de grávidas desde o terceiro trimestre de gravidez, com avaliação da segurança às mães recorrendo a AAI, aos 10 meses de idade dos filhos – aplicando a *Parental Development Interview (PDI)* (Aber, Slade, Berger, Bresgi & Kaplan, 1985, um instrumento que avalia as representações maternas da criança) e, aplicando o procedimento da *Situação Estranha* aos 14 meses em ordem a obter scores de segurança mãe-criança. Mediu-se ainda a comunicação afectiva disruptiva das mães através do *Atypical Maternal Behavior Instrument for Assessment and Classification (AMBIANCE)* (Bronfman, Parsons & Lyons-Ruth, 1999). A ideia era analisar o funcionamento reflexivo das mães e o seu comportamento de prestação de cuidados, associando-os eventualmente à vinculação quer pessoal adulta (AAI), quer das crianças (*Situação estranha*). Os resultados indicaram que uma mãe altamente reflexiva (sobre si própria e a criança) oferece à criança um roteiro congruente com a sua experiência interna, o que conjuntamente com um nível correspondente de responsividade, permite à criança integrar consistente e coerentemente a ideia de *self* e complementarmente a ideia da própria relação enquanto segura. Nesta relação observou-se ainda a capacidade de reflexão materna é mediadora (numa mediação total) da associação entre segurança de vinculação das mães (AAI) e vinculação dos filhos (*Situação estranha*).



No início da adolescência já existe a capacidade de produzir um discurso ponderado (reflexivo) acerca de si e das relações que se construíram com pais e pares, tendo sido verificado (Steele & Steele, 2005a e b) que a competência da exactidão e coerência no discurso de pré-adolescentes de 11 anos acerca das relações significativas, é mais provável tendo mães (e para os rapazes, pai e mãe) que já evidenciavam essa capacidade anteriormente ao nascimento dos filhos, embora a probabilidade aumente se esta capacidade for actualizada ao longo de toda a relação e não se centre apenas num período inicial.

Não é difícil colocar estes resultados ao serviço de especulações maiores: esta capacidade de mentalização, de metacognição, de reflexão dos pais trabalhará como protecção para a segurança nas relações dos filhos com pais e pares? Muito provavelmente sim, porém, a posição que defendemos é a de que esta competência é apenas um potenciador para a segurança, concorrendo com esta competência muitos outros factores.

Neste ponto não quisemos deixar de referir com algum pormenor o estudo de Benoit e Parker (1994), acerca da estabilidade e a transmissão da vinculação ao longo de três gerações. 110 grávidas<sup>45</sup> (recrutadas de diversas fontes) constituíram a base inicial do estudo. As medidas utilizadas foram a AAI (mães e avós) e a *Situação estranha* para as díades mãe-criança. Os resultados da AAI para as mães em termos de estabilidade foram extraordinários sendo a solidez de 77% numa classificação de 4 categorias<sup>46</sup> e de 90% em três categorias (medidas obtidas na gravidez e 12 meses após o parto).

Em termos de transmissão intergeracional, se observadas as díades mães-avós através das três classificações clássicas de vinculação existia uma concordância inter-sujeitos significativa, porém, se observados os dados numa classificação quadripartida da vinculação tal já não acontecia (avançando-se como razão para tal o número elevado de mães autónomas e avós não-resolvidas).

A relação entre a classificação das mães e a classificação dos bebés foi prospectiva (mães com avaliação efectuada na gravidez; crianças avaliadas aos 12 meses de idade), tendo a estatística apontado no sentido da continuidade das classificações de vinculação (na classificação quadripartida com uma concordância de 68% e na classificação tripartida uma concordância de 81%); o mesmo tipo de resultados foi obtido nas avaliações contemporâneas da vinculação para estas díades (com os mesmos instrumentos), sem que houvesse efeitos de sexo ou de ordem de nascimento das crianças.

<sup>45</sup> Destas, 14 abortaram e das 96 restantes, 12 entre elas não completaram partes do estudo. A amostra era caucasiana, onde todas as mães eram casadas e provenientes da classe média ou média alta. A amostra recorria ainda às avós maternas (destas, 15 das 96 desistiram) e às respectivas crianças nascidas já após o início do estudo.

<sup>46</sup> As classificações em quatro categorias foram para mães e avós as de *Autónomas*, *Desinvestidas*, *Preocupadas* e *Não-resolvidas*, enquanto que para as crianças foram as de *Seguros*, *Evitantes*, *Resistentes* e *Desorganizados*. A categorização tripartida (original) elimina a última classe quer para mães e avós, quer para crianças.

Os resultados apontam para a estabilidade de vinculação na adultícia, embora tal aconteça mais no quadrante Seguro da vinculação (através da avaliação dos resultados das mães obtidos durante a gravidez e do resultado dos filhos ao ano de idade). Os possíveis mediadores da estabilidade que foram aqui estudados (stressores, apoio social, auto-estima e satisfação marital), não se apresentaram como explicação viável para os resultados desta amostra dado que estes foram inconclusivos, no entanto o que parece acontecer é uma maior probabilidade de continuidade no quadrante Seguro e uma maior probabilidade de descontinuidade nos quadrantes inseguros da vinculação.

Quanto às avós, 54% foram classificadas de não-resolvidas (comparadas a 30% de mães com esta classificação), sendo avançadas como explicações o maior número de perdas detidas por esta subamostra, poderemos então dizer por especulação que a menor probabilidade de perdas (neste caso das mães, já que mais jovens) será um factor hipotético de estabilidade, ou ainda que as perdas ou a falta de capacidade de integração dos lutos poderão ser factor de descontinuidade para a segurança de vinculação.

Numa análise ainda mais fina dos dados foram constituídas tríades de avós, mães e crianças (para as mães usando-se os dados da AAI durante a gravidez). Os resultados obtidos para a transmissão intergeracional são concordantes em 65% das tríades, o que apoiará a hipótese da continuidade pais e filhos em termos de vinculação (neste caso com implicações ao nível de três gerações. No entanto estes resultados deverão ter em conta as questões de normalidade da distribuição da amostra, claramente inclinada para a segurança. O estudo não explorou os factores adjacentes a esta continuidade, embora o número de sujeitos Seguros da amostra possam ter concorrido para tal (e de novo se nos deparamos com a segurança como factor da continuidade, ou talvez como factor protector relativamente a possíveis stressores em comparação com os quadrantes inseguros da vinculação).

Os resultados são interessantes e deixam entrever algumas questões: serão as classificações inseguras mais permeáveis a factores stressores, ou serão estes factores *per se* os desencadeadores da descontinuidade? Será a continuidade assegurada pela segurança inicial de tal modo que a transmissão poderá ser efectuada ao longo de três gerações? Pensamos contudo que não é de descurar o facto de termos em mãos uma amostra onde a transmissão estudada é feita, nos elementos mais velhos, no feminino, talvez se o estudo recorresse à transmissão diferenciada por género parental “avós” os resultados não fossem tão concordantes (*vide* Belsky, Campbell, Cohn & Moore, 1996). Pensamos ainda que todas as questões que acima colocamos poderão ser respondidas afirmativamente ou não, e que, embora a questão do funcionamento reflexivo possa também ter aqui uma palavra a dizer, a realidade psicológica é demasiado complexa para apenas um preditor. Os autores recorreram a Bowlby (1969/1990, 1973/1998b) para a justificação dos

resultados obtidos quando este chamou a atenção para o facto de que os padrões de interacção mãe-criança são fruto quer das características iniciais do bebé, quer da cultura de proveniência da mãe, quer ainda da família de origem da mãe, quer, finalmente, da idiossincrasia materna, logo, a probabilidade de encontrar concordância na segurança entre três gerações de uma mesma família é elevada. O que não se explica é contudo o mecanismo através do qual este tipo de transmissão é efectuado, pelo que o funcionamento reflexivo pode ser potenciador da segurança de vinculação na relação com os filhos e esta, ao potenciar também a segurança noutros relacionamentos (quer pela internalização dos modelos pessoais, quer através do condicionamento à proximidade de sujeitos também seguros) criaria um ciclo quase que vicioso onde a probabilidade da constância da segurança é elevada.

## **2.6. Processos de continuidade e de mudança na vinculação: O privilégio dos estudos longitudinais**

*“Ao longo da vida os dois tipos de influências interagem de formas complexas e circulares. Numa direcção os tipos de experiências que uma pessoa tem, especialmente ao longo da infância, afectam grandemente quer as expectativas de encontrar uma base segura, ou não, quer o grau de competência que a pessoa tem para iniciar e manter uma relação mutuamente recompensadora quando a oportunidade para tal surge. Na direcção contrária a natureza das expectativas que a pessoa possui, e o grau de competências que transporta, desempenham um papel fundamental na determinação do tipo de pessoas com as quais se associa bem como no modo como a tratam. Por causa destas interacções, tende a persistir qualquer que seja o padrão primeiramente estabelecido. Esta é a principal razão pela qual o padrão de relações familiares que uma pessoa experiencia na infância é de importância crucial para o desenvolvimento da sua personalidade.” (Bowlby, 1979, p. 104).*

A importância das relações iniciais no desenvolvimento posterior das relações de vinculação é um axioma teórico, que tem vindo a ser sucessivamente confirmado por muitos estudos. Esta comprovação advém sobretudo dos que apresentam desenhos longitudinais, já que permitem leituras relativas a processos implicados na construção de diferentes relações interpessoais. As questões da continuidade e da mudança relacional colocam-se sobretudo a propósito destas investigações.

Em 2002 Chris Fraley realizou uma meta-análise de estudos de vinculação relativa às questões da estabilidade e da mudança da infância à adultícia, tendo em conta as duas posturas teóricas mais marcantes da teoria da vinculação. Por um lado, a abordagem dimensional que encara o revisitar dos modelos iniciais de funcionamento à luz das experiências de vida (mudança), uma perspectiva claramente desenvolvimental e ecológica, por outro lado, a observação prototípica da vinculação que estabelece a permanência ao longo da vida de um modo de funcionamento com base nas experiências iniciais de vida

(constância/estabilidade), ou um ponto de vista mais determinista, embora não determinante. Embora estas duas formas de encarar a vinculação pareçam irreconciliáveis, parece-nos poderem ser integradas num modelo mais geral de funcionamento humano onde a uma orientação básica, fruto das experiências iniciais de vinculação com os prestadores de cuidados, se associam modelos alternativos de funcionamento moldados pelo contacto consistente com outros prestadores de cuidados ao longo do ciclo vital, que proporcionem ambientes relacionais diversos dos primários (quer em direcção da segurança quer da insegurança).

São equações matemáticas que permitiram ao autor afirmar que a “qualidade do ambiente de prestação de cuidados de um dado indivíduo será moldado em algum grau pela segurança dos seus modelos internos de funcionamento. (...) De acordo com esta abordagem, a quantidade de mudança nos modelos internos de funcionamento é proporcional à diferença ou discrepância entre a segurança num dado momento temporal e a qualidade do ambiente de prestação de cuidados no momento. Se a segurança e a qualidade do ambiente de prestação de cuidados são equivalentes, não existe mudança.” (Fraley, 2002; p. 127). Se assim for, se o ambiente se tornar mais apoiante e responsivo relativamente ao momento actual de segurança os modelos internos de funcionamento respondem com mais segurança, no entanto, a resposta será mais insegura se o ambiente de prestação de cuidados se tornar mais difícil ou menos responsivo.

No entanto existe ainda a intervenção de mais uma equação que Fraley considera dever ser considerada, nomeadamente a de McClendon (1994, citado por Fraley, 2002). O ambiente de prestação de cuidados não surge por acaso mas é também função (em parte) da segurança inicial do sujeito determinada pelos seus modelos internos de funcionamento; esta será a postura do modelo revisionista relativamente à estabilidade e à mudança.

A estabilidade do modelo prototípico baseia-se nas seguintes premissas: o período inicial de vida permite o estabelecimento de um protótipo de segurança que não é revisitado ao longo do tempo, embora o possam ser os modelos internos de funcionamento dadas as experiências do ambiente de prestação de cuidados ao longo do ciclo vital. É o padrão inicialmente estabelecido que exerce influência sobre as relações sociais “permitidas” porque se mantém estável ao longo do tempo.

A testagem destas hipóteses implicou uma análise a dados longitudinais disponíveis, tendo em mente que o modelo revisionista afirma que as funções de estabilidade sempre se aproximam de zero, enquanto que o modelo prototípico define que as funções de estabilidade sempre se aproximam de um valor distante do zero. Definidos teoricamente os modelos, a análise efectuada reconheceu um encaixe maior dos dados relativamente ao modelo prototípico que ao modelo revisionista, ou seja, a maioria dos dados adapta-se melhor à hipótese de que a estabilidade de vinculação se baseia no protótipo inicial

estabelecido, mas que a plasticidade dos modelos internos de funcionamento é enorme no período de um ano, embora exista pouca probabilidade de mudança substancial porque os protótipos iniciais continuam a deter um poderoso papel na moldagem dos ambientes de prestação de cuidados dos sujeitos. Deste modo, e no que concerne às relações iniciais de prestação de cuidados pais-crianças, parece existir evidência (através dos dados empíricos tratados à luz dos modelos equacionais) de que a estabilidade de vinculação advém do laço parental. Mas tal exigiria de facto uma estabilidade real nos padrões de vinculação ao longo da vida. O que é proposto neste modelo é a possibilidade de que não seja necessariamente assim, precisamente porque os processos prototípicos “podem dar origem a padrões altos e baixos de continuidade, porém estáveis, dependendo de quanta influência os outros têm no seu ambiente. Tal influência é provável ser atenuada debaixo de condições caracterizadas por desacordo relacional, dificuldades financeiras, e abuso. No entanto, tais condições não deverão alterar a natureza fundamental dos processos desenvolvimentais que elevam os processos de continuidade e mudança.” (Fraley, 2002, p. 137). Por outras palavras, nas amostras onde existem factores de risco a probabilidade de estabilidade da segurança de vinculação é menor.

À questão tradicional “em que medida os padrões de vinculação iniciais influenciam os padrões de vinculação românticos?”, o autor baseia-se nos resultados de Hazan e Shaver (1987), Feeney e Noller (1990), e Levy, Blatt e Shaver (1998), relativamente à probabilidade encontrada de que os sujeitos com relações Seguras com o par amoroso lembravam as relações com pais como detendo características seguras, embora possamos contrapor que estas lembranças possam ser afectadas ou alteradas pelo estado actual de funcionamento seguro. De facto muito existe ainda a fazer neste domínio relativamente aos processos subjacentes à estabilidade e à mudança, embora este contributo seja necessariamente de ter em conta, como é de ter em conta também que os estudos apresentados pelo autor para justificação da continuidade do padrão Seguro inicial (com os pais) no relacionamento com o par romântico são apenas alguns, entre os muitos desta área, que confirmam esta tese e não a contrária (*vide* Matos, 2002). Para nós, e tendo em conta o que acabou de ser dito, fará sentido encarar as questões da estabilidade da segurança/insegurança a partir do conceito de modelo interno do *self* enquanto que a mudança, ou melhor a descontinuidade, se adaptaria bem mais ao modelo interno dos outros advindo de cada uma das relações que se vão construindo no tempo.

Main, Kaplan e Cassidy (1985) ao investigarem longitudinalmente famílias triangulares<sup>47</sup>, encontraram evidência de que a vinculação segura à mãe predizia, 5 anos

---

<sup>47</sup> Famílias de três membros e não uma referência ao conceito sistémico de *triangulação*. A criança era avaliada (através da *Situação Estranha*) com a mãe aos 12 meses de idade e com o pai aos 18. Numa fase posterior (5 anos depois), e com base no padrão de vinculação exibido relativamente à mãe, 45 famílias foram de novo

mais tarde, o funcionamento relacional da criança; mais ainda, existia estabilidade temporal da segurança na reunião com a mãe, existindo uma menor estabilidade quando se tratava do pai (embora também significativa). Um resultado que aponta também para a hipótese da continuidade, desta feita intergeracional, respeitante ao facto de as representações de vinculação dos pais na infância e adolescência se relacionarem significativamente com os padrões exibidos pelos filhos na primeira avaliação. Deste modo poderemos especular que a continuidade pode estar relacionada com o proporcionar de ambientes de vinculação às crianças, ambientes eles próprios condicionados pelas representações de vinculação dos pais. A grande questão é saber se tal acontece ao longo da adolescência, onde são muitos os factores condicionantes do desenvolvimento. Especulamos que quando se começa a alargar a rede das relações significativas aos pares, por volta dos 13 e até cerca dos 15 anos, a segurança que existia com os pais e sobretudo com a mãe seja “*continuada*”, sobretudo porque as relações *concorrentes* são prováveis tornarem-se, na média adolescência, mais intimas. A exploração é feita com independência (embora que parcial) dos pais (dado o processo de construção da identidade), porém, os relacionamentos com os pares são também condicionados pelas relações iniciais, sobretudo porque estas regulam, até certo ponto, a segurança ou insegurança com que se abordam os contextos relacionais com amigos e par amoroso.

A este propósito, Allen desta feita com Porter, McFarland, Marsh e McElhaney (2005) ao estudarem as relações de adolescentes (média etária de 13.36 anos) com mães e amigos íntimos verificaram uma interessante associação. A segurança na relação com a mãe (medida através da AAI) associava-se à popularidade nas relações com os pares e melhores amigos dos adolescentes, popularidade que detinha influências positivas ao nível da adaptação social, designadamente com menores índices de comportamento desviante e criminal. Dados os resultados, poderemos pensar que a segurança à mãe influencia indirectamente a probabilidade de segurança aos pares, já que se associa aos níveis de popularidade na relação com o grupo de pares que por sua vez influenciam os graus de adaptação social dos jovens.

Quais os percursos da intimidade futura encontrados nas relações iniciais criança-prestadores de cuidados iniciais? Esta foi uma questão colocada empiricamente por Collins e Sroufe (1999) ao longo de uma revisão dos dados do *Minnesota Parent-Child Project*. 190 recém-nascidos foram observados desde o 3º trimestre de vida intra-uterina; os sujeitos ou as suas mães foram depois observados no 1º ano de vida, nos 3 anos subsequentes e no

início do 7º ano de escolaridade. Os sujeitos foram ainda avaliados aos 13, 16 e 19 anos de idade<sup>48</sup>.

A avaliação diferencial inicial dos padrões de vinculação dos sujeitos reflectiu-se posteriormente em relações diferenciais com os pares. Os sujeitos Seguros eram mais competentes pela participação mais activa no grupo de pares; tinham ainda mais efeitos positivos que negativos nos seus contactos com colegas com histórias de vinculação inseguras e eram ainda mais populares. Ao contrário os Ansiosos-Evitantes eram significativamente menos competentes nas dimensões referidas e eram também os mais agressivos na sala de aula. Quanto aos sujeitos vinculados de modo ansioso-resistente, eram os mais afectados em termos de frustração, orientando-se aos professores em detrimento das relações com os pares.

Aos 10-11 anos, os sujeitos que eram Seguros aos 12 e 18 meses de idade, eram mais prováveis deterem uma relação de amizade, comparativamente com os restantes adolescentes da amostra, e tendiam a construir essas amizades com pares também Seguros (pensamos que probabilizando também a não compensação da insegurança através de relações com pares Seguros, já que estes *preferem* amigos seguros).

Os pares Evitantes-Evitantes exibiam curiosas características: afastavam-se das outras díades, mostravam ciúme e raramente interagiam com os outros pares e mais, se um dos elementos estava ausente da sala de aula, o outro mostrava dificuldades de interacção. Quanto às díades Resistente-Resistente havia dificuldade na manutenção do par, já que um dos elementos tendia a ser absorvido pelo grupo alargado de pares, logo, a disponibilidade por parte de um Resistente ficaria, dizemos nós, comprometida.

A empatia, uma das componentes da intimidade, observou-se ser mais frequente nos jovens Seguros; os Evitantes evidenciavam mais *diacronia de afectos* enquanto que os Resistentes apresentavam uma ansiedade que resultava em corte do laço com o outro.

Em termos longitudinais a segurança inicial de vinculação predizia na pré-primária a autoconfiança, a eficácia na relação com pares e relações mais positivas com professores. A qualidade da relação de vinculação na infância e a qualidade do funcionamento pré-escolar prediziam por seu turno, as relações estabelecidas no final da infância dentro do grupo de pares do mesmo sexo: capacidade para formar amizades próximas, resolução de conflitos e afectividade geral.

Assim, os investigadores responsáveis pelo projecto (Collins, 1995; Sroufe, 1979; Sroufe & Fleeson, 1998; Sroufe, Egeland & Kreutzer, 1990, citados por Collins & Sroufe, 1999), avançam um enquadramento explicativo dos resultados em que afirmam que a continuidade é um processo transaccional no qual, se a qualidade dos cuidados for estável,

---

<sup>48</sup> Foi usada a *Situação Estranha* em ordem a avaliar os relacionamentos iniciais, sendo os sujeitos incluídos num de três *clusters*: Vinculação Segura, vinculação Ansiosa-Resistente e vinculação Ansiosa-Evitante.

a experiência inicial de vinculação prediz o comportamento futuro, mesmo tendo em conta as experiências de vida proporcionadas na infância e adolescência; mais ainda, as influências posteriores do ambiente não são independentes da experiência inicial. Ou seja, em parte é o sujeito que cria o seu ambiente através dos modelos internos de funcionamento que construiu a partir das relações iniciais, sendo estes *Internal Working Models* que permitem um contacto com pares que, dizemos nós, reforçam ou desconfirmam a ideia do sujeito acerca de si e do mundo. Evidentemente que à medida que o tempo vai passando, crescem as oportunidades de maiores contactos interpessoais, crescendo por isso as hipóteses de alteração de funcionamentos pessoais mais ou menos inseguros, já que da adolescência à adultícia os sujeitos passam a ser orientados aos pares (Hazan & Zeifman, 1994) e, por isso mesmo, a oportunidade de encontrar contextos alternativos de segurança é maior que em idades inferiores (Jongenelen, Carvalho, Mendes & Soares, 2007). No entanto, o reflexo deste estudo para as futuras relações românticas pode também trazer um importante contributo, nomeadamente porque a constância de comportamentos dos pais para com a criança, indutores de segurança ou insegurança, ao se reflectirem nas relações de par poderão, posteriormente, vir a reflectir-se também nas relações amorosas (que sendo aparte, são uma relação também ela de pares).

O trabalho longitudinal de Simpson, Collins, Tran e Haydon (2007a e b) partiu do pressuposto teórico de que as relações amorosas são um produto de uma série de associações sequenciais, que passam da segurança de vinculação aos pais na primeira infância à qualidade relacional com os pares na infância e na adolescência. 78 sujeitos foram continuamente avaliados da infância à adultícia (a partir da amostra inicial do *Minnesota Study of Risk and Adaptation from Birth to Adulthood*). Foi predito que uma associação entre a segurança inicial de vinculação e tonalidade emocional amorosa na juventude, é mediada através da qualidade das relações com pares na infância e da qualidade relacional com amigos íntimos, na adolescência. A associação realizar-se-ia na sequência que a seguir se apresenta: quanto maior a segurança de vinculação aos pais (avaliada aos 12 meses através da *Situação Estranha*) maior a competência social com pares na infância (avaliada na primeira e terceira classes pelos professores do primeiro ciclo do ensino básico); a competência social associar-se-ia, por sua vez, a amizades que operariam como *Bases seguras* na adolescência (avaliação efectuada aos 16 anos através de uma entrevista compreensiva que abordava a segurança de vinculação aos melhores amigos). Finalmente, a existência destas *Bases seguras* resultariam num tom emocional mais positivo que negativo nas relações amorosas na juventude (entre os participantes e o seu par amoroso)<sup>49</sup>. De facto, os resultados deram conta da qualidade mediacional da

<sup>49</sup> As medidas contemporâneas (na avaliação das idades entre os 20 e os 23 anos) foram o *Emotional Tone Index (ETI)*; Berscheid, Snyder & Omoto, 1989) e um procedimento em laboratório videogravado onde eram



competência social com pares, e da segurança de vinculação aos pares mais próximos, na relação entre qualidade de vinculação aos pais e qualidade da relação amorosa. A qualidade da relação romântica foi avaliada nas suas dimensões processo amoroso, afectos negativos, tom emocional e qualidade geral da relação, providenciando deste modo um quadro mais complexo, porém mais clarificador das associações entre estes três domínios relacionais.

Mais uma vez se entrevê a qualidade da vinculação aos pais como a base de relações significativas ao longo de todo o ciclo vital, porém, observa-se também que esta influência embora importantíssima, não é fatalista, conquanto determinante quer ao nível de uma maior probabilidade da continuidade de segurança ao longo dos três contextos, quer em termos de um modelo compensatório quando a segurança não é providenciada na infância. Por outro lado, as características específicas do sujeito psicológico têm também elas, a sua quota-parte de influência na segurança pessoal em cada um dos domínios, pese embora possamos (e devamos) reflectir se é a segurança inicial que permite determinadas características de funcionamento ou se é segurança específica de cada contexto que determinam (em parte) os funcionamentos gerais mais ou menos seguros... Cremos que ambos.

A questão do laço parental e a sua influência no bem-estar dos adolescentes e jovens adultos foi abordada por van Wel e colaboradores (van Wel, ter Bogt & Raaijmakers, 2002; van Wel, Linssen & Abma, 2000). Ao longo de 9 anos<sup>50</sup> foi estudado um grupo de jovens inicialmente com idades entre os 12-24 anos. Num segundo momento avaliou-se a amostra entre os 15 e os 27 anos e, finalmente, observaram-se os sujeitos nas idades dos 18 aos 30 anos de idade<sup>51</sup>.

Os resultados no primeiro momento indicaram a existência de um laço com os pais menos positivo no início da adolescência (12-14 anos) que na adolescência média (15-17), aliás no mesmo sentido que um estudo de Allen e Hauser (1996) acerca das verbalizações

---

propostas duas tarefas de interacção a *Markman-Cox procedure* (Cox, 1991) e a *Ideal Couple Q-sort* (Collins, Aguilar, Hennighausen, Hyson, Jimerson, Levy, *et al.*, 1999), através das quais se avalia o afecto positivo e negativo partilhado, a raiva, hostilidade, conflito, resolução, comportamento de base segura e a qualidade geral da relação.

<sup>50</sup> Os dados foram obtidos a partir de três questionários utilizados no *Utrecht Study of Adolescent Development*, sendo o total da amostra (respondentes nos três momentos com todos os dados relativos às variáveis em estudo preenchidos) de 1078 sujeitos (459 do sexo masculino e 619 do sexo feminino). 74% dos respondentes no início do estudo viviam com os pais, embora no final do estudo existisse apenas uma percentagem de 40% nessas condições; em termos de jovens provenientes de famílias não intactas, existia uma percentagem inicial de 10% para 12% no final do estudo. Os jovens a viverem já independentemente da sua família de origem detinham uma percentagem de 20%, subindo esta percentagem no final para 57%, sendo a média de idade de saída de casa de 20 anos.

<sup>51</sup> As medidas utilizadas na investigação foram a *Parental Bond Scale* (van Wel, 1994), em ordem a aceder às relações jovens-pais; o *Cantril Ladder* (Cantril, 1965), que acede ao bem-estar dos sujeitos através da representação que estes têm da sua satisfação global com a vida (exemplo : "How satisfied are you with your own life?") e, por ultimo, foram formuladas duas questões, acedendo por um lado, à existência ou não de um(a) amigo(a) de natureza não sexual, e por outro à existência ou não de um(a) companheiro(a) (esta última formulada da seguinte forma: "Está envolvido(a) actualmente numa relação estável?").

dos adolescentes e jovens adultos sobre “os outros”, onde estes eram vistos como rejeitantes. As raparigas que na primeira avaliação tinham entre 18 e 20 anos, melhoraram a qualidade do laço aos pais dos 21 aos 23 anos, o mesmo sucedendo aos rapazes embora mais tardiamente (24-26 anos), o que parece confirmar a ideia de amadurecimento pessoal mais tardio nos rapazes. Confirmou-se ainda que os pais continuam na jovem adultícia a deter uma importância relacional que se reflecte, posteriormente, ao nível da vinculação e da hierarquia de vinculação (no mesmo patamar que as relações amorosas de vinculação, ou seja, as que detêm em simultâneo as quatro componentes de vinculação).

A questão da influência relacional do contexto parental está também presente no resultado que observou que a qualidade do laço parental era surpreendentemente estável ao longo dos anos seguintes, para os que eram já adultos aquando da primeira avaliação. Esta influência foi ainda notória dos 12 aos 24 anos, onde existia uma relação positiva entre a qualidade do laço e o bem-estar pessoal, 3 e 6 anos após a primeira avaliação, reforçando a ideia de que a relação com os pais (ou prestadores de cuidados iniciais) é a mais constante e a que mais reflexos permite no quadro desenvolvimental. Talvez por isso seja a relação de vinculação onde a substituição, ou melhor a integração da perda seja virtualmente impossível.

Na primeira avaliação a qualidade do laço parental tinha um claro efeito positivo no bem-estar dos sujeitos, embora o ter um(a) namorado(a) ou um(a) melhor amigo(a) também influenciassem esse bem-estar (não de forma tão pronunciada). Reforça-se assim a hipótese de que os domínios relacionais diversos podem ser, em alguns casos, relações vinculação, embora as relações com os pais sejam, até determinadas idades (julgamos nós até à maturidade, e mesmo quando irremediavelmente perdidas) as mais presentes em termos de dimensões de vinculação.

Singular é o resultado obtido relativamente ao bem-estar das raparigas, sobretudo as mais velhas, que foi mais baixo que o dos rapazes e o dos sujeitos mais novos [no sentido de um estudo a que mais tarde nos referiremos de Markovits, Benenson, e Dolenszky (2001) em que os rapazes são percepcionados como preferindo as relações de grupo às diádicas ao invés das raparigas, cujos resultados não foram conclusivos], e dizemos singular dado que neste estudo mais raparigas que rapazes têm um namorado(a) em paralelo com um(a) melhor amigo(a) que, como se verificou, eram domínios relacionais que contribuíam para o bem-estar dos sujeitos. Contrariamente ao que era aguardado não existia uma relação negativa entre o estar numa relação de namoro estável e ter um(a) melhor amigo(a).

No segundo momento de avaliação a qualidade do laço parental ainda tinha um efeito positivo no bem-estar dos respondentes. Em suma, neste período desenvolvimental o laço parental positivo parece deter influência no bem-estar dos sujeitos tanto quanto uma relação de namoro estável, não sendo contudo esse bem-estar influenciado pelo ter um(a) melhor

amigo, talvez porque a tarefa da construção da identidade tenha já passado à fase de integração e não mais esteja na fase da identificação com os outros (grupo). Outra hipótese é a de que de facto as relações com os pais e o par amoroso sejam as que permitem, pelo grau de intimidade que comportam, a utilização mais constante ao nível da *Base segura*, daí resultando relações de vinculação mais *investidas*. Não será por acaso que a emoção que caracteriza as relações entre pais e filhos, e a que existe entre amantes, é na poesia e na prosa, a mesma, o amor. Já a emoção equivalente com maior frequência utilizada na descrição das relações entre iguais é a amizade, um grau afectivo de natureza diversa do primeiro.

Finalmente, no 3º momento de avaliação o laço parental ainda influenciava o bem-estar dos sujeitos (18-30 anos) tanto quanto ter um(a) companheiro(a) e um(a) melhor amigo(a), ou seja, não há um superar da importância dos pais pela dos pares (amorosos ou de amizade); parece é haver uma coexistência da importância das três áreas relacionais com a idade, de novo observando-se a transformação das relações complementares em paralelas com o nivelamento ao nível da vinculação entre pais e pares.

Apenas nesta faixa etária o deter uma amizade profunda afectava a existência de uma relação estável. Um outro resultado afirma ainda que nestas idades a qualidade do laço com os pais das jovens adultas é superior ao dos rapazes, embora não nos pareça de todo que se deva inferir que os rapazes mais velhos não activam tanto o sistema de vinculação, mas que serão outras as razões para que tal aconteça, mais aliadas talvez a questões culturais, sobretudo à ideia de masculinidade.

De novo se nos depara a vinculação aos pais, na dimensão qualidade do laço emocional, como detendo efeitos duradouros e positivos (no caso da segurança, bem entendido) na história desenvolvimental dos seus filhos; mais ainda, na adolescência é o contexto relacional, traduzido em laço, que mais contribuiu para o bem-estar futuro dos jovens, o que de algum modo permite colocar a questão de que de facto os contextos de pares, enquanto alternativas de segurança relacional, possam colmatar défices relacionais ao nível da insegurança de vinculação. A nossa posição é a de que de facto assim acontece numa perspectiva, não de reconstrução de vida mas de construção de novos “softwares” desenvolvimentais capazes de maior adaptação do sujeito.

Conger, Ciu, Bryant e Elder (2001), realizaram um estudo longitudinal prospectivo<sup>52</sup> (de 1989 a 1997) iniciado quando os respondentes frequentavam o 7º ano de escolaridade

<sup>52</sup> O estudo recorreu a uma amostra de 193 sujeitos alvo. Em 1997 os jovens eram inclusos na amostra se detivessem um relacionamento amoroso em decurso. De 1989 a 1992, anualmente, as famílias dos respondentes alvo foram visitadas, tendo sido recolhidos dados acerca das características individuais dos membros da família, qualidade das relações e interacções familiares e condições económicas familiares. Foram ainda recolhidos dados através da filmagem de quatro tarefas de interacção estruturadas, envolvendo competências sociais e expressão emocional nas relações familiares. Estas tarefas incluíam avaliações de toda a família, o sujeito alvo e um parente residente ou apenas os pais do sujeito alvo (o máximo de componentes da família cifrava-se em quatro: pais, sujeito alvo e um parente).

que incluiu a família e os parceiros amorosos actuais. A questão colocada dizia respeito às influências da família de origem nas competências relacionais das relações românticas na jovem adultícia.

Em termos de medidas do agora adulto e do respectivo par amoroso, avaliou-se o afecto do respondente alvo para com o par amoroso a partir de tarefas de discussão e conflito, e ainda, a qualidade da relação a partir do grau de felicidade que consideravam ter na relação, do grau de satisfação e ainda do grau de compromisso para com a relação.

Os resultados obtidos indicaram que são as práticas educativas dos pais, mais que as interacções maritais ou o comportamento dos elementos da família uns com os outros, que afectam a qualidade dos comportamentos interpessoais nas relações românticas (afastando a ideia de que a aprendizagem vicariante afecta grandemente o relacionamento amoroso dos filhos). Os comportamentos parentais associados à família de origem eram os únicos preditores significativos da competência relacional posterior. Parece que de algum modo as práticas educativas (que se reflectem em termos de vinculação) são factores que influenciam em muito a qualidade das relações de vinculação na adultícia.

O relato dos parceiros amorosos era *predito* pelos comportamentos interpessoais competentes do sujeito alvo, o que indica que a socialização por parte dos pais se associa às relações amorosas bem sucedidas dos filhos. De novo a continuidade da segurança das relações com os pais nas relações amorosas é verificada. Podemos associar estas conclusões com as de Collins e Sroufe (1999) de que há incorporação da segurança das relações iniciais com os pais na abordagem dos relacionamentos amorosos dos adolescentes, porém, atendendo às práticas educativas parentais que se traduzem, extrapolámos nós, em dimensões aliadas a uma maior segurança de vinculação (maior comunicação, assertividade, baixa hostilidade, baixa coerção, etc.). Em suma, há influência das relações com pais nas relações posteriores dos filhos, no sentido em que a influência positiva da segurança nas relações pais-filhos repercute-se na capacidade relacional dos filhos, competência que talvez seja mediadora no sucesso relacional amoroso na jovem adultícia.

As questões da descontinuidade e da continuidade de vinculação foram exploradas por muitos autores, embora alguns estudos longitudinais sejam paradigmáticos nesta área, nomeadamente os trabalhos de Grossmann e colaboradores (Grossmann & Grossmann, 2004, 2005; Grossmann, Grossmann & Kindler, 2005; Grossmann, Grossmann & Zimmermann, 1999), e de Waters e colaboradores, desta feita na perspectiva da continuidade (Hamilton, 2000; Waters, Hamilton & Wienfield, 2000; Waters, Merrick,

---

Em 1997 os sujeitos alvo e seus parceiros românticos preencheram questionários acerca da sua vida e relacionamento amoroso, qualidade de relacionamento e *background* pessoal, tendo também realizado duas tarefas similares às efectuadas com a família de origem (discussão de um tema de conflito maior e discussão da história e estado actual do relacionamento).

Treboux, Crowell & Albersheim, 2000; Waters, Wienfield & Hamilton, 2000); focar-nos-emos inicialmente nos primeiros, com ênfase no Regensburg Project<sup>53</sup>.

Os resultados observaram descontinuidade entre a vinculação segura na infância e a obtenção do mesmo padrão representacional ao longo da adolescência. Encontramos os acontecimentos ansiogénicos como preditores da vinculação insegura nos adolescentes (divórcio, doença prolongada ou morte dos pais). Uma análise de regressão multivariada explicou que cerca de 70% da variância nos padrões de vinculação Seguros na adolescência se ligavam a acontecimentos de vida, vinculação à mãe e representações de suporte parental. Apesar de ser um estudo que aponta no sentido da descontinuidade aponta também para caminhos explicativos da mesma, nomeadamente a inconstância de factores ambientais e a importância da vinculação materna para a continuidade ou não dos padrões de vinculação.

Teoricamente não é esperado que a vinculação seja fixada ao ano de idade, mas antes que seja susceptível de ser alterada por factores ambientais tal como afirmado por Bowlby (1973/1998a), mas este pressuposto tem suporte empírico, justamente, nos estudos do casal Grossmann (2005) e destes com colaboradores (1999, 2004, 2005). Longitudinalmente os investigadores encontraram uma correspondência entre padrões de vinculação às mães (medidos através da *Situação Estranha*; Ainsworth & Witting, 1969) e o comportamento dos adolescentes para com as mães, embora não com a representação da vinculação na adolescência (medida através da *Adult Attachment Interview* de George *et al.*, 1985); a representação da vinculação na adolescência relacionava-se com a representação materna (10 anos antes) e com o número de factores de risco experienciados no período referido. Contudo, e curiosamente, embora os padrões de vinculação a ambos os pais não predissessem as representações de vinculação além da infância, as raízes das representações adultas das relações de intimidade encontravam-se na infância, nas experiências relacionais com ambos os pais (e não só com a mãe), estendendo-se esta influência até à adolescência. Assim, as experiências de apoio da parentalidade de pai e mãe e uma história de estratégias seguras, eram a origem da avaliação positiva das relações de intimidade posteriores. Do mesmo modo, as representações de segurança de vinculação na adolescência e as representações de parceria eram significativamente influenciadas por todas as variáveis parentais recolhidas na infância. Curioso foi também o resultado correlacional que revelou uma ligação entre as dimensões *Apoio* e *Ajuda na*

---

<sup>53</sup> 49 famílias alemãs foram avaliadas através de observação directa em contexto familiar (disponibilidade emocional e respostas parentais no primeiro ano de vida da criança), entre o ano e o ano e meio de idade crianças e pais foram avaliados através da *Situação Estranha*; aos 6 anos de idade a AAI foi administrada aos pais e aos 10 anos de idade a criança foi entrevistada em ordem a aceder à sua representação de suporte parental; por último, aos 16 anos de idade a AAI foi utilizada para obter avaliações acerca dos modelos internos de funcionamento destes sujeitos. Existiram ainda avaliações relativas a acontecimentos de vida indutores de *ansiedade*.

*relação com o pai* (mas não com a mãe) ao longo da infância e as representações de segurança pessoal de vinculação aos 22 anos de idade, dando relevância ao papel do pai na segurança de vinculação na adultícia.

### **2.6.1. Papel dos acontecimentos de vida**

Um segundo grande grupo de estudos (Waters, e Waters e colaboradores) levanta a questão do papel dos acontecimentos de vida na alteração da segurança inicial de vinculação, pese embora este tema seja transversal nesta dissertação. Estes estudos servir-nos-ão posteriormente de guia no levantamento de um grupo específico de hipóteses.

*“No caso das crianças e dos adolescentes vemo-los, à medida que crescem, aventurando-se progressivamente e por períodos de tempo cada vez maiores a partir da base. Quanto mais confiança em que a base é segura, além de pronta a responder se solicitada, maior a percepção de que esta está garantida. Contudo basta um ou outro pai cair doente ou morrer, que o imenso significado da base para o equilíbrio emocional da criança ou do adolescente ou do jovem adulto é de imediato visível.” (Bowlby, 1988, p. 11).*

Waters e colaboradores (2000a, b e c) estudaram dados relativos a classificações de vinculação de crianças à mãe na infância, avaliando os participantes 20 anos depois através da AAI. De facto existia uma relação significativa entre a segurança de vinculação inicial à mãe e a segurança na AAI 20 anos depois. 72% da amostra obteve a mesma classificação na AAI que na avaliação inicial e apenas 36% mudaram as suas classificações. Os autores levaram em conta tanto os problemas advindos das duas medidas utilizadas, mas também, e aqui concordantemente com o primeiro estudo referenciado, sugere-se que os acontecimentos de vida que ocorrem no período que medeia a infância à jovem adultícia, podiam explicar tanto a continuidade quanto a mudança na dicotomia estudada. Também os acontecimentos de vida ansiogénicos relacionados teoricamente com a vinculação (divórcio parental, morte de um dos pais ou de ambos, doença grave dos pais ou do próprio, perdas significativas de outros significativos, etc.) detinham efeitos nos resultados, já que se estes não eram relatados pelas mães, concorriam para cerca de 78% da concordância na continuidade em termos de segurança de vinculação. Ora de facto começamos a entender a continuidade e a mudança na vinculação, não como processos eliminatórios entre si, mas justamente como processos coexistentes ao longo do desenvolvimento. Note-se ainda que neste estudo a classificação inicial não interferia na probabilidade de mudança, antes eram os acontecimentos de vida ansiogénicos que suportavam essa possibilidade. Verificámos aqui duas importantes conclusões interligadas, nomeadamente que a probabilidade da manutenção da segurança de vinculação da infância à juventude é mais provável que a mudança, pelo que, de algum modo, *na ausência de acontecimentos de vida negativos*

*maiores a avaliação das representações actuais de vinculação aos pais pode reflectir o padrão estabelecido na infância.*

Weinfield e colaboradores (1999, 2000, 2004) e Hamilton (2000) observam o mesmo tipo de resultados (em amostras diversas embora mantendo os procedimentos de avaliação de Waters e colaboradores) ao verificarem que a manutenção da classificação Seguro-Seguro se relacionava com a ausência de situações de vida ansiosas, e que a da classificação Inseguro-Inseguro se aliava à manutenção de situações de vida ansiogénicas.

Por seu turno Lewis, Feiring e Rosenthal (2000) estudaram a vinculação ao longo do tempo numa amostra de 84 raparigas<sup>54</sup>. Os resultados obtidos através de testes de Qui-quadrado indicam que a vinculação ao ano de idade não está relacionada com a vinculação aos 18 anos de idade. Os sujeitos inseguros obtiveram uma percentagem de concordância de vinculação apenas de 38%, enquanto que a descontinuidade traduzida em percentagem entre seguros na primeira avaliação e inseguros aos 18 anos foi de 48%.

A questão dos acontecimentos de vida negativos serem factor de influência do estatuto de vinculação ganha força, ao observar-se que as memórias retrospectivas dos jovens (aos 13 anos) quando negativas se reflectiam, aos 18 anos de idade, numa vinculação insegura em 70% dos casos. O grupo detentor de memórias positivas apenas obteve resultados de insegurança de vinculação aos 18 anos em 37% dos casos.

Existiu ainda uma relação significativa entre divórcio parental, insegurança ao ano de idade e classificação insegura aos 18 anos de idade; dito de outro modo, os adolescentes que experienciaram o divórcio dos pais, quando detinham relações avaliadas já como inseguras ao ano de idade, eram mais prováveis serem inseguros aos 18 anos, enquanto que a segurança era mais provável advir nestas adolescentes quando provenientes ou de famílias intactas, ou de famílias divorciadas embora cujas relações de vinculação com as crianças ao ano de idade eram seguras. Ainda de outra forma, os efeitos parecem reflectir a qualidade relacional inicial e não o processo de divórcio.

Os resultados rechaçaram também a hipótese de que a idade dos sujeitos aquando do divórcio tivesse influência no estatuto posterior de vinculação. Mais ainda, os tratamentos estatísticos encontraram evidência que a segurança inicial não protege a manutenção da classificação aos 18 anos de idade, se existe em paralelo a experiência de divórcio o mesmo padrão emergindo (embora não significativamente), ao falarmos de adolescentes inseguros inicialmente, isto é, os inseguros são mais prováveis alterarem a sua classificação para seguros no caso de não existir divórcio parental. Sugere-se então que a continuidade de vinculação é afectada pelos níveis de ansiedade familiar, e neste caso, pelo

<sup>54</sup> Lewis *et al.* (2000) utilizaram uma versão modificada da *Situação Estranha* (Waters, Wippman & Sroufe, 1979, Estudo 2) aos 12 meses de idade, sendo a amostra depois submetida à AAI aos 18 anos de idade. Como dados complementares, os autores recolheram informação acerca das memórias infantis aos 13 anos de idade, bem como cotações de desadaptação dos adolescentes (através de mães e professores) nesta e na faixa etária dos 18 anos. Os investigadores observaram ainda o estatuto de divórcio dos pais.

acontecimento de vida maior que é o divórcio parental. A questão que se nos coloca é certamente se a qualidade da relação noutros contextos que não com os pais, pode influenciar o estatuto “presente” da vinculação, debelando os efeitos dos stressores de vida, o que a ser verdade, explicaria o porquê de na mesma condição de vida alguns sujeitos passem a deter um estatuto seguro e outros manterem o estatuto inseguro inicial.

Conclusões similares às do estudo anterior foram obtidas por Allen e colaboradores (Allen, Kuperminc & Moore, 2005; Allen, McElhaney, Kuperminc & Jodl, 2004) numa amostra adolescente avaliada aos 16 e aos 18 anos de idade. Os resultados integravam dados provenientes das dimensões da AAI, da avaliação da autonomia com manutenção da relação numa tarefa filmada, da avaliação da sintonia da compreensão materna das auto-percepções filiais, das representações adolescentes das qualidades relacionais e do apoio na relação com a mãe (escalas da *Mother-Father-Peer Scale*, Epstein, 1983), e ainda do nível de sintomatologia depressiva relatada pelos adolescentes (*Beck Depression Inventory*, Beck & Steer, 1987). A partir das análises efectuadas os autores concluíram que a segurança mãe-adolescentes é provável ser continuada na ausência de stressores como a pobreza ou a depressão.

Ainda a este propósito Sundin, Wiberg e Eklof (2002) estudaram longitudinalmente uma amostra de crianças suecas de classe média, classificando-as em termos de vinculação à mãe aos 3 anos (através de um procedimento videográfico onde a criança era filmada a brincar com uma casa de bonecas com o tema “um dia na família”; Wiberg, Humble & de Chatéau, 1989), e posteriormente, aos 23 anos, avaliava-se o estilo de vinculação dos jovens adultos através de uma entrevista semi-estruturada (Wiberg, Blom, Gjerdtsson, Hedlund, Hezekielsson, Jansson & Karlsson, 2001). Era ainda preenchida na adultícia um inventário de acontecimentos de vida (*Paykel's Life Events List*, Paykel, 1983) que integrava na sua maioria situações de vida negativas associadas aos pais, mas que incluía também a doença ou abuso sexual da criança. Os resultados indicaram uma concordância na segurança e na insegurança de vinculação nos dois pontos temporais que se associava, respectivamente, a uma menor frequência ( $M=.9$ ) de acontecimentos negativos (antes dos 18 anos) e a uma média de 1.4 acontecimentos de vida ansiogénicos. Foram ainda observados os grupos onde à segurança inicial se sucedia a insegurança e o grupo que passava da insegurança à segurança, verificando-se que ao primeiro grupo correspondia a média mais elevada de acontecimentos de vida ansiogénicos e no segundo uma média de 1.2 acontecimentos por sujeito. Repare-se aqui em duas questões essenciais: Por um lado encontramos uma continuidade de vinculação não em termos de um mesmo contexto relacional mas do contexto da relação com a mãe no funcionamento padrão mais geral da vinculação na jovem adultícia (ao nível do relacionamento interpessoal em 47% dos casos), por outro lado, observa-se a possibilidade de que os acontecimentos



de vida negativos possam influenciar não só a relação de vinculação com os pais, mas estender-se, na adultícia, ao funcionamento mais geral dos sujeitos. Pensamos que talvez esta perspectiva fosse mais bem entendida se colocarmos a hipótese da mediação através dos acontecimentos negativos na associação da qualidade inicial de vinculação com a qualidade dos modelos internos gerais na juventude.

Carlivati (2003) quis também ela compreender a relação entre vinculações seguras na infância e a qualidade das relações com pares na adolescência, utilizando para tal dados (Minnesota Longitudinal Study of Parents and Children) da *Situação Estranha*, de uma escala de ansiedade para mães (64 meses de idade dos filhos), aos 16 e 19 anos de idade dos respondentes da *Adolescent Life Events Scale* (Compas, Davis, Forsythe & Wagner, 1987), e ainda uma escala de competência social (jardim infantil e 16 anos) e uma outra de adaptação pessoal no final da adolescência (19 anos). Assim, os resultados permitiram observar a existência de continuidade de segurança de vinculação entre as relações com a mãe e as relações com os pares, contudo, aqueles que eram inseguros na relação com a mãe na infância mas seguros aos pares na adolescência, tinham experienciado elevados níveis de ansiedade na infância mas baixos em fases posteriores do ciclo vital. Foi encontrada também uma tendência que ressaltava que os adolescentes que tinham mais competências de relacionamento com os pares no jardim-de-infância, embora fossem na *Situação Estranha* inclusos no grupo inseguro, eram mais prováveis terem classificações seguras no relacionamento com pares na adolescência do que os inseguros que não tinham exibido essas competências relacionais. Deste modo, podemos considerar não só os acontecimentos de vida ansiogénicos como influenciando os percursos de vinculação, mas diversos outros factores como facilitadores da utilização de contextos alternativos de segurança ao dos pais – por exemplo a qualidade relacional com pares, que permite a aquisição de estratégias relacionais capazes de abrir a possibilidade de um modelo alternativo de segurança aos pares na presença de insegurança inicial à mãe (ou a revisão dos modelos de vinculação).

Finalmente, e numa tentativa de verificar se eram as características dos acontecimentos de vida ou se seriam os significados dados aos mesmos que se associavam às alterações de segurança de vinculação, Davila e Sargent (2003) estudaram uma amostra de 154 jovens (média de idades de 19.3 anos) ao longo de 8 semanas consecutivas. Os procedimentos metodológicos incluíram o preenchimento de um diário e ainda de questionários que avaliavam quer os acontecimentos de vida negativos, quer as perdas a eles associadas (60 itens, nas áreas “escola”, “emprego”, “família”, “amigos”, “relações amorosas”, “doença”, “situações de convivência” e “actividades extracurriculares”), a disposição (*Positive and Negative Affect Schedule*, Watson, Clark & Tellegen, 1988) e a segurança de vinculação (segundo uma perspectiva de estado actual de segurança - a

variabilidade ao longo dos 58 dias - mas também de traço - *scores* médios de *Evitamento e Ansiedade*; *Revised Adult Attachment Scale*, Collins & Read, 1990). O modelo de regressão linear deu conta de que as percepções de maior perda interpessoal associavam-se a níveis mais elevados de insegurança quotidiana, controlados os efeitos da especificidade dos acontecimentos de vida e a disposição afectiva dos jovens. O funcionamento ao nível da segurança internalizada não moderava esta relação, pelo que se tratava apenas da influência directa dos significados dos acontecimentos de vida na segurança de vinculação diária. Ou seja, independentemente da segurança ao nível prototípico, as percepções de perda mais significativas eram sempre associadas a decréscimo na segurança actual, o que era verdade mesmo que os jovens mais ansiosos tendessem a reforçar os seus modelos inseguros (na medida em que era menos provável diminuírem o grau de ansiedade ao longo do tempo); por seu turno, os seguros tendiam com a passagem do tempo a aumentar o seu conforto com a intimidade. Em suma, a um nível estritamente pessoal parece que os níveis de segurança diminuem com a interpretação das situações negativas enquanto perdas, independentemente do funcionamento pessoal mais internalizado ou constante ser mais ou menos seguro.

Sintetizando o que foi dito até aqui, de facto os acontecimentos de vida negativos cuja intensidade é percebida como significativa, parecem interferir com o funcionamento pontual mas também com o funcionamento mais normativo (ou se quisermos, mais internalizado) da segurança de vinculação. É de prever contudo, maior interferência na alteração dos níveis regulares da segurança apenas quando quer a intensidade, quer a quantidade dos acontecimentos se verificam em graus de negatividade e de acumulação, respectivamente, que permitam interpretações pessoais de que a imagem de si ou do outro (ou ambas) sofram interferências no sentido pejorativo; reforçam-se este modo os funcionamentos inseguros, e seria potencialmente alterado em direcção à insegurança o funcionamento dos anteriormente seguros.

Quanto ao tipo de acontecimentos com potencial de reforço de insegurança ou de mudança para insegurança, surgem-nos o divórcio, a doença ou morte parental, ou a doença ou abuso dos próprios, desde logo situações claramente de perda, quer do sentido da existência da *Base segura primária*, quer do sentido dos outros enquanto responsivos e disponíveis (o que possivelmente influenciará além do modelo positivo dos outros, o modelo interno de si enquanto merecedor de amor e protecção); de outro modo, situações de ameaça definidas como activadoras do sistema de vinculação.

Por tudo o que acabámos de dizer fará sentido pensar que estas alterações em termos dos modelos internos do *self* e dos outros provenientes de acontecimentos de vida negativos maiores, poderão produzir então mudanças ao nível de posteriores relacionamentos (com pares e par amoroso), pese embora consideremos também, que

estes dois contextos poderão servir como alternativas de segurança. Neste momento ambas as hipóteses se apresentam viáveis, razão pela qual iremos trabalhar também nas nossas hipóteses a eventual relevância dos acontecimentos de vida maiores na segurança de vinculação nos contextos de vinculação aos pais, pares e par amoroso.

## 2.7. Auto-estima e vinculação

*“(...) subsequentemente o modelo construído de si próprio reflecte também as imagens que os seus pais têm dela, imagens que são comunicadas não só pelas formas como cada um dos pais a trata mas também como falam com ela. Estes modelos governam então o modo como a criança se sente relativamente aos pais e a si própria, como espera que os pais a tratem, e como planeia o seu próprio comportamento para com eles. Eles governam também tanto os medos quanto os desejos expressos nos sonhos.” (Bowlby, 1988, p. 130).*

A auto-estima é um dos constructos que manifestamente se liga ao da vinculação (para uma revisão *vide* Trzesniewski, Robins, Roberts & Caspi, 2004). É considerada, em parte, um subproduto da vinculação ao permitir que na sua construção estejam inclusos os modelos de si (essência da auto-estima) e os modelos dos outros (para a comparação consigo mesmo). Iremos debruçarmo-nos genericamente nos resultados que a investigação tem vindo a oferecer acerca desta *associação*, bem como na contribuição de cada um dos contextos relacionais em estudo para a sua construção. Assim, a revisão deste constructo associado ao da vinculação, aparece nesta tese com um lugar próprio, não se mantendo a opção de apresentar os estudos de acordo com os seus respectivos desenhos metodológicos (longitudinais ou transversais).

Pinheiro e Ferreira (2001), numa investigação realizada numa amostra portuguesa de adultos (médias etárias entre os 20.63 e os 20.94 anos de idade), encontraram fortes associações entre auto-estima e a percepção da aceitação dos amigos e da família, ou seja, quanto maior a percepção da aceitação dos outros significativos, maior a auto-estima. Mais ainda, numa escala específica de vinculação (*Sentido de proximidade emocional e Segurança dada pelas relações interpessoais*) os valores *r* de Pearson de associação com a auto-estima variaram entre .332 e .389. Já Moreira, Carolas e Hagá (1999) num estudo que recorreu a universitários também portugueses (média de idade de 20 anos), encontraram associações entre níveis baixos de auto-estima e a vinculação, sendo que a baixa auto-estima associava-se aos protótipos Preocupado e Amedrontado (embora este último não com índices de auto-estima tão baixos quanto o primeiro).

Rice e Delwo (2002) encontraram também evidência de associações entre a qualidade das relações parentais e variáveis de auto-estima. Observaram que pessoas avaliadas como perfeccionistas (entre os 17 e os 55 anos), cujos pais tinham elevados graus de criticismo e elevadas expectativas, tinham níveis de auto-estima mais baixos que aqueles

que embora perfeccionistas, tinham pais mais apoiantes e menos críticos. Ashby e Rice (2002) por seu turno, testaram um modelo estrutural (também em idades entre a adolescência e a adultícia plena) em que os preditores da auto-estima eram a Autocrítica/perfeccionismo, a Organização e necessidade de ordem, o Grau de exigência pessoal e ainda a Discrepância entre o grau de exigência pessoal e a realização das tarefas. Os resultados enquadraram-se num modelo em que, à excepção da dimensão Organização e necessidade de ordem, as dimensões revelaram-se preditoras da auto-estima (o modelo global explicava 44% da variância), negativamente a Discrepância e a Autocrítica e, positivamente, o Grau de exigência pessoal.

De outro modo, se tivermos em conta que o protótipo Desinvestido é aquele que, potencialmente, detém expectativas pessoais mais elevadas, poder-se-á inferir que este seria um funcionamento que eleva a auto-estima global; por seu turno, os modelos Preocupado e Amedrontado, onde a autocrítica é constante devido ao modelo negativo do *self*, seriam protótipos onde seria de aguardar níveis de auto-estima mais baixos. Estas inferências têm eco no trabalho de Bartholomew e Horowitz (1991), que na sua amostra de jovens adultos, encontraram resultados em que a níveis mais elevados de autoconfiança se associava o protótipo<sup>55</sup> Desinvestido, sendo negativa a associação encontrada com o grupo Preocupado, e ainda, que ao protótipo Amedrontado se associavam os resultados mais baixos de autoconfiança (*vide* ainda para conclusões similares Griffin & Bartholomew, 1994a e b e, Huntsinger & Luecken, 2004).

Roberts, Gotlib e Kassel (1996) analisaram as relações entre a segurança de vinculação na adultícia (em três amostras de jovens universitários) e a sintomatologia da depressão, tendo em conta a auto-estima e as atitudes disfuncionais. Os resultados deram conta que os estilos de vinculação adultos inseguros (Evitante e Ambivalente) se associavam fortemente a todas as dimensões em estudo, e mais ainda, que a vinculação adulta insegura associava-se à depressão, numa relação mediada pelas atitudes disfuncionais e pela baixa auto-estima.

Já diferentes resultados obtiveram Pietromonaco e Barrett (1997) ao estudarem, numa amostra de universitários, as relações entre os modelos internos de funcionamento de si e dos outros e as interacções sociais quotidianas. Os jovens classificados (em termos amorosos) como Preocupados tinham uma auto-estima mais baixa que os Seguros, mas não foram encontradas mais diferenças entre os grupos o que infirma o que foi dito anteriormente acerca da auto-estima e do modelo do *self*.

Embora numa amostra não de adolescentes mas de casais adultos (média etária de 34.4 anos), com uma média de duração relacional amorosa de 7.6 anos, Murray, Griffin,

---

<sup>55</sup> Os protótipos foram derivados das respostas a uma entrevista semi-estruturada relativa às relações de proximidade com amigos e pares amorosos.

Rose e Bellavia (2003) confirmaram a sua hipótese de que a procura de consolo no parceiro amoroso protege e escuda a auto-estima pessoal. Assim, quando um sujeito se sente avaliado de modo mais positivo, e simultaneamente percebe que os seus objectivos de segurança (de *Base segura*) estão assegurados, a sua auto-estima é mais elevada (as suas dúvidas acerca de si eram atenuadas pela certeza do afecto do parceiro).

Utilizando o mesmo tipo de enquadramento teórico do anterior estudo (a perspectiva sociométrica), Srivastava e Beer (2005) quiseram saber até que ponto as autoavaliações pessoais (numa amostra com média etária de 19 anos de idade) se associavam ao ser-se apreciado ao longo de uma semana por estranhos (à partida). Assim, e tendo em conta as relações de vinculação nesta faixa etária (usando o *Relationship Questionnaire*), encontrou-se evidência de que o ser apreciado pelos outros conduz a autoavaliações mais positivas. Os resultados apontaram ainda para a associação entre *Ansiedade* e o *Evitamento* e autoavaliações pessoais mais negativas, embora para com a *Ansiedade* o efeito fosse encontrado apenas no género feminino.

Peixoto (2004) numa amostra portuguesa com idades entre os 11 e os 19 anos, quis estudar a relação entre a qualidade das relações familiares, a auto-estima, auto-conceito e o rendimento académico. A qualidade das relações familiares foi avaliada tendo em conta as dimensões *Suporte afectivo*, *Suporte nas tarefas Escolares*, *Autonomia*, *Expectativas* e *Aceitação*, pelo que esta análise pode incluir-se, por extrapolação, na perspectiva da vinculação. Os resultados obtidos apoiam a óptica de que a qualidade das relações familiares se associa quer com a auto-estima, quer com as restantes dimensões que estavam em estudo. Existiram também diferenças que permitiram verificar que a relação entre qualidade relacional com a família e representações de si próprio eram mais robustas nos extremos etários da amostra (alunos dos 7º e 11º anos), quando comparados aos resultados dos jovens que estavam na altura a frequentar o 9º ano de escolaridade. Curiosamente, os resultados relativos à auto-estima em função do sucesso escolar dos adolescentes eram diferenciados, isto é, a auto-estima parece protegida dos efeitos da reprovação, já que os jovens com e sem história de reprovações escolares não se diferenciavam entre si a este nível.

Armsden e Greenberg (1987) a partir dos resultados relativos da validação do IPPA (numa amostra entre os 16 e os 20 anos de idade), corroboram a existência da relação entre qualidade de vinculação aos pais (mas não aos pares) e a auto-estima na adolescência, enquanto que Diener e Diener (1995) num estudo transcultural que recorreu a jovens entre os 17 e os 25 anos, observaram que a satisfação com a amizade e com a família eram os melhores preditores da auto-estima (embora a amizade fosse de facto o melhor).

Laible, Carlo e Roesch (2004) quiseram analisar as eventuais ligações directas e indirectas das relações de vinculação aos pais e aos pares na auto-estima de adolescentes

(média etária de 18.6 anos de idade). Encontraram também correlações positivas e significativas entre a qualidade da vinculação a pais e pares e à auto-estima. Testaram então um modelo onde previam que a qualidade de vinculação aos pares e pais (variáveis exógenas) teriam um efeito directo na auto-estima, porém, previam ainda que esta relação existia também mediada, a um primeiro nível, pela empatia, que por sua vez teria os seus efeitos aos níveis do comportamento pró-social e do comportamento agressivo (2º nível de variáveis endógenas). Os resultados encontrados suportaram a hipótese, embora com particularidades interessantes. A influência da vinculação aos pais na auto-estima dos adolescentes era quase na totalidade directa. Aqueles cuja segurança era mais elevada, apresentavam maiores níveis de auto-estima, e curiosamente esta associação foi mais robusta no género masculino que no feminino. Também a vinculação aos pares influenciava significativamente a auto-estima, contudo esta influência era totalmente mediada pela empatia e pelo comportamento pró-social dos jovens.

Numa outra amostra de adolescentes a frequentarem os 7º e 8º anos de escolaridade, Ryan, Stiller e Lynch (1994) quiseram ver até que ponto as representações das relações com professores, pais e amigos eram preditoras da auto-estima e da motivação académica. Os resultados apontaram para uma forte associação entre as dimensões *Sentimento de segurança*, *Utilização emocional*, *Utilização em assuntos escolares* e *Identificação com a figura* na relação com os pais e a auto-estima, enquanto que na relação com os professores apenas as três primeiras dimensões se associavam com a auto-estima. Na relação com os amigos, a auto-estima apenas se associou à *Segurança* e a *Utilização emocional*, desde logo com valores inferiores aos verificados para com os pais. Confirmaram-se desta forma as expectativas teóricas de que são estes são contextos que contribuem de facto para a adaptação pessoal, embora com níveis diferenciados dependendo do tipo de contexto considerado.

Num outro estudo (Way & Robinson, 2003) que abordava também os efeitos da família, amigos e o clima escolar percebido (relações entre estudantes e professores, e estudantes e ordem geral) na adaptação psicológica de adolescentes. Encontrada evidência que o apoio da família se associava à magnitude da mudança na auto-estima ao longo de dois anos (entre o início e o final do estudo), acima aliás dos valores obtidos no que respeita ao apoio dos amigos. Curiosamente, o apoio inicial da amizade não predizia a magnitude das mudanças na auto-estima no final do estudo.

Finalmente, Wilkinson tem sido um autor com importantes contributos no âmbito da investigação das associações entre a auto-estima e a vinculação na adolescência. Em 2003 apresenta os resultados de três estudos em adolescentes onde quis investigar o papel da vinculação aos pares na saúde psicológica e na auto-estima. No primeiro estudo, e com adolescentes noruegueses entre os 11.8 e os 19.6 anos de idade ( $M=15.27$ ), o autor

verificou que os níveis de auto-estima eram significativamente mais elevados nos rapazes que nas raparigas, porém, que os níveis de qualidade relacional com pais e pares eram significativamente mais elevados nas raparigas que nos rapazes. A qualidade de vinculação nos dois contextos relacionais associava-se positivamente com a auto-estima (em valores  $r$  de Pearson muito aproximados). No modelo final testado, segundo a metodologia das Equações Estruturais, verificou que a vinculação aos pais e a vinculação aos pares têm ambas uma influência significativa (embora ligeiramente menor da vinculação aos pais) na auto-estima. No segundo estudo Wilkinson utilizou uma amostra australiana entre os 15.8 e os 18.3 anos de idade ( $M=16.84$ ). Mantinham-se as diferenças de género quanto à qualidade relacional com pares e pais, porém, não existiram diferenças relativas à auto-estima. Os valores  $r$  de Pearson entre auto-estima e vinculação aos pais foram menores que com a vinculação aos pares (respectivamente .211 e .380). Em termos gerais o modelo do primeiro estudo replicou-se na amostra australiana. No terceiro estudo recorreu-se a uma amostra também australiana, porém com uma média etária de 17.14 (idades entre os 15.7 e os 19.8 anos). Em termos de género apenas se encontraram diferenças significativas na vinculação aos pares, de novo com valores femininos mais elevados que os dos rapazes. As correlações entre a qualidade de vinculação aos pais e pares e auto-estima foram mais elevadas que nos outros estudos (nomeadamente de .467 e .488) embora com supremacia na associação à qualidade relacional com os pares. Quanto ao modelo final, mantiveram-se os resultados relativos dos estudos anteriores. Resultados similares foram encontrados com Kraljevic (Wilkinson & Kraljevic, 2004), verificando-se que a auto-estima pessoal se associava na adolescência com a vinculação aos pares e aos pais, mas não com a vinculação ao melhor amigo/amigo mais íntimo.

Ainda em 2004, desta feita em parceria com Parry (Wilkinson & Parry, 2004) com adolescentes entre os 13 e os 19 anos de idade, realiza um estudo onde se pretendia aceder às associações entre protótipos de vinculação (a partir das dimensões *self* e do outro nas relações de proximidade avaliadas pelo *Relationship Questionnaire*), qualidade de vinculação com pais e pares e auto-estima. Os resultados foram concordantes com os posicionamentos que já referimos acerca dos protótipos de vinculação e sua relação com a auto-estima (vide Bartholomew e colaboradores, 1991, 1994a e b e Huntsinger & Luecken, 2004), ou seja, que os protótipos Desinvestido e Seguro detiveram níveis elevados similares de auto-estima, enquanto que os jovens Preocupados e Amedrontados detiveram níveis também equivalentes entre si, mas significativamente mais baixos que Desinvestidos e Seguros. Em termos de modelos de regressão verificou-se que o melhor preditor da auto-estima era o género, seguido pelos protótipos Seguro, Desinvestido, Amedrontado e Preocupado e por último, da qualidade de vinculação à mãe e aos pares (a vinculação ao Pai não predizia a auto-estima). Em conjunto, os preditores significativos explicavam 36% da

variância na auto-estima. Numa amostra muito similar a esta McMahon e Wilkinson (2005) quiseram verificar até que ponto o ter uma relação amorosa alterava as influências da vinculação aos pais e aos pares na auto-estima, tendo-se verificado que, embora o estar numa relação amorosa fizesse decrescer a influência da vinculação aos pares na estima pessoal, não existia decréscimo da influência quer da vinculação parental quer da vinculação a amigos íntimos.

Em 2006 Wilkinson apresenta resultados interessantíssimos a partir de uma amostra de 615 adolescentes entre os 14 e os 18.5 anos de idade. Neste estudo verificou-se que a influência da vinculação aos pares na auto-estima não variava em função da idade, mas que a influência das relações de vinculação com a mãe na auto-estima decrescia com a idade dos adolescentes, sendo mais importante nos mais novos. Quanto à influência da vinculação ao pai, verificou-se que apenas nos adolescentes mais novos era preditora da auto-estima.

Através do *trilho* da vinculação e sua influência na auto-estima, verifica-se, genericamente, que a qualidade das relações significativas contribuem de facto para um sentido mais ou menos positivo do *self*, e ainda, que as estruturas internalizadas dessas relações, os protótipos ou estilos de vinculação, parecem oferecer um contributo ainda maior para a auto-estima a partir da adolescência. São contributos que se aguardariam já que os modelos de funcionamento interno ao se autonomizarem, tenderão a manter-se na ausência de alterações no meio relacional. Deste modo, um modelo mais ou menos positivo de si próprio parece iniciar-se nas relações significativas e funcionar, posteriormente, ao nível mais inconsciente das estruturas pessoais de avaliação do *self* e dos outros.

Resta-nos salientar que a auto-estima está neste momento a ser objecto de revisão teórica e empírica, nomeadamente sendo levantadas questões acerca da genuinidade por oposição à defensibilidade na avaliação do constructo, viés positivo na avaliação pessoal (Baumeister, Campbell, Krueger & Vohs, 2003) e até importância relativa do próprio constructo (Crocker & Nuer, 2004), contudo, existem estudos paralelos que visam encontrar formas de controlo da sua avaliação (Paulhus, 1984, 1991, 1998, 2002, Paulhus & Reid, 1991). Não entraremos contudo nessa *discussão*. O que nos importa neste trabalho é a perspectiva da auto-estima sob o olhar da vinculação.

## 2.8. Síntese

A revisão que efectuámos acerca das relações de vinculação com pais, pares e par amoroso, é sintomática da complexidade de que se reveste a abordagem ao constructo. Esta complexidade tem a ver quer com a definição da própria vinculação, sujeita que é a algumas imprecisões na formulação de conceitos que lhe são adjacentes. Tal como já afirmámos, existe de facto a necessidade de delimitar e formular correctamente as noções



da vinculação, que pese embora algumas sejam adjacentes, não são contudo equivalentes; um bom exemplo encontra-se nas noções de laço, de vinculação e comportamento de vinculação que muitas vezes aparecem como sinónimos, não sendo contudo essa a realidade do enquadramento teórico de base. Acrescido a este inconveniente, observa-se ainda que, fruto da ampliação dos estudos para além da infância, se encontram modelos teóricos que privilegiam a interpretação categorial da vinculação do ponto de vista da segurança *versus* insegurança, de modelos de uma concepção tripartida em Seguros, Resistentes e Ambivalente/Resistentes (de Mary Ainsworth), taxonomia esta que é aliás acrescida com mais uma classe com Mary Main, a de estrutura desorganizada. Tendo em conta esta última categorização, Mary Main concretizou a sua transposição para a idade adulta (ou correspondência nas mães), contudo, é com Hazan e Shaver que a vinculação na adultícia tem uma dimensão amorosa, retratando-se esta em três categorias: Seguros, Ambivalentes e Evitantes; finalmente, e encarando a vinculação adulta do ponto de vista genérico dos pares, Bartholomew apresenta quatro protótipos de vinculação, baseados em dois eixos perpendiculares, um representando a imagem de si e o outro, a imagem dos outros: Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado. De novo vamos encontrando nos diferentes estudos nomenclaturas que integram as várias categorizações que, embora contíguas do ponto de vista conceptual, têm contudo diferenças que importa ressaltar.

Nas associações entre contextos relacionais significativos, e porque a vinculação é um conceito que tem claramente características construtivistas, o sistema não funciona do mesmo modo na infância, adolescência e adultícia. A integração de realidades sociais na vida emocional de cada sujeito psicológico, e a diferenciação do sistema em termos de relações complementares para relações paralelas, implica quer a reestruturação do próprio sistema, quer a observação teórica e empírica do sistema de sobrevivência de acordo com as novas competências cognitivas e relacionais proporcionadas pela adolescência. Estas competências desenvolvem-se de acordo com a constância dos ambientes, oportunidades de contacto com contextos alternativos de segurança pessoal e obviamente tendo em conta a história emocional. Trata-se da dicotomia entre vinculação e exploração que em última instância funciona a favor ou desfavor da primeira.

Estudos há que indicam o sentido da continuidade de vinculação desde o estabelecimento inicial do sistema, como que num determinismo em que o desenvolvimento e as experiências de vida posteriores à infância pouco têm a dizer na alteração do funcionamento pessoal futuro dos sujeitos. Estas perspectivas tornam inócua a intervenção psicológica, porque impossível de trabalhar com o sujeito modos alternativos de observar a sua realidade, alterando o seu funcionamento psicológico. Outros observam que a probabilidade da continuidade da segurança é maior que a de insegurança. Aqui encontramos também os estudos que apontam algumas experiências de vida como

passíveis da alteração do funcionamento de vinculação, nomeadamente o divórcio parental com conflito, as perdas reais ou emocionais, doenças graves experienciadas pelo sujeito, etc., e a estabilidade do meio circundante para a manutenção ou alteração de determinado modo de integração do real. Evidentemente que alguns estudos definem também que esse meio é determinado exactamente pelo próprio funcionamento do sujeito, observando-se que os sujeitos Seguros procuram significativamente mais outros sujeitos Seguros para estabelecerem as suas relações, diminuindo por isso a possibilidade de alteração para um funcionamento Inseguro através do contacto alternativo com os modos de funcionamento Seguros.

Alguns investigadores preferem uma abordagem à vinculação ao nível dimensional, que embora passível de poder ser “encastoadada” em determinado padrão funcional, permite observar funcionamentos seguros e inseguros em coexistência num mesmo sujeito, num mesmo relacionamento (em tempos diferentes) ou em diferentes relacionamentos... Deste modo, os processos compreensivos do desenvolvimento pessoal passam necessariamente pelo entendimento do funcionamento dimensional pessoal dos sujeitos. Como Bowlby metaforicamente referiu, a vida acontece à imagem das linhas de um comboio que, fruto de “agulhas” nas encruzilhadas vivenciais, é permitido a alteração do caminho inicial através de “atalhos” ou caminhos secundários.

Cremos que o estabelecimento inicial do sistema é de facto poderoso no enquadramento interno do real, permitindo que a segurança de vinculação, inicialmente estabelecida, surja como factor que direcciona o funcionamento do sujeito em termos futuros, ao nível dos diferentes contextos emocionais, porém, acreditamos também que este direccionamento não é linear, apenas define uma tendência funcional passível de alteração no embate com diferentes situações de vida e com as diversas dimensões sociais que se nos deparam ao longo do ciclo vital. Se as relações de vinculação são susceptíveis de alterar um percurso de segurança mediante acontecimentos de vida negativos, qual é o limiar que estes têm de atingir para fazerem variar de facto a segurança de vinculação? Os acontecimentos de vida positivos contribuem para a segurança de vinculação? Esperamos conseguir responder a algumas destas questões ao longo deste trabalho.

Por outro lado, parece ser consensual que o género define também modos diversos de desenvolvimento, querendo com isto dizer-se que rapazes e raparigas parecem distribuir-se diferencialmente ao nível relacional, detendo formas diversas de se organizar consigo mesmos, com os outros e com o mundo, fruto também do modo diverso como as dimensões de vinculação vão sendo transferidas de contexto emocional a contexto emocional e obviamente do contexto cultural onde se inserem

Se parece claro, genericamente, que o funcionamento seguro é claramente mais protector que o funcionamento inseguro, começa também a percepção de que as funções

de vinculação são também diferenciadas por género de pais e filhos, o que de algum modo pode explicar o porquê de homens e mulheres funcionarem de modo diferente ao nível da vinculação. Levanta-se aqui a questão da dicotomia seguro *versus* inseguro, e a nossa perspectiva não é a de que é “melhor” ser seguro ou “pior” ser inseguro, mas que o sistema revela a sua capacidade adaptativa justamente ao funcionar quer de uma forma quer de outra.

Se desde o estabelecimento do sistema de vinculação até ao início da adolescência (alguns estudos dizem que até ao contacto com grupos de pares, logo, mais cedo), as relações de vinculação totais existem apenas entre pais<sup>56</sup> e filhos, a partir desse ponto os pares começam a deter um papel na sobrevivência emocional dos sujeitos que determina o fim das relações de cariz complementar, e inicia a era da transferência de vinculação aos pares (próximos/amigos) e ao par romântico. Mais tarde, observam-se relações de vinculação totais com pais, pares e par amoroso, numa hierarquia de vinculação flexível, onde a característica mais saliente é justamente o peso equivalente de ambos os elementos de uma relação. Estes estudos são ainda parcos no domínio adolescente, porém, alguns deles indicam que as relações entre mães e filhas parecem ser diferentes das mães e filhos rapazes, e que, o papel da vinculação ao pai parece ter um eco ao nível das relações amorosas dos filhos (na dimensão Dependência) enquanto que a relação com as mães faz variar o nível de Evitamento. Assim, quer a mãe, quer o pai têm papéis diversos no desenvolvimento pessoal de filhos e filhas, e o brilho do sistema de vinculação traduz-se de novo na adaptação que é capaz de integrar o género e a cultura como formas de atingir a sobrevivência emocional. Através dos estudos revistos, vimos também que a autonomia parece advir de uma díade pai/mãe-adolescente onde apesar das diferenças de ponto de vista, a relação não é posta em causa (embora com associações estatísticas mais robustas na relação com a mãe). Os efeitos desta autonomia reflectem-se no relacionamento com os pares e posteriormente com o par amoroso. Com isto queremos dizer que parece ser evidente que há funções de vinculação diversas que se “transmitem” a partir da vinculação a pais e a mães, diversas também no que concerne ao género considerado dos filhos, e que é na adolescência que se encontra uma das chaves para a compreensão do funcionamento adulto dos sujeitos.

Embora a relação com os pais seja aquela que mais contribuiu para o bem estar dos sujeitos até à adultícia, perspectivas há que observam estas relações na adolescência como mais uma relação numa constelação social onde pais, pares e par amoroso coexistem e detêm funções diversas mas igualmente importantes para o desenvolvimento dos sujeitos.

---

<sup>56</sup> Embora se utilize o termo “pais”, claramente o termo mais correcto seria prestadores de cuidados primários, ou figuras primárias de vinculação nas relações complementares.

Seja como for algumas conclusões vão surgindo a partir da observação de diferentes estudos nomeadamente que a continuidade na segurança parece coexistir com a mudança na vinculação. Assim, se o estabelecimento inicial do sistema com os pais é um factor francamente condicionador (mas não determinante) do desenvolvimento futuro ao nível das relações com pares e par amoroso, cada uma das relações com os pares poderá ser um contexto alternativo de segurança pessoal, e, embora as relações iniciais com os pares possam não ser totais em termos de vinculação, poderão cumprir algumas das suas funções (e de facto assim parece acontecer), passando a questão da vinculação a poder ser vista como um sistema de díades, mas a poder ser observada também como uma organização em rede (a partir do início da adolescência), onde cada relação detém um papel único para a adaptação do sujeito.

Aguarda-se teórica e empiricamente, a observação complementar dos processos de continuidade e de mudança de segurança de vinculação e a associação entre contextos de vinculação dos pais com pares e par amoroso, e entre os dois últimos contextos considerados, aliás com maior robustez estatística. A questão mais saliente a ser colocada a propósito da vinculação na adolescência é a de saber quais os processos adjacentes a determinado funcionamento pessoal, olhando a vinculação através das “lentes”, também elas complementares, da visão prototípica e dimensional.

Por último, esta revisão bibliográfica teve ainda em conta o modo como a vinculação ao nível dos três contextos de vida que serão objecto de estudo, se associará à auto-estima pessoal. Os estudos observam a auto-estima quer do ponto de vista de uma variável dependente da vinculação, mas também como um preditor desta última. Quem contribui mais para a estima pessoal na adolescência? Serão os pais, os pares ou o par amoroso? Serão todos eles? Que associações específicas entre dimensões de vinculação na relação com estas quatro figuras?

Foi tendo em conta esta revisão quer no que diz respeito à questão da transferência de componentes de vinculação, quer às associações entre contextos relacionais, papel da idade e do género, acontecimentos de vida e auto-estima que colocamos as nossas hipóteses de trabalho. Como se refere no livro “Novos encontros de amor” (Costa, 1998), reforça-se a ideia de que em Portugal os estereótipos de género condicionam quer a dimensão relacional do desenvolvimento com os pares, quer com o par amoroso. Temos por isso em conta uma visão desenvolvimental e ecológica da construção pessoal das relações de vinculação e o objectivo fundamental deste estudo, é a tentar encontrar em **jovens adolescentes portugueses** algumas regularidades de vinculação. Entremos por isso no que se constitui como a abordagem empírica desta tese, onde o lema foi o de considerar a vinculação como um sistema admiravelmente incompleto de modo a permitir, em cada momento do ciclo de vida, a sua integridade.

## Capítulo 3

### **Estudo empírico: Metodologia, objectivos, hipóteses, amostra; descrição e procedimentos de adaptação**

#### **1. Metodologia**

Ao longo do presente capítulo iremos apresentar quer a metodologia privilegiada para a persecução do objectivo genérico sobre o qual assenta a construção deste trabalho, bem como a especificação do mesmo em termos de objectivos específicos e da construção de hipóteses que tiveram por base a grelha de leitura teórica da vinculação (Ainsworth, 1967, 1969a e b, 1982, 1988, 1989 a e b, Ainsworth, Blehar, Watters & Wall, 1978; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1958, 1969/1990, 1973/1998a, 1973/1998b, 1979, 1988).

Consideraremos a vinculação enquanto processo desenvolvimental, isto é, enquanto sistema que se vai transformando de acordo quer com as exigências do próprio desenvolvimento pessoal<sup>57</sup>, quer com a capacidade das estruturas cognitivas pessoais, mas também de acordo com o desenvolvimento emocional do sujeito e do próprio meio envolvente (tendo em conta a estabilidade emocional deste meio ou a existência de condições que os alterem, falámos dos acontecimentos de vida). Em conjunto, estas dimensões poderão permitir a revisão dos modelos pessoais adquiridos na infância com os prestadores iniciais de cuidados no sentido ou da manutenção ou da mudança das estruturas pessoais (ou modelos de si e do outro). Ao mesmo tempo, são oportunidades de generalizar estes modos de funcionamento a outras relações (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1977a e b, 1979) ou, pelo contrário, inverter o sentido da segurança adquirida inicialmente, quer pela especificidade do contexto relacional com pares ou par amoroso, quer, no caso da insegurança pessoal inicial, como alternativa de segurança (Allen, 2001; Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Hazan & Shaver, 1987, 1994; Hazan & Zeifman, 1994, 1999).

O modelo de Kim Bartholomew foi aliás uma grelha de leitura que privilegiamos neste trabalho (*vide* Figura 3), já que inclui uma análise dimensional em conjunto com uma análise categorial, permitindo contemplar o sujeito psicológico em diferentes posicionamentos relativamente ao quadrante categorial onde se insere no momento actual. Diferentes

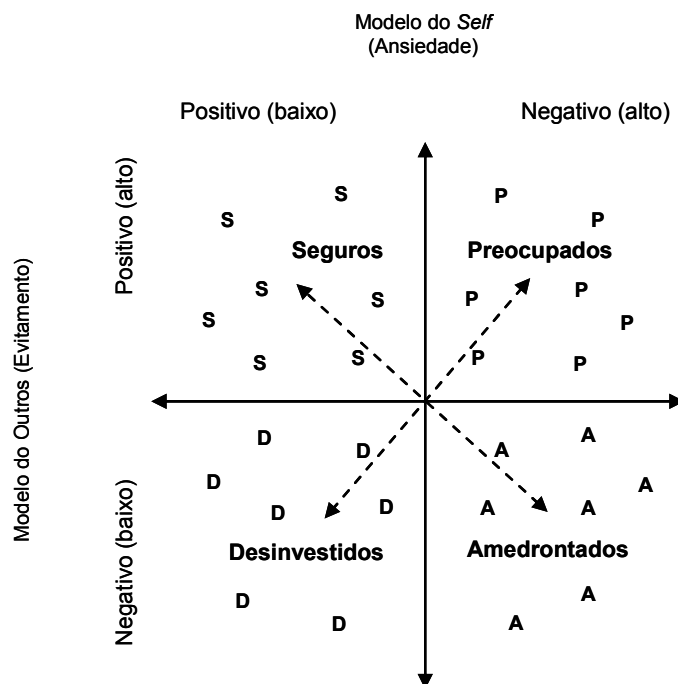
---

<sup>57</sup> Referimo-nos aqui ao indivíduo psicológico enquanto solicitador e receptor de cuidados na infância para um papel de solicitador e receptor mas também de prestador de cuidados ao nível de diferentes relações já na adolescência e adultícia (simétricas, de afiliação e amorosas mas também assimétricas ou parentais).

estudos que o utilizaram permitiram verificar empiricamente a sua aplicabilidade em diversas faixas etárias<sup>58</sup> e em diferentes contextos relacionais (pais, pares e par amoroso).

FIGURA 3.

Modelo bidimensional e protótipos de vinculação adulta de Kim Bartholomew



(Adapt.: Griffin & Bartholomew, 1994a e b)

Dada a utilização neste trabalho deste quadro conceptual como grelha de leitura e como referência de muitos dos procedimentos estatísticos que efectuamos, segue-se uma breve descrição de cada um dos *Protótipos de Vinculação* sugeridos pelo modelo de Bartholomew. Estas descrições têm por base quer o que se apresenta na *Peer Attachment Interview* (Bartholomew, 1996), quer em artigos (Bartholomew, 1990; Bartholomew e Horowitz, 1991) quer ainda nos documentos que são disponibilizados na página do laboratório dirigido pela própria Kim Bartholomew na *Simon Fraser University* (Bartholomew's Research Lab; <http://www.sfu.ca/psyc/faculty/bartholomew/research/>).

<sup>58</sup> Embora este modelo teórico tenha sido testado para a adultícia Kim Bartholomew assumiu já a relevância da sua aplicabilidade na faixa etária adolescente. "The four-category model of attachment was developed to describe the attachment characteristics of adult/young adult close peer relationships (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). The RQ and RSQ were not designed to assess the attachments of young children, nor were these measures designed to assess adults' retrospective childhood attachment to their parents. However, researchers have revised these measures and created versions to use with adolescent samples. Dr. Elaine Scharfe at Trent University has adapted these measures for use with an adolescent population. Since the RSQ tends to evidence low internal consistency in both the adult and adolescent versions (see Griffin & Bartholomew, 1994 for a discussion), we suggest if you are using a self-report approach that you collect multiple measures (e.g., IPPA & RSQ) from multiple sources (e.g., child, parent, & teacher)." (Bartholomew, 2006, [www.sfu.ca/psyc/faculty/bartholomew/](http://www.sfu.ca/psyc/faculty/bartholomew/)).

### **Protótipo Seguro**

Os sujeitos que se encontram no quadrante seguro (*Secure*) definem-se por apresentarem níveis de coerência e autoconfiança de moderados a elevados, uma abordagem positiva aos outros circundantes e ainda por deterem graus elevados de intimidade nos seus relacionamentos. As representações internas de si e dos outros são claramente positivas. O passado relacional é avaliado de forma realista e integrado na forma actual de funcionamento como uma oportunidade de aprendizagem crítica. Os sujeitos seguros tendem a utilizar estratégias de *coping* activas que incluem o recurso aos outros como fonte de apoio em situações ansiogénicas. São indivíduos moderados em termos emocionais, não dependendo apenas do seu/sua parceiro(a) relacional (quer se trate de um par, par amoroso ou elemento parental), mas antes buscando novos laços para a sua rede social afectiva. Tendem a orientar-se para a *Procura de proximidade*, sendo capazes de se *expor*em perante os outros íntimos. As suas relações são caracterizadas pelas qualidades da mutualidade, intimidade e pelo envolvimento.

### **Protótipo Preocupado**

Os indivíduos caracterizados no modelo como *Preocupados* (*Preoccupied*) são *consumidos* pelos relacionamentos. Por norma incoerentes, tendem a *endeusar* as suas relações; são habitualmente altamente dependentes dos outros na busca de auto-estima e por isso mesmo orientados para as relações com os outros. Excessivamente expressivos, estes indivíduos apresentam-se com discursos muito elaborados porém incongruentes. Alternam na descrição dos outros entre o divinizada e o desvalorizada, despoletando em quem os ouve sensações de falta de objectividade. As suas estratégias de resolução de problemas implicam quase sempre o recurso aos outros. A confiança em si mesmos é extremamente baixa e quando sujeitos a situações de separação, exibem normalmente graus elevados de ansiedade. MUITÍSSIMO exigentes nos seus relacionamentos, procuram activamente companhia e atenção, experimentando contudo sentimentos de falta de valorização pessoal por parte dos outros. As relações amorosas têm uma primazia na vida pessoal dos *Preocupados*. Tentam um envolvimento total com contornos sufocantes, e parece estarem sempre apaixonados, como numa tentativa de nunca se encontrarem sós. Ciúme e possessividade caracterizam os relacionamentos destes sujeitos e é patente um modelo de si que impende para a negatividade e um modelo dos outros no extremo da positividade.

### **Protótipo Desinvestido**

Os sujeitos *Desinvestidos* (*Dismissing*) são aqueles que apresentam uma representação de si próprios positiva e um modelo negativo dos outros. Crentes nas suas capacidades, desvalorizam activamente o papel dos relacionamentos nas suas vidas.

Apresentam-se emocionalmente frios, racionais e distantes, dando ao exterior uma imagem de arrogância. As suas estratégias de resolução de problemas são na maioria das vezes a defensibilidade e o evitamento relacional. A desvalorização ou a supressão dos sentimentos pessoais são visíveis no seu comportamento. De si próprios apresentam um sentido de autoconfiança que varia do moderado ao elevado e, quanto ao que os outros pensam deles, quase sempre afirmam não ser de importância apesar de considerarem que as opiniões que deles formam são na sua maioria negativas. Quase não se observa a componente de *Protesto de separação* nestes sujeitos e a *Procura de proximidade* é também baixa. Os relacionamentos pessoais tendem a ser muito pobres em termos de proximidade emocional, intimidade e expressividade pelo que a contenção é algo que lhes é particularmente característico.

### **Protótipo Amedrontado**

Finalmente, no extremo das representações negativas quer de si quer do outro, agrupam-se os sujeitos *Amedrontados (Fearful)*. O medo da rejeição parece ser a razão para o evitamento da intimidade, e a ambivalência entre querer e recear a intimidade com outros enraízam-se na falta de confiança pessoal. Vulnerabilidade, falta de confiança e insegurança são adjectivações que definem de modo adequado estes sujeitos. As suas estratégias de *coping* são na maioria dos casos ruminativas, não procurando a proximidade e o conforto dos outros. Imaginam que a representação que dele fazem, é a de alguém ausente de qualidades, imagem acrescida com especificidades negativas e desvalorizantes. Caracteristicamente dependentes nas suas relações de intimidade, dificilmente as iniciam e só o fazem quando têm a certeza de que não serão rejeitados, o que raramente acontece.

Retomando de novo as questões metodológicas mais puras, este estudo recorreu a uma metodologia de recolha de dados transversal e quantitativa como forma de observar a realidade adolescente no que respeita à leitura das representações de vinculação nas relações com pais, pares e par amoroso.

Simpson e Rholes (1998) e Bartholomew e Shaver (1998) chamaram a atenção para as duas tradições de avaliação da vinculação na adultícia, ao afirmarem que a componente *diferenças individuais* advém da *Situação Estranha* de Ainsworth, existindo a partir dela duas vertentes: a tradição da família nuclear, com as correspondentes medidas baseadas na *Adult Attachment Interview* (Gere, Kansas & Main, 1985) e a tradição dos pares/par amoroso, com o seu correlato nos instrumentos de auto-relato. Segundo os primeiros autores as tradições são relevantes para diferentes componentes dos modelos internos dinâmicos/estruturas representacionais em diferentes níveis de consciência, focando a sua análise nas vantagens de um e de outro método, não rechaçando contudo nenhum deles.



Os segundos investigadores avançam também para a convergência de métodos, pese embora afirmem das diferenças encontradas ao nível quer do domínio relacional considerado, quer do método quer ainda, do tipo de abordagem considerada (dimensionalidade versus categorização).

Confirmando empiricamente as posições referidas estão Griffin e Bartholomew (1994a) que, ao utilizarem cinco métodos de avaliação da vinculação adulta, concluíram que “ (...) as duas dimensões subjacentes à vinculação podem ser avaliadas com confiança por medidas de auto-relato.” (Griffin & Bartholomew, 1994a, p. 443).

Dado que a inflexão teórica é a de que a escolha da metodologia de avaliação das relações de vinculação deverá ter em linha de conta o domínio (família, pares e/ou par romântico) e a dimensionalidade (categorias, protótipos, classificações ou dimensões), bem como a fidelidade dos instrumentos, cabe ao investigador a escolha entre instrumentos de auto-relato altamente confiáveis ou uma metodologia mista de entrevista e medidas de auto-relato (*vide* Bartholomew & Shaver, 1998). As entrevistas são um terceiro método válido a ter em conta, pese embora seja moroso e oneroso.

Nesta investigação optou-se pela metodologia quantitativa já que dois dos domínios a estudar eram justamente os dos pares/amigos e par amoroso, sendo um estudo experimental, correlacional e causal-comparativo. O desenho é transversal, abordando idades entre os 13 e os 23 anos. Presidiu à escolha de cada instrumento de avaliação a replicabilidade e robustez estatística dos mesmos. Uma outra consideração foi a necessidade de recurso a metodologias que oferecessem tanto qualidades fidedignas, quanto características ao nível da economia de administração e tratamento dos dados. Temos vindo a assistir por parte da investigação empírica a esforços no sentido de garantir estes objectivos. Se Hazan e Shaver (1987), pese embora com limitações ao nível metodológico, levantaram a possibilidade de avaliar a vinculação amorosa em adolescentes e adultos utilizando medidas de auto-relato, Brennan, Clark e Shaver (1998) realizaram um estudo donde resultou o *Experiences in Close Relationships* (ERI), um instrumento de auto-relato que por ser construído a partir de diferentes questionários, e detendo uma consistência interna elevada, poderia vir a revelar-se um instrumento mais fiável e válido que os que lhe deram origem. Estes autores pretenderam deste modo a utilização de uma medida de auto-relato comum, cientes que estavam da impossibilidade para a maioria dos investigadores de utilizarem entrevistas como meio de avaliação da vinculação.

Na medida em que também as relações de vinculação aos pais, bem como as hierarquias de vinculação, a auto-estima e acontecimentos de vida serão avaliados neste trabalho, optou-se por manter a metodologia quantitativa, observando contudo os critérios já indicados no que concerne ao vigor estatístico e à replicação extensa dos instrumentos.

## 2. Objectivos e hipóteses

Neste estudo pretendeu-se analisar a vinculação adolescente de um ponto de vista processual, ou seja adaptando em exclusivo a visão de que a vinculação resulta de um fluxo desenvolvimental constante, necessário à adaptação e consequentemente à sobrevivência física e psicológica do ser humano. É justamente a visão da construção permanente e da actividade e elasticidade das organizações pessoais, que se encontra teoricamente subjacente a todo o trabalho.

Se até ao final da infância a vivência pessoal da vinculação se centra, quase em exclusivo, nos adultos prestadores de cuidados, a adolescência traz inevitavelmente a necessidade do alargamento da rede social e a crescente importância de pares e posteriormente do par amoroso. Um dos fundamentos do sistema de vinculação encontra-se na ontogénese. John Bowlby recorreu à teoria de sistemas de controlo, nomeadamente ao princípio da evolução dos sistemas dos simples aos mais complexos (introduzindo paralelamente o conceito de objectivo corrigido<sup>59</sup>), tendo definido como objectivo basilar da vinculação a sobrevivência física e psicológica através da prestação de cuidados. Este é um movimento unidireccional e assimétrico resultante da incapacidade de um dos elementos da díade em fornecer *assistência* ao outro. Porém, à medida que um elicit cuidados e outro os fornece, a relação passa a ser claramente emocional, e as precisões *acomodam-se* em solicitações cognitivas (o conforto não depende somente da alimentação mas da proximidade física). Posteriormente continuidade relacional traduz-se na certeza (ou não) de que o(a) prestador(a) de cuidados está disponível e é responsivo. De transformação em transformação (física, cognitiva, afectiva, relacional e desenvolvimental) as necessidades aumentam, e na adolescência não mais é possível apenas um funcionamento complementar (com pais/prestadores de cuidados). A identificação com os *semelhantes* e a construção da identidade induzem as relações com pares do mesmo sexo, com grupos de pares mistos e ulteriormente com o par amoroso. Deste modo se dá a transformação na qualidade das relações: o sujeito não é apenas receptáculo de cuidados mas também pode funcionar para outros como *Porto* e *Base segura*. O sujeito psicológico tem agora no seu reportório cognitivo-comportamental a capacidade para relações simétricas.

### 2.1. Objectivo geral

É este ponto do desenvolvimento, esta fase de transformação do funcionamento pessoal que se define no objecto mais lato desta investigação, pretendendo-se observar as relações de vinculação na adolescência e a articulação das representações de vinculação

---

<sup>59</sup> *Goal Corrected* no original.

dos adolescentes de acordo com três domínios relacionais: Pais, Pares e Par amoroso. Pretende-se, em termos gerais, um olhar sobre a vinculação ao longo da adolescência em jovens portugueses, razão pela qual não se recorreu apenas a amostras retiradas a partir de escolas regulares, como é de resto habitual, mas procurou-se um retrato mais fiel da realidade valendo-nos de adolescentes a frequentarem dois outros contextos formativos relevantes para os objectivos escolares e profissionais dos jovens portugueses: escolas profissionais e pólos de aprendizagem.

### **2.1.1. Objectivos específicos**

Em termos específicos pretendeu-se:

- 1.a. caracterizar as relações de vinculação em estudo no que diz respeito à transferência de componentes de vinculação e respectiva hierarquia de figuras significativas, testando nesta amostra o modelo de Cindy Hazan (Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997), porém, tendo em conta o estudo do género dos adolescentes, pais e pares;
- 2.a. descrever a transferência de vinculação de Mãe/Pai para Pares amigos do mesmo e de género oposto e Par amoroso, por idade e género dos adolescentes, no que diz respeito a quatro funções/componentes: (a) *Procura de proximidade*; (b) *Porto seguro*; (c) *exibir de Protesto de separação* e; (d) *Base segura*;
- 3.a. analisar diferenças de recurso às diferentes figuras significativas mediante padrões de vinculação, instituição formativa e duração da relação amorosa;
- 1.b. observar a pertinência de construção de padrões de vinculação nos quatro domínios relacionais segundo o modelo de Kim Bartholomew (Bartholomew, 1990, Bartholomew & Horowitz, 1991);
- 2.b. avaliar a variabilidade das representações de vinculação adolescentes, quer do ponto de vista dimensional quer prototípico, (a) ao longo do tempo (em quatro faixas etárias); (b) três ofertas formativas e; (c) em função do género de pais e adolescentes;
- 3.b. estudar associações entre as dimensões/padrões de vinculação nas quatro relações em estudo: (a) entre si; (b) com os acontecimentos de vida (intensidade e número);
- 4.b. analisar a auto-estima do ponto de vista da mediação entre relações parentais e de pares;
- 5.b. analisar a possibilidade de continuidade de Segurança/Insegurança no funcionamento nos domínios relacionais com pares e par amoroso, a partir da Segurança/Insegurança a cada um dos progenitores e com pares (para o par amoroso);

- 1.c. construir modelos explicativos, à luz da teoria e do cumprimento dos anteriores objectivos, do funcionamento do sistema de vinculação tendo em conta a *Qualidade de vinculação aos pais, pares e par amoroso* e ainda o número de componentes de vinculação.

## 2.2. Hipóteses

Todas as hipóteses que a seguir se apresentam estão baseadas no conjunto de estudos empíricos apresentados ao longo do Capítulo 2. Definimo-las alicerçando-nos no pressuposto teórico que as relações de vinculação se estabelecem inicialmente com os pais, robustecendo as probabilidades de sobrevivência através do estabelecimento de uma rede hierárquica que inclui os progenitores, mas que não se limita a eles. Antes, e tal como já afirmámos anteriormente, é uma rede que prevê a aprendizagem de novas formas de ser do sistema de vinculação e que implica o desenvolvimento de estruturas físicas e psicológicas que permitam ao sujeito ser também ele um prestador de cuidados. Assim, é necessário que o sujeito se diferencie e construa a sua identidade através do contacto com pares, mas trazendo para estas relações muitos mecanismos representacionais inconscientes apreendidos nas relações com os pais/prestadores de cuidados iniciais. A fase do ciclo vital onde esta transformação vai sendo verificada é justamente a adolescência. Agora é necessário ser diferente dos pais e igual aos pares, e com *Iguais* podemos iniciar uma segunda diferenciação pessoal, uma que é construída através do aumento da significância dos pares e que se estrutura posteriormente nas relações de intimidade com o par amoroso.

### 2.2.1. Hipóteses: Modelo de transferência das componentes de vinculação

É a partir do início da adolescência que começa a existir um movimento de procura dos pares para apoio emocional, movimento agora bidireccional que segue segundo o modelo de Hazan e colaboradores (1987, 1994a, 1994b, 1997, 1999) um curso sequencial. Enquanto que nas relações com os pais na infância são visíveis os funcionamentos de *Procura de proximidade* e *Protesto de separação* (bidireccionais) e *Porto seguro* e *Base segura* (unidireccionais), no início da adolescência começam a ser procurados os pares para a *Procura de proximidade*, que permitirá eventuais oportunidades de procura e prestação de apoio (*Porto seguro*), que darão suporte à internalização e posterior representação desta diáde enquanto *Base segura*. É a partir desta *Base segura* que é permitido ao jovem explorar-se e ao mundo, tornando-se posteriormente diferente de todos e igual a si mesmo (*vide* Figuras 1 e 2, p. 28 e 31). Obviamente que a partir do estabelecimento do outro enquanto *Porto seguro* começam a surgir os comportamentos de *Protesto de separação*.

Este processo culmina, segundo o modelo, numa construção hierárquica que na adultícia torna o par amoroso, que se constituiu entretanto em *figura de vinculação*, como o primeiro da rede, embora em ocasiões de perda relacional (efectiva ou simbólica), pais e pares amigos íntimos voltem a ser solicitados com maior intensidade, elevando-se de novo na hierarquia emocional. O modelo sugere ainda que é baixa a possibilidade de se encontrarem relações de pares/amizade na adolescência onde estejam presentes as quatro componentes, sobretudo porque as relações com o par amoroso (estáveis e duradouras) incluem, além do sistema afiliativo, o sexual e ainda o de prestação de cuidados. Este primeiro grupo de hipóteses associa-se aos objectivos específicos do grupo a., embora restrito ao modelo de transferência sendo a caracterização deste processo aos restantes níveis discutida, porém, não colocada enquanto hipótese<sup>60</sup>:

- a.1. A transferência de componentes de vinculação de Pais a Pares espera-se ser observada na sequência: (a) *Procura de proximidade*; (b) *Porto seguro*; (c) *Protesto de separação* e; (d) *Base segura*;
- a.2. De acordo com o modelo aguarda-se que seja relatado para os pares amigos, em todas as idades em estudo (dos 13 aos 23 anos), as maiores frequências de *Procura de proximidade* e de *Porto seguro* quando há comparação com os pais;
- a.3. Espera-se também que o *Protesto de separação* e o relato de *Base segura* aumentem com a idade para os pares, existindo possibilidade de equivalência de relato com os pais apenas entre o final da adolescência em diante;
- a.4. Espera-se que haja maior recurso ao par amoroso para exercício das funções de vinculação quando a relação é igual ou superior no tempo a dois anos de duração;
- a.5. Presume-se que a presença em simultâneo das quatro componentes de vinculação numa mesma figura, aconteça essencialmente para os pais e ainda para o par amoroso; esta condição relativamente aos pares amigos será rara.

### **2.2.3. Hipóteses: Abordagens dimensionais e prototípicas**

Uma abordagem às relações de vinculação na adolescência não estaria completa se não integrasse os pontos de vista complementares da dimensionalidade e da visão prototípica. A dimensão é mais sagaz, permite uma avaliação mais pormenorizada, porém, não é possível abarcar todas as dimensões que avaliam este constructo (ou qualquer outro da esfera do psicológico), pelo que faz sentido uma proposta analítica mais baseada num funcionamento ao nível dos padrões mais gerais de funcionamento, pese embora, tal como

---

<sup>60</sup> Referimo-nos a interações eventuais ao nível dos padrões de vinculação, que previsíveis teoricamente não estão incluídas nas análises do modelo de transferência tal como enunciado por Cindy Hazan e colaboradores.

já discutimos anteriormente, numa perspectiva de que estes modos mais gerais associam-se não a um estilo estático de funcionamento em todas as relações, mas antes a integrações e revisões sucessivas que definem, mas não determinam, um modo mais adaptativo de os adolescentes se relacionarem ao longo de diversas relações. Consideramos ainda que esta interpretação da adolescência deverá ser observada em referência às dimensões que lhe deram origem, sob pena de se perspectivarem os funcionamentos seguros ou inseguros como algo independente da Comunicação, Alienação, Evitamento, Confiança, ou todas as dimensões que possamos integrar na vinculação. É justamente este posicionamento que nos fez avançar com o segundo grupo de objectivos (b.) e de hipóteses associadas.

- b.1. Aguarda-se que os dados dimensionais relativos à avaliação da vinculação nos quatro domínios relacionais sejam passíveis de ser lidos prototipicamente, à luz do modelo bidimensional de Kim Bartholomew;
- b.2. Espera-se que a qualidade de vinculação seja diferenciada por género de pais e adolescentes, mormente que entre mãe e adolescentes seja mais elevada que entre os jovens e o pai e que existam valores dimensionais mais elevados entre mãe-filhas que entre mãe-filhos;
- b.3. Aguarda-se que exista maior grau de *Inibição de exploração e individualidade* e de *Ansiedade de separação e dependência* na relação com ambos os pais nas idades mais baixas da amostra (13-16 anos) que nas mais elevadas (17-23 anos);
- b.4. É esperado que as raparigas exibam maior qualidade relacional na relação com os pares que os rapazes, nomeadamente maiores índices de *Comunicação* e *Confiança*;
- b.5. Espera-se que a qualidade das relações amorosas seja mais elevada nas raparigas que nos rapazes, designadamente que as raparigas exibam maiores graus de *Confiança* e *Dependência* e menores de *Evitamento* que os pares de género oposto;
- b.6. Aguarda-se que não se verifiquem diferenças etárias no que diz respeito às dimensões de vinculação na relação com o par amoroso, antes espera-se que estas diferenças existam em função da duração da relação amorosa: as relações com duração maior deterão maiores índices de *Confiança* e *Dependência* e menores de *Evitamento* e *Ambivalência*;
- b.7. Espera-se que existam associações fortes a moderadas entre as dimensões de vinculação a mãe e pai;
- b.8. Aguarda-se ainda que as associações entre dimensões de vinculação aos pais e o par amoroso sejam menos robustas que entre as dimensões de vinculação a pais e pares e entre os dois domínios relacionais de pares;

- b.9. Assume-se a probabilidade da existência de associações entre a qualidade de vinculação aos pais, pares e par amoroso e auto-estima, e que a última seja mediadora nesta relação;
- b.10. Aguarda-se que as dimensões de vinculação que avaliam os quatro domínios relacionais se associem com às variáveis número e intensidade de acontecimentos de vida negativos;
- b.11. Não se aguardam diferenças etárias na qualidade de vinculação quer à mãe quer ao pai;
- b.12. Espera-se que os padrões Seguro na relação com os pais sejam os grupos mais frequentes na população em estudo e ainda que, em ambos os contextos da relação parental, os jovens Preocupados estejam mais representados que os Desinvestidos;
- b.13. Aguarda-se que mais raparigas que rapazes exibam maior frequência no padrão Seguro a pares e par amoroso;
- b.14. Espera-se que a percentagem de Seguros ao par amoroso cresça à medida que aumenta a duração da relação amorosa;
- b.15. Aguarda-se que exista maior número e uma avaliação mais negativa dos acontecimentos negativos nos três padrões Inseguros que no padrão Seguro, nos quatro contextos relacionais;
- b.16. Espera-se que o funcionamento Seguro a cada um dos progenitores aumente a probabilidade de um funcionamento Seguro e faça diminuir a possibilidade de um funcionamento inseguro quer com pares quer com o par amoroso;
- b.17. Aguarda-se que o funcionamento Seguro aos pares aumente a probabilidade de funcionamento Seguro e diminua a probabilidade de funcionamento inseguro na relação com o par amoroso.

### **2.2.3. Hipóteses: Modelos de equações estruturais**

Quanto à construção de modelos explicativos das associações entre a qualidade de vinculação a cada um dos progenitores, número de componentes de vinculação presentes na relação com par do mesmo género e par amoroso e qualidade de vinculação aos pares e ao par amoroso, trata-se de apresentar propostas que se enquadrem dentro das associações previstas teoricamente ao mesmo tempo que se comprova da adequabilidade dos dados ao modelo. Deste modo serão tidos em linha de conta todas as hipóteses levantadas até este momento, bem como os resultados observados até aí. Assim é possível prever que (objectivo específico c.):

- c.1. Esperam-se obter modelos diferenciados quer por género parental, quer por género dos adolescentes;
- c.2. Aguarda-se que sejam mais robustos os valores beta de associação entre os caminhos da *Qualidade de vinculação à mãe* com as dimensões *Qualidade de vinculação a pares e par amoroso* que os que associam a *Qualidade de vinculação ao pai* à *Qualidade de vinculação nos domínios relacionais com ambos os pares*;
- c.3. Espera-se uma associação mais robusta entre *Qualidade de vinculação à mãe e ao pai* na *Qualidade de vinculação aos pares* que ao *par amoroso* quer em rapazes quer em raparigas;
- c.4. Aguarda-se que a influência da *Qualidade de vinculação aos pares* na *Qualidade de vinculação ao par amoroso* seja mais elevada nos modelos masculinos que nos femininos;
- c.5. Aguarda-se que os melhores preditores da *Qualidade de vinculação aos pares e par amoroso* sejam, respectivamente, o número de componentes de vinculação presentes na relação com o par do mesmo género e o número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amoroso.

### 3. Amostra

#### 3.1. Características da amostra por tipo de formação

A amostra (Quadro 2, p. 129) é constituída por 627 sujeitos, com idades entre os 13 e os 23 anos ( $M = 17.19$ ;  $DP = 2.004$ ). 306 respondentes são do género masculino (48.8%) enquanto que 321 (51.2%) do feminino. Pretendeu-se abranger na amostra as oportunidades formativas mais significativas da realidade portuguesa no que diz respeito ao ensino público (tutelas dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho). Deste modo, 237 alunos frequentam escolas regulares (do 8º, 9º, 10º e 12º anos de escolaridade), 170 advém de escolas profissionais (1º e 3º anos de nível 3) e 220 formandos de pólos de aprendizagem (2º ano nível 2 e 1º e 3º anos de nível 3), sendo que todas as escolas foram escolhidas aleatoriamente na área do Porto e Grande Porto.

Resta referir que a amostra é de 548 adolescentes no que se refere às relações com o par amoroso, já que este efectivo se reporta aos jovens que têm ou tiveram no passado uma relação de namoro relatada como significativa.



### **3.1.1. Ensino regular**

Do 8º ano de escolaridade incluíram a amostra 87 alunos (13.9%). Em frequência no 10º ano de escolaridade encontravam-se 75 alunos (12%). Destes últimos, 58 estavam inseridos no agrupamento Científico-Natural (77.3%) e 17 (22.7%) no agrupamento de Humanidades. No último ano do ensino regular (12º ano de escolaridade) foram objecto de estudo 75 respondentes (12%). 43 entre eles frequentavam o agrupamento Científico-Natural (57,3%), 12 incorporavam o agrupamento Económico-Social (16%) e 20 integravam o agrupamento de Humanidades (26.7%).

### **3.1.2. Ensino profissional**

85 alunos do ensino profissional encontrava-se no 1º ano (13.6%) e o mesmo número de efectivos cursava o 3º ano (nível 3 de formação; correspondência aos 10º e 12º anos de escolaridade, respectivamente).

No 1º ano o leque de cursos abrangido cifrou-se em cinco: a) Técnico de Informática e Gestão, Técnico de Comércio e Marketing; b) Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade; c) Técnico de Informática Aplicada; e d) Técnico de Secretariado. Os finalistas das escolas profissionais eram provenientes de seis cursos: a) Técnico de Informática e Gestão, Técnico de Comércio e Marketing; b) Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade; c) Técnico de Informática Aplicada; d) Técnico de Secretariado e e) Técnico de Contabilidade; f) Técnico de Manutenção de Equipamentos.

### **3.1.3. Sistema de aprendizagem**

Do sistema de aprendizagem foram recrutados jovens do nível 2 (2º ano, correspondente ao 8º ano de escolaridade; n = 84; 13.4% do total da amostra) e do nível 3 de formação (1º ano, n = 65; 10.4% do total da amostra; 3º ano, n = 71; 11.3% do total da amostra; correspondência aos 10º e 12º anos de escolaridade, respectivamente).

#### **3.1.3.1. Cursos de Nível 2**

a) Ajudante de Cabeleireiro; b) Electricista de Edificações; c) Empregado de Mesa e Bar; d) Pasteleiro; e, e) Refrigeração/Climatização.

#### **3.1.3.2. Cursos de Nível 3**

1º ano: a) Técnico de Electrónica; b) Técnico de Qualidade; e c) Técnico de Laboratório.

3º ano: a) Técnico de Apoio à Comunidade; b) Técnico de Contabilidade e Gestão; c) Técnico de Manutenção Industrial; d) Técnico Administrativo; e e) Técnico de Informática.

### **3.2. Características familiares**

No que diz respeito à composição das famílias da amostra, estas têm na sua maioria dois filhos ( $M=2.39$ ,  $SD=1.35$ ) e os respondentes ocupam maioritariamente o primeiro lugar na fratria ( $n=215$ ;  $M=1.76$ ,  $SD=2$ ).

#### **3.2.1. Situação de casamento/coabitação parental**

A maioria dos jovens advém de famílias de pais casados embora apenas 502 jovens (80.1%) coabitem com ambos os pais. A este propósito importa referir que 93 indivíduos (14.8%) vivem apenas com um dos pais (em situação de recasamento ou não) e que a coabitar com outras pessoas (familiares ou não), existem na amostra 31 jovens (4.9%).

#### **3.2.2. Nível formativo dos pais**

A escolaridade dos pais centra-se maioritariamente no 4º ano do 1º ciclo básico (mães e pais com o 4º ano com uma percentagem na amostra de 41.5% e 36.7%, respectivamente), seguindo-se em segundo e terceiro lugares, para ambos os pais, os 6º ano e 9º anos de escolaridade do 2º ciclo do ensino básico. Salienta-se que apenas em 5º lugar aparecem os pais com cursos universitários (mães e pais perfazem 5.3% e 5.1% da amostra total, respectivamente).

#### **3.2.3. Características familiares socio-económicas e socio-culturais**

Relativamente ao nível socio-económico da família (NSE), a grande maioria é proveniente dos níveis Médio-inferior e inferior<sup>61</sup> (o efectivo é de 315 pais e 364 mães detendo 50.2% e 58.1%, respectivamente, de peso na amostra final). Ao NSE médio correspondeu nos pais 26.6% da amostra e nas mães a 16.6%, sendo o NSE mais elevado o menor na amostra (pais 11.2% e mães 19.9%, respectivamente). A situação de actividade profissional indica pais activos<sup>62</sup> em 81% dos casos e mães em 64.8%.

O nível socio-cultural foi avaliado através do número de livros existentes no domicílio dos jovens. A classe modal é de 100 livros (12.9%) sendo a média de livros em casa de

<sup>61</sup> Critérios definidos pela Classificação Nacional das Profissões (CNP; IEFP, 1994). O nível Superior e Médio-superior engloba as categorias CNP 1, 2 e 3; o nível Médio, engloba as categorias CNP 4, 5 e 6; finalmente o Nível Médio-inferior e Inferior englobam as categorias CNP 7, 8 e 9.

<sup>62</sup> A situação de activo ou não corresponde no caso à situação de emprego ou desemprego.

133.03 (DP=305.59). Na amostra existiram diferenças significativas nas médias dos livros existentes em casa em função do nível de educação formal dos pais: a média nas casas dos sujeitos cujos pais (pais e mães) têm frequência/curso universitário é superior a todos os níveis de escolaridade até aí. Existem ainda médias significativamente mais baixas nas casas de jovens cujas mães têm o nível de educação mais baixo quando comparados àqueles cujas mães detinham níveis educacionais ao nível do ensino secundário.

## QUADRO 2.

## Caracterização da amostra (N=627)

Género					
Feminino			51.2%		n=321
Masculino			48.8%		n=306
Idade					
13			5.9%		37
14			6.1%		38
15			6.1%		38
16			13.1%		82
17			24.6%		154
18			19.5%		122
19 - 23			24.7%		155
Valores omissos: 1					
Ensino Regular					
8º ano			13.8%		87
10º ano			12%		75
12º ano			12%		75
Ensino Profissional (Nível 3)					
1º ano			13.5%		85
3º ano			13.5%		85
Sistema de Aprendizagem					
Nível 2			13.4%		84
2º ano					
Nível 3					
1º ano			10.4%		65
3º ano			5.7%		36
Estrutura da família de origem					
Pais Casados			81.2%		509
Pais Divorciados			11%		69
Pais Separados			3.5%		22
Mães Viúvas			0.6%		4
Pais Viúvos			3.5%		22
Pais sem conjugalidade			0.2%		1
Escolaridade dos Pais					
Pai			Mãe		
Analfabeto	0.2%	1	Analfabeta	0.3%	2
Ciclo básico até ao 4º ano	38.9%	244	Ciclo básico até ao 4º ano	43.9%	275
Ciclo básico 5º e 6º anos	14.4%	90	Ciclo básico 5º e 6º anos	15.2%	95
Ciclo básico do 7º ao 9º ano	17.4%	109	Ciclo básico do 7º ao 9º ano	18.5%	116
Secundário (10º ao 12º ano)	12.8%	80	Secundário (10º ao 12º ano)	9.9%	62
Frequência/curso universitário(a)	5.6%	35	Frequência/curso universitária (o)	5.7%	36
Valores omissos: 68			Valores omissos: 41		
Nível sócio económico dos pais					
Pai			Mãe		
NSE Superior e Médio-superior	11.2%	70	NSE Superior e Médio-superior	19.9%	125
NSE Médio	26.26%	167	NSE Médio	16.6%	104
NSE Médio-inferior/Inferior	50.2%	315	NSE Médio-inferior/Inferior	58.1%	364
Valores omissos: 75			Valores omissos: 34		

(cont. Quadro 2.)

Situação de Emprego dos pais					
Pai			Mãe		
Activo	81%	508	Activa	64.8%	406
Não-activo	13.2%	83	Não-activa	34%	213
Valores omissos: 36			Valores omissos: 8		

**Nota:** Além da categorização categorial da escolaridade parental, foram efectuados procedimentos estatísticos exaustivos no sentido da caracterização socio-económica e socio-cultural da amostra<sup>63</sup>

## 4. Instrumentos de avaliação: Vinculação, acontecimentos de vida, auto-estima e dados demográficos

Nos parágrafos seguintes pretende-se abordar o processo que presidiu à escolha dos instrumentos de auto-relato que foram utilizados neste estudo, destacando tanto os objectivos da sua utilização quanto as qualidades psicométricas que lhe estão subjacentes.

### 4.1. Instrumentos de avaliação da vinculação

A orientação presente à selecção dos instrumentos de auto-relato para avaliação da vinculação teve em conta sobretudo uma tríade de objectivos que se pensa terem sido cumpridos na íntegra. Pretendia-se que os questionários se inscrevessem teoricamente no quadro conceptual avançado por John Bowlby e Mary Ainsworth, mas que incluíssem o contributo contemporâneo de Kim Bartholomew (Bartholomew, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a e b; Bartholomew & Horowitz, 1991) e o seu modelo bidimensional da vinculação como modo de leitura da realidade psicológica.

Também se pretendeu a observação da rede social da vinculação e das hierarquias estabelecidas pelos sujeitos no que diz respeito às suas relações de vinculação,

<sup>63</sup> As categorias utilizadas para agrupar a escolaridade formal de pais e mães da amostra foram as seguintes: (i) Ciclo básico até ao 4º ano de escolaridade; (ii) Ciclo básico entre o 5º e o 6º ano de escolaridade; (iii) Ciclo básico entre o 7º e o 9º ano de escolaridade; (iv) Ensino Secundário e; (v) Frequência universitária ou aquisição de diploma de estudos superiores. Existiram diferenças estatisticamente significativas ao nível  $p < .05$  nas médias dos livros existentes nas casas dos sujeitos para todos os grupos de escolaridade dos pais [ $F(4, 531) = 15.1, p = .000$ ]. As comparações *post hoc* utilizaram o teste de Scheffé indicativo de que a média de livros em casa do grupo de pais com escolaridade mais baixa ( $M = 83, SD = 124.4$ ) era significativamente diferente do grupo de escolaridade mais elevada ( $M = 508, SD = 926.5$ ), de resto, todos os grupos até ao nível educacional mais elevado diferiam deste último e assim: (i) ciclo básico 5º e o 6º ano ( $M = 100.8, SD = 158.4$ ); (ii) ciclo básico do 7º ao 9º ano ( $M = 125.6, SD = 306.5$ ); (iii) graus do secundário ( $M = 205.2, SD = 303.7$ ). As médias dos livros existentes nas casas dos sujeitos em relação à escolaridade das mães seguiu, com pequenas excepções, o mesmo padrão de resultados que o exibido para os pais. Deste modo existiram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ao nível de  $p < .05$  em que [ $F(4, 531) = 19, p = .000$ ]. Tal como no caso dos pais, também a média de livros foi diferente para todos os grupos de escolaridade em relação ao grupo com escolaridade mais elevada: (i) ciclo básico até ao 4º ano ( $M = 85.3, SD = 135.2$ ) ciclo básico 5º e o 6º ano ( $M = 92.8, SD = 126.6$ ); (iii) ciclo básico do 7º ao 9º ano ( $M = 119.9, SD = 174.5$ ); (iv) graus do secundário ( $M = 226.19, SD = 467.9$ ) e; (v) frequência universitária/diploma de nível 5 ( $M = 544.4, SD = 906.5$ ). Existiu contudo uma diferença significativa entre o grupo das mães com escolaridade mais baixa e o grupo das mães com escolaridade ao nível do ensino secundário, com média de livros mais elevada por parte daquelas cuja escolaridade era mais elevada.

pesquisando ao mesmo tempo o modo como, ao longo da adolescência, as suas componentes vão sendo transferidas (Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Trinke & Bartholomew, 1997; Zeifman & Hazan, 1987). Esta primeira formulação engloba de algum modo uma das hipóteses traçadas, a de que os instrumentos podem ser lidos de um ponto de vista dimensional, mais específico, mas que permitem abordar os jovens de um modo mais global, digamos, categorial. Dito de outro modo, é realizado um esforço no sentido de que esta abordagem seja simultaneamente dimensional e prototípica, porque essa abordagem é mais completa que apenas uma delas. Evidentemente que se pretendia em terceiro lugar que os instrumentos tivessem sido utilizados com populações adolescentes de modo a que as medidas de vinculação aos três domínios relacionais pudessem ser empregues com o máximo de garantias teórico-empíricas no que concerne às idades e aos laços em estudo. O reconhecimento das propriedades psicométricas de cada um dos instrumentos é claramente um objectivo que ao longo deste e de outros capítulos irá sendo explanado.

#### **4.1.1. As hierarquias de vinculação**

##### **4.1.1.2. Attachment Network Questionnaire: ANQ**

O *Attachment Network Questionnaire* (ANQ, Trinke & Bartholomew, 1997) é um questionário de auto-relato (Anexo 1a) onde, por um lado, se acede às características das hierarquias de vinculação em jovens adultos (número e posição relativa das figuras consideradas de vinculação, independentemente da segurança do laço) e, por outro lado, são avaliadas as múltiplas relações de vinculação no período etário actual relativamente às dimensões *Desejo* e *Utilização de base e porto seguros*, *Procura de proximidade*, *Impacto de morte*, *Conexão/Ligação emocional* e *Emoção conflitual*.

É requisitado aos adolescentes que preencham um primeiro quadro (dupla entrada) com as pessoas com as quais sentem, no momento actual, terem estabelecido uma ligação afectiva forte (independentemente da direcção positiva ou negativa da mesma), referenciando o tipo de relação (amizade, filial, parental, etc.), o género e idade, a frequência de contacto e a duração temporal da relação. Aos jovens é ainda referido que não existe limite para a construção desta lista, embora o quadro em branco tenha quinze linhas para resposta. Num segundo momento é pedido aos sujeitos que preencham um novo quadro de dupla entrada, acedendo deste modo às representações dos sujeitos sobre quais as funções de vinculação (desejadas ou efectivas) que cada uma das pessoas listadas preenche.

As idades utilizadas na validação deste instrumento variaram entre os 17 e os 45 anos de idade, adequando-se por isso ao objectivo de avaliação das características das hierarquias e das transferências de vinculação no jovem adulto. Em idades mais novas o

instrumento não tinha sido ainda utilizado, e dada a complexidade do mesmo, neste estudo efectuou-se uma primeira administração com o instrumento original a um grupo de 12 adolescentes com idades entre os 13 e os 15 anos. Dadas as dificuldades sentidas no preenchimento e compreensão do questionário, optou-se por recorrer à transformação das respostas em *Likert* (originais) em respostas dicotómicas, adaptando também desta forma o instrumento às idades entre os 13 e os 16 anos. A Figura 4. exemplifica o preenchimento de ambos os quadros de dupla entrada referentes ao ANQ.

FIGURA 4.

Exemplificação de preenchimento de quadros de dupla entrada (1. e 2.) do ANQ

Nome/Iniciais da pessoa e ordem da ligação emocional (1. é a pessoa emocionalmente mais próxima de si)	Tipo de relação (isto é, irmão, amigo, colega da escola, etc.)	Sexo coloque uma das letras (M/F)	Idade (anos)	Frequência de contacto: visita, telefone, escrita, etc. (use os números abaixo para responder)  1=Todos os dias/quase todos os dias 2=Pelo menos uma vez por semana 3=Pelo menos uma vez por mês 4=Três a quatro vezes por ano 5=Aproximadamente uma vez por ano 6=Menos de uma vez por ano	Há quanto tempo se conhecem (anos)
1. AA	Irmã	F	14	1	13

1.

Nome iniciais	A. gostaria de procurar	B. de facto procura	C. gostaria sempre de contar	D. de facto sempre conta	E. ver/falar	F. impacto de morte	G. transtorna-o(a)
1. AA	X		X		X	X	

2.

O instrumento recorre teoricamente ao trabalho de Hazan e Zeifman (1994; 1999) acerca das relações que são de vinculação, e da rede social dos sujeitos adultos com quem essas relações são estabelecidas. As autoras preconizaram que as relações de vinculação na adultícia seguem as quatro componentes de vinculação definidas por Bowlby (1973/1998a, 1977a e b, 1988) e Ainsworth (1967, 1969, 1978, 1988, 1989) nomeadamente a *Procura de proximidade*, o *uso da figura enquanto Base segura* onde inicia comportamentos de *Exploração* e de *Porto seguro*, requisitada para conforto e apoio e o

*Protesto de separação*, que se observa através dos comportamentos de reclamação, resistência e ansiedade de separação. Mas o trabalho dos fundadores da teoria da vinculação reflectido neste instrumento encontra-se não só na identificação dos componentes de vinculação, mas nos enunciados que realizaram acerca das figuras de vinculação na adultícia, considerando a hipótese que existe uma multiplicidade de laços de vinculação a diversos actores relacionais que não só aos pais e ao par amoroso (*vide* Capítulos 1 e 2).

O instrumento pretende avaliar não só os laços de vinculação seguros mas abranger as vinculações inseguras (avaliando também sujeitos que não procurando proximidade com o outro significativo, são claramente vinculados a ele usando para tal a diferenciação entre desejo e utilização efectiva do *Base* e *Porto Seguros*), organizando os respondentes segundo o modelo bidimensional de Kim Bartholomew; a ideia é justamente conseguir apreender as respostas dos sujeitos que apesar de desejarem utilizar determinadas figuras de vinculação como *Base ou Porto Seguro* na realidade não o fazem, como são os casos na adolescência dos padrões Desinvestido e Amedrontado.

No estudo das autoras (Trinke & Bartholomew, 1997) a consistência interna foi avaliada tendo em conta os sete itens da escala e as cinco relações mais nomeadas (mãe, pai, par romântico, melhor amigo e irmão(ã)). Os coeficientes obtidos (*alpha* de Cronbach) variaram entre .70 (relação com o melhor amigo) e .90 (relação com o par romântico). Recorrendo a verificações de correlações entre os itens que compõem a escala (exceptuando o item escolhido) e destes com a escala global, foram obtidos resultados considerados satisfatórios (de .26 a .78 entre itens e escala total), à excepção da tendência para os sujeitos se sentirem *Transtornados com o melhor amigo* (.12). Os valores da média composta dentro das relações foram calculados com e sem um item relativo à *Emoção conflitual* e os dois conjuntos de valores resultantes desse cálculo obtiveram resultados de correlação entre .93 e .99. Relativamente a esta escala não serão dadas informações adicionais dado que os dados não foram trabalhados neste estudo (para informações adicionais ver Trinke e Bartholomew, 1997). O instrumento foi submetido a procedimentos de *teste-reteste* no intervalo de um mês, cujos resultados indicavam um número de laços similar em ambas as ocasiões ( $rs=.60$ ), e ainda um recurso às mesmas figuras, na mesma ordem, nos dois tempos considerados (Parceiro(a) romântico,  $rs=.93$ ; Mãe,  $rs=.74$ ; Pai,  $rs=.75$ ; Irmão/irmã,  $rs=.79$ ; e Melhor amigo(a),  $rs=.86$ ).

Relativamente à validade discriminante as autoras construíram este questionário de modo a que cada item descrevesse “clara e directamente” (Trinke & Bartholomew, 1997, p. 618) cada *Componente da vinculação* em termos teóricos, tendo existido resultados correlacionais moderados entre o *Estatuto de vinculação* (tal como medido pelo ANQ) e *Apoio social* (utilizando o *Social Support Questionnaire*, SSQ-Short Form, adaptação da

medida de Saranson, Saranson, Shearin & Pierce, 1987). Entre o *Estatuto de vinculação e Segurança de vinculação* (utilizando o *Relationship Questionnaire*, RQ, Bartholomew & Horowitz, 1991), os resultados foram indicadores de que com as mães, pais e parceiros românticos (mas não com o melhor amigo), existe uma correlação positiva entre o grau de *Segurança de vinculação* e o recurso a essa pessoa para satisfação das funções de *Porto* e *Base segura* de vinculação (desejadas e efectivas). Os relatos de segurança estavam correlacionados de forma mais elevada com o uso efectivo de ambos os pais e os parceiros amorosos que com o desejo de os utilizar enquanto *Bases seguras de exploração* e como *Porto seguro*. A *Disponibilidade percebida* e a *Satisfação com o apoio social* foram comparados com a orientação a determinadas sujeitos como figuras de vinculação e a relação entre o número de figuras de vinculação e o número de *apoios sociais* era apenas moderado, indicando, tal como esperado, que *Apoio social* e *Vinculação* são constructos diversos.

Mais ainda, as autoras recorreram ao julgamento de dois juízes com treino exaustivo quer na teoria da vinculação, quer na cotação de entrevistas, de modo a observarem se as relações relatadas no ANQ eram na realidade *relações de vinculação*. Foram obtidos resultados elevados<sup>64</sup> em termos de concordância inter-classificações entre os dados obtidos através do ANQ (tendo em conta que uma relação de vinculação teria que deter uma das componentes de *Base segura* e outra de *Porto seguro* e as componentes *Luto hipotético* e *Conexão emocional*) e a cotação efectuada pelos juízes. Existiu um paralelismo dos resultados empíricos com os derivados teoricamente através dos juízes, sendo demonstrada coerentemente a validade convergente do questionário.

#### **4.1.2. A vinculação aos pais**

##### **4.1.2.1. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe: QVPM**

O *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*, Matos & Costa, 2001, versão revista) é um questionário de auto-relato que pretende aceder às percepções que os sujeitos adolescentes têm das relações de vinculação com cada um dos seus pais (Anexo 1b). Este instrumento foi construído tendo por base teórica os trabalhos de Bowlby e Ainsworth e, embora assente numa abordagem dimensional, é um questionário que pode também ser

<sup>64</sup> “A proporção de concordância entre os dois juízos de vinculação foi examinada em cinco relacionamentos e foi elevada. Os valores Kappa, que controlam a concordância ao acaso, foram algo baixos dada a elevada probabilidade de estatutos de vinculação para as relações examinadas. A concordância inter-juízos aconteceu para as mães numa percentagem de 93 (kappa=.54), para os pais de 83 por cento (kappa = .57), parceiros românticos de 100 por cento (kappa = .1.0), irmãos uma percentagem de 83 (kappa= .78), e para o melhor amigo de 95 por cento (kappa = .87). A correlação entre o número de vinculações ajuizadas pelos dois juízes foi também elevada ( $r=.87$ ,  $p<.001$ )”. (Trad., Trinke & Bartholomew, 1997, p. 614). (...) A concordância foi elevada para as cinco relações examinadas: mães 91 por cento (kappa = .58) pais 78 por cento (kappa = .51), parceiros românticos 94 por cento (kappa= .21,) irmãos 88 por cento (kappa = .75) e melhor amigo 91 por cento (kappa = 76)” (Trad., Trinke & Bartholomew, 1997, p. 615).



utilizado com recurso a uma perspectiva tipológica da vinculação tendo em conta o posicionamento teórico de Kim Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991). Na sua versão actual (*versão III de investigação*, Matos & Costa, 2001) o instrumento é composto por 30 itens, sendo o formato de resposta em *Likert* de seis pontos (de *Discordo completamente* a *Concordo completamente*; Matos, 2002; Matos & Costa, 2004).

Numa amostra inicial (Matos, Almeida & Costa, 1998; Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999) foi encontrada uma solução factorial em quatro componentes teoricamente interpretáveis, que incluíam a dimensão *Inversão de papéis*, porém, esta última dimensão foi posteriormente abandonada dado que os valores que foram obtidos para a sua consistência interna e invariância estrutural eram baixos.

A estrutura factorial final deste instrumento define três escalas (com dez itens cada uma) para ambos as figuras parentais, nomeadamente *Inibição da exploração e individualidade*, *Qualidade do laço emocional* e *Ansiedade de separação (e dependência)*. A *Inibição da exploração e da individualidade* concerne a percepção do sujeito “de restrições à expressão da individualidade própria, seja pelas dificuldades sentidas na emissão de pontos de vista ou opiniões divergentes das da figura parental, seja pela ausência de apoio a iniciativas de exploração, seja, ainda, pela interferência, não desejada, em questões que o sujeito considera pessoais” (Matos, 2002, p. 369). Dito de outro modo, trata-se da avaliação subjectiva do sujeito acerca do nível de exploração adequado para um desenvolvimento psicológico saudável e adaptativo ao nível da vinculação, suportada num apoio parental adequado. Relativamente ao factor *Qualidade do laço emocional*, incide-se no conceito de *Figura de vinculação*. Avalia-se de que modo as figuras parentais são únicas e insubstituíveis na relação pessoal com o sujeito, capazes de providenciar apoio aquando da procura de proximidade e com as quais se desenvolve um sentido de continuidade relacional. Por último, os itens que definem a dimensão *Ansiedade de separação (e dependência)* respeitam o modo como os sujeitos experimentam as situações de separação da figura de vinculação parental. Trata-se da análise do sujeito acerca da forma como o medo e ansiedade de separação reflectem a dependência psicológica da figura de vinculação parental.

No que concerne a instruções, cada jovem era solicitado a “*ler atentamente cada uma das frases*”, indicando em colunas separadas para cada um dos elementos da parentalidade o modo como “*se sentem relativamente a cada um dos seus pais*”.

A escala *Likert* usada no instrumento era de seis pontos, indicativa das opções de resposta que variam entre *Discordo completamente* a *Concordo completamente*.

O instrumento tem sido amplamente utilizado em amostras portuguesas, e em todos os estudos que utilizaram a análise factorial exploratória, os resultados replicam a estrutura tridimensional original que “explica cerca de 50% da variância total. Com poucas excepções,

os itens tendem a saturar nos factores originais e apresentam baixas correlações significativas ou não apresentam correlações com os restantes factores.” (Matos & Costa, 2004, p. 2/3).

Existem outros estudos (em amostras portuguesas) que recorreram a análises factoriais confirmatórias como meio de testar a estrutura factorial do instrumento (Oliveira & Costa, 2000, 2001; Bastos & Costa, 2002; Matos & Costa, 2004), tendo sido obtidos nestas investigações índices de ajustamento adequados. Num estudo de Moura e Matos (2004), recorrendo a uma amostra com adolescentes com média etária de 15.5 anos, foi encontrado um valor de covariância entre os factores *Qualidade do laço emocional* e *Ansiedade de separação (e dependência)* mais elevado que o habitual. Também alguns itens relativos ao factor *Inibição da exploração e dependência* parecem contribuir para o esclarecimento do factor latente *Qualidade do laço emocional*. As autoras avançam como possível justificação destes resultados que até ao início da adolescência média (por volta dos 15 anos de idade), os níveis mais elevados de ansiedade de separação não se aliam necessariamente a modelos internos de funcionamento inseguros mas possivelmente à valorização das figuras parentais enquanto figuras importantes e primárias de vinculação.

O instrumento apresenta valores de consistência interna (*alpha* de Cronbach) das dimensões avaliadas entre .67 e .92 para as escalas da mãe, e entre .66 e .94 para as escalas do pai, garantindo deste modo que cada um dos itens se correlaciona com aqueles que teoricamente lhe estão adjacentes numa escala ou subescala (Barbosa, 2001, 2002; Bastos & Costa, 2002; Galvão, em preparação; Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999; Meireles, 2006; Moura & Matos, no prelo; Oliveira & Costa, 2002; Silva & Costa, 2000).

Foi realizada ainda uma análise diferenciada por género, cujos valores obtidos na comparação entre grupos apoiam a validação do instrumento (valores entre .75 e .89 nas escalas da mãe para o sexo feminino e de entre .75 e .87 para o sexo masculino. Valores entre .77 e .87 e .82 e .91, respectivamente, para o género masculino e o feminino nas escalas para o pai). O QVPM foi sujeito ainda a procedimentos de *teste-reteste* (num intervalo de seis meses), sendo os valores das correlações encontrados para dois momentos nas três escalas entre .54 e .66, indicando que “as dimensões avaliam características relativamente estáveis da relação com as figuras parentais.” (Matos, 2002, p.381). Mais interessante é o resultado obtido num intervalo temporal maior (Matos & Costa, 2000), onde se observou que a dimensão *Inibição da exploração e individualidade* revela mudança reflectindo segundo as autoras, as transformações na relação parental com os adolescentes (dos 17.5 anos para os cerca de 19 anos de idade).

A validade de constructo foi testada inicialmente através de estudos correlacionais que recorreram ao *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)*, Armsden & Greenberg, 1987), ao *Psychological Separation Inventory (PSI)*, Hoffman, 1984) e ainda ao *Self-*

*Description Questionnaire III* (SDQ III, Marsh, 1988). Os resultados obtidos confirmam que as dimensões avaliadas pelo QVPM medem um constructo similar ao medido pelo IPPA, enquanto que os resultados dos estudos com o PSI indicam a validade preditiva do instrumento. Em termos de validade discriminante os estudos correlacionais efectuados com o SDQ III, encontraram valores moderadamente elevados entre as dimensões do QVPM e a dimensão *auto-conceito nas relações com pais* (SQD III), e baixos (embora no sentido aguardado) para com as restantes dimensões avaliadas.

Outros estudos têm observado relações previstas entre as dimensões de *Segurança de vinculação*, e *Percepção de maior satisfação parental e marital*. O grupo seguro percepção uma *Satisfação parental* maior em várias das dimensões estudadas que o grupo inseguro (vide Oliveira & Costa, 2000). Silva e Costa (2001) encontraram correlações baixas a moderadas entre as dimensões *Ansiedade de separação* e *Medo de viajar e de animais*, *Agorafobia* e *Fobia social*. A *Inibição da exploração e individualidade* também se associava à dimensão *Pensamentos obsessivos*, em correlações similares em magnitude às anteriormente referenciadas. Por último, no estudo de Bastos e Costa (2002) que pretendeu pesquisar as relações entre a *Vinculação parental* e a *Solidão*, encontraram-se relações teoricamente previsíveis entre a *Solidão* e a *Afinidade* e *Aversão à solidão* e a *Vinculação* nos domínios relacionais com os pais, pares e par amoroso.

O questionário demonstrou ainda deter bons índices de validade convergente já que análises de Qui-quadrado, efectuadas num estudo que avaliou a concordância nas classificações de vinculação entre o método da entrevista e o do auto-relato (classificações segundo o modelo prototípico de Bartholomew e o modelo bidimensional de segurança vs. insegurança), confirmaram que as distribuições de ambos os métodos não eram independentes, dando indicações que ambas as metodologias medem um constructo similar.

#### **4.1.3. A vinculação aos pares**

##### **4.1.3.1. Inventory of Parent and Peer Attachment: IPPA**

O *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987) é um instrumento de auto-relato multifactorial desenvolvido para avaliar em adolescentes, a qualidade de vinculação percebida aos pais e aos pares (tomados enquanto amigos próximos; Anexo 1c).

De forma mais específica, o IPPA avalia as percepções de adolescentes das relações de vinculação estabelecidas com pais e pares em dimensões comportamentais afectivas e cognitivas (negativas e positivas), pretendendo-se justamente analisar o modo como estas

figuras cumprem funções securizantes para o jovem<sup>65</sup>. Neste estudo utilizou-se apenas a versão pares.

O inventário apresenta-se neste estudo numa escala *Likert* de seis pontos, indicativa das opções de resposta que variam entre *Discordo completamente* a *Concordo completamente*. Existe uma cotação inversa no item 5. A cada sujeito foi pedido que assinalasse “a sua opinião” relativamente ao “conjunto de afirmações acerca do modo como os jovens se sentem com os seus amigos”.

Os autores afirmam que o instrumento é adequado na avaliação de participantes com idades a partir dos 12 anos, pese embora as amostras de desenvolvimento e validação do questionário tivessem recorrido a idades entre os 16 e os 20 anos<sup>66</sup>.

Os estudos de validação factorial do instrumento<sup>67</sup> realizados pelos autores indicaram o surgimento de três factores (com valores próprios maiores que 1.00), que explicavam em conjunto 84% da variância total. Um primeiro factor surgiu com saturações que variavam entre -.44 e .79 cujos conteúdos semânticos se ligavam à compreensão, respeito e confiança mútua – a esta dimensão os autores referem-se como *Confiança*. Um segundo factor, com saturações entre -.27 a .76, denominada de *Comunicação* referia-se a temas associados à qualidade e extensão da comunicação com os pares. Finalmente, com valores de saturação numa amplitude que variou entre -.42 e .59, manifesta-se um terceiro factor cujo objecto versava os sentimentos de alheamento e isolamento, mas com o reconhecimento da necessidade da proximidade para com os amigos. A este último factor os autores apelidaram *Alienação*.

A escala final para pares apresenta-se com vinte e cinco itens no total, dez itens nas dimensões *Confiança* e *Comunicação* com oito itens e sete itens na dimensão *Alienação*. Os valores de *alpha* de Cronbach variaram entre .72 e .91 (*Confiança*, *alpha* = .91; *Comunicação*, *alpha* = .87; *Alienação*, *alpha* = .72).

O instrumento foi ainda sujeito a procedimentos de *teste-reteste* numa amostra com média etária de 20.1 anos de idade (vinte e sete sujeitos) num intervalo temporal de 3 semanas, tendo sido obtidos valores de consistência de .86.

Para a formulação final do IPPA, os valores de consistência interna (*alpha* de Cronbach) para a escala de *Vinculação aos pares*, foi de .92. Outros autores usaram a escala *Vinculação aos pares* do IPPA com resultados relativos à consistência interna

<sup>65</sup> Os autores colocaram como hipótese de trabalho que poderiam aceder ao modelo interno de funcionamento das figuras de vinculação, avaliando por um lado as experiências afectivo-cognitivas de confiança na acessibilidade e responsividade das figuras de vinculação e, por outro lado, analisando as experiências afectivo-cognitivas negativas de raiva e/ou desânimo resultantes da inconsistência ou falta de responsividade da figura de vinculação (Armsden & Greenberg, 1987, p. 430).

<sup>66</sup> Os dados relativos à revisão do IPPA foram obtidos através de documentação pedida aos autores e cedida e enviada directamente por eles em Julho de 2003.

<sup>67</sup> Realizados com recurso à análise factorial exploratória em componentes principais com rotação *varimax* para 29 itens.

também aceitáveis (*alpha* de Cronbach acima de .75) (Carlivati, 2001; Bastos, 2006, Ferreira, 1998; Neves, Soares & Silva, 1999; Phillips, 2001; Schwartz & Buboltz, 2004).

Quanto à validade de constructo, os *scores* da *Qualidade de vinculação aos pares*<sup>68</sup> correlacionavam-se positiva e robustamente com o *auto-conceito social* da Tennessee Self-Concept Scale (TSCS, Fitts, 1965) e com a *Expressividade familiar* na (Family Environment Scale (FES, Moos, 1974), e estavam forte e negativamente correlacionados com a *Solidão*. Tal como avaliada pelo IPPA, a *Qualidade de vinculação aos pares* está correlacionada com a *Qualidade de vinculação aos pais* apenas de forma moderada (de resto comprovando serem constructos diversos, porém relacionados, Armsden & Greenberg, 1987).

Entre os adolescentes mais velhos (e quando falamos da validade do instrumento) a *Qualidade de vinculação aos pares* correlaciona-se com a positividade e estabilidade da auto-estima (com a *Rosenberg Self-Esteem Scale*, que referiremos com pormenor mais adiante), *Satisfação vivencial* e *Estatuto afectivo*, (tal como medido através de algumas das dimensões do *Affective States Index*, de Bachman, 1970; índices de *Depressão/ansiedade*, *Ressentimento/alienação*, *Irritabilidade/raiva* e *Culpa*). A *Qualidade de vinculação aos pares*, embora numa extensão menor que aos pais, associa-se a tendências (relatadas pelos sujeitos) de apelo a maior número de estratégias de *coping* que implicam esforços de gestão de emoções em situações de ansiedade. Entre os jovens na adolescência média (cerca de 15-16 anos de idade) e mais novos (12 anos), em grau inferior comparativamente à *Qualidade de vinculação parental*, a *Qualidade de vinculação aos pares* está associada a menor desânimo e a um *locus de controlo* menos orientado para a externalidade, bem como com uma maior capacidade de *Autogestão de competências de coping* (Armsden & Greenberg, 2003).

#### **4.1.4. A vinculação ao par amoroso**

##### **4.1.4.1. Questionário de Vinculação Amorosa: QVA**

O *Questionário de Vinculação Amorosa* (QVA, Matos & Costa, 2001) é um instrumento de auto-relato com cinquenta e dois itens<sup>69</sup> que procurou conciliar uma abordagem dimensional a uma abordagem prototípica da vinculação (Anexo 1d). Esta aliança aspira delimitar o constructo da *Vinculação amorosa* através de uma sólida abordagem teórica às componentes definidoras da relação tendo em conta a “possibilidade de coexistência de manifestações de vários padrões de vinculação simultaneamente” (Matos, Barbosa & Costa, 2001, p. 97). Baseando-se na abordagem teórica de Bowlby e Ainsworth, as autoras

<sup>68</sup> Dado que no presente estudo apenas se utilizou a escala *Vinculação aos pares*, a partir deste ponto será dado enfoque apenas a dados referentes a esta escala.

<sup>69</sup> A versão utilizada neste trabalho tem 46 itens, embora exista actualmente uma nova versão revista do instrumento.

operacionalizaram as dimensões consideradas essenciais para que possam definir-se como de *vinculação* as relações interpessoais no adolescente e no adulto, sendo dez as dimensões<sup>70</sup> teóricas da ligação afectiva de proximidade. Posteriormente estes atributos reagruparam-se em torno de duas grandes áreas complementares: *Vinculação* (as sete primeiras dimensões) e *Exploração* (as três últimas dimensões). Considera-se não bastar observar apenas o que é a relação, mas também o modo como esta se reflecte na forma como cada sujeito se envolve com o mundo circundante, existindo uma clara referência ao contributo de Mary Ainsworth para a *teoria da vinculação*.

O instrumento recorreu ainda ao modelo que observa a vinculação sob o ponto de vista da *Segurança relativa ao eu e ao outro(os)* (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a; 1994b; Bartholomew & Shaver, 1998). Provou-se com isso que a *Qualidade de vinculação ao par amoroso* era susceptível de ser analisada em quatro protótipos a partir das dez dimensões predefinidas. Em termos efectivos, esta *nuance* teórica traduziu-se na inclusão de pelo menos dois itens em cada escala que corresponderiam aos modelos *Seguro*, *Preocupado*, *Desinvestido* e *Amedrontado*.

Relativamente a instruções de preenchimento cada participante foi solicitado “*ler atentamente cada uma das frases*”, indicando a resposta “*que melhor exprime o modo como se sente na relação com o(a) seu(sua) namorado(a)*”.

A escala de resposta foi construída num *Likert* de seis pontos (de *Discordo completamente* a *Concordo completamente*), e porque se trata de avaliar idades onde as realidades amorosas têm pouca permanência temporal, mas onde as distinções efectuadas pelos jovens remetem para uma nomenclatura clara, foi ainda solicitado que “identifique as respostas que melhor exprimem o modo como se sente na relação com o(a) seu(sua) namorado(a)”, pelo que o questionário se centra numa relação específica, podendo esta ser a actual ou aquela que no passado foi mais duradoira. Caso os participantes não tenham ainda tido uma relação que considerem de namoro, são instruídos a responder “imaginando como gostaria que fosse uma relação com um(uma) namorado(a)”. Por último, é ainda dada a hipótese aos participantes de responderem ao questionário na ausência de relações de namoro, reportando-se porém a relações em que tenham *curtido* (Matos *et al.*, 2001, p. 99). Salienta-se que caso os respondentes se enquadrassem nas alternativas em que nunca

<sup>70</sup> (i) *Procura de proximidade*, (ii) *ansiedade de separação*, (iii) *medo da perda*, (iv) *confiança na figura de vinculação para providenciar apoio*, (v) *responsividade da figura de vinculação*, (vi) *exclusividade da relação*, (vii) *admiração*, (viii) *base segura de exploração*, (ix) *individualidade* e, (x) *descentração de perspectiva* (Matos, Barbosa & Costa, 2001, p. 99).

tivessem tido uma relação ou cuja relação fosse de *curtição*, não seriam considerados para efeitos de procedimento estatístico<sup>71</sup>.

O questionário foi sujeito ao teste de invariância dimensional numa amostra de adolescentes sem experiência de namoro. Os valores obtidos em vários índices de ajustamento foram considerados aceitáveis, pelo que são dadas indicações acerca da inviabilidade na interpretação dos dados obtidos em amostras em que existe prevalência de “não-namoro” (Matos, 2002).

A *Análise factorial exploratória em componentes principais*, efectuada numa amostra inicial de 365 participantes (12º ano de escolaridade), após rotação ortogonal (*varimax*) e oblíqua (*direct-oblimin*), testou diversos sistemas factoriais cujos resultados compeliram a optar por uma solução de quarenta e seis itens distribuídos em quatro dimensões, a saber, *Confiança*, *Dependência*, *Evitamento* e *Ambivalência*. Esta solução quadridimensional explica 45.1% da variância total.

O factor *Confiança* é bipolar e constituído por doze itens que reflectem as percepções do sujeito acerca do companheiro amoroso enquanto provedor das necessidades que se constituem em *Porto* e *Base seguros de vinculação*, por outras palavras, qual é a extensão na qual o indivíduo percebe o companheiro amoroso enquanto responsivo, apoiante e confiável para consistentemente estar disponível, desafiando e apoiando o sujeito nos seus esforços de exploração. Os valores de saturação obtidos para a dimensão *Confiança no companheiro enquanto figura de vinculação* variam entre .59 e -.69, e esta explicou 14.1% da variância total<sup>72</sup>.

O factor *Dependência* é também ele composto por doze itens que espelham as percepções dos jovens relativamente às necessidades de proximidade, ansiedade de separação e medo da perda do companheiro. A amplitude das saturações intervalaram entre .47 e .71, explicando 12.2% da variância total.

Os conteúdos que definem o terceiro factor, *Evitamento*, centram-se na percepção da capacidade pessoal para remover obstáculos de vida, sem necessidade (consciente) de recurso ao par amoroso; este último não detém a primazia de vinculação na vida do respondente. É com certeza um factor fortemente associado ao modelo *Desinvestido* avançado por Bartholomew. Composto por treze itens, explicou 11.3% da variância total originando valores de saturação entre .48 e .66.

Com nove itens na sua composição e saturações que preenchem valores entre .41 e .64, a dimensão *Ambivalência* define-se a partir da insegurança do adolescente, quer quando responde com intolerância perante imprevistos, quer quando se expressa de forma

---

<sup>71</sup> Dada a condição da existência de uma relação amorosa significativa, as análises estatísticas que incluem este questionário têm neste estudo um efectivo de 548 jovens, 263 rapazes e 285 raparigas (média etária de 17.37, DP=1.95).

ambivalente no seu papel enquanto par amoroso. É também neste factor que se encontram avaliações que representam posturas emocionais antagónicas face ao par amoroso.

Ao nível da consistência interna (coeficiente *alpha* de Cronbach), as escalas variaram entre valores de .75 e .90 com valores na amostra feminina superiores aos da amostra masculina.

Os valores de correlação entre os quatro factores (coeficiente de correlação de Pearson) revelaram resultados: (i) positivos entre os factores *Desconfiança* e *Evitamento*, *Desconfiança* e *Ambivalência* e ainda entre a *Ambivalência* e o *Evitamento* (respectivamente,  $r=.63$ ;  $p = .01$ ;  $r=.45$ ;  $p = .01$ ;  $r=.27$ ;  $p = .01$ ), (ii) negativos entre *Dependência* e *Evitamento* ( $r=-.58$ ;  $p = .01$ ) e entre *Dependência* e *Desconfiança* ( $r=-.35$ ;  $p = .01$ ).

Os procedimentos estatísticos de análise de *clusters* (*K-Means* e *Simple Euclidian Distance*) realizados tanto para uma solução de quatro protótipos interpretáveis à luz do modelo de Bartholomew quanto de três de acordo com o posicionamento de Hazan e Shaver (1987), apontaram para a maior adequabilidade dos dados ao modelo teórico bidimensional do *self* e do outro de Bartholomew e colaboradores (Bartholomew, 1990; Bartholomew *et al.*, 1991; 1994a e b). Foram ainda realizados procedimentos de análise multivariada (MANOVAS) cujos resultados identificaram diferenças significativas entre as dimensões que compõem o instrumento nos quatro *clusters* construídos (Matos, 2002; Matos *et al.*, 2001).

A validade de constructo foi testada com recurso a estudos correlacionais. O *Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status* (EOMEIS-2, Bennion & Adams, 1986), o *Social Support Appraisals* e o *Network Orientation Scale* (SSA e NOS, respectivamente, Vaux, Phillips, Holly, Tomson, Williams & Stewart, 1986; Vaux, Burda & Stewart, 1986) foram os instrumentos utilizados para o efeito. Os resultados obtidos apontam para relações teóricas previsíveis entre os constructos estudados e o constructo da *Vinculação amorosa* tal como explorado pelo QVA (Matos, 2002).

No que diz respeito aos estudos diferenciais o QVA demonstrou existirem diferenças de género similares às encontradas em estudos que utilizaram a mesma abordagem teórica, quer em se tratando da abordagem dimensional, quer da prototípica permitidas e efectuadas na sua validação (Matos, 2002; Matos *et al.*, 2001).

#### **4.2. Instrumentos de avaliação dos Acontecimentos de vida e da Auto-estima**

As variáveis sobre as quais recaiu a nossa escolha em termos de dimensões teoricamente relevantes para o estudo da vinculação foram a auto-estima (medida global) e os *Acontecimentos* (*positivos ou negativos*) ocorridos na vida de cada adolescente. Se por



um lado a literatura observa a auto-estima como variável predita da *Segurança de vinculação* a pares e ao par amoroso, por outro são muitos os estudos que relacionam os *Acontecimentos de vida* (sobretudo os negativos) com factores de continuidade ou de mudança no estatuto de segurança pessoal, sobretudo com os pais (*vide* Capítulo 2, ponto 2.6.1., p.97).

Do mesmo modo que para os instrumentos específicos ao estudo da vinculação, também os questionários pelos quais aqui se optou apresentam *à priori* características psicométricas robustas. De acordo com uma revisão da literatura, a selecção recaiu na *Rosenberg Self-Esteem Scale* (Rosenberg, 1967) e numa adaptação do *Life Events Survey* (LES, Sarason, Johnson & Siegel, 1978), o *Questionário de Acontecimentos de Vida* (QAV, Rocha & Matos, 2003), já que claramente são dois dos questionários mais utilizados nestas áreas, tendo já garantidas as suas qualidades de medida pelas vastas validações a que foram sujeitos. Um outro fundamento que presidiu à opção por estes questionários relacionou-se com a amplitude de idades que foram já avaliadas com recurso a estes instrumentos, já que a sensibilidade ao nível etário era uma das dimensões que este estudo pretendeu abranger.

#### **4.2.1. Acontecimentos de vida**

##### **4.2.1.1. Questionário de Acontecimentos de Vida: QAV**

O *Questionário de acontecimentos de Vida* (Anexo 1e) é um instrumento de auto-relato construído a partir do *Life Events Survey* (LES, Sarason *et al.*, 1978). O LES foi criado para avaliar as mudanças de vida em jovens adultos, tentando ao mesmo tempo eliminar imperfeições nos instrumentos da área até então construídos. Originalmente é uma medida composta por cinquenta e sete itens, que permite aos sujeitos indicarem os acontecimentos vividos ao longo do ano anterior ao da administração do instrumento. É um questionário dividido em duas secções: a primeira comporta itens relativos à população em geral, enquanto que a segunda parte do inquérito se refere às questões direccionadas às mudanças daqueles que frequentam o meio escolar/académico. Na construção deste instrumento os autores recorreram a diversas medidas que avaliam mudanças de vida (sobretudo na formulação de itens), em particular foram evocados os itens do *Schedule of Recent Experiences* (SER) de Holmes e Rahe (1967), donde resulta que trinta e quatro ocorrências são comuns a ambos os questionários.

No QAV é pedido aos sujeitos que indiquem, dos acontecimentos de vida arrolados aqueles que já experienciaram, não existindo limite de tempo para que a ocorrência seja indicada, isto é, qualquer evento desde que considerado relevante pelo respondente era mencionado e cotado, sendo pedido a referência em meses do tempo que mediou da

ocorrência à resposta ao questionário. É solicitado também que seja relatada a direcção do acontecimento de vida<sup>73</sup> e são pedidas ainda algumas informações adicionais acerca do mesmo. É igualmente solicitado que seja cotado o impacto que as experiências relatadas tiveram na sua vida (através de uma escala *Likert* de 7 pontos, de *Extremamente negativo* a *Extremamente positivo*, que inclui um ponto de ausência de impacto).

Em cada uma das sessões de administração do instrumento foram realizados dois exemplos de preenchimento, dado que este tem um grau de complexidade bastante elevado.

Na sua formulação o QAV está dividido em dez partes, a saber: *Questões escolares* (doze itens), *Amigos* (sete itens), *Questões da relação amorosa* (dez itens), *Questões sexuais* (doze itens), *Questões familiares* (onze itens), *Questões religiosas* (cinco itens), *Questões éticas* (cinco itens), *Situações relativas a trabalho/emprego que impliquem receber dinheiro* (quatro itens), *Questões pessoais* (dez itens), *Estado Geral* (três itens), sendo a última uma proposta em três alíneas acerca de acontecimentos não listados mas considerados importantes em termos de resposta pelos sujeitos), num total de setenta e nove itens.

Alguns dos acontecimentos de vida listados no LES (Sarason *et al.*, 1978) não fazem sentido na realidade portuguesa e/ou na faixa etária considerada, pelo que foram retirados na versão QAV<sup>74</sup>. Alguns itens foram mantidos com correspondência total no QAV<sup>75</sup>. Existiram ainda casos onde foram aglutinados alguns itens LES numa só questão no QAV<sup>76</sup>. Os itens acrescentados no QAV advieram da prática clínica e de reflexões teóricas acerca de acontecimentos de vida (normativos ou não) característicos do ponto do ciclo vital a estudar<sup>77</sup>. A ideia de alargar este instrumento foi justamente abranger áreas tais como figuras de importância na rede social, por exemplo os professores e empregados da escola, avaliar acontecimentos de vida ocorridos com amigos, ocorrências típicas na relação com o par amoroso e, por consequência, as questões da afectividade/sexualidade. Além de todas estas questões, pretendeu-se também abranger os acontecimentos normativos da reforma e

<sup>73</sup> Exemplificação: “Mudança grande na proximidade (emocional) dos membros da família”; quem, (com discriminação: Pai, Mãe, etc.) e a direcção do acontecimento (“Mais próximo”, “Mais afastado”).

<sup>74</sup> Nomeadamente os itens LES nºs. 4, 6, 7, 10, 18, 19, 23, 25, 26, 29, 35, 36, 42, 43, 51, 53, 54.

<sup>75</sup> Os itens nºs. 1, 2, 3, 5, 8, 9, 13, 15, 17, 20, 21, 24, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 56 e 58 embora com alterações pontuais, nomeadamente nos itens 40, 41, 56 e 58. No caso do item 40 (LES) a referência é feita aos pais do respondente. No item 41 (LES) refere-se no QAV aos irmãos do respondente enquanto que no LES a referência é feita aos filhos do respondente. Embora no LES a questão 56 se refira à mudança de uma disciplina nuclear, a tradução adequada à realidade portuguesa é no sentido da mudança de curso ou área. Na questão 58 optou-se por questionar o respondente no sentido de deixar de estudar (QAV) e não restringir a questão apenas ao desistir da frequência de um curso (LES).

<sup>76</sup> Os itens 14, 27, 28 e 32 do LES aglutinam-se no item 2 (Parte H) do QAV. Agrupam-se ainda numa só questão os itens 11 e 12, 33 e 34, 22 e 37 e 55 e 57 do LES, respectivamente nos itens 8 e 9 (Parte C), 3 (Parte E) e 9 (Parte A) do QAV. O item 16 do LES corresponde genericamente aos itens 1, 2 e 3 (Parte D) do QAV.

<sup>77</sup> Foram então acrescentados os itens (i) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 12 da Parte A; (ii) 1, 2, 3, 4, e 7 da Parte B; (iii) 1, 2 e 3 da Parte C; (iv) 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 da Parte D; (v) 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 da Parte E; (vi) 1, 2, 3 e 4 da Parte F; (vii) 1, 2, 3 e 4 da Parte G; (viii) 1 da Parte H; (ix) 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 10 da Parte I e; (x) 1 e 2 da Parte J. (vide anexo 1.e.).

não-normativos da perda de emprego dos pais, avaliando ainda percursos religiosos e eventos criminais dos jovens. Áreas inclusas no QAV foram ainda questões laborais dos jovens<sup>78</sup>, os temas dos consumos de substâncias ilícitas e suicídio, tendo sido integradas no final duas questões no campo da saúde física e/ou mental.

O enquadramento teórico presente à construção do LES radica nos estudos acerca do impacto nos sujeitos das mudanças de vida, nomeadamente no trabalho de Vinokur e Selzer (1975) mas também de Muller, Edwards e Yarvis (1977) “conceptualizando o stress de vida primariamente em termos de acontecimentos que produzem impactos negativos” (Sarason *et al.*, 1978, p. 933).

Observou-se ainda não existirem diferenças significativas entre os resultados de rapazes e raparigas, bem como a ausência genérica de correlações entre *scores* de acontecimentos de vida positivos e negativos. A fidelidade do instrumento foi avaliada recorrendo ao procedimento de *teste-reteste* (intervalos de 5 a 6 semanas), em 34 e 58 sujeitos, respectivamente para a 1ª e 2ª passagens. Foram calculados os valores de correlação de produto-momento de Pearson para os dois momentos de avaliação do questionário e as correlações (para mudanças positivas) foram de .19 e .53, respectivamente, enquanto que para as mudanças negativas os *scores* foram de .56 e .88 (os *scores* totais obtidos no *teste-reteste* foram de, respectivamente, .63 e .64). Encontrados estes resultados os autores sugerem uma fidelidade moderada do instrumento, embora a probabilidade de existirem alterações no espaço de tempo que medeia o teste do reteste em instrumentos deste tipo é, pela natureza das dimensões em estudo, elevada.

A testagem de validade de constructo do questionário recorreu a estudos correlacionais com instrumentos que avaliam dimensões de personalidade: *Ansiedade*, *Sucesso académico*, *Desejabilidade social*, *Adaptação pessoal*, *Depressão* e *Locus de controlo* (respectivamente, *Stait-Trait Anxiety Inventory*; STAI, Spilberger, Gorsuch & Lushene, 1970; *Marlow-Crowne Social Desirability Scale*, MCSDS, Strahan & Gerbasi, 1972; *Multiple Affect Adjective Checklist*, MAAC, Zuckerman & Lubin, 1965; *Psychological Screening Inventory*, PSI, Lanyon, 1970, 1973; *Beck Depression Inventory*, BDI, Beck, 1967; *Internal-External Locus of Control Scale*, IELCS, Rotter, 1966).

Os valores de correlação obtidos para as *Mudanças negativas* e *Mudanças em geral* com os *Estados* e *Traços de ansiedade* são significativos e positivos, enquanto que os *scores* positivos das *Mudanças* não se associam significativamente a qualquer uma das outras medidas<sup>79</sup>. Resultados similares a estes foram encontrados em amostras diversas,

<sup>78</sup> Esta dimensão não foi posteriormente trabalhada dado não ter tido expressividade de respostas.

<sup>79</sup> “Embora os *scores* das Mudanças negativas fossem significativamente correlacionados com os Traços de ansiedade e as Mudanças positivas não o fossem, a diferença entre estas correlações não era significativa.” (Sarason *et al.*, 1978, p. 936).

nomeadamente em profissionais da Marinha e com estudantes universitários (*vide* Sarason *et al.*, 1978).

As *Médias escolares* correlacionaram-se negativamente com os *scores positivos, negativos e totais* (embora a magnitude relativamente aos acontecimentos positivos fosse menor que para os *scores* negativos e os totais, as diferenças entre estas correlações não eram significativas). Porque teoricamente poderia ser esperado que os efeitos das *Mudanças positivas* pudessem diminuir o grau de *ansiedade* infligido pelos *Acontecimentos negativos*, foi construído um valor de balanço através da subtracção do *score* positivo ao negativo. Esse valor de balanço, contudo, não se revelou mais preditivo que o *score* negativo *per se*, resultados aliás que replicam os de outros estudos (Muller *et al.*, 1977; Vinokur & Selzer, 1975, citados por Sarason *et al.*, 1978). Também não se encontraram correlações significativas entre os valores de *Mudança de vida* e os *scores* do MCSDS, sugerindo-se que este questionário estará livre de viés da desejabilidade social.

A *Adaptação pessoal* (tal como medida através do PSI) e a sua eventual relação com os *Acontecimentos de vida* foi também estudada, tendo sido observado que as *Mudanças de vida negativas* se correlacionavam positiva e significativamente com as escalas de *Desconforto* e *Desconformidade social* do PSI, enquanto que os *Acontecimentos de vida positivos* se relacionavam com a escala *Expressão*<sup>80</sup> do mesmo inventário. Estes resultados são similares aos obtidos por Constantini e colaboradores (1973, citados por Sarason *et al.*, 1978).

Os estudos efectuados com LES e as dimensões *Depressão* e *Locus de controlo*, tal como medidas através do BDI e IELCS, encontraram correlações significativas positivas entre os *Acontecimentos de vida negativos* e ambas as dimensões analisadas. Interessantes foram os resultados respeitantes aos respondentes que relataram ter experienciado níveis elevados de *Mudanças negativas* que parecem ser mais externamente orientados e percebendo-se como menos capazes de “exercer controlo sobre as contingências reforçadas no seu ambiente circundante” (Sarason *et al.*, 1978, p. 938). Um dado adicional, obtido através da aplicação do instrumento a um grupo de sujeitos em consulta psicológica (num centro universitário de apoio), provou que a medida é capaz de diferenciar os estudantes que procuraram ajuda para problemas de adaptação daqueles que o não fizeram (Sarason *et al.*, 1978).

Um exemplo da validade convergente do instrumento refere-se ao estudo de Manion e Wilson (1995) que recorreu ao uso do *Life Events Checklist* de Johnson e McCutcheon (1980), utilizando apenas um *score* de *Mudanças negativo*, exactamente porque tem um alto grau de confiança de *teste-reteste* encontrado em estudos que utilizaram o LES (Johnson & Sarason, 1979, citados por Manion & Wilson, 1995).

<sup>80</sup> Esta escala é uma medida da dimensão Introversão/Extroversão.

Outros autores contribuíram para a validação do instrumento, nomeadamente, Snell e Hawkins (2002), que em estudantes universitários de ambos os sexos observaram correlações canónicas interpretáveis (.68), em que nos respondentes que evidenciavam intensa *ansiedade de vida* existia um índice compósito que representava baixos graus de *Lazer*, *Saúde* e *Finanças* associado a um padrão de crenças de *Busca de amor*, *Busca por “levar a sua avante”* e *Evitamento de responsabilidades*. Quando observados os resultados para as *Mudanças de vida positivas* (do LES) observou-se uma correlação canónica significativa (.76) entre os *loadings* das escalas dos sujeitos que associavam a *Satisfação pessoal* (quando os respondentes colocavam de lado e evitavam os seus problemas e responsabilidades, exigindo “*levar a deles avante*”, estabeleciam *standards* de performance elevados para si próprios, exigiam amor e afecto dos outros e reagiam activamente com preocupação ansiosa exagerada) com uma medida compósita de baixos níveis de *Lazer*, *Saúde* e *Finanças*. De resto, quando as *Mudanças de vida eram positivas* mas em grau pouco elevado, uma correlação canónica significativa associava um elevado grau de *Lazer* e baixo grau de *Saúde* a sujeitos com baixo grau de *Ansiedade geral*, baixas *Exigências de aprovação* e de *Expectativas de performance*, as *crenças de que o passado condiciona o comportamento actual* eram menos extremas e existia a crença em que *a felicidade advém da inactividade*.

Napoli e Worthman (1998), ao realizarem análises factoriais confirmatórias segundo o modelo das equações estruturais, observaram numa amostra de jovens universitários, que havia uma maior probabilidade de obtenção de maior *Apoio social dentro da universidade* por parte dos sujeitos que exibiam *Sucesso académico* mais elevado, *Competências sociais*, uma *Auto-imagem* mais positiva e mais *Acontecimentos de vida negativos*. Já os estudantes mais velhos que experienciaram *Acontecimentos de vida negativos na universidade* tinham menos *Apoio social* que os seus colegas mais novos. Os *Acontecimentos negativos relacionados com a vida escolar* tinham um impacto fortíssimo nas *Médias académicas* do primeiro semestre.

Assim, tendo em conta a possibilidade de existirem acontecimentos de vida maiores na vida dos respondentes, poder-se-á aguardar que estes influenciem os percursos de vinculação, porém, se o grau de ansiedade associado a esses acontecimentos for baixo, embora possamos obter associações entre as avaliações que deles fazem os sujeitos e algumas das dimensões de vinculação, estas não farão com certeza alterar os níveis de segurança mais estáveis.

#### 4.2.2. A Auto-estima

##### 4.2.2.1. Rosenberg Self-Esteem Scale/Escala de Auto-Estima de Rosenberg: SES

A *Escala de Auto-estima de Rosenberg (Rosenberg Self-Esteem Scale, SES, Rosenberg, 1965)* é um instrumento de auto-relato de dez itens (Anexo 1f), construído na tentativa de avaliação unidimensional da auto-estima *pessoal global*. Pretendem-se avaliar os sentimentos globais de valoração pessoal e de auto-aceitação. É o instrumento de estudo da auto-estima mais utilizado pela comunidade científica e só no ano de 1990 surgiram, no social *Sciences Citation Index*, 1285 citações à escala (Guindon, 2002).

Rosenberg pretendeu criar um instrumento de fácil administração que permitisse uma economia de tempo (3 a 4 minutos) no seu preenchimento. Na sua formulação inicial a medida foi desenhada para ser uma escala Guttman<sup>81</sup> que utilizava um sistema de resposta em quatro pontos (neste estudo com seis pontos, de *Concordo fortemente* a *Discordo fortemente*). A unidimensionalidade da escala é justificada pelo autor através do recurso aos coeficientes de reprodutibilidade e de escalabilidade, respectivamente de 92 e 72%, considerados satisfatórios (segundo Guttman e Menzel, respectivamente, citados por Rosenberg, 1965, p. 16).

Na escala cinco itens estão em formulação positiva e os restantes cinco em formulação negativa (por outras palavras, avalia os sentimentos positivos e negativos acerca do *self*). Para realizar a pontuação da escala, os itens 1, 2, 4, 6 e 7, são cotados em *Discordo completamente* com a cotação mais elevada, enquanto que os itens 3, 5, 8, 9 e 10, são cotados de forma inversa.

Os valores de consistência interna (*alpha* de Cronbach) encontrados em diversas amostras encontram-se acima de .70 (Ashby & Rice, 2002; Blascovich & Tomaka, 1991; Fleming & Courtney, 1984; Griffin & Bartholomew, 1994a; Nho, 2000; Oliva, 2000; Oliva & Parra, 2001; Oliva, Parra & Sanchez-Queija, 2002a e b; Patton, Bartrum & Creed, 2004; Rice & Dellwo, 2002; Way & Robinson, 2003).

Na sua formulação inicial o instrumento foi validado recorrendo a diversos *Indicadores da auto-estima*, nomeadamente a *Depressão* (através do preenchimento de escalas Learly por enfermeiras), tendo os resultados obtidos apontado para relações entre a auto-estima baixa dos pacientes e percepção externa maior de *Depressão* por parte das enfermeiras; mais ainda, existia uma maior probabilidade de os sujeitos com baixos níveis de auto-estima expressarem (através das respostas a uma escala Guttman de afectos depressivos) *Afectos negativos*. Recorreu-se ainda a indicadores psicofisiológicos da neurose usados pelo *Research Branch* do exército americano durante a II Guerra Mundial,

<sup>81</sup> Sendo uma escala Guttman os itens da SES representam um *continuum* de afirmações de *Auto-conceito* que reflectem as respostas de sujeitos unicamente com elevados níveis de auto-estima e as de respondentes apenas com baixos níveis de auto-estima.

tendo os resultados obtidos indicado uma maior percentagem de respondentes com poucos *Sintomas psicossomáticos* e alta auto-estima e uma baixa percentagem de respondentes com poucos sintomas do mesmo tipo e baixa auto-estima.

Ao nível da validade estudaram-se indicadores tais como o número de vezes que um sujeito é indicado como delegado de turma e a opinião do respondente acerca do que os outros pensam sobre ele próprio. Os resultados obtidos revelaram que os sujeitos com alta auto-estima eram seleccionados como líderes por dois ou mais colegas em 47% das vezes. Aqueles que eram avaliados como detendo uma auto-estima média eram escolhidos em 32% das vezes e, os cotados como detendo baixos índices de auto-estima, eram escolhidos em apenas 15% das vezes. Do mesmo modo, quando questionados os sujeitos acerca da possibilidade efectiva de quais os colegas que podiam vir a ser de facto eleitos delegados de turma os resultados foram sensivelmente os mesmos (44%, 35% e 12%, respectivamente). Quanto à questão “O que pensa a maioria das pessoas de si?” os sujeitos com índices mais elevados de auto-estima respondiam 38% das vezes “Muito bem” enquanto que apenas 8% daqueles que detinham os scores mais baixos de auto-estima respondiam o mesmo.

O instrumento foi sujeito por Crandall (1973) a uma revisão bibliográfica onde encontrou valores de *teste-reteste* num estudo de Silber e Tippet (1965, citados por Crandall, 1973) de .85. Blascovich e Tomaka (1991), na sua revisão crítica a quarenta instrumentos de medida da auto-estima, observaram índices de consistência interna e validade para o SES considerados satisfatórios. Também Fleming e Courtney (1984) encontraram uma correlação de *teste-reteste* de .82 na sua utilização do SES. Em Portugal Dias e Azevedo (2001), numa amostra de universitários encontraram valores de consistência interna (*alpha* de Cronbach) para a escala unidimensional de .81 enquanto que Santos e Maia (1999, 2003), ao estudarem adolescentes que frequentavam os 10º, 11º e 12º anos de escolaridade indicaram valores de *alpha* (Cronbach) acima de .83.

O questionário tem vindo a ser amplamente validado com recurso a estudos correlacionais com outros instrumentos de auto-estima (validade convergente, *vide* Addeo, Green & Geisser, 1994; Demo, 1985). Também Robins, Tracy, Trzesniewski, Potter e Gosling (2001) reportaram valores de correlação entre o SES e o *Single-Item Self-Esteem Scale* (SISES, Robins, Hendin & Trzesniewski, 2001) de quase 1.00. Crandall (1973) encontrou valores de correlação entre o SES (escala de Guttman) e o *Coopersmith's Self Esteem Inventory* de .59 (Coopersmith, 1967).

Os estudos realizados com o SES e instrumentos de medida de outros constructos psicológicos que se sabem aliados à variável auto-estima obtiveram valores de correlação significativos: *Confiança social*, *Capacidades escolares*, *Aparência física*, e *Consideração pessoal de si próprio* (*vide* Fleming & Courtney, 1984), *Aparência pessoal* e *Aprovação dos*

outros; (vide Kostanski & Wishart, 2003). Boscarino, Figley, Adams, Galea, Resnick, Fleischman, Bucuvalas e Gold (2004), ao estudarem as consequências dos ataques do 11 de Setembro, examinaram valores de correlação significativos entre auto-estima (baixa), tal como avaliada pelo SES, e os relatos de que algumas questões colocadas na investigação eram ansiogénicas. Num outro estudo (Diener & Diener, 1995) encontraram-se valores significativos de correlação (até .65) entre a *Satisfação de vida* e o SES, porém, a covariância entre os dois constructos era mais baixa nas sociedades colectivistas. Em Portugal, Moreira e colaboradores (1999) observaram valores de correlação significativos entre o nível de auto-estima (SES) e quatro outras dimensões examinadas: *Estilo de vinculação Preocupado* (medido através do *Relationship Style Questionnaire*, Griffin & Bartholomew, 1994b) e a *Autoconfiança geral, experiencial e total* (tal como medidas com recurso ao *Self Trust Questionnaire*; Pasveer, 1997).

É de salientar que a utilização do SES no presente trabalho levou à utilização de uma escala de resposta em *Likert* de seis pontos (de *Discordo completamente* a *Concordo completamente*) devido à uniformização das escalas de resposta utilizadas em seis dos sete instrumentos a que o estudo recorreu. Deste modo a variação dos *scores* da escala que originalmente era de 0 a 30 (sendo o 30 o *score* mais elevado a atingir), terá neste caso de ser adequada aos pontos de resposta usados no estudo, baseando-nos na adição das categorias médias da *Concordância*, variando entre um e seis.

#### 4.3. Instrumento de recolha de dados demográficos: QD

O *Questionário Demográfico* (Anexo 2) teve como principal objectivo a recolha de dados relativos a dimensões socio-demográficas passíveis de tratamento estatístico ulterior, enquanto variáveis independentes. As informações requisitadas incluíam a descrição pormenorizada da situação actual do sujeito em termos de *posição na fratria, estatuto marital e profissional dos pais*, medida indirecta do *meio socio-cultural de proveniência* através da informação relativa ao número de livros não escolares existentes na residência do sujeito, *projectos futuros* em termos de *estudos, profissão, estatuto pessoal marital* (com inclusão dos *projectos* em termos de descendência), *expectativas relativas a projectos imigra ou emigratórios* e evidentemente, todos os dados que concernem *idade, género, tipo de instituição e ano formativo frequentados*.



## 5. Procedimentos gerais de adaptação

Todos os instrumentos utilizados nesta investigação foram sujeitos a discussão e reflexão teóricas, nomeadamente na adaptação dos conceitos a avaliar e no modo como esses seriam apresentados enquanto itens, tendo existido um esforço também de transformação gráfica e semântica de modo a tornar o preenchimento de cada questionário o mais acessível possível aos jovens respondentes. Posteriormente cada inquérito foi completado por dois grupos adolescentes, seguindo-se-lhe uma reflexão falada sobre os conteúdos e construção semântica de cada item. Estes jovens encontravam-se na faixa etária entre os 14 e os 19 anos de idade, sendo um grupo unicamente masculino (uma turma do sistema de aprendizagem de nível 2, 2º ano, com um efectivo de nove elementos) e um outro grupo misto (proveniente de uma turma do sistema de aprendizagem de nível 3, 1º ano, num total de 16 elementos). Ambos os grupos pertenciam a uma instituição formadora com cursos na modalidade formativa de aprendizagem (nível 2 e 3), com pólos nas cidades de Matosinhos e do Porto, respectivamente. Desta operação de adaptação resultou a reformulação de itens considerados pelos sujeitos pouco claros ou incompreensíveis, tendo em conta sugestões alternativas oferecidas pelos adolescentes. Foram também homogeneizadas as escalas, em termos de número de pontos e construção frásica da escala *Likert*, bem como da direcção da mesma para os instrumentos QVPM, ANQ, QVA e SES. Um outro objectivo desta pré-administração dizia respeito à cuidadosa monitorização dos tempos de instrução, preenchimento dos inquéritos bem como dos procedimentos transversais relativos à preparação de salas e materiais necessários à administração propriamente dita. Pretendeu-se com isto automatizar o preenchimento dos questionários, diminuindo os tempos totais de administração, homogeneizando o processo e diminuindo os riscos da existência de respostas *invulgares* devido à falta de tempo.

Foi facultada a cada instituição um documento de pedido de anuência parental ao preenchimento dos questionários para os casos em que os respondentes tinham idades inferiores a 18 anos de idade (Anexo 3b).

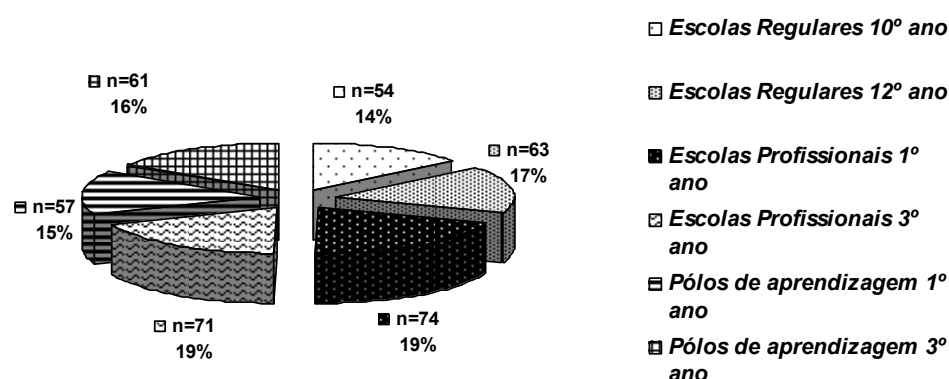
Resta referir que não foram administrados os questionários QAV a todos os elementos da amostra. Os alunos do 8º de escolaridade (escolas regulares) não preencheram o QAV devido à complexidade e extensão do mesmo, que não permitia que fossem ocupados apenas os dois tempos lectivos definidos para a tarefa (tornando por isso impossível a anuência das instituições à colaboração neste estudo). No caso dos respondentes do 2º ano de nível 2 (sistema de aprendizagem), porque a média etária é mais elevada que nos alunos do 8º ano de escolaridade (ensino regular), de toda a bateria de questionários apenas não foi preenchido o QAV, mas por razões similares às já avançadas

para os alunos do 8º ano de escolaridade<sup>82</sup>. Este procedimento teve em conta quer as discrepâncias entre as respostas positivas ao acontecimento de vida e a sua não classificação, bem como o tratamento dos dados apenas daqueles adolescentes que tivessem tido ou detivessem à data relações amorosas consideradas significativas, já que as questões relativas à relação amorosa apenas podiam ser respondidas se a relação existisse ou tivesse existido. Deste modo, todos os tratamentos estatísticos realizados com as dimensões relativas a este instrumento advêm de uma subamostra (n=380) da amostra maior (N=627), onde existem algumas diferenças. Desde logo a idade fixa-se entre os 15 e os 23 anos (M=17.87; DP=1.62), já que foram eliminados dois sujeitos, dado serem os únicos com 14 anos de idade.

A este instrumento responderam 186 rapazes (48.9%) e 194 raparigas (51.1%), sendo 117 adolescentes provenientes de escolas regulares (30.8%), 145 (38.2%) de escolas profissionais e 118 (31.1%) dos pólos de aprendizagem. Esta amostra divide-se ainda segundo os anos de formação ou escolaridade dos jovens. A Figura 5 sumaria essa divisão.

FIGURA 5.

Percentagens dos anos de frequência dos respondentes ao QAV (N=380)



## 6. Procedimentos de administração dos instrumentos

Foi adoptado neste projecto um sistema de contacto com escolas regulares, escolas profissionais e pólos de aprendizagem que se iniciou com a construção de uma base de dados de instituições formativas. Os critérios foram tão-somente a pertença a uma das três modalidades formativas predefinidas (num ou nos três graus de escolaridade/formação a

<sup>82</sup> Após a depuração dos dados o efectivo é de 380 sujeitos.

estudar) na área geográfica do Porto/Grande Porto. Todos os Conselhos executivos/Direcções pedagógicas das escolas/pólos foram então aleatoriamente contactados através de uma circular que explicava com brevidade o projecto (Anexo 3a), dando indicações acerca dos tempos de passagem e dos jovens que se pretendia abordar, sendo oferecida total disponibilidade para o deslocamento da investigadora para esclarecimentos acerca do estudo e dos instrumentos a utilizar, através de contacto pessoal com quem a escola/pólo designasse para tal (normalmente o(a) Director(a) em primeira instância, que posteriormente reencaminhava o processo para o(a) Psicólogo(a) da instituição ou um Director de turma). Estes últimos funcionavam ulteriormente como ligações na operacionalização da administração em termos de condições físicas e ainda, no destaque de professores/formadores eventualmente presentes no acto do preenchimento dos inquéritos.

Ao envio da circular (no caso de não existir uma resposta da instituição por escrito), seguia-se um período de cerca de quinze dias após o qual a escola/pólo era contactada telefonicamente, procedendo-se então à explanação minuciosa do estudo e, no caso de ausência desfazendo eventualmente preocupações com questões ligadas à protecção de dados. No caso presente, dada a natureza das informações requeridas e do posterior tratamento das mesmas, houve ausência da necessidade de análise por parte da Comissão Nacional de Protecção de Dados (Lei da Protecção de dados Pessoais, Lei Nº. 67/98 de 26 de Outubro).

A administração dos questionários cumpriu-se através do recurso à utilização de dois períodos lectivos/formativos de 45' ou um de 90'. Cada sessão era iniciada com um esclarecimento breve acerca do estudo, informações acerca da instituição onde estava a ser realizado, responsáveis pelo estudo e ainda os dados relativos à confidencialidade e carácter voluntário da participação no projecto; no final da introdução era efectuada referência ao número de instrumentos a preencher. Os jovens encontravam na mesa de resposta duas informações escritas com o resumo do que acabava de ser oralmente explicado (Anexos 3c e 3d) e era-lhes proposto que nos primeiros 45' fossem preenchidos o questionário Demográfico seguindo-se-lhe, aleatoriamente de sessão para sessão, os questionários cujo formato de resposta era similar: QVPM, QVA, IPPA e SES. Eram dadas instruções gerais acerca do preenchimento destes inquéritos sendo oferecida uma breve demonstração do que tinha sido explanado oralmente. Seguia-se a administração das instruções específicas para cada um dos questionários assim que o inquérito imediatamente anterior estava preenchido por todos os participantes na sessão. A resposta aos questionários ANQ e QAV ocupava na sua totalidade os restantes 45' da sessão, dado que pela complexidade de preenchimento eram os que exigiam maiores cuidados ao nível das instruções e exemplos de preenchimento (impressos e entregues aos sujeitos em conjunto

com os inquéritos). Embora a sequência de administração fosse sempre a mesma por agrupamento de questionários (Questionário demográfico, agrupamento de avaliações de vinculação a figuras específicas e da avaliação da auto-estima, e agrupamento de avaliações de acontecimentos de vida e hierarquias/componentes de vinculação), dentro dos dois grupos de questionários a ordem de administração era, como já referido, aleatória, prevenindo efeitos de contaminação de resposta por ordem de preenchimento. Os sujeitos encontravam sempre os questionários na mesa de resposta, com o verso para cima, na ordem definida para aquela passagem.

Todas as recolhas de dados à excepção de duas sessões (uma de 45' e outra de 90') foram realizadas pela mesma figura, tentando acautelar efeitos relativos a mudanças no sistema de administração e instruções ministrados, bem como a prevenção do transpor dos tempos de cada sessão evitando prejuízos no funcionamento escolar/formativo dos respondentes.

A adesão dos jovens ao preenchimento dos questionários foi bastante boa, pese embora o elevado número de questionários administrados incluisse um factor fadiga, notório no abrandamento de preenchimento no final das sessões.

Em termos do decorrer das sessões, salienta-se a preocupação maior dos respondentes com níveis etários mais elevados no que diz respeito às questões da confidencialidade tendo existido em algumas sessões um período de questionamento referente a estes procedimentos maior que a média. Apenas existiu um caso de desistência de preenchimento dos questionários por parte de um respondente que frequentava o 12º ano de escolaridade (já quase no final da sessão), muito possivelmente devido a um comportamento disruptivo evidenciado ao longo de toda a sessão. Como existia uma preocupação evidente relativa aos dados recolhidos até ao momento da desistência, optou-se pela destruição dos questionários na presença do sujeito.

Quanto a eventuais efeitos parasitas poderá ter existido um efeito de habituação de alguns respondentes a alguns questionários utilizados, já que um estudo efectuado pela Direcção Regional da Educação do Norte (DREN) utilizou alguns destes mesmos questionários numa vasta população de alunos que abrangeu algumas das escolas às quais recorremos também.

## Capítulo 4

### **Adaptação de instrumentos: Consistência interna e análises factoriais confirmatórias**

Este capítulo pretende analisar as qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados tendo em conta a amostra recolhida. Todos os instrumentos utilizados para a avaliação da vinculação, acontecimentos de vida e auto-estima foram sujeitos, como aliás já referido, a um processo de adaptação (*vide* Ponto 5., Capítulo 3). Neste capítulo trata-se de observar com mais detalhe os procedimentos estatísticos a que os instrumentos de auto-relato foram sujeitos, no intuito de verificar as suas capacidades psicométricas. O *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, versões Pai e Mãe*, o *Questionário de Vinculação Amorosa*, o *Inventory of Parent and Peer Attachment* e a *Rosenberg Self-Esteem Scale* foram sujeitos a análises factoriais confirmatórias de modo a observar até que ponto a estrutura teórica definida pelos autores se replica neste estudo. Este procedimento analítico foi efectuado recorrendo ao programa informático EQS 6.1. Este tipo de análise é recomendado para a validação de constructos e refinamento de escalas na área psicológica (para uma revisão *vide* McCallum & Austin, 2000). As medidas foram ainda objecto de análise de consistência interna através do cálculo do valor de *alpha* de Cronbach, à excepção do *Attachment Network Questionnaire* justamente por ser uma medida adaptada para observação dicotómica, e do *Questionário de Acontecimentos de Vida*, pela impossibilidade de uniformização de resposta.

As análises factoriais de 1ª e 2ª ordem<sup>83</sup> foram efectuadas com recurso ao método de emparcelamento de itens. O processo de emparcelamento de indicadores de constructos latentes, embora controverso (Bandalos, 2002; Bandalos & Finney, 2001; Jackson, 2001; Levine, Petrides, Davies, Jackson & Howell, 2005; Meade & Kroustalis, 2005), tem já um forte corpo teórico a suportá-lo (Barrett & Kline, 1981; Barrett & Paltiel, 1996; Coffman & McCullum, 2005; Holt, 2004; Little, Cunningham, Sahar & Widaman, 2002; Marsh, Hau, Balla & Grayson, 1998; McCullum, Widaman, Preacher & Hong, 2001; Takahashi & Nasser, 1996). A utilização da agregação de itens prende-se com o aumento da estabilidade dos parâmetros a estimar, a melhoria da relação entre variável e dimensão da amostra e, por fim, a correcção do trabalho a efectuar com amostras exíguas (*vide* Bandalos & Finney, 2001). O referencial da técnica suporta-se na necessidade de aproximar as distribuições à

<sup>83</sup> As análises de 2ª ordem foram realizadas em ordem a observar quais os pesos relativos de cada uma das dimensões no constructo latente maior de cada instrumento.

normalidade, na elevação dos níveis de confiança e comunalidade, e na optimização do indicador da proporção tamanho da amostra/parâmetros a estimar (Meade & Kroustalis, 2005). Em todos os instrumentos sujeitos ao procedimento (QVPM, IPPA e QVA) esteve presente o cuidado da construção do agrupamento de itens segundo um princípio de similaridade (Bandalos, 2002; Holt, 2004; Little *et al.*, 2002; Marsh *et al.*, 1998; McCullum *et al.*, 1999), quer se tratando dos índices maiores de associação entre itens, quer se tratando da proximidade semântica ou, se quisermos, tanto ao nível quantitativo quanto substantivo da análise de itens. Por fim, uma das premissas foi a de emparcelar mais itens por parcela do que obter mais parcelas por factor (Holt, 2004), desde que a unidimensionalidade de cada parcela estivesse preservada.

A opção metodológica pela apresentação de determinados índices de ajustamento em detrimento de outros teve presente as seguintes premissas teóricas:

a) Dos índices absolutos<sup>84</sup> (à excepção do Qui-Quadrado<sup>85</sup>) optou-se por apresentar os seguintes: (i) *Goodness of Fit Index* (GFI; Jöreskog & Sörbom, 1989; Tanaka & Huba, 1984); (ii) *Adjusted Goodness of Fit Index* (AGFI; Jöreskog & Sörbom, 1989); embora saibamos que ambas as medidas não são independentes do tamanho da amostra e que são índices que decrescem com a complexidade do modelo (Schermelleh-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003), são medidas que calculam a quantidade relativa de variância e covariância na matriz dos dados recolhidos, justamente donde provem a relevância da sua inclusão, e; (iii) *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR, Bentler, 1995), dado que talvez este seja o único índice absoluto que não “sofre” dos problemas avançados para o Qui-quadrado por não ser uma variação simples desta medida (McCullum & Austin, 2000; Yuan, 2005)<sup>86</sup>.

b) Índices baseados na não-centralidade<sup>87</sup> foram utilizados os seguintes: (i) *Root Mean Square of Approximation*, ou seja, a discrepância do modelo relativamente ao modelo populacional (*RMSEA*<sup>88</sup>, Steiger, 1990), porque não é um índice que se apoia na utilização do modelo nulo e ainda por ser o mais estável dos índices comumente apresentados (*vide* Fan & Sivo, 2005; McCallum & Austin, 2000; Yuan, 2005); e o *Comparative Fit Index* (CFI, Bentler, 1990)<sup>89</sup>, que é um índice ajustado do *Relative Noncentral Index*, “evita o subestimar de ajustamento frequentemente observado em amostras pequenas através do *Normed Fit*

<sup>84</sup> Os índices absolutos são aqueles que não utilizam um modelo alternativo como base de comparação.

<sup>85</sup> Não se apresentou o valor do Qui-quadrado (e respectiva significância) dado que é afectado por (i) tamanho da amostra; (ii) tamanho do modelo e; (iii) distribuição das variáveis.

<sup>86</sup> GFI: Bondade de Ajustamento; AGFI: “Ajustamento” da Bondade de Ajustamento; SRMR: Raiz Quadrada Residual Estandarizada; nota de tradução.

<sup>87</sup> Esta abordagem ao ajustamento utiliza um Qui-quadrado igual aos graus de liberdade do modelo no pressuposto de um ajustamento perfeito.

<sup>88</sup> Os valores considerados como a discrepância mínima foram todos os encontrados abaixo de 0.08.

<sup>89</sup> Comparação do modelo relativamente ao modelo nulo. O valor de corte deverá ser  $\geq 0.90$ .

*Index (NFI)* de Bentler e Bonnet (1980)” (Schermelleh-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003, p. 41)<sup>90</sup>.

## 1. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe: QVPM

### 1.1. Qualidades psicométricas

#### 1.1.1. Consistência interna

Da observação do Quadro 3 podemos verificar que os valores de consistência interna (*alpha* de Cronbach) obtidos para as três escalas variam entre .781 (escala *Inibição da exploração e individualidade*, versão pai) e .940 (escala *Qualidade do laço emocional*, versão pai), considerados como grandezas entre o aceitável e o excelente, já que o valor de .77 é aquele que designa a tipicidade da maioria dos estudos (Iacobucci & Duhachek, 2003) e o valor máximo do *alpha* de Cronbach cifra-se em 1 (Cronbach, 1951, 2004). Note-se que para muitos autores o valor de .80 (Clark & Watson, 1995; Gliem & Gliem, 2003) ou mesmo de .70 (Santos, 1999) será o objectivo razoável a atingir.

#### QUADRO 3.

Valores de alpha de Cronbach para as versões Mãe e Pai do QVPM

	Dimensões/escalas QVPM					
	Versão Mãe (N=618)			Versão Pai (N=588)		
	IEI	QLE	ASD	IEI	QLE	ASD
Número de itens	10	10	10	10	10	10
Alpha de Cronbach	.787	.887	.820	.781	.940	.862

**Legenda.** IEI: Inibição da exploração e individualidade; QLE: Qualidade do laço emocional; ASD: Ansiedade de separação (e dependência).

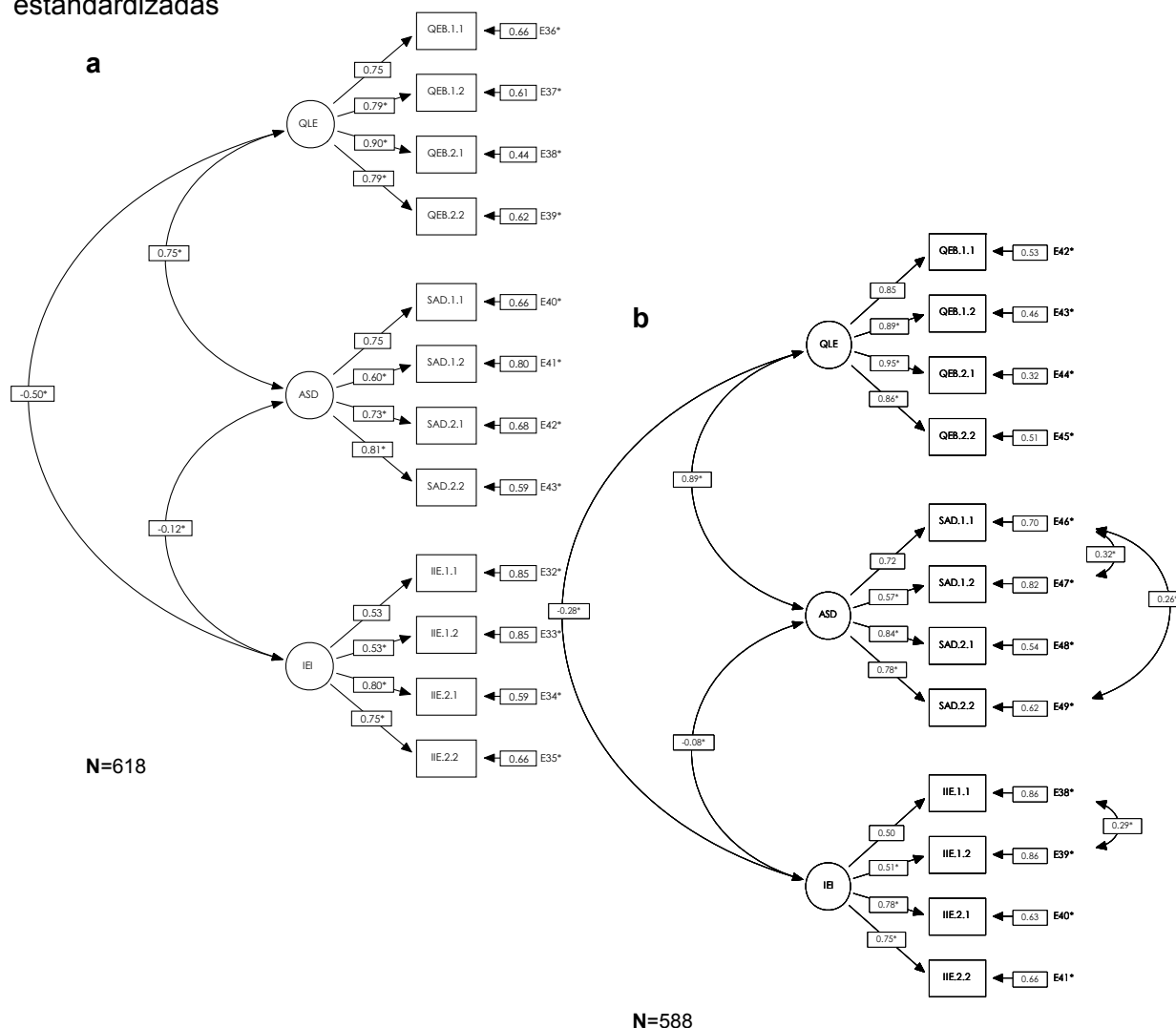
#### 1.1.2. Análises factoriais confirmatórias

A Figura 6 apresenta a análise factorial confirmatória de 1ª ordem do QVPM para as versões mãe e pai, onde é possível observar índices de ajustamento perfeitamente adequados aos modelos teóricos preconizados pelas autoras. Também os resultados correlacionais, em ambas as versões, estão de acordo com o enquadramento teórico-empírico avançado (Matos & Costa, 2001).

<sup>90</sup> RMSEA: Erro de Aproximação à Raiz Quadrada Média; NFI: Índice de Ajustamento Normalizado; CFI: Índice de Ajustamento Comparativo.

FIGURA 6.

Análise factorial confirmatória de 1ª. Ordem: QVPM (versões Mãe e Pai); estimativas estandardizadas



## (a) Índices de ajustamento modelo MÃE

## (b) Índices de ajustamento modelo PAI

CFI=.94; GFI=.94; AGFI=.90; SRMR=.07; RMSEA=.08

CFI=.96; GFI=.95; AGFI=.91; SRMR=.08; RMSEA=.08

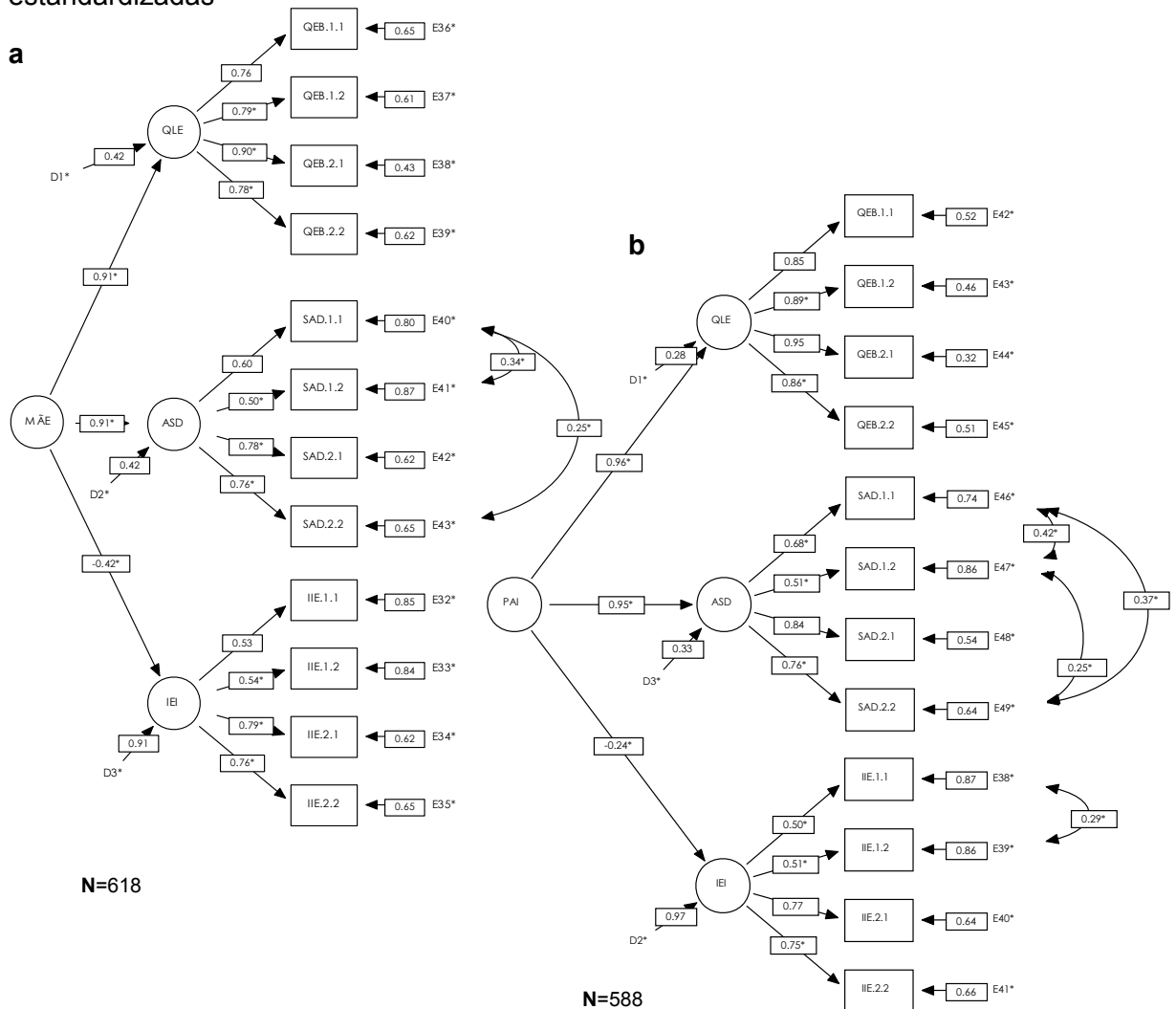
**Legenda.** IEI: Inibição da exploração e individualidade; QLE: Qualidade do laço emocional; ASD: Ansiedade de separação (e dependência).

No que diz respeito à análise factorial confirmatória de 2ª ordem (*vide* Figura 7), verificou-se que o modelo se mantém constante para o QVPM (pai e mãe) apenas com ligeiras variações. Na versão pai foi acrescentada uma correlação entre erros e na versão mãe duas correlações do mesmo tipo (onde na análise de 1ª ordem não existiam), porém no essencial, os valores mantêm-se também similares e dentro dos valores de corte preconizados para o encaixe dos modelos.



FIGURA 7.

Análise factorial confirmatória de 2ª. Ordem: QVPM (versões Mãe e Pai); estimativas estandardizadas



(a) Índices de ajustamento modelo MÃE

CFI=.94; GFI=.94; AGFI=.90; SRMR=.07; RMSEA=.08

(b) Índices de ajustamento modelo PAI

CFI=.96; GFI=.94; AGFI=.91; SRMR=.08; RMSEA=.08

**Legenda.** IEI: Inibição da exploração e individualidade; QLE: Qualidade do laço emocional; ASD: Ansiedade de separação (e dependência).

Dos procedimentos estatísticos efectuados verifica-se que a estrutura factorial do QVPM (versões pai e mãe) avaliada a partir de análises factoriais de 1ª e 2ª ordem, se reproduz nesta amostra firmando deste modo as qualidades psicométricas do instrumento.

Do emparcelamento, em ambas as versões do QVPM e para ambas as análises (1ª e 2ª ordem), resultaram quatro indicadores por cada um dos três factores (*Qualidade do laço emocional*, *Ansiedade de separação (e dependência)* e *Inibição da exploração e individualidade*), sendo os itens sujeitos a agrupamento os mesmos tanto para o pai quanto para a mãe. Os agrupamentos variaram entre os dois e os três itens.

## 2. Inventory of Parent and Peer Attachment: IPPA

### 2.1. Capacidades psicométricas

#### 2.1.1. Consistência interna

Através da observação do Quadro 4 verificámos valores de *alpha* de Cronbach muito próximos dos encontrados pelos autores (Armsden & Geenberg, 1987), dentro dos parâmetros definidos para valores de corte aceitáveis a elevados.

QUADRO 4.

Valores de alpha de Cronbach para a versão Pares do IPPA

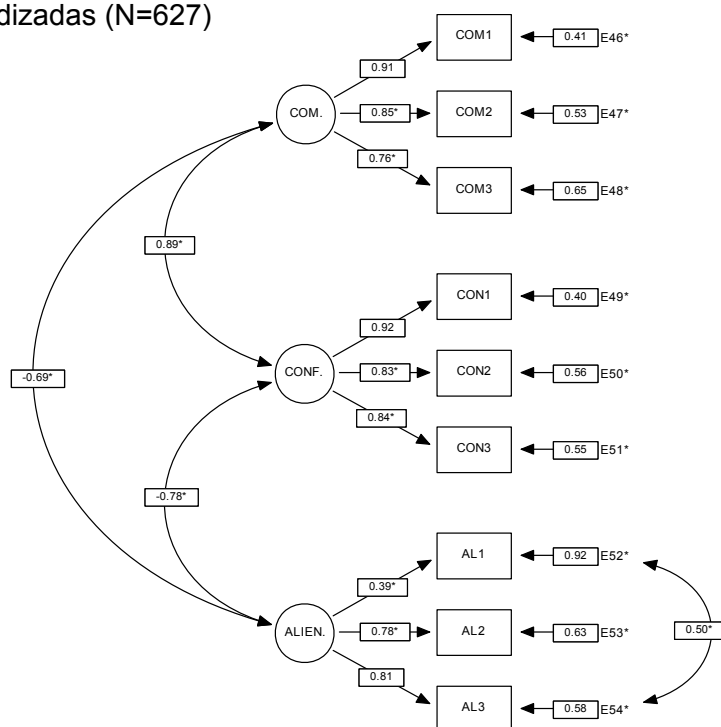
	Dimensões/escalas IPPA (N=627)		
	Comunicação	Confiança	Alienação
Número de itens	8	10	7
Alpha de Cronbach	.859	.886	.713

#### 2.1.2. Análises factoriais confirmatórias

A análise factorial confirmatória de 1ª ordem do IPPA, versão pares (Figura 8), apresenta índices de ajustamento adequados e valores de correlação de acordo com os dos autores.

FIGURA 8.

Análise factorial confirmatória de 1ª. Ordem: IPPA (versão Pares); estimativas estandardizadas (N=627)



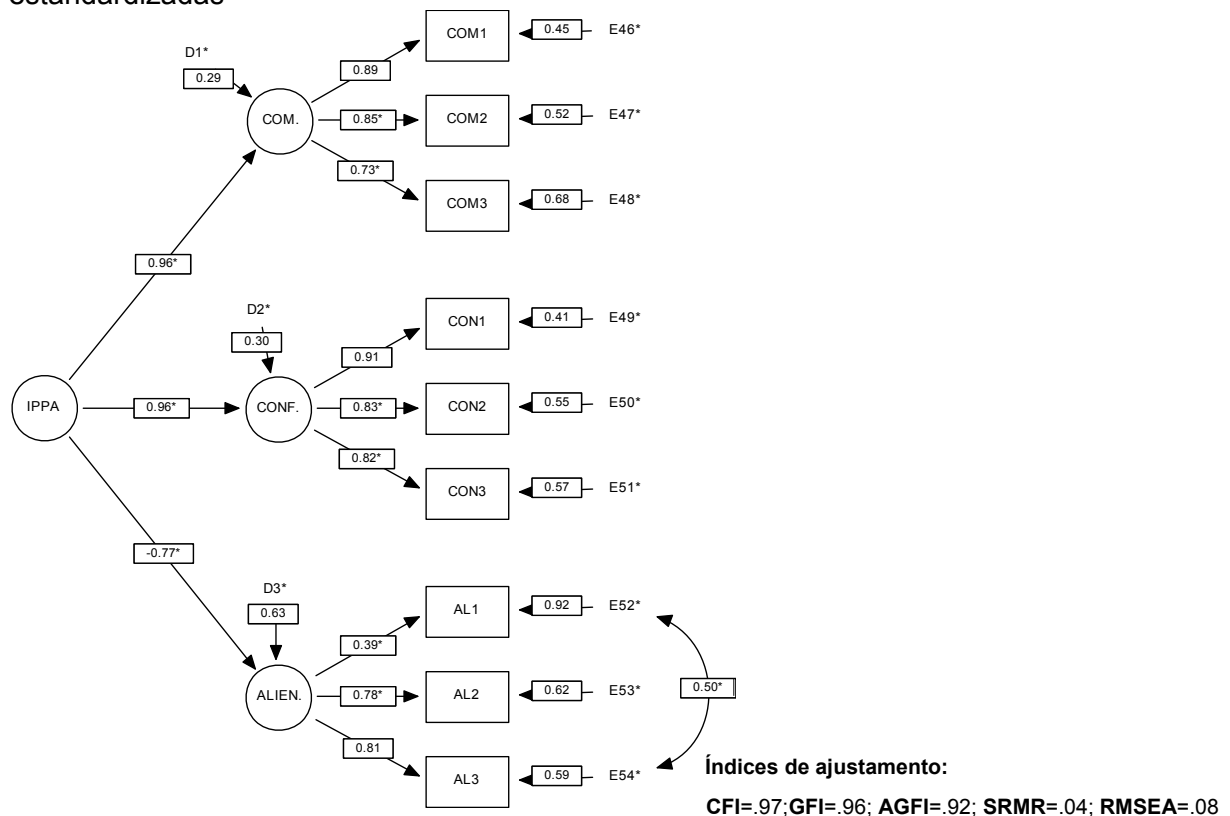
Índices de ajustamento:  
CFI=.98; GFI=.97; AGFI=.93;  
SRMR=.04; RMSEA=.07

**Legenda.** CONF.: Confiança; COM.: Comunicação; ALIEN.: Alienação.

Relativamente à análise factorial de 2ª ordem (Figura 9) o modelo manteve-se constante quer em termos de correlações (com apenas um acrescento), quer em se tratando dos valores de ajustamento.

FIGURA 9.

Análise factorial confirmatória de 2ª. Ordem: IPPA (versão Pares); estimativas estandardizadas



**Legenda.** CONF.: Confiança; COM.: Comunicação; ALIEN.: Alienação.

Relativamente aos agrupamentos de itens foram obtidos em conjuntos de entre dois a quatro itens, numa configuração de indicadores por factor de três para todas as dimensões *Confiança*, *Comunicação* e *Alienação*. Nas análises de 2ª ordem o emparcelamento da de 1ª ordem foi replicado.

Das análises efectuadas podemos confirmar que a estrutura factorial do IPPA se replicou também nesta amostra.

### 3. Questionário de Vinculação Amorosa: QVA

#### 3.1. Capacidades psicométricas

##### 3.1.1. Consistência interna

Os valores de consistência interna *alpha* de Cronbach (Quadro 5) observados para as escalas do QVA variaram entre .73 (*Ambivalência*) e .86 (*Dependência*). Os valores concordam com os dos estudos iniciais de validação (Matos *et al.*, 2001; Matos, 2002).

QUADRO 5.

Valores de alpha de Cronbach do QVA

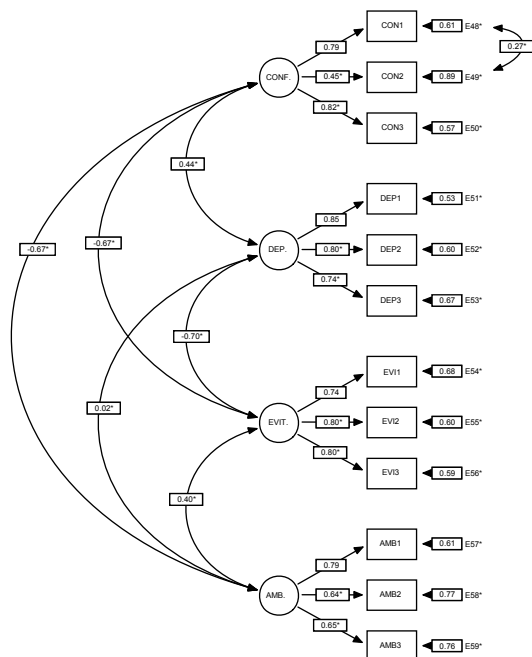
	Dimensões/escalas QVA (N=547)			
	Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
Número de itens	12	12	13	9
Alpha de Cronbach	.764	.856	.827	.729

##### 3.1.2. Análises factoriais confirmatórias

A análise factorial de 1ª ordem indicou valores de ajustamento adequados ao modelo teórico do QVA (Figura 10). Os valores correlacionais são apropriados e espelham as relações teóricas aguardadas (Matos & Costa, 2001).

FIGURA 10.

Análise factorial confirmatória de 1ª. Ordem: QVA; estimativas estandardizadas (N=547)



#### Índices de ajustamento

CFI=.95; GFI=.94;

AGFI=.91; SRMR=.06;

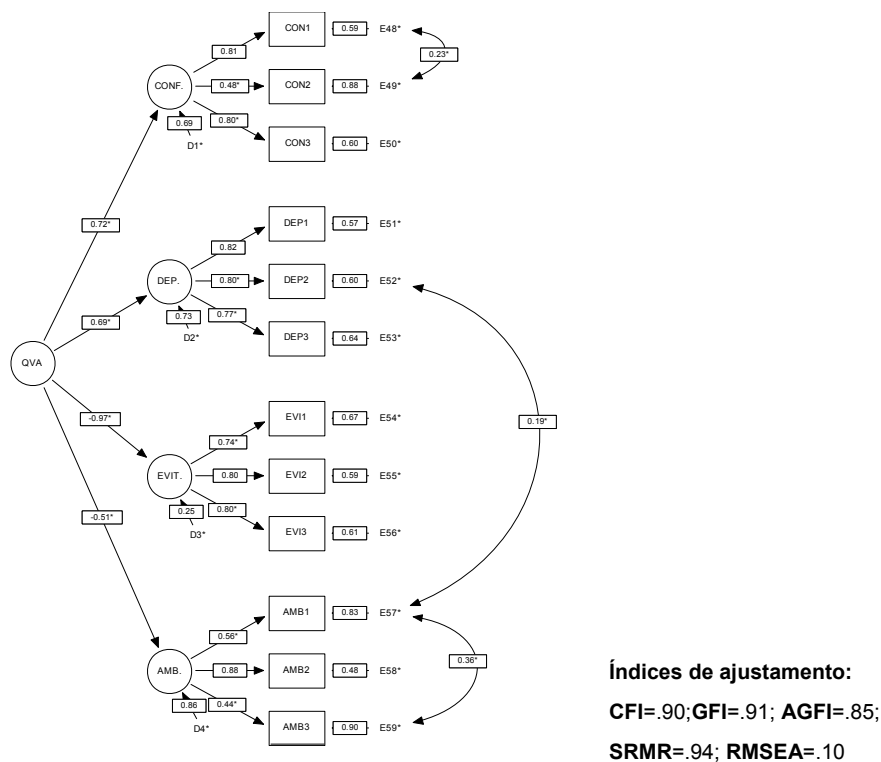
RMSEA=.08

**Legenda.** CONF.: Confiança; DEP.: Dependência; EVIT.: Evitamento; AMB.: Ambivalência.

Relativamente à análise de segunda ordem, realizou-se um primeiro estudo mantendo o modelo original (Figura 11) e uma segunda pesquisa com um modelo alternativo em três factores (Figura 12), tendo sido retirada a dimensão *Ambivalência*. Os índices de ajustamento resultaram mais adequados e o teste de diferença de Qui-quadrado rejeitou a hipótese nula  $\chi^2_{Dif}=174.820$ ,  $gl=23$ ;  $\chi^2_{Tab}=35.172$ ,  $gl=23$ ,  $p^{Crítico}=0.05$ .

FIGURA 11.

Análise factorial confirmatória de 2ª. Ordem: QVA; estimativas estandardizadas (N=547)



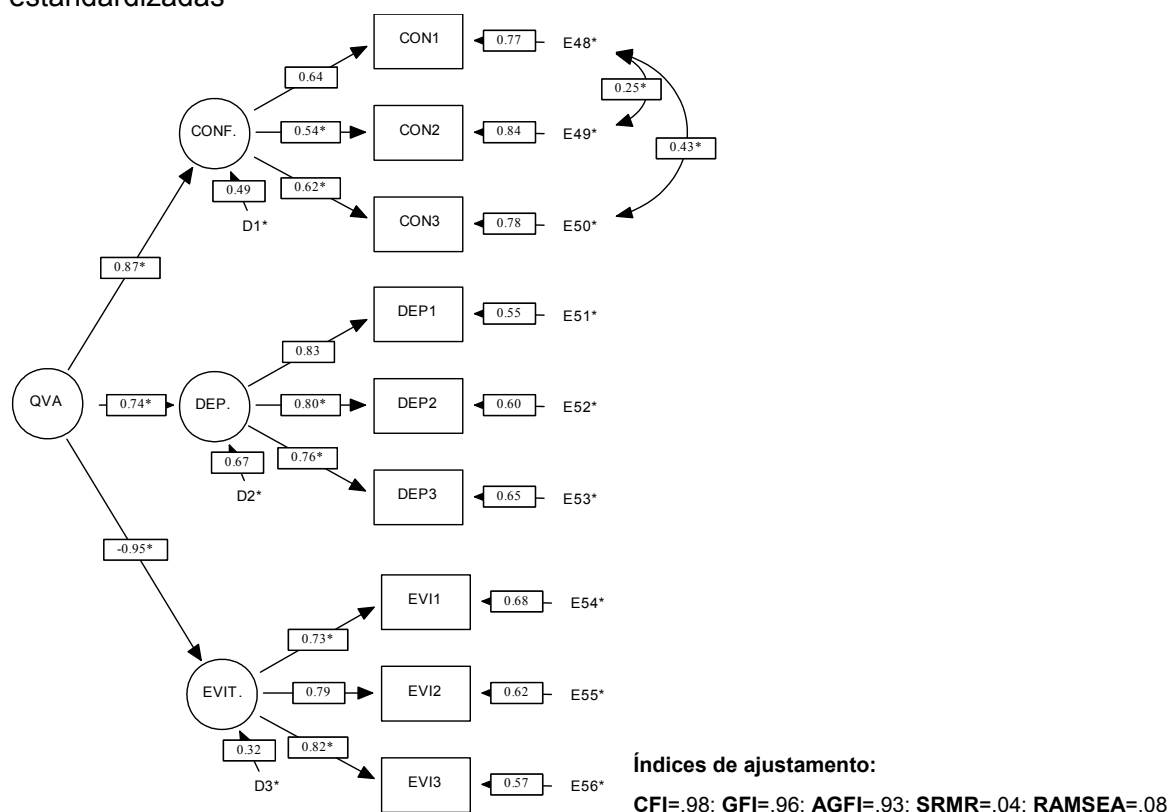
**Legenda.** CONF.: Confiança; DEP.: Dependência; EVIT.: Evitamento; AMB.: Ambivalência.

Em termos de emparcelamento para as análises factoriais confirmatórias de 1ª e 2ª ordem, construíram-se três indicadores por cada um dos quatro factores (*Confiança*, *Dependência*, *Evitamento* e *Ambivalência*). Os emparcelamentos variaram entre os quatro e os três itens (3 itens nos emparcelamentos para a dimensão *Ambivalência* e 4 para cada um dos indicadores das restantes dimensões latentes).

Tanto na análise factorial de primeira quanto na de segunda ordem podemos verificar a reprodução do modelo teórico nesta amostra, embora na análise de segunda ordem tenha sido apresentado um modelo alternativo da medição do factor latente de segunda ordem apenas com três dimensões latentes de primeira ordem, dados os valores de ajustamento obtidos serem pouco consistentes, e a existência de correlações entre erros de diferentes dimensões.

FIGURA 12.

Modelo de 2ª ordem (estrutura factorial em três dimensões): QVA; estimativas estandardizadas



**Legenda.** CONF.: Confiança; DEP.: Dependência; EVIT.: Evitamento; AMB.: Ambivalência.

## 4. Rosenberg Self-Esteem Scale/Escala de Auto-Estima de Rosenberg: SES

### 4.1. Capacidades psicométricas

#### 4.1.1. Consistência interna

O valor *alpha* de Cronbach para a escala de auto-estima de Rosenberg foi de .85 (Quadro 6).

QUADRO 6.

Valores de *alpha* de Cronbach da SES

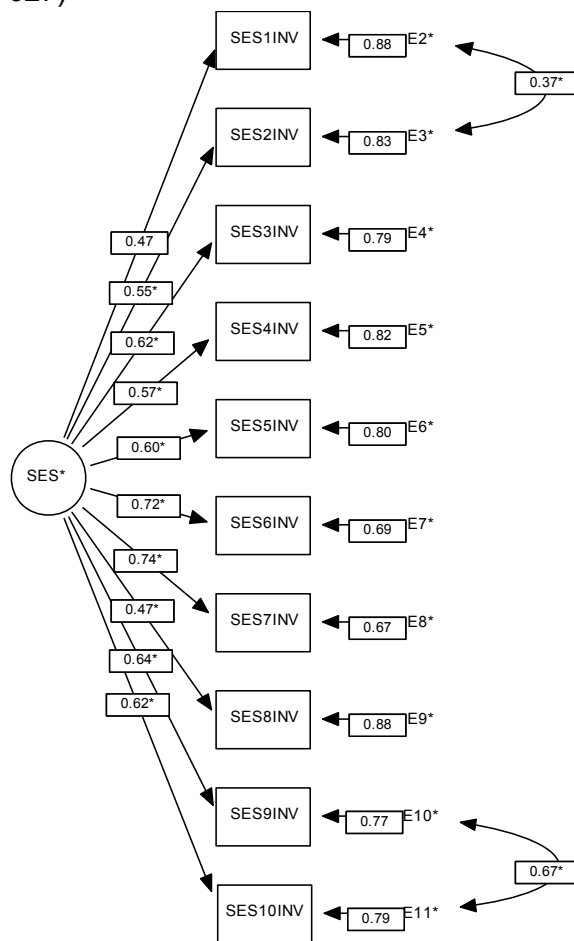
Dimensão/escala SES (N=627)	
Auto-Estima Global	
Número de itens	10
Alpha de Cronbach	.849

#### 4.1.2. Análise factorial confirmatória

Dado que este instrumento tem apenas dez itens na sua composição não foi necessário utilizar o procedimento de emparcelamento apresentando-se os indicadores reais (*vide* Figura 13 abaixo).

FIGURA 13.

Análise factorial confirmatória de 1ª ordem: Rosenberg SES; estimativas estandardizadas (N=627)



Índices de ajustamento:

CFI=.94; GFI=.94; AGFI=.91;

SRMR=.05; RMSEA=.08

**Legenda.** SES.: Auto-estima Global tal como avaliada pela Rosenberg Self-Esteem Scale.

Da análise da Figura 13 podemos verificar a natureza unidimensional da escala, justificando-se a sua utilização neste estudo sem recurso a uma análise factorial confirmatória de segunda ordem.

Em resumo, os quatro instrumentos que acabámos de avaliar ao nível psicométrico, evidenciaram características robustas quer ao nível da consistência interna, quer ao nível da

confirmação empírica dos modelos teóricos propostos, justificando a sua utilização neste e noutros estudos com populações similares.



## Capítulo 5

### **O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso: Estudo empírico**

Neste capítulo irão ser apresentadas respostas às questões gerais colocadas no Capítulo 3. Serão dadas pistas acerca da adolescência e em específico, do modo como neste período desenvolvimental os jovens lidam e vivem as questões da vinculação.

Uma primeira abordagem como já referimos, privilegia a transferência da vinculação. Desde logo pretende-se ver até que ponto há de facto uma transferência sequencial das componentes de vinculação segundo o modelo de Cindy Hazan e Phillip Shaver (1994). As componentes ou funções de vinculação são um tema de suporte na teoria da vinculação. O objectivo deste sistema cognitivo-comportamental e afectivo é justamente a manutenção da proximidade a uma figura de vinculação de modo a que esta funcione como *Base segura* ao sujeito para exploração de si e do mundo e ao mesmo tempo que é também um *Porto seguro* onde se pode voltar em situação de perigo ou ameaça. Assim, o afastamento da pessoa significativa para fora dos limites de controlo dos sujeitos origina ruído emocional, ou de outro modo, o *Protesto de separação*. Se na infância estes comportamentos são relativamente fáceis de observar no dia-a-dia e não só através do dispositivo experimental da *Situação Estranha*, na adolescência e na adultícia esta demonstração, embora acessível através de observação, se bem que por vezes não será fácil, é na maioria das vezes efectuada por instrumentos de auto-relato. Por outro lado, a vinculação na adolescência implica novas abordagens desenvolvimentais que passam mais por estratégias cognitivas mediadas por representações pessoais, do que propriamente por comportamentos observáveis<sup>91</sup>. Aqui é privilegiada uma abordagem que vai no sentido de conhecer um pouco mais sobre o modo como estas funções vão sendo desempenhadas por figuras além das parentais, quais as mais requisitadas (mãe, pai, par amigo do mesmo e de género oposto e par amoroso<sup>92</sup>), e se esta busca está de acordo com a hierarquia emocional que os próprios jovens determinaram. Esta é mais uma faceta do funcionamento do sistema de vinculação na adolescência.

<sup>91</sup> Salienta-se ainda que na adolescência e adultícia coexistem o sistema de vinculação e os sistemas sexual e de prestação de cuidados, que muitas vezes se interpenetram e tornam difícil uma observação comportamental directa.

<sup>92</sup> Sempre que forem apresentados resultados contrastados ou comparativos com o par amoroso estes terão em conta a amostra dos jovens que relataram ter ou terem tido uma relação amorosa significativa.

De que forma se relacionam as dimensões empregues na avaliação da vinculação aos diferentes contextos relacionais em estudo (mãe, pai, amigos e par amoroso<sup>93</sup>) entre si, mas também com se associam com o número e avaliação que dos acontecimentos de vida (positivos e negativos) os adolescentes<sup>94</sup> fazem? Estas dimensões variam em função do género e da idade? E de que modo os adolescentes advindos de um ou outro tipo de formação diferem em termos destes constructos? Estas são algumas questões que se nos colocaram a partir desta forma de conceptualizar a vinculação.

Além do olhar dimensional abrangeu-se também o que há de comum nos sujeitos, a visão organizacional que permite encarar a vinculação na adolescência do ponto de vista prototípico. A perspectiva de que as relações de vinculação podem ser observadas de um ponto de vista bidimensional a partir da imagem positiva ou negativa de si e do outro, imagens construídas ao longo do desenvolvimento nas diferentes relações significativas, é passível de explicar as diferenças individuais destes jovens? Que organizações, que protótipos de vinculação segundo Kim Bartholomew (ou que estilos, classificações ou padrões, na nomenclatura de outros) se podem observar e mais do que isso de que modo a idade, o género, a instituição de formação, os acontecimentos de vida<sup>95</sup> e a auto-estima variam segundo estas diferenças inter-individuais? Há concordância entre classificações nas quatro relações? As dimensões da vinculação a pares e par amoroso variam em função dos padrões de vinculação aos pais, par amoroso e pares (respectivamente)?

Por último e integrando os resultados anteriores, foi especificado um modelo causal (possível) que engloba a Qualidade de vinculação a pais, pares e par amoroso, considerando possibilidades da existência de diferenças significativas de género (parental e dos adolescentes).

Os resultados serão apresentados na ordem que acabámos de configurar, tendo pontos de discussão ao longo de todo o texto, estruturando-se discussões integrativas no final de cada bloco maior de resultados. Existem ainda considerações finais que abarcam os principais resultados obtidos e a sua interligação por áreas de investigação.

---

<sup>93</sup> As análises de variância a efectuar para as dimensões ou os padrões de vinculação relativos à qualidade relacional com o par amoroso terão em conta uma possível variação em função da duração das relações amorosas. Relembramos que a amostra, nos tratamentos que implicam os sujeitos avaliados relativamente ao par amoroso, tem em conta apenas os jovens que relatam já terem experienciado uma relação de namoro (*vide* Capítulo 4).

<sup>94</sup> Relembramos que o efectivo do QAV é de 380 adolescentes (*vide* Capítulo 3).

<sup>95</sup> Por acontecimentos de vida entenda-se a avaliação da intensidade e o número de acontecimentos positivos e negativos relatados pelos sujeitos, pese embora em rigor o termo se refira apenas ao número de acontecimentos, enquanto que a avaliação do impacto desses acontecimentos sugira representação e justamente por isso um processamento cognitivo.

## 1. Tratamentos estatísticos

### 1.1. Tratamentos estatísticos com recurso ao programa SPSS 13 para Windows

#### 1.1.1. Qualidade das variáveis e dimensões

No estudo da transferência das componentes de vinculação, a codificação das variáveis utilizadas foi inicialmente de carácter dicotómico (utilização ou não de determinada figura em determinada componente) contudo, para efeitos de realização de análises de variância estas foram transformadas em medidas contínuas, nomeadamente *Número de componentes de vinculação na relação com* (Mãe, Pai, Par amigo, Par amiga<sup>96</sup> e Par Amoroso).

Como já extensamente referido, optou-se neste trabalho por observar a vinculação de dois pontos de vista teóricos complementares mas essencialmente diversos na sua natureza: a abordagem dimensional e a prototípica.

As dimensões<sup>97</sup> foram construídas com base nas análises de validação dos instrumentos, nomeadamente nas análises de consistência interna e análises factoriais confirmatórias de primeira ordem (*vide* Capítulo 4). Relativamente ao domínio relacional da vinculação a cada um dos elementos da parentalidade são três as dimensões trabalhadas, a relembrar, *Qualidade do laço emocional*, *Ansiedade de separação (e dependência)* e *Inibição da exploração e individualidade*. Do mesmo modo são também três as dimensões que avaliam a qualidade da vinculação aos pares, *Confiança*, *Comunicação* e *Alienação*. Por fim, as dimensões que permitem avaliar a qualidade da vinculação ao par amoroso são quatro e definem-se em *Confiança*, *Dependência*, *Evitamento* e *Ambivalência*. É a partir destas dimensões, e através do método combinatório da construção de *clusters*, que foram construídos os **padrões de vinculação** em cada um dos domínios relacionais, observando então este sistema de um ponto de vista prototípico. A partir das análises factoriais confirmatórias, foram construídas ainda dimensões totais relativas à Qualidade de vinculação aos pais, pares e par amoroso, isto é, tendo em conta os pesos relativos de cada dimensão para o factor maior. Assim, apenas serão utilizados estes *scores*<sup>98</sup> a propósito da

<sup>96</sup> O modo como se definiram os pares amigos mais íntimos do mesmo género ou de género oposto, teve em conta a hierarquia que era construída pelo sujeito relativamente às figuras que arrolou no ANQ (*vide* Capítulo 4), ou seja, considerou-se como os melhores amigos do adolescente os amigos referidos em primeiro lugar na hierarquia construída.

<sup>97</sup> Os efectivos utilizados nas análises dimensionais para qualquer um dos contextos relacionais são os que foram apresentados nas análises factoriais de primeira e segunda ordens (*vide* Capítulo 4), não sendo por isso um número constante.

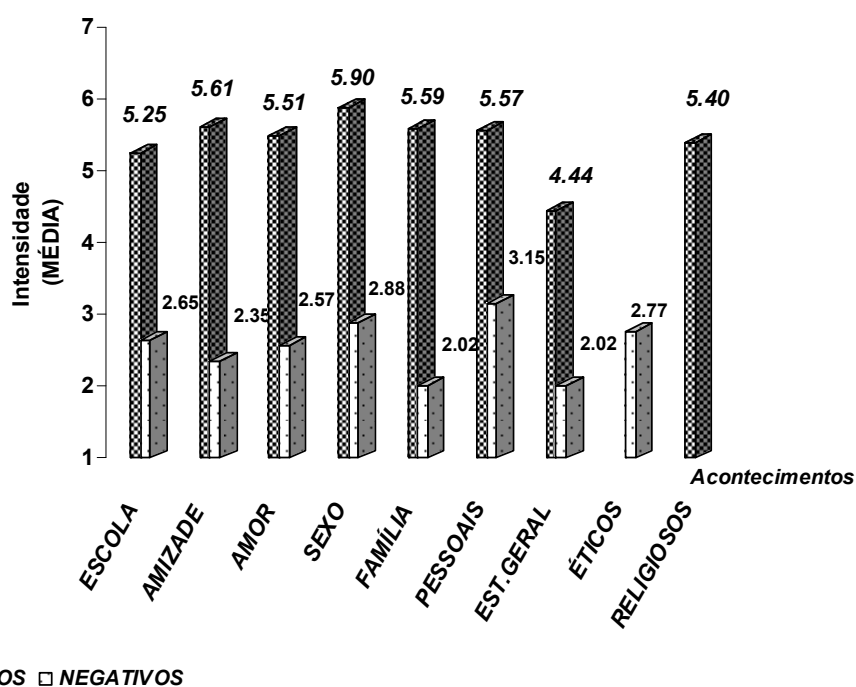
<sup>98</sup> Relativamente ao QVPM o score total será construído de acordo com a fórmula [(Qualidade do laço emocional+Ansiedade de separação (e dependência))-(Inibição da exploração e individualidade)]; quanto ao IPPA, a fórmula será [(Comunicação+Confiança)]-(Alienação)]; por fim o QVA seguirá a norma [(Confiança+Dependência)]-(Evitamento)].

testagem da qualidade mediacional da auto-estima na relação entre a qualidade de vinculação ao pai e à mãe e a qualidade relacional com pares e par amoroso (*path analysis*).

A auto-estima bem como os **acontecimentos de vida** foram construídos num princípio de unidimensionalidade. Os acontecimentos de vida agrupam-se em dois tipos: por um lado duas variáveis que são somatórios simples do número de acontecimentos de vida positivos e dos negativos, por outro, a avaliação dos sujeitos acerca dos acontecimentos positivos ou negativos das suas vidas. Assim, cada acontecimento é avaliado numa escala em que ao menor valor corresponde a avaliação de maior intensidade discordante com o sentido da escala e ao valor mais elevado corresponde a avaliação mais intensa de sinal concordante. Por exemplo, se existir um valor de um na cotação de um acontecimento de vida positivo, tal é traduzido numa avaliação extremamente negativa de um acontecimento de vida positivo. Se pelo contrário a cotação é de 7, trata-se de avaliar de modo intensamente positivo aquele acontecimento de vida também ele positivo. Em suma são quatro as dimensões *acontecimentos de vida a estudar*: **Número de acontecimentos negativos e positivos relatados, Intensidade dos acontecimentos de vida negativos e positivos relatada**. Seguem-se alguns dados descritivos acerca destas variáveis (Figuras 14 e 15). Quando necessário, por questões de verificação de hipóteses colocadas foram utilizadas as escalas por área de acontecimento de vida (*vide* Figura 14<sup>99</sup>).

FIGURA 14.

Média da avaliação da intensidade de acontecimentos de vida positivos ou negativos, por área individual avaliada (N=380)

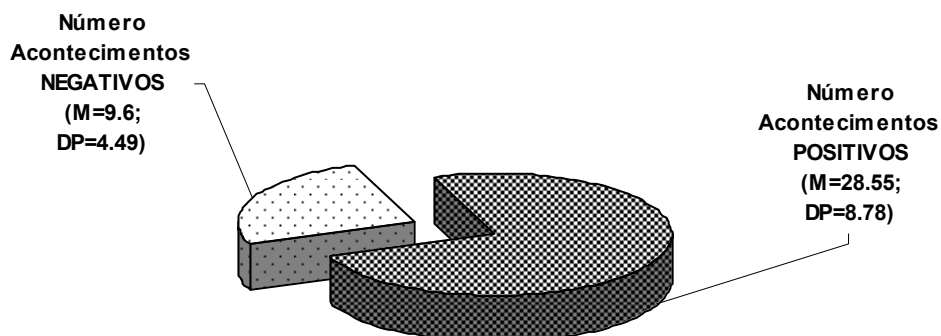


■ POSITIVOS □ NEGATIVOS

<sup>99</sup> Note-se que não foi considerada a dimensão “Questões de Trabalho” dada a falta de expressividade de respostas.

FIGURA 15.

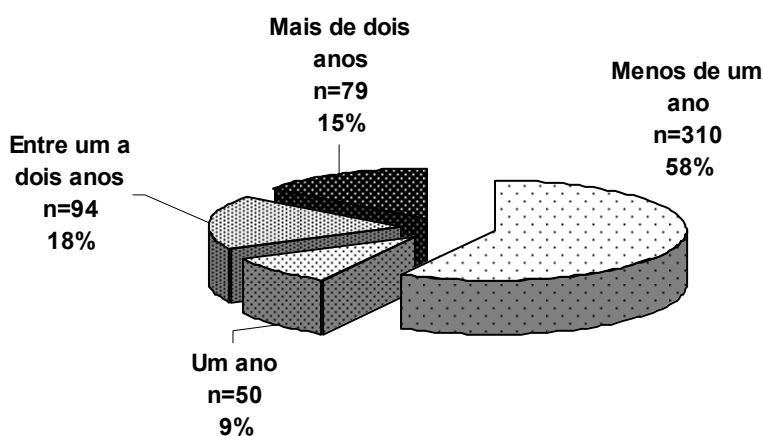
Média de acontecimentos negativos e positivos relatados (N=380)



A variável **Duração da relação amorosa** e **Tipo de formação frequentada** são de natureza categorial e apresentam-se em quatro e três classes, respectivamente: “Menos de um ano de duração”, “Um ano de duração”, “Entre um a dois anos de duração” e “Mais que dois anos de duração” (*vide* Figura 16 para actualização dos dados referentes ao tempo da relação amorosa). Quanto ao **Tipo de formação frequentada** a subdivisão é entre “Escolas regulares”, “Escolas profissionais” e “Pólos de aprendizagem”.

FIGURA 16.

Duração das relações amorosas relatadas enquanto significativas (N=548)



**Nota:** < 1 ano: Rapazes/Raparigas (53.2%/46.8%); 1 ano: Rapazes/Raparigas (44%/56%); entre 1 e 2 anos: Rapazes/Raparigas (43.6%/56.4%); > 2 anos: Rapazes/Raparigas (35.4%/64.6%)

A **idade** dos adolescentes é contemplada enquanto variável contínua (entre os 13 e os 23 anos de idade) mas também enquanto categorial em quatro classes: “Dos 13 aos 14 anos de idade”, “Dos 15 aos 16 anos de idade”, “Dos 17 aos 18 anos de idade” e “dos 19 aos 23 anos de idade”.

### 1.1.2. Tratamentos estatísticos, critérios de significância e normalidade das distribuições

A natureza dos relacionamentos dos jovens com ambos os pais, amigos íntimos e par amoroso enquanto figuras que preenchem as funções de vinculação de *Porto* e *Base seguros*, *Procura de proximidade* e *Protesto de separação*, foi pensada através de análises correlacionais que observaram as associações entre o **número de componentes de vinculação** a cada uma das figuras em estudo, **género**, **idade** e ainda as quatro **variáveis relativas aos contextos de vida**. Estudaram-se diferenças de médias e interações através de MANOVAs<sup>100</sup> bifactoriais (com inclusão da **idade** e do **género**) e ainda eventuais interações trifactoriais (MANOVAs trifactoriais) entre a **idade**, **género** e **padrões de vinculação**.

O teste de McNemar (McNemar, 1947; vide ainda Brace, Kemp & Snelgar, 2003) foi a opção considerada na observação do processo de recurso dos adolescentes a figuras significativas para funções de vinculação, tendo em conta a natureza dicotómica das variáveis em estudo e a organização do *Attachment Network Questionnaire* enquanto instrumento de medidas repetidas.

O teste de McNemar é uma estatística descritiva inferencial para medidas dicotómicas repetidas. Este teste utiliza a distribuição binomial e o valor p. obtido é exacto (para uma significância a 5% ou  $p \leq .05$ ). É um teste que se centra nas células opostas, ou de outro modo, nas células onde a resposta a uma primeira condição é contrária à da segunda condição em estudo. O teste não dá a possibilidade de realização de contrastes simultâneos entre todas as figuras em estudo e não permite a realização de comparações entre grupos. Deste modo, os resultados deverão ser entendidos de modo restrito, isto é, em cada um dos grupos etários e dentro de cada género considerado, não sendo possíveis extrapolações de resultados comparativos (entre géneros e idades, que aqui se apresentam enquanto estatísticas meramente descritivas). Embora sejam apresentados quadros completos de resultados, apenas serão explorados os totais do recurso a cada figura principal e os contrastes com a figura alternativa<sup>101</sup> neles incluídos.

As análises de variância, quer multivariadas (MANOVAs) quer univariadas (ANOVAs) quer ainda as análises de variância a um factor (*One-way ANOVAs*) utilizaram um nível de significância de 5% ( $p \leq .05$ ). Nas MANOVAs os testes multivariados reportam os valores do teste de Pillai (Pillai, 1955; este teste é, segundo Tabachnick e Fidell (1996), de entre os disponíveis, o mais robusto) ao nível de significância de 5% ou  $p \leq .05$ . Sempre que

<sup>100</sup> No caso das MANOVAs, já que foram considerados apenas os adolescentes que relatam a existência de relações amorosas significativas, o efectivo é de 548.

<sup>101</sup> Com *figura alternativa* referimo-nos não a aspectos qualitativos das figuras em estudo, mas antes a figuras contrastantes estatisticamente.

necessária a utilização de múltiplas comparações (testes *post hoc*) foi empregue o teste de Scheffé (Scheffé, 1953), dado ser um teste conservador (Tabachnick & Fidell, 1996) compensando eventuais resultados espúrios. As análises de interacções entre factores realizaram-se através de divisões da amostra (por categorias de um factor) e subsequentes análises de variância (*One-way* ou ANOVAs) para o segundo factor. Foram ainda reportados valores do Eta-quadrado nas MANOVAs e ANOVAs, já que permite avaliar o poder das associações entre as variáveis.

A construção dos **padrões de vinculação** nos diferentes contextos relacionais apoiou-se na análise de *clusters*, derivando teoricamente cada protótipo a partir dos resultados das médias dimensionais. Dentro das opções estatísticas disponíveis, elegeu-se o método combinatório<sup>102</sup>: os centróides são especificados a partir do método Hierárquico (*Ward's method* e *Square Euclidean Distance*) que posteriormente servem de base, através do método Não-Hierárquico (*K-Means Cluster Analysis*), à criação dos *clusters*. Os **padrões de vinculação** resultantes para cada contexto relacional foram então validados através de ANOVAs (*One-way*). Posteriormente, agruparam-se os padrões em Seguros vs. Inseguros, tendo em conta análises de probabilidades (teste binomial, Siegel, 1956; *vide* para revisão Abdi, 2007a).

A magnitude e a direcção da associação entre as dimensões de vinculação e as restantes variáveis em estudo foram calculadas com recurso ao coeficiente de correlação de Pearson (*r*), com testes de significância bilaterais (*two-tailed*) aos níveis de 1% e 5% ( $p \leq .05$  e  $p \leq .01$ ).

A associação dos quatro **padrões de vinculação** (Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado) ao género dos adolescentes, **Tipo de formação frequentada** e **Duração da relação amorosa**, foi estudada com fundamento na natureza categorial destas variáveis, através de tabelas de contingência utilizando como critério de significância estatística o teste de Qui-quadrado ( $\chi^2$ ) a 5% ( $p \leq .05$ ).

Relativamente à **idade** e aos **acontecimentos de vida** elegeu-se como método de tratamento de dados as ANOVAs (*One-way*) considerando os **padrões de vinculação** como variável independente.

A existência de continuidade ou descontinuidade na classificação de vinculação por contextos diferenciados efectuou-se com recurso a testes de probabilidades binomiais, tendo em conta a proporção da distribuição do padrão Seguro e dos padrões Inseguros em cada contexto relacional, verificando se a proporção da segurança num dado contexto excedia a observada na amostra total se tratados apenas os sujeitos Seguros numa outra

---

<sup>102</sup> Para uma análise mais detalhada consultar Hair, Anderson, Tatham e Black (1998). *Vide* ainda Leask e Parker (2004) para uma exemplificação.

relação (e vice versa para a insegurança). Assim, cada análise vê o teste de probabilidades ser alterado na razão da proporção de segurança na amostra total, ou por instrumento.

As variáveis utilizadas foram ainda objecto de avaliação da normalidade de distribuição, estando os valores de assimetria obtidos entre os limites de +1.96 e -1.96. Quanto à curtose os valores para as dimensões *Qualidade do laço emocional* (pai e mãe) e ainda *Confiança* na relação de pares exibiram valores que excediam os limites preconizados como aceitáveis (nomeadamente, 3.717, 4.178 e 2.046). Dado o efectivo da amostra ser considerado grande ( $N \geq 200$ ) e os valores de curtose e assimetria poderem ser sensíveis justamente com amostras desta grandeza, recorreu-se à construção e análise de diagramas de dispersão (*Normal Q-Q Plot*) para as três variáveis onde se observou a existência de uma distribuição razoavelmente contígua à linha da distribuição normal, aceitando-se esta proximidade sem alteração, dada a natureza psicológica dos dados.

## 1.2. Tratamentos estatísticos com recurso ao programa EQS 6.1 para Windows

Finalmente, a integração de todos os resultados resulta na apresentação de diagramas de caminhos que espelham modelos possíveis de organização dos dados, tendo em conta a metodologia dos modelos das equações estruturais (*MEE*). Relembramos contudo, que esta metodologia é já utilizada no teste da hipótese da qualidade mediadora da auto-estima com a *Path analysis*.

Uma primeira consideração acerca desta metodologia é a de que “todos os modelos de equações estruturais estão errados” (MacCallum, 1998), dito de outro modo, esta metodologia permite apenas uma explicação plausível (ou muitas, no caso de existirem estudos comparativos de estruturas diferenciadas para um mesmo problema), porém é apenas isso mesmo *plausível* e está longe, como diria o mesmo McCallum, de representar o *mundo real* (qualquer que ele seja). A perspectiva adoptada neste trabalho é justamente esta, optando-se por esta metodologia já que permite a inclusão de variáveis latentes no modelo e a possibilidade de especificar hipóteses relacionais causais com efeitos directos e indirectos (mediação de variáveis). Além destas vantagens, os MEE permitem ainda ter em conta o erro que resulta de qualquer medição. Desta introdução facilmente se verifica que a perspectiva adoptada é a de utilização dos MEE enquanto instrumento confirmatório, pese embora seja reconhecido apenas o carácter probabilístico de cada modelo apresentado.

Em termos de modelo de medida foram tidos em conta tanto os resultados advindos das análises correlacionais quanto das análises factoriais confirmatórias. Relativamente ao modelo estrutural, as relações causais hipotetizadas levaram em consideração sobretudo o enquadramento teórico da vinculação.



O método de estimativa empregue foi o da *Máxima Verosimilhança* (MV) embora sejam apresentados os resultados pela estimativa *Robusta*<sup>103</sup> sempre que utilizadas variáveis referidas como não detendo valores perfeitos de curtose. O valor da significância utilizada quer nas equações de medida, quer na decomposição de efeitos foi de 5% ( $p \leq .05$ ). Dado que a hipótese para o modelo final implicou uma análise comparativa entre géneros, utilizou-se o procedimento da *Análise de Múltiplas Amostras* com recurso a *Constrangimentos à Igualdade para Múltiplos Grupos*. Na avaliação que postulava efeitos diferenciados das variáveis exógenas para o pai e para a mãe nas variáveis endógenas recorreu-se à *agregação de caminhos*, restringendo à igualdade o valor não estandardizado de cada par de caminhos que ligam as variáveis exógenas *Qualidade de Vinculação ao pai* e *Qualidade de Vinculação à mãe* a cada uma das variáveis endógenas em estudo e avaliando a sua equivalência através do *Teste Lagrange* (LM). Na reespecificação dos modelos utilizou-se o teste de diferença de Qui-Quadrado, realizado através da comparação entre o modelo inicial e a testagem da libertação dos parâmetros com recurso ao teste ou comparação de Wald (TW). O teste LM para libertação de constrangimentos e acréscimo eventual de parâmetros utilizou a significância estatística de 5% ( $p \leq .05$ ).

Os índices de ajustamento apresentados são os mesmos já descritos no Capítulo 4 (p. 158-159) a relembrar, os valores de CFI, GFI, AGFI, SRMS e RMSEA, mantendo-se por isso os fundamentos da sua utilização tanto nas análises factoriais confirmatórias quanto nos MEE.

## 2. Resultados

### 2.1. O alargamento e a hierarquia das redes de vinculação na adolescência

Quando se observa a vinculação a partir das suas componentes volta-se de algum modo à essência da teoria já que os conceitos que lhe dão suporte são, justamente a *Procura de proximidade*, o *Porto seguro*, a *Base segura*, e o *Protesto de separação* associado a figuras de vinculação. Como se processa a transferência das componentes de vinculação à luz do desenvolvimento pessoal que ocorre neste período do ciclo vital?

Do nosso ponto de vista é interessante não somente o estudo das hierarquias de vinculação, mas sobretudo o como em cada fase da adolescência vai aumentando o recurso

---

<sup>103</sup> Note que apesar do programa estatístico revelar os valores dos índices de ajustamento para sete testes, apenas são apresentados os valores robustos de CFI e RMSEA, dado serem entre eles os que se consideram mais relevantes (vide Capítulo 4).

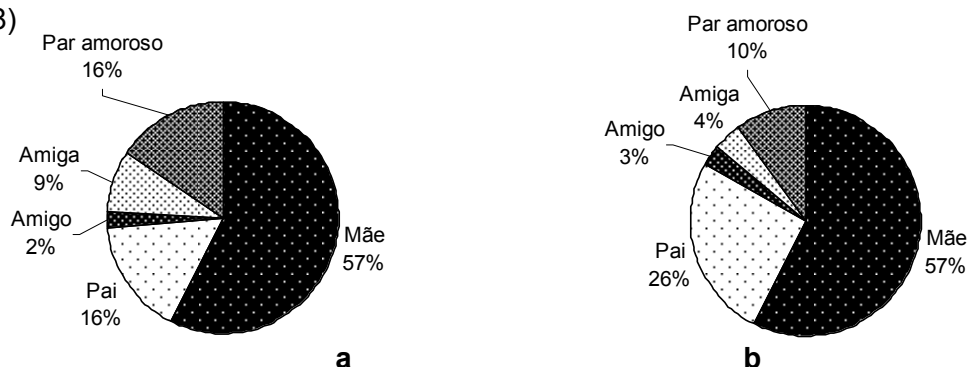
a algumas figuras, mantendo-se o apelo a outras e nalguns casos invertendo-se o sentido da procura. Consideramos que o termo *transferência* apela a uma transposição, pelo que colocamos como hipótese que é a sobrevivência psicológica, e o funcionamento cognitivo que na adolescência permite já operações proposicionais (Piaget & Inhelder, 1966), que possibilita o recurso a determinada figura em detrimento de outra no preenchimento de necessidades específicas de vinculação. As componentes passam a deter diversas valências e o funcionamento por parcerias de objectivo corrigido (*Goal Corrected Partnership*; Bowlby, 1969/1990), implicando a tomada de perspectiva do outro, implica justamente perceber qual entre as figuras de vinculação disponíveis (pais, pares ou par amoroso), a que melhor se adapta a determinado *plano* e à coordenação maior de vários objectivos.

### 2.1.1. Descrevendo hierarquias relacionais na adolescência

Uma primeira abordagem ao estudo da rede relacional da vinculação realizou-se através de uma análise descritiva dos dados obtidos no preenchimento do *Attachment Network Questionnaire* (ANQ, Trinke & Bartholomew, 1997). Na hierarquia emocional definida para as figuras em estudo considerara-se os melhores amigos como dois (do mesmo e de género oposto), indicados em primeiro lugar na hierarquia emocional de cada um dos adolescentes. A Figura 17 apresenta os dados específicos deste estudo.

FIGURA 17.

Percentagens de indicação de primeiro lugar na hierarquia emocional das figuras significativas (N=548)



**Legenda.** (a) Género feminino; (b) Género masculino

Embora nos dados totais tenha sido relatada mais do que uma figura por categoria (por exemplo, irmão em primeiro lugar na lista, irmão referenciado em segundo lugar relativamente ao primeiro irmão, etc.), estes foram não necessariamente colocados depois em primeiro lugar na hierarquia emocional.

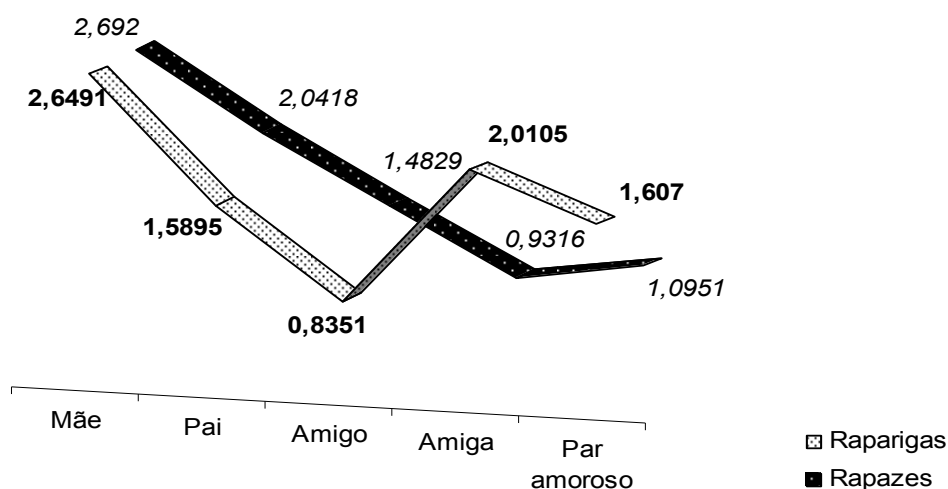
Estes dados indicaram que em ambos os géneros, a mãe tem a percentagem mais elevada de relato da primazia na hierarquia emocional. Muito atrás é citada a figura do pai,

em maior percentagem pelos rapazes que pelas raparigas. O par amoroso surge em terceiro lugar (com uma percentagem mais elevada para o género feminino) e por fim os pares amigos (do mesmo género seguido do par de género oposto). Observou-se uma maior equidade na nomeação de pares de ambos os géneros nos rapazes que nas raparigas, em consonância aliás com investigação já citada (Connolly *et al.*, 2000). Ou seja, parece ser a mãe a figura com maior importância ao nível das hierarquias de vinculação.

Uma outra estatística descritiva interessante diz respeito às médias de recurso<sup>104</sup> para as componentes de vinculação (Figura 18), lembrando que estas dizem respeito à transformação dos dados numa *medida contínua do apelo a cada figura*, de outro modo, o número médio de componentes solicitadas a cada uma das figuras significativas.

FIGURA 18.

Médias de recurso a cada uma das figuras significativas para funções de vinculação (N=548)



**Nota.** A negrito encontram-se as médias para o género feminino e a itálico as médias para o género masculino

É interessante verificar que existe uma sobreposição entre a hierarquia emocional definida pelos jovens e o recurso que fazem às figuras que relatam exercerem as funções de vinculação. Por outro lado, existe uma tendência para a orientação às figuras em estudo que parece não ser de todo a mesma para rapazes e raparigas. Os jovens parecem contudo concordantes quanto ao papel das suas mães, justapondo hierarquia emocional a hierarquia de recurso no caso materno. Note-se ainda a orientação que parece existir relativamente ao par do mesmo género e um recurso mais saliente ao par amoroso por parte do género feminino.

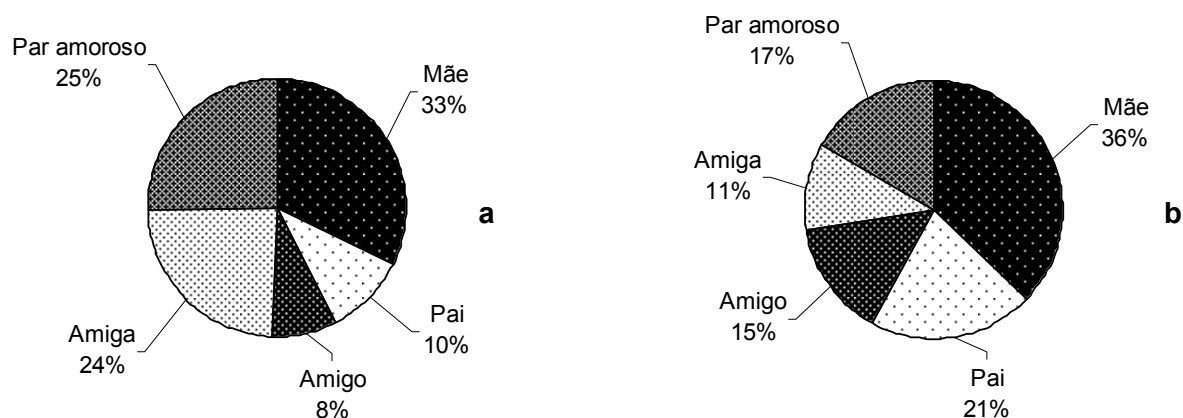
Uma última estatística descritiva curiosa é a que compara as percentagens dos jovens que nomeiam uma mesma figura enquanto capaz de satisfazer simultaneamente as quatro funções ou necessidades de vinculação (*Procura de proximidade, Porto e Base segura*,

<sup>104</sup> Os dados referem-se à totalidade da amostra (adolescentes que nomearam ou não as figuras em estudo).

*Protesto de separação*), na nomenclatura do modelo de Hazan, uma vinculação total. A Figura 19 expõe os resultados.

FIGURA 19.

Percentagens de nomeação de figuras significativas enquanto vinculações totais (N=548)



**Legenda.** (a) Gênero feminino; (b) Gênero masculino

Desde logo é visível a concordância com os dados descritivos anteriores e a disposição de recurso primordial à mãe, o pai vem em segundo lugar nos rapazes, porém par amoroso e par do mesmo gênero acontecem em segundo lugar para as raparigas. Para os rapazes, o terceiro lugar é partilhado entre o par amoroso e o amigo sem que haja, aparentemente, uma diferença profunda para com o par de gênero oposto.

Alargando esta pesquisa, examinou-se a possibilidade de existirem associações entre o recurso para preenchimento de funções de vinculação, **acontecimentos de vida**, a **idade** e o **gênero**. Estas análises foram realizadas para aferir a possibilidade de que o recurso diferenciado pudesse relacionar-se, não só com aspectos desenvolvimentais (como a **idade**), mas também com o contexto de vida dos adolescentes tendo em conta o **gênero**. Dada a natureza desenvolvimental do recurso à rede de vinculação, foram ainda avaliadas as associações entre o apelo às diferentes figuras.

Por não terem sido observados resultados que significativamente associassem o **Número de acontecimentos positivos relatados** ao recurso a qualquer figura significativa, não serão apresentados os respectivos valores de *r* de Pearson para esta dimensão. O Quadro 7 sintetiza os restantes resultados.

## QUADRO 7.

Valores de *r* de Pearson, dimensões recurso às figuras significativas, idade, género e acontecimentos de vida

	Recurso para funções de vinculação					Variáveis Demográficas		Acontecimentos de Vida		
	Mãe	Pai	Amigo	Amiga	Par amoroso	Género	Idade	Intensidade		Número
								Negativos	Positivos	Negativos
Mãe	1	<b>.442**</b>	-.024	-.005	.068	.035	.036	-.049	-.015	-.55
Pai		1	<b>.093*</b>	-.060	-.036	<b>.176**</b>	-.058	<b>-.155**</b>	<b>-.111*</b>	<b>-.153**</b>
Amigo			1	<b>.149**</b>	<b>-.179**</b>	<b>.239**</b>	<b>-.118**</b>	.031	.045	.072
Amiga				1	<b>-.122**</b>	<b>-.341**</b>	<b>-.087*</b>	<b>-.117*</b>	.047	<b>-.111*</b>
Par amoroso					1	<b>-.140**</b>	<b>.135**</b>	.039	.023	.015

**Nota.** \* Correlação significativa ao nível  $p \leq .05$  e \*\* Correlação significativa ao nível  $p \leq .01$ . O género é codificado como variável *dummy*: masculino=1, feminino=0.

Não foram encontradas associações entre **idade** e **recurso aos pais**, porém, quanto mais jovens os adolescentes maior o recurso aos pares amigos de ambos os géneros (embora a correlação seja fraca e quase inexistente nas raparigas) e quanto mais idade, maior o recurso ao par amoroso (ainda que com fraca magnitude). Ou seja, parece que em termos de recurso aos pares para exercício de funções de vinculação, os adolescentes utilizam e ganham competências a partir da disponibilidade desenvolvimental do sistema de afiliação (com os pares amigos) e posteriormente do sexual (com par amoroso), porém, os pais mantêm-se como factores de constância de vinculação na vida dos seus filhos. O **género** é também uma variável a ter em conta sobretudo nas associações com os pares amigos do mesmo género (com uma magnitude moderada entre raparigas amigas e fraca entre rapazes amigos). Sem surpresas é a associação entre o **género** e o **recurso ao par amoroso** (que embora fraca, poderá traduzir o maior investimento na relação amorosa das raparigas) e o resultado que associa o **recurso ao pai ao género masculino**, confirmando as tendências observadas anteriormente. Relativamente ao recurso às diferentes figuras, note-se que existiu uma **associação positiva** entre o **recurso a ambos os pais**, mas enquanto que o recurso à mãe não se associa com o recurso a mais nenhuma figura, o recurso ao pai associa-se de forma fraca (em boa verdade, quase inexistente) com o recurso ao par amigo de género masculino. As relações encontradas entre pares amigos são fracas e positivas, ou seja, um maior recurso a um par amigo suscita maior recurso ao par amigo de género oposto e vice-versa, enquanto que a associação entre par amoroso e amiga acontece na razão inversa, quase como se nesta última associação se tratasse de um fenómeno compensatório, onde a existência da relação amorosa faça diminuir a relevância da amiga. Suspeitamos que esta relação será mais evidente para o género feminino.

Quanto aos **acontecimentos de vida**, apenas se observaram resultados significativos para duas figuras de recurso: pai e par amoroso. Quanto **mais positivos** forem os adolescentes a avaliar os **acontecimentos de vida negativos** e quanto menor o **Número de acontecimentos negativos relatados** maior recurso ao pai e ao par amoroso (e vice-versa), pese embora a robustez das associações seja fraca. Curiosamente, quanto mais **negativos** os adolescentes **na avaliação dos acontecimentos de vida positivos**, também um maior recurso à figura do pai, o que fará pensar o pai como moderador das avaliações dos acontecimentos de vida. Dada a idade dos respondentes nesta análise (relembramos que entre os 15 e os 23 anos, onde o par amoroso começa a ser uma figura recorrente e significativa da rede), os resultados confirmam o par amoroso como uma figura de recurso para exercício de funções de vinculação em situações de activação do sistema (negativas) embora se avaliadas mais positiva que negativamente, o que está de acordo com o modelo de Cindy Hazan e poderá ao mesmo tempo indiciar também uma moderação. O pai, por seu turno, é uma figura de recurso quer quando as situações negativas são avaliadas mais positivamente quer quando as positivas são avaliadas de forma mais negativa, ou seja, tanto nas situações típicas de activação de sistema, quer provavelmente quando se assiste a uma associação entre *amedrontamento* ao pai e uma avaliação mais negativa dos acontecimentos de vida positivos. Teoricamente os Amedrontados tendem a negativizar acontecimentos e relacionamentos pessoais, pelo que acreditamos que os acontecimentos de vida que aqui estão a funcionar serão justamente os relativos à família.

A falta de resultados significativos que associam o recurso à mãe e pares amigos, terá provavelmente a ver com a importância destas figuras neste ponto do desenvolvimento, pelo que o recurso a elas não é afectado quer pela qualidade quer pela quantidade dos acontecimentos em causa.

### **2.1.2. A variabilidade do recurso à Mãe, ao Pai, aos Pares do mesmo e de género oposto e ao Par amoroso como figuras de vinculação**

Justamente porque muitas questões se levantaram quando começámos a analisar a questão do recurso a diferentes figuras para cumprimento das funções de vinculação, e poucas podem ser contestadas através de procedimentos correlacionais, optou-se pela análise de variância enquanto procedimento capaz de tornar mais compreensível todo este processo.

#### **2.1.2.1. Influências da idade e do género no recurso às figuras de vinculação**

Uma primeira questão que se nos colocou era da existência de eventuais interacções entre a **idade** e o **género** no recurso às figuras de vinculação. Na realidade os resultados apontam a inexistência dessa interacção para qualquer uma das figuras em estudo [F(15,

1614)=1.284,  $p=.204$ ]. Foram no entanto verificados efeitos maiores quer da **idade** [ $F(15, 1614)=2.695$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.995$ ] quer do **género** [ $F(5, 536)=24.314$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ]. Os testes de efeitos entre sujeitos revelaram efeitos de **género** no recurso ao pai [ $F(1, 540)=13.708$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.959$ ] e aos pares amigo [ $F(1, 540)=27.719$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.996$ ] e amiga [ $F(1, 540)=59.342$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ]. Confirmando resultados anteriores, verifica-se que os rapazes recorrem ao pai para preenchimento de maior número de funções de vinculação ( $M=2.44$ ,  $DP=1.78$ ) que as raparigas ( $M=1.82$ ,  $DP=1.66$ ), o que parece traduzir um pouco a realidade social portuguesa, onde o pai se associa mais a um papel educacional na vida dos filhos rapazes, sobretudo a partir da adolescência onde é aguardado recorrerem a ele para clarificação de questões amorosas e sexuais.

Tanto rapazes quanto raparigas recorrem em média em maior número de componentes de vinculação na relação com os seus pares amigos do mesmo género (respectivamente,  $M=1.86$ ,  $DP=1.85$  e  $M=2.50$ ,  $DP=2.02$ ) que de género oposto (respectivamente,  $M=1.00$ ,  $DP=1.63$  e  $M=1.13$ ,  $DP=1.72$ ), confirmando também a tendência observada anteriormente, tanto no que diz respeito ao maior número de componentes quanto à amplitude de recurso a ambos os pares amigos por parte de cada género. Estes resultados não constituíram surpresa já que diversos estudos indicam justamente o maior grau de intimidade entre pares amigos do mesmo género (Connolly *et al.*, 2000; Furman, 1991, 1999, 2000) e um eventual decréscimo neste tipo de relacionamento à medida que surgem as relações amorosas (Freeman & Newland, 2002; Furman & Wherner, 1994). Estes estudos são interessantes justamente ao associarem as questões da identidade com as díades do mesmo género, entrevendo a possibilidade de que os grupos de amigos do mesmo género sirvam também o propósito do aumento das redes sociais mistas através da interacção de grupos menores de género oposto com posterior facilitação das relações amorosas.

Foram ainda observados efeitos maiores da **idade** no recurso a par amigo [ $F(3, 540)=2.877$ ,  $p=.036$ ,  $\eta^2=.688$ ] e amiga [ $F(3, 540)=4.382$ ,  $p=.005$ ,  $\eta^2=.872$ ] e ao par amoroso [ $F(3, 540)=4.617$ ,  $p=.003$ ,  $\eta^2=.890$ ]. Os resultados dos testes *post hoc* mostraram a natureza espúria dos resultados do recurso ao amigo, porém, os adolescentes entre os 13-14 anos de idade ( $M=2.57$ ,  $DP=2.14$ ) recorrem mais ao par amiga que os jovens entre os 17-18 anos ( $M=1.67$ ,  $DP=1.94$ ) para o exercício de maior número de funções de vinculação, não se encontrando resultados a assinalar para as idades entre 15-16 ( $M=1.88$ ,  $DP=1.97$ ) e entre os 19-23 anos ( $M=1.86$ ,  $DP=2.02$ ). Quanto ao par amoroso os adolescentes entre os 15-16 anos ( $M=1.09$ ,  $DP=1.91$ ) recorrem a ele menos para preenchimento de necessidades de vinculação que os jovens entre os 17-18 ( $M=1.87$ ,  $DP=2.20$ ) e os 19-23 anos ( $M=1.95$ ,  $DP=2.15$ ). Quanto a esta dimensão não se encontraram mais resultados significativos tanto na comparação com os adolescentes mais novos da amostra ( $M=1.31$ ,  $DP=2.05$ ), quanto

com quaisquer outros. De novo parece que o recurso ao par amoroso está relacionado com a maturidade relacional (que aqui talvez sugira de facto algo similar a uma transferência do exercício de funções de pares a par amoroso). Pensamos que esta transposição pode dever-se sobretudo à disponibilidade da figura amorosa (em termos de proximidade e constância) e com o processo de construção da intimidade que pode ser reforçado através da concorrência do sistema comportamental sexual (em detrimento do par amigo que providencia necessidades de vinculação aliadas ao apenas ao sistema afiliativo).

Note-se ainda a ausência de resultados no que diz respeito à mãe, fazendo sobressair esta figura no sentido de um recurso independente tanto do desenvolvimento etário quanto do género dos adolescentes, sendo a média total de recurso à mãe a mais elevada entre as estudadas ( $M=3.23$ ,  $DP=1.69$ ).

#### 2.1.2.2. Diferenciação no recurso às figuras de vinculação em função da instituição formativa

Quisemos também estudar até que ponto o recurso em média às figuras em estudo variava segundo a escola que frequentavam. Os resultados da MANOVA a um factor indicaram efeitos maiores em função da variável **Tipo de formação frequentada** [ $F(10, 1084)=3.337$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.991$ ] para o recurso ao par amigo [ $F(2, 545)=9.471$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.980$ ] e par amiga [ $F(2, 545)=5.243$ ,  $p=.006$ ,  $\eta^2=.832$ ]. Os testes *post hoc* indicaram que nas escolas regulares há recurso ao par amigo para o preenchimento de maior número de funções de vinculação ( $M=1.81$ ,  $DP=1.99$ ) que nos pólos de aprendizagem ( $M=1.04$ ,  $DP=1.58$ ). As escolas profissionais ( $M=1.44$ ,  $DP=1.72$ ) não observaram resultados significativamente diversos das outras instituições. O mesmo padrão foi encontrado para o recurso ao par amiga, com média de funções preenchidas pelas amigas maiores nas escolas regulares ( $M=2.21$ ,  $DP=2.07$ ) que nos pólos de aprendizagem ( $M=1.58$ ,  $DP=1.98$ ) e, sem que existam diferenças a assinalar com as escolas profissionais ( $M=1.75$ ,  $DP=1.88$ ). Dito de outro modo, parece que nas escolas regulares os adolescentes recorrem mais aos pares do mesmo género se comparados aos jovens formandos dos pólos de aprendizagem. Uma das razões para estes resultados pode encontrar-se no número de componentes de vinculação utilizadas na relação com os pais (homens), maior nos alunos das escolas regulares que nos formandos dos pólos de aprendizagem. Tendo em conta que um maior recurso (neste caso ao pai) sugere teoricamente uma aproximação maior ao padrão Preocupado, e que há mais Preocupados (como adiante veremos) na relação com o pai nas escolas regulares que nos pólos de aprendizagem procedemos à realização de um teste de Qui-quadrado tentando ver até que ponto as distribuições dos **padrões de vinculação na relação com os amigos** variavam em função dos **padrões de vinculação na relação com**



o pai<sup>105</sup>, percebendo se existiria maior proporção de Desinvestidos e Amedrontados ou se de Preocupados e Seguros, já que o primeiro grupo teoricamente recorreria mais aos pares que o segundo. Os resultados foram significativos ( $\chi^2=28.535$ ,  $gl=6$ ,  $p=.001$ ) demonstrando que de facto a percentagem de Preocupados ao pai e simultaneamente Preocupados ou Seguros na relação de amizade era substancialmente mais elevada que a de adolescentes Preocupados aos pais e Desinvestidos ou Amedrontados na relação com os amigos (63.6% e 36.4%, respectivamente), pelo que talvez esteja aqui a influenciar os resultados não o tipo de escola mas a qualidade de vinculação ao pai.

#### 2.1.2.3. Diferenciação no recurso ao Par amoroso em função da Duração da relação amorosa

Quando se fez variar o **número de componentes de vinculação preenchidas pelo par amoroso**<sup>106</sup> em função da **duração da relação**, verificou-se um efeito maior da variável independente [ $F(3, 529)=15.406$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ]. Deste modo uma maior duração da relação parece implicar um maior recurso ao par amoroso, o que era aliás teoricamente aguardado. Através dos testes *post hoc* conferiu-se que os jovens com relações com uma duração inferior a um ano ( $M=1.28$ ,  $DP=2.00$ ) não apresentam diferenças para com os que namoram há exactamente um ano ( $M=1.34$ ,  $DP=2.08$ ), no entanto recorriam em média ao par amoroso para o preenchimento de menos funções de vinculação que os jovens com relações entre o ano e os dois anos ( $M=2.30$ ,  $DP=2.20$ ) e aqueles que têm relações com duração superior a dois anos ( $M=2.84$ ,  $DP=2.10$ ). Os adolescentes que namoram há um ano diferenciam-se significativamente apenas dos que namoram há mais de dois anos. Repare-se que o ponto temporal crucial para um maior recurso ao par amoroso parece ser a duração da relação maior que um ano e até aos dois anos, não se encontrando diferenças relativas às relações com duração superior aos dois anos. Nesta conclusão apresentamos resultados similares embora não totalmente *decalcados* aos apresentados por Hazan e Zeifman (1994). Talvez porque nos adolescentes portugueses as relações amorosas tenham mais cedo, e por questões culturais, um grau de compromisso elevado, se comparadas às relações amorosas de jovens europeus e americanos.

<sup>105</sup> Embora a construção dos padrões de vinculação venha apresentada mais adiante neste documento, não quisemos deixar de apresentar neste ponto da dissertação a explicação que nos pareceu mais plausível teoricamente, suportando-a em resultados efectivos.

<sup>106</sup> Inicialmente foi efectuada uma MANOVA a um factor para o recurso a todas as figuras em função da duração da relação, porém os resultados resultaram significativos apenas para o par amoroso [ $F(15, 1581)=3.881$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ]. Colocou-se também a hipótese de que a idade pudesse interagir com a duração da relação amorosa fazendo variar o recurso às figuras de vinculação, realizando-se a MANOVA correspondente, porém, embora os resultados multivariados fossem significativos [ $F(45, 2585)=1.418$ ,  $p=.036$ ,  $\eta^2=.998$ ], os testes dos efeitos entre-sujeitos revelaram a qualidade espúria do resultado anterior, qualquer que fosse a figura considerada.

### 2.1.3. Construção de Padrões de vinculação nos quatro contextos relacionais segundo o modelo bidimensional: A imagem de si e a imagem do outro

Dado que o exame de eventuais interações entre **idade**, **género** e **padrões de vinculação** no recurso a figuras significativas para cumprimento de funções de vinculação apenas poderia ser estudada com o recurso à construção de *clusters* e derivação teórica dos protótipos de vinculação, esta análise é introduzida neste ponto do documento, pese embora seja uma questão de investigação em si mesma (*vide* Capítulo 3).

A montante da construção dos padrões de vinculação na relação com a mãe e com o pai, foram conduzidos testes *t* para amostras emparelhadas, observando até que ponto existiam diferenças nas médias das dimensões do QVPM segundo o **género dos progenitores**. Dito de outro modo, os resultados das médias das dimensões de vinculação aos pais permitem a construção de padrões de vinculação conjuntos para pai e mãe ou indicam a necessidade de criar *clusters* diferenciados para cada elemento da parentalidade?

Os resultados apontaram para uma diferença significativa nas médias das três dimensões em função do **género dos pais** [(*Inibição da exploração e individualidade*: Mãe *M* =3.15, *DP*= .87; Pai *M* =3.04, *DP*= .87, *t*(582)=4.34, *p*=.000); (*Qualidade do laço emocional*: Mãe *M* =5.28, *DP*= .69; Pai *M* =4.95, *DP*=1.05, *t*(582)=8.47, *p*=.000); (*Ansiedade de separação (e dependência)*: Mãe *M* =4.05, *DP*= .90; Pai *M* =3.81, *DP*= .99, *t*(582)=7.37, *p*=.000)]. Os valores do Eta-quadrado (Cohen, 1988, citado por Pallant, 2001) indicaram um efeito fraco do **género parental** na dimensão *Inibição da exploração e individualidade* ( $\eta^2=.03$ ) e moderado a elevado nas dimensões *Qualidade do laço emocional* ( $\eta^2=.11$ ) e *Ansiedade de separação (e dependência)* [ $\eta^2=.08$ ]. Dados estes resultados as análises foram realizadas no pressuposto da diferença de *clusters* em função do **género parental**.

#### 2.1.3.1. Construção dos Padrões de vinculação na relação com a Mãe

A diferença de médias resultante da ANOVA (*One-way*) demonstrou que o efeito da variável **padrões de vinculação** nas médias das dimensões de qualidade de vinculação à mãe foi significativo [*Inibição da exploração e individualidade*, *F*(4, 614)=261.34, *p*=.000; *Qualidade do laço emocional*, *F*(4, 614)=375.46, *p*=.000; *Ansiedade de separação (e dependência)*, *F*(4, 614)=336.26, *p*=.000]. As análises *post hoc* indicaram que o padrão Seguro se diferenciava significativamente dos outros três grupos. Através do Quadro 8 e da Figura 20 é possível visualizar os resultados da construção dos *clusters*.

## QUADRO 8.

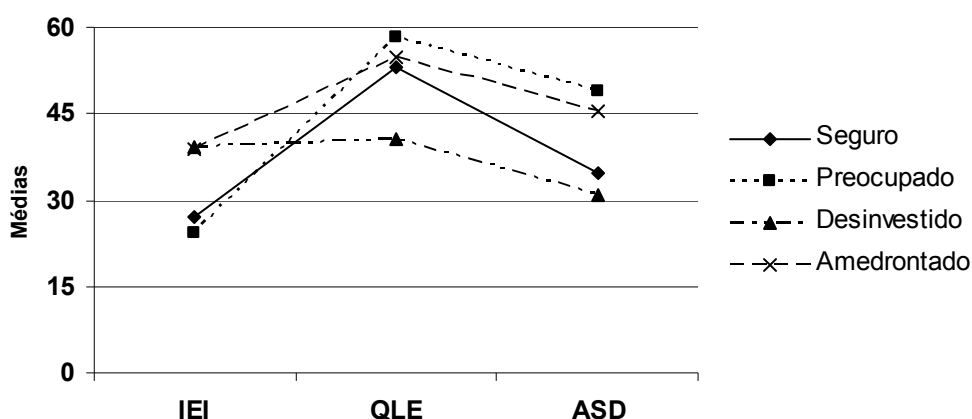
Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de *clusters* na relação com a Mãe

Dimensões	Padrões de Vinculação à Mãe							
	Padrão Seguro (n=205)		Padrão Preocupado (n=153)		Padrão Desinvestido (n=98)		Padrão Amedrontado (n=162)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Inibição da exploração e Individualidade	27.04 <sup>a</sup>	5.41	24.31 <sup>b</sup>	5.78	39.06 <sup>cd</sup>	7.21	38.95 <sup>d</sup>	5.39
Qualidade do laço emocional	52.97 <sup>a</sup>	3.85	58.30 <sup>b</sup>	2.12	40.69 <sup>c</sup>	6.89	54.69 <sup>d</sup>	3.81
Ansiedade de separação (e dependência)	34.75 <sup>a</sup>	5.32	48.98 <sup>b</sup>	5.27	30.97 <sup>c</sup>	6.69	45.48 <sup>d</sup>	5.18

**Nota.** Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de  $p \leq .05$ .

## FIGURA 20.

Padrões de Vinculação na Relação com a Mãe



**Legenda.** Dimensões de vinculação na relação com a Mãe: IEI: Inibição da exploração e individualidade; QLE: Qualidade do laço emocional; ASD: Ansiedade de separação (e dependência);

Os adolescentes Seguros apresentam valores de *Inibição da exploração e individualidade* baixos (embora significativamente mais elevados que os Preocupados), de *Qualidade do laço emocional* altos (embora significativamente mais baixos que Preocupados e Amedrontados) e, valores médios na dimensão *Ansiedade de separação (e dependência)* (só superados significativamente pelos jovens Desinvestidos). Pensamos que este resultado se deve ao tipo de amostra em estudo que difere da dos sujeitos tradicionalmente recrutados para estudos empíricos. Os valores de *Qualidade do laço emocional* estão de acordo com o esperado para um padrão Seguro e o valor mais elevado nos adolescentes Preocupados deve-se ao desejo que estes têm de valorização da imagem do outro. No que diz respeito aos jovens Amedrontados os resultados não se encontram dentro dos parâmetros aguardados, porém, a possibilidade de que haja um efeito da variável *Base segura de exploração* neste resultado será posteriormente discutida.

Também os adolescentes classificados como Preocupados obtiveram médias significativamente diferentes de todos os outros. Desta feita, e tal como teoricamente

aguardado, as médias obtidas na dimensão *Inibição da exploração e individualidade* foram as mais baixas comparativamente às dos restantes, evidenciando a qualidade de procura incessante pela companhia dos outros, e a necessidades elevadas de atenção e aprovação destes jovens; dito de outro modo, o medo de que as opiniões próprias de quem tem uma imagem de si negativa sejam divergentes das do outro, de quem se tem uma imagem positiva, podem gerar limitações à exploração e expressividade pessoais por medo justamente do aumento da rejeição e da diminuição da aprovação por parte do outro significativo. Também no que diz respeito à dimensão *Qualidade do laço emocional* foram os adolescentes Preocupados que obtiveram as médias mais elevadas, sendo um tipo de relato aguardado já que traduz a idealização relacional que tendem a manifestar. Por último, foram também os jovens que mais *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com a mãe exibiram, dando a conhecer a dependência psicológica e a forma *pertinaz* como estes adolescentes se relacionam com as figuras de vinculação.

Os jovens Desinvestidos obtiveram, em conjunto com os do grupo Amedrontado, os resultados mais elevados no que diz respeito à *Inibição da exploração e individualidade* (não existiram diferenças significativas entre ambos os padrões). As médias de *Qualidade do laço emocional* e de *Ansiedade de separação (e dependência)* foram diferentes das de todos os outros padrões (sendo as mais baixas entre todas). Esta configuração confirma o modelo negativo que os Desinvestidos têm do outro, ou seja, a expressão que fazem da desvalorização do outro, num claro afastamento emocional, que não permite o que supõem ser a ingerência do outro em questões pessoais (daí a elevada média de *Inibição da exploração e individualidade*). As consequências são então a baixa *Qualidade do laço* e o evitamento activo na procura dos outros, pelo que a *Ansiedade de separação (e dependência)* é igualmente baixa nos Desinvestidos.

Por último, o padrão Amedrontado caracteristicamente revelador de um funcionamento que expressa modelos negativos de si mesmo e do outro, deteve médias altas nas dimensões *Inibição da exploração e individualidade* e *Ansiedade de separação (e dependência)*, valores reveladores da ambivalência entre necessidade de contacto e representação pessoal de falta de adequação. O medo da rejeição não permite a exploração pessoal, porque justamente o sujeito se depara com uma consciência negativa de si mesmo. Existe contudo um valor, já referenciado anteriormente, que aparentemente não se coaduna com as características dos adolescentes Amedrontados: a média para a dimensão *Qualidade do laço emocional* é significativamente mais elevada nestes que nos jovens classificados como Seguros. Colocamos a hipótese que por se tratar de uma amostra onde todos os valores encontrados sugerem que existam elevados níveis de *Qualidade do laço emocional*, o valor mais baixo no padrão Seguro que no Amedrontado sugeriria a qualidade coerente dos Seguros na avaliação das suas relações pessoais, por oposição ao valor

relatado pelos Amedrontados, que provavelmente reflectiria uma diferença no recurso à componente *Base segura de exploração*<sup>107</sup>. Para testar esta hipótese recorremos a ANOVAs para a dimensão *Qualidade do laço emocional* em função do padrão Seguro ou Amedrontado quando existia ou não recurso à mãe enquanto *Base segura* (utilizando os dados do instrumento de Trinke e Bartholomew, o ANQ). Os resultados demonstraram existir um efeito significativo do recurso por parte de cada um dos padrões a esta componente [ $F(3, 363)=10.390$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.999$ ]. Os testes *post hoc* indicaram que os adolescentes Amedrontados que recorrem às mães enquanto *Bases seguras* têm médias significativamente mais elevadas de *Qualidade do laço emocional* ( $M=5.54$ ,  $DP=.35$ ), quando comparados aos jovens Seguros que relatam recorrer às mães enquanto *Bases seguras* ( $M=5.33$ ,  $DP=.39$ ) e a Seguros ( $M=5.24$ ,  $DP=.36$ ) e Amedrontados ( $M=5.36$ ,  $DP=.39$ ) que relatam não recorrer à mãe para o preenchimento desta função; entre os três últimos, contudo, as médias de *Qualidade do laço emocional* não eram significativamente diferentes. De outro modo, um maior recurso à mãe enquanto *Base segura de exploração* nos adolescentes Amedrontados faz elevar o nível de *Qualidade do laço emocional* nesta amostra, que já por si apresenta níveis gerais de *Qualidade do laço emocional* na relação com a mãe muito elevados em todos os padrões (*vide* Quadro 8 e Figura 20, p.189).

#### 2.1.3.2. Construção dos Padrões de vinculação na relação com o Pai

As diferenças de médias obtidas a partir dos **padrões de vinculação** na relação com o pai demonstraram que também a qualidade de vinculação com esta figura é interpretável à luz do modelo de Kim Bartholomew como é facilmente observável a partir do Quadro 9 e a da Figura 21.

#### QUADRO 9.

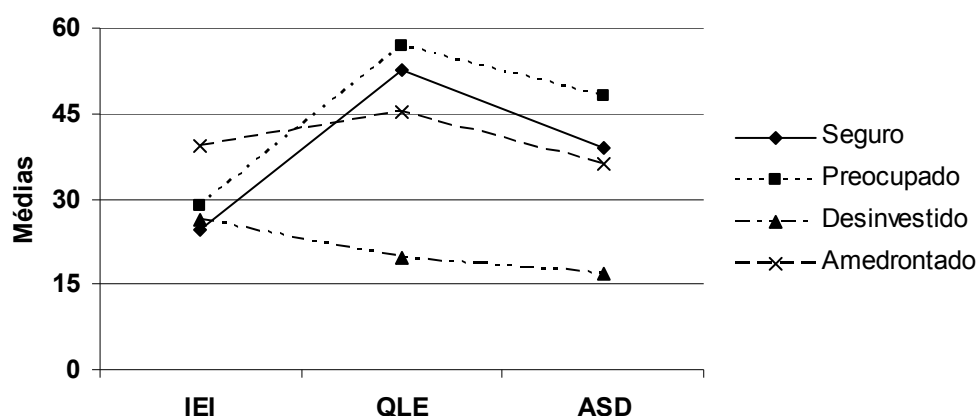
Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de *clusters* na relação com o Pai

Dimensões	Padrões de Vinculação ao Pai							
	Padrão Seguro (n=188)		Padrão Preocupado (n=184)		Padrão Desinvestido (n=39)		Padrão Amedrontado (n=177)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Inibição da exploração e individualidade	24.72 <sup>a</sup>	5.28	28.86 <sup>b</sup>	7.08	26.20 <sup>ab</sup>	10.50	39.21 <sup>c</sup>	5.40
Qualidade do laço emocional	52.46 <sup>a</sup>	4.07	56.92 <sup>b</sup>	2.90	19.69 <sup>c</sup>	8.45	45.24 <sup>d</sup>	6.28
Ansiedade de separação (e dependência)	34.87 <sup>a</sup>	5.61	48.14 <sup>b</sup>	4.60	16.74 <sup>c</sup>	6.83	36.03 <sup>a</sup>	6.72

**Nota.** Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de  $p \leq .05$ .

<sup>107</sup> Esta hipótese pareceu-nos plausível do ponto de vista teórico já que a descrição da dimensão *Qualidade do laço emocional* remete para “a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, percebida como fundamental e única no desenvolvimento do sujeito, a quem este recorrerá em situações de dificuldade (...)” (Matos, 2002, p.373).

FIGURA 21.  
Padrões de Vinculação na Relação com o Pai



**Legenda.** Dimensões de vinculação na relação com o Pai: IEI: *Inibição da exploração e individualidade*; QLE: *Qualidade do laço emocional*; ASD: *Ansiedade de separação (e dependência)*;

Os quatro grupos mostram-se significativamente distintos nas dimensões em estudo [*Inibição da exploração e individualidade*,  $F(3, 584)=171.44$ ,  $p=.000$ ; *Qualidade do laço emocional*,  $F(3, 584)=629.33$ ,  $p=.000$ ; *Ansiedade de separação (e dependência)*,  $F(3, 584)=389.86$ ,  $p=.000$ ].

Os adolescentes Seguros obtiveram as médias mais baixas na variável *Inibição da exploração e individualidade*, pese embora este resultado tivesse significância comparativamente com os jovens Amedrontados e os Preocupados. No que diz respeito à *Qualidade do laço emocional*, os Seguros têm uma média significativamente inferior a Preocupados (o que revelará de novo a idealização inerente aos sujeitos do segundo padrão), e médias significativamente mais elevadas que jovens Amedrontados e Desinvestidos na relação com o pai, de acordo aliás com o esperado teoricamente. Quando observadas as diferenças de médias para a *Ansiedade de separação (e dependência)*, os adolescentes com padrão Seguro na relação com o pai obtiveram médias moderadas e significativamente mais baixas que Preocupados e Desinvestidos, porém, não diferiram significativamente dos Amedrontados que obtiveram nesta dimensão as média mais baixas.

Os jovens Preocupados obtiveram médias elevadas (de facto significativamente mais elevadas que as dos outros padrões) nas dimensões *Qualidade do laço emocional* e *Ansiedade de separação (e dependência)*. A média obtida para a *Qualidade do laço emocional* pode representar o conceito elaborado que realizam das relações interpessoais, e os valores de *Ansiedade de separação (e dependência)*, a dependência nos outros para a valorização pessoal, manifestando paralelamente um posicionamento negativo perante o *self*. Contrariamente aos resultados obtidos para os padrões de vinculação à mãe, os Preocupados obtiveram aqui médias *Inibição da exploração e individualidade* muito mais elevadas que Seguros e não diferiram dos Desinvestidos, confirmando a existência de

diferenças dimensionais relativamente a um mesmo padrão, porém em função do **género do progenitor**. Relembramos a este propósito os valores do teste t para amostras emparelhadas realizados para as dimensões de vinculação aos pais, onde o tamanho da diferença para a dimensão *Inibição da exploração e individualidade* foi o mais pequeno entre os obtidos. Investigou-se mais aprofundadamente esta questão, tentando confirmar a hipótese que os níveis de *Inibição da exploração e individualidade* nos jovens Preocupados ao pai eram significativamente superiores aos níveis de *Inibição da exploração e individualidade* na relação dos adolescentes Preocupados na relação com a mãe e mesmo quando a relação era Preocupada a ambos os progenitores. Os resultados dos testes inter-sujeitos da ANOVA para o factor *preocupação na relação com os pais* sugeriram diferenças significativas [ $F(2, 223)=49.012$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ] e os testes *post hoc* certificaram a hipótese colocada. Assim, os jovens Preocupados na relação com o pai exibem maiores níveis de *Inibição da exploração e individualidade* ( $M=3.40$ ,  $DP=.51$ ) que os seus pares Preocupados na relação com ambos os pais ( $M=2.44$ ,  $DP=.53$ ) ou apenas com a mãe ( $M=2.65$ ,  $DP=1.86$ ), não se encontrando diferenças entre os dois últimos.

Os jovens Desinvestidos não evidenciaram diferenças relevantes para com Seguros e Preocupados nos graus baixos a moderados de *Inibição da exploração e individualidade*, detendo porém uma média significativamente inferior à dos Amedrontados. Estes resultados parecem reflectir o evitamento interpessoal resultante da imagem negativa do outro já referenciado aquando dos resultados da mãe. Quanto à *Qualidade do laço emocional* as médias foram significativamente mais baixas comparativamente aos restantes grupos, como aliás é teoricamente esperado. É também provável que os Desinvestidos relatem deter níveis baixos de *Ansiedade de separação (e dependência)*, reflectindo a imagem negativa dos outros enquanto figuras das quais é necessário manter distanciamento.

No último grupo encontram-se os jovens com os índices mais elevados de *Inibição da exploração e individualidade*, valores de *Qualidade do laço emocional* superiores apenas a Desinvestidos e, com valores de *Ansiedade de separação (e dependência)* superiores ao grupo Desinvestido e inferiores ao Preocupado - os Amedrontados. Estas características parecem traduzir as descrições teóricas de insegurança e vulnerabilidade, medo da rejeição e solidão e, alta dependência emocional, típicas dos padrões negativos ao nível dos modelos internos de si e dos outros (*vide* Capítulo 2, para descrição pormenorizada).

#### 2.1.3.3. Construção dos Padrões de vinculação na relação com os Pares amigos

Da análise de *clusters* para as dimensões que avaliam a qualidade relacional com os pares amigos, verificou-se a expressão dos dados nos quadrantes propostos no modelo bidimensional, com resultados diferenciais significativos nas dimensões consideradas [*Comunicação*,  $F(3, 623)=486.47$ ,  $p=.000$ ; *Alienação*,  $F(3, 623)=378.59$ ,  $p=.000$ ; *Confiança*,

$F(3, 623)=540.32, p=.000]$ . Os resultados da ANOVA (*One-way*) são apresentados no Quadro 10 e a representação gráfica das curvas dimensionais na Figura 22.

#### QUADRO 10.

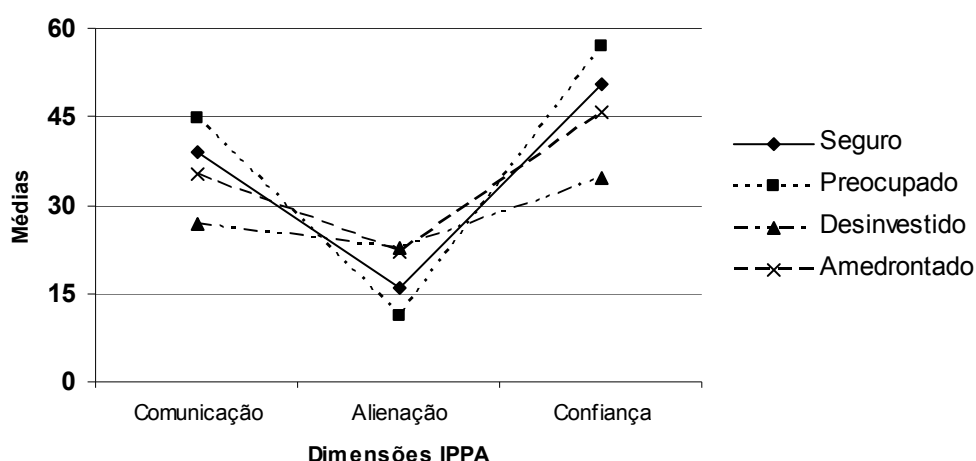
Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de *clusters* na relação com os Pares amigos

Dimensões	Padrões de Vinculação aos Pares amigos							
	Padrão Seguro		Padrão Preocupado		Padrão Desinvestido		Padrão Amedrontado	
	(n=254)		[n=118]		(n=75)		(n=180)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Comunicação	38.94 <sup>a</sup>	2.92	44.75 <sup>b</sup>	2.53	26.76 <sup>c</sup>	4.68	35.23 <sup>d</sup>	3.68
Alienação	15.80 <sup>a</sup>	2.38	11.15 <sup>b</sup>	2.74	22.80 <sup>c</sup>	4.22	21.90 <sup>c</sup>	3.68
Confiança	50.55 <sup>a</sup>	3.20	57.02 <sup>b</sup>	2.75	34.61 <sup>c</sup>	6.62	45.89 <sup>d</sup>	4.09

**Nota.** Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de  $p \leq .05$ .

#### FIGURA 22.

Padrões de Vinculação na Relação com os Pares amigos



A partir dos testes *post hoc* verificaram-se diferenças significativas entre os jovens Seguros e todos os outros nas três dimensões estudadas. Estes adolescentes obtiveram médias moderadas na dimensão *Comunicação* (média mais elevada apenas por parte dos adolescentes Preocupados), baixas em *Alienação* (de novo apenas superadas no grupo Preocupado) e elevadas em *Confiança* (cuja média mais elevada se verificou no padrão Preocupado). Os jovens Seguros parecem apresentar-se como parceiros mútuos e genuinamente íntimos nas relações de amizade.

O padrão Preocupado diferiu também de todos os outros, apresentando as médias mais elevadas em *Confiança* e *Comunicação* e mais baixas na dimensão *Alienação*. Este delineamento volta a indicar características de necessidade de aprovação e procura intensa de proximidade bem como a idealização do outro. O grau baixo na *Alienação* tem a nosso ver um correlato com as relações que estabelecem não diferenciadas emocionalmente.



Os jovens enquadrados no grupo Desinvestido obtiveram resultados diferenciados dos outros grupos nas variáveis *Comunicação* e *Confiança*, não divergindo significativamente dos Amedrontados na dimensão *Alienação*. Os valores de *Comunicação* foram os mais baixos dentre todos, de acordo com as descrições de frieza e reserva que deste grupo encontramos. A desvalorização das relações pessoais, a distância emocional e a imagem negativa do outro, revelam-se também nos valores mais baixos da dimensão *Confiança*. Por último, em conjunto com os jovens Amedrontados, apresentam-se com os níveis mais elevados de *Alienação*, valorizando por isso o isolamento e a falta de envolvimento pessoal nas relações de amizade.

No grupo Amedrontado encontramos jovens que nas relações de amizade apresentam uma configuração de níveis moderados de *Comunicação* e *Confiança* e elevados de *Alienação*. Os graus moderados de *Comunicação* e *Confiança* reflectem, talvez, a importância das relações de amizade na adolescência, embora espelhem também o receio destes jovens em expressarem sentimentos pelo medo de reacções de rejeição por parte dos pares. Detêm uma média de *Alienação* elevada comparativamente a Seguros e Preocupados, patenteando características duais de desejo e medo da proximidade emocional, de reconhecimento da importância relacional mas também de solidão *envergonhada*.

#### 2.1.3.4. Construção dos Padrões de vinculação na relação com o Par amoroso

Os **padrões de vinculação** construídos a partir das dimensões que avaliam a qualidade de vinculação ao par amoroso encontraram também grupos teoricamente enquadráveis no modelo de Kim Bartholomew (vide Quadro 11 e Figura 23), comprovando-se estatisticamente que são significativamente diferentes entre si [*Confiança*,  $F(3, 543)=266.38$ ,  $p=.000$ ; *Dependência*,  $F(3, 543)=168.80$ ,  $p=.000$ ; *Evitamento*,  $F(3, 543)=269.23$ ,  $p=.000$ ; *Ambivalência*,  $F(3, 543)=184.62$ ,  $p=.000$ ].

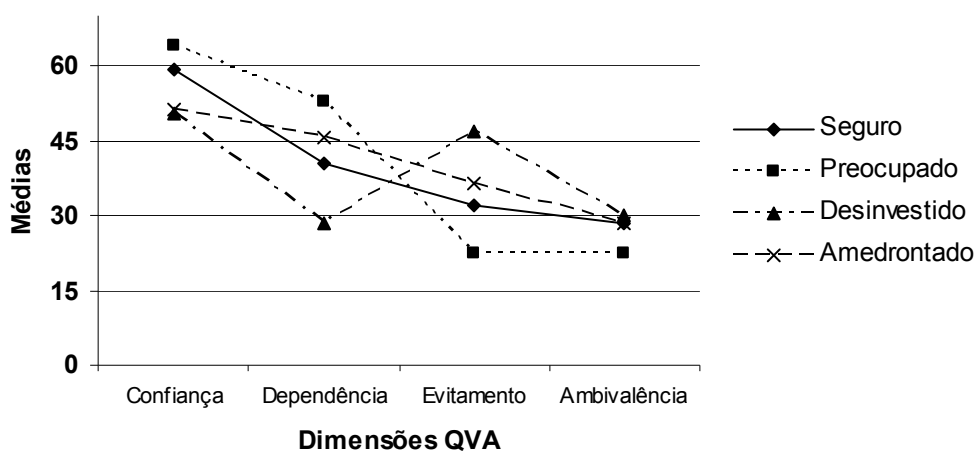
#### QUADRO 11.

Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de *clusters* na relação com o Par amoroso

Padrões de Vinculação ao Par amoroso								
Dimensões	Padrão Seguro (n=202)		Padrão Preocupado (n=135)		Padrão Desinvestido (n=90)		Padrão Amedrontado (n=120)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Confiança	59.35 <sup>a</sup>	3.62	64.14 <sup>b</sup>	2.73	50.24 <sup>c</sup>	6.04	51.37 <sup>c</sup>	5.71
Dependência	40.47 <sup>a</sup>	8.06	52.89 <sup>b</sup>	7.91	28.25 <sup>c</sup>	6.99	45.45 <sup>d</sup>	8.10
Evitamento	32.10 <sup>a</sup>	6.17	22.40 <sup>b</sup>	6.05	46.88 <sup>c</sup>	7.21	36.37 <sup>d</sup>	6.92
Ambivalência	28.34 <sup>a</sup>	5.01	22.49 <sup>b</sup>	6.16	29.98 <sup>a</sup>	6.04	38.25 <sup>c</sup>	4.46

**Nota.** Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de  $p \leq .05$ .

FIGURA 23.  
Padrões de Vinculação na Relação com o Par amoroso



O grupo dos jovens Seguros obteve na dimensão *Confiança* médias elevadas e significativamente diferentes de todos os outros (só excedida pelos adolescentes Preocupados). Na dimensão *Evitamento* colheu valores moderados e igualmente diversos significativamente aos restantes conjuntos (excedendo apenas a média de Preocupados) e apresentou valores baixos, estatisticamente diversos dos jovens Preocupados (estes com média inferior) e Amedrontados (média inferior dos Seguros, como é aguardado igualmente em termos teóricos) na dimensão *Ambivalência*.

O grupo Preocupado encontrou-se diferenciado de todos os outros em todas as dimensões deste contexto. Estes jovens apresentam valores elevados de *Confiança* e *Dependência* (de facto os mais elevados) e médias baixas no que concerne ao *Evitamento* e à *Ambivalência* (os mais baixos). Este delineamento parece evidenciar a importância crucial que o grupo Preocupado dá às relações amorosas, fundando os seus relacionamentos na necessidade de prestar cuidados e de se sentirem desejados (em extremo). A idealização continua presente tanto na intensidade elevada de *Confiança* e *Dependência* no outro, quer na certeza da importância do seu papel amoroso que os resultados baixos em *Ambivalência* parecem traduzir. O discurso idealista e irrealista tem ainda um correlato na primazia dada ao par amoroso, neste caso representada pelo nível mais baixo de defensibilidade.

A falta de intimidade e proximidade, que caracterizam as relações amorosas do grupo Desinvestido, parecem observar-se através dos resultados baixos obtidos na *Confiança* onde não diferem somente dos Amedrontados. É também característica deste grupo um menor compromisso emocional que o do seu par amoroso. Desta especificidade fazem eco a média mais baixa entre todas na dimensão *Dependência* e a mais elevada no *Evitamento*. Quanto à *Ambivalência*, os resultados encontram-se entre o baixo e o moderado, significativamente mais elevados que o dos Preocupados e mais baixos que o dos

Amedrontados, evidenciando que o papel do par amoroso, apesar de desvalorizado, parece não sugerir qualquer tipo de dúvida.

Por último, nos jovens Amedrontados encontra-se a configuração esperada baseada nos conceitos negativos do *self* e do outro. Este grupo apresenta-se hesitante, passivo e dependente, tal como indicam as médias baixas em *Confiança*, moderada a alta de *Dependência* (apenas menor que a dos Preocupados), com um *Evitamento* só inferior significativamente ao dos sujeitos Desinvestidos e, com um grau de *Ambivalência* superior a de todos os outros padrões de vinculação.

#### 2.1.4. *Interacções entre idade, género e padrões de vinculação*

Até que ponto a **qualidade da relação** (com pais, pares e par amoroso) interage com a **idade** e o **género** fazendo variar o **número de componentes de vinculação presentes nas diversas relações em estudo**? Esta questão foi respondida através da realização de MANOVAs trifactoriais tendo como variáveis dependentes o número de componentes preenchidas por cada uma das figuras de vinculação, mantendo a **idade** e o **género** e fazendo variar a **qualidade relacional** em cada MANOVA (quatro no total).

Não se encontraram resultados interaccionais significativos entre **idade, género e padrões de vinculação** à mãe [ $F(45, 2535)=1.316, p=.078$ ], pai [ $F(35, 2420)=1.171, p=.227$ ], pares [ $F(40, 2585)=.969, p=.527$ ] e par amoroso [ $F(45, 2575)=.796, p=.833$ ].

Também não se encontrou variância explicada nas **componentes de vinculação** em função da associação entre **idade e padrões de vinculação** na relação com a mãe [ $F(45, 2535)=.633, p=.973$ ], pai [ $F(35, 2420)=.537, p=.995$ ], pares [ $F(40, 2585)=.969, p=.701$ ] e par amoroso [ $F(45, 2575)=.951, p=.566$ ].

Relativamente a eventuais interacções entre **género e padrões de vinculação** onde resultasse variabilidade significativa no número de componentes presentes na relação com os cinco actores relacionais em estudo, verificou-se não existirem nos conjuntos que incluíam os **padrões de vinculação** ao pai [ $F(15, 1446)=.860, p=.610$ ], pares [ $F(15, 1545)=1.602, p=.066$ ] e par amoroso [ $F(14, 1539)=1.016, p=.435$ ], porém, foi encontrada uma interacção significativa entre o **género** e os **padrões de vinculação** à mãe [ $F(15, 1515)=1.741, p=.038, \eta^2=.931$ ]. Os testes de efeitos entre sujeitos verificaram que as diferenças se encontravam na variável número de componentes de vinculação na relação com a mãe [ $F(3, 507)=4.011, p=.008, \eta^2=.838$ ]. A ANOVA a um factor com divisão da amostra por género indicou a existência de diferenças quer no género masculino [ $F(3, 301)=9.049, p=.000, \eta^2=.996$ ] quer no feminino [ $F(3, 309)=27.022, p=.000, \eta^2=1.00$ ].

As comparações múltiplas para os rapazes indicaram que os jovens Desinvestidos ( $M=2.45, DP=1.56$ ) têm média de recurso às suas mães para preenchimento de funções de

vinculação significativamente menor que Seguros ( $M=3.24$ ,  $DP=.1.59$ ), Preocupados ( $M=3.76$ ,  $DP=1.67$ ) ou Amedrontados ( $M=3.75$ ,  $DP=1.40$ ), não tendo sido encontradas mais diferenças significativas entre os grupos. Quanto às raparigas, as jovens Preocupadas recorrem às mães para preenchimento das funções de vinculação em média mais ( $M=4.17$ ,  $DP=1.81$ ) que Seguras ( $M=3.42$ ,  $DP=1.58$ ), Desinvestidas ( $M=1.73$ ,  $DP=1.46$ ) e Amedrontadas ( $M=3.06$ ,  $DP=1.61$ ), enquanto que as adolescentes Desinvestidas recorrem às mães para preenchimento das funções de vinculação significativamente menos que todas as outras jovens do estudo. Não se encontraram diferenças significativas entre as médias para o padrão Seguro e Amedrontado.

Em suma, não parece existir um processo de interação entre **género** e **idade** e, destas duas variáveis em conjunto com a **qualidade da vinculação** (nos três contextos relacionais) que influencie o número de componentes de vinculação presentes em qualquer uma das relações em estudo. Existe contudo um efeito conjunto da **qualidade de vinculação à mãe** e do **género** que faz variar significativamente o número de componentes presentes na relação com a mãe. É talvez a qualidade *desinvestida da relação com a mãe* que faz os jovens não recorrerem tanto a esta figura mãe quanto o fazem nos restantes padrões, enquanto que apenas nas raparigas encontramos evidência que a qualidade *preocupada da relação com a mãe* faz aumentar a procura das últimas para exercício de funções de vinculação, parecendo que a intensidade nas relações mães/filhas é de facto nesta amostra mais elevada que entre mãe e rapazes, exacerbando talvez ainda mais as características do padrão Preocupado em se tratando de uma díade feminina (para conclusões similares vide Bailey *et al.*, 2000 e Buist *et al.*, 2004).

### **2.1.5. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação**

Tendo em conta os resultados anteriores, na sua maioria infrutíferos, quisemos saber se a **qualidade relacional** nos contextos de vinculação em estudo prediz de algum modo o **número de componentes de vinculação** presentes nas relações com cada uma das figuras da rede de vinculação. A resposta a esta questão foi encontrada na realização de MANOVAs a um factor e, foi afirmativa quer se trate dos **padrões de vinculação** na relação com a mãe [ $F(15, 1599)=5.964$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ], quer com o pai [ $F(15, 1524)=8.630$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ], quer com os pares amigos [ $F(15, 1626)=4.384$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ] quer ainda com o par amoroso [ $F(15, 1623)=10.658$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ]. Verificaremos cada resultados em pontos específicos em função de cada uma das figuras em estudo.

### 2.1.5.1. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com a Mãe

Os testes dos efeitos entre sujeitos verificaram a existência de diferenças significativas no número de componentes de vinculação presentes na relação com a mãe [ $F(3, 535)=24.772$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ], pai [ $F(3, 535)=6.418$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.969$ ] e par amigo [ $F(3, 535)=3.681$ ,  $p=.012$ ,  $\eta^2=.802$ ] em função dos **padrões de vinculação na relação com a mãe**. Os testes *post hoc* indicaram que há presença de maior número de **componentes de vinculação na relação com a mãe** nas relações Preocupadas às mães ( $M=3.94$ ,  $DP=1.48$ ) que nas Seguras ( $M=3.29$ ,  $DP=1.60$ ), Amedrontadas ( $M=3.31$ ,  $DP=1.60$ ) ou Desinvestidas ( $M=2.07$ ,  $DP=1.52$ ), estas últimas têm a média menor comparativamente a todos os outros relacionamentos. Não foram encontradas diferenças entre os jovens Seguros e os Amedrontados na média de recurso à mãe para preenchimento de funções de vinculação. Os jovens Desinvestidos na relação com a mãe exibem **médias de recurso ao pai** para preenchimento das funções de vinculação menores ( $M=1.44$ ,  $DP=1.41$ ) que os adolescentes Seguros ( $M=2.33$ ,  $DP=1.78$ ) ou que os Preocupados ( $M=2.40$ ,  $DP=1.90$ ), não tendo sido encontradas diferenças significativas no confronto do grupo Amedrontado ( $M=2.07$ ,  $DP=1.62$ ) com qualquer um dos outros.

Relativamente ao número de **componentes de vinculação presentes na relação com o par amigo**, os jovens Seguros na relação com a mãe detêm médias mais elevadas ( $M=1.68$ ,  $DP=1.89$ ) que os adolescentes Amedrontados ( $M=1.02$ ,  $DP=1.59$ ), não tendo sido observadas diferenças significativas quer se trate do grupo Desinvestido ( $M=1.54$ ,  $DP=1.78$ ) quer do Preocupado ( $M=1.43$ ,  $DP=1.82$ ). Desde logo verifica-se que o protótipo Desinvestido à mãe exerce, como esperado, um efeito de retracção na procura da mãe, comparativamente aos restantes padrões. A mesma retracção acontece para a procura do pai mas apenas comparado o protótipo Desinvestido às relações Seguras e Preocupadas com a mãe. Eventualmente esta retracção na procura da mãe pode resultar da organização interna de uma imagem que garante que os jovens não recorram ao outro para ajuda ou apoio já que o outro é desvalorizado ao mesmo tempo que o *self* se basta a si mesmo porque autoconfiante. Parece também que esta influência do protótipo Desinvestido se estende à retracção na procura do pai, pese embora o grupo Amedrontado não difira significativamente de nenhum dos outros.

Pensamos também que a inexistência de diferenças entre Seguros e Amedrontados no recurso às mães se pode dever à própria natureza do padrão Amedrontado que busca um *Porto seguro* ao mesmo tempo que compreende a figura de vinculação como ameaçadora, pelo que a procura poderá não decrescer. Porém, quando observado o último bloco de resultados, verifica-se justamente que a qualidade de vinculação Segura à mãe tem como efeito um maior recurso ao par amigo de género masculino por comparação a

uma qualidade relacional mais afecta ao quadrante Amedrontado, o que pode reflectir um processo desenvolvimental e efeito de género. Esta hipótese tem em conta que o género masculino é menos conexo a actividades que promovem o auto-conhecimento pessoal (Berndt, 1999, 2004; Berndt & Keefe, 1995; Markovits *et al.*, 2001), o que já por si poderia explicar o menor recurso geral tanto por parte dos Seguros quer por parte dos Amedrontados, contudo, o medo da rejeição nos Amedrontados é de tal modo elevado que o período da adolescência, onde o *outro* por excelência são os pares, poderá fazer elevar o medo da rejeição justamente pela ambivalência do desejo de ser simultaneamente aceite.

#### 2.1.5.2. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com o Pai

Quando observados os resultados dos testes entre sujeitos relativamente à MANOVA para o factor **padrões de vinculação ao pai**, encontramos diferenças no número de componentes de vinculação presentes exactamente nas mesmas figuras que em função dos padrões de vinculação à mãe: mãe [ $F(3, 510)=10.393$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.999$ ], pai [ $F(3, 510)=32.557$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ] e par amigo [ $F(3, 510)=4.486$ ,  $p=.004$ ,  $\eta^2=.880$ ]. Os testes *post hoc* para diferenças de médias indicam que os jovens Preocupados na relação com o pai têm maior número de **componentes presentes na relação com a mãe** ( $M=3.78$ ,  $DP=1.52$ ) que os jovens Seguros ( $M=3.19$ ,  $DP=1.68$ ) e os Amedrontados ( $M=2.74$ ,  $DP=1.67$ ). Não foram observadas diferenças relativamente ao grupo Desinvestido ( $M=3.27$ ,  $DP=1.75$ ), única diferença relativamente aos resultados obtidos relativamente aos padrões de vinculação com a mãe. Quanto a diferenças no **número de componentes presentes na relação com o pai** em função da qualidade de vinculação ao mesmo pai, as diferenças verificam-se entre todos os grupos de jovens. Os adolescentes Preocupados detêm as médias mais elevadas ( $M=2.96$ ,  $DP=1.68$ ) comparativamente a Seguros ( $M=2.42$ ,  $DP=1.69$ ), Amedrontados ( $M=1.78$ ,  $DP=1.51$ ) e Desinvestidos ( $M=.41$ ,  $DP=.68$ ). Os Desinvestidos detêm as médias mais baixas entre todas e por fim, os jovens Seguros exibem médias mais elevadas da presença de componentes de vinculação na relação com o pai que os Amedrontados. Finalmente, a presença de **componentes de vinculação na relação com o amigo** é maior nos jovens Seguros ao pai ( $M=1.70$ ,  $DP=1.85$ ) que nos Preocupados ( $M=1.09$ ,  $DP=1.63$ ), não se verificando diferenças significativas relativamente a adolescentes Amedrontados ( $M=1.55$ ,  $DP=1.87$ ) ou Desinvestidos ( $M=.92$ ,  $DP=1.46$ ).

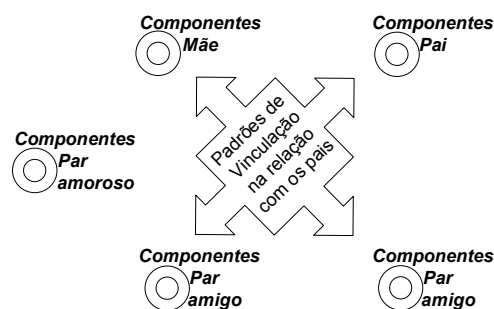
Desde logo, verifica-se que a *preocupação* na relação com o pai tem como efeito uma maior procura da mãe para preenchimento de funções de vinculação. Talvez porque na sociedade portuguesa o papel de *cuidar* é de algum modo colocado sobre a mãe e o papel paterno não se encontra aliado ao preenchimento de funções de *Procura de proximidade* e de *Porto seguro* (mais aliadas às questões da intimidade), estes jovens por necessitarem de

uma extrema validação externa recorrem à figura com maior probabilidade de a oferecer. Se assim for estará também aqui implícito o funcionamento por *objectivos corrigidos* já que envolve a percepção das características dos outros significativos em ordem ao preenchimento mais adaptativo dos propósitos do *self*. Os Desinvestidos, por seu turno, não apresentaram diferenças no recurso às mães quando comparados aos Preocupados o que poderá indiciar um processo compensatório e de novo a adaptação comportamental em ordem à satisfação de um objectivo maior. Assim as necessidades de vinculação, que não deixam de existir no padrão Desinvestido, apaziguam-se através da figura materna já que o laço estabelecido com o pai desvaloriza justamente as questões relacionais. Os resultados diferenciais relativos ao número de componentes de vinculação presentes na relação com o pai não constituíram surpresa, já que se enquadram no teoricamente aguardado.

Tal como para a mãe, é somente no número de componentes presentes na relação com o amigo de género masculino que se observaram diferenças significativas, porém, enquanto que para a mãe os Seguros procuravam mais os amigos que os Amedrontados, na relação com o pai os Seguros procuram mais o amigo que os Preocupados. A Figura 24 sumaria os resultados obtidos quanto à variabilidade de recurso em função da Qualidade de vinculação com ambos os pais.

FIGURA 24.

Variabilidade de recurso para exercício de funções de vinculação em função dos Padrões de vinculação na relação com a Mãe e o Pai



**Nota:** As setas representam a existência de influência dos padrões de vinculação construídos para a relação com a Mãe e com o Pai, separadamente, no número de componentes elicitadas para todas as figuras em estudo.

#### 2.1.5.3. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com os Pares amigos

Os testes dos efeitos entre grupos indicaram que **apenas as relações com os pares** sofrem influência dos **padrões de vinculação na relação de amizade** [amigo:  $F(3, 544)=8.800$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.995$ ; amiga:  $F(3, 544)=10.992$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.999$ ]. Assim os testes *post hoc* definem que os jovens Preocupados nas amizades recorrem aos **amigos rapazes**

para preenchimento de maior número de funções de vinculação ( $M=1.97$ ,  $DP=2.11$ ) que Amedrontados ( $M=1.27$ ,  $DP=1.64$ ) ou Desinvestidos ( $M=.57$ ,  $DP=1.60$ ). Por seu turno os jovens Seguros ( $M=1.50$ ,  $DP=1.79$ ) diferem apenas dos Desinvestidos, exibindo um maior número de componentes de vinculação na relação de amizade com os pares rapazes. Não se encontraram diferenças significativas entre Desinvestidos e Amedrontados.

Quanto ao número de **componentes de vinculação na relação com a amiga**, os sujeitos Desinvestidos nas amizades obtiveram médias significativamente inferiores ( $M=.73$ ,  $DP=1.43$ ) a Seguros ( $M=2.00$ ,  $DP=2.01$ ), Preocupados ( $M=2.45$ ,  $DP=2.15$ ) e Amedrontados ( $M=1.67$ ,  $DP=1.88$ ). Por seu turno os adolescentes Preocupados diferem também dos Amedrontados, apresentando os primeiros médias superiores de número de componentes presentes na relação com a amiga. Não foram encontradas mais diferenças significativas entre os grupos.

Tal como podemos verificar através destes resultados, a influência da qualidade relacional dos pares no número de componentes elicitadas é circunscrita apenas aos pares amigos. Não é de surpreender que assim seja, já que estamos a avaliar as influências no recurso em termos de funções de vinculação, enquanto que se se tratasse da influência no que diz respeito à qualidade de vinculação um outro tipo de par poderia estar implicado: o par amoroso. Desde logo verificamos que as médias de recurso à amiga são mais elevadas que as médias de recurso ao par amigo (rapaz) o que poderá indiciar um maior apelo ao par de género feminino para cumprimento de funções que se aliam mais à intimidade. Por outro lado verifica-se uma aguardada sobreposição de resultados no recurso a ambos os géneros à excepção do resultado que sugere que o recurso dos jovens Amedrontados ao amigo é equivalente ao recurso dos Desinvestidos, enquanto que para com a amiga os adolescentes Desinvestidos recorrem significativamente menos que os Amedrontados. Parece aqui existir um efeito associado ao tipo de evitamento da intimidade e ao género do par amigo. Ambos os padrões, um pelo medo da rejeição, o outro pela supressão emocional defensiva, são evitantes. Num somatório simples, sem discriminação às funções *per se*, parece que de facto o recurso é equivalente em ambos os padrões, porém pensamos que os jovens Amedrontados poderão recorrer mais em termos de *Procura de proximidade* (numa estratégia clara de hiperactivação do sistema, porém com a ambivalência resultante que lhes é característica), enquanto que os Desinvestidos referirão mais o *Protesto de separação* (apenas porque é socialmente mais recomendável), deixando patente uma estratégia de distanciamento do outro.



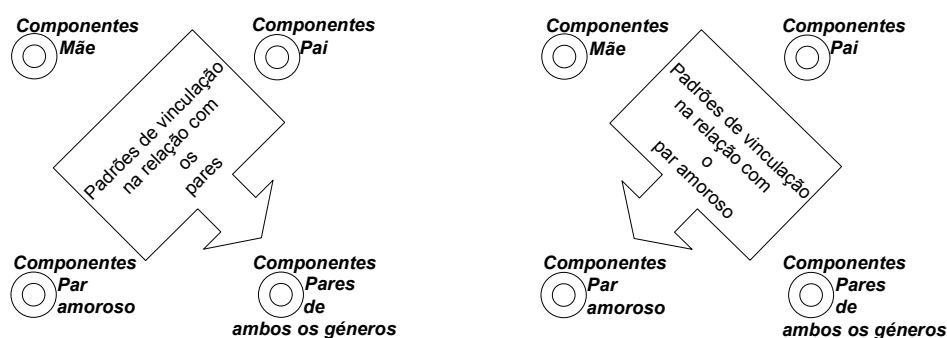
#### 2.1.5.4. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função dos padrões de vinculação na relação com o Par amoroso

Os resultados dos efeitos entre sujeitos revelam que a **qualidade da vinculação ao par amoroso** apenas tem efeitos no **número de componentes de vinculação presentes na própria relação romântica** [ $F(3, 543)=59.826$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ]. Os jovens Preocupados na relação amorosa exibem maior número de componentes de vinculação na relação com o par amoroso ( $M=3.44$ ,  $DP=2.06$ ) que os Seguros ( $M=1.53$ ,  $DP=2.06$ ), os Amedrontados ( $M=.85$ ,  $DP=1.69$ ) ou ainda que os Desinvestidos ( $M=.53$ ,  $DP=1.19$ ). Os adolescentes Seguros têm também médias da presença de componentes de vinculação na relação amorosa mais elevadas que Amedrontados ou Desinvestidos, não tendo sido encontradas diferenças entre os dois últimos grupos citados.

Estes resultados apresentam-se também sem surpresas ao revelarem que a qualidade relacional com o par amoroso apenas interfere no recurso a esse mesmo par e a nenhuma outra figura. Do mesmo modo que para os pares amigos, é uma relação revestida de uma particularidade específica, de modo que se pode concluir que apenas tem efeitos no seu âmbito em termos deste período desenvolvimental em específico. Os resultados, separadamente, estão dentro do que se aguarda teoricamente para cada um dos padrões de vinculação no que diz respeito à procura do outro para preenchimento das funções de vinculação. A Figura 25 representa graficamente estes resultados.

FIGURA 25.

Variabilidade de recurso para exercício de funções de vinculação em função dos Padrões de vinculação na relação com a Pares e o Par amoroso



**Nota:** As setas representam a existência de influência dos padrões de vinculação construídos para a relação com os Pares e Par amoroso no número de componentes elicitadas para todas as figuras em estudo.

#### 2.1.5.4.1. Variabilidade do recurso na rede de vinculação em função da existência ou não de uma relação amorosa com significado

Não quisemos deixar de colocar a questão do recurso em função da **existência ou não de uma relação amorosa significativa** na vida destes jovens, pelo que realizamos uma análise multivariada de variância a um factor entre o número de componentes utilizadas para com cada figura (à excepção do par amoroso por razões óbvias) e o estatuto da relação (significativa ou não significativa/inexistente), desta feita com o efectivo total da amostra (N=627).

Os resultados observaram efeitos maiores da variável independente [ $F(5, 621)=13.289$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ] no número de componentes utilizadas na relação com o pai [ $F(1, 625)=11.999$ ,  $p=.001$ ,  $\eta^2=.933$ ].

Os jovens que não detinham uma relação amorosa significativa ou que não tinham relação amorosa até à data, relataram recorrer mais ao pai para preenchimento de funções de vinculação ( $M=3.39$ ,  $DP=2.01$ ) que os adolescentes já com uma relação amorosa ( $M=2.60$ ,  $DP=1.88$ ). Ou seja, curiosamente os resultados fazem pensar que o pai, mais que os amigos, são preferidos como figura de recurso para funções de vinculação (após a mãe), quando o adolescente não possui um par amoroso.

#### 2.1.5.5. Discussão integrada de resultados

Genericamente podemos afirmar que a qualidade de vinculação em cada domínio relacional específico, permite a variabilidade no número de componentes de vinculação elicitadas também para cada correspondente figura significativa.

Os resultados que consideramos serem os mais salientes dizem respeito à importância diferenciada que as relações em estudo parecem deter na vida dos jovens. Um primeiro ponto diz respeito aos efeitos alargados que a qualidade de vinculação aos pais tem na procura de outras figuras significativas. De facto apenas para o pai e para a mãe foram encontrados efeitos maiores na procura quer de cada um deles, quer dos pares amigos de ambos os géneros. Estes resultados voltam a evidenciar os contextos de vinculação parentais como aqueles que são basilares na vida dos jovens, de tal modo que são capazes de interferir, através da qualidade, na procura de um grupo de importância crucial neste ponto do desenvolvimento: os amigos. Mas mais que isso, e de acordo com outros estudos, que existe uma associação mais consistente entre a vinculação aos pais e aos pares que entre pais e par amoroso.

Com alguma surpresa inicial verificamos que nem a qualidade relacional com o pai, nem a qualidade relacional com a mãe, exerciam efeitos no recurso ao par amoroso. Dizemos inicialmente, dado que pensamos ser provável que a força da vinculação aos pais se estendesse genericamente aos contextos de pares e não só aos amigos. Sobretudo

porque as questões de *Inibição da exploração e da individualidade* e da *Ansiedade de separação (e dependência)* se colocam quer aos pais, quer aos jovens dado entrarem *nesta equação relacional*, justamente na adolescência, novos contextos desenvolvimentais (com pares e par amoroso). Por outro lado, embora sejam constructos diversos, qualidade e funções de vinculação interpenetram-se, no sentido em que, por exemplo, uma qualidade mais evitante tem como consequência uma imagem negativa do outro e, por isso mesmo, uma retracção na sua procura (quer falemos de estratégias Desinvestidas quer Amedrontadas). Deste modo e de acordo com diversos autores, seria aguardado que a qualidade de vinculação aos pais influenciasse o recurso aos pares e ao par amoroso (Ainsworth & Bowlby, 1991; Freeman & Brown, 2001; Furman, 2001; Furman & Buhrmester, 1992; Furman, Simon, Shaffer & Bouchey, 2002; Gray & Steinberg, 1999; Lieberman, Markiewicz & Doyle, 1999; Markiewicz, Lawford, Doyle & Haggart, 2006; Owens, Crowell, Pan, Treboux, O'Connor & Waters, 1995) e ainda, que as mães detivessem um lugar cimeiro na hierarquia de vinculação na adolescência, sobretudo até à adolescência média (Trinke & Bartholomew, 1997; Waters & Cummings, 2000; Fraley & Davis, 1997). Esta saliência materna foi observada também nos nossos resultados, seguindo-se-lhe em termos de recurso o pai, porém, não foi observado o decréscimo de recurso a estas figuras, mas antes um aumento do recurso ao par amoroso com diminuição aos pares amigos, contrariando algumas conclusões dos estudos anteriormente citados e a ideia, mais uma vez, da transferência. Talvez possamos endereçar estes resultados a questões culturais, já que o papel parental (e em específico, o materno) mantém-se como pilar na sociedade portuguesa até bastante tarde, sobretudo porque cada vez mais os jovens permanecem na casa da família de origem mais tempo e porque, comparativamente a outras sociedades ocidentais, não se institucionalizou a vivência quotidiana com pares, em sistemas de fraternidades (ou em conjugalidade), ou em termos de formação em internatos (como sucede com frequência no Reino Unido ou na Suíça), ou mesmo de campos de férias que poderiam suscitar uma influência menor da qualidade de vinculação parental. Sugerimos ainda que no caso da vinculação amorosa, a não interferência da qualidade de vinculação parental no recurso ao(à) namorado(a) se deve mais ao próprio momento da adolescência que está a ser avaliado neste estudo (mais próximo da sua média que do seu final), sendo possível que a visibilidade destas interacções seja maior na entrada na adultícia que aqui, onde a duração das próprias relações amorosas ainda não permite que a internalização de um modelo relacional seja possível.

Quanto à questão da influência do recurso a pais e amigos em função da existência ou não de relação amorosa na vida destes jovens, replicamos resultados de outros estudos (Markiewicz *et al.*, 2006; Paterson *et al.*, 1994) no que concerne às questões de género, nomeadamente ao recurso preferencial ao pai por parte dos rapazes (depois da figura

materna) e à não existência de resultados diferenciais por género relativamente à mãe, reforçando de novo esta figura como alicerce do sistema de vinculação.

Quanto aos resultados relativos aos pares confirma-se a preferência pelos pares do mesmo género em detrimento dos pares de género oposto, de acordo aliás com os posicionamentos que observam a significância dos pares amigos do mesmo género enquanto figuras de vinculação (Shulman *et al.*, 1997; Shulman & Scharf, 2000), tendo-se verificado ainda que o recurso aos pares amigos (amiga) é maior nos jovens com menos idade que aos 17-18 anos o que reforça, talvez, a ideia da *transferência* entre pares e par amoroso.

Se estes resultados deram fortes indicações acerca do sentido das hierarquias de vinculação, isto é, acerca da importância de cada uma das personagens significativas em termos de recurso geral, os mesmos resultaram infrutíferos quanto ao recurso para cada uma das funções de vinculação por si, deixando em aberto (à excepção da figura da mãe, que claramente já se vê enquanto figura positivamente *discriminada*) a questão da existência de facto de transmissão das funções de vinculação do pai para as restantes figuras. Deste modo, e para responder às muitas questões que subsistiam, nomeadamente o recurso a cada figura significativa para cada componente em específico, e se as frequências de recurso se elevavam significativamente de modo sequencial comprovando o modelo de Cindy Hazan, realizaram-se análises particulares contrastadas a cada uma das figuras em estudo, para serem possíveis algumas inferências acerca do modelo de transferência.

#### **2.1.6. Do geral para o particular: Cada uma das componentes de vinculação**

A quem recorrem mais os adolescentes para cumprimento das funções de *Procura de proximidade*, *Porto* e *Base segura*? Para quem é exibido o *Protesto de separação*? O recurso é similar para pais, pares do mesmo género e oposto e par amoroso, ou pelo contrário há diferenças significativas em termos de recurso por componente?

Estas questões introduzem a análise das medidas dicotómicas repetidas que foram realizadas separadamente por géneros e em cada um dos grupos etários (13-14 anos, 15-16 anos, 17-18 anos e 19-23 anos), de modo a que o leitor possa ter um quadro mais aproximado do real, embora sem que seja possível realizar comparações estatisticamente válidas entre os grupos, como já anteriormente referido. As análises versaram as quatro idades subdivididas em cada um dos géneros, pelo que no total foram feitas análises a oito grupos de adolescentes. Note-se ainda que cada figura listada como significativa entre as que se encontram em estudo é contrastada com todas as outras, existindo por isso relato de dez contrastes por grupo. Por contrastes referimo-nos à utilização do teste de McNemar

enquanto instrumento para comparações múltiplas, isto é, queremos saber se a diferença entre a proporção de adolescentes de um mesmo grupo que recorre a uma dada figura **a** e a uma dada figura **b** para determinada função é significativamente diversa uma da outra, sendo este procedimento realizado para todas as figuras em estudo. Dada a extensão dos resultados apenas serão apresentados neste documento alguns dos quadros<sup>108</sup> relativos às análises efectuadas, pese embora sejam examinados todos os grupos em estudo.

#### 2.1.6.1. Procura de proximidade, Porto seguro, Protesto de separação e Base segura

##### 2.1.6.1.1. *Contrastes Maternos*

##### 2.1.6.1.1.1. As diferenças no recurso a Mãe e Pai

Quando confrontamos o recurso a pai e mãe para a *Procura de proximidade* (vide Quadro a, Anexo 4), verifica-se a existência de apenas duas situações onde não existem diferenças significativas no recurso aos pais: a primeira acontece nas raparigas mais novas (N=38, p.exacto=.453) e uma segunda nos rapazes, entre os 15-16 anos (N=62, p.exacto=1.000). Nas restantes condições os adolescentes que procuram a mãe para *Proximidade* fazem-no numa proporção maior quando em conjunto com o pai. Em verdade é este o quadrante com maior frequência na *Procura de proximidade*, mesmo quando não existem diferenças significativas.

Através da análise do Quadro a1 (Anexo 4), podemos observar que não existem diferenças significativas entre o recurso a pai e mãe para a componente *Porto seguro* aos 15-16 anos (rapazes). Para 29 adolescentes que recorrem apenas à mãe, 22 recorrem igualmente a mãe e pai (N=62, p.exacto=.344). Nas restantes comparações verificou-se a existência de diferenças significativas entre a utilização dos pais, com recurso maior à mãe que ao pai. Salienta-se que a proporção de raparigas que recorre a ambos os progenitores é sempre menor que a de jovens que utilizam apenas a mãe, enquanto que nos rapazes esta proporção de recurso a ambos os pais é maior que o recurso simples da mãe até aos 15-16 e aos 19-23 anos. Há contudo uma inversão aos 17-18 anos de idade, com maior procura apenas da mãe que a ambas as figuras.

Da observação do Quadro a2 (Anexo 4) podemos concluir que não existem diferenças significativas em raparigas e rapazes no elicitar de *Protesto de separação* para o pai e para a mãe nos adolescentes mais jovens (p.exacto>.05), sendo este protesto similar alargado nos rapazes até aos 15-16 anos (N=62, p.exacto=.688). A partir deste ponto rapazes e raparigas exibem maior relato de *Protesto de separação* à mãe que ao pai, pese embora em todas as situações a proporção de protesto a ambos os pais é maior que a proporção de protesto apenas à mãe.

---

<sup>108</sup> Os quadros são contudo referenciados no texto e poderão ser consultados em anexo (Anexo 4).

Finalmente, quando observados mãe e pai no recurso que os jovens fazem para a função de *Base segura* verifica-se que (de novo) apenas nos rapazes e aos 15-16 anos de idade não se encontram diferenças significativas na procura de ambos os progenitores ( $N=62$ ,  $p.\text{exacto}=.180$ ). Das raparigas que recorrem à mãe, apenas 7 o fazem sem recurso ao pai, sendo de 14 o número que recorre a ambos os progenitores aos 13-14 anos. A partir deste momento as raparigas recorrem mais à mãe sem apelo ao pai para o uso de *Base segura*. Nos rapazes verifica-se que quando recorrem à mãe, a proporção daqueles que evocam em simultâneo o pai é superior aos que recorrem apenas à mãe (até aos 16 anos). Aos 17-18 anos o número que recorre apenas à mãe é similar aos que recorrem a ambos os progenitores e só aos 19-23 anos de idade se dá uma inversão, existindo uma proporção maior de respondentes que apenas recorrem à mãe se comparados aos que recorrem a ambos os progenitores (*vide* Quadro a3, Anexo 4).

#### 2.1.6.1.1.2. As diferenças no recurso a Mãe e Amigo

No que diz respeito à componente *Procura de proximidade* à mãe ou amigo verificam-se diferenças significativas em todos os grupos estudados. A norma foi a progressiva preferência pela figura materna (*vide* Quadro a4, Anexo 4), pese embora nos rapazes entre os 15 e os 16 anos a percentagem dos que recorrem a ambas as figuras é ligeiramente superior à dos que recorrem apenas à mãe (51% e 49%, respectivamente).

Na componente *Porto seguro*, para ambas as figuras verificou-se a existência de diferenças significativas nos dois géneros e todas as idades, à excepção dos rapazes entre os 15 e os 16 anos ( $N=62$ ,  $p.\text{exacto}=1.000$ ).

A percentagem de raparigas que recorrerem apenas à mãe vai aumentando com a idade, enquanto que nos rapazes, embora seja clara e significativa a preferência pela mãe sem recurso à figura em alternativa, esta escolha aumenta ligeiramente dos 13-14 para os de 15-16 anos, aumentando claramente até aos 18 anos e descendo ligeiramente no *cluster* etário dos 19-23 anos (71%, 65%, 80% e 77%, respectivamente).

O impacto de morte para as figuras da mãe e do amigo (Quadro a5, Anexo 4) revelou diferenças significativas em ambos os géneros e em todas as idades, com a mãe a suscitar índices maiores de *Protesto de separação*. No entanto, entre aqueles cujo protesto acontece apenas para a mãe há aumento com a idade (em comparação aos cujo protesto é para ambas as figuras). Nos rapazes há uma diminuição quando a componente é relativa apenas à mãe entre os adolescentes entre os 13-14 e os 15-16 anos, para voltar a aumentar a percentagem dos que referem protesto apenas à mãe no final adolescência e no início da adultícia (56%, 53%, 61% e 63%).

Relativamente à utilização de mãe e amigo para preenchimento da função de *Base segura*, o padrão existente para o *Porto seguro* quase é replicado (*vide* Quadros a6 e a7,

Anexo 4). A única condição onde não existem diferenças significativas é no grupo masculino entre os 15-16 anos ( $N=62$ ,  $p.\text{exacto}=.280$ ). Em todas as outras condições existiram diferenças. Os jovens têm uma clara preferência no recurso à mãe, embora a proporção de raparigas com preferência de recurso apenas à mãe seja em crescendo (com ligeira diminuição aos 15-16 anos) e nos rapazes, a tendência de aumento do recurso apenas à mãe acontece em toda a adolescência sofrendo uma ligeira quebra no início da adultícia.

#### 2.1.6.1.1.3. As diferenças no recurso a Mãe e a Amiga

Na componente *Procura de proximidade*, nas raparigas até aos 16 anos, as análises indicaram não existirem diferenças significativas no recurso a ambas as figuras, sendo a mãe a mais nomeada a partir daí. Todavia, a percentagem das raparigas que relatam recorrer a mãe e amiga simultaneamente é maior que aquelas que referem recorrer apenas à mãe, revelando-se esta tendência em progressão (56% e 62%, respectivamente). Quanto aos rapazes todas as análises foram estatisticamente relevantes, sendo maior a proporção de rapazes a recorrerem apenas à mãe que a dos que recorrem a ambas as figuras (ainda que esta percentagem diminuísse no final da adolescência, *vide* Quadro 12). Ou seja, os rapazes são orientados apenas à mãe até tarde enquanto que as raparigas iniciam um processo de procura do par do mesmo género em paralelo à mãe.

#### QUADRO 12.

Diferenças significativas entre Mãe e Amiga (Procura de proximidade)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Procura de Proximidade	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Amiga		<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Mãe	Amiga					Mãe	Amiga	
13-14	Não	4	6	10	38	1.000	Não	7	2	9
	Sim	7	21	28			Sim	15	13	
	Total	11	27				Total	22	15	
15-16	Não	15	9	24	58	.230	Não	15	4	19
	Sim	16	18	34			Sim	29	14	
	Total	31	27				Total	44	18	
17-18	Não	26	21	47	149	.004	Não	34	10	44
	Sim	45	57	102			Sim	67	16	
	Total	71	78				Total	101	26	
19-23	Não	9	6	15	76	.002	Não	19	8	27
	Sim	23	38	61			Sim	38	15	
	Total	32	44				Total	57	23	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.\text{exacto} \leq .05$ .

A componente *Porto seguro* (Quadro a8, Anexo 4) quando analisada para mãe e amiga revela não existirem diferenças significativas no recurso para as raparigas no início ( $N=38$ ,  $p.\text{exacto}=.832$ ) e na adolescência média ( $N=58$ ,  $p.\text{exacto}=.856$ ). No final da adolescência ( $N=149$ ,  $p.\text{exacto}=.050$ ) e no início da adultícia ( $N=76$ ,  $p.\text{exacto}=.049$ ) as diferenças no recurso são significativas (embora no limite estatístico). A proporção de

raparigas que recorre apenas à mãe para efeitos de *Porto seguro* (6) é a mesma no final da adolescência e na jovem adultícia (por comparação às que preferem recorrer a ambas as figuras). Nos rapazes todas as diferenças são significativas, com uma clara preferência pelo recurso à mãe. A percentagem de rapazes que recorre apenas à mãe em comparação à que recorre a mãe e a amiga progride até aos 17-18 anos, sofrendo uma ligeira inflexão no início da adultícia (71%, 89%, 95% e 81%, respectivamente).

Da análise do Quadro a9 (Anexo 4) verifica-se ainda que todas as análises são significativas para o *Protesto de separação* com a mãe e amiga. É curioso que embora a mãe seja a figura de referência, a proporção das raparigas que exhibe o *Protesto* para as duas figuras é superior à das que o fazem apenas em relação à mãe, pese embora haja uma inversão nesta tendência entre os 19-23 anos (53% exibem o *Protesto* apenas à mãe). Relativamente aos resultados para o género masculino, a referência é sempre a favor da mãe ascendendo relativamente ao relato a ambas as figuras (à excepção da jovem adultícia).

Na componente *Base segura*, a comparação entre mãe e amiga (Quadro a10, Anexo 4) observou diferenças significativas apenas para os rapazes. Todas as diferenças estatísticas foram significativas numa clara preferência pelo recurso apenas à mãe.

Esta preferência em comparação dilata-se até final da adolescência diminuindo ligeiramente no início da adultícia (70%, 84%, 86% e 77%, respectivamente).

#### 2.1.6.1.1.4. As diferenças no recurso a Mãe e Par amoroso

No que diz respeito à componente *Procura de proximidade* (vide Quadro a11, Anexo 4) para a mãe e o par amoroso, encontramos uma clara preferência pelo evocar da mãe em todas as circunstâncias, à excepção das raparigas de 15-16 anos ( $N=53$ ,  $p.\text{exacto}=.052$ ). No entanto, a proporção de raparigas que prefere recorrer apenas à mãe vai decrescendo com a idade e reverte-se nas mais velhas (recurso a mãe e par amoroso). Quanto aos rapazes, apenas se dá o movimento de diminuição do recurso apenas à mãe aos 17-18 anos, não tendo sido encontrada evidência de inflexão.

Para o recurso a mãe e par amoroso enquanto *Porto seguro* (Quadro a12, Anexo 4) para ambos os géneros e para todas as idades, o teste McNemar indicou a existência de diferenças significativas, à excepção das raparigas entre os 13-14 anos ( $N=24$ ,  $p.\text{exacto}=.092$ ). O padrão de recurso é equivalente para ambos os géneros, isto é, em todas as idades a mãe é a figura mais requisitada, sendo maior a proporção do recurso apenas mãe do que a percentagem dos que apelam a ambas as figuras. Contudo a proporção de apelo a ambas as figuras aumenta com a idade nas raparigas e, no género masculino este movimento sofre uma redução entre os 13-14 e os 15-16 anos para voltar a elevar-se aos 17-18 anos. Quanto ao *Protesto de separação* existem diferenças significativas de género e

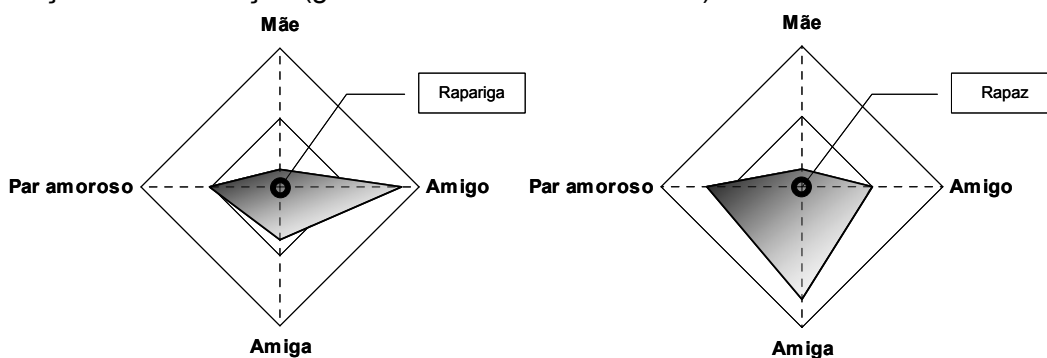


em todas as idades no recurso a mãe e par amoroso. Nas raparigas há um diminuir paulatino da do *Protesto* apenas à mãe enquanto que o início do movimento de *Protesto* a ambas as figuras nos rapazes dá-se apenas aos 17-18 anos (Quadro a13, Anexo 4). Finalmente, para a *Base segura* verifica-se apenas uma diferença estatisticamente relevante no género feminino (13-14 anos;  $N=24$ ,  $p.\text{exacto}=.039$ ) enquanto que para os rapazes todas as diferenças são relevantes. Todas as desigualdades que relatamos denotam preferência de recurso apenas à mãe (*vide* Quadro a14, Anexo 4).

Uma síntese dos resultados para todos tipos de pares apresenta-se na Figura 26.

FIGURA 26.

Alargamento da rede de figuras significativas (da Mãe aos Pares) para cumprimento de funções de vinculação (géneros feminino e masculino)



**Nota:** A distâncias menores do centro (género) corresponde maior procura genérica pela figura representada pelo vértice.

#### 2.1.6.1.2. Contrastes Paternos

##### 2.1.6.1.2.1. As diferenças no recurso a Pai e a Amigo

Para a *Procura de proximidade* no género feminino os resultados obtidos nos contrastes entre pai e amigo indicam diferenças significativas no início (13-14 anos), no fim da adolescência (17-18 anos) e no início da adultícia (19-23 anos). Nos rapazes as diferenças com relevância estatística encontram-se nas idades intermédias (15-16 anos;  $n=62$ ,  $p.\text{exacto}=.024$ ; 17-18 anos;  $N=127$ ,  $p.\text{exacto}=.013$ ).

Em todos os resultados significativos a preferência no recurso vai para o pai pese embora nas raparigas a percentagem das que refere o recurso apenas ao pai aumente por comparação às que referem o recurso a ambas as figuras, enquanto que nos rapazes esta comparação é muito próxima a 50% (*vide* Quadro b, Anexo 4). Ou seja, há uma aproximação ao modelo da transferência nos rapazes mas não nas raparigas.

A análise da componente *Porto seguro* nos contrastes pai/amigo foram significativos apenas para as raparigas mais velhas ( $N=76$ ,  $p.\text{exacto}=.035$ ) e para os rapazes mais novos ( $N=37$ ,  $p.\text{exacto}=.049$ ). Em ambos os géneros e nas referidas idades, era o pai a figura mais procurada em comparação com o amigo (*vide* Quadro b1, Anexo 4).

Em todas as circunstâncias estudadas para a componente *Protesto de separação* (Quadro b2, Anexo 4) existiram diferenças estatísticas significativas. Em ambos os géneros a figura de referência é o pai, com aumento da proporção do relato nas raparigas com a idade (60%, 64%, 80% e 87%, respectivamente). Nos rapazes o padrão é semelhante e, embora elevadas as proporções são mais inconstantes (73%, 85%, 70% e 76%, respectivamente).

Quando analisado o Quadro b3 (Anexo 4) verifica-se não existirem diferenças relevantes no recurso ao pai e amigo no preenchimento das funções de *Base segura*. Nas raparigas mais velhas há uma diferença significativa ( $N=149$ ,  $p.exacto=.015$ ), onde a figura de referência é o pai.

#### 2.1.6.1.2.2. As diferenças no recurso a Pai e a Amiga

Na componente *Procura de proximidade* (Quadro b4 em anexo) nos contrastes pai/amiga não existiram diferenças significativas nas raparigas de todas as idades e, nos rapazes dos 13-14 anos. Entre os 15 e os 23 anos de idade (rapazes) a orientação é ao pai com percentagens de recurso relativamente à amiga que alternam entre 29%, 20% e 23%, respectivamente.

Na comparação pai/amiga nas funções de *Porto seguro*, o Quadro b5 (Anexo 4) sumaria os resultados obtidos. Os resultados por género são opostos: as raparigas são orientadas ao par amigo do mesmo género, enquanto que os rapazes exibem a preferência pelo recurso ao pai.

Quanto aos resultados do *Protesto de separação* pai/amiga (Quadro b6, Anexo 4), estes indicam diferenças relevantes nos rapazes em todas as idades e nas raparigas aos 17-18 anos ( $N=149$ ,  $p.exacto=.000$ ). O *Protesto de separação* é mais referido para o pai (ambos os géneros) nas condições significativas. Nos rapazes há diminuição do relato de protesto à amiga até aos 18 anos, e aumento posterior (40%, 30%, 22% e 28%).

Finalmente, a análise dos contrastes pai/amiga na componente *Base segura* (Quadro b7, anexo), encontrou significância em todas as idades no género feminino e entre os 15 e os 23 anos nos rapazes. Nas raparigas há uma orientação ao par do mesmo género, nos rapazes, à imagem da componente *Porto seguro*, o pai é figura de referência.

#### 2.1.6.1.2.3. As diferenças no recurso a Pai e Par amoroso

Os contrastes entre pai e par amoroso para a *Procura de proximidade* (Quadro b8, Anexo 4) foram significativos apenas em duas das idades e unicamente no género masculino (15-16 anos;  $N=51$ ,  $p.exacto=.000$  e, 17-18 anos;  $N=110$ ,  $p.exacto=.004$ ). Na adolescência média e final os rapazes são orientados ao pai, pese embora os jovens que relatam recorrerem a ambas as figuras aumentem em percentagem entre as duas idades (12% e 29%, respectivamente). Não foram encontradas diferenças significativas quanto ao

recurso das raparigas ao par amoroso e ao pai, não existindo aparentemente uma preferência marcada por uma ou outra figura.

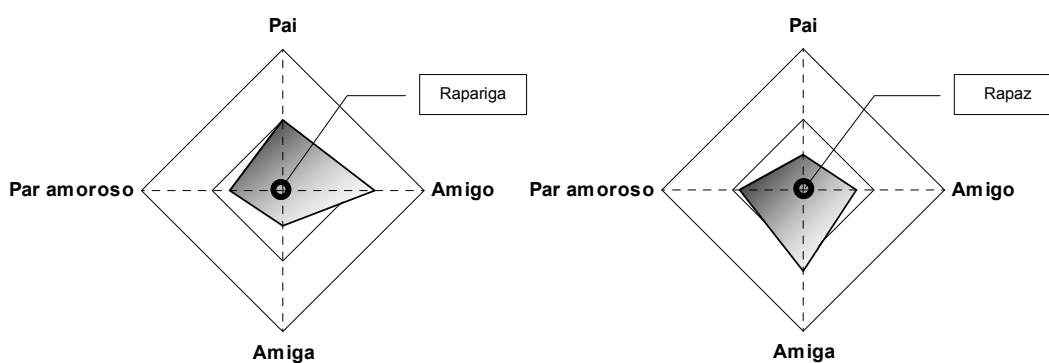
Na componente *Porto seguro* nas figuras do pai e do par amoroso, verificou-se existirem diferenças significativas no género feminino apenas a partir dos 17 anos de idade, enquanto que nos rapazes apenas as há entre os 15-16 anos ( $N=51$ ,  $p.\text{exacto}=.017$ ). Quanto à direcção, enquanto que as raparigas são claramente orientadas ao par amoroso, os rapazes preferem recorrer ao pai. A percentagem de raparigas que recorre apenas ao par amoroso mantém-se constante relativamente às que recorrem a ambas as figuras, em percentagens de 66% para 34%, respectivamente. (vide Quadro b9, Anexo 4).

No estudo da componente *Protesto de separação* no contraste pai e par amoroso, (Quadro b10, Anexo 4) verifica-se serem significativas as diferenças para todas as classes etárias em ambos os géneros. Para todos os adolescentes desta amostra a norma é a orientação ao pai, apesar de nas raparigas a proporção das que evocam apenas ao pai em comparação com as que relatam o *Protesto* a ambas as figuras diminua com a idade, chegando a ser de .44 para .56 (19-23 anos). Nos rapazes os resultados são mais oscilantes com percentagens de evocação de ambas as figuras desde os 13 anos em diante de 35%, 13%, 31% e 8%, respectivamente.

A análise dos resultados pai/par amoroso para a *Base segura*, indicam que nas raparigas existem diferenças nos extremos etários dos 17-18 e 19-23 anos. Nos rapazes a significância acontece apenas no meio da adolescência (15-16 anos;  $p.\text{exacto}=.002$ ). Nas raparigas de 17-18 anos, 36% relatam recurso apenas ao pai enquanto que 64% relatam recorrer apenas ao par amoroso. Nas mais velhas (19-23 anos) a situação mantém-se com o par amoroso a ser figura preferencial. Por seu turno os rapazes na adolescência média são orientados ao pai por contraste com o par amoroso (Quadro b11, Anexo 4). A Figura 27 agrega os resultados.

FIGURA 27.

Alargamento da rede de figuras significativas (do Pai aos Pares) para cumprimento de funções de vinculação (géneros feminino e masculino)



**Nota:** A distâncias menores do centro (género) corresponde maior procura genérica pela figura representada pelo vértice. A predominância nas raparigas pelo Par amoroso na comparação com o Pai dá-se sobretudo entre os 17 e os 23 anos de idade.

### 2.1.6.1.3. Contrastes Par amigo

#### 2.1.6.1.3.1. As diferenças no recurso a Amigo e Amiga

Neste contraste e para a *Procura de proximidade*, apenas as raparigas de 15-16 anos não apresentaram diferenças significativas ( $N=58$ ,  $p.\text{exacto}=.064$ ), com os relatos a reiterarem o recurso ao par do mesmo género nas restantes idades em estudo. Quanto aos rapazes, verifica-se não existirem diferenças estatisticamente significantes nos extremos etários estudados, contudo dos 15 aos 18 anos, orientam-se também eles ao par do mesmo género (*vide* Quadro c, Anexo 4).

No recurso aos pares amigos para o preenchimento da função de *Porto seguro* (Quadro c1, Anexo 4), verificaram-se diferenças significativas em todas as idades nas raparigas e, nos rapazes a existência de diferenças no recurso apenas nas idades correspondentes à média e adolescência tardia (15-16 anos;  $N=62$ ,  $p.\text{exacto}=.002$  e, 17-18 anos;  $N=127$ ,  $p.\text{exacto}=.004$ ). A orientação feminina é para o par do mesmo género, com as percentagens dos relatos de recurso a ambas as figuras por comparação ao relato apenas à amiga a oscilarem de 23%, 24% a 22% nas três primeiras idades em estudo, passando para 15% nas raparigas mais velhas. Nos rapazes as diferenças com relevância estatística encontram-se entre os 15 e os 18 anos. Em ambos os casos a orientação é ao par do mesmo género. Nos grupos masculinos, contudo, a percentagem daqueles que relatam recorrer a ambas as figuras decresce do *cluster* da adolescência média ao da adolescência final (21% e 18%, respectivamente).

Na componente *Protesto de separação* de novo se encontra a preferência das raparigas pelo par do mesmo género seja qual for a idade em estudo. Nos rapazes apenas se encontra uma diferença com relevância estatística (17-18 anos;  $N=127$ ,  $p.\text{exacto}=.005$ ), onde a orientação é também ao par do mesmo género (*vide* Quadro c2, Anexo 4).

Da análise do Quadro c3 (Anexo 4), pode verificar-se que apenas no grupo dos rapazes entre os 13 e os 14 anos não se verificaram diferenças estatisticamente relevantes ( $N=37$ ,  $p.\text{exacto}=.388$ ) para a componente *Base segura*. Em rapazes e raparigas a qualidade das diferenças foi a mesma, isto é, ambos os géneros se orientam ao par *igual*.

#### 2.1.6.1.3.2. As diferenças no recurso a Amigo e Par amoroso

Na componente *Procura de proximidade* (Quadro c4, Anexo 4), verificam-se diferenças significativas nas raparigas nos grupos entre os 17 e os 23 anos e nos rapazes entre os 15-16 anos. As raparigas são claramente orientadas ao par amoroso e os rapazes orientam-se ao par amigo aos 15-16 anos, com 5% dentre eles a preferirem o recurso a ambas as figuras. Através do Quadro c4 verifica-se que nas restantes idades não há recurso significativamente diverso a par amoroso e amigo, em ambos os géneros.

O padrão que encontramos na *Procura de proximidade* replica-se na totalidade nas componentes *Porto seguro* e *Base segura*.

Quando observada a componente *Porto seguro* nos contrastes entre par amoroso e par amigo, encontram-se duas diferenças com significância estatística relativamente às raparigas (17-18 anos; N=135, p.exacto=.000; 19-23 anos; N=73, p.exacto=.000) e apenas uma no que diz respeito aos rapazes (15-16 anos; N=51, p.exacto=.008). As raparigas procuram ambas as figuras no início e a meio da adolescência passando em seguida a preferir claramente o par amoroso ao amigo. Os rapazes, quando preferem uma das duas figuras (aos 15-16 anos), fazem-no justamente no sentido do par do mesmo género (Quadro c5, Anexo 4).

No estudo da componente *Protesto de separação* (Quadro c6, Anexo 4) verificou-se existirem diferenças significativas. Nas raparigas estes resultados evocam o padrão das componentes anteriores (aos 17-23 anos de idade). A réplica mantém-se também no que diz respeito à qualidade das diferenças, com as raparigas mais velhas a estarem orientadas ao par amoroso. Nos rapazes encontramos uma diferença significativa já observada nas outras componentes (15-16 anos; N=51, p.exacto=.011), com orientação ao par amigo em detrimento do par amoroso, em percentagens de resposta de 72% e 28%, respectivamente.

A análise do teste de McNemar para a componente *Base segura* observou resultados significativos no género feminino em duas idades para as figuras amigo e par amoroso. Aos 17-18 anos e aos 19-23 anos as raparigas são orientadas à figura amorosa. Nos rapazes apenas foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (15-16 anos; N=51, p.exacto=.000), cuja direcção é a mesma da reportada para as raparigas, isto é, os rapazes são nesta idade orientados ao par amoroso se em comparação com o par do mesmo género (Quadro c7, Anexo 4).

#### 2.1.6.1.4. Contrastes Par Amiga (Par amoroso)

Na *Procura de proximidade* (Quadro d, Anexo 4) foi encontrado apenas um resultado significativo (raparigas de 13-14 anos; N=24, p.exacto=.002). Nestas jovens o recurso a par amoroso e/ou a amiga detém uma orientação significativa – à amiga.

Utilizar o par amoroso e/ou a amiga para a função de *Porto seguro* não apresenta diferenças significativas para os rapazes à excepção entre 17-18 anos (N=11, p.exacto=.029), onde a orientação é ao par amoroso. Nas raparigas encontraram-se diferenças aos 13-14 anos (N=24, p.exacto=.002) e aos 15-16 anos (N=53, p.exacto=.005). A componente é relatada mais vezes para a amiga, havendo uma diminuição entre ambas as idades (80% para 72%). O Quadro d1 (Anexo 4) sumaria os resultados.

Quanto ao *Protesto de separação* (Quadro d2, Anexo 4) observa-se a existência de dois resultados significativos: nas raparigas entre os 13-14 anos ( $N=24$ ,  $p.\text{exacto}=.000$ ) e aos 15-16 anos ( $N=53$ ,  $p.\text{exacto}=.043$ ); a orientação é preferencialmente para a amiga.

Finalmente, e recorrendo à análise do Quadro d3 (Anexo 4), verifica-se para a *Base segura* o padrão já observado na componente *Porto seguro* no género masculino no contraste amiga/par amoroso: aos 17-18 anos ( $N=11$ ,  $p.\text{exacto}=.036$ ), onde há uma preferência de recurso pelo par amoroso. Nas raparigas existe uma diferença aos 13-14 anos ( $N=24$ ,  $p.\text{exacto}=.004$ ), onde a orientação é feita à amiga em percentagens totais de 67% para 17%.

Em termos genéricos os resultados relativos ao processo testado no que respeita aos três tipos de pares pode ser analisado recorrendo à representação gráfica, por género dos adolescentes, que a seguir se apresenta (Figura 28).

FIGURA 28.

Recurso à rede de Pares para cumprimento de funções de vinculação (géneros feminino e masculino)



**Nota:** As distâncias menores do centro (género) corresponde maior procura genérica pela figura representada pelo vértice. Note-se a representação de um maior recurso das raparigas ao par amoroso e amiga que ao amigo (proporcionalmente aos rapazes).

Quisemos ainda verificar a existência de diferenças significativas nas médias etárias dos rapazes, em função da **Duração da relação amorosa**, levando a cabo a realização de uma UNIANOVA. Os resultados foram conclusivos [ $F(3, 252)=7.872$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.989$ ]. Os testes *post hoc* indicaram que os rapazes com relações amorosas com mais de dois anos de duração, têm em média 18.89 anos ( $DP=2.14$ ) e são significativamente mais velhos que os jovens com relações de duração inferior a um ano ( $M=17.10$ ,  $DP=1.92$ ) e com um ano ( $M=17.05$ ,  $DP=1.93$ ), contudo não existem diferenças que incluam o grupo com relações entre um a dois anos de duração ( $M=17.88$ ,  $DP=1.88$ ).

#### 2.1.6.2. Discussão integrada de resultados

Desde logo existiu um resultado surpreendente que revela a existência de recurso a todas as figuras em estudo, em ambos os géneros e em todas as idades, para preenchimento em simultâneo das quatro componentes de vinculação (*vide* ponto 2.1.1. deste Capítulo, Figura 19, p.182). É sobretudo a vertente idade que atraiu a nossa atenção,

já que apenas a partir dos 15 anos de idade os estudos de Hazan e Zeifman (1994, 1999) encontraram o que consideraram *vinculações totais* a pares, e a maioria destes do tipo amoroso. Pensamos que se tratam das representações de *Porto* e *Base segura* e de *Procura de Proximidade* que são evocadas para cada uma dos domínios relacionais, considerando que o que é elicitado em cada componente para a mãe não é necessariamente o mesmo que para o amigo ou a amiga. De outro modo, existem quanto a nós, não uma mas várias funcionalidades de *Porto* e *Base seguras* e de *Procura de Proximidade*, e se umas podem ser providas pelos pais, por exemplo o apoio numa situação de doença ou perda, outras apenas o são pelos pares (amigos e amorosos), por exemplo, a exploração das situações que impliquem a sexualidade do jovem.

Como esperado, os resultados descritivos acerca das denominadas *vinculações totais* indicavam os resultados observados no recurso por componentes. Deste modo, a mãe é para estes jovens a figura para quem é relatado maior número de vezes *vinculações* do tipo total. O recurso a mãe e amiga nas raparigas sugere alguma equivalência assim como o recurso a mãe e a par amoroso denota orientação a ambas as figuras, o que de algum modo vai de encontro aos estudos de Hazan e colaboradores (Hazan & Shaver, 1997, Hazan & Zeifman, 1994, 1999), contudo, estes falam genericamente de pais e pares, não tendo em conta o género quer dos filhos quer dos pais.

Nas raparigas a amiga é referenciada cerca de duas vezes mais que o pai, enquanto figura onde estão presentes as quatro componentes e nos rapazes, o relato do pai e do amigo enquanto figuras de *vinculação total* não apresentam grandes diferenças. Estes resultados embora não de acordo com o modelo de Hazan e colaboradores, encontram eco na investigação de Markiewicz e colaboradores (2006), que ao estudarem justamente o preenchimento de necessidades de *vinculação* na adolescência, encontraram evidências de um maior recurso ao pai que aos melhores amigos por parte dos rapazes, com o contrário a suceder nas raparigas.

Uma surpresa maior foi encontrar *vinculações totais* para com o amigo nas raparigas. Pensamos por isso que a hipótese de que o termo *componente de vinculação* carece empiricamente de especificação toma cada vez mais sentido. O recurso que o adolescente faz do pai enquanto *Porto seguro* corresponde a um sem número de necessidades que não são as mesmas que o amigo providencia para a mesma componente, não deixando esta de ser um *Porto seguro*. Aliás a figura paterna é um dos actores relacionais que necessita de aprofundamento na investigação sobre a *vinculação*, sendo por isso indispensável trabalhar ao nível da construção de instrumentos de avaliação em função das especificidades da relação com o pai, deixando de trabalhar no suposto que mãe e pai, porque ambos pertencentes à esfera parental, sejam avaliados mediante parâmetros paralelos. A sociedade contribui e sempre contribuiu para um desenvolvimento diferencial entre homens

e mulheres criando estereótipos, papéis, normas e valores para cada um, assim como biologicamente cada um deles tem também características específicas de sexo; nem piores nem melhores, diversas, pelo que a investigação em função de figuras em específico começa a tornar-se premente.

Enquanto que para as raparigas a Figura 19 (ponto 2.1.1., deste Capítulo, p. 182) sugere que à excepção do amigo, os pares íntimos são mais solicitados que o pai para o cumprimento simultâneo das quatro componentes de vinculação, o mesmo gráfico para os rapazes fala de valores muito próximos entre pai, amigo e par amoroso, o que justifica o que acabámos de dizer no parágrafo anterior, e o que se enquadra nas conclusões de Hazan e colaboradores (Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997) ao afirmarem que o par amoroso começa a deter um lugar mais destacado na hierarquia de vinculação nos adolescentes mais velhos, bem como daqueles que falam do maior investimento amoroso por parte das raparigas (Cooper & Grotevant, 1987; Freeman & Newland, 2002; Kuttler & Greca, 2004; 1987; Shulman & Scharf, 2000). Para os rapazes, pese embora a nomeação preferencial seja para o pai, de novo encontramos a tendência de ganho de importância do par amoroso, porém não tão vincada como nas raparigas, o que não constitui também surpresa já que está de acordo também com a investigação acima referida.

Os resultados de recurso a pares do mesmo género ou de género oposto para a *vinculação total* sugerem um padrão de nomeação, nas raparigas, de orientação clara ao par do mesmo género, enquanto que nos rapazes a orientação é realizada aos pares em geral. Estes resultados estão de acordo com o estudo de Connolly e colaboradores (2000), relativo aos grupos de pares, que verificaram que as redes de pares masculinas têm maior número de jovens de género oposto que o das raparigas. Pensamos que esta orientação geral aos pares nos rapazes pode ser indiciadora de preenchimento de funções de vinculação equivalentes mas em áreas desenvolvimentais definidas pelo género (por exemplo a exploração das questões da intimidade poderá ser efectuada com as amigas, enquanto que na exploração de questões que envolvam menor índice de intimidade relacional, provavelmente os rapazes recorrem amigos do mesmo género). Reforça-se assim tanto a ideia do mundo feminino à parte, quanto uma diluição da masculinidade enquanto papel social, que eventualmente poderá explicar fenómenos actuais de algum insucesso profissional e académico de rapazes em comparação com raparigas, porém estas questões fogem ao âmbito deste trabalho.

Para todos os adolescentes a nomeação enquanto *Figura total de vinculação* no confronto entre par do mesmo género e par amoroso é praticamente indiferenciada, deparando-nos com a questão curiosa da “hierarquia” definida por Hazan e colaboradores, de outro modo, na nossa amostra não há lugar mais destacado entre ambas as figuras, porém, pensamos que este efeito se deve às circunstâncias de vida em que para as



mesmas componentes fará mais sentido a evocação do par amoroso ou do par do mesmo género, conclusões aliás de acordo com as de Markiewicz e colaboradores (2006). Um exemplo claro diz respeito à existência de problemas com o par amigo e com o par amoroso: se as funções de *Porto seguro* nas dificuldades amorosas são providas pelo par amigo muito provavelmente o par amoroso servirá de *Porto seguro* nas dificuldades sentidas nas amizades íntimas.

No que diz respeito ao recurso por contrastes entre as figuras em estudo, uma primeira grande conclusão que não poderemos evitar é a preferência de recurso clara à mãe quando comparada com qualquer outra figura significativa com ela contrastada, qualquer que seja a idade e o género considerados.

Para as componentes *Base* e *Porto seguros* na comparação com o pai, em cada idade avaliada houve aumento de recurso, pese embora nos rapazes seja um movimento presente apenas a partir dos 15 anos de idade e em termos de *Base segura* haja uma orientação maior a ambos os progenitores (só existindo preferência clara apenas pela mãe nos mais velhos), como seria aliás de aguardar (para conclusões similares *vide* Friedlmeier & Granqvist, 2006; Markiewicz *et al.*, 2006; Mayseless, 2004). Na *Procura de proximidade*, embora havendo uma preferência de recurso ela seja pela mãe, a percentagem maior de adolescentes continua a ser a que recorre a ambos os progenitores. Curiosamente, e porque avaliamos o *Protesto de separação* enquanto morte efectiva, parece que o protesto acontece mais para as mães (sobretudo a partir dos 15-16 anos) que para os pais (homens), ou seja, apesar de ser uma situação ficcionada, os jovens têm a representação de que é para com a mãe que o protesto será mais veemente e constante. Em ambos os géneros encontramos regularidades interessantes ao nível etário. Assim, enquanto que nos rapazes não foram encontradas diferenças significativas entre o recurso a ambas as figuras aos 15-16 anos de idade, nas raparigas essa regularidade aconteceu na *Procura de proximidade* e *Protesto de separação* mas aos 13-14 anos de idade, indiciando que o processo de recurso preferencial à mãe é mais tardio nos rapazes.

Quanto às figuras da mãe e do amigo não parecem existir dúvidas de que a orientação é clara para com a mãe, porém existem particularidades de género, ou seja, enquanto que as raparigas recorrem apenas à mãe cada vez mais em cada *cluster* etário progressivamente mais elevado, os rapazes não exibem diferenças entre recurso a mãe e amigo para *Porto* e *Base seguros* aos 15-16 anos, talvez porque se trata do amigo do mesmo género, mais íntimo, e que neste ponto do desenvolvimento é crucial enquanto ponte para o mundo dos *outros*. Na *Procura de proximidade*, contrariando o modelo de Cindy Hazan, a norma foi a preferência de recurso apenas à mãe. Por fim, o *Protesto de separação* é referido sempre mais para com a mãe. Em suma, se para as raparigas não há dúvidas no recurso entre mãe e amigo, para os rapazes essa clara preferência encontra-se

de novo só a partir dos 15-16 anos. Ou seja, para este tipo de par também os resultados parecem não se coadunar com o modelo de Cindy Hazan, estando no entanto de acordo com os resultados obtidos por Markiewicz e colaboradores (2006) relativamente ao recurso para *Base segura*, onde as mães se revelaram uma fonte de segurança entre os 12 e os 28 anos de idade.

Pensamos que dos resultados obtidos os mais curiosos dizem respeito à comparação entre mãe e amiga para o género feminino. Enquanto que para o género masculino a preferência clara é pela figura da mãe, em qualquer circunstância e em todas as idades, o que de seria de aguardar, pese embora não com tanta veemência nas idades mais tardias, nas raparigas a única figura verdadeiramente *concorrente* em termos de recurso à mãe é a amiga ou o par do mesmo género. Para o desempenho de funções de *Porto seguro*, só a partir dos 15-16 anos é que existe preferência de recurso apenas à mãe (exactamente o contrário do que é preconizado no modelo testado), o que poderá constituir uma especificidade cultural extremamente interessante, a testar em outros estudos que recorram a amostras portuguesas ou em estudos transculturais que integrem também adolescentes portugueses. Quanto à *Base segura*, os resultados revelaram não existirem diferenças no recurso a mãe e a amiga, contrariando estudos a que tivemos acesso (Markiewicz *et al.*, 2006, Fraley & Davis, 1997<sup>109</sup>; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1994, 1999<sup>110</sup>). Temos ainda indícios de que na sociedade portuguesa ser mulher implica um processo de socialização de género que em última instância leva os rapazes a ver as raparigas “numa posição de superioridade com efeitos no mundo académico e na relação afectiva; relação esta que constituiu nas vidas dos rapazes uma dimensão central, revestida de concepções diferentes conforme a idade de vida” (Rocha & Ferreira, 2002, p.62). De outro modo, a própria formulação de uma sociedade dominada por homens, pode em última instância reforçar os laços entre mulheres, sendo a vinculação uma das explicitações deste fenómeno. Justamente pelo recurso quer à mãe, quer à amiga se apresentar sem diferenças significativas para a função de *Base segura* sugerimos ainda que o recurso não será indiferenciado, mas antes que mãe e amiga exerçam funções de *Base segura* em sectores diversos da exploração pessoal e do mundo, contudo, esta “aliança” de género que poderá funcionar a favor das mulheres é interessante, e merece ser testada em estudos posteriores.

Na *Procura de proximidade* só existe preferência pela figura da mãe a partir dos 17-18 anos, o que faz cair a noção de que será a primeira componente “transferida” dentro do processo sequencial definido por Hazan e colaboradores. Apenas o *Protesto de separação* parece observar um caminho de equiparação entre o seu elicitar nas raparigas mais velhas.

<sup>109</sup> Estes autores basearam-se no modelo de Hazan e colaboradores pelo que mãe e pai são tratados em conjunto.

<sup>110</sup> Note-se que estas autoras trataram os pais no seu conjunto e não separaram a parentalidade por género, pese embora estejamos convictos que estes resultados espelham o recurso às mães.

Não podemos contudo descurar a hipótese da “*contra-transferência*” levantada por Friedlmeier e Granqvist (2006), ou seja, dependendo da especificidade da situação e do momento, uma componente pode ser elicitada aos pais com era suposto teoricamente sê-lo relativamente aos pares.

Em termos de regularidades observadas, embora haja em ambos os géneros uma preferência de recurso pela mãe esta é mais clara nos rapazes que nas raparigas.

Chegados ao contraste mãe-par amoroso, verifica-se uma tendência geral indiciadora de progressivo aumento do exercício das quatro funções por parte do par amoroso, embora a mãe continue a ser a figura primária de referência. Gostaríamos de salientar contudo que relativamente ao recurso a estas figuras para funções de *Base segura*, enquanto que nos rapazes é clara a orientação à mãe, nas raparigas apenas se verifica este sentido nas adolescentes mais novas. Ou seja, naquela que é considerada como a componente de maior peso na vinculação, quando há par amoroso (nas raparigas) existe um movimento que parece ser desenvolvimental, o que de algum modo se coaduna, não com uma transferência, diríamos, mas antes com um alargamento da rede de vinculação a um par muito especial, aquele com o qual se partilha mais do que a afiliação, com a qual a palavra intimidade se alarga, o par amoroso. Isto vai, de algum modo, de encontro ao posicionamento de Hazan e Zeifman (1999) acerca das relações de vinculação serem mais prováveis nas relações amorosas que nas de pares e existirem justamente em pais e pares amorosos na adolescência e adultícia. Em termos etários, e para a *Procura de proximidade*, há um movimento de decréscimo na procura da mãe em singular para rapazes e raparigas, porém, nos primeiros esse movimento só acontece nas idades dos 17-18 anos, enquanto que nas raparigas observa-se mais cedo e chega a reverter-se em relação à procura conjunta nas mais velhas. Por último, também para o *Protesto de separação*, embora o relato seja maior para com a mãe, há um movimento de aumento do evocar de ambas as figuras e que aparece mais cedo nas para raparigas do que nos rapazes. Genericamente podemos observar indicações de maior investimento na figura amorosa por parte das raparigas que por parte dos rapazes.

Verificou-se ainda que para a *Base segura* a *transferência* não se realiza nesta amostra de pais para pares, mas o alargamento é realizado de mãe a pares (do mesmo género e amoroso) para as raparigas, parecendo ser este um processo bem mais tardio no género masculino.

Quando reflectimos acerca dos resultados obtidos através do ANQ, apercebemo-nos que os contrastes que se encontram mais de acordo com o modelo de Hazan e colaboradores são os efectuados relativamente à figura paterna. Há contudo diferenças. Desde logo e genericamente, mantém-se a orientação feminina ao par do mesmo género e a equidade de recurso entre pai e par amoroso que pende para a última figura nas idades

mais tardias. Para os rapazes a orientação preferencial é para o pai, seguindo-se genericamente o par do mesmo género, e quanto ao par amoroso, parece existir também a equidade que se observou nas raparigas. Porém o que parece de facto acontecer é um progressivo integrar de pares no sistema relacional, em consonância com o recurso já existente ao pai.

Quando o contraste é efectuado com o amigo (par do mesmo género para os rapazes), verifica-se que nas componentes *Porto* e *Base segura* a orientação é feita a ambas as figuras. Na *Procura de proximidade*, onde se aguardaria já não existirem diferenças, as raparigas são genericamente orientadas ao pai (tal como acontecia com a mãe) e os rapazes orientam-se ao pai apenas nas idades intermédias, o que não deixa de ser interessante, já que a proximidade real nestas idades é maior para com os pares (e sobretudo o par do mesmo género) que com o pai.

No *Protesto de separação*, e tendo em conta que se avaliou a ideia de morte efectiva, a orientação é ao pai, invertendo-se o posicionamento do alargamento da rede por componentes: aqui vem primeiro a *Base segura* que o *Protesto de separação* (ao invés do que é preconizado pelo modelo de Hazan).

Na comparação do pai com a amiga verifica-se a total orientação ao pai por parte dos rapazes, e uma orientação ao par amiga por parte das raparigas (à excepção da ideia de morte). Ou seja de novo se nos depara o efeito *género feminino*.

Na comparação do pai ao par amoroso, as raparigas orientam-se ao último a partir dos 17-18 anos, seguindo o curso desenvolvimental da existência de um novo tipo de relacionamento íntimo, que muito provavelmente é mais estável do ponto de vista da sua duração nas raparigas mais velhas; justifica-se assim a orientação ao par amoroso pelo aumento da rede a uma figura preponderante, quer do ponto de vista da intimidade, quer da interactividade do sistema de vinculação (em pleno e em paralelo há relações onde se presta e simultaneamente se é prestador de cuidados). Os rapazes orientam-se, genericamente a ambas as figuras, denotando que o alargamento da rede nesta componente foi já efectuado. Quanto à *Base segura*, até aos 16 anos as raparigas orientam-se a ambas as figuras mas no *cluster* etário seguinte, ao par amoroso. Os rapazes, à excepção dos 15-16 anos, orientam-se ao pai, confirmando a posição do modelo de Hazan. Também na *Procura de proximidade*, para os rapazes, o espelhar do modelo de Hazan e colaboradores parece renovar-se, nomeadamente com um recurso maior ao pai nas idades intermediárias da amostra (15-18 anos), mas com o recurso ao par amoroso a partir daí, reforçando a ideia que já apareceu nos contrastes maternos que orientação ao par amoroso é mais tardia (e de novo) nos rapazes que nas raparigas. Estas, por seu turno, recorrem a ambos indiferenciadamente. No *Protesto de separação*, e voltamos a atribuir parte dos resultados à formulação da ideia de morte, a orientação é ao pai.

Os resultados dos contrastes do par amigo (rapaz), verificam um padrão que já se tornou regular: as raparigas orientam-se ao par do mesmo género até por volta dos 16 anos, idade onde começam a orientar-se ao par amoroso, quase como se tratasse de uma forma de ensaio maior da intimidade na vinculação. Os rapazes orientam-se *aos pares*, mesmo quando o contraste é entre pares amigos de género oposto. De novo parece que o processo de alargamento da rede, neste caso ao par amoroso é mais célere nas raparigas. Seria de aguardar um maior investimento amoroso, traduzido em maior recurso, por parte das raparigas, mas seria de esperar o mesmo grau de recurso nos rapazes (Fraley & Davis, 1997; Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997), no entanto podemos apenas estar perante uma demora maior dos rapazes para o alargamento da rede de vinculação verificada já noutras componentes.

Quando o contraste é efectuado entre par amiga e par amoroso, verifica-se uma orientação (genérica) das raparigas dos 13 aos 14 anos ao par amiga e a partir daí uma equivalência de recurso entre amiga e par amoroso, salientando-se de novo o efeito do *mesmo género*, já que, quando contrastadas ao par amoroso apenas acontece a equiparação de recurso a ambos e nunca uma inversão. Para os rapazes, mantêm-se a tendência da orientação genérica aos pares, pese embora seja curioso observar que entre os 17-18 anos, para as componentes *Porto* e *Base segura*, e apenas aí, há primazia de recurso ao par amiga, talvez porque as questões mais íntimas são mais “acessíveis” com as amigas raparigas que com o amigo do mesmo género.

As relações amorosas para os rapazes parecem necessitar de um período de mais de dois anos para se tornarem de facto relações de vinculação, isto poderá explicar o porquê dos resultados obtidos quanto à idade dos rapazes, de outro modo, na transição para uma relação íntima de vinculação as componentes que exigem maior segurança são requisitadas a um par que verá o par amoroso com maior clarividência porque similar: a amiga, e assim sendo é um resultado extremamente curioso e que suscita a necessidade de mais estudos, sobretudo de cariz longitudinal.

## **2.2. A variabilidade e as associações entre dimensões de vinculação**

### **2.2.1. Variabilidade das dimensões de vinculação em função da idade e género, instituição de formação e Duração da relação amorosa**

Até aqui este trabalho apresentou resultados que tiveram em conta o modelo da transferência das componentes de vinculação. Neste momento quisemos avaliar se as dimensões que utilizamos na avaliação de cada um dos contextos relacionais variavam tendo em conta a idade, o género dos adolescentes e o tipo de ensino que frequentavam.

Em boa verdade não seria o tipo de escolas que pensávamos fazer variar a vinculação, mas como é óbvio, a escolha dos percursos formativos poderia de algum modo sofrer a influência sobretudo da qualidade da vinculação aos pais. Entrámos assim no segundo grupo de hipóteses.

As dimensões de vinculação na relação com o pai e com a mãe (*Qualidade do laço emocional*, *Ansiedade de separação (e dependência)* e *Inibição da exploração e individualidade*), as três dimensões de vinculação na relação com os pares (*Confiança*, *Comunicação* e *Alienação*) e as quatro dimensões que avaliam a vinculação ao par amoroso (*Confiança*, *Dependência*, *Evitamento* e *Ambivalência*), são assumidas como detendo carácter dependente. Na determinação da existência de efeitos maiores ou eventuais interacções entre as variáveis independentes **género** e **idade**, recorreu-se à realização de MANOVAs bifactoriais, enquanto que a testagem dos efeitos maiores das variáveis independentes **Tipo de formação frequentada** e da **Duração da relação amorosa**<sup>111</sup>, apelou à realização de MANOVAs a um factor.

#### 2.2.1.1. Dimensões de vinculação na relação com a Mãe

Os resultados da MANOVA bifactorial (idadeXgénero) indicaram a existência de uma interacção [F(9, 1830)=1.990, p=.037,  $\eta^2$ =.859] na dimensão *Ansiedade de separação (e dependência)* [F(3, 610)=3.743, p=.011,  $\eta^2$ =.810], verificando-se porém nas análises posteriores o valor espúrio deste resultado. Todavia foram encontrados efeitos maiores da **idade** [F(9, 1830)=2.387, p=.011,  $\eta^2$ =.924] nas dimensões *Inibição da exploração e individualidade* [F(3, 610)=3.188, p=.023,  $\eta^2$ =.737] e *Ansiedade de separação (e dependência)* [F(3, 610)=2.878, p=.035,  $\eta^2$ =.688] e, de **género** [F(3, 608)=4.815, p=.003,  $\eta^2$ =.904] na variável *Ansiedade de separação (e dependência)* [F(1, 610)=9.057, p=.003,  $\eta^2$ =.852]. Os testes *post hoc* para a **idade** indicaram que apenas na variável *Inibição da exploração e individualidade* os efeitos eram efectivamente significativos. Estes resultados sugerem que os rapazes exibem menor grau de *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com a mãe (M=3.90, DP=.83) que as raparigas (M=4.19, DP=.92) e ainda, que os adolescentes entre os 15-16 anos (M=3.33, DP=.80) exibem maiores índices de *Inibição da exploração e individualidade* na relação com as mães que os adolescentes entre os 19-23 anos (M=3.01, DP=.80), doutro modo, é no **género feminino** e nos **níveis etários mais elevados** que se encontram as médias mais elevadas de *Inibição da exploração e individualidade*. Relativamente aos grupos etários dos 13-14 anos (M=3.19, DP=.85) e dos 17-18 anos (M=3.10, DP=.93) não se verificaram resultados significativos.

<sup>111</sup> Apenas para as dimensões que avaliam a vinculação ao par amoroso.

Os resultados dos testes multivariados da MANOVA a um factor para o **Tipo de formação frequentada** indicaram existirem diferenças de médias nas dimensões da vinculação à mãe [ $F(6, 1228)=4.362, p=.000, \eta^2=.984$ ]. Os testes de efeitos entre sujeitos revelaram que é na dimensão *Ansiedade de separação (e dependência)* que as dissemelhanças se encontram [ $F(2, 615)=10.627, p=.000, \eta^2=.989$ ]. As comparações múltiplas mostram que os adolescentes provenientes das escolas profissionais exibem menor grau de *Ansiedade de separação (e dependência)* com as mães ( $M=3.78, DP=.86$ ) que os pares advindos quer das escolas regulares ( $M=4.14, DP=.87$ ) quer dos pólos de aprendizagem ( $M=4.15, DP=.90$ ). Dadas as implicações dos resultados de género e idade da MANOVA, optamos por controlar os seus efeitos nesta dimensão recorrendo a uma MANCOVA a um factor (tendo por variável independente o **Tipo de instituição frequentada** e como covariantes o **género** (codificado enquanto variável “dummy”) e a **idade**, verificando até que ponto os efeitos da instituição formativa se mantinham significativos, o que de facto sucedeu [ $F(3, 611)=4.219, p=.000, \eta^2=.981$ ]. As diferenças de médias, com recurso ao teste de Sidak em ordem a prevenir erros do tipo I (Sidak, 1967; Abdi, 2007b) indicaram resultados similares aos da MANOVA, embora com valores de média segundo o controle das covariantes e por isso ligeiramente diferentes (escolas regulares:  $M=4.08, DP=.063$ ; escolas profissionais:  $M=3.82, DP=.068$ ; pólos de aprendizagem:  $M=4.18, DP=.062$ ).

#### 2.2.1.2. Dimensões de vinculação na relação com o Pai

Os resultados dos testes multivariados da MANOVA bifactorial (idadeXgénero) foram reveladores da existência de uma interacção entre factores [ $F(9, 1740)=2.162, p=.022, \eta^2=.892$ ] que se revelou contudo espúria. Existiram efeitos maiores tanto da **idade** [ $F(9, 1740)=3.209, p=.001, \eta^2=.982$ ] quanto do **género** [ $F(9, 1740)=5.350, p=.001, \eta^2=.001$ ]. Os testes de efeitos inter-sujeitos revelaram ainda a natureza espúria dos efeitos de **género** para todas as dimensões do factor *Qualidade de vinculação ao pai* (QVPM). Foram no entanto observadas diferenças significativas em função da **idade** nas médias das dimensões *Qualidade do laço emocional* [ $F(3, 580)=2.982, p=.031, \eta^2=.705$ ], que vem a revelar-se espúrio nos testes *post hoc* e *Ansiedade de separação (e dependência)* [ $F(3, 580)=7.923, p=.000, \eta^2=.990$ ]. Os adolescentes entre os 13-14 anos apresentam maiores índices de *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com o pai ( $M=4.16, DP=.85$ ) que os jovens de 17-18 ( $M=3.74, DP=.98$ ) e de 19-23 anos ( $M=3.59, DP=1.06$ ). Foi ainda observado que os adolescentes de 15-16 anos parecem ser mais ansiosos e dependentes ( $M=4.04, DP=.92$ ) que os seus pares de 19-23 anos de idade. Ou seja, parece que com a idade diminui o grau de *Ansiedade de separação (e dependência)*. Dado algumas implicações teóricas referentes ao género, optámos por realizar uma ANCOVA a um factor, tendo como variável dependente a *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação

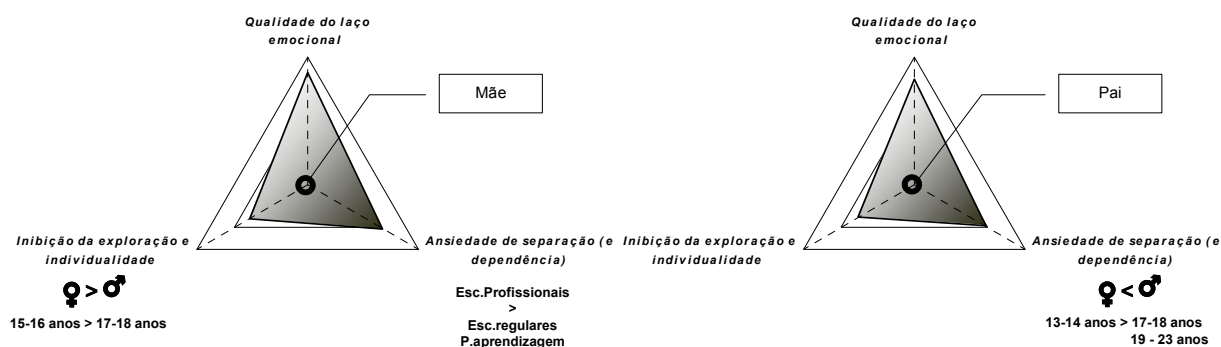
com o pai e como variável independente o **género**, controlados obviamente os efeitos da **idade**. Os resultados revelaram-se significativos [ $F(1, 585)=3.801$ ,  $p=.05$ ,  $\eta^2=.495$ ]. Assim, são os rapazes a deterem as médias mais baixas nesta dimensão ( $M=3.73$ ,  $DP=.92$ ) por comparação às raparigas ( $M=3.89$ ,  $DP=1.05$ ).

Para o **Tipo de formação frequentada** os resultados multivariados indicaram a existência de diferenças significativas [ $F(6, 1168)=3.685$ ,  $p=.001$ ,  $\eta^2=.961$ ], estando a diversidade patente na variável *Ansiedade de separação (e dependência)* [ $F(2, 585)=5.378$ ,  $p=.005$ ,  $\eta^2=.842$ ]. Dados os efeitos da **idade** obtidos na primeira análise quisemos controlar os seus efeitos através de uma ANCOVA. Assim, controlados os efeitos da idade, deixam de existir resultados significativos da instituição de frequência [ $F(2, 584)=2.897$ ,  $p=.062$ ] pelo que os resultados da MANOVA se revelaram espúrios.

Neste ponto é importante realizar uma síntese comparativa de resultados tendo em conta o género parental, pelo que uma análise à Figura 29 poderá ajudar o leitor a realizá-la.

FIGURA 29.

Variabilidade dimensional da Qualidade de vinculação à Mãe e ao Pai



**Nota:** A uma maior distância ao centro corresponde um valor médio mais elevado de acordo com os resultados dos testes t efectuados para o género parental. Médias em função das variáveis Género e Idade dos adolescentes (com possibilidade de interacção) e ainda Instituição formativa frequentada.

#### 2.2.1.3. Dimensões de vinculação na relação com os Pares amigos

Os resultados multivariados da MANOVA bifactorial revelaram não existirem efeitos de interacção entre **idade** e **género** [ $F(9, 1857)=.803$ ,  $p=.614$ ], nas dimensões que avaliam a qualidade relacional com os pares, porém, foram assinalados efeitos maiores quer da **idade** [ $F(9, 1857)=2.054$ ,  $p=.031$ ,  $\eta^2=.872$ ] quer do **género** [ $F(3, 617)=11.950$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=1.00$ ]. Os testes de efeitos entre sujeitos indicaram as diferenças de **género** na dimensão *Comunicação* [ $F(1, 619)=23.932$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.998$ ] e, da **idade** na *Alienação* [ $F(3, 619)=3.706$ ,  $p=.012$ ,  $\eta^2=.806$ ] e *Confiança* [ $F(3, 619)=3.855$ ,  $p=.009$ ,  $\eta^2=.822$ ]. Os testes *post hoc* revelam contudo que apenas na dimensão *Alienação* existem diferenças significativas a assinalar, com os jovens entre os 13-14 anos a revelarem menor grau



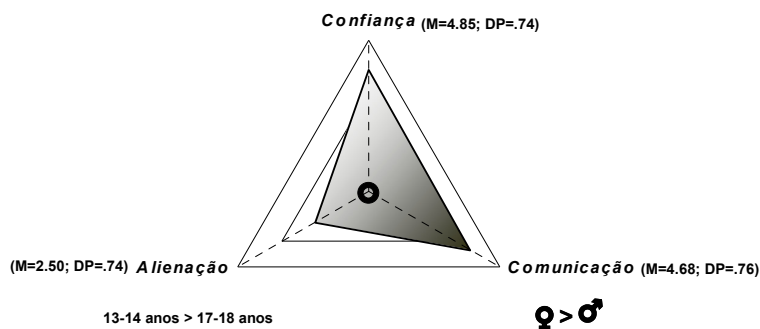
( $M=2.29$ ,  $DP=.77$ ) na relação com os amigos que os adolescentes de 17-18 anos de idade ( $M=2.59$ ,  $DP=.77$ ). Os jovens dos grupos de 15-16 anos ( $M=2.49$ ,  $DP=.68$ ) e de 19-23 anos ( $M=2.43$ ,  $DP=.70$ ) não apresentaram diferenças nem entre si nem com os restantes grupos. Quanto ao **género**, as raparigas revelam um grau mais elevado de *Comunicação* na relação de amizade ( $M=4.83$ ,  $DP=.68$ ) que os seus pares de género oposto ( $M=4.53$ ,  $DP=.80$ ).

No que diz respeito à qualidade relacional com os amigos nas diferentes instituições formativas, os resultados da MANOVA a um factor revelaram não existir diversidade [ $F(6, 1246)=1.321$ ,  $p=.245$ ], de outro modo, as diferenças na qualidade relacional dos jovens com os seus amigos não depende da instituição de formação que frequentam.

A representação gráfica da súpula destes resultados encontra-se na Figura 30.

FIGURA 30.

Variabilidade dimensional da Qualidade de vinculação/relacional aos Pares amigos



**Nota:** A uma maior distância ao centro corresponde um valor médio (total) mais elevado. Médias em função das variáveis Género e Idade dos adolescentes (com possibilidade de interação) e ainda Instituição formativa frequentada.

#### 2.2.1.4. Dimensões de vinculação na relação com o Par amoroso

Quando observados os resultados da MANOVA bifactorial (idadeXgénero) para as dimensões que avaliam a vinculação ao par amoroso, observou-se não existirem nem diferenças advindas de uma eventual interação [ $F(12, 1614)=1.084$ ,  $p=.369$ ] nem efeitos maiores da variável **idade** [ $F(12, 1614)=.984$ ,  $p=.462$ ]. Contudo foram observadas diferenças no que diz respeito ao **género** [ $F(4, 536)=.803$ ,  $p=.000$ ,  $\eta^2=.988$ ], nomeadamente nas dimensões *Confiança* [ $F(1, 539)=5.149$ ,  $p=.024$ ,  $\eta^2=.620$ ], *Dependência* [ $F(1, 539)=7.135$ ,  $p=.008$ ,  $\eta^2=.760$ ] e *Evitamento* [ $F(1, 539)=9.512$ ,  $p=.002$ ,  $\eta^2=.868$ ]. As adolescentes exibem níveis superiores de *Confiança* e *Dependência* e menores de *Evitamento* nas relações amorosas que os pares de género oposto (Quadro 13).

## QUADRO 13.

Médias e desvios-padrão das dimensões qualidade de vinculação ao par amoroso de acordo com o género

QVA Par Amoroso	Rapazes (n=262)		Raparigas (n=285)	
	M	DP	M	DP
Confiança	4.70 <sup>a</sup>	.48	4.83 <sup>b</sup>	.58
Dependência	3.37 <sup>a</sup>	.91	3.71 <sup>b</sup>	.91
Evitamento	2.69 <sup>a</sup>	.73	2.40 <sup>b</sup>	.80
Ambivalência	3.15	.83	3.35	.84

**Nota.** Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de  $p \leq .05$ .

Quando se fez variar a qualidade de vinculação ao par amoroso em função da duração da relação, verificou-se a existência de diferenças significativas [ $F(12, 1581)=1.854$ ,  $p=.036$ ,  $\eta^2=.904$ ], nomeadamente nas dimensões *Confiança* [ $F(3, 528)=3.632$ ,  $p=.013$ ,  $\eta^2=.797$ ] e *Evitamento* [ $F(3, 528)=5.715$ ,  $p=.001$ ,  $\eta^2=.948$ ], mesmo depois de controlados os efeitos do género através de uma MANCOVA a um factor, tendo por variável independente a duração da relação e como covariante o género enquanto variável “dummy” [ $F(6, 1054)=2.877$ ,  $p=.009$ ,  $\eta^2=.895$ ]. Os testes *post hoc* indicaram que os adolescentes com relações amorosas de duração **inferior a um ano** ( $M=4.72$ ,  $DP=.60$ ) confiavam menos no par amoroso que os que aqueles com relações que duraram ou duravam **há mais de dois anos** ( $M=4.96$ ,  $DP=.50$ ). Quanto aos grupos onde a duração da relação era de **um ano** ( $M=4.76$ ,  $DP=.51$ ) ou entre um a dois anos ( $M=4.78$ ,  $DP=.57$ ), não se verificou existirem diferenças significativas na comparação entre eles ou com os restantes grupos.

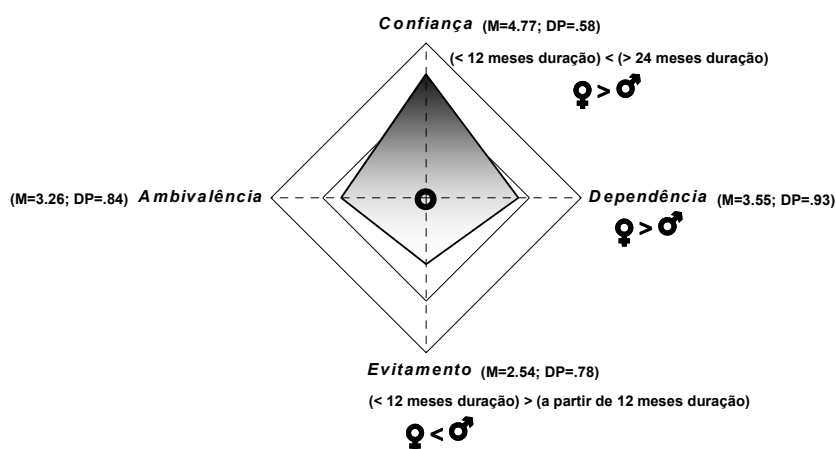
A duração da relação **menor que um ano** ( $M=2.64$ ,  $DP=.75$ ) fez variar o grau de *Evitamento* comparativamente a jovens com relações **entre um a dois anos** ( $M=2.38$ ,  $DP=.73$ ) e com **mais de dois anos** ( $M=2.29$ ,  $DP=.85$ ), não existindo resultados significantes a relatar para o grupo onde as relações tinham **um ano** de duração ( $M=2.54$ ,  $DP=.80$ ), ou seja, de um modo genérico, parece que a *Confiança aumenta e o Evitamento diminuiu* à medida que crescem no tempo as relações amorosas.

Quanto à variabilidade nas dimensões da vinculação amorosa em função do **Tipo de formação frequentada** não se encontraram resultados significativos [ $F(8, 1084)=.999$ ,  $p=.435$ ].

A síntese gráfica dos estudos de variabilidade emocional relativos ao par amoroso estão expostos na Figura 31.

FIGURA 31.

Variabilidade dimensional da Qualidade de vinculação ao Par amoroso



**Nota:** A uma maior distância ao centro corresponde um valor médio (total) mais elevado. Médias em função das variáveis Género e Idade dos adolescentes (com possibilidade de interacção), Instituição formativa frequentada e ainda Duração da relação amorosa.

#### 2.2.1.5. Discussão integrada de resultados

Optámos por realizar nesta discussão um confronto de resultados pai-mãe, já que a investigação sugere a existência de vinculação diferenciada de acordo com o género parental e dos adolescentes. De acordo com a teoria, seria de esperar médias mais elevadas de qualidade de vinculação entre mãe e filhos que entre pai e filhos (de ambos os géneros); sobretudo que estas médias fossem ainda mais elevadas entre mães e filhas, que entre mães e filhos (Buist *et al.*, 2002; Hunter & Youniss, 1982; Jiménez & Delgado, 2002; Matos, 2002; Matos *et al.*, 1998; Paterson *et al.*, 1994; Rice, 1990), porém, só encontramos estes resultados no que diz respeito às díades mãe-filha, e apenas no que concerne à *Ansiedade de separação (e dependência)*. Obviamente que na literatura encontramos também exemplos onde não se encontraram diferenças a este nível (Armsden & Greenberg, 1987; Parker, Tupling & Brown, 1979; Vivona, 2000). Podemos sugerir que as médias elevadas de *Qualidade do laço emocional* (bem acima do nível médio da escala que utilizámos, mais elevados contudo na relação com a mãe), parecem confirmar os estudos que referimos. Os níveis médios de *Inibição da exploração e independência* (ligeiramente acima do valor médio da escala, quer para o pai quer para a mãe), podem ser reveladores da revolução social que teve lugar em Portugal de 1960 para a actualidade transposta para o nível dos relacionamentos pais e filhos, nomeadamente a integração gradual das mulheres no mercado de trabalho e a progressiva equivalência de géneros ao nível das representações sociais que muito provavelmente, levaram ambos os progenitores a incentivarem as raparigas no sentido de uma maior exploração pessoal, permitindo uma concomitante independência emocional traduzida em médias inferiores de *Ansiedade de*

*separação*, porque desse processo depende a adequação social das raparigas. A este propósito reportamos alguns dados do texto de António Barreto (2002) “Mudança social em Portugal, 1960/2000”, nomeadamente as restrições existentes até 1976 ao ingresso feminino nas carreiras judicial e do Ministério Público, diplomática, polícia e forças armadas, de direito ao voto, de livre circulação e de capacidade legal e comercial. As mudanças em três décadas são de tal modo salientes no sentido da equidade de género, que “*Em muitos sectores de actividade, como a Administração Pública e os serviços (especialmente na saúde e na educação), as mulheres são maioritárias. A população estudantil universitária é maioritariamente feminina (cerca de 56%) e são as mulheres que, anualmente, obtêm a maior parte (65%) dos diplomas universitários.*” (António Barreto, 2002, p.11).

Os valores mais elevados de *Ansiedade de separação (e dependência)* para as raparigas na relação com a mãe estão ainda de acordo com os resultados relatados a propósito do recurso aos pais para preenchimento das funções de vinculação, onde um recurso maior das raparigas à mãe sugere uma maior *Ansiedade de separação e dependência* dessa figura.

Relativamente à idade observa-se que as diferenças se centram à volta dos 15-16 anos. Assim, os jovens da amostra exibem maiores índices de *Inibição da exploração e individualidade* na relação com a mãe nos 15-16 anos que nos 19-23 anos, assim como a *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com o pai é maior dos 13 aos 15 anos que dos 17 aos 23 anos e, aos 15-16 que aos 19-23.

Estes resultados fazem todo o sentido no âmbito da psicologia desenvolvimental, ao salientarem a média adolescência como o período onde simultaneamente há que cumprir as tarefas de ganho de autonomia e de capacidade de decisão face aos pais, reajustando ao mesmo tempo (mas não diminuindo qualitativamente) o relacionamento com os prestadores de cuidados até então. Pensamos que é justamente esta tarefa normativa que se coloca aos adolescentes que os resultados espelham. Enquanto que os adolescentes mais novos da amostra (dos 13 aos 16 anos) iniciam a construção de uma identidade com referência ao outro igual, a partir desse momento a tarefa da individuação exige um afastamento emocional ainda maior da realidade complementar que era conhecida até aí: as relações com os pais. Estudos acerca de comunicação e conflito familiar na adolescência (Jiménez & Delgado, 2002; Oliva & Parra, 2001) indicam a existência de uma tendência ao decréscimo dos conflitos com os pais ao longo de toda a adolescência, sendo que os próprios autores sugerem que as diferenças seriam mais acentuadas se ainda se tivessem obtido valores de conflito de comparação nas idades além dos 19 anos. Assim sendo é natural que seja justamente entre o pico da construção da individualidade e o aumento posterior que se dá na comunicação com ambos os pais (revelador do processo complementar de *separação/individuação*) que encontremos as diferenças relativas à *Inibição da exploração e*

*individualidade*. Esta diferença não é mais que a percepção da interferência em áreas que o adolescente entende como estritamente pessoais, sobretudo com a mãe, que até aí e na realidade portuguesa é a figura mais presente num dos contextos onde se desenrola o *guião* para a identidade: a escola. Dizemos *um dos contextos*, dado que neste momento a *Internet*, com os “Chats”, o “Hi-Fi”, a “Blogosfera”, a televisão, enfim os *média* são um contexto que pode até ultrapassar em importância o contexto escolar, enquanto *guião* para a construção da identidade. Por outro lado, sabemos que a adaptação às novas realidades relacionais na *média* adolescência permitem (no 10º ano) que se percepcionem as relações com os pais como menos calorosas e mais rejeitantes que no final da infância (Doyle, Moretti, Voss & Margolese, 2003). Assim é coerente pensar que os níveis de *Ansiedade de separação (e dependência)* sejam mais elevados nos adolescentes mais novos, já que a partir daí a dependência psicológica passará a estar mais relacionada com os pares. Tendo em conta que alguma investigação refere que a construção da autonomia e da identidade se associa positivamente à rejeição *versus* aceitação parental (Ryan & Lynch, 1989), que existe uma redução do contacto com os pais na adolescência (Collins, 1997), e ainda que são os rapazes a sofrerem um menor apoio parental aos 15-16 anos por comparação às idades entre 12-14 anos e 17-19 anos (Jiménez & Delgado, 2002; Oliva & Parra, 2001; Oliva *et al.*, 2002a e b), estes resultados espelham provavelmente as médias inferiores de *Ansiedade de separação (e dependência)* provenientes destes factores, quando temos em conta a relação entre pai e filho rapaz.

Finalmente estes resultados indicam que comparativamente aos adolescentes das escolas regulares e dos pólos de aprendizagem, os jovens das escolas profissionais exibem médias inferiores de *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com a mãe, quando controlados os efeitos de género. Consideramos que estes resultados se associam ao facto de que as escolas profissionais, pela própria natureza da rede de escolas, têm um maior número de alunos “deslocados” que as suas congéneres regular e de aprendizagem. Na cidade do Porto existiam no ano de 2005/2006 18 escolas profissionais, o mesmo número que em todo o distrito do Porto (exceptuando a cidade). A especificidade de muitos destes cursos (artes do espectáculo, restauro, trabalhos de pedra), requer que os formandos se desloquem quer do Porto (cidade) para outras localidades do distrito, quer de fora da cidade para o interior da mesma (*vide* [www.dren.min-educ.pt](http://www.dren.min-educ.pt)). As informações que acabámos de integrar tiveram também eco em conversas informais com responsáveis das diversas escolas profissionais que acederam participar no estudo. Sendo assim, é muito provável que a separação parental não tenha como consequência elevados graus de *Ansiedade de separação (e dependência)* nos jovens das escolas profissionais, porque a escolha é apoiada e incentivada pelos pais. Ao invés, parece existir um aumento de autonomia através da escolha vocacional apoiada que implica muitas vezes distanciamento

parental. Por comparação, os alunos das escolas regulares (o acesso é condicionado pela residência) ou dos pólos de aprendizagem (dado que a selecção dos cursos é efectuada pelos centros de emprego das áreas de residência, o que restringe também o perímetro de proveniência), terão por isso um processo de *construção da autonomia e identidade* que envolve maior controlo e proximidade, o que poderá suscitar maiores níveis de *Ansiedade de separação (e dependência)*.

Por seu turno, o estudo dimensional da vinculação aos pares indicou que nesta amostra as raparigas detêm um grau de *Comunicação* mais elevado que os rapazes e que, genericamente, a média da dimensão *Alienação* é significativamente menor aos 13-14 anos que aos 17-18 anos (embora o gráfico das médias seja ascendente até ao pico máximo entre os 17-18 anos, decrescendo posteriormente para níveis abaixo do nível atingido aos 15-16 anos).

Na adolescência a investigação encontra evidência de uma maior qualidade relacional nas relações de pares por parte das raparigas que por parte dos rapazes (Berndt & Keefe, 1995; Burhmester, 1990; Furman & Buhrmester, 1992; Giordano, 2003; Neves *et al.*, 1999; Paterson *et al.*, 1994; Shulman *et al.*, 1997; Wilkinson & Sarandrea, 2005). São sobretudo as características de um maior nível de abertura comunicacional, de intimidade e de envolvimento comunicacional que providenciam estas conclusões. Num estudo em particular já referido (Grabill & Kerns, 2000), observou-se justamente que nas díades de amigas femininas os graus de exposição e abertura pessoais (quer relatados quer observados), a responsividade e a qualidade da amizade eram significativamente superiores às masculinas. Quando as relações de amizade são mistas estes níveis dimensionais que se aliam à comunicação são superiores às de amizades entre pares masculinos (para uma revisão *vide* Diamond & Dubé, 2001). Os nossos resultados são concordantes também com os estudos acerca das componentes de vinculação. Markiewicz e colaboradores (2006) referem justamente que as raparigas utilizam mais os melhores amigos (normalmente melhores amigas) para a função de *Porto seguro* (onde a disponibilidade do ouvir e do falar é essencial), enquanto os rapazes utilizam mais o pai.

Quanto aos resultados referentes à idade, em que as médias de *Alienação* são mais elevadas aos 17-18 anos que aos 13-14, trata-se provavelmente da concorrência do contexto amoroso, de acordo aliás com os resultados obtidos relativamente às funções de vinculação. À medida que a constelação relacional se alarga com as relações amorosas, os adolescentes terão sentimentos de necessidade de proximidade e contacto relacional com os amigos, ao mesmo tempo que concorrem neste processo emoções de separação e afastamento. Nesta amostra isto é mais saliente, já que os adolescentes entre os 17-18 anos têm na sua maioria relações amorosas inferiores a um ano de duração (tendo como consequência uma maior insegurança e provavelmente um maior investimento na

proximidade física e emocional ao par amoroso), enquanto que entre os 19-23 anos quase metade das relações é superior a um ano. Estes valores parecem indiciar uma maior confiança e intimidade e possivelmente uma disponibilidade maior para investir nas relações de amizade. Estes resultados coadunam-se ainda com as conclusões de alguns estudos acerca das hierarquias de vinculação e da progressiva elevação do par amoroso por comparação ao par amigo (Hazan & Zeifman, 1994, 1999, Zeifman & Hazan, 1997; Trinke & Bartholomew, 1997).

Em termos da instituição formativa não se aguardavam resultados diferenciais significativos, já que a importância do grupo de pares em qualquer um dos contextos formativos é equivalente, mesmo tendo em conta que os alunos das escolas regulares são mais novos, em média, que os restantes adolescentes da amostra, o que veio a suceder; do mesmo modo, não foi encontrada variabilidade nas dimensões de vinculação ao par amoroso em função da instituição formativa frequentada, pensamos que pelas mesmas razões.

Os nossos resultados estão também de acordo com muitos estudos acerca da variabilidade das dimensões de vinculação na relação com o par amoroso em função a idade e do género (*vide* entre outros os estudos de Connolly e Johnson (1996) ou de Taradash *et al.*, 2001).

As raparigas exibiram maiores níveis de *Confiança* e *Dependência* nas relações amorosa que os rapazes e estes, um maior grau de *Evitamento*. Estes resultados evidenciam um robusto corpo teórico que indica que as percepções das relações românticas na adolescência são diferenciadas por género e, que esta diferenciação é mais positiva e investida por parte das raparigas (Connolly & Johnson, 1996; Shulman *et al.*, 1997; Shulman & Scharf, 2000; Taradash *et al.*, 2001). Pensamos que estas diferenças têm diversos fundamentos e não poderemos dar-lhes apenas uma explicação. Desde logo os papéis sociais que vão sendo atribuídos incluem jogos e brincadeiras que induzem as raparigas a serem prestadoras de cuidados e a responderem à vulnerabilidade dos outros (por exemplo de bebés) com maior disponibilidade que os rapazes. Os últimos, por seu turno, são endereçados a brincadeiras onde a dominação física é visível (jogos de destruição, os carros que chocam, guerras, etc.). Algumas teorias sugerem que é justamente a sobrevivência da espécie que induz esta “aculturação” na medida em que atribui às mulheres o papel de cuidar da prole ao nível mais imediato e mais íntimo e, aos homens um papel de protecção física. Posteriormente e já na adolescência, percebemos que as relações de proximidade entre pares rapazes do mesmo género são objecto de comportamentos de segregação homofóbica, enquanto que as relações íntimas das raparigas são apoiadas e advogadas. Obviamente que estes comportamentos sociais vão sendo traduzidos de tal modo que as relações dos adolescentes são visivelmente mais

diádicas entre raparigas e mais grupais entre rapazes (Markovits *et al.*, 2001), o que provavelmente terá um correlato posterior nas relações amorosas (para uma síntese acerca das diferenças de género, *vide* Benenson, 2005).

Por outro lado, se na adolescência a qualidade de vinculação aos pares amigos se associa à vinculação ao par amoroso (Connolly & Johnson, 1996; Furman, 1999; Shulman & Scharf, 2000; Simpson *et al.*, 2007 a e b), as próprias características de maior intimidade e exposição pessoal das relações diferenciadas por género estarão ainda mais salientadas.

Não se encontraram resultados significativos em função da **idade**. Não seria aliás de aguardar que tal sucedesse, já que teoricamente não é a idade mas antes a duração da relação íntima que promove a variância na vinculação amorosa. Poderíamos especular que a idade influencia essa duração, já que as relações amorosas começam a introduzir-se na realidade relacional tipicamente no início da adolescência e após processos de interacção que passam por sequências de relações típicas com pares do mesmo género, grupos alargados de pares mistos e possibilidade de relação amorosa dentro destes últimos grupos (*vide* Connolly *et al.*, 2000; Furman, 1999, 2000). Em todo o caso seria a **duração das relações** e não a idade o factor de variância. Note-se ainda que o modelo de Hazan refere exactamente a barreira dos dois anos como condição à existência de uma relação de vinculação romântica, pelo que a ausência de resultados em função da idade mas a existência de resultados em função da duração da relação estão de acordo com a teoria (Zeifman & Hazan, 1997; Hazan & Zeifman, 1994, 1999).

### **2.2.2. Relações entre dimensões de vinculação (nos quatro contextos relacionais), os acontecimentos de vida e a qualidade mediadora da auto-estima**

Continuando ainda na área do segundo grupo de hipóteses, este estudo quis ainda observar que associações correlacionais existiam entre as dimensões de vinculação na relação com pais, pares e par amoroso. Para além destas associações, pretendeu-se ainda verificar até que ponto o número e a intensidade dos acontecimentos de vida se associavam às dimensões que avaliam a qualidade da vinculação nos quatro contextos em estudo. Finalmente, a *Path analysis* foi a ferramenta utilizada para avaliar a qualidade mediacional da auto-estima nas as associações entre a qualidade relacional com os pais e com os pares.

#### **2.2.2.1. Relações entre dimensões de vinculação aos pais, pares e par amoroso**

Os resultados correlacionais (Quadro 14., p. 236) que investigaram as associações entre as dimensões de vinculação aos pais, pares e par amoroso<sup>112</sup> revelaram a existência de uma forte associação positiva entre a dimensão *Inibição da exploração e individualidade*

<sup>112</sup> Não serão apresentadas as correlações intra-escalas já que apresentadas aquando das análises factoriais confirmatórias de 1ª ordem.



na relação com a mãe e pai, o mesmo sucedendo para a *Ansiedade de separação (e dependência)*. Relativamente a *Qualidade do laço emocional*, a correlação pai/mãe revelou-se positiva e moderada. Deste modo **existe positividade entre as mesmas dimensões para pai e mãe**. A *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com o pai e a *Inibição da exploração e individualidade* na relação com a mãe (e vice-versa) não se associam de modo significativo, enquanto que a associação entre *Qualidade do laço emocional* e *Inibição da exploração e individualidade* (pai e mãe nos dois sentidos), verificou-se ser negativa e de pequena magnitude, ou seja a presença de uma destas dimensões faz variar a remanescente no sentido contrário. A *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com a mãe e *Qualidade do laço emocional* na relação com o pai associam-se de forma fraca e positiva, porém, se se tratar da *Ansiedade de separação (e dependência)* com o pai e de *Qualidade do laço emocional* com a mãe, a associação é igualmente positiva embora moderada. Em suma, embora a associação entre *Qualidade do laço emocional* e *Ansiedade de separação (e dependência)* para pai e mãe sigam o sentido preconizado teoricamente nas análises factoriais confirmatórias de 1ª ordem (pai e mãe separadamente), a grandeza é maior quando se trata da *Qualidade do laço emocional* à mãe e da *Ansiedade de separação (e dependência)* ao pai.

Relativamente a associações entre as **dimensões de vinculação** a cada uma das figuras **parentais** e a **qualidade relacional com os pares**, os resultados revelam correlações muito similares tanto em grandeza quanto em significância. De forma sucinta podemos dizer que existe uma associação fraca e negativa entre a *Comunicação* com os pares e a *Inibição da exploração e individualidade* aos pais, sendo igualmente fracas mas positivas as associações entre *Qualidade do laço emocional* e *Ansiedade de separação (e dependência)* aos pais e *Comunicação* com os pares. Relativamente à *Alienação*, embora a *Inibição da exploração e individualidade* com ambos os pais se associe a ela positivamente, a magnitude é maior na associação com a figura materna. A *Qualidade do laço emocional* aos pais detém com a *Comunicação* uma correlação fraca e negativa. A mesma *Comunicação* associa-se com a *Ansiedade de separação (e dependência)* apenas com a mãe. Encontraram-se associações significativas entre *Confiança* aos pares e as dimensões de vinculação aos pais *Inibição da exploração e individualidade* (negativas) e *Qualidade do laço emocional* (positivas). Estas últimas, embora fracas, revelaram-se equivalentes para pai e mãe, conquanto sejam mais robustas relativamente à figura materna que à paterna.

Quando analisadas as correlações entre as dimensões de **vinculação aos pais** e de **qualidade da vinculação amorosa**, os resultados apontaram para correlações fracas entre *Inibição da exploração e individualidade* a ambos os pais e *Confiança*, *Dependência*, *Evitamento* e *Ambivalência*, sendo de sentido negativo apenas a primeira entre elas. Enquanto que a *Qualidade do laço emocional* com o pai se associa à *Ambivalência* na

relação amorosa (fraca e negativamente), a *Qualidade do laço emocional* à mãe só não obteve resultados significativos na associação com a *Dependência*; com o *Evitamento* e a *Ambivalência*, as correlações eram fracas e negativas e com *Confiança*, fraca e positiva. Finalmente a *Ansiedade de separação* (e *dependência*) com o pai e a mãe apenas revelaram associar-se positivamente com a dimensão *Dependência* na relação com o par amoroso, embora a força seja maior na relação com a mãe que com o pai (Quadro 14).

#### QUADRO 14.

Valores de r de Pearson entre dimensões que avaliam a qualidade de vinculação nos quatro domínios relacionais

Términos Parentales											
		Vinculação Pai			Vinculação Pares			Vinculação Par amoroso			
		Inibição da exploração e individualidade	Qualidade do laço emocional	Ansiedade de separação (e dependência)	Comunicação	Alienação	Confiança	Confiança	Depend.	Evita.	Ambiv.
Vinc.Mãe	Inibição da exploração e individualidade	.770**	-.267**	-.052	-.142**	.320**	-.242**	-.166**	.125**	.144**	.269**
	Qualidade do laço emocional	-.239**	.461**	.373**	.201**	-.192**	.256**	.190**	.056	-.115**	-.124**
	Ansiedade de separação (e dependência)	.009	.196**	.651**	.145**	.082*	.083	.072	.280**	-.073	.069
Vinc.Pai	Inibição da exploração e individualidade				-.108*	.287**	-.189**	-.171**	.087*	.165**	.245**
	Qualidade do laço emocional				.140**	-.152**	.213**	.047	-.028	-.051	-.129**
	Ansiedade de separação (e dependência)				.103*	.061	.085	-.025	.177**	-.023	.041
Vinc.Pares	Comunicação							.199**	.141**	-.205**	-.010
	Alienação							-.257**	.062	.194**	.266**
	Confiança							.226**	.035	-.146**	-.130**

**Legenda.** Depend.: Dependência; Evit.: Evitamento; Ambiv.: Ambivalência.

**Nota.** \* Correlação significativa ao nível  $p \leq .05$  e \*\* Correlação significativa ao nível  $p \leq .01$ .

Quanto às relações entre dimensões que avaliam a **vinculação a pares** (amigos e amoroso) verificamos que a dimensão *Comunicação* na relação com os pares se associa fraca e positivamente às dimensões *Confiança* e *Dependência* ao **par amoroso** e, igualmente fraca todavia negativa à dimensão *Evitamento* na relação amorosa. Não se encontraram resultados que associem as dimensões *Comunicação* na relação de amizade e *Ambivalência* ao par amoroso. A *Alienação* na relação com os amigos associa-se fraca e negativamente à *Confiança* na relação amorosa, porém, a associação que faz às dimensões *Evitamento* e *Ambivalência* na relação amorosa é positiva embora de novo fraca. Nesta amostra não se observa associação entre a *Alienação* aos amigos e *Dependência* ao par amoroso. Por seu turno, a *Confiança* na relação de pares associa-se positivamente, como seria aliás de esperar, à *Confiança* desta feita ao par amoroso (embora com magnitude fraca). Existem ainda correlações fracas e negativas entre *Confiança* na relação com os

amigos e *Evitamento e Ambivalência* ao par amoroso. A *Confiança* na relação de pares não se associa à *Dependência* ao par amoroso.

#### 2.2.2.2. Qualidade mediadora da auto-estima

O modelo para avaliação da mediação da **auto-estima** pressupunha associações **directas da Qualidade da vinculação aos pais** com a auto-estima, e **directas e indirectas da Qualidade da vinculação a cada um dos pais à Qualidade dos relacionamentos com pares e par amoroso** (embora com este último não se aguardassem serem tão robustas ou serem mesmo não significativas por oposição às associações entre pais e pares). Dos respectivos modelos iniciais, foram retirados os caminhos sem significância ( $p < .05$ ) para as equações de medida, pelo que, embora essas vias sejam apresentadas, os valores reportados são os do modelo ( $p \geq .05$ ) exceptuando essas vias. Quer os modelos relacionais com a mãe, quer com o pai, apresentaram bons índices de ajustamento (vide Figura 32).

Os resultados obtidos para o modelo onde a **Qualidade de vinculação à mãe** é a variável exógena (Figura 32 a) sugerem que de facto a relação entre a vinculação à mãe e a **Qualidade relacional com pares** é **parcialmente mediada** através da auto-estima ( $\beta^{\text{ind}} = .06$ ,  $ep = .017$ ,  $z = 3.997$ ;  $\beta^{\text{tot}} = .17$ ,  $ep = .019$ ,  $z = 3.877$ ), enquanto que a relação com a **Qualidade de vinculação ao par amoroso** é também **parcialmente mediada**, porém, através da auto-estima e da relação com os pares ( $\beta^{\text{ind}} = .03$ ,  $ep = .013$ ,  $z = 2.874$ ;  $\beta^{\text{tot}} = .17$ ,  $ep = .052$ ,  $z = 4.202$ ).

Note-se desde logo o equilíbrio do peso total do relacionamento da mãe na qualidade relacional dos outros dois contextos.

Quanto ao modelo cuja variável preditora é a da **Qualidade da vinculação com o Pai**, verificou-se uma associação **parcialmente mediada** pela auto-estima com a **Qualidade relacional com pares** ( $\beta^{\text{ind}} = .05$ ,  $ep = .012$ ,  $z = 3.502$ ;  $\beta^{\text{tot}} = .15$ ,  $ep = .037$ ,  $z = 3.314$ ), porém, uma **mediação total** através da auto-estima e da Qualidade relacional com os pares na **Qualidade de vinculação ao Par amoroso** ( $\beta^{\text{tot}} = .03$ ,  $ep = .010$ ,  $z = 2.743$ ).

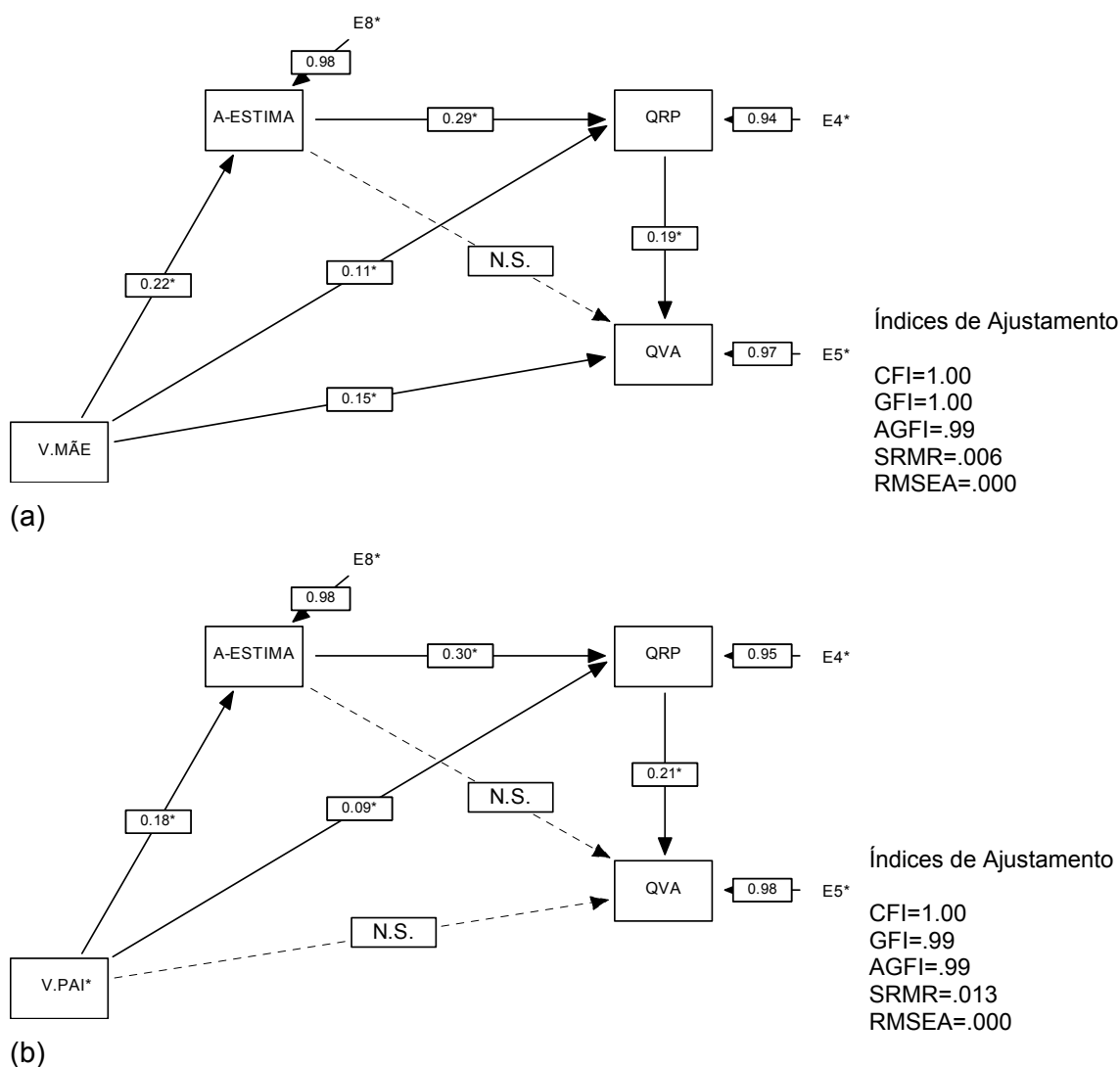
A auto-estima aparece nestas idades, segundo este modelo, como um sub-produto da vinculação aos pais ( $\beta_{\text{Mãe}} = .22$ ;  $\beta_{\text{Pai}} = .18$ ), e curiosamente sem que aparentemente exista uma predição directa da auto-estima na relação amorosa. Os resultados evidenciaram sim uma associação totalmente mediada ( $\beta^{\text{ind.AUTO-ESTIMA Mãe}} = .05$ ,  $ep = .030$ ,  $z = 3.614$ ;  $\beta^{\text{ind.AUTO-ESTIMA Pai}} = .06$ ,  $ep = .032$ ,  $z = 3.995$ ).

Assim, confirma-se a nossa hipótese de que a auto-estima global parece também advir da internalização do modelo do *self* pessoal, construído na relação com os pais e que esta associação se estende, de algum modo através dessa mesma imagem, ao domínio relacional do par amoroso (embora de forma já bastante enfraquecida, porém significativa).

Quanto ao valor explicativo das equações, de facto os valores de  $R^2$  são fracos, indicando que muito provavelmente existe uma constelação de variáveis não incluídas neste estudo que claramente terão valor preditivo nas variáveis endógenas do modelo. Assim, o modelo da mãe e o do pai explicam 11% da variância da qualidade relacional com os pares, observando-se ligeiras diferenças entre os modelos, com superioridade do valor explicativo no modelo da mãe, quer quanto à auto-estima, quer quanto à qualidade relacional com o par amoroso ( $R^{2\text{AUTO-ESTIMA}}_{\text{Mãe}}=.046$  (5%) vs.  $R^{2\text{AUTO-ESTIMA}}_{\text{Pai}}=.031$  (3%);  $R^{2\text{QVA}}_{\text{Mãe}}=.067$  (7%) vs.  $R^{2\text{QVA}}_{\text{Pai}}=.045$  (5%).

FIGURA 32.

Modelos de associação entre Qualidade de vinculação à Mãe (a) e ao Pai (b), Pares e Par amoroso, tendo por mediador a auto-estima



**Legenda.** VPai: Qualidade de Vinculação ao Pai; VMãe: Qualidade de Vinculação à Mãe; QRP: Qualidade de vinculação aos Pares; QVA: Qualidade de vinculação ao Par amoroso; A-Estima: Auto-estima Global.

**Nota:** a linha a tracejado representa a não significância do caminho ( $p \geq .05$ ). a =  $\chi^2=199$ , gl=1, b =  $\chi^2=831$ , gl=2.

## 2.2.2.3. Acontecimentos de vida

Relativamente aos **acontecimentos de vida** apenas se encontraram resultados significativos nas dimensões de vinculação com os **pais** e com o **par amoroso** e sempre referentes quer ao **Número** quer à **Intensidade de avaliação dos acontecimentos negativos** (Quadro 15).

## QUADRO 15.

Valores de r de Pearson, dimensões Qualidade de vinculação Mãe e Pai, Pares e Par amoroso e acontecimentos de vida

Vinculação		Acontecimentos de vida			
		Intensidade		Número	
		Positivos	Negativos	Positivos	Negativos
Mãe	Inibição da exploração e individualidade	.022	.070	.027	.070
	Qualidade do laço emocional	-.048	.149**	-.032	-.103*
	Ansiedade de separação (e dependência)	-.080	-.154**	-.052	-.142**
Pai	Inibição da exploração e individualidade	.019	-.085	.034	.104**
	Qualidade do laço emocional	-.041	-.147**	-.018	-.113**
	Ansiedade de separação (e dependência)	-.057	-.156**	-.020	-.140**
Pares	Comunicação	-.075	.023	-.072	-.010
	Alienação	.002	.044	.001	.074
	Confiança	-.080	-.026	-.036	-.086
Par amoroso	Confiança	.066	-.074	.064	-.101
	Dependência	.062	-.016	.044	-.013
	Evitamento	-.038	-.119*	-.027	.117*
	Ambivalência	-.024	.187**	-.048	.188**

Nota. \* Correlação significativa ao nível  $p \leq .05$  e \*\* Correlação significativa ao nível  $p \leq .01$ .

Quanto à dimensão em que os jovens avaliavam a **Intensidade dos acontecimentos de vida negativos** foram encontradas associações significativas (embora fracas) com as dimensões *Qualidade do laço emocional* e *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com a mãe. Assim, **quanto maior a intensidade negativa** na avaliação, **maior a Qualidade do laço**, e inversamente, **quanto menor a intensidade negativa**, **maior a Ansiedade de separação (e dependência)**. Se esta observação quanto ao grau de *Ansiedade de separação (e dependência)* tem um reflexo na relação com o pai, o mesmo já não sucede com a *Qualidade do laço emocional* onde os resultados foram contrários aos da mãe (embora a magnitude seja igualmente fraca). Assim, **quanto mais positiva a avaliação dos acontecimentos negativos**, maior a *Qualidade do laço emocional* com o pai.

Ainda com o pai foi encontrada uma associação fraca e positiva entre a *Inibição da exploração e individualidade* e o **Número de acontecimentos de vida negativos relatados**.

Não foram encontradas associações significativas entre qualquer uma das dimensões que neste estudo avaliam a vinculação aos pares e aos acontecimentos de vida. Estes resultados estão de acordo com o estudo de Armsden e Greenberg (1987) onde também

não se encontraram associações significativas entre a avaliação dos acontecimentos de vida positivos e negativos e a vinculação aos pares tal como avaliada através do *Inventory of Parent and Peer Attachment*. Pensamos contudo que em análises por género e por tipo de acontecimentos de vida poderiam sugerir algumas diferenças, como é provável também que uma análise realizada por entrevistas sugerisse, com maior exactidão, quais os acontecimentos de vida que eventualmente afectam as relações de amizade.

Quanto à vinculação ao par amoroso foram encontradas associações significativas positivas (de fraca magnitude) entre as dimensões *Evitamento* e *Ambivalência* quer com o **Número de acontecimentos de vida negativos relatados** quer com a **Intensidade dos acontecimentos negativos**.

#### 2.2.2.4. Discussão integrada de resultados

Que associações se observam entre as dimensões que avaliam os quatro contextos dimensionais em estudo? Iniciemos esta discussão por comparar os resultados das representações para o pai e a mãe.

Desde logo uma primeira leitura permite observar que embora haja uma percentagem de variância comum entre as mesmas dimensões para os dois géneros parentais (entre 21.2% e 59.3%), a mesma leitura compreende também que há, convexamente, uma variância em separado indiciadora justamente que as relações com pai e mãe deverão ser analisadas separadamente. Muito embora a maioria dos estudos acerca da vinculação aos pais tenha sido realizada sem distinção de género parental, o papel diferenciado de cada um começa a ser reconhecido e a ser fruto de teoria e investigação (Klohnen *et al.*, 2005; La Guardia, Ryan, Couchman & Deci, 2000; Ryan, La Guardia, Solky-Butzel, Chirkov & Kim, 2005; Markiewicz *et al.*, 2006; Matos, 2002; Paterson *et al.*, 1994; Trinke & Bartholomew, 1997).

Verificamos ainda que a relação entre as diferentes dimensões na relação com a mãe se associam, em termos de direcção, com as diferentes dimensões na relação com o pai, de modo similar às correlações observadas nas análises factoriais de primeira ordem e muito próximos aos valores obtidos com o mesmo instrumento por Matos (2002).

As associações encontradas entre as dimensões de vinculação na relação com cada um dos pais e as dimensões da vinculação aos pares amigos, sugerem também que a vinculação à mãe por comparação à do pai se associa de modo ligeiramente mais robusto à relação com os amigos, pese embora as influências de cada um sejam exactamente no mesmo sentido. Estes resultados são concordantes com a teoria e os estudos que associam a vinculação na adolescência e jovem adultícia aos pais (ou dimensões de vinculação aos pais) e a vinculação aos pares (ou dimensões de vinculação aos pares), por exemplo de

Bartholomew e Horowitz (1991), Hazan e Shaver (1987), Hazan e Zeifman, 1999, Klohnen e colaboradores (2005) e Ryan e colaboradores (2005).

Os nossos resultados associaram também a vinculação à mãe e ao pai com a vinculação ao par amoroso, porém, enquanto que até aqui os resultados eram muito similares para as associações com as dimensões pai e mãe, na dimensão *Qualidade do laço emocional* para a mãe e a **vinculação ao par amoroso** encontramos três associações significativas (*Confiança*, *Evitamento* e *Ambivalência*) enquanto que na mesma dimensão para o pai encontramos apenas uma associação significativa, com a *Ambivalência*.

A investigação tem dado suporte empírico ao pressuposto teórico de Bowlby acerca da influência dos modelos internos de funcionamento na relação com os pais/prestadores de cuidados iniciais e as representações de vinculação das relações posteriores de pares, quer amigos quer amorosos. No âmbito das relações românticas salienta-se o trabalho de Wyndol Furman e colaboradores (Furman, 1999, 2001; Furman *et al.*, 2002; Furman & Wehner, 1994, 1997), que encontrou evidência justamente que as relações com pais e pares amigos e amorosos na adolescência são diferentes, porém relacionadas entre si, quer em relação à concordância entre modelos internos de funcionamento, quer em termos de dimensões tais como percepções de apoio nas relações de pais e nas amorosas. Gray e Steinberg (1999) aprontam conclusões no mesmo sentido num artigo teórico de revisão de estudos acerca das relações românticas na adolescência.

Collins e Sroufe (1999) encontraram também evidência de associações entre o ambiente familiar, carinho e disponibilidade parentais e a capacidade para o relacionamento e a intimidade com pares na adolescência. Mais próximos ainda aos nossos resultados estão as conclusões do casal Grossmann e colaboradores (Grossmann & Grossman, 2004, 2005; Grossmann *et al.*, 1999, 2005), que nos seus estudos longitudinais observaram a ligação entre representações de vinculação aos pais e pares na pré-adolescência e jovem adultícia, mas mais que isso, referem uma influência diferenciada por género parental, onde as relações com as mães se aliavam mais às questões do contacto relacional e as relações com o pai mais com a capacidade de exploração segura.

De facto os nossos resultados sugerem um padrão em que a *Qualidade do laço emocional* à mãe, por comparação à do pai, tem mais associações com as dimensões da vinculação amorosa, obviamente com correlatos ao nível da *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com a mãe que se associa mais robustamente com a *Dependência* amorosa. Por outro lado, nas questões da *Inibição da exploração e individualidade* não encontramos, aparentemente, resultados que diferenciem claramente as associações por género parental, embora tenhamos observado uma concordância genérica entre direcção e magnitude de correlações nas relações a pai e mãe.

Finalmente, e em consonância com estudos que associam as relações de amizade com as relações ao par amoroso, ao nível da vinculação na adolescência (Connolly *et al.*, 2000; Connolly & Jonhson, 1996; Connolly & Goldberg, 1999; Klohen *et al.*, 2005, Freeman & Newland, 2002; Furman, 1999, 2001; Furman & Simon, 1999; Furman & Whener, 1994; Simon *et al.*, 2000; Taradash *et al.*, 2001; Shulman *et al.*, 1997; Shulman & Scharf, 2000), também nesta amostra se associam as representações de vinculação aos pares com as representações de vinculação ao par amoroso.

Os resultados estão em conformidade com uma perspectiva que observa as relações ao par amoroso dentro de uma realidade social mais alargada, a dos grupos de pares amigos, sendo que enquanto os últimos providenciam o contexto para as aprendizagens da autonomia, intimidade e identidade no quadro de relações filiais, servirão de referência (em conjunto com os modelos cognitivos de funcionamento associados à relação com os pais) às relações de uma natureza que integra já componentes sexuais – as amorosas. Repare-se que quanto maiores os níveis de *Comunicação* e *Confiança* na relação com os pares, maiores os níveis de *Confiança* e *Dependência* e menores de *Evitamento* e *Ambivalência* com o par amoroso. Por outro lado, quanto maiores os graus de *Alienação* na relação com os amigos, menor a *Confiança* mas maior o *Evitamento* e *Ambivalência* na relação romântica. Trata-se por isso de observar a promoção da segurança e da insegurança na relação amorosa através dos seus equivalentes na relação com os pares. Aliás nesta fase do desenvolvimento, o próprio processo de construção de identidade e autonomia promove um afastamento aos pais e uma proximidade aos pares, proximidade esta onde inevitavelmente surgem as relações amorosas. Muito possivelmente esta associação não será tão forte ao longo da adultícia, quando as relações de vinculação amorosas se estabelecem na hierarquia emocional em alternância ou em lugar superior às dos pais.

Concluimos assim da associação (previsível) entre as dimensões de vinculação nos diferentes contextos relacionais na adolescência.

A partir da formulação da teoria da vinculação, nomeadamente no que diz respeito à internalização da imagem de si a partir das diversas relações significativas ao longo do ciclo vital, aguardávamos a existência de associações entre todas as relações em estudo e a variável auto-estima. Evidentemente que podemos pensar com alguma certeza que a relação será bidireccional, ou seja, uma imagem de si como alguém merecedor de amor e cuidados muito provavelmente contribuirá para uma dinâmica relacional de maior qualidade de vinculação, não só com os pais como com os amigos e o par amoroso (já que a procura de confirmação do próprio modelo é também uma das características que torna difícil a sua mudança).

A teoria da vinculação postula justamente que a auto-estima se constrói inicialmente na infância, quando as necessidades de protecção física e psicológica são tão evidentes



que os comportamentos de disponibilidade e responsividade (consistentes) promovem o sentido da segurança e confiança que se internaliza posteriormente em modelos de funcionamento que observam uma imagem de si positiva (Bowlby, 1969/1990, 1973/1998a, 1973/1998b).

Frequentemente os estudos apontam para conclusões que referem que os contextos relacionais significativos na adolescência contribuem para os níveis de auto-estima dos jovens, porém, o que se testou é a influência justamente desses modelos iniciais traduzidos na auto-estima, na imagem de si facetada na relação com pares e par amoroso.

De modo geral observa-se que a investigação encontrou relação entre representações de vinculação e auto-estima na adolescência e na adultícia (Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1994; Crocker & Park, 2004; Huntsinger & Luecken, 2004; Moreira *et al.*, 1999), de modo que se conclui que as características das imagens positivas ou negativas de si e do outro se estruturam em padrões.

A maior robustez que encontramos entre a *Qualidade* na relação com a mãe, auto-estima e os outros dois contextos (por comparação com o pai) é concordante com estudos que observaram a diferenciação desta associação em função do género parental (Doyle *et al.*, 2003; Wilkinson & Parry, 2004).

A um nível mais específico, a associação na adolescência entre vinculação quer aos pais quer aos pares e a auto-estima está bem documentada. Alguns estudos sugerem que estas relações entre a vinculação aos pais e a auto-estima são mediadas parcialmente pela relação com os pares (Oliva, 2000; Oliva & Parra, 2001; Peixoto, 2004; Wilkinson & Kraljevic, 2004), embora a maioria dos estudos considere as influências de cada contexto relacional de forma independente, concluindo que a auto-estima é em grande parte, fruto da vinculação em ambas as relações (Oliva *et al.*, 2002a e b; Ryan, Stiller & Lynch, 1994; Way & Robinson, 2003; van Wel *et al.*, 2002; Wilkinson & Parry, 2004). Embora o teste realizado neste estudo fosse no sentido da mediação da auto-estima na relação entre qualidade da relação aos pais com os pares e par amoroso, verificamos que aparentemente parte do que é a estima global pessoal na relação com os pais prediz de facto a imagem pessoal construída na relação com pares e par amoroso. Embora a avaliação de si próprio dependa também da avaliação que os jovens constroem de si pela percepção de uma maior procura por parte dos amigos, os modelos advindos dos pais mantêm-se internalizados na continuidade de um sentido positivo ou negativo de si nas relações posteriores. Por outro lado, o sentimento de afastamento e isolamento nas relações de pares pode associar-se a uma imagem negativa de si mesmo, quer devido ao grau de evitamento nas relações com os pares, quer devido à concorrência de uma nova relação: a amorosa. McMahon e Wilkinson (2005) verificaram este fenómeno, sugerindo o efeito moderador de uma relação amorosa na associação entre relações com pares e a auto-estima. Porém, enquanto estes

autores não associaram directamente as relações amorosas com a auto-estima, Brennan e colaboradores (Brennan & Bosson, 1998; Brennan & Morris, 1997) observaram as associações entre qualidade da vinculação aos pares amorosos e a auto-estima. Obviamente que a relação mais estabilizada (uma relação de casamento ou similar), contribuirá para um maior sentimento de protecção, intimidade e segurança, pelo que a auto-estima muito provavelmente estará associada mais a este tipo de relação (*vide* Murray *et al.*, 2003, para conclusão similar), ou de outro modo, o sentido de si internalizado nas relações com os pais será mais nítido nestes relacionamentos.

O estudo das relações entre auto-estima e vinculação ao par amoroso na adolescência não abunda, precisamente porque as características de continuidade relacional não são tão possíveis aqui quanto na adultícia, porém, tendo em conta o que a teoria afirma acerca da importância das relações românticas enquanto contextos de vinculação (Ainsworth, 1989b; Bowlby, 1973/1998a; 1980/1998b; Hazan & Shaver, 1987, 1994; Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 1997), a ideia de que os graus de *Confiança*, *Dependência* e *Evitamento* na relação amorosa dependam da construção da auto-estima justificam teoricamente os nossos resultados. Wyndol Furman (2001; Furman *et al.*, 2002) verificou justamente as classificações de Segurança e de Preocupação se associavam respectivamente, positiva e negativamente, à auto-estima, enquanto que Penagos, Rodríguez, Carrillo e Castro (2005), verificaram que as dimensões *prestação de cuidados* e *paixão* se associavam ao auto-conceito. Aponta-se também um efeito moderador do envolvimento nas relações amorosas na associação entre fraca aceitação dos pares e auto-estima (Brendgen, Frank, Doyle, Markiewicz & Bukowski, 2002). Em suma, pensamos que as associações que encontramos sugerem que a auto-estima se relaciona na adolescência com a qualidade das relações amorosas de tal modo que índices mais elevados de auto-estima global se traduz depois em maior segurança ao par amoroso (maior *Confiança*, menor *Dependência*, e *Evitamento*), porém, tendo em conta que também a relação com os pares medeia a associação entre pais e par amoroso.

Relativamente às associações com os acontecimentos de vida, as condições definidas por Bowlby e Ainsworth para a activação do sistema de vinculação confirmam-se nos resultados correlacionais para a mãe, ou seja, em situações avaliadas como ameaçadoras, os adolescentes recorrem às mães e se estas estão disponíveis e são apoiantes eleva-se a *Qualidade do laço*. Contrariamente, quando avaliados de forma menos negativa os acontecimentos, as situações de separação para com a mãe tenderão a não ser vividas de forma tão ansiosa, já que são justamente as representações de ameaça que fazem elevar os graus de ansiedade e dependência.

Pensamos que a associação negativa entre *Qualidade do laço emocional* com o pai e **avaliação dos acontecimentos negativos** poderá associar-se ao papel do pai que, em

confronto com a mãe surge com menor disponibilidade para os seus filhos. De outro modo, se a leitura dos resultados for realizada da seguinte forma: “*Quanto menos eu necessitar de procurar o meu pai, porque as situações não são avaliadas de forma tão ameaçadora, menor a probabilidade de que ele não esteja disponível*” a conclusão será então, e de acordo com as formulações teóricas acerca desta dimensão (Matos & Costa, 2001, 2004, Matos, 2002), uma maior *Qualidade do laço emocional*. Esta conclusão tem correlato em alguns estudos, nomeadamente na revisão da literatura acerca do papel do pai na infância que Pruett (2006) realizou, reveladora de que a disponibilidade e acessibilidade paterna em termos de prestação de cuidados e jogo é menos de metade da materna, bem como a clara preferência da mãe em comparação ao pai enquanto figura de vinculação, não sendo denegrida a importância desenvolvimental do papel do pai, mas salientando o desenvolvimento cultural que permitiu nas sociedades ocidentais um envolvimento cada vez maior do pai, que aumentou cerca de um terço da geração anterior à actual.

Teoricamente é a natureza do sistema de vinculação que permite a associação positiva entre o **Número de acontecimentos de vida negativos relatados** e a *Inibição da exploração e individualidade* ao pai, atendendo a que quanto maior o número de situações ameaçadoras para o sujeito, maior a probabilidade deste recorrer à figura enquanto *Porto seguro* inibindo o comportamento exploratório e activando o de vinculação que promove justamente um aumento desta dimensão.

Finalmente, nos resultados obtidos para a vinculação amorosa, **quanto mais positiva a avaliação de acontecimentos negativos, maior o Evitamento** e, **quanto maior a avaliação negativa dos acontecimentos negativos, maior a Ambivalência**. Estes resultados coadunam-se aliás com a formulação teórica de ambas as dimensões. Assim, se a avaliação dos acontecimentos negativos pende mais para o pólo positivo, a representação do acontecimento não será tão ameaçadora e por isso mesmo não existirá necessidade de recurso ao par amoroso. Por outro lado, se os acontecimentos de vida negativos estiverem mais associados com a área amorosa (o que é bastante provável), uma maior *Ambivalência* resultará justamente da insegurança face à relação e ao par amoroso provenientes precisamente de uma avaliação mais negativa dos acontecimentos mais directamente relacionados com a própria relação amorosa.

### 2.3. A vinculação e a perspectiva prototípica

Ao contrário do que temos vindo a efectuar até ao momento, dada a complexidade dos dados, optámos por realizar discussões imediatas a cada bloco de resultados, efectuando posteriormente uma síntese comparativa final.

Um dos propósitos deste trabalho refere-se à possibilidade de observar a vinculação na adolescência do ponto de vista prototípico e, nesta perspectiva conforme ao modelo bidimensional de Kim Bartholomew (e dos quatro padrões de vinculação dele resultantes). Os procedimentos estatísticos (análise de *clusters*) efectuados anteriormente (ver p. 188-197) possibilitaram a inferência teórica dos padrões de vinculação (Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado) nos quatro domínios relacionais estudados.

### **2.3.1. A variabilidade dos padrões de vinculação em função da idade, género, instituição de formação, duração da relação amorosa e acontecimentos de vida**

Apesar de termos já vislumbrado a existência de diferenças na qualidade das relações de vinculação a pais, pares e par amoroso em termos dimensionais em função das variáveis independentes, importa aqui um tipo de abordagem que pretende observar até que ponto o funcionamento pessoal organizado em *direcções* construídas a partir de dois eixos (imagem de si e imagem do outro) variam em função das variáveis **idade e género, Tipo de formação frequentada, Duração da relação amorosa e acontecimentos de vida**.

#### 2.3.1.1. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com a Mãe

##### 2.3.1.1.1. Diferenças de idade

Quando avaliados os efeitos da **idade** nos **padrões de vinculação** na relação com a mãe os resultados apontavam, a um primeiro nível, para a existência de resultados diferenciados pela **idade** [ $F(3, 614)=3.604, p=.013$ ], o que veio a revelar-se um resultado espúrio nos testes *post hoc*. Assim, a idade parece não determinar um funcionamento prototípico, ou dito de outro modo, não é a idade que determina se o funcionamento relacional com a mãe é Seguro ou se estrutura num dos outros três padrões relacionais.

Segundo a teoria não seria de aguardar diferenças etárias relativamente aos padrões de vinculação no relacionamento com a mãe, na ausência de acontecimentos de vida maiores, já que a base a partir da qual são construídos os modelos internos dinâmicos é justamente a relação com os prestadores de cuidados iniciais, na nossa sociedade, com maior probabilidade a mãe.

Deste modo, enquanto que o funcionamento ao nível dimensional da vinculação com a mãe é susceptível de ajustes de acordo com a idade, de forma a que as tarefas desenvolvimentais possam ser levadas a cabo (por exemplo, uma maior *Inibição da exploração e individualidade* é mais provável em fases iniciais da adolescência) o funcionamento prototípico, não existindo grandes alterações na estabilidade da qualidade relacional, estende-se enquanto representação de si e dos outros de tal modo que influencia a construção qualitativa de outros domínios relacionais. É justamente a continuidade relacional e a estabilidade qualitativa que promove a prevalência do laço, que por seu turno

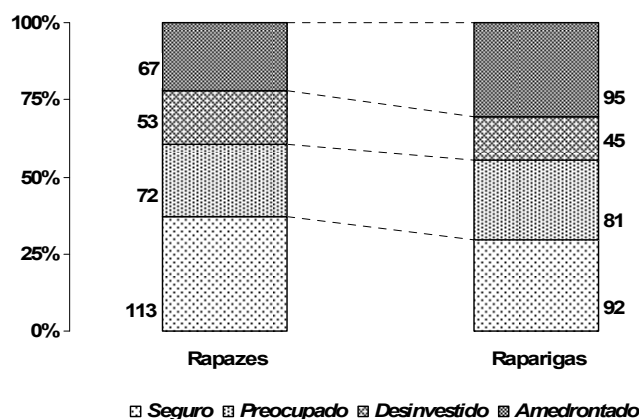
estrutura formas de perceber as figuras de vinculação como responsivas e apoiantes (ou não) e o *self* como merecedor (ou não) desse apoio e cuidados (Ainsworth, 1969a e b, 1982, 1989a; Ainsworth *et al.*, 1978; Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Bowlby, 1969/1990, 1973/1998a, 1973/1998b). Não se espera, embora a investigação observe um aumento da segurança com a idade, que essa alteração baste para que se possa encontrar uma relação entre a média de idades e o funcionamento prototípico com a figura materna na adolescência. Paterson *et al.* (1994) e Lieberman e colaboradores (1999), encontraram resultados equivalentes aos nossos. Os primeiros não encontraram alteração da qualidade dos afectos relativamente às mães em rapazes e raparigas ao longo da adolescência, enquanto que o segundo estudo verificou que a segurança de vinculação à mãe enquanto disponibilidade (mas não enquanto dependência), não variava com a idade (entre os 9 e os 14 anos). Mais ainda, quando comparadas as frequências das classificações de vinculação de mães e de adolescentes (em extremos etários) recorrendo à revisão de resultados da *Adult Attachment Interview* de van IJzenoorn e Bakermans-Kranenburg (1997), verifica-se justamente que não existem diferenças significativas nas percentagens das categorias relativas de mães e adolescentes (Seguros/Autónomos: 58% e 56%; Desinvestidos: 24% e 26%; Preocupados: 18% e 19%, respectivamente para mãe e adolescentes).

#### 2.3.1.1.2. Diferenças de género

No nosso estudo encontra-se contudo uma relação significativa entre o **género** dos adolescentes e os **padrões de vinculação** à mãe ( $\chi^2=8.071$ ,  $gl=3$ ,  $p=.045$ ). Os resultados são expostos na Figura 33 (abaixo). Os resultados apontam a existência de mais rapazes (55.1%) Seguros que raparigas (44.9%), de maior proporção de adolescentes raparigas Preocupadas (52.9%) e Amedrontadas (58.6) que rapazes, (respectivamente, 47.1% e 41.4%). Finalmente, mais rapazes Desinvestidos (54.1%) que raparigas (45.9%).

FIGURA 33.

Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com a Mãe e Género



No total da amostra masculina a proporção de jovens Seguros é de 37% seguindo-se os Preocupados com 23.6%, os Amedrontados numa proporção total de 22% e finalmente os Desinvestidos com um total na amostra de 17.4%. Na amostra feminina as jovens Amedrontadas são um total de 30.4%, seguidas das Seguras (29.4%), em terceiro lugar aparecem em percentagem as Preocupadas e por último as Desinvestidas (com 25.9% e 14.4%, respectivamente).

A investigação tem vindo a observar consistentemente diferenças de género no que diz respeito à vinculação com as mães. Assim, Hunter e Youniss (1982) observaram que os rapazes (mas não as raparigas) percebiam o pai como mais apoiante que a mãe, assim como Jimenez e Delgado (2002) verificaram que as raparigas adolescentes têm menos discussões com ambos os pais que os rapazes. Dimensionalmente, Berman e Sperling (1991) observaram maiores níveis de apreensão e *preocupação* por parte das mães relativamente às filhas que iam para a primeira vez para a universidade que relativamente aos filhos e Armsden e Greenberg (1987) acharam evidência de que as mães eram significativamente mais utilizadas na *Procura de proximidade* pelas filhas adolescentes que pelos filhos rapazes, e ainda que as raparigas relatavam maior segurança de vinculação a ambos os pais que os rapazes.

De acordo com os resultados acima referenciados aguardaríamos maior segurança por parte das raparigas que dos rapazes. Mais particularmente, esperar-se-ia que a percentagem de adolescentes Seguros e Desinvestidos à mãe fosse maior por parte das raparigas que por parte dos rapazes e que a percentagem de Preocupados e Amedrontados fosse maior por parte dos rapazes que das raparigas. Tal não aconteceu. De facto as nossas distribuições demonstram genericamente uma maior percentagem de sujeitos Seguros, porém, a frequência seguinte é a dos Amedrontados, seguida de Preocupados e por fim da dos Desinvestidos. Talvez este valor de Amedrontados reflecta a própria adolescência e as tarefas desenvolvimentais que lhes estão adstritas, nomeadamente a construção da autonomia e da identidade, que se traduzem muitas vezes num momentâneo sentimento de inadequação que leva o adolescente a ter imagens negativas quer de si quer do outro. De qualquer modo terá também que ser levada em linha de conta que a nossa amostra não é estratificada ponderada, pelo que não é de facto representativa de toda a realidade portuguesa.

A única concordância que encontramos relativamente a frequências relativas dos padrões em rapazes e raparigas foi a do padrão Desinvestido (o de menor percentagem), a partir daí, verificamos que há mais rapazes Seguros e Desinvestidos que raparigas, e que estas últimas, detêm maiores frequências nos padrões Amedrontado e Preocupado. Pensamos que estes resultados se devem ao nível socio-económico extremamente baixo da amostra (percentagem conjunta de pai e mãe do NSE médio baixo/baixo de 64.2%). Numa

meta-análise, van IJzenoorn e Bakermans-Kranenburg (1996a) observaram que as mães de nível socio-económico baixo evidenciavam mais representações de vinculação Desinvestidas com perdas ou traumas não resolvidos e, o mesmo van IJzenoorn e colaboradores (van IJzenoorn, Bakermans, Zwart-Woudstra, Busschbach & Lambermon, 1991), em resultados provenientes de um estudo acerca da vinculação parental e o desenvolvimento socio-emocional das crianças, verificou que as mães de rapazes classificados como Seguros na *Situação estranha* eram menos sensíveis aos seus sinais e necessidades e mais sensíveis quando os rapazes eram classificados como Inseguros (nas raparigas esta relação acontecia de forma inversa). Assim, dado que o NSE das mães é aqui muito baixo e que os funcionamentos Amedrontado e Preocupado se aliam a perdas e traumas não resolvidos, respectivamente, a probabilidade de se observar uma representação elevada deste padrão é alta, porém como explicar as diferenças de género? Em termos do funcionamento por género o estudo de van IJzenoorn *et al.* (1991) verificou ainda que a segurança dos filhos rapazes se associa a uma menor vigilância (que podemos associar a autonomia) mas que nas raparigas esta menor sensibilidade resulta em insegurança, o que dadas as características amostrais aqui patentes é provável também acontecer.

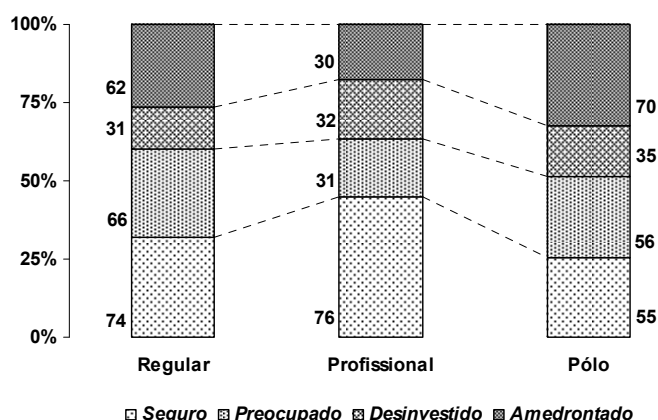
#### 2.3.1.1.3. Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada

Manifestaram-se ainda diferenças quando se *cruzaram* os **padrões de vinculação** com a **instituição formativa** frequentada pelos jovens ( $\chi^2=25.003$ ,  $gl=6$ ,  $p=.000$ ). É das escolas profissionais a maior proporção de jovens Seguros na relação com a mãe (37.1%), seguindo-se as escolas regulares (36.1%) e por fim os pólos de aprendizagem (26.8%). O grupo Preocupado é maior nas escolas regulares (43.1%) que nos pólos (36.6%) ou nas escolas profissionais (20.3%). Os pólos de aprendizagem apresentam a percentagem mais elevada de jovens Amedrontados (43.2%), seguindo-se a percentagem das escolas regulares (38.2%) e por fim a das escolas profissionais (18.5%). Os adolescentes Desinvestidos são provenientes na sua maioria dos pólos de aprendizagem (35.7%), seguindo-se as escolas profissionais (32.7%) e por fim as escolas regulares (31.6%). Numa observação transversal à tabela de contingência de  $\chi^2$  verificamos que a proporção menor de sujeitos em qualquer uma das instituições estudadas é a do padrão Desinvestido em percentagens respectivas de 13.3%, 16.2% e 18.9% para o ensino regular, os pólos de aprendizagem e o ensino profissional. Nas escolas regulares o maior número de adolescentes encontra-se no padrão Seguro (31.8%), sendo seguidos por Preocupados e Amedrontados com 28.3% e 26.6%, respectivamente. Também nas escolas profissionais o grupo maior é o dos Seguros (45%), no entanto seguem-se em percentagem o grupo dos

Desinvestidos (18.9%), o dos Preocupados (18.3%) e finalmente o dos Amedrontados (17.8%). Quanto aos pólos de aprendizagem o grupo superior em termos de percentagem é o dos adolescentes Amedrontados (43.2%), seguido de Preocupados (36.6%), Desinvestidos (35.7%) e por fim dos jovens Seguros (26.8). A Figura 34 expõe os resultados.

FIGURA 34.

Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com a Mãe e Instituição formativa



Julgamos que os resultados obtidos para as instituições formativas se associam também ao que acabámos de dizer acerca das mães de níveis socio-económicos mais desfavorecidos e a qualidade de vinculação exibida pelos filhos. Nas escolas profissionais é por norma exigido o pagamento de uma propina aos alunos, embora possa existir uma ponderação da mesma e uma atribuição de subsídios de transporte e alimentação que dependem dos rendimentos do agregado familiar dos jovens. No caso dos cursos de aprendizagem-pólos, são por norma atribuídos subsídios de formação e de alimentação, dependendo a adjudicação do subsídio de transporte da distância da residência ao local da formação. Assim, se os alunos das escolas regulares são os que estão orientados ao prosseguimento de estudos, e isso mesmo se reflecte em termos económicos na nossa amostra, dado ser aqui a maior percentagem de famílias classificadas no NSE alto, as escolas profissionais são as que exigem no imediato um investimento maior por parte dos pais, ao mesmo tempo que “tende a ser escolhido pelos alunos por opção e sem interferência de constrangimentos sociais” (Martins, Pardal & Dias, 2005, p. 94). A partir destas referências, os níveis mais elevados de Seguros por parte dos adolescentes dos cursos profissionais e de Preocupados dos regulares, em contraste com os formandos dos cursos de aprendizagem com elevada taxa de Amedrontados, cujas necessidades financeiras das famílias são muitas vezes o motor para a procura deste tipo de ensino, podem associar-se à tipologia das mães de níveis socio-económicos baixos (van IJzenoorn



*et al.*, 1991), com maior historial de perdas e traumas, donde resultava uma sobrerepresentação de mães Desinvestidas no *cluster* NSE baixo que inclui caracterizações de restrição e ignorância das necessidades dos filhos. De outro modo, uma qualidade relacional mais segura aos pais pode permitir que a opção pelos cursos profissionais, independentemente da situação financeira, porém, a qualidade relacional com os pais dos formandos da aprendizagem não parece permitir o ultrapassar das questões meramente financeiras para um plano onde os interesses vocacionais dos adolescentes são salvaguardados. A tese aqui é a de que se escolhe determinado percurso formativo também de acordo com a qualidade de vinculação aos nossos pais.

#### 2.3.1.1.4. Diferenças por acontecimentos de vida

Não se encontraram resultados significativos relativos a relações entre qualquer uma das quatro **variáveis acontecimentos de vida e padrões de vinculação à mãe: Intensidade dos acontecimentos de vida negativos** [ $F(3, 375)=1.951, p=.121$ ]; **Número de acontecimentos negativos relatados** [ $F(3, 373)=1.010, p=.388$ ]; **Intensidade dos acontecimentos de vida positivos** [ $F(3, 376)=1.156, p=.327$ ]; e **Número de acontecimentos positivos relatados** [ $F(3, 376)=.765, p=.514$ ]. Parece que nem a avaliação nem o número de acontecimentos de vida se associam com a vinculação à mãe. Tendo em conta que a avaliação dos acontecimentos de vida negativos é nesta amostra *muito positiva*, é provável que os seus efeitos neste contexto relacional não sejam observáveis devido à ausência de condições de activação do sistema.

#### 2.3.1.2. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com o Pai

##### 2.3.1.2.1. Diferenças de idade

Os resultados da ANOVA (*One-way*) com a **idade** enquanto variável dependente, resultaram significativos em função dos **padrões de vinculação** ao pai [ $F(3, 584)=5.407, p=.001$ ]. Os testes *post hoc* indicaram que as diferenças estão presentes apenas na comparação entre adolescentes Desinvestidos ( $M=18.05, DP=1.87$ ) e Preocupados ( $M=16.78, DP=2.03$ ), não tendo sido encontradas diferenças relativamente a Seguros ( $M=17.35, DP=2.03$ ) ou a Amedrontados ( $M=17.18, DP=1.89$ ). Por outras palavras, os adolescentes Desinvestidos ao pai são mais velhos em média quando comparados aos Preocupados.

Foi com alguma surpresa que observamos estes resultados. Tal como relativamente à mãe, é aguardado que haja uma relativa estabilidade no funcionamento dos padrões de vinculação da infância à idade adulta, desde que o ambiente relacional se mantenha estável em termos de acontecimentos de vida (*vide* Scharfe e Bartholomew, 1994). Obviamente que estas conclusões são retiradas a partir de estudos longitudinais, porém, a distribuição dos padrões de vinculação em termos intergeracionais sugere concordância, quer em termos de

vinculação da mãe, quer do pai quer ainda de adolescentes (respectivamente, Seguros: 58%, 62% e 56%; Desinvestidos: 24%, 22% e 26%; Preocupados: 18%, 16% e 19%, *vide* Van IJzenoorn & Bakermans-Kranenburg, 1997). Relembramos que a nossa amostra parece de facto não evidenciar acontecimentos de vida avaliados como detendo grande impacto em média, e assim sendo, a explicação poderá encontrar-se, em termos genéricos, nos níveis mais elevados de *Ansiedade de separação e individualidade* dos Preocupados e nos mais baixos para os Desinvestidos. Assim, esta dimensão tende a diminuir com a idade dado que a construção da identidade assim o exige (sobretudo entre a adolescência média e o início da adultícia onde as relações “concorrentes” de amizade íntima e namoro começam a impor-se), pelo que a sua diminuição mais acentuada poderá de facto fazer encontrar um funcionamento mais Desinvestido ao pai. O estudo de Meeus, Iedema, Maassen e Engels (2004) parece dar corpo a esta hipótese, referindo justamente que a exploração da identidade ao nível das relações com os amigos/pares e o apoio e ajuda que os adolescentes recebem de ambos os pais, é maior entre os 12-14 anos que entre os 15 e os 24 anos de idade. Mais ainda, o estudo refere que a adaptação emocional, medida através de uma escala referente aos níveis de ansiedade e depressão e um instrumento que avaliava o bem-estar e a felicidade, era significativamente menor nos adolescentes entre os 12 e os 14 anos que os das restantes idades. Conclusões similares encontraram Bailey, e colaboradores (2002), observando maior proximidade e partilha de tempo entre os adolescentes a frequentarem o 7º ano que da parte de adolescentes no 10º ano. Ainda a este propósito, Clark-Lempers, Lempers e Ho (1991) verificaram que adolescentes entre os 11 e os 13 anos, cotavam as suas relações com o pai de forma mais elevada, no que diz respeito a admiração, afecto, companheirismo, conflito, ajuda instrumental, intimidade, aliança de confiança, apoio e satisfação, que os adolescentes dos 14 aos 16 anos e os entre os 17 e os 19 anos de idade. Curiosamente, os adolescentes entre os 14-16 anos também cotavam a relação com o pai de modo mais elevado em todas as dimensões à excepção da intimidade, apoio e conflito que os adolescentes mais velhos.

#### 2.3.1.2.2. *Diferenças de género*

As frequências proporcionais de **género** relativamente aos **padrões de vinculação** ao pai não variaram significativamente ( $\chi^2=6.473$ ,  $gl=3$ ,  $p=.091$ ), ou seja, não há diferenças significativas nas percentagens de Seguros, Preocupados, Desinvestidos e Amedrontados na relação com o pai para rapazes e para raparigas.

Bailey e colaboradores (2002) referenciam no seu estudo que os rapazes relatavam passar mais tempo e realizarem mais actividades com o pai que as raparigas e Noack e Buhl (2004) observaram em adolescentes e jovens adultos que os rapazes percebiam maior intimidade na relação com o pai que as raparigas. É bem provável que esta diferenciação de

sexos se associe à construção dos papéis de género dos pais (homens), isto é, tal como refere Arendell (1996) na sua revisão da literatura acerca da co-parentalidade, um dos desafios que se apresentam aos homens é justamente o ultrapassar das barreiras que o definem como “o que dá o sustento”, o que acarreta benefícios ao nível da expressividade emocional, da intimidade e apoio dado aos filhos. Muitos estudos encontram evidência aliás de que são os homens com características de género mais andróginas e pares amorosos mais liberais, maioritariamente provenientes de classes sociais economicamente mais favorecidas, aqueles que mais se envolvem na parentalidade. Tendo em conta que os efeitos da ausência do pai são também eles diferenciados por género dos filhos, nomeadamente porque nas raparigas o seu resultado se faz sentir mais ao nível da auto-estima e nos rapazes os efeitos acontecem (e são sentidos quer a curto quer a longo prazo, quer ainda de forma recorrente) em termos do desenvolvimento da identidade, sucesso escolar e coragem social (para uma revisão da literatura, *vide* Johnson, 1996) a maior proximidade ao pai nos rapazes, até por questões de identidade de género, poderá providenciar posteriormente diferenças qualitativas em termos da relação com filhos de géneros opostos.

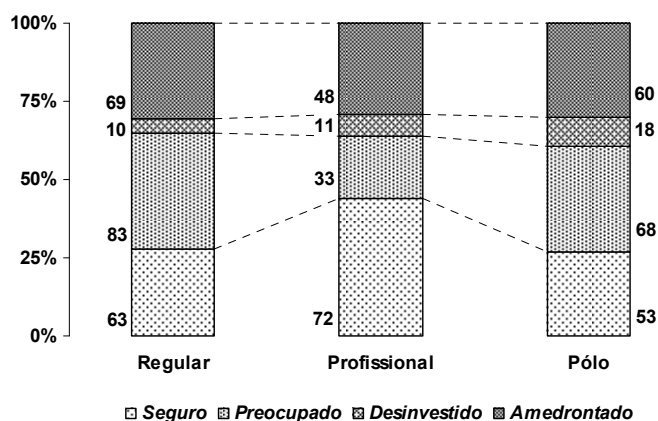
#### 2.3.1.2.3. *Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada*

O **Tipo de formação frequentada** parece agregar características de vinculação diferentes ( $\chi^2=22.938$ ,  $gl=6$ ,  $p=.001$ ). A observação da tabela de contingência de  $\chi^2$  na relação com o pai apresenta um padrão de pesos relativos semelhante ao da mãe para Seguros, Preocupados e Desinvestidos. É nas escolas profissionais que encontramos mais jovens Seguros (43.9%), seguida das escolas regulares (33.5%) e dos pólos de aprendizagem com 28.2%. Os jovens Preocupados têm uma representação maior nas escolas regulares (45.1%), enquanto que a proporção de jovens Preocupados nos pólos de aprendizagem é de 37% e nas escolas profissionais de 17.9%. Quanto a adolescentes Desinvestidos é de novo nos pólos de aprendizagem que se concentra um maior peso percentual (46.2%), seguindo-se as escolas profissionais (28.2%) e as regulares (25.6%). Para com os jovens Amedrontados e analogamente à mãe, existe a manutenção do terceiro lugar das escolas profissionais (27.1%), porém o padrão Amedrontado tem uma representação maior nas escolas regulares (39%) que nos pólos de aprendizagem (33.9%), invertendo as posições relativamente à mãe. Nas escolas regulares há uma primazia de jovens Preocupados (36.9%), seguida de Amedrontados (30.7%), Seguros (28%) e por fim de Desinvestidos (4.4%), não existindo qualquer réplica de posições relativas por comparação aos padrões de vinculação com a mãe. Nas escolas profissionais e à imagem dos padrões maternos, os Seguros encontram-se em maioria (43.9%), seguindo-se o grupo Amedrontado (29.3%), o Preocupado (20.1%) e por fim o Desinvestido (6.7%). Nos pólos de

aprendizagem há maior número de Preocupados (34.2%) que Amedrontados (30.2%), Seguros (26.6%) ou Desinvestidos (9%), existindo uma troca relativamente à mãe entre Preocupados e Amedrontados. A Figura 35 sumaria os resultados.

FIGURA 35.

Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com o Pai e Instituição formativa



Tal como a propósito das diferenças encontradas para os padrões de vinculação à mãe, também aqui se considera que a escolha da parte de mais jovens Seguros ao pai das escolas profissionais e maior de Preocupados nas escolas regulares e nos pólos de aprendizagem, sugere a tendência de escolha das escolas profissionais por alunos que o fazem justamente por opção própria sem pressões sociais acopladas (Martins *et al.*, 2005) enquanto que tal como já referenciamos também, a entrada no sistema de aprendizagem tem muitas vezes dificuldades financeiras na sua raiz e o prosseguimento de estudos deixa um pouco adiada a tarefa vocacional. De acordo com estudos na área do investimento vocacional, sabemos que a qualidade de vinculação aos pais é um preditor significativo da auto-eficácia no processo de decisão vocacional/carreira (Wolfe & Betz, 2004) e que o apoio parental à autonomia influencia positivamente quer a auto-eficácia quer a autonomia no processo de decisão vocacional/carreira, e que estas últimas dimensões se associam negativamente com a indecisão para a carreira (Guay, Senécal, Gauthier & Fernet, 2003). Assim, dadas as características de “escolha vocacional” do grupo das escolas profissionais podemos inferir que a uma maior segurança no primeiro grupo corresponde uma qualidade de vinculação parental com maior grau de *Exploração e individualidade* e um menor grau de *Ansiedade de separação (e dependência)* que permitiu que a escolha vocacional dos filhos fosse mais autónoma. É justamente a associação entre o envolvimento parental e a escolha vocacional que pensamos estar presente na percentagem mais elevada de jovens Preocupados na relação com o pai que encontramos nos pólos de aprendizagem. De outro modo, talvez a necessidade de validação extrema que o padrão Preocupado exhibe permita

que nos pólos de aprendizagem a escolha seja efectuada no sentido de agradar ao pai pela ajuda económica que estes cursos permitem, ao fornecerem uma bolsa de formação que possibilita uma autonomia financeira do formando e a ausência de *preocupação* relativa a propinas ou material escolar por parte dos pais. No caso das escolas regulares, o sistema de activação da validação externa, altamente estimulado nos jovens Preocupados, pode precisamente envolver uma falta de decisão que é permitida pelo sistema regular, de modo a que a decisão vocacional não coloque em causa a qualidade da relação com o pai, pelo medo de que o processo de exploração e um eventual confronto com expectativas diferenciadas não coloque em perigo esta fonte de validação e auto-estima.

#### 2.3.1.2.4. *Diferenças por acontecimentos de vida*

À imagem dos resultados para a mãe, o estudo dos **acontecimentos de vida** e dos **padrões de vinculação ao pai** não encontrou resultados significativos em relação a qualquer uma das quatro dimensões em estudo: **Intensidade dos acontecimentos de vida negativos** [ $F(3, 375)=2.550$ ,  $p=.055$ ], **Intensidade dos acontecimentos de vida positivos** [ $F(3, 376)=2.471$ ,  $p=.062$ ], **Número de acontecimentos negativos relatados** [ $F(3, 373)=1.799$ ,  $p=.147$ ] e **Número de acontecimentos positivos relatados** [ $F(3, 376)=1.658$ ,  $p=.176$ ]. Pensamos contudo que uma análise da avaliação dos acontecimentos de vida por áreas poderia aqui ser interessante, já que os valores da significância estão muito próximos de .05. Assim, enquanto que os resultados da ANOVA confirmaram não existirem resultados significativos na **Avaliação dos acontecimentos de vida negativos**, a **Avaliação dos acontecimentos de vida positivos relacionados com a família** em função da **vinculação ao pai** revelaram que os adolescentes Seguros ao pai avaliavam de forma mais positiva este tipo de acontecimentos ( $M=5.81$ ,  $DP=.68$ ) do que aqueles que tinham com o pai uma relação Amedrontada ( $M=5.27$ ,  $DP=1.35$ ). Talvez este resultado se associe à imagem negativa de si e dos outros dos jovens Amedrontados por comparação à imagem positiva de si e do outro que detêm os Seguros. Os Amedrontados tenderão a negativizar um pouco os acontecimentos enquanto que Seguros tenderão a valorizá-los adequadamente.

No que diz respeito aos acontecimentos de vida negativos, voltamos a considerar a elevada “*positividade*” da amostra como razão para uma ausência da activação do sistema, já como especulado a propósito dos resultados com a mãe e de acordo aliás com alguns estudos (Manion & Wilson, 1995; Waters *et al.*, 2000), indicando ainda trabalhos de conclusões similares como é o caso da explicação da variância na vinculação adulta através da vinculação na infância e a experiência de pelo menos um acontecimento de vida negativo até aos 18 anos (Sundin *et al.*, 2002).

#### 2.3.1.4. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com os Pares amigos

##### 2.3.1.4.1. Diferenças de idade

Os padrões na relação com os pares amigos variam em função da **idade** [ $F(3, 623)=3.128$ ,  $p=.002$ ]. Os testes *post hoc* indicaram que os adolescentes Preocupados ( $M=16.57$ ,  $DP=2.06$ ) nas relações de amizade são em média mais jovens que os Amedrontados ( $M=17.26$ ,  $DP=1.90$ ) ou os Seguros ( $M=17.43$ ,  $DP=2.00$ ). Os adolescentes Desinvestidos ( $M=17.23$ ,  $DP=1.98$ ) não detiveram resultados significativos em comparação a nenhuns outros.

As teorias do desenvolvimento, nomeadamente a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968, 1980), o desenvolvimento por estádios do ego de Loewinger (1976) e a hipótese do crescimento do *self* pessoal através de revisões sucessivas de Kegan (1982) podem concorrer para a integração destes resultados. A resolução da crise da construção da identidade por oposição à sua difusão acontece justamente nos anos da adolescência.

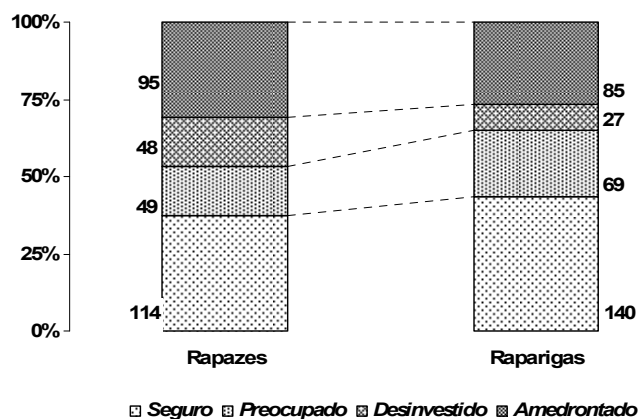
A partir destes três posicionamentos teóricos verificamos que do período médio para o final da adolescência e para o começo da fase adulta, existe uma diferença essencial no funcionamento interpessoal: a validação pessoal passa do grupo de pares, estritamente, para o âmbito da autoridade interna. Sob este ponto de vista e naturalmente, é em fases iniciais e médias da adolescência que aguardamos encontrar funcionamentos onde o medo da rejeição é mais premente, já que a aceitação do outro é total (o *self* do outro positivo); ao mesmo tempo, deseja-se que o *self* não seja exclusivo mas antes partilhado, pelo que as características de procura da intimidade e atenção exageradas são típicas da adolescência. Estas mesmas características definem também o funcionamento Desinvestido, razão pela qual é maior a probabilidade de encontrar este padrão nas idades intermédias que nas idades mais jovens (porque ainda há influência do modelo parental) ou mais velhas da amostra (onde a identidade mais íntima e mais auto-consciente é mais provável). Resultados que espelham justamente estas conclusões são os de Gullone e Robinson (2005), onde foram observados níveis mais elevados de *Comunicação* e *Confiança* e mais baixos de *Alienação* em jovens adolescentes entre os 14-15 anos que em pré-adolescentes a frequentarem o 4º ano de escolaridade. Também Marsh, Allen, Ho, Porter e McFarland (2006) num estudo longitudinal com uma amostra adolescente (com média etária na primeira avaliação de 14.26 anos), verificaram que a associação entre a vinculação aos pares e o desenvolvimento do ego era de magnitude superior na primeira avaliação efectuada que na segunda (um ano de intervalo), confirmando ainda a hipótese de que a níveis mais elevados do ego se associa maior segurança na relação com os pares.

### 2.3.1.4.2. Diferenças de gênero

A tabela de contingência de  $\chi^2$  encontrou resultados diferenciais nas frequências dos **padrões de vinculação** na relação de pares amigos em função do **gênero** dos adolescentes ( $\chi^2=12.135$ ,  $gl=3$ ,  $p=.007$ ). A percentagem de amizades Seguras é maior nas raparigas (55.1%) que nos rapazes (44.9%) o mesmo sucedendo relativamente à percentagem de jovens Preocupadas (58.5%) e Preocupados (41.5%). Quanto à percentagem de adolescentes Desinvestidos e Amedrontados, ela é maior nos rapazes (64% e 36%, respectivamente) que nas raparigas (nomeadamente 52.8% e 47.2%). Em termos totais, os rapazes detêm maior número de Seguros (37.3%), seguindo-se-lhes os Amedrontados (31%), Preocupados (16%) e por fim os Desinvestidos (15.7%). Para as adolescentes, embora mantendo o mesmo padrão de proporções relativas, as percentagens variam, indicando que na amostra existem 43.6% de jovens Seguras, 26.5% de Amedrontadas, 21.5% de Preocupadas e finalmente 8.4% de Desinvestidas. A Figura 36 apresenta os resultados.

FIGURA 36.

Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com os Pares amigos e Gênero



Muitos estudos fazem referência às diferenças de gênero no que diz respeito à qualidade relacional com pares/amigos, e ao maior grau de intimidade (Buhrmester, 1990; Grabill & Kerns, 2000; Ryan *et al.*, 1994; Shulman *et al.*, 1997), compromisso (Cooper & Grotevant, 1987), identificação e qualidade relacional genérica com os pares/amigos (Marsh *et al.*, 2006; Neves *et al.*, 1999; Paterson *et al.*, 1994.) por parte das raparigas que dos rapazes. Concordantes aos nossos resultados estão os de Scholte, Van Lieshout e Van Haken (2001), que numa amostra de adolescentes entre os 13 e os 20 anos, verificaram que as raparigas relatavam na relação com o(a) melhor amigo(a) maior apoio emocional, qualidade de informação partilhada, aceitação pessoal e respeito pela autonomia que os

rapazes, donde se pode inferir uma maior segurança de vinculação nas relações amizade entre raparigas. Por seu turno Vidanovic e Andelkovic (2006) observaram que os níveis de intensidade de ansiedade numa dada situação e a ansiedade enquanto traço em adolescentes sobredotados entre os 17 e os 19 anos, eram mais elevados para as raparigas que para os rapazes e mais ainda, que os estádios de desenvolvimento do ego eram mais elevados por parte das raparigas (*Auto-consciência*) que da parte dos rapazes (na transição entre o *Conformismo* e a *Auto-consciência*). Assim, os níveis de ansiedade mais elevados apontam para um funcionamento mais Preocupado e a *Auto-consciência* para um funcionamento com menos alienação, ou mais Seguro. Este funcionamento mais Seguro por parte das raparigas foi ainda observado por Gullone e Robinson (2005) na sua aplicação do IPPA revisto. Independentemente da pertença ao grupo dos pré-adolescentes da amostra ou ao grupo entre os 14 e os 15 anos, as raparigas em comparação com os rapazes, evidenciavam maiores níveis de *Confiança* e *Comunicação* e menores de *Alienação* na escala da vinculação aos pares, o que indica justamente um funcionamento mais Seguro.

#### 2.3.1.4.3. *Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada*

Quanto ao estudo das frequências proporcionais dos adolescentes em função do seu funcionamento prototípico e das instituições que lhes oferecem formação, não parece que haja agregação diferenciada mediante o tipo de escolas ( $\chi^2=8.000$ ,  $gl=6$ ,  $p=.238$ ).

Este resultado era aliás de aguardar posto que o contexto por excelência das relações com pares na adolescência é justamente a escola, não se entrevedo funcionamentos diferenciados no essencial entre os três tipos de instituições em estudo, quer ao nível da representatividade de género, quer ao nível do funcionamento regular das aulas ou módulos, quer ainda do regime geral de funcionamento (pese embora quer nas escolas profissionais quer nos pólos exista um regulamento interno do formando e nas escolas regulares um regulamento interno e, sejam observadas diferenças de nomenclaturas entre os principais órgãos directivos (Direcção/Conselho Executivo), no essencial são maiores as semelhanças que as diferenças).

#### 2.3.1.4.4. *Diferenças por acontecimentos de vida*

No que concerne o estudo dos **acontecimentos de vida** não foram encontrados quaisquer resultados significativos: **Intensidade dos acontecimentos de vida negativos** [ $F(3, 375)=.266$ ,  $p=.850$ ], **Intensidade dos acontecimentos de vida positivos** [ $F(3, 376)=.688$ ,  $p=.560$ ], **Número de acontecimentos negativos relatados** [ $F(3, 373)=.790$ ,  $p=.500$ ] e **Número de acontecimentos positivos relatados** [ $F(3, 376)=.619$ ,  $p=.603$ ]. Optou-se então por realizar uma análise tendo em conta a segurança de funcionamento com ambos os pais, dado que a teoria e a investigação (Ainsworth *et al.*, 1978; Baldwin, Keelan,



Fehr, Enns & Koh-Rangarajoo, 1996; Bowlby, 1969/1990, 1973/1998a, 1973/1998b; Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Main *et al.*, 1985; Pietromonaco & Feldman-Barrett, 2000b) postulam que os modelos internos de funcionamento, ou melhor, as representações de vinculação adquiridas sobretudo na infância com os prestadores de cuidados iniciais, são passíveis de afectar as relações de vinculação posteriores. A ideia, e de acordo com a literatura (Waters *et al.* 2000) era a de que os **padrões de vinculação na relação com os pares** sofreriam influências do **número e da avaliação dos acontecimentos negativos** se os modelos internos de funcionamento (vinculação aos pais) fossem Seguros.

#### 2.3.1.5. Variabilidade dos Padrões de vinculação na relação com o Par amoroso

##### 2.3.1.5.1. Diferenças de idade

Quando avaliados os eventuais efeitos da **idade** na qualidade de vinculação ao par amoroso, verificou-se que esta dimensão desenvolvimental não parece influenciá-la. [ $F(3, 543)=1.631$ ,  $p=.181$ ]. Concordantes com os nossos resultados são os do estudo de Brennan e Shaver (1995) que numa amostra onde os sujeitos estavam envolvidos numa relação amorosa que variava entre os 15 e os 47 anos de idade, não encontraram diferenças etárias quanto a estilos de vinculação na relação amorosa. Estes resultados estão de acordo aliás com a maioria dos estudos na área das relações românticas que observam estas diferenças em função da duração da relação e não propriamente da idade (a este propósito consulte-se Kuttler & La Greca, 2004; Schulman & Scharf, 2000; Schmitt, Alcalay, Allensworth, Allik, Ault, Austers *et al.*, 2004), embora em idades mais elevadas exista a probabilidade de existência de facto de relações amorosas e destas deterem maior estabilidade relacional à medida que a idade avança. Furman e Wehner (1997) referem que apesar de encontrarem menos adolescentes Preocupadas e Desinvestidas na universidade que na escola secundária, podem atribuir estes resultados quer ao estatuto da relação, quer a uma maior probabilidade de que com a idade maior número de acontecimentos negativos surja. A crescente importância das relações amorosas em termos desenvolvimentais é aliás um factor que permite observar que os *scores* de positividade relacional vão crescendo nas relações amorosas e decrescendo nas de amizade (Connolly & Johnson, 1996; Furman & Buhrmester, 1992; Takahashi & Sakamoto, 2000).

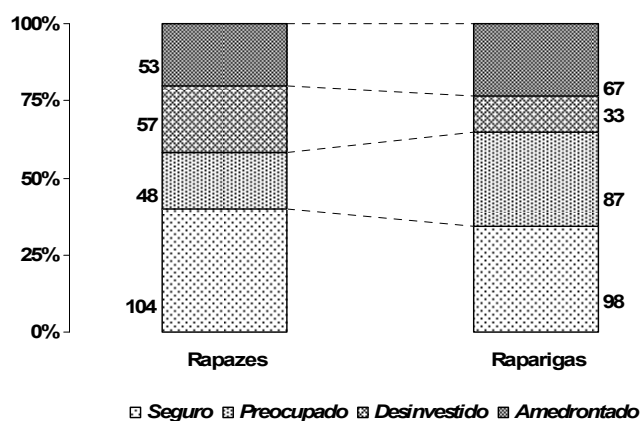
##### 2.3.1.5.2. Diferenças de género

Segundo os resultados, o **género** associa-se significativamente à qualidade de vinculação ao par amoroso ( $\chi^2=18.544$ ,  $gl=3$ ,  $p=.000$ ). Foi observada uma percentagem maior de rapazes Seguros (51.5%) que de raparigas (48.5%), enquanto que parece existir maior proporção de raparigas (64.4%) que de rapazes (35.6%) Preocupados na relação

amorosa. Quanto ao Desinvestimento parece ser maior nos rapazes (63.3%) em comparação com as raparigas (36.7%) e finalmente, as raparigas exibem maior proporção no padrão Amedrontado (55.8%) quando comparadas aos rapazes (44.2%). Em termos totais o género masculino apresenta uma percentagem de Seguros de 39.7%, de Desinvestidos de 21.8%, aparecendo os Amedrontados em terceiro lugar com 20.2% e, por fim, os Preocupados com 18.3%. Nas raparigas a primazia é para o quadrante Seguro (34.4%), segue-se em segundo lugar o grupo Preocupado (30.5%), jovens Amedrontadas em terceiro lugar (23.5%) e as Desinvestidas em último com 11.6% (*vide* Figura 37).

FIGURA 37.

Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com o Par amoroso e Género



Tal como já referenciamos nos resultados dimensionais, embora se encontrem estudos que não observam diferenças de género em termos de classificações de vinculação amorosa (Brennan & Shaver, 1995), grande parte sugere diferenças na qualidade relacional amorosa de rapazes e raparigas. Assim, Shulman e Scharf (2000) encontraram evidência de que raparigas adolescentes enfatizavam mais como vantagens da relação amorosa a vinculação e a prestação de cuidados que os rapazes, relatando ainda maior nível de intensidade afectiva que os rapazes. Taradash e colaboradores (2001) relatam que numa amostra adolescente as raparigas percebiam maior autonomia nas relações amorosas que os rapazes. Por seu turno, Campbell, Simpson, Boldry e Kashy (2005) numa amostra de adolescentes/jovens adultos (média etária de 19.26 anos) verificaram um maior optimismo acerca da relação que os rapazes, enquanto que Connolly e Johnson (1996) verificaram que independentemente da idade (entre os 13 e os 19 anos) as raparigas cotam as relações amorosas como mais apoiantes que os rapazes. Em termos de investimento, Cooper e Grotevant (1987) observaram ainda que as raparigas eram mais investidas no relacionamento amoroso que os rapazes. Dada a revisão bibliográfica, aguardávamos encontrar uma maior prevalência de raparigas Seguras, aliás à imagem dos resultados

apresentados por Matos (2002) já que com uma amostra portuguesa, onde à excepção do padrão Amedrontado, todos os outros padrões tinham maior frequência de raparigas que de rapazes. De facto isso não aconteceu. Os papéis de género podem aqui ter um valor explicativo. Bandura e Bussey (1999) numa revisão da literatura acerca do género, verificam que as principais teorias do desenvolvimento, independentemente das justificações, dão como reconhecida a aprendizagem dos papéis de género, referindo que a segregação cultural dos sexos se inicia muito cedo e pode ser observada tanto nos recreios infantis quanto na escolha dos pares. Nesta perspectiva, encontra-se a posição de Benenson (2005), que além dos determinantes biológicos dos papéis de género, fala de uma identificação entre rapazes e pai e de uma maior sanção, por parte também do pai, aos comportamentos desviantes da norma do grupo de pares do mesmo género para os rapazes (por exemplo um filho propor uma actividade complementar de Ballet) que para as filhas raparigas (por exemplo, uma filha solicitar a entrada numa equipa de futebol). Tendo em conta estes factores, é provável que uma maior percentagem de rapazes Seguros nas relações amorosas seja fruto de uma maior intimidade que é permitida nas relações amorosas e que é sancionada por questões de identidade de género nos restantes contextos relacionais. A este propósito, observem-se os resultados de Shulman e colaboradores (1997) que em adolescentes entre os 17 e os 19 anos, observaram maiores níveis de partilha de informação relevante (relativamente a família, amigos e desenvolvimento físico) nos rapazes que nas raparigas. O mesmo pensamento relativo aos papéis de género justificará também os resultados de um maior *Desinvestimento* por parte dos rapazes e de maior percentagem de raparigas no padrão Preocupado. Schmitt (2007), numa extensa revisão da literatura, referencia alguns estudos que sugerem que o maior *desinvestimento* no género masculino se deve aos papéis e expectativas sociais que esperam do sexo feminino maior prestação de cuidados e carinho.

#### 2.3.1.5.3. *Diferenças por tipo de instituição formativa frequentada*

O funcionamento bidimensional da vinculação amorosa não se associa nesta amostra com as instituições formativas ( $\chi^2=6.325$ ,  $gl=6$ ,  $p=.388$ ). Do mesmo modo que para os resultados relativos aos pares, também aqui não se aguardavam resultados diferenciais.

#### 2.3.1.5.4. *Diferenças por duração da relação amorosa*

Os **padrões de vinculação** na relação amorosa foram ainda estudados do ponto de vista da duração da ligação emocional (Quadro 16). Os resultados apontam para a existência de uma relação significativa entre as variáveis ( $\chi^2=20.613$ ,  $gl=9$ ,  $p=.014$ ).

## QUADRO 16.

## Associações entre padrões de vinculação ao Par amoroso e Duração da relação amorosa

Duração da relação	Padrões de Vinculação ao Par amoroso				Total
	Padrão Seguro (n=196)	Padrão Preocupado (n=133)	Padrão Desinvestido (n=85)	Padrão Amedrontado (n=118)	
Menos de 1 ano	35.9% <sup>1</sup>	20.7% <sup>3</sup>	19.1% <sup>4</sup>	24.3% <sup>2</sup>	100%
1 ano	46% <sup>1</sup>	20% <sup>3</sup>	12% <sup>4</sup>	22% <sup>2</sup>	100%
Entre 1 a 2 anos	38.3% <sup>1</sup>	27.7% <sup>2</sup>	13.8% <sup>4</sup>	20.2% <sup>3</sup>	100%
Mais de 2 anos	32.9% <sup>2</sup>	41.8% <sup>1</sup>	8.9% <sup>4</sup>	16.5% <sup>3</sup>	100%
<b>TOTAL</b>	36.8% <sup>1</sup>	25% <sup>2</sup>	16% <sup>4</sup>	22.2% <sup>3</sup>	<b>100%</b>

**Nota.** Significância estatística de  $p \leq .05$ . Aos números em chamada corresponde a posição relativa das percentagens (ordem decrescente).

A partir do Quadro 16 podemos ver o funcionamento Desinvestido como o menos frequente em percentagem, independentemente da duração considerada. A Segurança é a dinâmica mais observada, à excepção da duração superior aos dois anos onde a Preocupação se superioriza. O funcionamento Preocupado é aliás o que aparece em terceiro lugar nas relações até um ano, passando a segundo lugar percentual no grupo seguinte e como já afirmado é o primeiro em percentagem nas relações com duração superior aos dois anos. Em suma, genericamente o funcionamento percentual mais verificado é o Seguro, seguindo-se o Preocupado (embora com um aumento visível a partir do ano de duração da relação), o Amedrontado (com maior preponderância nos estádios iniciais de namoro) e por fim o padrão Desinvestido, consistentemente *na cauda* dos funcionamentos ao nível amoroso dos adolescentes portugueses desta amostra.

Curiosamente, o funcionamento Preocupado parece ter mais frequência nos namoros de maior duração, enquanto que Amedrontados e Desinvestidos se associam mais a relações com menor duração temporal.

Schmitt e Colaboradores (Schmitt *et al.*, 2004, Schmitt, 2007) encontraram associações entre os países com taxas inferiores de desenvolvimento humano (tendo em conta indicadores de saúde, longevidade, educação e estatuto de vida) e a prevalência do padrão amoroso Preocupado. Tendo em conta a esta amostra onde o nível sócio-económico e de formação é muito baixo, estes resultados adequam-se ao ponto de vista destes estudos.

#### 2.3.1.5.5. Diferenças por acontecimentos de vida

Quanto a resultados por **acontecimentos de vida**, a um primeiro nível os resultados da ANOVA (*One-way*) indicaram a existência de variabilidade significativa quer na **Intensidade dos acontecimentos de vida negativos** quer no **Número de acontecimentos negativos** em função dos **padrões de vinculação** ao par amoroso [ $F(3, 375)=2.647, p=.049$ ]

e  $F(3, 373)=3.666$ ,  $p=.013$ , respectivamente], embora o primeiro resultado revelando-se espúrio em procedimentos subsequentes.

Assim, os adolescentes Preocupados na relação com o par amoroso relatam terem experienciado menor número de acontecimentos negativos ( $M=8.42$ ,  $DP=4.98$ ) que os seus pares Amedrontados ( $M=10.88$ ,  $DP=5.39$ ), não existindo resultados significativos a reportar relativamente a Seguros ( $M=9.47$ ,  $DP=4.64$ ) e a Desinvestidos ( $9.96$ ,  $DP=4.90$ ). Ou seja, os sujeitos que detêm uma imagem negativa de si e do outro nas relações amorosas, relatam maior número de acontecimentos negativos que aqueles que detêm uma imagem negativa de si mas positiva do outro.

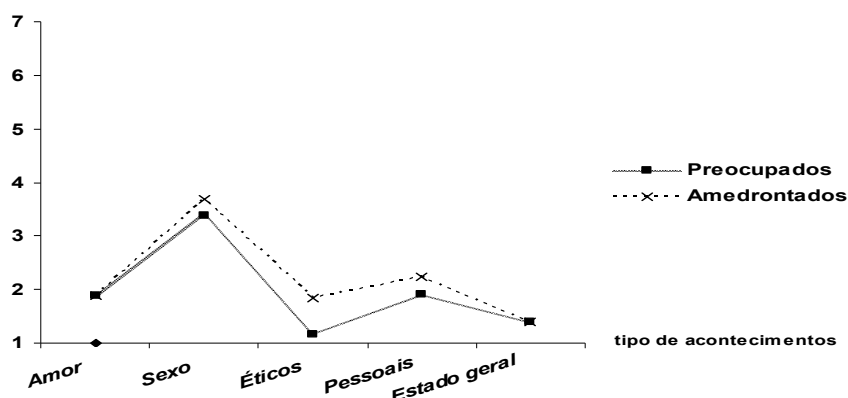
Pensamos que estes resultados estariam ligados sobretudo a acontecimentos de vida associados à relação amorosa em si mesma, já que a teoria (Bartholomew, 1990, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) preconiza justamente que os sujeitos Amedrontados têm um sentido de culpabilidade pessoal e de baixo envolvimento nas relações românticas que podem, quanto a nós, indicar os acontecimentos de vida negativos como causas e consequências deste modo de funcionamento. De outro modo, se estes acontecimentos negativos se ligarem às relações românticas aumentarão a probabilidade de culpabilização pessoal e reforçarão um funcionamento Amedrontado, porém, se existirem muitos acontecimentos negativos aliados à relação romântica, tal poderá levar a um funcionamento evitante e desconfiado, que mais tarde se pode estruturar no protótipo Amedrontado.

Quanto aos jovens Preocupados, o mesmo modelo refere a idealização das relações interpessoais, pelo que a probabilidade de referirem um menor número de acontecimentos negativos que os adolescentes Amedrontados justifica-se de facto pelo funcionamento interno relativo à imagem dos outros. Assim, não quisemos deixar de verificar que tipo de acontecimentos de vida estavam aqui em causa, pelo que seleccionamos direccionalmente a amostra em adolescentes Preocupados e Amedrontados, realizando uma ANOVA (*One-way*) ao **Número de acontecimentos negativos** por área.

Os resultados confirmaram as nossas expectativas. Assim, existiam diferenças entre jovens Preocupados e Amedrontados (com médias superiores sempre dos Amedrontados) nas áreas das questões amorosas [ $F(1, 169)=13.141$ ,  $p=.000$ ;  $M=1.61$ ,  $DP=.999$  vs.  $M=1.03$ ,  $DP=1.39$ ], das questões sexuais [ $F(1, 169)=4.072$ ,  $p=.045$ ,  $M=3.63$ ,  $DP=2.00$  vs.  $M=3.01$ ,  $DP=2.04$ ], éticas [ $F(1, 169)=5.600$ ,  $p=.019$ ,  $M=.076$ ,  $DP=.30$  vs.  $M=.275$ ,  $DP=.72$ ], pessoais [ $F(1, 169)=5.752$ ,  $p=.018$ ,  $M=1.60$ ,  $DP=1.65$  vs.  $M=1.06$ ,  $DP=1.25$ ] e de estado geral [ $F(1, 169)=4.381$ ,  $p=.038$ ,  $M=.612$ ,  $DP=.92$  vs.  $M=.351$ ,  $DP=.70$ ]. A Figura 38 sumaria os resultados.

FIGURA 38.

Número médio de acontecimentos de vida negativos por padrão de vinculação ao Par amoroso



Embora as dimensões Acontecimentos associados à Ética, Pessoais e Estado geral possam à partida, não se coadunar com aspectos da relação amorosa, se pensarmos que poderão ser acontecimentos específicos como “Ser violento(a)”, “Ter menos dinheiro” ou “Pedir dinheiro emprestado”, suicídio de outro ou pensamentos e tentativas do próprio e finalmente “Sentir-se em baixo”, facilmente poderíamos aliá-los à relação amorosa.

Não se encontrou variabilidade quer na **Avaliação dos acontecimentos de vida positivos** quer no **Número destes acontecimentos relatados** [ $F(3, 376)=2.441$ ,  $p=.064$  e  $F(3, 376)=1.717$ ,  $p=.163$ , respectivamente].

À imagem das análises efectuadas referentes à segurança de vinculação aos pais, e variabilidade dos acontecimentos de vida em função dos padrões relacionais com os pares no (ponto 2.3.1.4.4. deste Capítulo, p. 258), e pela mesma ordem de razões replicamos o procedimento aí efectuado desta feita para o par amoroso. Os resultados indicaram de novo apenas resultados significativos quer para o **Número** quer para a **Avaliação dos acontecimentos de vida negativos** [ $F(3, 102)=5.605$ ,  $p=.001$  e  $F(3, 103)=6.301$ ,  $p=.001$ , respectivamente], sendo os resultados dos acontecimentos positivos [**Número de acontecimentos de vida positivos**:  $F(3, 103)=1.122$ ,  $p=.344$ ; **Avaliação dos acontecimentos de vida positivos**:  $F(3, 103)=1.486$ ,  $p=.223$ ] sem significância. Os testes *post hoc* indicaram que os adolescentes Seguros a ambos os pais e Preocupados na relação amorosa eram mais positivos a avaliarem os acontecimentos de vida negativos ( $M=1.11$ ,  $DP=.58$ ) que os seus pares Seguros ( $M=1.59$ ,  $DP=.57$ ) e Amedrontados ( $M=1.92$ ,  $DP=.79$ ), sem que houvessem diferenças para com os jovens Desinvestidos ( $M=1.51$ ,  $DP=1.92$ ). Por seu turno, os adolescentes Preocupados relatavam também menor número de acontecimentos de vida negativos ( $M=6.33$ ,  $DP=4.98$ ) que os Seguros ( $M=9.82$ ,  $DP=4.06$ ) ou os Amedrontados ( $M=12.27$ ,  $DP=6.07$ ) e de novo, os Desinvestidos não diferiam de qualquer um dos outros padrões ( $M=9.41$ ,  $DP=4.67$ ).

Desde logo, e de acordo com a literatura acerca das questões da continuidade e da mudança da segurança de vinculação (Baldwin *et al.*, 1996; Bowlby, 1969/1990, 1973/1998a, 1973/1998b; Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Main *et al.*, 1985; Pietromonaco & Feldman-Barrett, 2000b; Waters *et al.*, 2000a, b e c), podemos inferir também aqui da influência dos acontecimentos negativos na passagem do funcionamento Seguro na relação com os pais a Inseguro na relação amorosa. Enquanto que relativamente aos pares amigos, quer o impacto mais negativo, quer o número maior de acontecimentos negativos parecia alterar um funcionamento Seguro que existia quanto aos modelos para com os pais para um exercício Desinvestido aos amigos, no relacionamento amoroso observamos que um menor número de acontecimentos negativos parece interagir com a segurança inicial (pais) de modo a que o impacto é avaliado como inferior originando um funcionamento Preocupado (justamente porque a desvalorização dos acontecimentos negativos pode originar a idealização relacional).

Por outro lado, se o número de acontecimentos relatados é maior, a consequência parece ser uma avaliação do impacto mais negativa (por comparação aos jovens Preocupados) donde resultam dois outros tipos de funcionamento: o Seguro e Amedrontado. Pensamos que é precisamente a média mais elevada de acontecimentos e sua intensidade negativa (embora não significativas) dos jovens Amedrontados por comparação aos Seguros que justificam esses mesmos funcionamentos, isto é, consideramos que a consistência da segurança nos domínios relacionais com os pais e o par amoroso se deve a níveis de ocorrências que delimitam a intensidade da avaliação do impacto, de modo a que o jovem continue a deter uma imagem de si enquanto merecedor(a) de cuidados e do outro, enquanto alguém em quem é possível confiar para prestar cuidados e prestar funções de *Base segura* quando necessário. Se o nível de ocorrências é muito baixo, os sujeitos tenderão a avaliar a intensidade dos acontecimentos de forma mais positiva e provavelmente a fantasiar o outro sobrevalorizando o seu papel de prestação de cuidados. Finalmente, quando o nível de ocorrências se eleva, poder-se-á gerar um fenómeno de avaliação mais negativa que em última instância poderá conduzir a uma culpabilização pelos acontecimentos e ao medo cada vez maior da rejeição.

#### 2.3.1.6. Discussão comparativa de resultados

Considera-se relevante realizar uma discussão comparativa de resultados tendo em conta o género parental já que, escassos são os estudos onde este paralelo é efectuado. As Figuras 39 e 40 dão conta das comparações por género de pais e adolescentes e instituição de formação frequentada.

FIGURA 39.

Comparação entre Padrões de Vinculação na Relação com o Pai e Mãe por género e totais

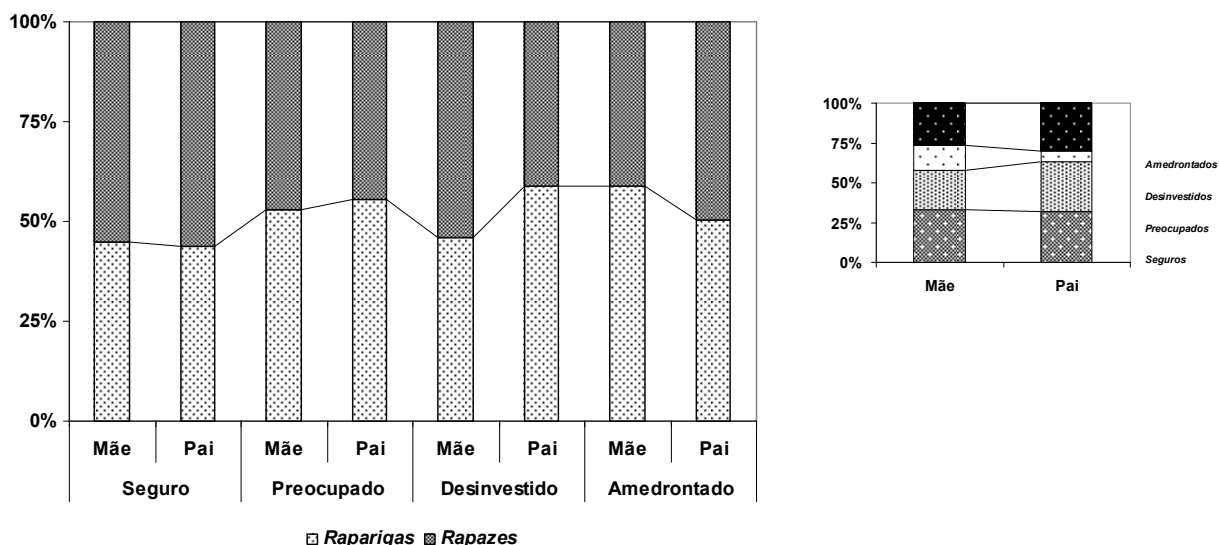
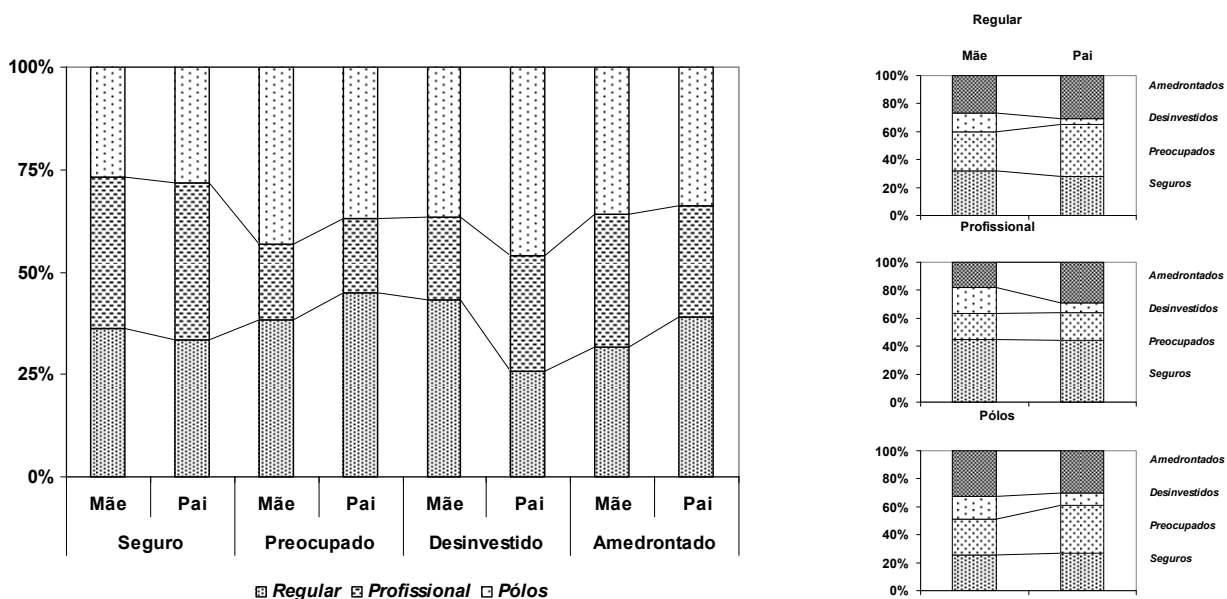


FIGURA 40.

Comparação entre Padrões de Vinculação na Relação como Pai e Mãe por instituição formativa/totais



Nesta amostra verificou-se, em termos gerais, uma percentagem de adolescentes Preocupados quer à mãe quer ao pai muito superior às que alguns estudos verificaram (*vide* Bartholomew & Horowitz, 1991; van IJzenoorn & Bakermans-Kranenburg, 1997), porém, a prevalência do padrão Preocupado relativamente aos dois padrões onde o evitamento está mais presente foi também encontrada numa amostra de jovens adultos sérvios, onde a partir das representações de vinculação aos pais medidas através da *Adult Attachment Interview* se apurou que em termos de percentagens relativas, logo após o padrão Seguro surgia o padrão Preocupado (Stanojevic, 2004), resultados que replicam os de um outro estudo da mesma autora em 2000, efectuado numa amostra de crianças sérvias (Stanojevic citada por



Stanojevic, 2004). Em 1999, van IJzenoorn e Sagi referem também numa meta-análise a propósito dos resultados da distribuição das classificações de vinculação na infância em diferentes amostras [amostras chinesas (Hu & Meng, 1996), israelitas (Sagi *et al.*, 1985, 1995), africanas (Ainsworth, 1967) e japonesas<sup>113</sup> (Durrett, Otaki & Richards, 1984; Takahashi, 1986)]<sup>114</sup>. Em amostras americanas, van IJzenoorn e Kroonenberg (1988) referenciam ainda como concordantes com os resultados anteriores os trabalhos de Bates, Maslin e Frankel (1985), Crockenberg (1981), Egeland e Farber (1984), Waters (1978) e Weston (1983), pese embora a distribuição quer das amostras da Europa Ocidental quer de todas as amostras deste trabalho de revisão sejam de 21% de Evitantes, 65% de Seguros e 14% de Resistentes/Ambivalentes.

Pensamos que esta incidência maior de jovens Preocupados poderá ter duas razões e ambas de carácter adaptativo. Uma primeira diz respeito ao próprio período desenvolvimental que estamos a estudar, a adolescência, onde a necessidade de autonomia para uma identidade saudável se impõe; esta necessidade de autonomia pode de algum modo ser interpretada pelos jovens como um afastamento o que fará aumentar a *Ansiedade de separação (e dependência)* relativamente aos pais. Por outro lado, na sociedade portuguesa prevalece a atribuição à mãe (mais que ao pai) das responsabilidades na prestação de cuidados aos filhos (Cunha, 2002), o que conjuntamente com uma redefinição dos papéis sociais da mulher que implicam representações de realização pessoal ao nível laboral (Barreto, 2002) e ainda de uma conjuntura económica desfavorável, resultaram num alongar da permanência dos jovens na casa dos pais até ao momento do casamento, e numa decisão de ter menos filhos actualmente que no passado (Cunha, 2002). Será que esta necessidade de prolongar a estadia no lar de origem, em conjunto com a conjuntura que não mais permite que pai e mãe passem tanto tempo como outrora com os seus filhos, poderá estar na base de comportamentos parentais ambivalentes que mantêm um grau moderado de insegurança nos filhos, estes que por sua vez limitam a sua própria autonomia através de estratégias de hiperactivação da vinculação providenciando deste modo a manutenção do relacionamento? Marsh, McFarland, Allen, McElhaney e Land (2003) dão algumas pistas acerca desta hipótese, revelando ainda as associações entre o protótipo Preocupado na adolescência e os comportamentos de risco e delinquência como estratégia de manutenção da relação parental pela chamada de atenção extrema. Esta hipótese explicaria adicionalmente o porquê de uma maior percentagem de adolescentes Seguros nas escolas profissionais por contraponto à maior percentagem de Preocupados nas escolas regulares e nos pólos: para com as expectativas vocacionais dos alunos das escolas profissionais, onde muitas vezes o cumprimento do percurso vocacional implica a

<sup>113</sup> Dado o enquadramento teórico dos resultados referenciados pelos autores (a classificação clássica de Mary Ainsworth) a nomenclatura não é a de sujeitos Preocupados mas de Resistentes/Ambivalentes.

<sup>114</sup> Estudos referenciados por van IJzenoorn e Sagi (1999).

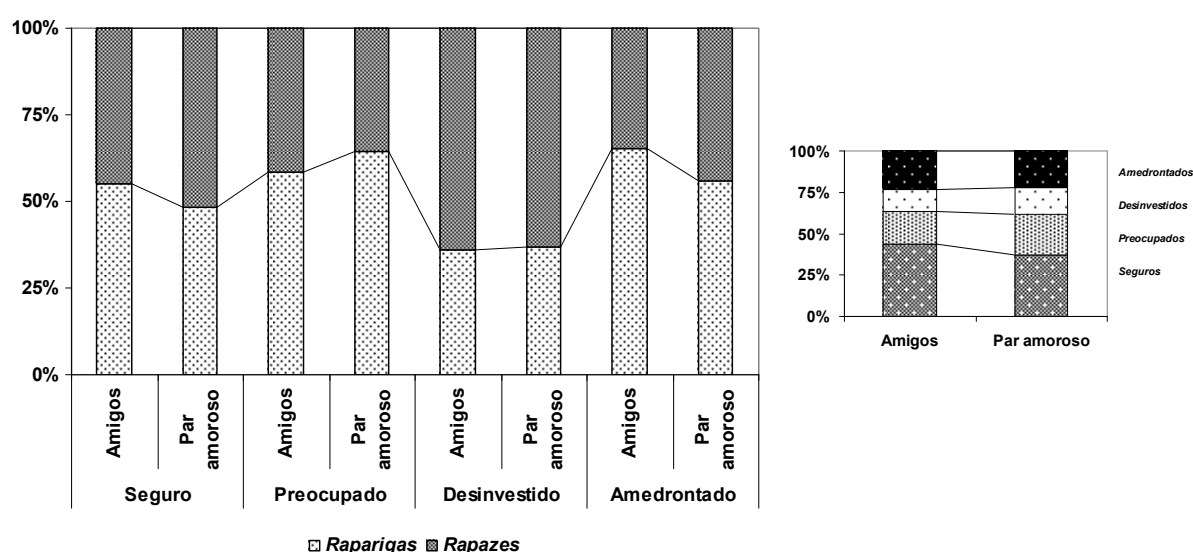
saída da casa parental, é mais adaptativo uma estratégia de promoção da autonomia em conjunto com um ambiente de segurança que promova mais a exploração, do que um que apele a estratégias de hipervigilância emocional. Tendo em conta o que acabámos de dizer acerca do desfasamento entre as necessidades de realização pessoal da mulher na actualidade mas também a sua atribuição de maior responsabilidade no cuidar dos filhos, também o maior *desinvestimento* observado relativamente às mães poderá ter a mesma razão de ser, já que a desactivação do sistema de vinculação é a estratégia alternativa para a redução da *Ansiedade de separação*.

Por último, observa-se um efeito curioso por género dos adolescentes e parental. As raparigas e os rapazes Seguros não diferem em percentagem para ambos os pais, porém, há mais raparigas Preocupadas e Desinvestidas na relação com o pai que com a mãe e mais rapazes Preocupados e Desinvestidos à mãe que ao pai. No *amedrontamento* sucede o contrário, isto é, a percentagem maior de Amedrontados (pai e mãe) acontece para o género concordante dos pais. Dados alguns estudos que indicam a qualidade diferencial da vinculação em função do género de pais e filhos (Armsden & Greenberg, 1987; Bailey *et al.*, 2002, Berman & Sperling, 1991, Clark-Lempers *et al.*, 1991; Noack & Buhl, 2004) o que pode estar a acontecer poderá ser um efeito precisamente desta maior proximidade entre raparigas e mãe e entre rapazes e pai. De outro modo, o intuito da estruturação Preocupada é a da manutenção da proximidade através da hiperactivação do sistema de vinculação enquanto que o da organização Desinvestida é a sua desactivação, assim, se os progenitores forem mais distantes dos filhos de género oposto ao seu, estas são, à luz da teoria, as estratégias mais óbvias e adaptativas de lidar com a situação. Por outro lado, é muito provável que experiências de negligência, de rejeição, ausência e distanciamento sejam interiorizadas pelos jovens de forma mais evitante, em se tratando do progenitor cujas expectativas pessoais e sociais são de maior proximidade relacional. O resultado revela-se posteriormente no medo da intimidade pelo pânico da rejeição e na ambivalência de quem deseja e evita activamente a proximidade, a confiança e a intimidade. Tendo ainda em conta que a nossa amostra tem um nível socio-económico predominantemente baixo e, observando os estudos de que já falámos que associam a pobreza e as dificuldades financeiras na infância e adolescência a abaixamento nos níveis de segurança e outros que associaram maiores níveis de alienação no estabelecimento da autonomia na relação com a mãe em famílias de risco comparativamente a famílias consideradas de não-risco (McElhaney & Allen, 2001), a probabilidade de que este tipo de distribuição do padrão Amedrontado por género aconteça amplia-se, justamente porque a disponibilidade e o apoio que o adolescente necessita pode não ter eco nos pais que estarão mais absortos nas preocupações financeiras da família.

Tendo em conta que a literatura sugere uma associação forte entre a vinculação aos pares e ao par amoroso na adolescência, (Connolly *et al.*, 2000; Connolly & Goldberg, 1999; Furman, 1998; Furman & Wehner, 1993; Hazan & Zeifman, 1994; Simpson *et al.*, 2007a e b; Taradash *et al.*, 2001; Zeifman & Hazan, 1997), realizamos também esta discussão numa perspectiva comparativa dos resultados para os pares por género dos adolescentes (Figura 41).

FIGURA 41.

Comparação entre Padrões de Vinculação na Relação com os Pares e Par amoroso por género e totais



Alguns dados são interessantes. O padrão Preocupado observa-se mais no funcionamento feminino em ambos os contextos relacionais que o funcionamento Seguro, sugerindo talvez que a prevalência deste modo de funcionamento em Portugal poderá estar mais associado às raparigas que aos rapazes, nomeadamente pelas questões culturais que temos vindo a sugerir a propósito dos papéis de género e da parentalidade. Em consonância estão os dados descritivos do padrão Desinvestido, predominante nos rapazes, quer na relação com os pares quer com o par amoroso se comparados às raparigas. De facto, se pensarmos nas questões culturais de género, os rapazes, tal como já referenciamos anteriormente, são mais penalizados que as raparigas se não se comportarem de acordo com as expectativas de género. Assim, é de supor que nas relações de proximidade exibam maior afastamento emocional traduzido numa menor *Confiança* e *Dependência* e num maior evitamento que os seus pares de género oposto, donde resultaria justamente a prevalência do padrão Desinvestido (sob pena de sanções sociais que muitas vezes implicam um colocar em causa da masculinidade, quer por parte de pais quer por parte de pares). Este tipo de conclusão tem correlatos ao nível da investigação. Alonso-Arbiol, Shaver e Yarnoz

(2002) observaram numa amostra de jovens adultos que a *Ansiedade* de vinculação e a dependência emocional se associavam positivamente à feminilidade e negativamente à masculinidade, enquanto que o *Evitamento*, embora não se associasse significativamente à masculinidade (talvez porque com o decurso do desenvolvimento é mais provável uma postura menos evitante), associava-se negativamente à feminilidade. Também Maria Teresa Ribeiro e Maria Emília Costa (2001/2002) observaram em casais adultos que um padrão de vinculação Seguro se associa mais a uma tipologia de género andrógina, mas que o género masculino tem de facto médias de mais elevadas que mulheres, tipos andróginos e indiferenciados no estilo Evitante/desligado. Em termos de segurança vinha o género feminino, seguido do masculino, sendo a média mais baixa a dos indiferenciados ao nível da tipologia de género.

Ainda a este propósito, esta mesma posição explicará também a disparidade entre as percentagens do padrão Amedrontado nas raparigas e nos rapazes para ambos os relacionamentos, sugerindo-se que na adolescência a elevada ansiedade resultante do medo do abandono por parte dos pares amorosos é socialmente mais penalizadora para as raparigas, já que os estereótipos sociais sugerem que a masculinidade se associe a uma maior exploração amorosa e nas raparigas a maior recato, a timidez e a responsabilidade que definem o “bom” papel feminino (*vide* Rocha & Ferreira, 2002). Assim, a ansiedade pelo medo do abandono mas o desejo de intimidade poder-se-ão associar de modo a que o *produto final* seja o de uma maior *Ambivalência*, naturalmente maior por parte das raparigas. Resultados similares a estes foram encontrados por Zuvela (2004) numa amostra de adolescentes em Belgrado. No entanto, é ainda maior a proporção de raparigas Amedrontadas nas relações de pares que nas amorosas, por comparação aos rapazes. Pensamos que aqui poderão estar em causa as qualidades mais diádicas das relações de pares nas raparigas e mais grupais para os rapazes (Markovits *et al.*, 2001), ou seja, se as relações de amizade das raparigas são caracterizadas por maior intimidade, revelação pessoal, e qualidade relacional que as dos rapazes é bem provável que as raparigas exibam um medo maior da perda de relações, que na adolescência significam a privação de um sentido de *self* (que se define aqui pelo outro) e justamente por isso, exibam maiores níveis de ciúmes que os rapazes nas relações de pares (Parker, Low, Walker & Gamm, 2005) que se associam posteriormente a uma maior percepção de solidão. Justamente no estudo que acabámos de referir, o ciúme associava-se também positivamente à agressão social (atacar o outro através do seu estatuto de inclusão no grupo, afastando-o) e à agressão passiva (enquanto afastamento por ignorar o outro ou parar de falar com ele, ou ainda ameaçar o amigo de deixar de “gostar” se este não aceitar as suas exigências). Em suma, a representação do medo através do ciúme e os comportamentos de evitamento a ele associados, convergem na adolescência mais para o género feminino que para o masculino,

providenciando suporte para um funcionamento mais Amedrontado para as raparigas que para os rapazes (*vide* ainda Smetana *et al.*, 2006, para uma revisão acerca das influências dos pares no desenvolvimento adolescente).

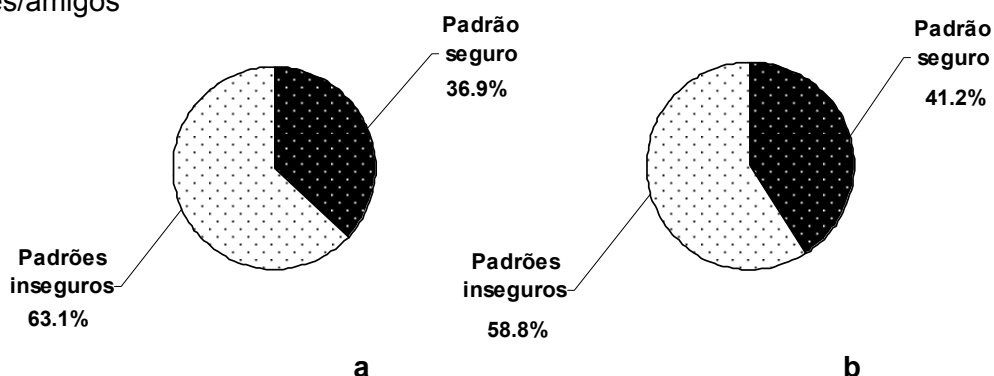
#### 2.3.1.7. Variabilidade da segurança de vinculação a pares e par amoroso: A segurança noutros contextos é um factor a ter em conta? – Uma integração

Finalmente, gostaríamos de integrar os quatro contextos relacionais em simultâneo. Assim, e observando as distribuições de Segurança e Insegurança nos padrões de vinculação quisemos testar até que ponto: a) a vinculação Segura/Insegura à mãe e ao pai aumentava a probabilidade da Segurança/Insegurança aos pares e par amoroso e b) a vinculação Segura/Insegura aos pares aumentava a probabilidade de Segurança/Insegurança no funcionamento de vinculação ao par amoroso. Calcularam-se as percentagens de segurança em cada contexto, tendo em conta apenas os sujeitos com experiência amorosa significativa. Num primeiro momento verificaram-se então as proporções de Segurança/Insegurança na relação com os pares e par amoroso. Constatou-se então que a percentagem do protótipo Seguro na relação com os amigos era de 41.2% para uma percentagem de jovens enquadrados nos padrões Inseguros de 58.8%. Para o par amoroso, as percentagens de Seguros e Inseguros foram, respectivamente, de 36.9% e 63.1%. Na testagem binomial utilizamos então as proporções Seguras/Inseguras para verificar da maior ou menor plausibilidade de segurança.

A Figura 42 integra as percentagens de Segurança/Insegurança na amostra total quer para par amoroso quer para pares amigos.

FIGURA 42.

Percentagens de Padrões seguros e inseguros na relação com o par amoroso e pares/amigos

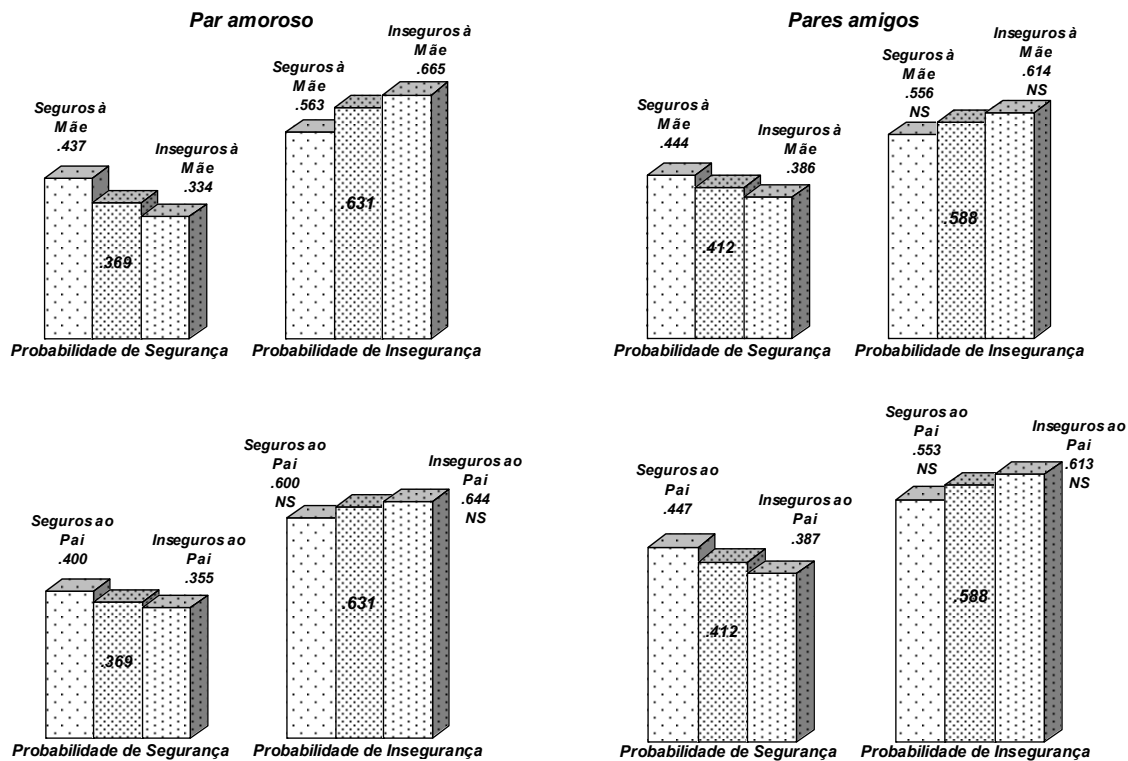


**Legenda.** (a) Vinculação ao par amoroso; (b) Vinculação aos pares

Os resultados que foram observados para a Segurança ou Insegurança a cada um dos pais e aos pares relativamente à Segurança ou Insegurança aos pares e par amoroso são apresentados nas Figuras 43 e 44.

FIGURA 43.

Proporções de Segurança/Insegurança aos Pares e Par amoroso na Segurança/Insegurança aos Pais

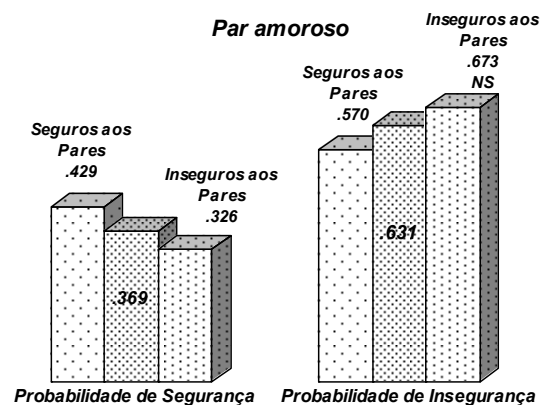


**Legenda.** NS: o teste binomial não foi significativo para o grupo

**Nota.** Para cada uma das probabilidades de Segurança ou de Insegurança na relação de Pares ou Par amoroso na Segurança ou Insegurança a cada um dos progenitores, a coluna central apresenta probabilidade de Segurança ou Insegurança a cada tipo de par na amostra geral.

FIGURA 44.

Proporções de Segurança/Insegurança ao Par amoroso na Segurança/Insegurança aos Pares



**Legenda.** NS: o teste binomial não foi significativo para o grupo

**Nota.** Para cada uma das probabilidades de Segurança ou de Insegurança na relação com o Par amoroso na Segurança ou Insegurança aos Pares amigos, a coluna central apresenta probabilidade de Segurança ou Insegurança ao Par amoroso na amostra geral.

#### 2.3.1.7.1. *Que contextos tem a Mãe maior probabilidade de influenciar?*

Segundo o teste binomial, a probabilidade de que os adolescentes sejam Seguros ao par amoroso sendo Seguros à mãe é significativamente maior ( $p=.000$ ) que a proporção de segurança geral observada na amostra, enquanto que se a relação com a mãe for Insegura esta probabilidade é significativamente menor ( $p=.000$ ). Assim, a percentagem de Seguros ao par amoroso é na amostra geral de 36.9%, e as observações efectuadas são de 43.7% e 33.4%, no caso de os adolescentes serem Seguros ou Inseguros à mãe, respectivamente. Para a probabilidade de Insegurança ao par amoroso, verificou-se que quando os jovens são Seguros à mãe, a probabilidade de serem Inseguros ao par amoroso é significativamente menor ( $p=.034$ ) que a Insegurança observada na amostra total (55.6% e 63.1%, respectivamente). No entanto, quando os adolescentes são Inseguros à mãe, a probabilidade de existirem diferenças na Insegurança aos pares, embora maior que na amostra total (66.5% e 63.1%, respectivamente), esta não é significativa ( $p=.092$ ).

O teste de proporção binomial indicou que a percentagem de adolescentes Seguros aos amigos em função da Segurança à mãe variava significativamente da verificada na amostra geral ( $p=.000$ ) ou da Insegurança à mãe ( $p=.000$ ) à mãe. A percentagem de Seguros aos pares foi na amostra geral de 41.2%, sendo de 44.4% e de 38.6% nos grupos de Segurança e Insegurança à mãe, respectivamente.

Relativamente à Insegurança aos pares, os resultados para os grupos de Segurança/Insegurança à mãe revelaram-se não significativos ( $p=.195$  e  $p=.153$ ).

De modo geral podemos então dizer que a Segurança e a Insegurança ao par amoroso parece sofrer influência da Segurança e da Insegurança à mãe. Quanto aos pares, um funcionamento Seguro ou Inseguro à mãe parece fazer variar a probabilidade da Segurança aos pares amigos, mas não a Insegurança.

#### 2.3.1.7.2. *Que contextos tem o Pai maior probabilidade de influenciar?*

Do mesmo modo que para a mãe, os resultados do teste binomial indicaram diferenças significativas na percentagem de jovens Seguros ao par amoroso em função da Segurança ou Insegurança ao pai (ambos os funcionamentos  $p=.000$ ). Assim, na amostra geral o funcionamento Seguro era de 36.9% enquanto que se o padrão de vinculação ao pai fosse Seguro essa proporção era de 40% e se fosse Inseguro era de 35.5%, porém, quando realizado o teste relativamente às proporções de Inseguros, verifica-se que quer a Segurança quer a Insegurança ao pai não evidenciavam deter proporções significativamente diversas das da amostra geral (60% e 64.4%, respectivamente para 63.1% no total).

Quanto aos pares apenas a Segurança parece ser influenciada pelo pai, isto é, enquanto que no funcionamento Inseguro aos amigos, o funcionamento Seguro ou Inseguro ao pai não encontra uma variabilidade significativa relativamente à percentagem geral

( $p=.185$ ; 55.3% e  $p=.157$ ; 61.3%, respectivamente, para uma percentagem de Inseguros de 58.8%), na Segurança de vinculação na relação com os pares verificou-se o contrário. Assim, Segurança aos amigos é maior no grupo onde há Segurança ao pai ( $p=.000$ ; 44.7%) e menor no grupo de Insegurança ao pai ( $p=.000$ ; 38.7%) comparativamente à percentagem de Inseguros aos pares no geral (41.2%).

De forma geral podemos dizer que a Segurança quer ao par amoroso quer aos pares parece ser influenciada pela Segurança (positivamente) ou Insegurança ao pai (negativamente), porém esta proposição não é válida para a probabilidade da Insegurança. Ao contrário, a Insegurança no relacionamento com os amigos parece não sofrer influência significativa quer da Segurança, quer da Insegurança na relação com o pai.

#### 2.3.1.7.3. A (in)segurança aos pares amigos influencia a (in)segurança ao par amoroso?

O padrão de resultados nestes dois contextos relacionais replica o encontrado para a pai e par amoroso. Deste modo a Segurança ao par amoroso detém percentagens de Segurança (36.9%) na amostra geral significativamente diversas (quer para Seguros,  $p=.036$ , quer para Inseguros  $p=.000$ ) das proporções encontradas quando se seleccionam apenas os que são Seguros (42.9%) ou os que são Inseguros com os pares (32.6%). Quanto à Insegurança na relação amorosa, a influência dos pares parece ser significativa ( $p=.000$ ) apenas quando há Segurança e não quando há Insegurança ( $p=.061$ ). Assim, há menos sujeitos Inseguros ao par amoroso quando a relação é Segura com os amigos (57% para 63.1%) enquanto que a percentagem de Inseguros ao par amoroso na Insegurança aos pares, embora superior à da amostra geral (67.3% para 63.1%) não se mostrou significativa.

Em síntese, quer a Segurança quer a Insegurança ao par amoroso parecem acontecer com a influência da vinculação dos pares/amigos (salvo quando a insegurança é comum).

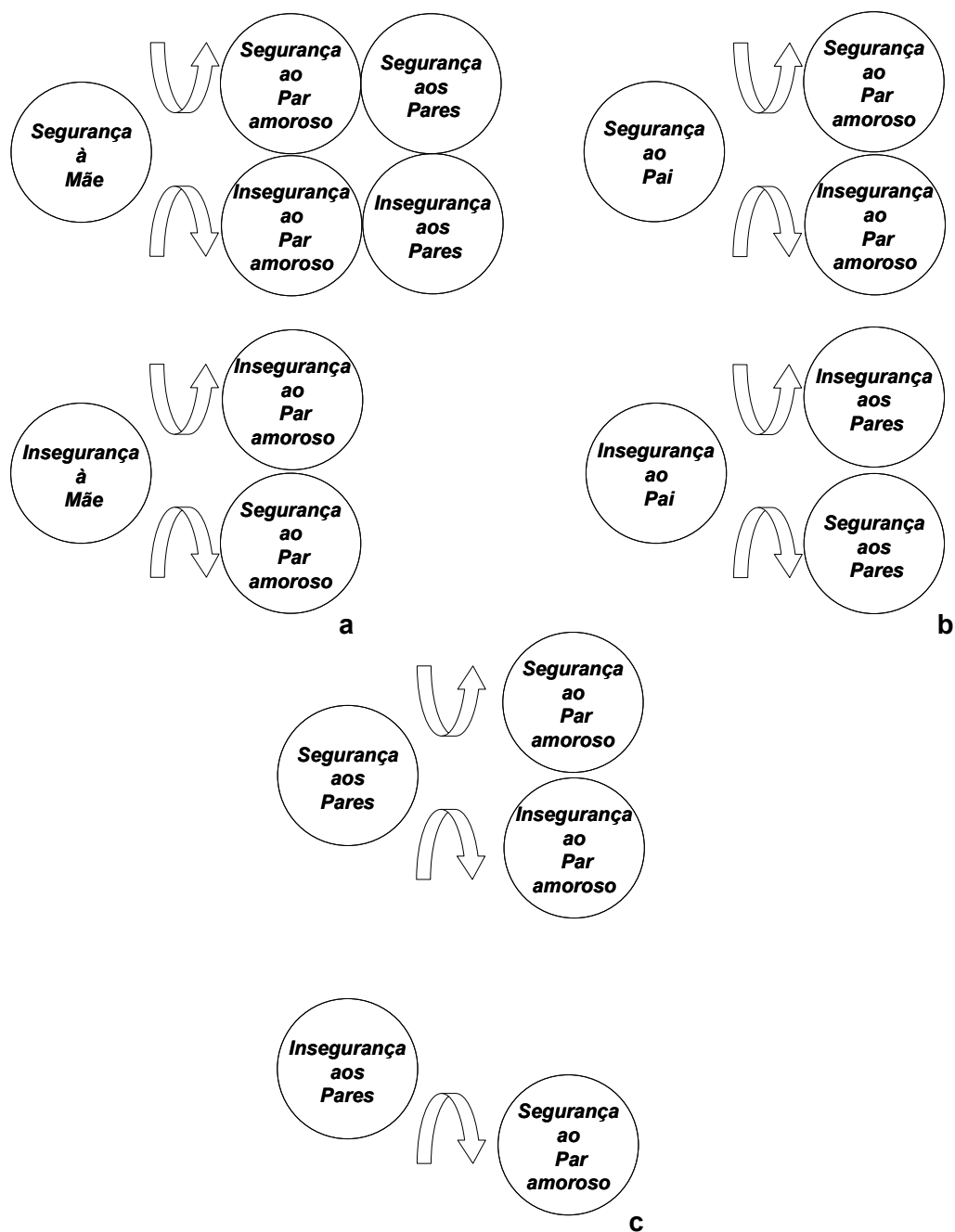
Neste ponto da apresentação de resultados não quisemos deixar de realizar uma síntese que integrasse todas as figuras em estudo, introduzindo deste modo a discussão que necessariamente se irá posteriormente realizar.

Deste modo, a Figura 45 representa graficamente as probabilidades de aumento/diminuição da segurança e da insegurança em cada contexto relacional na presença de segurança ou insegurança nas relações com pais, pares e par amoroso. Esta apresentação pictórica tem em conta apenas os resultados significativos do teste binomial.



FIGURA 45.

Probabilidades de aumento ou diminuição da Segurança/Insegurança nos contextos relacionais com Pares e Par amoroso em função da Segurança/Insegurança nos contextos com Pais e Pares amigos



**Legenda.** (a) Probabilidades tendo em conta a Segurança de vinculação à Mãe; (b) Probabilidade tendo em conta a Segurança de vinculação ao Pai; (c) Probabilidade tendo em conta a Segurança de vinculação aos Pares amigos. Cada contexto relacional apresenta uma seta em direcção ao topo da página e uma outra em direcção ao fundo da mesma que representam, respectivamente, a probabilidade significativa de aumento ou diminuição da Segurança ou Insegurança dos contextos que estão à direita das respectivas setas.

**Nota:** A representação gráfica teve em conta apenas os resultados significativos do teste binomial.

### 2.3.1.8. Discussão integrada de resultados: A segurança e a insegurança

Apesar de não ser possível advogar através destes dados (porque transversais) a continuidade efectiva da Segurança e da Insegurança de vinculação através dos quatro domínios relacionais (sobretudo desta última porque agrupamos padrões Inseguros de características de imagem de si e do outro e de *Ansiedade* e *Evitamento* muito diversas entre si), podemos contudo sugerir de que esta continuidade acontece. Esta probabilidade de maior Segurança aos pares (amigo e amoroso) na Segurança aos pais está de acordo com dados da investigação disponíveis (Furman, 2001; Furman *et al.*, 2002; Lieberman, *et al.*, 1999; Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001), embora nos nossos resultados, a associação entre vinculação à mãe e par amoroso é mais consistente que a mesma associação, porém, com a vinculação ao pai. Mas interessante é verificar que a interacção para com o pai é no sentido da probabilidade da Segurança para os pares e par amoroso. Dito de outro modo, enquanto que a influência da Segurança ou Insegurança à mãe é genericamente mais observável (embora mais no que respeita ao par amoroso), a do pai acontece em ambos os domínios relacionais, embora consistentemente não significativa na probabilidade da Insegurança.

Cremos por isso que estes resultados, embora possam estar a ser encontrados devido às questões da discriminação das figuras primárias de vinculação (no caso português, claramente a mãe), podemos também estar perante um fenómeno de inadequabilidade dos instrumentos de medida para ambas as figuras parentais. Contudo, consideramos que estes dados reforçam a posição dos autores que defendem que a vinculação ao pai e à mãe têm funções diversas nas vidas relacionais dos seus filhos, o que não quer necessariamente dizer que uma figura é superior à outra (Matos, 2002; Page & Bretherton, 2001; Pruett, 1998). Quantos aos pares, os nossos resultados estão de acordo com investigações que associam a qualidade de vinculação aos pares com a qualidade de vinculação ao par amoroso na adolescência (Furman, 1998; Furman & Flanagan, 1997; Furman *et al.*, 2002; Mayseless & Scharf, 2007; Schulman & Scharf, 2000). A nossa posição é contudo conciliatória, ou seja, consideramos que além da influência dos pais na internalização de modos de funcionamento, mais ou menos seguros, que se espelham posteriormente nas relações com pares e par amoroso, cada um destes últimos contextos detém uma multiplicidade de dimensões que influenciam também a consolidação dos modelos iniciais, mas que podem (e devem) ser alternativas de segurança (a este propósito, *vide* Roisman, Padrón, Sroufe & Egeland, 2002; Pielage, Gerlsma & Barelds, 2006; van IJzenoorn, 1995). Obviamente que o próprio período da adolescência implica também que aos pares amigos advenha o par amoroso que, pela própria necessidade de exploração de um novo sistema de sobrevivência (o sexual), levará a uma maior probabilidade de que os amigos passem na hierarquia de vinculação a um patamar inferior ao do par amoroso e talvez a um *activar* da

*Ambivalência*, dado que começam a passar mais tempo com o par amoroso que com os amigos (Zimmer-Gembeck, 1999, 2002); este facto poderá fazer elevar pontualmente os níveis de funcionamento Inseguro dos jovens. Acrescidos a estes factores há ainda a imprevisibilidade do próprio ciclo vital, ou seja, a par de acontecimentos normativos que permitem um maior ou menor decréscimo das dimensões de segurança de vinculação na relação com todos os significativos, temos ainda os acontecimentos de grande impacto na vida dos sujeitos que influenciam o funcionamento pessoal ao nível da Segurança/Insegurança, normalmente negativos e não normativos (doenças do próprio ou dos pais, perdas reais ou simbólicas de amigos ou par amoroso, disrupções na vida parental, separações ou divórcios, recasamentos, etc.). De acordo com esta posição estão Sundin e colaboradores (2002) que observaram uma concordância de 74% nas classificações de Segurança e Insegurança dos 3 aos 23 anos de idade, apesar disto, os melhores preditores da Segurança ou Insegurança de vinculação adulta eram, além das classificações iniciais de vinculação, acontecimentos de vida ansiogénicos anteriores aos 18 anos de idade. Também o trabalho de Waters e colaboradores (Waters *et al.*, 2000a e b; Weinfield *et al.*, 2000, 2004) encontrou genericamente a continuidade de Segurança de vinculação da infância à idade adulta e a *descontinuidade* associada a acontecimentos de vida negativos.

Em conclusão e de acordo com a teoria (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1973/1998a, 1973/1998b, 1988; Thompson, 1990, 1999, 2000; Thompson, Braun, Grossmann, Gunnar, Heinrichs, Keller, O'Connor, Spangler, Volland & Wang, 2006), consideramos que os contextos de vinculação com ambos os pais são de importância crucial no desenvolvimento de padrões de interacção relacional posteriores, porém, consideramos também que o relacionamento com os pares desenvolve dimensões ao nível da vinculação que o envolvimento parental não pode tocar (por exemplo a equidade relacional) e que se associa por isso de forma visível ao funcionamento da vinculação ao par amoroso e, que todos estes contextos embora com graus de *preeminência* diferenciais, todos são cruciais para a sobrevivência pessoal (Fraley & Brumbaugh, 2004; Fraley & Roberts, 2005; Simpson, *et al.*, 2007a e b), sobretudo porque a continuidade da Segurança depende claramente de factores ambientais, e porque na sua ausência em determinado domínio relacional podemos manifestamente recorrer a um outro para a prover.

## **2.4. Em que modelos teóricos se organizam os dados empíricos?**

A partir da elaboração há cerca de um século do método da *Path Analysis* (ou análise de caminhos) de Sewall Wright, tem vindo a assumir-se que a preparação de um dado modelo e o seu estudo, não faz sentido numa lógica apenas de causalidade mas é

precisamente a sustentabilidade de uma dada configuração que importa realçar. É rigorosamente esta postura confirmatória que é postulada neste trabalho. Assim cada um dos modelos apresentados é testado enquanto sustentado pela teoria, porém, é apenas um modelo, existindo outros concorrentes, eventualmente mais adequados ou menos, dependendo das diferenças encontradas ao nível dos valores do Qui-quadrado.

Deste modo, e de acordo com a teoria da vinculação, aguardamos que existam relações causais entre a qualidade de vinculação a pai e a mãe e as relações de vinculação em contextos íntimos de pares. Dada a evidência teórica das relações de vinculação serem diferenciadas por género parental e por género dos adolescentes e porque as questões de multicolinearidade entre os factores latentes da *Qualidade de vinculação a pai e a mãe* (QVP e QVM, respectivamente) não possibilitam a integração de ambos os factores num mesmo modelo, optamos por testar cada modelo em função das relações para o pai e para a mãe separadamente, pese embora se tenha estatisticamente comprovado essa diferença. Considerando também que a *Qualidade de vinculação ao par amigo do mesmo género*, avaliada através do número de componentes de vinculação presentes nessa relação, é provável influenciar a *Qualidade da vinculação amorosa*, e apoiando-nos em estudos que afirmam que estas relações são diferenciadas em função do género dos adolescentes, testamos cada um dos modelos para esta hipótese (comparação de múltiplas amostras).

A construção do modelo de base teve em conta também os resultados que obtivemos das análises estatísticas anteriores, de modo a realizar uma análise confirmatória muito próxima à natureza quer da teoria quer dos dados reais recolhidos. Integrou-se ainda a perspectiva do recurso a figuras significativas para preenchimento de funções de vinculação no modelo a testar, considerando o contributo que o número das componentes presentes na relação com o par amoroso e com o par do mesmo género têm na qualidade de vinculação ao par amoroso e aos pares amigos, respectivamente.

A partir dos dados das análises factoriais confirmatórias agregaram-se as dimensões *Qualidade do laço emocional* e *Ansiedade de separação (e dependência)* na relação com cada um dos progenitores num factor latente de ordem superior. A razão pela qual não se aglomerou ao factor a *Inibição da exploração e individualidade*, resulta da sua contribuição (peso) quer em se tratando da vinculação à mãe quer à do pai, mas também ao valor correlacional baixo entre esta dimensão latente e a *Inibição da exploração e individualidade*. Assim, e para evitar problemas de não identificação, o factor latente foi fixo em 1.00 e ambos os indicadores foram constrangidos à igualdade. Mantendo-se a coerência estatística, o factor latente que representa a qualidade de vinculação aos pares tem como indicadores as três dimensões do *Inventory of Parent and Peer Attachment*, já que os pesos relativos de cada indicador para o factor de ordem superior são elevados assim como o são também os valores de correlação entre dimensões.

Finalmente, no que diz respeito ao factor que avalia a *Qualidade de vinculação ao par amoroso*, inicialmente pensou-se poderem ser incluídas as três dimensões encontradas na análise factorial confirmatória de segunda ordem como indicadores do factor de ordem mais elevada, porém, se os pesos relativos de cada dimensão eram substanciais, o valor de correlação entre *Confiança* e *Dependência* revelou-se desequilibrado<sup>115</sup> relativamente à associação entre as outras dimensões, optando-se pela agregação das dimensões *Evitamento* e *Confiança* (entre *Dependência* e o *Evitamento*, o valor correlacional era inferior, vide Capítulo 4).

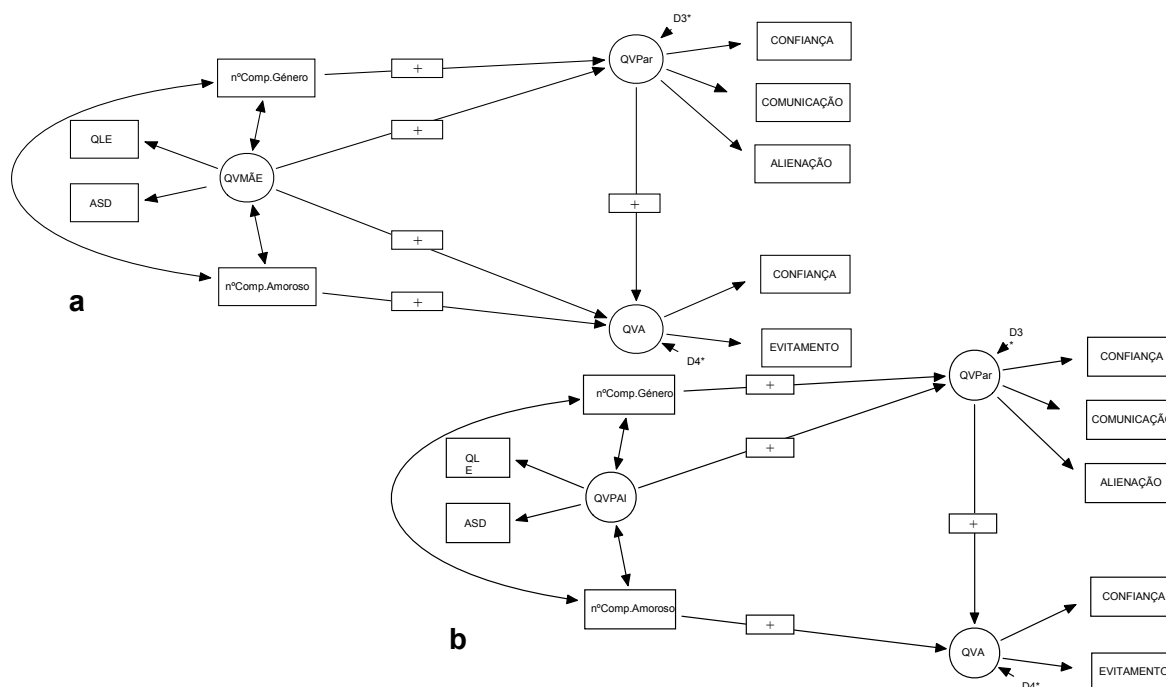
As variáveis número de componentes de vinculação presentes nas relações amorosas e com par do mesmo género são de natureza observada. Efectuou-se ainda o controlo das variáveis exógenas de modo a que se possa observar o efeito de cada uma delas no pressuposto da independência de cada uma.

#### 2.4.1. O modelo

A Figura 46 representa os modelos hipotetizados para a organização dos dados.

FIGURA 46.

Modelos para as variáveis exógenas Qualidade de vinculação à Mãe (a) e Pai (b)



**Legenda.** QVMãE: Qualidade de Vinculação à Mãe (a); QVPAI: Qualidade de Vinculação ao Pai (b); n°Comp.Gênero: Número de componentes presentes na relação com o par do mesmo género; n°Comp.Amoroso: Número de componentes presentes na relação com o par amoroso; QVPar: Qualidade de vinculação aos Pares; QVA: Qualidade de vinculação ao Par amoroso.

<sup>115</sup> Este desequilíbrio foi testado através da agregação dos três indicadores no modelo geral a testar, porém os valores dos índices de ajustamento informaram justamente da falta de adequação da equação do factor latente em três dimensões para a amostra em estudo.

Note no modelo b a inexistência de um parâmetro que alia a *Qualidade de vinculação ao pai* à *Qualidade de vinculação ao par amoroso*, que reflecte justamente os dados obtidos nas análises correlacionais ao nível dimensional, porém este parâmetro foi testado de modo a confirmar ou infirmar facto a hipótese da sua não significância nos modelos para a *Qualidade de vinculação ao pai*.

#### 2.4.1.1. Diferenças nos efeitos da Qualidade de vinculação a cada um dos progenitores nos factores Qualidade de vinculação a Pares amigos e Par amoroso

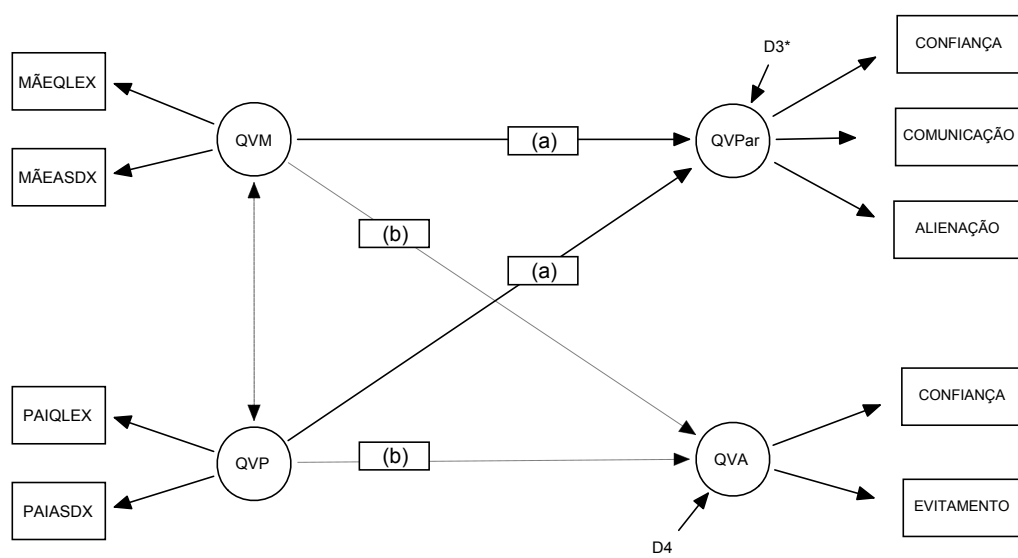
Os resultados do teste LM após o procedimento da agregação de caminhos (Figura 47) indicaram diferenças significativas entre os pesos de *Qualidade de vinculação ao pai* e *Qualidade de vinculação à mãe* relativamente à *Qualidade da vinculação ao par amoroso*.

A possibilidade de incremento univariado do valor de  $\chi^2$  é de 6.303 na libertação do constrangimento à igualdade dos parâmetros *Qualidade de vinculação à mãe* – *Qualidade de vinculação amorosa* e *Qualidade de vinculação ao pai* - *Qualidade de vinculação amorosa* a uma significância estatística de  $p=.012$ .

Relativamente ao constrangimento *Qualidade de vinculação à mãe* – *Qualidade de vinculação ao par amigo* e *Qualidade de vinculação ao pai* - *Qualidade de vinculação ao par amigo*, os resultados indicam que a sua libertação não levaria a um incremento significativo do valor do Qui-quadrado ( $\chi^2=.892$ ;  $p=.354$ ).

FIGURA 47.

Constrangimento à igualdade dos parâmetros QVM e QVP a QVPar e QVA [(a) e (b)].  
(N=548)



**Legenda.** QVM: Qualidade de Vinculação à Mãe; QVP: Qualidade de Vinculação ao Pai; QVPar: Qualidade de vinculação aos Pares; QVA: Qualidade de vinculação ao Par amoroso.

**Nota:** O constrangimento à igualdade é realizado ao nível não standardizado.

Em resumo, os resultados sugerem que os efeitos da *Qualidade de vinculação ao pai e à mãe* na *Qualidade da vinculação aos pares amigos* pode considerar-se estatisticamente equivalente porém, os seus efeitos no factor *Qualidade de vinculação ao par amoroso* são estatisticamente diversos.

#### 2.4.1.2. Os efeitos da Qualidade de vinculação ao Pai e à Mãe na Qualidade de vinculação aos Pares amigos e Par amoroso: Diferenças de género

Utilizando o procedimento da comparação de múltiplas amostras, foi analisado até que ponto o **género** poderia fazer variar os modelos iniciais. Procedeu-se primariamente à divisão da amostra por género, assumindo cada grupo como independente. Construídas as equações relativas ao modelo (Figura 38 acima) com respectivos parâmetros e co-variâncias preditas, foram impostos os constrangimentos de igualdade para aos dois grupos, testando a adequação dessa igualdade com recurso ao teste LM.

##### 2.4.1.2.1. O modelo causal para a Qualidade de vinculação à Mãe

Os resultados apontam a diferenciação dos resultados por **género** no que diz respeito às equivalências entre os parâmetros *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par do mesmo género-número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amoroso*, *Ansiedade de separação (e dependência)-Qualidade de vinculação à Mãe*, e *Qualidade de vinculação à Mãe-Qualidade de vinculação na relação com Pares*. Os incrementos univariados do valor do  $\chi^2$  seriam de 5.375 ( $p=.020$ ), 4.981 ( $p=.026$ ) e 6.006 ( $p=.014$ ), respectivamente. Após a libertação destes constrangimentos, os índices de ajustamento do modelo na comparação entre géneros resultaram mais elevados. O Quadro 17 sumaria os resultados.

#### QUADRO 17.

Índices de ajustamento do modelo para os grupos feminino e masculino (Mãe)

Método	Índices de ajustamento			
	Modelo totalmente constrangido		Modelo Liberto (teste LM)	
	<i>MV</i>	<i>Robusto</i>	<i>MV</i>	<i>Robusto</i>
Comparative Fit Index (CFI)	.936	.927	.944	.948
Goodness of Fit Index (GFI)	.935		.941	
Adjusted Goodness of Fit Index (AGFI)	.910		.914	
Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)	.092		.081	
Root Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)	.054	.049	.052	.047

##### 2.4.1.2.2. O modelo causal para a Qualidade de vinculação ao Pai

Os resultados do teste LM para a comparação das amostras feminina e masculina encontraram diferenças significativas capazes do incremento univariado do valor de  $\chi^2$  em

6.258 ( $p=.012$ ), 3.834 ( $p=.050$ ) e 5.088 ( $p=.024$ ), para os parâmetros *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par do mesmo gênero-número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amoroso*, *Ansiedade de separação (e dependência)-Qualidade de vinculação ao Pai* e *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amoroso-Qualidade de vinculação ao Pai*, respectivamente. Os índices de ajustamento antes e após a libertação de constrangimentos dão conta da relevância das diferenças indicadas pelo teste LM (Quadro 18).

#### QUADRO 18.

Índices de ajustamento do modelo para os grupos feminino e masculino (Pai)

Método	Índices de ajustamento			
	Modelo totalmente constrangido		Modelo Liberto (teste LM)	
	MV	Robusto	MV	Robusto
Goodness of Fit Index (GFI)	.944	.944	.950	.950
Adjusted Goodness of Fit Index (AGFI)	.936		.940	
Comparative Fit Index (CFI)	.911		.913	
Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)	.092		.078	
Root Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)	.053	.049	.052	.047

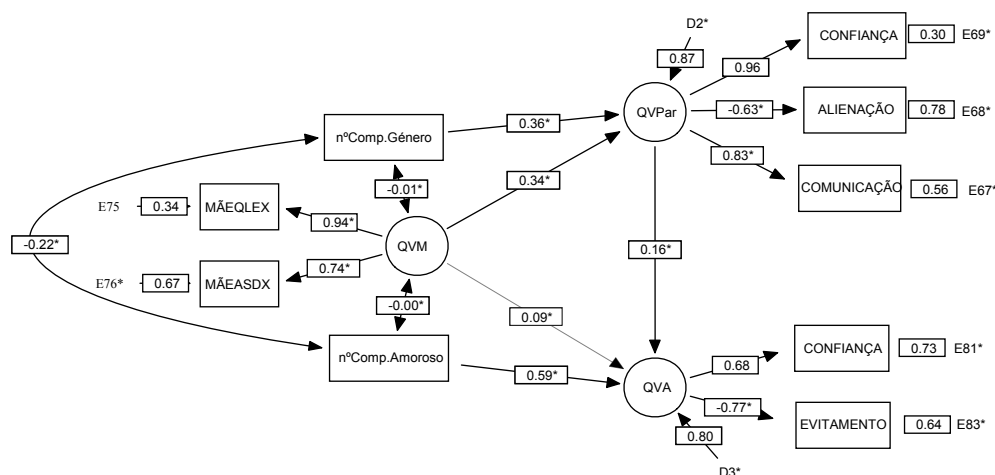
#### 2.4.2. Modelos finais para o gênero feminino

##### 2.4.2.1. Modelo Qualidade de vinculação na relação com a Mãe

Para o modelo feminino os resultados são os que são apresentados na Figura 48.

FIGURA 48.

Modelo testado para o gênero feminino: Qualidade de vinculação à Mãe ( $n=285$ )



**Legenda.** QVM: Qualidade de Vinculação à Mãe; QVPar: Qualidade de vinculação aos Pares; QVA: Qualidade de vinculação ao Par amoroso; nºComp.Gênero: Número de componentes presentes na relação com o par do gênero feminino; nºComp.Amoroso: Número de componentes presentes na relação com o par amoroso.

**Nota:** a linha a tracejado representa a não significância do caminho ( $p \geq .05$ ), retirado após reespecificação do modelo.  $\chi^2=71.686$ ,  $gl=23$ .



Dada o valor da significância do parâmetro *Qualidade de vinculação à Mãe-Qualidade de vinculação ao Par amoroso* ( $p > .05$ ), este foi retirado do modelo.

O modelo reespecificado, que aliava agora a *Qualidade de vinculação à Mãe* apenas à *Qualidade de vinculação aos Pares*, o *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par de género feminino* e o *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amoroso* à *Qualidade de vinculação a Pares e Par amoroso*, verificou-se que os valores dos índices de ajustamento aumentavam sem que os valores beta estandardizados ( $\beta$ ) sofressem alterações significativas. O teste de diferença de Qui-Quadrado, realizado através da comparação entre o modelo inicial e a testagem da libertação do parâmetro *Qualidade de vinculação à Mãe-Qualidade de vinculação ao Par amoroso* com recurso ao teste de Wald (TW), indicou que o parâmetro podia ser eliminado do modelo sem degradação do ajuste ( $\chi^2 = 1.080$ ,  $gl = 1$ ,  $p = .299$ ). O Quadro 19 agrega os índices de ajustamento do modelo inicial e do modelo final ou reespecificado.

#### QUADRO 19.

Índices de ajustamento do modelo inicial e do modelo reespecificado (*Qualidade de vinculação à Mãe no género feminino*)

Método	Índices de ajustamento			
	Modelo inicial		Modelo reespecificado (TW)	
	MV	Robusto	MV	Robusto
Comparative Fit Index (CFI)	.950	.945	.950	.946
Goodness of Fit Index (GFI)	.953		.952	
Adjusted Goodness of Fit Index (AGFI)	.904		.906	
Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)	.058		.058	
Root Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)	.084	.082	.082	.079

Através dos resultados verifica-se que os valores beta estandardizados estão de acordo com o sentido previsto, assim como parece existir um efeito causal da *Qualidade de vinculação à Mãe* ( $\beta = .34$ ) e do *número de componentes de vinculação presentes na relação de amizade com a amiga* ( $\beta = .36$ ) na *Qualidade de vinculação aos Pares*, porém, apenas o *número de componentes de vinculação presentes na relação amorosa* ( $\beta = .59$ ) e a *Qualidade de vinculação aos Pares* ( $\beta = .16$ ) parecem influenciar directamente a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso*. Analisados os resultados da decomposição de efeitos, verificou-se a existência de efeitos de mediação<sup>116</sup> significativos da *Qualidade de vinculação à Mãe* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* pese embora o peso dessa influência seja baixo ( $\beta^{\text{ind}} = .06$ ,  $ep = .009$ ,  $z = 2.409$ ), e ainda efeitos do *número de componentes de vinculação presentes na relação de amizade com a amiga* na *Qualidade de vinculação ao*

<sup>116</sup> Os efeitos de mediação (valores  $z$ ) e respectivos erros padrão ( $ep$ ) são relativos às estatísticas robustas.

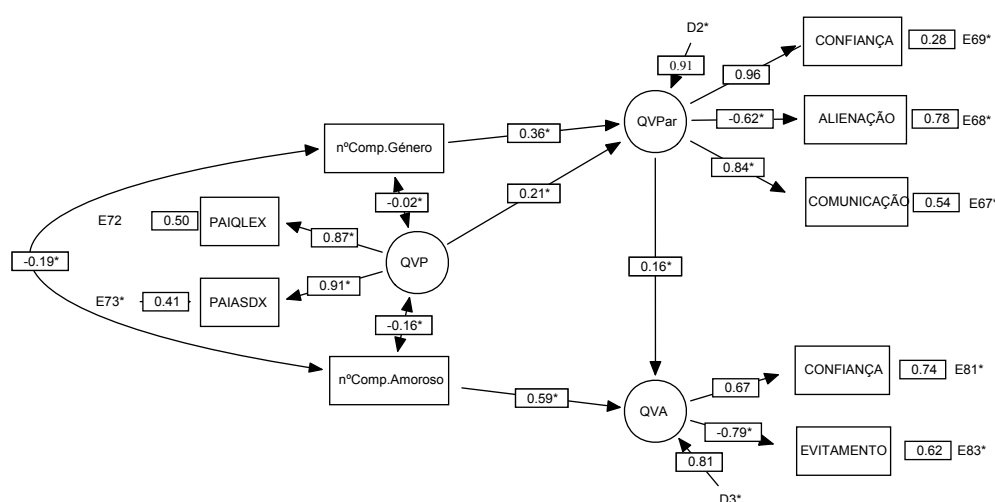
*Par amoroso* ( $\beta^{\text{ind}}=.06$ ,  $ep=.005$ ,  $z=2.461$ ). Ambas as mediações são de carácter total. Os índices de ajustamento são aceitáveis à excepção do valor de AGFI, ligeiramente abaixo do valor de .95, porém não devemos esquecer que estamos perante um modelo que se baseia no cálculo de 34 parâmetros, numa amostra de 285 adolescentes. Os preditores com maior peso para as variáveis endógenas *Qualidade de vinculação ao par amigo* e *Qualidade de vinculação amorosa* foram de facto o *número de componentes de vinculação na relação com a amiga* e com o *par amoroso*. A equação estrutural da predição da *Qualidade de vinculação aos Pares* explica 23,4% da sua variância ( $R^2=.234$ ) enquanto que a equação causal para a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* explica 36.3% da sua variância ( $R^2=.363$ ).

#### 2.4.2.2. Modelo Qualidade de vinculação na relação com o Pai

O modelo proposto para a explicação dos dados das raparigas referentes às variáveis exógenas *Qualidade de vinculação ao Pai*, *número de componentes de vinculação presentes na relação com a amiga* e *par amoroso* e variáveis endógenas *Qualidade de vinculação aos Pares* e *Par amoroso* confirmou as condições constituídas. Embora se tenha testado o parâmetro *Qualidade de vinculação ao Pai-Qualidade de vinculação ao Par amoroso* ( $\beta=-.01$ ), este revelou não ser significativo para a equação de medida, pelo que o modelo final não o contemplou (vide Figura 49). Os índices de ajustamento do modelo encontram-se no Quadro 22.

FIGURA 49.

Modelo testado para o género feminino: Qualidade de vinculação ao Pai. (n=285)



**Legenda.** **QVP:** Qualidade de Vinculação ao Pai; **QVPar:** Qualidade de vinculação aos Pares; **QVA:** Qualidade de vinculação ao Par amoroso; **nºComp.Género:** Número de componentes presentes na relação com o par do género feminino; **nºComp.Amoroso:** Número de componentes presentes na relação com o par amoroso.

**Nota:**  $\chi^2=63.189$ ,  $gl=23$ . A retirada do parâmetro não significativo não fez alterar significativamente o valor do Qui-quadrado  $\chi^2=.018$ ,  $gl=1$ ,  $p=.894$

## QUADRO 20.

Índices de ajustamento do modelo final (Qualidade de vinculação ao Pai no género feminino)

Índices de ajustamento					
Método	CFI	GFI	AGFI	SRMR	RMSEA
<i>ML</i>	.960	.955	.911	.050	.077
<i>Robusto</i>	.956				.075

Através da consulta da Figura 49 e do Quadro 20 podemos confirmar as hipóteses colocadas no modelo. Os valores beta estandardizados obtidos estão de acordo com o esperado, constatando-se contudo não ser significativo o peso do caminho *Qualidade de vinculação ao Pai-Qualidade de vinculação ao Par amoroso*. Todos os restantes parâmetros são significativos para o modelo. O valor beta que indica o peso da *Qualidade de vinculação ao Pai* na *Qualidade de vinculação aos Pares* é de .21, enquanto que o peso de *Qualidade de vinculação aos Pares* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* foi mais baixo ( $\beta=.16$ ). Os preditores com pesos beta estandardizados mais elevados foram os mesmos que para o modelo da mãe, ou seja, o *número de componentes de vinculação presentes nas relações amorosas* ( $\beta=.59$ ) e *ao par amigo* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* ( $\beta=.36$ ) e *Qualidade de vinculação aos Pares* (respectivamente) confirmando as nossas predições. Não se encontrou mediação da *Qualidade de vinculação aos pares* na relação *Qualidade de vinculação ao Pai-Qualidade de vinculação ao Par amoroso* (solução robusta:  $ep=.007$ ,  $z=1.866$ ,  $p>.05$ ), embora fossem encontrados efeitos indirectos totais (baixos) do *número de componentes de vinculação presentes na relação de amizade com a amiga* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* ( $\beta^{ind}=.06$ ,  $ep=.005$ ,  $z=2.315$ ). O valor de AGFI encontra-se um pouco abaixo do valor de corte considerado aceitável, porém o número de parâmetros a estimar é o mesmo que no modelo anterior. A equação estrutural para a *Qualidade de vinculação aos pares* explica 17% da sua variância ( $R^2=.170$ ), tendo menor poder explicativo comparativamente ao modelo materno, enquanto que a equação para a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* explica 34.8% da sua variância ( $R^2=.348$ ).

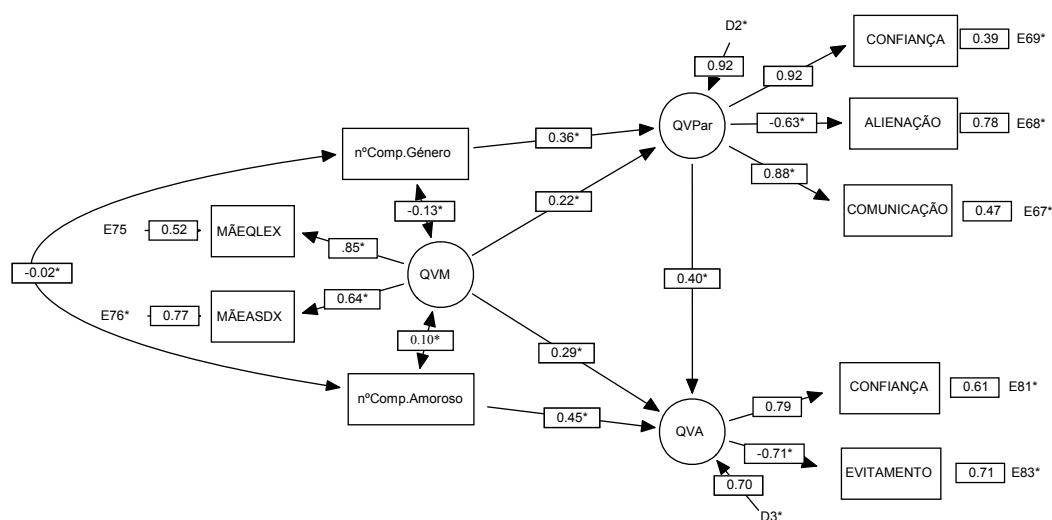
### 2.4.3. Modelos finais para o género masculino

#### 2.4.3.1. Modelo *Qualidade de vinculação na relação com a Mãe*

O modelo que associa *Qualidade de vinculação à Mãe*, *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amigo de género masculino* e o *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amoroso* à *Qualidade de vinculação aos Pares* e a *Par amoroso* (Figura 50), confirmou as hipóteses colocadas.

FIGURA 50.

Modelo final para o género masculino: Qualidade de vinculação à Mãe. (n=263)



**Legenda.** QVM: Qualidade de Vinculação à Mãe; QVPar: Qualidade de vinculação aos Pares; QVA: Qualidade de vinculação ao Par amoroso; nºComp.Género: Número de componentes presentes na relação com o par do género masculino; nºComp.Amoroso: Número de componentes presentes na relação com o par amoroso.

**Nota:**  $\chi^2=73.262$ ,  $gl=22$ .

Desde logo podemos verificar que o parâmetro *Qualidade de vinculação à Mãe-Qualidade de vinculação ao Par amoroso* é significativo, com pesos também eles significativos directos ( $\beta = .29$ ) e indirectos ( $\beta^{\text{tot}} = .37$ ,  $ep = .033$ ,  $z = 5.305$ ;  $\beta^{\text{ind}} = .087$ ,  $ep = .012$ ,  $z = 3.333$ ). A proporção de mediação da *Qualidade de vinculação à Mãe* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* é de .23. Dito de outro modo, a incorporação da variável mediadora na equação explica 23% do efeito de *Qualidade de vinculação à Mãe* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso*. Note-se ainda que os efeitos directos (e totais) da *Qualidade de vinculação à Mãe* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* são superiores aos efeitos de *Qualidade de vinculação à Mãe* na *Qualidade de vinculação aos Pares* ( $\beta = .22$ ). Por último, e em consonância também com o que foi hipotetizado para este modelo, os melhores preditores da *Qualidade de vinculação aos Pares* e ao *Par amoroso* são o *número de componentes de vinculação presentes nas relações com o par amigo* ( $\beta = .36$ ) e *com o par amoroso* (.45), respectivamente. A propósito destas variáveis exógenas, verificou-se que o *número de componentes de vinculação presentes nas relações com o par amigo do mesmo género* tem efeitos indirectos significativos na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* ( $\beta^{\text{tot/ind}} = .15$ ,  $ep = .009$ ,  $z = 3.983$ ). Os valores de ajustamento do modelo são adequados, à excepção de novo do valor de AGFI (porém o número de parâmetros estimar neste modelo é de 35 para um efectivo de 263 rapazes). Quadro 21 apresenta os índices de ajustamento para o modelo final.

QUADRO 21.

Índices de ajustamento do modelo final (Qualidade de vinculação à Mãe no género masculino)

Índices de ajustamento					
Método	CFI	GFI	AGFI	SRMR	RMSEA
<i>MV</i>	.943	.949	.895	.059	.088
<i>Robusto</i>	.941				.086

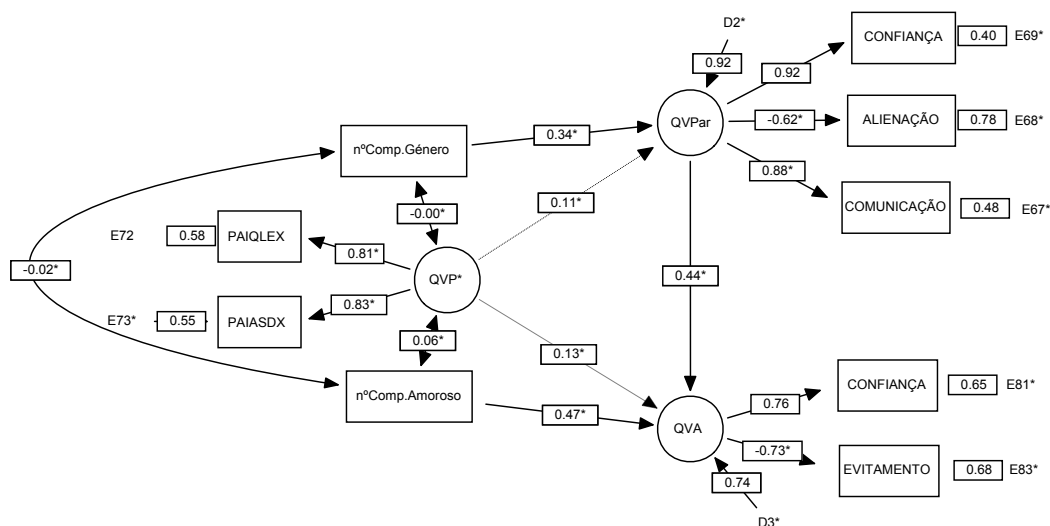
A equação estrutural para a predição da *Qualidade de vinculação aos Pares* explica apenas 16% da sua variância ( $R^2=.160$ ) enquanto que a equação causal para a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* explica 50.8% da sua variância ( $R^2=.508$ ), ou seja, a conjugação de efeitos da *Qualidade de vinculação à Mãe* e do *número de componentes de vinculação na relação com o par amoroso* explicam metade da variância da *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* nos rapazes.

#### 2.4.3.2. Modelo *Qualidade de vinculação na relação com o Pai*

A testagem do modelo que alia as variáveis exógenas *Qualidade de vinculação ao Pai*, *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par de género masculino* e *número de componentes de vinculação presentes na relação com o par amoroso* às variáveis *Qualidade de vinculação aos Pares* e *Par amoroso* (Figura 51a) verificou que os parâmetros *Qualidade de vinculação ao Pai-Qualidade de vinculação ao Par amoroso* e *Qualidade de vinculação aos Pares* não detinham significância estatística pelo que à luz dos critérios previamente definidos para a reespecificação de modelos, seriam retirados do modelo (Figura 51b).

FIGURA 51a.

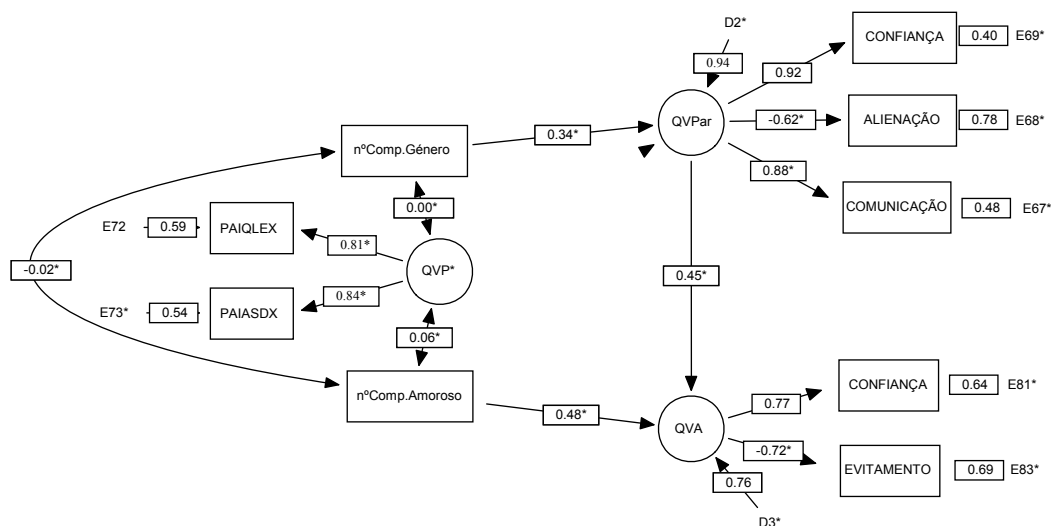
Modelo testado para o género masculino: *Qualidade de vinculação ao Pai* (n=263)



**Nota:** a linha a tracejado representa a não significância do caminho ( $p \geq .05$ ).  $a = \chi^2 = 82.540$ ,  $gl = 22$

FIGURA 51b.

Modelo testado para o género masculino: Qualidade de vinculação ao Pai com reespecificação após retirada de caminhos não significativos (n=263)



**Legenda Figuras 42ª e b.** **QVP:** Qualidade de Vinculação ao Pai; **QVPar:** Qualidade de vinculação aos Pares; **QVA:** Qualidade de vinculação ao Par amoroso; **nºComp.Género:** Número de componentes presentes na relação com o par do género masculino; **nºComp.Amoroso:** Número de componentes presentes na relação com o par amoroso.

**Nota:** Dado que os valores dos parâmetros se alteraram ligeiramente, optou-se pela apresentação de ambos os modelos antes e após a reespecificação.

A reespecificação do modelo incluiu ainda procedimentos de verificação estatística eventual de acréscimo de parâmetros que resultou infrutífera quer para o aumento dos indicadores de ajuste, quer na significância de caminhos, nomeadamente *número de componentes de vinculação na relação com o par amigo do mesmo género a Qualidade de vinculação ao Par amoroso e componentes de vinculação na relação com o par amoroso a Qualidade de vinculação aos Pares*. O teste de diferença de Qui-Quadrado realizado através da comparação entre o modelo inicial e a testagem da libertação dos parâmetros *Qualidade de vinculação ao Pai-Qualidade de vinculação ao Par amoroso e Pares* com recurso ao teste de Wald (TW), indicou contudo que a sua supressão degradava o ajuste ( $\chi^2=6.907$ ,  $gl=2$ ,  $p=.03$ ). Através do Quadro 22 podemos verificar os índices de ajustamento do modelo final e do modelo reespecificado.

QUADRO 22.

Índices de ajustamento do modelo inicial e do modelo reespecificado (Qualidade de vinculação ao Pai no género masculino)

Método	Modelo inicial/final		Modelo reespecificado (TW)	
	MV	Robusto	MV	Robusto
Comparative Fit Index (CFI)	.934	.924	.928	.921
Goodness of Fit Index (GFI)	.939		.935	

(cont. Quadro 22.)

Índices de ajustamento				
Método	Modelo inicial/final		Modelo reespecificado (TW)	
	MV	Robusto	MV	Robusto
Adjusted Goodness of Fit Index (AGFI)	.876		.894	
Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)	.062		.075	
Root Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)	.097	.095	.097	.093

Os resultados confirmam parcialmente a hipótese formulada, isto é, todos os valores beta estandardizados estão de acordo com a direcção prevista, assim como parecem existir efeitos da *Qualidade de vinculação ao Pai* ( $\beta=.11$ , embora não significativos) e do *número de componentes de vinculação presentes na relação de amizade com o amigo* ( $\beta=.34$ ) na *Qualidade de vinculação aos Pares*. O *número de componentes de vinculação presentes na relação amorosa* ( $\beta=.47$ ) e a *Qualidade de vinculação aos Pares* ( $\beta=.44$ ) parecem influenciar a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso*. A decomposição de efeitos indicou não existirem efeitos de mediação significativos da *Qualidade de vinculação ao Pai* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* ( $\beta^{\text{ind}}=.05$ ,  $ep=.016$ ,  $z=1.343$ ), embora o valor do peso total (efeitos directos e indirectos) se tenha revelado significativo ( $\beta^{\text{tot}}=.17$ ,  $ep=.034$ ,  $z=2.276$ ). Existiram apenas efeitos indirectos do *número de componentes de vinculação presentes na relação de amizade com o par do mesmo género* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* ( $\beta^{\text{ind}}=.15$ ,  $ep=.010$ ,  $z=3.616$ ). Mais uma vez os índices de ajustamento apresentam-se aceitáveis à excepção do valor de AGFI e as razões para tal poder-se-ão encontrar no efectivo da mostra e no número de parâmetros a estimar (34), tal como anteriormente referenciado, embora os valores de RMSEA estejam também elevados o que sugerimos tratar-se da manutenção dos parâmetros não significativos no modelo. Os preditores com maior peso nas variáveis endógenas *Qualidade de vinculação aos Pares* e *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* continuam a ser, respectivamente, o *número de componentes de vinculação na relação com o amigo* e *com o par amoroso*. A equação estrutural que prediz a *Qualidade de vinculação aos Pares* explica 12.9% da sua variância ( $R^2=.129$ ) enquanto que a equação causal para a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* explica 44.9% da sua variância ( $R^2=.449$ ), verificando-se de novo um peso explicativo maior das variáveis exógenas causais para o relacionamento amoroso que para a amizade nos rapazes.

#### 2.4.3.3. Discussão integrada de resultados

O conceito de modelos internos de funcionamento de John Bowlby (1969/1990, 1973/1998b) dá conta do desenvolvimento de representações mentais construídas a partir de relações significativas com outros, inicialmente com os prestadores de cuidados iniciais e posteriormente com outros pares íntimos. Estes modelos traduzem-se em expectativas

acerca do sujeito e acerca dos outros e representações da relação entre ambas as dimensões. É uma organização que integra imagens das figuras de vinculação que são supostas influenciar o modo como nos relacionamos com o mundo. Tendemos a encarar cada potencial relacionamento com a atenção dirigida segundo o nosso modelo interno e, como tal, ter uma imagem positiva do *self* e dos outros permite que cada relação nova seja abordada com esses conceitos, resultando daí que a atenção esteja selectivamente dirigida às interações que verificam estas hipóteses *à priori* e não àquelas que as rejeitam. Em Bowlby é mais provável a hipótese da continuidade, embora também seja saliente desta posição teórica que as características salientes das relações actuais se continuadas no tempo, e alguns acontecimentos de vida (considerados ansiogenicamente significativos), são capazes de alterar o funcionamento mais *constante*, embora seja difícil. Também Ainsworth (1989b) relativamente às relações amorosas refere esta continuidade provável na vida adulta. Existem estudos contemporâneos que detêm evidências empíricas do mesmo pressuposto (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1994; Collins & Sroufe, 1999; Pietromonaco & Feldman-Barrett, 2000b) embora existam outros que observaram o contrário (Laible, Carlo & Raffaelli, 2000), ou pelo menos não observam esta associação além do fim dos anos de imaturidade (Grossmann & Grossmann, 2005; Grossmann *et al.*, 1999, 2005).

Não constituiria surpresa encontrar associações entre a *Qualidade de vinculação aos pais e aos pares* (amigos e par amoroso), mais ainda, se fossem observadas também relações entre *Qualidade de vinculação aos pares e par amoroso*. Tendo em conta as questões da internalização de modelos relacionais de funcionamento, mas associando-lhe uma perspectiva desenvolvimental, verificamos que as relações iniciais com os pais/prestadores de cuidados iniciais são caracterizadas por relações simétricas em que um dos membros presta apoio e cuidados e o outro apenas os recebe, existindo por isso muito pouca oportunidade de experienciar o mutualismo, a reciprocidade e a afiliação. As relações de pares providenciam estes contextos. Wyndol Furman expõe admiravelmente esta perspectiva (1999) ao concentrar resultados de muitos dos seus estudos e retirando deles algumas conclusões, nomeadamente que as relações com os pais são necessárias para a construção das primeiras representações internas, proporcionando posteriormente a possibilidade da reciprocidade na infância, a cooperação na pré-adolescência, a igualdade na adolescência e a intimidade no fim da adolescência e na idade adulta. Ou seja, existe a possibilidade de que as relações de pares amigos sejam um contexto de transposição do que de qualitativo tenha sido internalizado ao nível das relações parentais para as relações amorosas, mas também um contexto de aprendizagens novas, capaz de prover o argumento desenvolvimental para a intimidade partilhada em relações de interdependência



que posteriormente agregam, além da vinculação e da afiliação, o sistema sexual e reprodutivo.

A adolescência é o palco onde se desenrola a maioria das transformações pessoais que conduzem, ao nível relacional, ao funcionamento adulto. É por isso uma faixa do desenvolvimento que interessa investigar. Mais do que as associações entre relações, quisemos verificar até que ponto elas eram diferenciadas por género parental e dos adolescentes. Na nossa amostra, o papel das representações de vinculação ao pai e à mãe, poderiam ser observadas num mesmo modelo, porém, a influência de cada uma na relação de vinculação amorosa dos seus filhos era distinta. Muitos investigadores reconhecem esta influência diferenciada de pai e mãe relativamente aos filhos e ao tipo de relação considerada (Buist *et al.*, 2002; Card & Hodges, 2003; Collins & Read, 1994; Grossmann & Grossmann, 2005; Grossmann *et al.*, 1999, 2005; Margolese *et al.*, 2005; Matos, 2002; Mikulincer & Florian, 1999; Penagos *et al.*, 2000; Takanashi & Sakamoto, 2000).

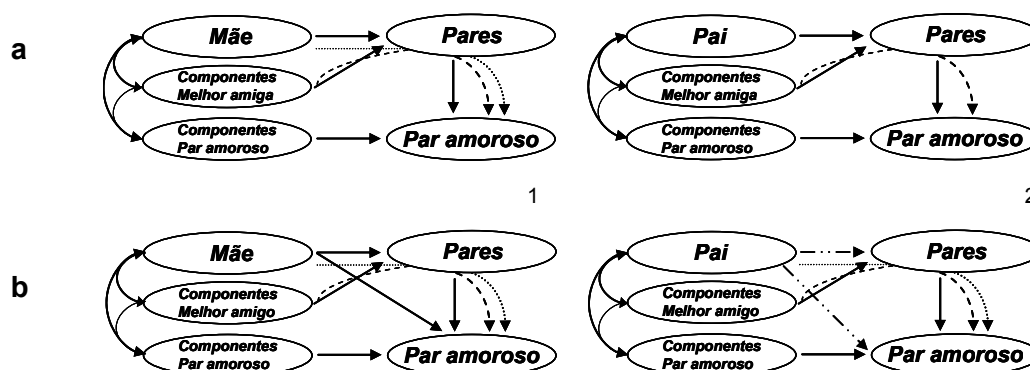
Tendo ainda em linha de conta que não só a qualidade das relações com os pais influenciam as relações com os pares (amorosas ou de amizade), mas que a própria qualidade das relações de pares e o funcionamento instrumental quer de Pares quer de Par amoroso (independentemente dos processos de enviesamento relacional a partir dos modelos internos que podem influenciar a própria escolha dos pares de que acima falávamos) são claramente um factor a ter em conta (*vide* Furman, 2001), utilizamos o recurso aos pares em termos de componentes de vinculação enquanto variável capaz de avaliar esta vertente. Não utilizamos para este efeito os **acontecimentos de vida** já que na nossa amostra foram irrelevantes do ponto de vista do impacto médio na vida dos sujeitos.

A comparação de modelos contemplou resultados que suportam as hipóteses colocadas quer quanto à significância dos caminhos que aliam *Qualidade de vinculação ao Pai e Mãe* a *Qualidade relacional de Pares e Par amoroso* (embora no sexo feminino não exista um peso directo significativo da vinculação à Mãe na vinculação ao Par amoroso), verificando-se ainda a concordância com os resultados anteriores no que diz respeito à influência da *Qualidade de vinculação aos Pares* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso*, também eles diferenciados por género dos adolescentes. Existiram contudo especificidades (Figura 52), uma das quais implica que vários pesos não significativos podem contribuir no seu total de facto, significativamente, para a causalidade de um modelo.

Trata-se do modelo onde a variável exógena era a qualidade de vinculação ao pai e o género considerado era o masculino. A retirada dos caminhos não significativos faria variar significativamente o valor do Qui-quadrado, justamente porque a combinação de todas essas influências contribui para a qualidade da vinculação amorosa.

FIGURA 52.

Síntese gráfica dos resultados dos modelos das equações estruturais em função do género parental e dos adolescentes



**Legenda.** (a) Modelos para o sexo feminino; (b) Modelos para o sexo masculino; traços a cheio representam influências directas; tracejados (fino e largo) representam mediações. No modelo b2, os parâmetros directos do pai a pares e par amoroso não são significativos.

Tendo em conta as variáveis testadas, a influência da *Qualidade de vinculação à Mãe* na *Qualidade da vinculação ao Par amoroso* é substancialmente maior no sexo masculino que no feminino (onde se apresenta apenas como residual), sendo que no modelo feminino verificou-se que a hipótese da associação directa se infirmou. A influência directa da *Qualidade de vinculação à Mãe* na *Qualidade de vinculação aos Pares* é contudo maior para as filhas que para os filhos.

Relativamente à *Qualidade de vinculação ao Pai* os valores obtidos são muito semelhantes quer para as raparigas quer para os rapazes, porém, e curiosamente, ligeiramente mais elevados no modelo feminino que no masculino. Pensamos ainda que a falta de associação no modelo feminino entre a *Qualidade de vinculação ao Pai* e a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* se deve às variáveis incluídas no modelo, isto é, considera-se que a influência das dimensões da *Qualidade de vinculação ao Pai* na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* não se fará sentir a nível dos indicadores *Evitamento* e *Segurança*, mas seria mais provável se os indicadores fossem a *Dependência* e a *Ambivalência*, contudo, não podemos esquecer-nos que a investigação tem sugerido justamente a inconsistência na associação entre a vinculação aos pais e a vinculação ao par amoroso, pelo que estes resultados podem explicar justamente essas inconsistências dado terem levado em linha de conta o género quer de progenitores quer de jovens. Se assim for, pode ser que a intimidade, tal como tem vindo a ser avaliada pela investigação, com valores mais elevados no género feminino, permita que a qualidade relacional com as mães influencie de forma mais premente as relações amorosas dos seus filhos, justamente pelas características de maior intimidade que a relação romântica comporta.

À excepção da mediação da *Qualidade de vinculação aos Pares* no modelo das raparigas para a relação com o Pai, nos restantes modelos existiu mediação (fraca, e nem sempre significativa, como vimos aliás) entre *Qualidade de vinculação aos Pais e Par amoroso* através da *Qualidade de relação aos Pares*.

Os resultados apontam assim para uma relação mais robusta entre os contextos relacionais de Pais e Pares amigos que com o Par amoroso o que se encontra, como já indicamos, em consonância com a literatura da vinculação na adolescência e a sugestão justamente da mediação Pais-Pares-Par amoroso. Sulman e Scharf (2000) em jovens do 9º, 11º e 13º anos, observam que a intensidade afectiva das relações de amizade, mas não com os pais, se associava com a intensidade afectiva das relações amorosas e Furman e colaboradores (Furman, 1999, 2001; Furman *et al.*, 1992, 1994, 2002), encontraram relações consistentes entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares e entre estes últimos e a vinculação amorosa, porém, as relações entre a vinculação aos pais e ao par amoroso não eram de todo as mais consistentes. Os dados sugeriam também que a *Qualidade das relações com os Pares* mediavam a relação entre *Qualidade de vinculação aos Pais e ao Par amoroso*. Simpson e colaboradores (2007 a e b), em dados longitudinais, concluíram também da existência de uma mediação no mesmo sentido, observando associações mais visíveis entre relações de pares e amorosas.

Tendo em conta as dimensões que testamos, há genericamente um peso maior da Mãe nas dimensões relacionais endógenas que do Pai, resultado que se associa a muitos outros que encontramos ao longo desta investigação: a mãe como figura de maior influência em termos de vinculação na vida dos jovens em estudo. Os resultados estão de acordo com os de outros investigadores, nomeadamente Buist e colaboradores (2002) que, embora encontrassem evidência de decréscimo qualitativo da vinculação a ambos os pais na adolescência, observaram maiores níveis de *Qualidade de vinculação à mãe que ao pai*. Smetana e colaboradores (2006) no estudo das consistências de secretismo na adolescência, embora com diferenças de género, encontraram evidência de que a revelação pessoal voluntária era maior para com a mãe que o pai, sugerindo-se que a comunicação era mais elevada para com a mãe que na relação com o pai. Porém, a posição que aqui se defende é a de que é maior a possibilidade de que os resultados sejam fruto da orientação da investigação, que centrando-se na figura materna *esqueceu* as especificidades da vinculação ao pai, mesmo tendo em conta a diferenciação por género dos adolescentes. De outro modo, pensamos que existe um enviesamento na avaliação de cada progenitor dado que as dimensões de vinculação, quer pela socialização quer pelos factores biológicos, encontram dimensões diferenciadas no relacionamento de pais e filhos por género. Mais ainda, pensamos também que será necessário realizar ponderações de pesos diferenciados das dimensões que num mesmo instrumento medem de facto os mesmos constructos para

pai e mãe, porém, não com a mesma intensidade. Um bom exemplo é justamente a comunicação nas relações de vinculação. É consensual a existência de estilos de comunicação diferenciados entre os géneros quer as explicações avançadas sejam de carácter social quer apontem para diferenças biológicas. Se utilizamos um mesmo questionário para avaliar a comunicação entre pai/mãe e filhos, ou este questionário se revela muito extenso de modo a abarcar ambas as características de comunicação, o que torna a administração fatigante, ou se opta pelo preenchimento de questionários diferenciados, o que traz aumento de custos ao nível da investigação através das questões de codificação, tratamento e validação de dois questionários ou, como é comum, utilizamos apenas um questionário com as desvantagens que temos vindo a referir, sem ponderar sequer pesos diferenciais relativos a aspectos que podem estar a ser negativamente discriminantes para um dos sexos. De qualquer dos modos, a hipótese que anteriormente levantamos acerca da maior intimidade entre mães e filhos não é contraditória ao que acabamos de expor, tendo em conta de facto o modo como essa intimidade é normalmente avaliada.

Verificou-se também que a especificidade relacional é o melhor preditor das representações quer da *Qualidade de vinculação aos Pares*, quer ao *Par amoroso*, especulando-se uma maior possibilidade de que as relações sejam mais ou menos seguras, dependendo da disponibilidade e responsividade de melhores amigos e de par amoroso. Conferimos também que o peso da especificidade relacional da relação com os *Pares* e a *Qualidade de vinculação na relação com a Mãe* têm ambas um peso relativo directo idêntico na *Qualidade de vinculação aos Pares*, confirmando-se ainda mais uma perspectiva da relação amorosa como mais associada à relação de Pares que à relação com os Pais, em contraponto com a maior associação entre domínios relacionais com Pais e Pares na adolescência.

Quanto à influência da relação com os Pares na relação com o Par amoroso (quer em termos específicos de cada relação quer em termos de *Qualidade de vinculação*) ela é mais robusta nos rapazes que nas raparigas, tendo sido obtidas além desta, mais algumas conclusões que sintetizamos de seguida:

- a) as raparigas parecem fazer depender mais a *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* da própria especificidade relacional que de outras relações, pelo menos ao nível dos pesos directos, porque indirectamente considera-se que a internalização dos modelos relacionais das três relações (Pai, Mãe e Pares) influencia a vinculação ao Par amoroso, supomos, através de mediação;
- b) as relações de Pares ao nível do recurso que delas fazem os jovens desta amostra para cumprimento de funções de vinculação, influenciam a *Qualidade de*

*vinculação ao Par amoroso* quer para rapazes quer para raparigas, pese embora esse peso seja mais expressivo nos modelos masculinos;

- c) a especificidade da relação amorosa (ao nível das componentes) não exerce efeitos directos significativos na *Qualidade da vinculação aos Pares*.

A diferenciação que rapazes e raparigas realizam das relações de pares (amigos e amorosas) está bem documentada na literatura psicológica. Desde logo a estruturação das relações de pares, a que já nos referimos anteriormente, e já na infância, aliam-se a processos diádicos nas raparigas e grupais nos rapazes (Benenson, 2005; Markovits *et al.*, 2001). Esta diferenciação sugeriria uma maior autonomia das relações amorosas nas raparigas que nos rapazes, justamente pelo maior à vontade e preferência nas relações a dois por parte de raparigas em comparação com rapazes. Existe concordância empírica além da nossa de que com a idade rapazes e raparigas tendem a cotar em decrescendo as relações afectivas para com o melhor amigo do mesmo género, enquanto que as cotações para com o par amoroso vão no sentido contrário, porém, esta tendência é mais forte nas raparigas que nos rapazes (Taradashi & Sakamoto, 2000). Kuttler e La Greca (2004) observaram em raparigas entre os 15 e os 19 anos que nas idades mais tardias as jovens consideravam receber maior afecto, ter mais comunicação significativa e apoio da parte dos namorados que dos amigos. Por seu turno, Shulman & Scharf (2000) concluíram que as raparigas valorizavam mais a vinculação e a prestação de cuidados nas suas relações amorosas que os rapazes e que estes, contrariamente, percebiam as relações românticas como jogos amorosos de estratégia. Finalmente, num estudo acerca da autonomia romântica na adolescência já referenciado (Taradash *et al.*, 2001), os autores deram conta que as raparigas, por comparação aos rapazes, evidenciavam maior autonomia quer nas relações com a mãe, quer com pares, quer ainda amorosas. Mas mais ainda, os adolescentes que se sentiam mais confortáveis com as suas diferenças nas suas relações com mães e pares também se sentiam mais confortáveis nas suas relações com o par amoroso. Assim sendo justifica-se que seja observada nos rapazes uma maior intervenção da *Qualidade das relações de amizade nas relações amorosas que por parte das raparigas*, pese embora, e tal como sugerido justamente por Taradash e colaboradores seja também uma questão de desenvolvimento diferenciado por géneros que permite ao sexo feminino ser “mais avançado na sua aquisição de competências de autonomia do que os rapazes ao longo de uma variedade de relações” (Taradash *et al.*, 2001, p. 373), pelo que uma análise por idades seria mais incisiva.

Por último e relativamente à influência do recurso a Pares e Par amoroso na *Qualidade relacional específica de cada contexto*, os resultados que apontam para uma maior *interferência* da relação de Pares na relação com o Par amoroso nos rapazes que nas raparigas teve um correlato na mediação da *Qualidade da relação com Pares na Qualidade*

da relação ao Par amoroso, que embora presente nos modelos de ambos os géneros, foi substancialmente mais elevada no modelo masculino. O trabalho de Markiewicz e colaboradores (2006) pode ajudar um pouco a entender estes resultados. Dado que as relações amorosas se tornam mais frequentes e duradouras com a idade e que esse facto induz a uma maior procura do par amoroso para exercício de funções de vinculação que do par amigo, a possibilidade de que no nosso estudo este facto se alie ao género é elevada. Vejamos, a única percentagem quanto à duração da relação amorosa em que rapazes ultrapassam as raparigas, é justamente a da duração inferior a um ano e mais ainda, quando a relação tem mais de dois anos a percentagem é de cerca de 65% para 35%, respectivamente. Em suma, se se verifica uma maior influência das relações de Pares nas relações com o Par amoroso ao nível da *Qualidade de vinculação nos rapazes* e, tendo em conta que os maiores níveis de procura do Par amoroso acontecem nas relações com maior duração no tempo (significativamente mais elevadas nos relatos das raparigas nesta amostra), justifica-se que o peso indirecto do número de componentes na relação com o Par amigo do mesmo género seja maior no modelo masculino que no feminino.

Ainda a propósito do número de componentes elicitadas em cada relação e seu peso directo na *Qualidade de vinculação na relação correspondente*, tal como Collins e Feeney (2000) também aqui se aguardava a percepção dos adolescentes de que a relação com Pares do mesmo género e Par amoroso era sensível e responsiva despoletaria fortes associações com o nível de segurança das respectivas relações e de facto, assim aconteceu, sendo os melhores preditores da *Qualidade de vinculação a Pares e Par amoroso* o número de componentes presentes na relação com o Par amigo do mesmo género e com o Par amoroso, respectivamente. Ora a teoria sugere justamente que a percepção de que uma figura é responsiva, apoiante e disponível se constrói essencialmente em situações ansiogénicas, construindo paralelamente uma representação de base à qual pode voltar ou não em segurança dependendo justamente da consistência da disponibilidade, responsividade e apoio iniciais (Bowlby, 1956, 1958, 1969/1990, 1973/1998a, 1977 a e b, 1979, 1973/1998b). Deste modo teremos que obrigatoriamente pensar neste recurso às figuras de vinculação ao nível das respostas específicas que oferecem perante acontecimentos de vida, parecendo evidente também a partir dos nossos resultados e de acordo com o trabalho de Furman e colaboradores (*vide* em especial Furman, 2001 e Furman *et al.*, 2002) que a *Qualidade relacional com Pares e Par amoroso* depende maioritariamente das respostas dadas no contexto dessa mesma relação, embora no nosso estudo a *Qualidade da relação com os Pares* se associe, em proporções muito semelhantes, quer com o número de componentes de vinculação da figura de referência mas também com a *Qualidade de vinculação com o Pai e a Mãe*, em valores muito próximos. Justamente porque não é suposto que as relações com o Par amoroso sejam

verdadeiramente relações de vinculação até que exista uma continuidade e estabilidade exclusivas (segundo Hazan & Zeifman, 1994, em relações exclusivas com dois ou mais anos de duração), este peso maior do recurso para funções de vinculação na *Qualidade de vinculação ao Par amoroso* pode precisamente reflectir a fase onde se comparam modelos internos com funcionamentos relacionais novos para que na posterior integração destes modelos específicos num funcionamento mais global. Aliás, tendo em conta que as percentagens de conhecimento de Pares do mesmo género há mais de dois anos é de cerca de 70% para 47% de continuidade relacional com o Par amoroso e ainda, que a frequência de contacto aos Pares do mesmo género é entre os 64.4% e os 68.1% para 91% para o Par amoroso podemos especular que de facto o processo de conhecimento estará bem mais adiantado para os Pares, incluso com internalização já de características relacionais nos modelos internos de funcionamento geral, mas que na relação amorosa existirá maior proximidade relativa mas menor conhecimento temporal comparativamente aos primeiros.





*A ARANHA do meu destino  
Faz teias de eu não pensar.  
Não soube o que era em menino,  
Sou adulto sem o achar.  
É que a teia, de espalhada  
Apanhou-me o querer ir...  
Sou uma vida baloiçada  
Na consciência de existir.  
A aranha da minha sorte  
Faz teia de muro a muro...  
Sou presa do meu suporte.*

*Fernando Pessoa (10/8/1932)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou o tempo de reflectir.

Começamos este trabalho buscando suportes teóricos que sustentassem interpretações da realidade psicológica na adolescência. Considerando que não é por acaso que somos atraídos por determinadas problemáticas, olhámos para John Bowlby e Mary Ainsworth tendo em conta o que as suas histórias de vida pudessem contribuir para a construção do edifício teórico que é a *Vinculação*. As vidas de ambos serviram-nos de argumento, de ponto de partida para ver outras contribuições que foram dadas. Embora inestimáveis, estes pioneiros não tiveram o tempo necessário para observar o sistema além da infância. Numa verdadeira convulsão observamos que com Cynthia Hazan e Phillip Shaver é proposto que as relações de vinculação amorosas na adultícia possam ser, relações de vinculação. Assim, embora com características que englobam agora a maturidade da identidade e dos sistemas mentais, é possível que o sistema sirva o propósito da sobrevivência psicológica com um par amoroso.

Olhámos com pormenor o que a teoria e os estudos nos diziam acerca desta transferência das funções de vinculação e a própria transformação operacional do sistema. Contemplámos a integração de novos parceiros nas redes sociais e a ontogenia humana a permitir que paulatinamente, da infância à adolescência, os pares se tornassem fontes de vinculação. Observámos que neste processo são apreendidas as formas de funcionamento

mais recíprocas, ao mesmo tempo que os modelos internos de funcionamento integravam dinamicamente quer as experiências relacionais anteriores, quer as actuais.

A partir daqui, e com dois eixos teóricos contemporâneos centrais, nomeadamente a abordagem de Kim Bartholomew à teoria da vinculação, e o modelo de Cindy Hazan e colaboradores da transferência das componentes de vinculação, criámos uma estratégia metodológica, com dados transversais, que pudesse acrescentar algum conhecimento acerca do modo como em três importantes contextos relacionais na adolescência, o sistema de vinculação se articulava e se desenvolvia. Mais que isso, quisemos que tanto quanto possível pudéssemos alargar a paleta de jovens em estudo não só àqueles que frequentavam as escolas regulares, mas recorrendo também a escolas profissionais e pólos de aprendizagem. Foi com pena que não integramos na nossa amostra alunos do ensino particular e cooperativo. Talvez em futuros estudos tal seja possível.

Criámos hipóteses com base na revisão bibliográfica efectuada de modo a suportar o nosso desejo de saber mais.

Quisemos um trabalho pautado pelo rigor, donde um dos objectivos desta tese fosse garantir a qualidade dos instrumentos utilizados através de um processo aturado de adaptação, seguido do estudo exaustivo das qualidades psicométricas de cada um deles.

Uma das preocupações deste trabalho foi a utilização de questionários que permitissem quer o alargamento do número de materiais de avaliação das representações de vinculação na adolescência adaptados à população portuguesa, quer a experimentação de questionários complexos de avaliação do recurso a figuras potencialmente de vinculação em função das componentes do sistema, quer ainda a avaliação exaustiva de acontecimentos de vida susceptíveis de alteração do curso da vinculação e a análise de um subproduto da internalização da imagem do self - auto-estima global. Pretendeu-se que cada um dos instrumentos fosse compreendido pelos adolescentes de forma clara, pelo que o trabalho de adaptação não se cingiu apenas a traduções ou a meras colagens de adaptações já efectuadas, mas constituiu-se num esforço de ajustamento semântico tanto ao nível do desenvolvimento etário, quanto do grau cultural diferenciado de acordo com as maiores ou menores oportunidades culturais que coexistiam na amostra. Ao mesmo tempo foram analisados cada um dos instrumentos a partir das suas estruturas factoriais de 1ª e 2ª ordens, quer levando em conta as equações de medida, quer abrangendo as análises de consistência interna, contribuindo deste modo para que mais investigadores possam vir a empregá-los com maior garantia psicométrica.

A estatística foi o parceiro que permitiu este retrato. Ela deu solução a muitos dos problemas que surgiam na operacionalização das dimensões a trabalhar. Nunca foi um oponente, foi antes a ferramenta que permitiu que pudéssemos ter resultados e essencialmente poder pensar sobre eles.

### ***O que nos disseram os resultados?***

Uma das principais preocupações deste trabalho foi o estudo da vinculação do ponto de vista das suas quatro componentes essenciais.

Como é que a partir dos resultados obtidos se estrutura a *transferência* das componentes de vinculação nestes adolescentes portugueses?

Teremos primeiramente que observar os resultados enquanto possibilidades, justamente porque se trata de um estudo transversal e apenas longitudinalmente seríamos capazes de observar *um processo*.

Obviamente que estes resultados terão sem dúvida de ser replicados em amostras portuguesas de adolescentes em idades iniciais e médias deste período, para que se possa falar de um efeito que nos parece ter muito a ver com uma realidade cultural a qual já extensamente abordámos.

Importa perceber que os nossos resultados são indiciadores não de um processo de transferência, de substituição de umas figuras por outras para o cumprimento de funções de vinculação, mas antes do alargamento de figuras significativas capazes de servirem propósitos de *Procura de proximidade*, *Porto* e *Base seguros*, que eventualmente culminem em comportamentos, cognições e emoções indicativas de *Protesto de separação*.

Alguns dos nossos resultados parecem-nos particularmente interessantes já que indicaram de facto a mãe como a figura mais requisitada para funções de vinculação, independentemente do género ou da idade considerados. A percepção que estes adolescentes têm da hierarquia emocional da sua rede de significativos, volta a centrar-se na figura materna.

Parece-nos que a importância da mãe enquanto figura de vinculação se mantém nestas idades, sem que na realidade haja um decréscimo no seu recurso. Para o pai, os nossos dados encontraram um efeito de maior solicitação desta figura por parte dos filhos do mesmo género considerando-se que para esta figura, poderá existir um processo de transferência que se processa relativamente ao par amoroso e ao par amigo do mesmo género, embora nunca esta figura deixe de ter o seu espaço emocional na vida dos filhos. Especulamos contudo que a teoria da vinculação, por se ter centrado na prestação dos cuidados iniciais dados pelas mães, poderá de algum modo não estar a contemplar a evolução social que entretanto se tem vindo a dar, onde os pais têm um papel muito mais interventivo ao nível da prestação de cuidados, na vida dos seus filhos. Terá talvez uma maior androginia, mas não deixa por isso de ter especificidades relacionais que não vemos muitas vezes contempladas nos estudos. Mesmo na adolescência, a brincadeira e o jogo em sentido lato são formas de estabelecimento de laços, talvez as mais privilegiadas pelos pais

homens, que perduram numa proximidade física e numa forma de intimidade que importa começar a realçar.

Um resultado interessantíssimo foi o que observou que nos rapazes os pares aparecem como equitativamente importantes, quase como se na adolescência a importância de cada tipo de par tenha um lugar muito próprio. O grupo é um grupo de pares, e a aceitação dos adolescentes rapazes pelo grupo pode, eventualmente, passar pela integração ao nível dos limites mais físicos e de personalidade pelo grupo de pares do mesmo género, pela busca do *self-disclosure* e da intimidade com os pares de género oposto, onde o *Porto seguro* não critica as questões da privacidade e da proximidade emocional, para finalmente o namoro poder ser quer um modo de insipidamente o adolescente crescer enquanto diferente do grupo, quer a manutenção da identidade grupal pela aceitação porque ele tem uma namorada, a mais bonita, a mais inteligente, a mais...

Transpondo o que dissemos acerca dos rapazes, nas raparigas a amiga e o namorado parecem ser pares que nestas idades ganham ambos uma importância elevada. O fenómeno da aceitação do grupo em simultâneo com a construção de uma identidade autónoma parece confluir em ambos os géneros, porém, numa sociedade onde os estereótipos sexuais ainda sancionam a adolescente por deter um grupo de pares prioritariamente masculino, poderá contribuir para este distanciamento no recurso ao par amigo de género oposto.

A partir dos nossos dados, o processo de procura de outros além dos pais para o cumprimento de funções de vinculação parece ser mais célere nas raparigas, porém, e dando conta das limitações do estudo, uma réplica longitudinal com equipas transculturais poderia trazer luz a este processo, enquanto específico em Portugal ou alargado em termos das sociedades latinas.

Do ponto de vista de alternativas metodológicas de recolha de dados acerca do recurso a figuras de vinculação para as quatro componentes ou funções, a construção de um instrumento que venha a avaliar a questão da vinculação segundo as suas componentes, é muito possível que tenha que vir a ser realizado segundo um trabalho de recolha de informação que resulte na delimitação das situações a que correspondam as componentes de vinculação, em função de cada uma das figuras em estudo e de acordo com o género dos respondentes. Dito de outro modo, parece-nos que dever-se-ia definir o significado de *Procura de proximidade*, *Base* e *Porto seguros* e de *Protesto de separação* em função de situações específicas em que se recorre a cada uma das figuras. O trabalho seguinte será o de realizar uma análise de conteúdo, tentando encontrar possíveis situações comparáveis entre as figuras. Assim é muito possível que venhamos a encontrar grandes áreas de recurso comum a diversas figuras, mas também zonas onde o recurso é realizado de acordo com temas em específico. Muito possivelmente ter-se-ão que construir

instrumentos específicos para cada uma das figuras que o investigador pretende analisar, de acordo aliás com o que tem vindo a ser efectuado em termos da qualidade de vinculação para pais (embora infelizmente na maioria dos casos em conjunto), pares (considerando os melhores amigos do mesmo e de género oposto ao dos sujeitos) e obviamente do par amoroso (por género ou não dos respondentes, dependendo dos resultados serem semelhantes quanto às situações de recurso para rapazes e raparigas). A posição que defendemos é justamente que deverá existir um desmembrar dos itens que avaliam tradicionalmente as componentes de vinculação, em função de todo um trabalho a montante onde se apurem as preferências de recurso por dada figura em determinada condição. Não ficam esquecidas as metodologias das entrevistas, do recurso a diários ou a *time sequential events*, como formas de construir estes instrumentos ou utilizar estes recursos pelo seu valor próprio.

Esta especificação de que falámos poderá permitir observar em que áreas funcionais é requisitada mais ou menos cada figura, crendo que deste modo as análises não se apresentarão tão díspares, sobretudo entre mãe e pai e entre pai e pares. A dado ponto existe a hipótese de que os resultados que encontramos sejam encarados enquanto *graus de importância lineares de cada figura estudada*, o que não gostaríamos de todo que acontecesse, já que se advoga um posicionamento em que as realidades psicológicas são complexas e não deverão ser lidas apenas e só através de estatísticas. Isto mesmo que acabámos de afirmar teve um correlato nos valores obtidos em termos de hierarquização emocional das figuras estudadas onde o pai é, claramente, a segunda figura (embora mais vincadamente nos rapazes), não existindo o declive dos dados obtidos em função das componentes.

Curiosamente, e dando ênfase a este enfoque, quando fizemos variar o número de componentes de vinculação presentes nas relações com pais, pares amigos do mesmo e de género oposto e par amoroso em função dos padrões de vinculação a cada um dos pais, verificámos justamente que de facto a qualidade relacional com os pais fazia variar o recurso apenas aos pares amigos. Trata-se de uma associação que provavelmente terá a ver com a falta de intimidade e consistência das relações amorosas deste período, embora, e curiosamente, quer os padrões de vinculação aos pares quer ao par amoroso, apenas faziam variar o recurso às figuras específicas desses contextos relacionais, o que de algum modo sugere que a qualidade de vinculação, tal como na infância, é construída com base nas dinâmicas comportamentais de disponibilidade e responsividade específicas de uma relação, e só a partir daí será possível começar a integrar esses modelos no *modus operandi* pessoal, torná-los modelos internos e funcionar com eles.

Do modelo da transferência passámos a querer saber mais acerca da articulação entre a qualidade dos domínios relacionais com pais, pares e par amoroso, e quais as variáveis

capazes de influenciarem essas estruturas. Iniciamos o processo através da construção de clusters, derivando teoricamente para cada um dos contextos os padrões de vinculação definidos pela nomenclatura de Kim Bartholomew.

Neste segundo bloco de resultados voltamos a encontrar a mãe como a figura central da vinculação na vida destes jovens. Desde logo, as médias das três dimensões que avaliaram a Qualidade de vinculação parental foram mais elevadas para com a mãe que para com o pai. Em termos correlacionais verificamos também maior robustez entre as associações das dimensões de vinculação à mãe (que ao pai) e dimensões de vinculação aos pares e par amoroso.

Phares, Lopez, Fields, Kamboukos e Duhig (2005) realizaram uma revisão em dezassete publicações científicas que incluíssem pesquisa desenvolvimental ou clínica que pudesse englobar o pai, dando conta da sua sub-representação quer numa análise por tipo de publicação considerada (jornais não ligados à saúde e jornais especializados em pediatria ou ligados à saúde), quer na inclusão do estudo do pai tendo em conta o tópico das pesquisas publicadas, sendo reconhecida a necessidade da inclusão desta figura em mais estudos onde deverá ser objecto específico de análises de modo a que quer os pressupostos, quer as intervenções que incluam a figura do pai possam de facto ser mais firmes e eficazes, respectivamente.

Embora transcendendo o âmbito desta tese, uma das hipóteses levantadas num estudo de Volling e Belsky (1992) é a de que poderá existir uma variável moderadora na relação de vinculação pai-criança que seria a qualidade da prestação de cuidados dos seus pais; até aqui nada de novo, porém, este processo observou-se compensatório, isto é, quando maior o relato da qualidade relacional do pai com os seus progenitores, menor a responsividade na relação actual pai-criança e *vice-versa* relativamente aos relatos de relações mais áridas entre pai-progenitores. Tal poderá ser apenas um efeito daquela amostra em específico, mas poderá também indicar que muito mais é necessário fazer-se relativamente ao estudo da vinculação na relação com o pai, dado que muito possivelmente será um constructo análogo ao materno mas que deverá ter em conta especificidades quer de género, quer culturais que podem determinar diferentes pesos relativos para dimensões iguais, e acrescento de dimensões particulares de acordo com peculiaridades de género que importa começar a estudar de forma consistente. Este estudo pode iniciar-se talvez pela validação de instrumentos que são incontornáveis na literatura acerca da vinculação como é a *Situação Estranha* em específico para o pai.

Em termos de intervenção parece-nos urgente criarem-se as condições políticas para a participação mais elevada do pai na vida dos seus filhos, bem como a *desmasculinização* do papel do pai e da *desfeminilização* do papel da mãe, isto é, promover uma educação e uma cultura mais andróginas do ponto de vista da educação parental. Não nos referimos

aqui a características intrínsecas de sexo e sim a questões de aculturação e sociedade que passam sobretudo pela vontade política de fazer equivaler as oportunidades de emprego para ambos os sexos, de determinar políticas sociais que permitam a homens e mulheres participarem mais na vida dos seus filhos e, sobretudo, de promover nas escolas, de todos os níveis de ensino, uma alteração profunda nas mentalidades que possam paulatinamente retirar o preconceito da emoção e da prestação de cuidados da esfera do género. Falamos de coisas tão simples e tão complexas como retirar das conversas regulares provérbios que têm força de normas, com as respectivas sanções acopladas, por exemplo, “*um homem não chora*”, “*palavras são fêmeas, factos são machos*” ou “*à mulher roca e ao marido espada*”.

Mas avaliaram-se ainda outros contextos além dos parentais. Os resultados obtidos quanto à vinculação aos pares e parece-nos importante clarificar do que falamos quando referimos a palavra *pares*. Em termos de vinculação consideramos que de facto avaliamos a vinculação aos pares, porém, aos pares amigos num contexto de amizades íntimas e não os pares enquanto parceiros iguais com os quais detemos apenas semelhanças. Pensamos que embora tenhamos clarificado esta questão já no Capítulo 3 desta tese (*vide* p. 138, nota nº. 65), ao longo do texto este pormenor poder-se-ia ter dissipado e conduzido o leitor a perspectivar a existência de vinculação aos pares enquanto apenas iguais, o que resultaria numa total inversão da teoria, já que as relações de vinculação formam-se sim no contexto de relações afectivas emocionalmente próximas. Clarificado este ponto, importa referenciar que à imagem do que consideramos ser uma mais valia na avaliação da Qualidade de vinculação ao pai e à mãe, pensamos também que uma avaliação realizada tendo em conta o melhor amigo de género masculino e o melhor amigo de género feminino poderia ajudar a compreender melhor as especificidades de género e aumentaria as possibilidades de discussão daquilo a que podemos chamar o efeito de género da melhor amiga nas raparigas e o recurso dos rapazes ao amigo para determinadas áreas e à amiga para outras (e por isso uma Qualidade relacional mais equivalente entre amigos de género oposto) que especulamos estar a acontecer em função dos resultados que obtivemos relativamente à avaliação das componentes de vinculação. Gostaríamos de a este propósito afirmar a necessidade de realizar estudos com continuidade dado que parece que as relações de amizade necessitam de bem mais que os dois anos das relações amorosas e da continuidade de toda infância das relações parentais para se tornarem relações de vinculação (cerca de cinco anos, segundo a investigação). Além de podermos observar todo o processo de construção, quebra e alteração eventual de relações de pares consideradas de proximidade, é possível ainda encontrar dados que possam lançar luz sobre o papel adaptativo destas, chamemos-lhe, *preferências de género*.

Uma das apostas que quisemos realizar com este trabalho foi integrar no estudo os acontecimentos de vida positivos e negativos, nas suas vertentes frequência e significado. A

nossa aposta, embora infrutífera do ponto de vista dos resultados significativos, resultou numa confirmação teórica importante. Isto é, dado que os acontecimentos de vida não foram extremos, nem avaliados de forma extrema, na realidade não interferiram nas representações de vinculação dos sujeitos, o que é de algum modo motivo de regozijo: os acontecimentos de vida destes jovens não são capazes de alterar trajectórias desenvolvimentais. Contudo, e pela justiça metodológica, seria interessante a realização de estudos acerca da vinculação com amostras clínicas e grupos desfavorecidos, de modo a que pudessem funcionar como grupos de controlo e comprovar as condições de activação do sistema. Neste ponto, importa realçar que talvez existam variáveis mediadoras das próprias circunstâncias de vida que eventualmente façam a ligação com a qualidade da vinculação.

Ao testarmos um modelo teórico que preconizava a influência da qualidade de vinculação a cada um dos pais na qualidade relacional com pares e par amoroso, verificámos o papel mediador da auto-estima nesta associação. A internalização do modelo de si e do outro, mais ou menos positivo, agrega-se então à volta do sentimento pessoal de avaliação, que em parte prediz, através da qualidade relacional com os pares como segundo mediador, a qualidade da vinculação amorosa. De novo vemos diferenças entre o género dos progenitores. Enquanto que para o modelo com a mãe a influência da qualidade relacional nos aparece de forma directa e indirecta, quanto ao pai a mediação na associação com a relação ao par amoroso é de carácter total. A mãe volta a aparecer com um peso relacional nos relacionamentos filiais mais elevado que o do pai.

Finalmente, este foi mais um estudo que abordou a vinculação amorosa na adolescência, contribuindo para o alargamento de uma área da teoria da vinculação que de facto ainda *demasiadamente pouco* explorada. Contudo, sendo uma relação que pode integrar o sistema sexual e por isso um tipo de intimidade muito diferenciada das relações com pais e amigos íntimos, é a aquela onde mais necessários são estudos de carácter longitudinal. De preferência estes deverão ser também comparativos relativamente às vinculações com amigos, de modo a que seja possível serem desvendados os processos diferenciais de construção de vinculação relativamente a estes dois tipos de pares, e a importância desenvolvimental de cada um deles quer em cada um dos pontos da adolescência (início, média e final). Em termos gerais, concluímos que o par amoroso não é apenas mais um par, mas um par que muito provavelmente ajuda o adolescente a iniciar o percurso da sua segunda diferenciação, do grupo, permitindo ao mesmo tempo que este seja aceite por ele. Isto é, as relações amorosas, além de providenciarem a aprendizagem da construção da intimidade com maior robustez, o debate de pontos de vista alternativos de género e muitas vezes a iniciação sexual, são também um meio de dizer ao grupo “eu namoro com o ou a mais” ou “eu curti com o mais popular”, de ser invejado, mas também de



resistir ou não à pressão grupal quando o grupo diz “agora já não estás connosco como antes”.

A partir da integração de todos os resultados obtidos, verificámos ainda a probabilidade mais consistente da Segurança (a mãe, pai e pares amigos) interferir no aumento da Segurança e na diminuição da Insegurança nas relações de vinculação com os pares e par amoroso, ao mesmo tempo que verificamos que o sistema de vinculação é de tal modo adaptativo que as probabilidades de Insegurança nos contextos pares e par amoroso parecem depender bem mais das características das próprias relações que determinadas pela Segurança ou Insegurança de outras relações de vinculação. De outro modo, à excepção do contexto relacional com a mãe que se Seguro, faz aumentar a possibilidade de Segurança ao par amoroso e se Inseguro aumentar a de Insegurança, nos restantes contextos o que parece acontecer é que a Insegurança de um não determina a Insegurança de um outro, ou ainda de outra forma, os contextos relacionais de pares e par amoroso podem ser alternativas de Segurança à Insegurança de vinculação na relação com o pai, assim como a o contexto do par amoroso pode funcionar também como alternativa Segura ao contexto pares amigos.

Esta é uma pista que pode e merece ser investigada com profundidade, nomeadamente recorrendo a instrumentos que permitam a observação da vinculação não a partir da Segurança ou Insegurança mas sobretudo que de raiz estejam construídos com base na observação positiva ou negativa do *self* pessoal e da imagem do outro, por exemplo o *Relationship Questionnaire* (Bartholomew & Horowitz, 1991), percepcionando estas possibilidades a partir de uma descrição que permita integrar os padrões Inseguros enquanto três grupos distintos. Em se tratando das questões da continuidade ou da mudança, voltamos a referenciar a necessidade de estudar estas questões do ponto de vista das condições, mecanismos e processos que permitem quer a estabilidade, quer a mudança, quer a coexistência de ambas.

Por último, e integrando quer a realidade teórica quer os resultados que obtivemos com os objectivos e hipóteses, quisemos observar a realidade da vinculação adolescente do género feminino e do masculino do ponto de vista da causalidade da Qualidade de vinculação a cada um dos pais e da especificidade relacional (tomada enquanto recurso para funções de vinculação ao par amigo do mesmo género e ao par amoroso) na Qualidade de vinculação a pares e par amoroso. Teve-se ainda em conta a relação causal provável entre Qualidade de vinculação aos pares e Qualidade de vinculação ao par amoroso. Desde logo confirmamos a necessidade de realizar as análises por género de pais e de adolescentes. A vinculação à mãe, em comparação com o modelo para o pai, aparece com resultados que implicam uma maior influência causal na Qualidade de vinculação a pares e par amoroso. Confirmando também resultados anteriores, eram mais robustas as

associações entre os domínios de vinculação aos pais e os pares que entre os primeiros e o par amoroso

Nos quatro modelos finais apresentados, foram encontradas associações mediadas em todos eles e, em todos eles o factor de mediação foi a Qualidade de vinculação aos pares amigos. O factor endógeno sobre o qual a mediação se fez sentir foi a Qualidade de vinculação ao par amoroso. Esta subtilidade estatística permitiu (e de novo) confirmar um modelo causal no qual a Qualidade de vinculação à mãe aparece como geradora (também) da Qualidade de vinculação quer aos pares, quer ao par amoroso, enquanto que tal apenas é válido para a figura paterna em se tratando do género masculino. Abrindo ainda uma área de investigação onde também pouco se avançou, encontrou-se ainda informação que permite especular no sentido que a especificidade das relações com os pares amigos do mesmo género, tomada enquanto recurso às quatro componentes de vinculação, detém uma influência indirecta na Qualidade de vinculação com o par amoroso.

Esta metodologia abre caminho à testagem de muitas hipóteses, sempre com base em pressupostos teóricos e empíricos, pelo que utilizada numa lógica confirmatória permitirá com certeza explorar com pormenor hipóteses de mediação e moderação nas associações entre constructos psicológicos que não só os que se aliam à vinculação.

Finalmente...

Utilizando uma metodologia quantitativa foi possível realizar um retrato transversal de adolescentes portugueses que frequentam as oportunidades formativas mais comuns em Portugal, analisando quer o recurso a pais, pares do mesmo género e par amoroso, quer as representações de vinculação em função das diferenças individuais de género, idade, instituição formativa frequentada e duração da relação amorosa. Quanto à instituição frequentada, contribuímos de algum modo para desmistificar a ideia de que o ensino regular se sobrepõe a todos os outros.

Estudou-se também o recurso por componentes de vinculação a cada figura em análise em função dos padrões de vinculação construídos a partir das dimensões atreitas a cada contexto relacional. Averiguamos ainda das associações entre dimensões de vinculação, auto-estima e acontecimentos de vida, dando uma direcção causal (baseada na teoria) às correlações entre factores de Qualidade de vinculação nas relações parentais, especificidade nos relacionamentos com pares do mesmo género e par amoroso e, factores de Qualidade de vinculação a pares e par amoroso.

Discutimos os resultados à luz do enquadramento teórico da vinculação e, mais do que confirmar ou infirmar hipóteses, quisemos atingir objectivos específicos que delimitaram um objectivo maior: Responder à questão “Como funcionam as relações de vinculação nos contextos significativos em adolescentes portugueses?”.

Na verdade respondemos a muitas questões para estes adolescentes em específico, embora as pistas deste trabalho possam dar indicações valiosas para o puzzle da vinculação na adolescência. Com certeza verificámos mais uma vez que os pais são figuras importantíssimas do ponto de vista da sobrevivência relacional, mas que as relações com pares e par amoroso podem ser vistas como formas adaptativas de colmatar inseguranças de vinculação, e de modo mais abrangente, de aprender a ser uma figura de vinculação para os outros. A estrutura humana é de tal modo adaptativa que necessita tanto de si como do outro para realizar plenamente o seu desenvolvimento pessoal. E cada outro tem uma função desenvolvimental claramente definida por etapas.

O que nos pareceu um efeito cultural do peso da mãe na qualidade das relações com os filhos, pode sem dúvida ser também um viés metodológico, incitando futuros estudos a debruçarem-se na figura paterna enquanto figura de vinculação e sobretudo na operacionalização do conceito relativamente ao pai. Mas assim sendo, tornar estes estudos longitudinais e apoiá-los, pois cremos que só assim se avançará neste domínio.

No final destas considerações tenho presente uma sensação de *double bind*: o prazer pessoal que me trouxeram todas as aprendizagens que realizei nestes cinco anos, a sensação de finitude, e a vontade de muito mais ainda saber acerca dos adolescentes e do sistema de vinculação, mas também sensação da insegurança de que tal possa não ser possível...



## Índice de Quadros e Figuras

<b>Quadro 1</b>	Modelo do processo de formação da vinculação na adultícia (Zeifman & Hazan, 1987)	31
<b>Quadro 2</b>	Caracterização da amostra	129
<b>Quadro 3</b>	Valores de alpha de Cronbach para as versões Mãe e Pai do QVPM	159
<b>Quadro 4</b>	Valores de alpha de Cronbach para a versão Pares do IPPA	162
<b>Quadro 5</b>	Valores de alpha de Cronbach do QVA	164
<b>Quadro 6</b>	Valores de alpha de Cronbach da SES	166
<b>Quadro 7</b>	Valores de r de Pearson, dimensões recurso às figuras significativas, idade, género e acontecimentos e vida	183
<b>Quadro 8</b>	Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de <i>clusters</i> na relação com a Mãe	189
<b>Quadro 9</b>	Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de <i>clusters</i> na relação com o Pai	191
<b>Quadro 10</b>	Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de <i>clusters</i> na relação com os Pares amigos	194
<b>Quadro 11</b>	Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de <i>clusters</i> na relação com o Par amoroso	195
<b>Quadro 12</b>	Diferenças significativas entre Mãe e Amiga (Procura de proximidade)	209
<b>Quadro 13</b>	Médias e desvios-padrão das dimensões qualidade de vinculação ao par amoroso de acordo com o género	228
<b>Quadro 14</b>	Valores de r de Pearson entre dimensões que avaliam a qualidade de vinculação nos quatro domínios relacionais	236
<b>Quadro 15</b>	Valores de r de Pearson, dimensões Qualidade de vinculação Mãe e Pai, Pares e Par amoroso e acontecimentos de vida	239

<b>Quadro 16</b>	Associações entre padrões de vinculação ao Par amoroso e Duração da relação amorosa	262
<b>Quadro 17</b>	Índices de ajustamento do modelo para os grupos feminino e masculino (Mãe)	281
<b>Quadro 18</b>	Índices de ajustamento do modelo para os grupos feminino e masculino (Pai)	282
<b>Quadro 19</b>	Índices de ajustamento do modelo inicial e do modelo reespecificado (Qualidade de vinculação à Mãe no género feminino)	283
<b>Quadro 20</b>	Índices de ajustamento do modelo final (Qualidade de vinculação ao Pai no género feminino)	285
<b>Quadro 21</b>	Índices de ajustamento do modelo final (Qualidade de vinculação à Mãe no género masculino)	287
<b>Quadro 22</b>	Índices de ajustamento do modelo inicial e do modelo reespecificado (Qualidade de vinculação ao Pai no género masculino)	288
<b>Figura 1</b>	Modelo da transferência de vinculação de Hazan e Shaver (1987) e correspondentes lugares superiores na hierarquia de vinculação	28
<b>Figura 2</b>	Representação do modelo de transferência das componentes de vinculação	31
<b>Figura 3</b>	Modelo bidimensional e protótipos de vinculação adulta de Kim Bartholomew	116
<b>Figura 4</b>	Exemplificação de preenchimento de quadros de dupla entrada (1. e 2.) do ANQ	132
<b>Figura 5</b>	Percentagens dos anos de frequência dos respondentes ao QAV (N=380)	152
<b>Figura 6</b>	Análise factorial confirmatória de 1ª. Ordem: QVPM (versões Mãe e Pai); estimativas estandardizadas	160
<b>Figura 7</b>	Análise factorial confirmatória de 2ª. Ordem: QVPM (versões Mãe e Pai); estimativas estandardizadas	161
<b>Figura 8</b>	Análise factorial confirmatória de 1ª. Ordem: IPPA (versão Pares); estimativas estandardizadas (N=627)	162
<b>Figura 9</b>	Análise factorial confirmatória de 2ª. Ordem: IPPA (versão Pares); estimativas estandardizadas	163
<b>Figura 10</b>	Análise factorial confirmatória de 1ª. Ordem: QVA; estimativas estandardizadas (N=547)	164

<b>Figura 11</b>	Análise factorial confirmatória de 2ª. Ordem: QVA; estimativas estandardizadas (N=547)	165
<b>Figura 12</b>	Modelo de 2ª ordem (estrutura factorial em três dimensões): QVA; estimativas estandardizadas	166
<b>Figura 13</b>	Análise factorial confirmatória de 1ª ordem: Rosenberg SES; estimativas estandardizadas (N=627)	167
<b>Figura 14</b>	Média da avaliação da intensidade de acontecimentos de vida positivos ou negativos, por área individual avaliada (N=380)	174
<b>Figura 15</b>	Média de acontecimentos negativos e positivos relatados (N=380)	175
<b>Figura 16</b>	Duração das relações amorosas relatadas enquanto significativas (N=548)	175
<b>Figura 17</b>	Percentagens de indicação das figuras significativas (colocadas em 1º lugar) nas hierarquias emocionais (N=548)	180
<b>Figura 18</b>	Médias de recurso a cada uma das figuras significativas para funções de vinculação (N=548)	181
<b>Figura 19</b>	Percentagens de nomeação de figuras significativas enquanto vinculações totais (N=548)	182
<b>Figura 20</b>	Padrões de Vinculação na Relação com a Mãe	189
<b>Figura 21</b>	Padrões de Vinculação na Relação com o Pai	192
<b>Figura 22</b>	Padrões de Vinculação na Relação com os Pares amigos	194
<b>Figura 23</b>	Padrões de Vinculação na Relação com o Par amoroso	196
<b>Figura 24</b>	Variabilidade de recurso para exercício de funções de vinculação em função dos Padrões de vinculação na relação com a Mãe e o Pai	201
<b>Figura 25</b>	Variabilidade de recurso para exercício de funções de vinculação em função dos Padrões de vinculação na relação com a Pares e o Par amoroso	203
<b>Figura 26</b>	Alargamento da rede de figuras significativas (da Mãe aos Pares) para cumprimento de funções de vinculação (Géneros feminino e masculino)	211
<b>Figura 27</b>	Alargamento da rede de figuras significativas (do Pai aos Pares) para cumprimento de funções de vinculação (Géneros feminino e masculino)	213

<b>Figura 28</b>	Recurso à rede de Pares para cumprimento de funções de vinculação (Géneros feminino e masculino)	216
<b>Figura 29</b>	Variabilidade dimensional da Qualidade de vinculação à Mãe e ao Pai	226
<b>Figura 30</b>	Variabilidade dimensional da Qualidade de vinculação/relacional aos Pares amigos	227
<b>Figura 31</b>	Variabilidade dimensional da Qualidade de vinculação ao Par amoroso	229
<b>Figura 32</b>	Modelos de associação entre Qualidade de vinculação à Mãe (a) e ao Pai (b). Pares e Par amoroso, tendo por mediador a auto-estima	238
<b>Figura 33</b>	Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com a Mãe e Género	247
<b>Figura 34</b>	Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com a Mãe e Instituição formativa	250
<b>Figura 35</b>	Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com o Pai e Instituição formativa	254
<b>Figura 36</b>	Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com os Pares amigos e Género	257
<b>Figura 37</b>	Relação entre Padrões de Vinculação na Relação com o Par amoroso e Género	260
<b>Figura 38</b>	Número médio de acontecimentos de vida negativos por padrão de vinculação ao Par amoroso	264
<b>Figura 39</b>	Comparação entre Padrões de Vinculação na Relação com o Pai e Mãe por género e totais	266
<b>Figura 40</b>	Comparação entre Padrões de Vinculação na Relação com o Pai e Mãe por instituição formativa/totais	266
<b>Figura 41</b>	Comparação entre Padrões de Vinculação na Relação com os Pares e Par amoroso por género e totais	269
<b>Figura 42</b>	Percentagens de Padrões seguros e inseguros na relação com o par amoroso e pares/amigos	271
<b>Figura 43</b>	Proporções de Segurança/Insegurança aos Pares Par amoroso na Segurança/Insegurança aos Pais	272
<b>Figura 44</b>	Proporções de Segurança/Insegurança ao Par amoroso na Segurança/Insegurança aos Pares	272



<b>Figura 45</b>	Probabilidades de aumento ou diminuição da Segurança/Insegurança nos contextos relacionais com Pares e Par amoroso em função da Segurança/Insegurança nos contextos com Pais e Pares amigos	275
<b>Figura 46</b>	Modelos para as variáveis exógenas Qualidade de vinculação à Mãe (a) e Pai (b)	279
<b>Figura 47</b>	Constrangimento à igualdade dos parâmetros QVM e QVP a QVPar e QVA [(a) e (b)]. (N=548)	280
<b>Figura 48</b>	Modelo testado para o género feminino: Qualidade de vinculação à Mãe (n=285)	282
<b>Figura 49</b>	Modelo testado para o género feminino: Qualidade de vinculação ao Pai. (n=285)	284
<b>Figura 50</b>	Modelo final para o género masculino: Qualidade de vinculação à Mãe. (n=263)	286
<b>Figura 51a</b>	Modelo testado para o género masculino: Qualidade de vinculação ao Pai (n=263)	287
<b>Figura 51b</b>	Modelo testado para o género masculino: Qualidade de vinculação ao Pai com reespecificação após retirada de caminhos não significativos (n=263)	288
<b>Figura 52</b>	Síntese gráfica dos resultados dos modelos das equações estruturais em função do género parental e dos adolescentes	292



## Referências bibliográficas

- \* Aber, L., Slade, A., Berger, B., Bresgi, I., & Kaplan, M. (1985). *The Parent Development Interview*. Barnard College, Columbia University, N. Y. Manuscrito não publicado.
- Abdi, H. (2007). Binomial distribution: Binomial and sign tests. In N.J. Salkind (Eds.), *Encyclopedia of measurement and statistics* (pp. 87-89). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Abdi, H. (2007). Bonferroni and Sidak corrections for multiple comparisons. In N.J. Salkind (Ed.), *Encyclopedia of measurement and statistics* (pp. 103-107). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Addeo, R. R., Green, A. F., & Geisser, M. E. (1994). Construct validity of the Robson self-esteem questionnaire in a college sample. *Educational and Psychological Measurement*, 54, 439-446.
- Allen, J. P., & Hauser, S. T. (1996). Autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of young adults' states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology*, 3, 793-809.
- \* Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., McElhaney, K. B., & Tate, D. C. (1998). *The autonomy and relatedness coding system*. University of Virginia, Charlottesville. Manuscrito não publicado.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., & Borman-Spurrell, E. (1996). Attachment theory as a framework for understanding sequelae severe adolescent psychopathology: An 11-year follow-up study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 254-263.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Kuperminc, G. P., & Jodl, K. M. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development*, 75, 1792-1805.
- Ainsworth, M. D. S. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. S. (1969a). *Maternal sensitivity scales*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. S. (1969b). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M. D. S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes & Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp.1-30). NY: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. S. (1983). Mary D. Salter Ainsworth. In A. N. O'Connell & N. F. Russo (Eds.), *Models of achievement: Reflections of eminent women in psychology* (pp. 201-219). NY: Columbia

University Press.

- Ainsworth, M. D. S. (1988). On security. Three days of discussions on attachment. Mary Ainsworth's contribution for Mary Ainsworth, Mary Main, Inge Bretherton, Alan Stroufe, Brian Vaughn, Klaus & Karin Grossman, and Everett Watters meeting in January of 1988. NY: Stony Brook. [www.psychology.sunysb.edu/attachment/pdf/mda\\_security.pdf](http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/pdf/mda_security.pdf).
- Ainsworth, M. D. S. (1989a). *Baltimore longitudinal study of attachment, 1964-1967*. Harvard University: The Radcliffe Institute for Advanced Study, Murray Research Center. [www.radcliffe.edu/murray](http://www.radcliffe.edu/murray)
- Ainsworth, M. D. S. (1989b). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Watters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- \* Ainsworth, M., & Witting, B. (1969). Attachment and exploratory behavior of one-year-olds in a strange situation. In B. Foss (Eds.), *Determinants of infant behavior* (Vol. 4, pp.113-136). London: Methuen.
- Allen, J. P., & Hauser, S. T. (1996). Autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of young adults' states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology*, 3, 793-809.
- Allen, J. P., Kuperminc, G. P., & Moore, C. (2005, April). *Stability and predictors of change in attachment security across adolescence*. Artigo apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research on Child Development, Atlanta, Georgia.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Kuperminc, G. P., & Jodl, K. M. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development*, 75, 1792-1805.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Land, D. J., Kuperminc, G. P., Moore, C. M., O'Beirne-Kelley, H., & Kilmer, S. L. (2003a). A secure base in adolescence: Markers of attachment security in the mother-adolescent relationship. *Child Development*, 74, 294-307.
- Allen, J. P., Porter, M., Tencer, H., & Williams, F. (2003b, April). *Attachment as a relational construct beyond childhood: Parent and peer relationships qualities linked to adolescent security*. Artigo apresentado no Biennial Meeting of the Society of Research in Child Development, Tampa, FL.
- Alonso-Arbiol, I., Shaver, P. R., & Yarnoz, S., (2002). Insecure attachment, gender roles, and interpersonal dependency in the Basque Country. *Personal Relationships*, 9, 479-490.
- Antonucci, T. C., Akiyama, H., & Takahashi, K. (2004). Attachment and close relationships across life

- span. *Attachment and Human Development*, 6, 353-370.
- Arendell, T. (1996). *Co-parenting: A review of the literature*. Philadelphia: National Center on Fathers and Families. [www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev/litrev.htm](http://www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev/litrev.htm).
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Relationships to well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Armsden, G., & Greenberg, M. T. (2003). Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA): original and revised versions. Information Scoring Manual. Textos cedidos a pedido pelos autores.
- Ashby, J. S., & Rice, K. C. (2002). Perfectionism, dysfunctional attitudes, and self-esteem: A structural equations analysis *Journal of Counseling and Development*, 80, 197-203.
- \* Bachman, J. G. (1970). *Youth in transition: Vol. 2. The impact of family background and intelligence on tenth-grade boys*. Ann Arbor: Institute for Social Research, University of Michigan.
- Bailey, E., Repinski, D. J., & Zook, J. M. (2002, June). *Relationships features and strength of influence from mothers and fathers: Adolescents' grade and gender differences*. Artigo no Annual Meeting of the American Psychological Society. New Orleans, LA.
- Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., & Kroonenberg, P. M. (2004). Differences in attachment security between african-american and white children: Ethnicity or social-economic status? *Infant Behavior and Development*, 27, 417-433.
- Bandalos, D. L. (2002). The effects of item parceling on goodness-of-fit and parameter estimate bias in structural equation modeling. *Structural Equation Modeling*, 9, 78-102.
- Bandalos, D. L., & Finney, S. J. (2001). Item parceling issues in structural equation modeling. In G. A. Marcoulides & R. E. Shumaker (Eds.), *Advanced structural equation modeling: New developments and techniques* (pp. ). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- \* Barbee, A. P., & Cunningham, M. R. (1995). An experimental approach to social support communications: Interactive coping in close relationships. *Communication Yearbook*, 18, 381-413.
- Barbosa, S. (2002). *Relações de vinculação e a experiência emocional do toque*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barreto, António (2002). *Mudança Social em Portugal, 1960/2000* (Working Paper 6-02). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. [www.ics.ul.pt](http://www.ics.ul.pt).
- Barrett, P. T., & Kline, P. (1981) Radial Parcel Factor Analysis. *Personality and Individual Differences*, 2, 311-318.

- Barrett, P. T., & Paltiel, L. (1996). Can a single item replace an entire scale? POP vs the OPQ 5.2. *Selection and Development Review*, 12, 1-4.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K. (1996). *Peer attachment interview*. Manuscrito não publicado.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close Relationships* (pp. 25-45). NY: Guilford Press.
- Bastos, M. (2006). *A Solidão e os processos de vinculação nos jovens e a sua inter-relação com a utilização da internet*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Bastos, M., & Costa, M. E. (2002, Março). *The relationship between loneliness, attachment style and internet use in adolescents and young adults*. Artigo apresentado na 8<sup>th</sup> Biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, New College, Oxford.
- Bastos, M., & Costa, M. E. (2005). A influência da vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens. *Psicologia*, 18, 33-56.
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. L., & Vohs, K. D., (2003). Does High Self-Esteem Cause Better Performance, Interpersonal Success, Happiness, or Healthier Lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest*, 4, 1-44.
- \* Beck, A. T. (1967). *Depression: Clinical, experimental, and theoretical aspects*. New York: Harper & Row.
- \* Beck, A. T., Ward, C. H., Mendelson, M., Mock, J., & Erbaugh, J. (1961). An inventory for measuring depression. *Archives of General Psychiatry*, 4, 561-571.
- \* Beck, A. T., & Steer, R. A. (1987). *Beck Depression Inventory Manual*. New York: The Psychological Corporation.
- \* Bell, M. (1991). *An Introduction to the Bell Object Relations Reality Testing Inventory*. Los Angeles, CA: Western Psychological Services.
- Belsky, J., Campbell, S. B., Cohn, J. F., & Moore, G. (1996). Instability of infant-parent attachment security. *Developmental Psychology*, 32, 921-924.
- Benenson, J. F. (2005). Sex differences. In B. Hopkins & R. Barr (Eds.), *Cambridge encyclopedia of*

- child development* (pp. 366-373). Cambridge: Cambridge University Press.
- \* Bennion, L., & Adams, G. (1986). A revision of the extended version of the Objective Measure of Ego Identity Status: An identity instrument for use with late adolescents. *Journal of Adolescent Research, 1*, 183-198.
- \* Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indices in structural models. *Psychological Bulletin, 107*, 238-246.
- Bentler, P. M. (1995). *EQS: Structural equations program manual*. Encino, Califórnia: Multivariate Software.
- \* Bentler, P. M., & Bonnet, D. G. (1980). Significance tests and goodness-of-fit in the analysis of covariance structure. *Psychological Bulletin, 88*, 588-606.
- Berlin, L. J., & Cassidy, J. (1999). Relationships among relationships: Contributions from attachment theory and research. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 688-712). NY: The Guilford Press.
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1991). Parental attachment and emotional distress in the transition to college. *Journal of Youth and Adolescence, 20*, 427-441.
- Berndt, T. J. (1999). Friends' influence on children's adjustment to school. In W. A. Collins & B. Laursen (Eds.), *The Minnesota Symposia on Child Psychology: Vol. 30. Relationships as Developmental Contexts* (pp. 85-107). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Berndt, T. J. (2004). Children's friendships: Shifts over a half-century in perspectives on their development and their effects. *Merrill Palmer Quarterly, 50*, 206-223.
- Berndt, T. J., & Keefe, K. (1995). Friends' influence on adolescents' adjustment to school. *Child Development, 66*, 1312-1329.
- \* Berscheid, E., Snyder, M., & Omoto, A. M. (1989). The Relationship Closeness Inventory: Assessing the closeness of interpersonal relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 792-807.
- Black, K. A. (2002). Associations between adolescent-mother and adolescent-best friend interactions. *Adolescence, 37*, 235-253. [www.findarticles.com](http://www.findarticles.com)
- Black, K. A., & Schutte, E. D. (2006). Recollections of being loved: Implications of childhood experiences with parents for young adults' romantic relationships. *Journal of Family Issues, 27*, 1459-1480.
- Blascovich, J., & Tomaka, J. (1991). Measures of self-esteem. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S.

- Wrightsmann (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (Vol. 1, pp. 115-123). San Diego, CA: Academic Press.
- Boscarino, J. A., Figley, C. R., Adams, R. E., Galea, S., Resnick, H., Fleischman, A. R., Bucuvalas, M., & Gold, J. (2004). Adverse reactions associated with studying persons recently exposed to mass urban disaster. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 192, 515-524.
- Bouchey, H., & Furman, W. (2003). Dating and romantic experiences in adolescence. In G. R. Adams, & M. Berzonsky (Eds.), *The Blackwell handbook of adolescence* (pp. 313-329). Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *Royal Society of Health Journal*, 76, 587-591.
- Bowlby, J. (1977a). The making and breaking of affectional bonds: Aetiology and psychopathology in the light of attachment theory. *British Journal of Psychiatry*, 130, 201-210.
- Bowlby, J. (1977b). The making and breaking of affectional bonds: Some principles of psychotherapy. *British Journal of Psychiatry*, 130, 421-431.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Apego, a natureza do vínculo* (Vol 1, 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969).
- Bowlby, J. (1998a). *Apego e perda: Separação, angústia e raiva* (Vol. 2, 3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1973).
- Bowlby, J. (1998b). *Apego e perda: Perda, tristeza e depressão* (Vol. 3, 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1973).
- Brace, N., Kemp, R., & Snelgar, R. (2003). *SPSS for psychologists. A guide to data analysis using SPSS for Windows* (2<sup>nd</sup> ed.). New York, NY: Palgrave MacMillan.
- Brendgen, M., Frank, V., Doyle, A., Markiewicz, D., & Bukowski, W. M. (2002). Same-sex peer relations and romantic relationships during early adolescence: Interactive links to emotional, behavioral, and academic adjustment. *Merrill-Palmer Quarterly*, 48, 77-103.
- Brennan, K. A., & Bosson, K. A. (1998). Attachment styles differences in attitudes toward and reactions to feedback from romantic partners: An exploration of the relational bases of self-esteem. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24, 699-714.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An



- integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). NY: Guilford Press.
- Brennan, K. A., & Morris, K. A. (1997). Attachment styles, self-esteem, and patterns of seeking feedback from romantic partners. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 23-31.
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychological Bulletin*, 21, 267-283.
- \* Bronfman, E., Parsons, E., & Lyons-Ruth, K. (1999). *Atypical Maternal Behavior Instrument for Assessment and Classification (AMBIANCE): Manual for coding disrupted affective communication*. Department of Psychiatry; Cambridge Hospital, 1493 Cambridge St., Cambridge, MA 02139: 1993. Manual não publicado.
- Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the love boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 1-16). NY: Cambridge University Press.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child Development*, 61, 1101-1111.
- Buist, L. K., Dekovic, M., Meeus, W., & Van Aken, M. A. G. (2004). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of Adolescence*, 27, 251-266.
- Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation, *Psychological Review*, 106, 676-713.
- Campbell, L., Simpson, J. A., Boldry, J.G., & Kashy, D. (2005). Perceptions of conflict and support in romantic relationships: The role of attachment anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 510-531.
- Canavarro, M. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- \* Cantril, H. (1965). *The pattern of human concerns*. New York: Rutgers University Press.
- Card, N. A., & Hodges, E. V. E. (2003) Parent-child relationships and enmity with peers: The role of avoidant and preoccupied attachment. In E. V. E. Hodges & N. A. Card (Eds.), *Enemies and the darker side of peer relations* (pp. 23-37). San Francisco: Jossey-Bass.
- Carlivati, J. (2001). *Adolescent attachment, peer relationships, and school success: Predictor, mediator, and moderator relations*. Tese não publicada, University of Virginia, Charlottesville.
- Carlivati, J. (2003, April). *Life Stress and Peer Acceptance: Accounting for Discontinuities Between Early Attachment and Adolescent Friendship Quality*. Poster apresentado no Biennial Meeting

of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL.

Clark, L. A., & Watson, D. B. (1995). Constructing validity: Basic issues in scale development. *Psychological Assessment*, 7, 309-319.

Clark-Lempers, D. S., Lempers, J. D., & Ho, C. (1991). Early, Middle, and late adolescents' perceptions of their relationships with significant others. *Journal of Adolescence Research*, 6, 296-315.

Classificação nacional das profissões (Versão 1994). (1994). Instituto de Emprego e Formação Profissional, Lisboa: Ministério Emprego e Segurança Social.

Coffman, D. L., & MacCallum, R. C. (2005). Using parcels to convert path analysis models into latent variable models. *Multivariate Behavioral Research*, 40, 235-259.

Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). A safe heaven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 1053-1073.

Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley, Inc.

Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult Attachment, Working Models and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.

Collins, W. A. (1997). Relationships and development during adolescence: Interpersonal adaptation to individual change. *Personal Relationships*, 4, 1-14.

\* Collins, W. A., Aguilar, B., Hennighausen, K., Hyson, D., Jimerson, S., Levy, A. *et al.* (1999). *Scales and coding manual for observed interactions in romantic relationships*. University of Minnesota, Minneapolis. Manuscrito não publicado.

Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality indating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.

Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 125-147). NY: Cambridge University Press.

\* Compas, B. E., Davis, G. E., Forsythe, C. J., & Wagner, B. M. (1987). Assessment of major and daily stressful events during adolescence: The Adolescent Perceived Events Scale. *Journal of Counselling and Clinical Psychology*, 55, 534-541.

- \* Connolly, J. A., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (1999). Conceptions of cross-sex friendships and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28, 481–494.
- Connolly, J. A., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (2004). Mixed-gender groups, dating, and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 14, 185–207.
- Connolly, J., Furman, W., & Konarski, R. (2000). The roles of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, 71, 1395-1408.
- Connolly, J., & Goldberg, A. (1999). Romantic relationships in adolescence: The role of friends and peers in their emergence and development. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.). *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 266-290). NY: Cambridge University Press.
- Connolly, J., & Johnson, A. M. (1996). Adolescent's romantic relationships and the structure and quality of their close interpersonal ties. *Personal Relationships*, 3, 185-195.
- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C., & Elder, G. (2001). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Prevention & Treatment*, 4, American Psychological Association.
- \* Constantini A., Braun, J., Davis, J., & Lervoline A. (1973). Personality and mood correlates of schedule of recent experience scores. *Psychological Reports*, 32, 1143-1150.
- \* Cook, E. T.; Greenberg, M. T., & Kusche, C. A. (1995, March) . *People in my life: attachment relationships in middle childhood*. Artigo apresentado na Society for Research in Child Development; Indianapolis, IN.
- Cooper, C. R., & Grotevant, H. D. (1987). Gender issues in the interface of family experience and adolescents' friendship and dating identity. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 247-264.
- \* Coopersmith, S. (1967). *The antecedents of self-esteem*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Costa, M. E. (1999). *Novos encontros de amor*. Porto: Edinter.
- \* Cox, M. (1991). *Marital and parent-child relationships study*. University of North Carolina. Manuscrito não publicado.
- Crandall, R. (1973). The measurement of self-esteem and related constructs. In J. Robinson & P. Shaver (Eds.), *Measures of Social Psychological Attitudes* (rev. ed., pp. 45-167). Ann Arbor, MI: Institute for Social Research.

- Crocker, J., & Nuer, N. (2004). Do people need self-esteem? Coment on Pyszczynski, *et al.* (2004). *Psychological Bulletin*, 130, 1-7. [www.apa.org](http://www.apa.org).
- Crocker, J., & Park, L. E. (2004). The costly pursuit of self-esteem. *Psychological Bulletin*, 130, 392-414.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16, 297-334.
- Cronbach, L. J. (2004). My current thoughts on Coefficient Alpha and successor procedures. *Educational and Psychological Measurement*, 64, 391-418.
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 434-465). NY: The Guilford Press.
- Cunha, V. (2002). Inquérito à fecundidade e família: Resultados definitivos: 1997 – Recensão crítica de duas publicações – INE, 1998. *Análise Social*, 163, 686-694.
- \* Cutrona, C. E., & Suhr, J. A. (1992). *Controllability of stressful events and satisfaction with spouse support behaviours*. *Communication Research*, 19, 154-176.
- Davila, J., & Sargent, E. (2003). The meaning of life (events) predicts changes in attachment security. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1383-1395.
- Demo, D. H. (1985). The measurement of self-esteem: Refining our methods *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 1490-1502.
- \* Derogatis, L. R., & Melisaratos, N. (1983). The Brief Symptom Inventory: An introductory report. *Psychological Medicine*, 13, 595-605.
- Diamond, L. M., & Dubé, E. M. (2002). Friendship and attachment among heterosexual and sexual-minority youths: Does the gender of your friend matter? *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 155-166.
- Dias, G. F., & Azevedo, M. (2001, Março). *Desenvolvimento psicológico, atitudes em relação ao estudo e sucesso académico*. Comunicação apresentada no IV Seminário de Investigação e Intervenção Psicológica no Ensino Superior, Universidade do Algarve, Portugal. [www.ualg.pt/OPQE/fases/1/com/gapa.htm](http://www.ualg.pt/OPQE/fases/1/com/gapa.htm).
- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 653-663.
- Doherty, N. A., & Feeney, J. A. (2004). The composition of attachment networks throughout the adult years. *Personal Relationships*, 11, 469-488.

- Doyle A., Moretti M., Brendgen, M., & Bukowski W. (2003). *Parent-child relationships and adjustment in adolescence: Findings from the HBSC cycle 3 and NLSCY Cycle 2 Studies* (Technical report). Division of Childhood and Adolescence, Public Health Agency of Canada. [www.phac-aspc.gc.ca/dca-dea/publications/pcr-rpe.index.html](http://www.phac-aspc.gc.ca/dca-dea/publications/pcr-rpe.index.html).
- Ducharme, J. Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2002). Attachment security with mother and father: Associations with adolescents' reports of interpersonal behavior with parents and peers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19, 203-231.
- \* Eisler, R. (1995). *The Courtship Conflict Questionnaire*. Inventário não publicado.
- \* Epstein, S. A. (1983). *Scoring and interpretation of the Mother-Father-Peer Scale*. Manuscrito não publicado.
- \* Epstein, J. L., & McPartland, J. M. (1976). The concept and measurement of the quality of school life. *American Educational Research Journal*, 13, 15-30.
- \* Epstein, J. L., & McPartland, J. M. (1978). *The Quality of School Life Scale Administration and Technical Manual*. Chicago: Riverside Publishing.
- Erickson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Erickson, E. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: Norton.
- Fan, X., & Sivo, S. A. (2005). Sensitivity of fit indexes to misspecified structural or measurement model components: Rationale of two-index strategy revisited. *Structural Equation Modeling*, 12, 343-367.
- Feeney, J. A., & Hohauser, L. (2001). Attachment and spousal caregiving. *Personal Relationships*, 8, 21-39.
- Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 281-291.
- Ferreira, M. (1998). *Representações da relação de vinculação com pais e pares e gravidez na adolescência*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- \* Fitts, W. H. (1965). *Tennessee Self-Concept Scale Manual*. Nashville: Counselor Recordings and Tests.
- Fleming, J. S., & Courtney, B. E. (1984). The dimensionality of self-esteem: II hierarchical facet model for revised measurement scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 404-421.

- Fonagy, P. (1997). Attachment, the development of the self, and its pathology in personality disorders. In C. Maffei, J. Derksen, & H. Groen (Eds.), *Treatment of personality disorders*. New York: Plenum Press (in press). [www.psychomedia.it/pm/modther/probpsiter/fonagy-2.htm](http://www.psychomedia.it/pm/modther/probpsiter/fonagy-2.htm).
- Fonagy, P. (1999a, May). *Transgenerational consistencies of attachment: a new theory*. Artigo apresentado ao Developmental and Psychoanalytic Discussion Group, American Psychoanalytic Association Meeting, Washington DC.
- Fonagy, P. (1999b). Psychoanalytic theory from the viewpoint of attachment theory and research. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 595–624). NY: The Guilford Press.
- Fonagy, P. (1999c, May). *Pathological attachments and therapeutic action*. Artigo apresentado ao Developmental and Psychoanalytic Discussion Group, American Psychoanalytic Association Meeting, Washington, DC.
- Fonagy, P. (1999d). Male perpetrators of violence against women: an attachment theory perspective. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 1, 7-27.
- Fonagy, P., Steele, H., & Steele, M. (1991). Maternal representations of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, 62, 891-905.
- Fraley, R. C. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modelling of developmental mechanisms. *Personality and Social Psychology Review*, 6, 123-151.
- Fraley, R. C., & Brumbaugh, C. C. (2004). A dynamical systems approach to understanding stability and change in attachment security. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 86-132). NY: Guilford Press.
- Fraley, R. C., Brumbaugh, C. C., & Marks, M. J. (2005). The evolution and function of adult attachment: A comparative and phylogenetic analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 731-746.
- Fraley, R. C., & Davis, K. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close relationships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4, 131-144.
- Fraley, R. C., & Roberts, B. W. (2005). Patterns of continuity: A dynamic model for conceptualizing the stability of individual differences in psychological constructs across the life course. *Psychological Review*, 112, 60-74.
- Freeman, H., & Brown, B. B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: Differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 653-674.

- Freeman, H. S., & Newland, L. A. (2002). Romantic partners, best friends, mothers and fathers: Links between adolescents social worlds. *Resources in Education*. University of South Dakota, South Dakota.
- Friedlmeier, W., & Granqvist, P. (2006). Attachment transfer among Swedish and German adolescents: A prospective longitudinal study. *Personal Relationships*, 13, 261-279.
- Furman, W. (1999). Friends and lovers: The role of peer relationships in adolescent romantic relationships. In W. A. Collins & B. Laursen (Eds.). *Relationships as developmental contexts: The Minnesota symposia on child psychology*, (Vol. 30, pp. 33-154). NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Furman, W. (2000). Working models of friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, 583-602.
- Furman, W. (2001, April). *The links between parental attachment and working models of other relationships*. Artigo apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research on Child Development, Minneapolis.
- \* Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the qualities of sibling relationships. *Child Development*, 56, 448-461.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Furman, W., & Flannagan, A. (1997). The influence of earlier relationships on marriage: An attachment perspective. In W. K. Halford, & H. J. Markman (Eds.), *Clinical handbook of marriage and couple interventions* (pp. 179-202). Chicester: John Wiley & Sons.
- Furman, W., & Simon, V. (1999). Cognitive representations of romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 75-98). NY: Cambridge University Press.
- Furman, W., Simon, V. A., Shaffer, L., & Bouchey, H. A., (2002). Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development*, 73, 241-255.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1994). Romantic views: Toward a theory of adolescent romantic relationships. In R. Montemayor, G. R. Adams, & G. P. Gullota (Eds.). *Advances in adolescent development, Volume 6: Relationships during adolescence*. (pp.168-175). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In Shulman, S Collins, W. A. (Eds.), *Romantic relationships in adolescence: Developmental*

*perspectives* (pp. 21-36). *New Directions for Child Development*, 78, 21-76.

Galvão, A. M. (em preparação).

\* George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1985). *Adult Attachment Interview*. Department of Psychology, University of California, Berkeley. Manuscrito não publicado.

Giordano, P. C. (2003). Relationships in adolescence. *Annual Review of Sociology*, 29, 257-281.

Gliem, J., & Gliem, R. (2003, October). *Calculating, Interpreting, and Reporting Cronbach's Alpha Reliability Coefficient for Likert-Type Scales*. Artigo apresentado na Midwest Research to Practice Conference in Adult, Continuing, and Community Education. The Ohio State University, Columbus, OH. [www.alumni-osu.org/midwest/proceedings.html](http://www.alumni-osu.org/midwest/proceedings.html).

Grabill, C., & Kerns, K. (2000). Attachment style and intimacy in friendship. *Personal Relationships*, 7, 363-378.

Gray, M. R., & Steinberg, L. (1999). Adolescent romance and the parent-child relationship: A contextual perspective. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp.235-265). NY: Cambridge University Press.

Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994a). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and social Psychology*, 67, 430-445.

Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994b). The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. In K. Bartholomew & D. Pearlman (Eds.), *Advances in personal relationships, Vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp. 17-52). London: Jessica Kingsley Publishers.

Grossmann, K. E., & Grossmann, K. (2004). Universality of human social attachment as an adaptive process. In C.S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, and N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new synthesis* (pp. 199-229). *Dahlem Workshop Report 92*. Cambridge; MA: The MIT Press.

Grossmann K, & Grossmann K. E. (2005). The impact of attachment to mother and father at an early age on children's psychosocial development through young adulthood. In Tremblay R. E., Barr R. G., Peters R. De V., (Eds.), *Encyclopedia on early childhood development* [online, pp. 1-6]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. [www.excellence-earlychildhood.ca/documents/GrossmannANGxp.pdf](http://www.excellence-earlychildhood.ca/documents/GrossmannANGxp.pdf).

Grossmann, K., Grossmann, K. E., & Kindler, H. (2005). Early care and the roots of attachment and partnership representation in the Bielefeld and Regensburg Longitudinal studies. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 98-136). NY: Guilford Press.



- Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Zimmermann, P. (1999). A wider view of attachment and exploration: Stability and change during the years of immaturity. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 760-786). NY: The Guilford Press.
- Grossmann, K. E., & Grossmann, K. (2004). Universality of human social attachment as an adaptive process. In: C.S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, and N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new synthesis* (pp. 199-229). *Dahlem Workshop Report 92*. Cambridge; MA: The MIT Press.
- Guay, F., Senécal, C., Gauthier, L., & Fernet, C. (2003). Predicting career indecision: A self-determination theory perspective. *Journal of Counselling Psychology*, 50, 165-177.
- Guindon, M. H. (2002). Toward accountability in the use of the self-esteem construct. *Journal of Counselling and Development*, 80, 204-214.
- Gullone, E., & Robinson, K. (2005). The Inventory of Parent and Peer Attachment - Revised (IPPA-R) for children: A psychometric evaluation investigation. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 12, 67-79.
- \* Guttman, L. L. (1950). The basis for scalogram analysis. In S.A. Stouffer (Eds.), *Measurement and prediction*, (pp. 60-90). Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Hair, J. F. Jr., Anderson, E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (1998). Multivariate data analysis. New Jersey: Prentice Hall.
- Hamilton, C. E. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development*, 71, 690-694.
- \* Harter, S. (1988). *Manual for the Self-Perception Profile for Adolescents*. Denver, CO: University of Denver.
- Hazan, C., Campa, M., & Gur-Yaish, N. (2006a). What is adult attachment? In M. Mikulincer & G. S. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 47-70). NY: Guilford Press.
- Hazan, C., Campa, M., & Gur-Yaish, N. (2006b). Attachment across the lifespan. In A. Kruglanski & J. Forgas (Series Eds.) & P. Noller & J. Feeney (Vol. Eds.), *Frontiers in social psychology: Vol. 1. Close relationships: Functions, forms and processes* (pp. 189-209). Hove, England: Psychology Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close

relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.

Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew and D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 5, pp 17-52). London: Jessica Kingsley.

Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). NY: The Guilford Press.

\* Helson, R. (19687). Personality characteristics and developmental history of creative college women. *Genetic Psychology Monographs*, 76, 205-256.

\* Helson, R., Mitchell, V., & Moane, G. (1984). Personality and patterns of adherence and non.adherence to the social clock. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 1076-1096.

\* Helson, R., & Moane, G. (1987). Personality change in women from college to midlife. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 176-186.

\* Helson, R., & Winke, P. (1992). Personality change in women from the early 40s to early 50s. *Psychology and Aging*, 7, 45-55.

\* Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A relationship-specific version of the Love Attitudes Scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.

Hesse, E. (1999). The adult attachment interview: Historical and current perspectives. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 395-433). NY: The Guilford Press.

\* Hoffman, J. A. (1984). Psychological separation of late adolescents from their parents. *Journal of Counselling Psychology*, 31, 170-178.

Holmes, J. (1994). *John Bowlby & attachment theory*. In L. Spurling (Eds.). London: Routledge.

\* Holmes, T. H., & Rahe R. H. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research*, 11, 213-218,

Holt, J. K. (2004, October). *Item Parceling in Structural Equation Models for Optimum Solutions*. Artigo apresentado no Annual Meeting of the Mid-Western Educational Research Association, Columbus, OH.

Hunter, F. T., & Youniss, J. (1982). Changes in functions of three relations during adolescence. *Developmental Psychology*, 18, 806-811.

Huntsinger, E. T., & Luecken, L. J. (2004). Attachment relationships and health behaviour: The

- mediational role of self-esteem. *Psychology and Health*, 19, 515-526.
- Iacobucci, D., & Duhachek, A. (2003). Advancing Alpha: Measuring reliability with confidence. *Journal of Consumer Psychology*, 13, 478-487.
- Jackson, D. L. (2001). Sample size and the number of parameter estimates in maximum likelihood confirmatory factor analysis: A Monte Carlo investigation. *Structural Equation Modeling*, 8, 205-223.
- Jimenez, P. A., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18, 2. [www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html](http://www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html).
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. Em Isabel Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 99-120). Braga: PSQUILIBRIOS.
- Johnson, D. J. (1997). *Father presence matters: A review of the literature*. Philadelphia: National Center on Fathers and Families. [www.upenn.edu/gse/ncoff/fatherlink/org/ncoff/litrev/fpmlr.htm](http://www.upenn.edu/gse/ncoff/fatherlink/org/ncoff/litrev/fpmlr.htm).
- \* Johnson, J. H., & McCutcheon, S. M. (1980). Assessing life stress in older children and adolescents: Preliminary finding with the Life Events Checklist. In I. G. Sarason & C. D. Spielberger (Eds.), *Stress and anxiety* (pp. 111-125). Washington, DC: Hemisphere.
- \* Joreskog, K. G., & Sorbom, D. (1989). *LISREL 7: A guide to program and applications* (2nd ed.). Chicago: SPSS.
- \* Julien, D., Markman, H. J., & Lindahl, K. M. (1989). A comparison of a global and a microanalytic coding system: Implications for future trends in studying interactions. *Behavioral Assessment*, 11, 81-100.
- \* Julien, D., Markman, H. J., Lindahl, K., Johnson, H. M., & Van Widenfelt, B. (1987). *International Dimensions Coding System*. Denver: University of Denver.
- Baldwin, M. W., Keelan, J. P. R., Fehr, B., Enns, V., & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Social cognitive conceptualization of attachment working models: Availability and accessibility effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 94-104.
- Kegan, R. (1982). *The evolving self*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- \* Klohnen, E. C. (2005). *A circumplex approach to attachment-based self-representations*. Manuscrito em preparação.
- Klohnen, E. C., Weller, J. A., Luo, S., & Choe, M. (2005). Organization and Predictive Power of General and Relationship-Specific Attachment Models: One for All, and All for One? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 1665-1682.

- Klohnen, E. C., & John, O. P. (1998). Working models of attachment: A theory-based prototype approach. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 115-140). NY: Guilford.
- \* Kobasa, S. (1979). Stressful life events, personality, and health: An inquiry into hardiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 1-11.
- Kobak, R., & Esposito, A. (2002). Levels of processing in parent-child relationships: Implications for clinical assessment and treatment. In Leslie Atkinson (Eds.), *Attachment and psychopathology*. NY: Cambridge University Press.
- \* Kobak R. R., Cole H. E., Ferenz-Gillies, R., Fleming, W. S., & Gamble, W. (1993). Attachment and emotion regulation during mother-teen problem-solving: A control theory analysis. *Child Development*, 64, 231-245.
- Kostanski, M., & Wishart, M. (2003, November). *Self-esteem, depression and risk-taking behaviour in adolescent girls*. Artigo apresentado na NZARE AARE, Auckland, New Zeland. [www.aare.edu.au/03pap/kos03791.pdf](http://www.aare.edu.au/03pap/kos03791.pdf).
- Kuttler, A. F., & La Greca, A. M. (2004). Linkages among adolescent girls' romantic relationships, best friendships, and peer networks. *Journal of Adolescence*, 27, 395-414.
- La Guardia, J. G., Ryan, R. M., Couchman, C. E., & Deci, E. L. (2000). Within-person variation in security of attachment: A self-determination theory perspective on attachment, need fulfillment, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 367-384.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Raffaelli, M. (2000). The differential relations of parent and peer attachment to adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 45-49.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Roesch, S. C. (2004). Pathways to self-esteem: The role of parent and peer attachment, sympathy, and social behaviors. *Journal on Adolescence*, 27, 703-716.
- Lagos, C. M. (2007). The theory of thinking and the capacity to mentalize: A comparison of Fonagy's and Bion's models. *The Spanish Journal of Psychology*, 10, 189-198.
- \* Lanyon, R. I. (1970). Development and validation of a psychological screening inventory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 35, 1-24.
- \* Lanyon, R. I. (1973). *Psychological Screening Inventory: Manual*. Goshen, NY: Research Psychologists Press.
- Leask, G., & Parker, D. (2004) *Strategic groups, competitive groups and performance within the U.K. pharmaceuticals industry: Improving our understanding of the competitive process* (Research Paper nº 0407). Aston Business School: Birmingham.

- Levine, S. Z., Petrides, K. V., Davis, S., Jackson, C. J., & Howell, P. (2005). The use of structural equation modelling in stuttering research: Concepts and directions. *Stammering Research*, 1, 344-363.
- Levitt, M. (2005). Social relations in childhood and adolescence: The convoy model perspective. *Human Development*, 48, 28-47.
- Levitt, M. J., Levitt, J. L., Bustos, G. L., Crooks, N. A., Santos, J., Telan, P., Hodgetts-Barber, J., & Milevsky, A. (2005). Patterns of social support in the middle childhood and early adolescent transition: Implications for adjustment. *Social Development*, 14, 398-421.
- Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 407-419.
- Lewis, M., Feiring, C., & Rosenthal, S. (2000). Attachment over time. *Child Development*, 71, 707-720.
- Lieberman, M., Doyle, A., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peers relations. *Child Development*, 70, 202-213.
- Little, T. D., Cunningham, W. A., Shahar, G., & Widaman, K. F. (2002). To parcel or not to parcel: Exploring the question, weighing the merits. *Structural Equation Modeling*, 9, 151-173.
- Loevinger, J. (1976). *Ego development: Concepts and theory*. San Francisco: Jossey-Bass.
- MacCallum, R. (1998). Commentary on quantitative methods in I-O research. *The Industrial-Organizational Psychologist*, 35, 18-30.
- MacCallum, R. C., & Austin, J. T. (2000). Applications of structural equation modeling in psychological research. *Annual Review of Psychology*, 51, 201-226.
- MacCallum, R. C., Widaman, K. F., Preacher, K., & Hong, S. (1999). Sample size in factor analysis. *Psychological Methods*, 4, 84-99.
- Main, M. (1990). Cross-cultural studies of attachment organization: Recent studies, changing methodologies, and the concept of conditional strategies. *Human Development*, 33, 48-61.
- Main, M. (1999). Epilogue. Attachment theory: Eighteen points with suggestions for future studies. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 845-888). NY: The Guilford Press.
- Main, M., & Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behaviour and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, 52, 932-940.

- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, (1-2, Serial Nr. 209), 66-104.
- Manion, I., & Wilson, S. (1995). *An examination of the association between histories of maltreatment and adolescent risk behaviours*. Ottawa: National Clearinghouse on Family Violence.
- Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A. B., & Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents' and young adults' use of mothers, fathers, best friends, and romantic partners to fulfil attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 127-140.
- Markovits, H., Benenson, J., & Dolenzky, E. (2001). Evidence that children and adolescents have internal working models of peer interactions that are gender differentiated. *Child development*, 72, 879-886.
- Martins, A. M, Pardal, L. A., & Dias, C. (2005). Ensino técnico e profissional: Natureza da oferta e da procura. *Interações*, 1, 77-97.
- Marsh, H. W. (1988). *Self-Description Questionnaire (SQD) III: A theoretical and empirical basis for the measurement of multiple dimensions of late adolescent self-concept: An interim test manual and a research monograph*. San Antonio, TX: The Psychological Corporation.
- Marsh, H. W., Hau, K. T., Balla, J. R., & Grayson, D. (1998). Is more ever too much: The number of indicators per factor in confirmatory factor analysis. *Multivariate behavioural research*, 33, 181-220.
- Marsh, P., Allen, J. P., Ho, M., Porter, M., & McFarland, F. C. (2006). The changing nature of adolescent friendships: Longitudinal links with early adolescent ego development. *Journal of Early Adolescence*, 26, 414-431.
- Marsh, P., McFarland, F. C., Allen, J. P., McElhaney, K. B., & Land, D. (2003). Attachment, autonomy, and multifinality in adolescent internalizing and risky behavioural symptoms. *Developmental Psychology*, 15, 451-467.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., Barbosa, S., Almeida, H. M., & Costa, M. E. (1999). Parental attachment and identity in portuguese late adolescents. *Journal of Adolescence*, 22, 805-815.
- Matos, P. M, Almeida, H. M., & Costa, M. E. (1998, June). *Dimensions of attachment to mother and to father in portuguese adolescents*. Poster presented at the 6<sup>th</sup> Biennial Congress of the

European Association for Research on Adolescence, Budapest, Hungary

- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2000). *Ecologia das relações de vinculação: Representações e processos desenvolvimentais em jovens adultos*. Relatório final de projecto apresentado à Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe: Versão III*. Documento cedido pelas autoras a pedido.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de Vinculação Amorosa: Versão para investigação III – Forma J*. Documento cedido a pedido pelas autoras.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2004, May). *Assessing attachment representations in adolescence: The Father/Mother Attachment Questionnaire*. Comunicação oral apresentada na 9<sup>th</sup> biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, Oporto, Portugal.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20, 97-126.
- Mayseless, O. (1995). Attachment patterns and marital relationships. In S. Shulman (Eds.), *Close relationships and socioemotional development* (pp. 185-202). Norwood, NJ: Ablex.
- Mayseless, O. (2004). Home-leaving to military service: Attachment concerns, transfer of attachment functions from parents to peers, and adjustment. *Journal of Adolescent Research*, 19, 533-558.
- Mayseless, O., Danieli, R., & Sharabany, R. (1996). Adults' attachment patterns and coping with separation. *Journal of Youth and Adolescence*, 25, 667-690.
- Mayseless, O., & Scharf, M. (2007). Adolescents' attachment representations and their capacity for intimacy in close relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 17, 23-50.
- Margolese, S. K., Markiewicz, D., & Doyle, A. B. (2005). Attachment to parents, best friend, and romantic partner: Predicting different pathways to depression in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 34, 637-650.
- McElhaney, K. B., & Allen, J. P. (2001). Autonomy and adolescent social functioning: The moderating effect of risk. *Child Development*, 72, 220-235.
- McMahon, M., & Wilkinson, R. B. (2005). Attachment relationships and adolescent psychological health: The influence of romantic relationships. In Bowles, Terry, (Eds.), *Proceedings from the*

*5th Annual Conference of the Australian Psychological Society's, Psychology of Relationships Interest Group* (pp. 101-106). Melbourne, Australia.

- \* McNemar, Q. (1947). Note on the sampling error of the difference between correlated proportions or percentages. *Psychometrika*, 12, 153-157.
- Meade, A. W., & Kroustalis, C. M. (2005, April). *Problems with Item Parceling for Confirmatory Factor Analysis Tests of Measurement Invariance of Factor Loadings*. Artigo apresentado no 20<sup>mo</sup> Encontro Annual do Society for Industrial/Organizational Psychology, Los Angeles, CA.
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., & Emgels, R. (2004). Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 89-106.
- Meireles, A. (2006). As significações relativas ao corpo e a relação com o feto ao longo do processo gravídico. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- \* Menzel, H. (1953). A new coefficient for scalogram analysis. *Public Opinion Quarterly*, 17, 268-280.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1999). The association between attachment style and family dynamics, and offspring's reports of adult attachment style. *Family Process*, 38, 243-257.
- Mikulincer, M., Gillath, O., & Shaver, P. R. (2002). Activation of the attachment system in adulthood: Threat-related primes increase the accessibility of mental representations of attachment figures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 881-895.
- \* Montgomery, H. S., Li, S. A., Friedman, R. J., Barrera, M., & Chassin, L. (1995, March). *Assessing Autonomy in late Adolescence*. Poster apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Indianapolis, IN.
- \* Moos, R. H. (1974). *The Family Environment Scale*. Consulting Psychologists Press, Inc., Palo Alto, Ca.
- Moreira, J. M. (2006). Será o estilo de vinculação específico para cada relação? Um estudo utilizando a teoria da generalizabilidade. *Psicologia*, 20, 127-154.
- Moreira, J. M., Carolas, R., & Hagá, S. (1999, June). *Keeping it high: Attachment style and self-trust as predictors of self-esteem level and stability*. Poster apresentado na International Network on Personal Relationships Conference, University of Louisville, Kentucky USA. [www.fpce.ul.pt/pessoal/jmoreira/Port/abstracts/inpr99.htm](http://www.fpce.ul.pt/pessoal/jmoreira/Port/abstracts/inpr99.htm).
- Moura, O., & Matos, P. M. (2004, Setembro). *Vinculação e divórcio em adolescentes*. Comunicação oral apresentada no 2º Congresso Hispano-Português de Psicologia. Universidade de Lisboa, Portugal.



- Mueller, D. P., Edwards, D. W., & Yarvis, R. M. (1977). Stressful life events and psychiatric symptomatology: Change or undesirability? *Journal of Health and Social Behavior*, 18, 307-317.
- Murray, S. L., Griffin, D. W., Rose, P., & Bellavia, G. M. (2003). Calibrating the sociometer: the relational contingencies of self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 63-84.
- Napoli, A. R., & Wortman, P. M. (1998). Psychosocial factors related to retention and early departure of two-year community college students. *Research in Higher Education*, 39, 419-455. [www.instrv.sunysuffolk.edu/rhe97.htm](http://www.instrv.sunysuffolk.edu/rhe97.htm).
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência – I.P.P.A.. In Simões, M. R., Gonçalves, M. & Almeida, L. S. (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal*, (Vol. 2, pp. 37-48). Braga: APPORT.
- Nho, C. R. (2000). *Psychological well-being of Korean American and immigrant adolescents*. Dissertação de doutoramento não publicada, Columbia University, New York.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 25, 223-249.
- Noack, P., & Buhl, H. M. (2004). Relations with parents and friends during adolescence and early adulthood. *Journal of Marriage and Family Review*, 36, 31-51.
- Oliva, A. (2000, June). *Personal, social and family correlates of emotional autonomy in adolescence*. Artigo apresentado na 7<sup>th</sup> Biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, Jena, Germany. [www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html](http://www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html).
- Oliva, A., & Parra, A. (2001). Autonomía emocional durante la adolescencia. *Infancia y Aprendizaje*, 24, 181-196. [www.pdipas.us.es/o/oliva/AE.pdf](http://www.pdipas.us.es/o/oliva/AE.pdf).
- Oliva, A., Parra, A., & Sanchez-Queija, I. (2002a). Relaciones con padres e iguales como predictoras del ajuste emocional y conductual durante la adolescencia. *Apuntes de Psicología*, 45, 21-40. [www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html](http://www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html).
- Oliva, A., Parra, A., & Sanchez-Queija, I. (2002b, September). *Parents and peers influences on emotional adjustment during adolescence*. Artigo apresentado na 8<sup>th</sup> Biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, Oxford, United Kingdom. [www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html](http://www.pdipas.us.es/o/oliva/INVESTIGACIO/html).
- Oliveira, J., & Costa, M. E. (2000, Avril). Perceptions of marital and parental satisfaction and its relation with parental attachment in portuguese late adolescents. *Actes du VIIIe Congrès de l'AIFREF, Saint-Sauveur*, Québec, Canada (pp. 18-21). [www.aifret.uqam.ca](http://www.aifret.uqam.ca) – Actes du Ville

Congrès de l'AIFEF.

Oliveira, J., & Costa, M. E. (2001, June). *Styles of parental attachment and perceptions of marital satisfaction in Portuguese late adolescents*. Poster apresentado na 8<sup>th</sup> Biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, Jena, Germany.

Oliveira, J., & Costa, M. E. (2005). Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas. *Psicologia*, 18, 57-74.

Owens, G., Crowell, J., Pan, H., Treboux, D., O'Connor, E., & Waters, E. (1995). The prototype hypothesis and the origins of attachment working models: Child-parent and adult-adult romantic relationships. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Constructs, cultures and caregiving: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60, 216-233.

Page, T., & Bretherton, I. (2001). Mother - and father – child attachment themes in the story completions of pre-schoolers from post-divorce families: Do they predict relationships with peers and teachers? *Attachment and Human Development*, 3, 1-29.

Pallant, J. (2001). *SPSS survival manual*. Buckingham: Open University Press.

Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 32, 1-10.

Parker, J. G., Low, C. M., Walker, A. R., & Gamm, B. K. (2005). Friendship jealousy in young adolescents: Individual differences and links to sex, self-esteem, aggression, and social adjustment. *Developmental Psychology*, 41, 235-250.

\* Pasveer, K. A. (1997). *Self-trust: Definition and creation of the self trust questionnaire*. Dissertação de doutoramento não publicada, University of Calgary.

Paterson, J. E., Field, J., & Pryor, J. (1994). Adolescents' perceptions of their attachment relationships with their mothers, fathers, and friends. *Journal of Youth and Adolescence*, 23, 579-600.

Patton, W., Bartrum, D. A., & Creed, P. A. (2004). Gender differences for optimism, self-esteem, expectations and goals predicting career planning and exploration in adolescents. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 4, 193-209.

Paulhus, D. L. (1984). Two-component models of socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 598-609.

Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J.P. Robinson, P.R. Shaver, & L.S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp.17-59). NY: Academic Press.

- Paulhus, D. L. (1998). Interpersonal adaptiveness of trait self enhancement: A mixed blessing? *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1197-1208.
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: The evolution of a construct. In H. Braun, D. N. Jackson, & D. E., Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 67-88). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Paulhus, D. L., & Reid, D. B. (1991). Enhancement and denial in socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 307-317.
- \* Paykel, E. S. (1983). Methodological aspects of life events research. *Journal of Psychosomatic Research*, 27, 341-352.
- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, auto-conceito e rendimento académico. *Análise Psicológica*, 1, 235-244.
- Penagos, A., Rodríguez, M., Carrillo, S., & Castro, J. (2006). Apego, relaciones románticas y autoconcepto en adolescentes bogotanos. *Universitas Psychologica*, 5, 1-15. [www.scielo.org.co/scielo.php](http://www.scielo.org.co/scielo.php).
- Pereira, M. C., & S. Moreira (2007a). A stochastic frontier analysis of secondary education output in Portugal (Working Paper 6/2007). Banco de Portugal.
- Pereira, M. C., & S. Moreira (2007b). Eficiência das escolas secundárias portuguesas: uma análise de fronteira de produção estocástica. *Boletim Económico*, 13 (101-118), Banco de Portugal.
- \* Peterson, C., & Villanova, P. (1988). An Expanded Attributional Style Questionnaire. *Journal of Abnormal Psychology*, 97, 87-89.
- Phares, V., Lopez, E., Fields, S., Kamboukos, D., & Duhig, A. M. (2005). Are fathers involved in pediatric psychology research and treatment? *Journal of Pediatric Psychology*, 30, 631-643.
- Phillips, N. K. (2001). *Depressed mood and the quality of parental and peer relationships in early adolescence*. Dissertação distinguida, University of Virginia. [www.people.virginia.edu/~psykliff/pubs\\_frame\\_pubs\\_chronol\\_refs.html](http://www.people.virginia.edu/~psykliff/pubs_frame_pubs_chronol_refs.html).
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1993). *A psicologia da criança*. Porto: Edições ASA. (Original publicado em 1966)
- Pielage, S. B., Gerlsma, J., & Barelds, D. P. H. (2006). *Adult attachment in the context of multiple attachment relationships in adulthood*. Manuscrito submetido a revisão.
- Pietromonaco, P. R., & Feldman-Barrett, L. (1997). Working models of attachment and daily social interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 1409-1423.

- Pietromonaco, P. R., & Feldman-Barrett, L. (2000a). Attachment theory as an organizing framework: A view from different levels of analysis. *Review of General Psychology*, 4, 107-110.
- Pietromonaco, P. R., & Feldman-Barrett, L. (2000b). The internal working models: What do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4, 155-175.
- Pillai, K. C. S. (1955). Some new test criteria in multivariate analysis. *Annals of Mathematical Statistics*, 26, 117-121.
- Pinheiro, M. R. M., & Ferreira, J. A. A. (2001, Outubro). *Desenvolvimento psicológico, atitudes em relação ao estudo e sucesso académico*. Comunicação apresentada no V Seminário de Investigação e Intervenção Psicológica no Ensino Superior, Viana do Castelo, Portugal. [www.ualg.pt/OPQE/fases/1/com/gapa.htm](http://www.ualg.pt/OPQE/fases/1/com/gapa.htm).
- Pipp, S., Shaver, P., Jennings, S., Lamborn, S., & Fischer, K. W. (1985). Adolescents' theories about the development of their relationships with parents. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 991-1001.
- Pruett, K. D. (1998). Role of the father. *Pediatrics*, 102, 1253-1261.
- \* Resnick, G. (1993). *Measuring attachment in early adolescence: A manual for the administration, coding, and interpretation of the Separation Anxiety Test for 11- to 14-year-olds*. Manuscrito não publicado.
- \* Resnick, G. (1989, April). *Individual differences in adolescent attachment and its relationship to family cohesion and adaptability*. Artigo apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Kansas City, MI.
- \* Resnick, G., & Haynes, J. (1995, April). *The Automated Separation Anxiety Test: Using artificial intelligence and computer multimedia to enhance a child semi-projective measure*. Artigo apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Indianapolis, IN.
- Ribeiro, M. T., & Costa, M. E. (2001/2002). Estilos de vinculação, papéis sexuais, género e satisfação conjugal: Um estudo com casais portugueses. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17/18, 197-214.
- Rice, K. G., & Delwo, J. P. (2002). Perfectionism and self-development: Implications for college adjustment. *Journal of Counseling and Development*, 80, 188-196.
- Roberts, J. E., Gotlib, I. H., & Kassel, J. D. (1996). Adult attachment security and symptoms of depression: The mediating roles of dysfunctional attitudes and low self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 310-320.
- \* Robins, R. W., Hendin, H. M., & Trzesniewski, K. H. (2001). Measuring global self-esteem: Construct

- validation of a single item measure and the Rosenberg Self-Esteem scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 151–161.
- Robins, R. W., Tracy, J. L., Trezesniewski, K., Potter, J., & Gosling, S. D. (2001). Personality correlates of self-esteem. *Journal of Research in Personality*, 35, 463-482.
- Rocha, C., & Ferreira, M. (2002). Aprender a ser entre rapazes e raparigas. Masculinidades em duas escolas C+S do Distrito do Porto. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Vol. 42, pp. 49-68). Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- Roisman, G. I., Madsen, S. D., Hennighausen, K. H., Sroufe, L. A., & Collins, W. A. (2001). The coherence of dyadic behavior across parent-child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience. *Attachment and Human Development*, 3, 156-172.
- Roisman, G. I., Padron, E., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2002). Earned-secure attachment status in retrospect and prospect. *Child Development*, 73, 1204-1219.
- \* Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 33, 300-303.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Rowe, A. C., & Carnelley, K. B. (2005). Preliminary support for the use of a hierarchical mapping technique to examine attachment networks. *Personal Relationships*, 12, 499-519.
- Ryan, R. M., La Guardia, J. G., Solky-Butzel, J., Chirkov, V., & Kim, Y. (2005). On the interpersonal regulation of emotions: Emotional reliance across gender, relationships and cultures. *Personal Relationships*, 12, 145-163.
- Ryan, R. M., & Lynch, J. (1989) Emotional autonomy versus detachment: Revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, 60, 340-356
- Ryan, R. M., Stiller, J., & Lynch, J. H. (1994). Representations of relationships to teachers, parents, and friends as predictors of academic motivation and self-esteem. *Journal of Early Adolescence*, 14, 226-249.
- Santos, J. R. A. (1999). Cronbach's Alpha: a tool for assessing the reliability of scales. *Journal of Extension*, 37, 1-5.
- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-268.

- Santos, P. J., & Maia, J. (1999). Adaptação e análise factorial confirmatória da Rosenberg self-esteem scale com uma amostra de adolescentes: Resultados preliminares. In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caíres (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. 6, pp. 101-113). Braga: APPORT
- Sarason, I. G., Johnson, J. H., & Siegel, J. M. (1978). Assessing the impact of life changes: Development of the life experiences survey. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 6, 932-946.
- Sarason, L. G., Sarason, B. R., Shearin, E. N., & Pierce, G.R. (1987). A brief measure of social support: Practic and theoretical implications. *Journal of Social and Personal Relationships*, 4, 497-510.
- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships*, 1, 23-43.
- Scheffé, H. A. (1953) A method for judging all contrasts in analysis of variance. *Biometrika*, 40, 87-104.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research - Online*, 8, 23-74.
- Schmitt, D. P. (2007). Attachment matters: Patterns of romantic attachment across gender, geography, and cultural Forms. Capítulo preparado para apresentação no 10<sup>o</sup> Sydney Symposium of Social Psychology. Australia, Sydney.
- Schmitt, D. P., Alcalay, L., Allensworth, M., Allik, J., Ault, L., Austers, I., *et al.* (2004). Patterns and universals of adult romantic attachment across 62 cultural regions: Are models of self and of other pancultural constructs? *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 35, 367-402.
- Scholte, R. H. J., van Lieshout, C. F. M., & van Aken, M. A. G. (2001). Perceived relational support in adolescence: Dimensions, configurations, and adolescent adjustment. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 71-94.
- Schwartz, J. P., & Buboltz, W. C. Jr. (2004). Relationships between attachment to parents and psychological separation in college students. *Journal of College and Student Development*, 45, 566-577.
- Shulman, S., Laursen, B., Kalman, Z., & Karpovsky, S. (1997). Adolescent intimacy revisited. *Journal of Youth and Adolescence*, 26, 597-616.
- Shulman, S., Levy-Shiff, R., Kedem, P., & Alon, E. (1997). Intimate relationships among adolescent romantic partners and same-sex friends: Individual and systemic perspectives. *New Directions*

for *Child Development*, 78, 37-51.

- Shulman, S., & Scharf, M. (2000). Adolescent romantic behaviours and perceptions: Age-and-gender-related differences, and links with family and peer relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 10, 99-118.
- \* Sidak, Z. (1967). Rectangular Confidence Regions for the Means of Multivariate Normal Distributions. *Journal of American Statistical Association*, 62, 626-633.
- \* Siegel, S. (1956) *Nonparametric statistics for the behavioral sciences*. New York: MacGraw-Hill.
- \* Silber, E., & Tippet, J.S. (1965). Self-esteem: Clinical assessment and measurement validation. *Psychological Reports*, 16, 1017-1071.
- Silva, G., & Costa, M. E. (2001). *Phobic disorders and attachment in portuguese young adults*. Artigo apresentado no VIII. Congrès International de l' ssociation Internationale de Formation et Recherche en éducation Familiale (AIFREF), Quebec, Canad .
- Simon, V. A., Bouchey, H. A., & Furman, W. (2000). The social construction of adolescents' representations of romantic relationships. In S. Larose & G. M. Tarabulsy (Eds.), *Attachment and development: Vol. 7. The role of relationships in human development* (pp. 301-326). Québec, Canada: Les Presses de l'Universit  du Québec.
- Simpson, J. A., Collins, W. A., Tran, S., & Hydon, K. C. (2007a, March). *Developmental antecedents of negative emotion in romantic relationships*. Paper presented at the Sydney Symposium of Social Psychology, Sydney, Australia.
- Simpson, J. A., Collins, W. A., Tran, S., & Haydon, K. C. (2007b). Attachment and the experience and expression of emotions in adult romantic relationships: A developmental perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92, 355-367.
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (1998). Attachment in adulthood. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 3-24). New York: Guilford Press.
- Slade, A., Grieneberger, J., Bernbach, E., Levy, D., & Locker, A. (2001, April). *Maternal Reflective Functioning and Attachment: Considering the Transmission Gap*. Paper presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, Minnesota.
- Smetana, J. G., Metzger, A., & Campione-Barr, N. (2004, March). *Conflict and cohesion in African American adolescents' relationships with parents: A five-year longitudinal study*. Artigo apresentado na 8<sup>th</sup> Biennial Conference of the Society for Research on Adolescence, Baltimore, MD.
- Smetana, J. G., Metzger, A., Gettman, D. C., & Campione-Barr, N. (2006). Disclosure and secrecy in adolescent-parent relationships. *Child-Development*, 77, 201-217.

- Snell, W. E., Jr., & Hawkins, R. C. (2002). Life satisfaction and "irrational" beliefs: The mediating influence of negative and positive life change. In W. E. Snell, Jr. (Eds.), *Progress in the study of physical and psychological health*. Cape Girardeau, MO: Snell Publications. [www.csticla.semo.edu/snell/books/healthr/health.htm](http://www.csticla.semo.edu/snell/books/healthr/health.htm).
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia.
- \* Spielberger, C. D., Gorsuch, R. L., & Lushene, R.E. (1970). *State-Trait Anxiety Inventory manual*. Palo Alto, Consulting Psychologists Press.
- \* Spielberger, C., Jacobs, G., Russell, S., & Crane, R. S. (1983). Assessment of anger: The State-Trait Anger Scale. In J. N. Butcher & C. D. Spielberger (Eds.), *Advances in personality assessment* (Vol. 2, pp. 159-187). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Srivastava, S., & Beer, J. S. (2005). How self-evaluations relate to being liked by others: Integrating sociometer and attachment perspectives. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 966-977.
- Stanojevic, T. S. (2004). Adult attachment and prediction of close relationships. *Facta Universitatis, Series Philosophy Sociology and Psychology*, 3, 68-81.
- Steele, H., & Steele, M. (2005a). The construct of coherence as an indicator of attachment security in middle childhood: The Friends and Family Interview. In K. Kerns & R. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood*. NY: Guilford Press
- Steele, H., & Steele, M. (2005b). *On the origins of reflective functioning*. Capítulo no prelo cedido pelos autores a propósito da Conferência Internacional de Vinculação (2007), Universidade do Minho: Braga.
- \* Steiger, J. H. (1990). Structural model evaluation and modification: An interval estimation approach. *Multivariate Behavioral Research*, 25, 173-180.
- \* Strahan, R., & Gerbasi, K C. (1972). Short, homogeneous versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 28, 191-193.
- \* Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 75-88.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scale (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Sundin, E., Wiberg, B., & Eklof, H. (2002). Change and stability of attachment from childhood to early adulthood. *Umea Psychology Reports*, 2, 1-9.



- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. California State University, Northridge: Harper Collins College Publishers.
- \* Takahashi, K., & Nagima, N. (1994). Transition from home to college dormitory: The role of preestablished affective relationships in adjustment to a new life. *Journal of Research on Adolescence*, 3, 367-384.
- Takahashi, K., Ohara, N., Antonucci, T. C., & Akiyama, H. (2002) Commonalities and differences in close relationships among the Americans and Japanese: A comparison by the individualism/collectivism concept. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 453-465.
- Takahashi, K., & Sakamoto, A. (2000). Assessing social relationships in adolescents and adults: Constructing and validating the Affective Relationships Scale. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 451-463.
- Takahashi, T., & Nasser, F. (1996, June). *The Impact of Using Item Parcels on Hoc Goodness of Fit. Indices in Confirmatory Factor Analysis: An Empirical Example*. Artigo apresentado no Annual Meeting of the American Educational Research Association, New York.
- \* Tanaka, J. S., & Huba, G. J. (1984). Confirmatory factor analyses of psychological distress measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 621-635.
- Taradash, A., Connolly, J. A., Pepler, D., Craig, W., & Costa, M. (2001). The interpersonal context of romantic autonomy in adolescence. *Journal of Adolescence*, 24, 365-377.
- Trinke, S. J., & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 603-625.
- Thompson, R. A. (1990). Construction and reconstruction of early attachments: Taking perspective on attachment theory and research. In D. P. Keating & H. Rosen (Eds.), *Constructivist perspectives on developmental psychopathology and atypical development* (pp. 41-67). NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Thompson, R. A. (1999). Early attachment and later development. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 265-286). NY: The Guilford Press.
- Thompson, R. A. (2000). The legacy of early attachments. *Child Development*, 71, 145-152.
- Thompson, R. A., Braun, K., Grossmann, K. E., Gunnar, M. R., Heinrichs, M., Keller, H., O'Connor, T. G., Spangler, G., Volland, E., & Wang, S. (2005). Early social attachment and its consequences: The dynamics of a developing relationship. In C. S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, M. Lamb, S. Porges, & N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new*

*synthesis* (pp. 349-383). *Dahlem Workshop report 92*. Cambridge, MA: The MIT Press.

- Trzesniewski, K. H., Robins, R. W., Roberts, B. W., & Caspi, A. (2004). Personality and self-esteem development across the lifespan. In P. T. Costa, Jr. & I. C. Siegler (Eds.), *Recent advances in psychology and aging* (pp. 163-185). Amsterdam, The Netherlands: Elsevier Science.
- van IJzendoorn, M. H. (1994, June). *Attachment in context. Kibbutz child-rearing as a historical experiment*. Invited paper presented at the workshop on Human lives in time and place at the Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioral Development, Amsterdam, Holand.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of adult attachment interview. *Psychological Bulletin*, 117, 387-403.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J., (1996a). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 8-21.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996b). Intergenerational transmission of attachment: Towards a contextual approach. *Polish Quarterly of Developmental Psychology*, 2, 1-16.
- van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1997). Intergenerational transmission of attachment: A move to the contextual level. In L. Atkinson & K. J. Zucker (Eds.), *Attachment and Psychopathology* (pp. 135- 170). NY: The Guilford Press.
- van IJzendoorn, M. H., Kranenburg, M. J., Zwart-Woudstra, H. A., Van Busschbach, & Lambermon, M. W. E. (1991). Parental attachment and children's socio-emotional development: Some findings on the validity of the adult attachment interview in the Netherlands. *International Journal of Behavioral Development*, 14, 375-394.
- van IJzendoorn, M. H., & Kroonenberg, P. M. (1988). Cross-cultural Patterns of attachment: A meta-analysis of the strange situation. *Child Development*, 59, 147-156.
- van IJzendoorn, M. H., & Sagi, A. (1999). Cross-cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 713-734). NY: The Guilford Press.
- \* van Wel, F. (1994). 'I count my parents among my best friends': Youths' bond with parents and friends in the Netherlands. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 835-843.
- van Wel, F., Linssen, H., & Abma, R. (2000). The parental bond and the well-being of adolescents and young adults. *Journal of Youth and adolescence*, 29, 307-318.

- van Wel, F. , ter Bogt, T., & Raaijmakers, Q. (2002). Changes in the parental bond and the well-being of adolescents and young adults. *Adolescence*, 37, 317-333.
- \* Vaux, A. C., Burda, P. C., & Stewart, D. (1986). Orientation toward utilization of support resources. *Journal of Community Psychology*, 14, 159-170.
- \* Vaux, A., Phillips, J., Holly, L., Tomson, B., Williams, D., & Stewart, D. (1986). The social support appraisals scale: studies of reliability and validity. *American Journal of Community Psychology*, 14, 195-219.
- Vidanovic, S., & Andelkovic, V. (2006). Ego development and the anxiety of gifted adolescents. *Facta Universitatis, Series Philosophy Sociology and Psychology*, 5, 87-102.
- \* Vinokur, A., & Selzer, M.L. (1975). Desirable versus undesirable life events: Their relationship to stress and mental distress. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 329-337.
- Vivona, J. M. (2000). Parental adjustment styles of late adolescents: Qualities of attachment relationships and consequences for adjustment. *Journal of Counselling Psychology*, 47, 316-329.
- Volling, B. L., & Belsky, J. (1992). Infant, father, and marital antecedents of infant-father attachment security in dual-earner and single-earner families. *International Journal of Behavioral Development*, 15, 83-100.
- Waldinger, R. J., Diguier, L., Guastella, F., Lefevre, R., Allen, J. P., Luborsky, L., & Hauser, S. T. (2002). The same old song? – Stability and change in relationship schemas from adolescence to young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 17-29.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172.
- Waters, E., Hamilton, C. E., & Wienfield, N. S. (2000a). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early childhood: General introduction. *Child Development*, 71, 678-683.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J. A., & Albersheim, L. (2000b). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early childhood: A twenty-year longitudinal study. *Child Development*, 71, 684-689.
- Waters, E., Wienfield, N. S., & Hamilton, C. E. (2000c). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early childhood: General discussion. *Child Development*, 71, 703-706.
- \* Waters, E., Wippman, J., & Sroufe, L. (1979). Attachment, positive affect, and competence in the

peer Group. *Child Development*, 50, 821-829.

- \* Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719-727.
- Way, N., & Robinson, M. G. (2003). A longitudinal study of the effects of family, friends, and school experiences on the psychological adjustment of ethnic minority, low-SES adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 18, 324-346.
- \* Wehner, E. A. (1992). *Adolescent romantic relationships: Attachment, caregiving, affiliation, and sex*. Dissertação de doutoramento não publicada, University of Denver.
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. A. (1999). The nature of individual differences in infant-caregiver attachment. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 68-88). NY: The Guilford Press.
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2000). Attachment from infancy to early adulthood in a high-risk sample: Continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development*, 71, 695-702.
- Weinfield, N. S., Whaley, G. J. L., & Egeland, B. (2004). Continuity, discontinuity, and coherence in attachment from infancy to late adolescence: Sequelae of organization and desorganization. *Attachment and Human Development*, 6, 73-97.
- \* West, M., & Sheldon, A. E. (1988). Classification of pathological attachment patterns in adults. *Journal of Personality Disorders*, 2, 153-159.
- \* Wiberg, B., Blom, L., Gjerdtsson, L., Hedlund, M., Hezekielsson, H., Jansson, M., & Karlsson, E. (2001). *Attachment manualer. (attachment manuals)*. Department of Psychology, Umea University, Umea, Sweden. Manuscrito não publicado.
- \* Wiberg, B., Humble, K., & de Chatéau, P. (1989). Long-term effect on mother-infant behaviour of extra contact during the first hour post partum. V. Follow-up at three years. *Scandinavian Journal of Social Medicine*, 17, 181-191.
- Wilkinson, R. B. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 479-493.
- Wilkinson, R. B. (2006). Age and sex differences in the influence of attachment relationships on adolescent psychological health. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 23, 87-104.
- Wilkinson, R. B., & Kraljevic, M. (2004). Adolescent Psychological Health and School Attitudes: The

- Impact of Attachment Relationships. *Proceedings of the Australian Psychological Society's Psychology of Relationships Interest Group 4th Annual Conference* (pp. 150-155). Melbourne, Australia: The Australian Psychological Society.
- Wilkinson, R. B., & Parry, M. M. (2004). Attachment styles, quality of attachment relationships, and components of self-esteem in adolescence. *Proceedings of the 39th Australian Psychological Society Annual Conference* (pp. 301-305). Melbourne, Australia: The Australian Psychological Society.
- Wilkinson, R. B., & Sarandrea, A. M. (2005, September). Age and sex differences in the influence of attachment relationships on adolescent psychological health. Artigo apresentado na *40th Australian Psychological Society Annual Conference*, Melbourne, Australia.
- Wolfe, J. B., & Betz, N. (2004). The relationship of attachment variables to career decision-making, self-efficacy and fear of commitment. *Career Development Quarterly*, 52, 363-369.
- \* Wolfe, D. A., Reitzel-Jaffe, D., Gough, R., & Wekerle, C. (1994). *Conflicts in Relationships Questionnaire: Measuring physical and sexual coercion among youth*. Manual não publicado, The University of Western Ontario.
- Yuan, K.-H. (2005). Fit indices versus test statistics. *Multivariate Behavioral Research*, 40, 115-148.
- Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). A process model of adult attachment formation. In S.W Duck (eds.) *The handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (pp. 179-195). Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Zimmer-Gembeck, M. J. (1999). Stability, change, and individual differences in involvement with friends and romantic partners among adolescent females. *Journal of Youth and Adolescence*, 28, 419-438.
- Zimmer-Gembeck, M. J. (2002). The development of romantic relationships and adaptations in the system of peer relationships. *Journal of Adolescent Health*, 31, 216-225.
- \* Zuckerman, M., & Lubin, B. (1965). *Manual for the multiple affective adjective checklist*. San Diego: Educational and Industrial Testing Service.
- Zuvela, B. (2004). Affective bonding of adolescents in partner relationships. *Facta Universitatis, Series Philosophy Sociology and Psychology*, 3, 84-97.
- \* Bibliografia citada a propósito dos instrumentos citados e/ou nas fontes, mas não directamente consultada



## Índice de Anexos

### Anexo 1.

- a. Attachment Network Questionnaire – ANQ (Trinke & Bartholomew, 1997; Adaptação de Rocha & Matos, 2003)
- b. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM (Matos & Costa, 2001, *versão revista*)
- c. Inventory of Parent and Peer Attachment – IPPA (Armsden & Greenberg, 1987, *versão pares*)
- d. Questionário de Vinculação Amorosa – QVA (Matos & Costa, 2001)
- e. Questionário de Acontecimentos de Vida – QAV (Rocha & Matos, 2003)
- f. Rosenberg Self-Esteem Scale – SES (Rosenberg, 1965)

### Anexo 2.

Questionário Demográfico

- a. Versão para 8º e 10º ano de escolaridade
- b. Versão para 12º ano de escolaridade
- c. Versão para nível 2 (Aprendizagem)
- d. Versão nível 3 (Aprendizagem e Profissional)

### Anexo 3.

- a. Carta dirigida aos Conselho Executivo/Direcção Pedagógica das instituições formativas seleccionadas para o estudo
- b. Documento de anuência parental (para permissão de ingresso no estudo a jovens menores de 18 anos de idade) facultado às instituições formativas
- c. Documento dirigido e entregue ao participante: Projecto e confidencialidade
- d. Resumo para preenchimento de instrumentos de avaliação

### Anexo 4.

*Quadros a a a3: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Pai*

Quadro a: Procura de proximidade

Quadro a1: Uso de Porto seguro

Quadro a2: Protesto de separação

Quadro a3: Uso de Base segura

*Quadros a4 a a7: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Amigo*

Quadro a4: Procura de proximidade

Quadro a5: Protesto de separação

Quadro a6: Uso de Porto seguro

Quadro a7: Uso de Base segura

*Quadros **a8 a a10**: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Amiga*

Quadro a8: Protesto de separação

Quadro a9: Uso de Porto seguro

Quadro a10: Uso de Base segura

*Quadros **a11 a a14**: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Mãe e Par amoroso*

Quadro a11: Procura de proximidade

Quadro a12: Protesto de separação

Quadro a13: Uso de Porto seguro

Quadro a14: Uso de Base segura

*Quadros **b a b3**: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Pai e Amigo*

Quadro b: Procura de proximidade

Quadro b1: Uso de Porto seguro

Quadro b2: Protesto de separação

Quadro b3: Uso de Base segura

*Quadro **b4 a b7**: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Pai e Amiga*

Quadro b4: Procura de proximidade

Quadro b5: Uso de Porto seguro

Quadro b6: Protesto de separação

Quadro b7: Uso de Base segura

*Quadros **b8 a b11**: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Pai e Par amoroso*

Quadro b8: Procura de proximidade

Quadro b9: Uso de Porto seguro

Quadro b10: Protesto de separação

Quadro b11: Uso de Base segura

*Quadros **c a c3**: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Amigo e Amiga*

Quadro c: Procura de proximidade

Quadro c1: Uso de Porto seguro

Quadro c2: Protesto de separação

Quadro c3: Uso de Base segura



***Quadros c4 a c7: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Amigo e Par amoroso***

Quadro c4: Procura de proximidade

Quadro c5: Uso de Porto seguro

Quadro c6: Protesto de separação

Quadro c7: Uso de Base segura

***Quadros d a d3: Valores do teste de McNemar para diferenças entre Amiga e Par amoroso***

Quadro d: Procura de proximidade

Quadro d1: Uso de Porto seguro

Quadro d2: Protesto de separação

Quadro d3: Uso de Base segura





Sujeito: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Pedimos-lhe que faça uma lista das pessoas que têm significado na sua vida, aquelas pessoas com as quais **actualmente sente ter uma ligação emocional forte**, independentemente dessa ligação ser **positiva, negativa ou uma mistura de ambas**. Faça uma lista grande ou pequena dependendo do número de pessoas que considere ser o necessário. Estas pessoas devem ser colocadas na lista, na primeira coluna, na ordem da ligação emocional que têm consigo (o 1. é a pessoa mais ligada emocionalmente a si). Além do que já lhe pedimos, responda também a toda a outra informação que solicitamos acerca dessas pessoas. Responda utilizando os quadros e as instruções que abaixo encontra.

***Quadro de respostas 1.***

Nome/Iniciais da pessoa e ordem da ligação emocional (1. é a pessoa emocionalmente mais próxima de si)	Tipo de relação (isto é, irmão, amigo, colega da escola, etc.)	Sexo coloque uma das letras (M/F)	Idade (anos)	Frequência de contacto: visita, telefone, escrita, etc. (use os números abaixo para responder)  1=Todos os dias/quase todos os dias 2=Pelo menos uma vez por semana 3=Pelo menos uma vez por mês 4=Três a quatro vezes por ano 5=Aproximadamente uma vez por ano 6=Menos de uma vez por ano	Há quanto tempo se conhecem (anos)
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					
11.					
12.					
13.					
14.					
15.					

**NÃO VIRE A PÁGINE SEM QUE LHE DIGAM PARA CONTINUAR**

Pedimos-lhe agora que nos responda a algumas questões relativas às pessoas que acima nomeou (utilizando as iniciais) e preenchendo assim o quadro em baixo. As perguntas são as seguintes:

- A.** Quem **gostaria de procurar** para lhe dar apoio e cuidados se algo de mal lhe acontece, se está em dificuldades ou se se sente ameaçado(a), (quer de facto procure ou não essa(as) pessoa(as) nessas situações)?
- B.** Quem **de facto você procura** para lhe dar apoio e cuidados se algo de mal lhe acontece, se está em dificuldades ou se se sente ameaçado(a)?
- C.** Com quem **gostaria sempre contar para estar disponível** para o(a) incentivar a fazer coisas diferentes ou novas e também para o(a) ajudar a conhecer-se melhor a si próprio(a)?
- D.** Com quem **sente que de facto sempre conta para estar disponível** para o(a) incentivar a fazer coisas diferentes ou novas e também para o(a) ajudar a conhecer-se melhor a si próprio(a)?
- E.** Quem **é importante** para si **ver ou falar** com regularidade?
- F.** A **morte de quem** teria o **maior impacto ou efeito em si**, independentemente do que esse efeito pudesse ser?
- G.** Quem **pode** fazê-lo(a) sentir-se transtornado(a)? (Lembre-se que deve responder reportando-se a pessoas com as quais de facto tem uma relação pessoal e já nomeadas na anterior página).

### **Quadro de respostas 2. – Instruções**

- a. Coloque as iniciais das pessoas da lista que construiu na coluna “Nome/Iniciais”;
- b. Para cada pergunta coloque uma cruz na intersecção da coluna com a/as pessoa(s) que se aplicam na resposta;
- c. Lembre que para cada pergunta, apenas deverá colocar a cruz nas pessoas que se aplicam à questão;
- d. As pessoas que constituem a sua lista devem ser apenas aquelas que já nomeou no primeiro quadro que preencheu.

Nome/iniciais	A. gostaria de procurar	B. de facto procura	C. gostaria sempre de contar	D. de facto sempre conta	E. ver/falar	F. impacto de morte	G. transtorna- -o(a)
1.							
2.							
3.							
4.							
5.							
6.							
7.							
8.							
9.							
10.							
11.							
12.							
13.							
14.							
15.							

Pedimos-lhe que faça uma lista das pessoas que têm significado na sua vida, aquelas pessoas com as quais **actualmente sente ter uma ligação emocional forte**, independentemente dessa ligação ser **positiva, negativa ou uma mistura de ambas**. Faça uma lista grande ou pequena dependendo do número de pessoas que considere ser o necessário. Estas pessoas devem ser colocadas na lista, na primeira coluna, na ordem da ligação emocional que têm consigo (o 1. é a pessoa mais ligada emocionalmente a si). Além do que já lhe pedimos, responda também a toda a outra informação que solicitamos acerca dessas pessoas. Responda utilizando os quadros e as instruções que abaixo encontra.

***Quadro de respostas 1. TREINO***

Nome/Iniciais da pessoa e ordem da ligação emocional (1. é a pessoa emocionalmente mais próxima de si)	Tipo de relação (isto é, irmão, amigo, colega da escola, etc.)	Sexo coloque uma das letras (M/F)	Idade (anos)	Frequência de contacto: visita, telefone, escrita, etc. (use os números abaixo para responder)  1=Todos os dias/quase todos os dias 2=Pelo menos uma vez por semana 3=Pelo menos uma vez por mês 4=Três a quatro vezes por ano 5=Aproximadamente uma vez por ano 6=Menos de uma vez por ano	Há quanto tempo se conhecem (anos)
1. AA	<i>Irmã</i>	F	14	1	13
2. BB	<i>Pai</i>	M	40	2	14
3. CC	<i>Amigo</i>	M	13	1	3
4. DD	<i>Mãe</i>	F	41	1	14
5. EE	<i>Amigo</i>	M	13	3	2
6. FF	<i>Amiga</i>	F	14	1	2
7. GG	<i>Namorada</i>	F	13	1	1
8. HH	<i>Avó</i>	F	65	2	14
9. II	<i>irmão</i>	M	9	1	9
10.					
11.					
12.					
13.					
14.					
15.					

**NÃO VIRE A PÁGINE SEM QUE LHE DIGAM PARA CONTINUAR**

Pedimos-lhe agora que nos responda a algumas questões relativas às pessoas que acima nomeou (utilizando as iniciais) e preenchendo assim o quadro em baixo. As perguntas são as seguintes:

- A.** Quem **gostaria de procurar** para lhe dar apoio e cuidados se algo de mal lhe acontece, se está em dificuldades ou se se sente ameaçado(a), (quer de facto procure ou não essa(as) pessoa(as) nessas situações)?
- B.** Quem **de facto você procura** para lhe dar apoio e cuidados se algo de mal lhe acontece, se está em dificuldades ou se se sente ameaçado(a)?
- C.** Com quem **gostaria sempre contar para estar disponível** para o(a) incentivar a fazer coisas diferentes ou novas e também para o(a) ajudar a conhecer-se melhor a si próprio(a)?
- D.** Com quem **sente que de facto sempre conta para estar disponível** para o(a) incentivar a fazer coisas diferentes ou novas e também para o(a) ajudar a conhecer-se melhor a si próprio(a)?
- E.** Quem **é importante** para si **ver ou falar** com regularidade?
- F.** A **morte de quem** teria **o maior impacto ou efeito em si**, independentemente do que esse efeito pudesse ser?
- G.** Quem **pode** fazê-lo(a) sentir-se transtornado(a)? (Lembre-se que deve responder reportando-se a pessoas com as quais de facto tem uma relação pessoal e já nomeadas na anterior página).

### **Quadro de respostas 2. – Instruções TREINO**

- a. Coloque as iniciais das pessoas da lista que construiu na coluna “Nome/Iniciais”;
- b. Para cada pergunta coloque uma cruz na intersecção da coluna com a/as pessoa(as) que se aplicam na resposta;
- c. Lembre que para cada pergunta, apenas deverá colocar a cruz nas pessoas que se aplicam à questão;
- d. As pessoas que constituem a sua lista devem ser apenas aquelas que já nomeou no primeiro quadro que preencheu.

Nome/iniciais	A. gostaria de procurar	B. de facto procura	C. gostaria sempre de contar	D. de facto sempre conta	E. ver/falar	F. impacto de morte	G. transtorna- -o(a)
1. AA	X						
2. BB		X		X		X	
3. CC							
4. DD			X		X		
5. EE							X
6. FF							
7. GG	X				X	X	
8. HH							
9. II			X			X	
10.							
11.							
12.							
13.							
14.							
15.							

Sujeito: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações acerca das relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e coloque um círculo (0) à volta do número que melhor exprime o modo como se sente relativamente a cada um dos seus pais. Responda nas colunas separadas para o Pai e para a Mãe tendo em conta as alternativas que se seguem:

Discordo completamente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo completamente
1	2	3	4	5	6

	PAI						MÃE					
1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo. -----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
3. É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
4. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são especiais para mim.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
8. Os meus pais conhecem-me bem.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
9. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
10. Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
11. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
12. Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.-	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6



Discordo completamente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo completamente
1	2	3	4	5	6

	PAI						MÃE					
14. Em muitas coisas eu admiro os meus pais.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
15. Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
16. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
18. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
19. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
20. Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
21. Faço tudo para agradar aos meus pais.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
22. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
23. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
24. Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
25. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
26. Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
27. Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
28. Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
29. Se tivesse que ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
30. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.-----	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

Sujeito: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nesta página vai encontrar um conjunto de afirmações acerca do modo como os jovens se sentem com os seus amigos. Para cada frase deverá assinalar a sua opinião, colocando um círculo (0) à volta do número que melhor corresponde ao que pensa:

	Discordo completamente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo completamente
	1	2	3	4	5	6
1.	Gosto de ter a opinião dos meus amigos em assuntos que me preocupam.-----					6
2.	Os meus amigos percebem quando estou preocupado(a) com alguma coisa.-----					6
3.	Quando discutimos algum assunto, os meus amigos consideram a minha opinião.-----					6
4.	Falar acerca dos meus problemas com os meus amigos, faz-me sentir envergonhado(a).-----					6
5.	Gostava de ter amigos diferentes.-----					6
6.	Os meus amigos compreendem-me.-----					6
7.	Os meus amigos encorajam-me a falar acerca das minhas dificuldades.-----					6
8.	Os meus amigos aceitam-me como eu sou.-----					6
9.	Sinto necessidade de estar em contacto com os meus amigos com mais frequência que eles comigo.-----					6
10.	Quando passo por alguma dificuldade, os meus amigos não se apercebem disso.-----					6
11.	Sinto-me só ou posto(a) de parte quando estou com os meus amigos.-----					6
12.	Os meus amigos ouvem aquilo que tenho para dizer.-----					6
13.	Sinto que os meus amigos são bons amigos.-----					6
14.	É-me fácil falar com os meus amigos.-----					6
15.	Quando estou zangado(a) por alguma razão, os meus amigos tentam ser compreensivos.-----					6
16.	Os meus amigos ajudam-me a compreender-me melhor.-----					6
17.	Os meus amigos preocupam-se com o meu bem-estar.-----					6
18.	Sinto-me zangado(a) com os meus amigos.-----					6
19.	Posso contar com os meus amigos, quando sinto necessidade de desabafar.-----					6
20.	Confio nos meus amigos.-----					6
21.	Os meus amigos respeitam os meus sentimentos.-----					6
22.	A maior parte das vezes os meus amigos não percebem que eu estou aborrecido(a).--					6
23.	Parece-me que os meus amigos se irritam comigo, sem razão.-----					6
24.	Conto aos meus amigos os meus problemas e dificuldades.-----					6
25.	Se os meus amigos sabem que alguma coisa me preocupa, perguntam-me acerca disso.-----					6



Sujeito: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o(a) namorado(a). Leia atentamente cada uma das frases e assinale com um círculo (0) a resposta que melhor exprime o modo como se sente na relação com o(a) seu/sua namorado(a).

Se actualmente não tem um(a) namorado(a) mas já teve no passado, responda ao questionário reportando-se à relação mais duradoura.

Se nunca teve um(a) namorado(a), responda ao questionário imaginando como gostaria que fosse uma relação de namoro.

Se nunca teve um(a) namorado(a) mas tem "curtido", responda ao questionário, reportando-se a essas experiências.

Antes de começar a responder, assinale com uma cruz a opção que corresponde ao que actualmente se passa consigo. Se optar por uma das duas primeiras alíneas, indique também quanto tempo dura ou durou a relação com o(a) seu/sua namorado(a).

- 1) Neste momento, eu tenho namorado(a)
- 2) Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém
- 3) Nunca tive nenhum namorado(a)
- 4) Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho "curtido"

Duração da relação:

☐  
☐  
☐  
☐

Para cada frase deverá responder de acordo com as seis alternativas que se seguem:

<b>Discordo completamente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo ligeiramente</b>	<b>Concordo ligeiramente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo completamente</b>
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

1.	A/O minha/meu namorada(o) respeita os meus sentimentos.-----	1	2	3	4	5	6
2.	Fico nervoso(a) se não consigo encontrar a(o) minha/meu namorada(o) quando preciso dela/dele.-----	1	2	3	4	5	6
3.	O apoio dela/dele não é muito importante para mim. Sei que sou capaz de resolver as coisas sozinho(a).-----	1	2	3	4	5	6
4.	Gostava de ser a pessoa mais importante para ela/ele, mas não estou certo(a) de que assim	1	2	3	4	5	6
5.	A/O minha/meu namorada(o) compreende-me.-----	1	2	3	4	5	6
6.	Só consigo enfrentar situações novas se ela/ele estiver comigo.-----	1	2	3	4	5	6
7.	É-me indiferente quando a(o) minha/meu namorada(o) prefere fazer coisas com outras pessoas.--	1	2	3	4	5	6
8.	Às vezes sinto admiração por ela/ele, outras vezes não.-----	1	2	3	4	5	6
9.	Fico irritado(a) quando combinamos coisas e ela/ele não pode estar comigo.-----	1	2	3	4	5	6
10.	Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.-----	1	2	3	4	5	6
11.	Na minha vida pessoal, a minha relação com a(o) minha/meu namorada(o) é secundária.-----	1	2	3	4	5	6
12.	Sei que posso contar com a(o) minha/meu namorada(o) sempre que precisar dela/dele.-----	1	2	3	4	5	6
13.	Sinto-me posto(a) de lado, quando ela/ele decide fazer coisas com outras pessoas.-----	1	2	3	4	5	6
14.	Discutir assuntos com ela/ele é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.-----	1	2	3	4	5	6
15.	Quando não podemos estar juntos, sinto-me abandonado(a).-----	1	2	3	4	5	6
16.	Para me sentir bem comigo próprio(a), são mais importantes outras coisas do que a(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
17.	Desagrada-me a maneira de ser da(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
18.	Sei que se a minha relação terminar isso não me vai afectar muito.-----	1	2	3	4	5	6
19.	Ela/Ele dá-me coragem para enfrentar situações novas.-----	1	2	3	4	5	6
20.	Fico furioso(a) quando preciso do apoio da(o) minha/meu namorada(o) e verifico que não posso contar com ela/ele.-----	1	2	3	4	5	6
21.	Eu e a(o) minha/meu namorada(o) é como se fôssemos uma pessoa só.-----	1	2	3	4	5	6
22.	Fico nervoso(a) ao pensar que posso perder a(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
23.	Prefiro que a(o) minha/meu namorada(a) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.-----	1	2	3	4	5	6
24.	Não gosto de pedir o apoio dela/dele porque sei que não me compreenderia.-----	1	2	3	4	5	6

25.	Ela/Ele tem uma importância decisiva naquilo que eu sou.-----	1	2	3	4	5	6
26.	Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.-----	1	2	3	4	5	6
27.	Sempre achei que, apesar de gostar da(o) minha/meu namorada(o), não vou sentir muito a falta dela/dele se a relação terminar.-----	1	2	3	4	5	6
28.	Às vezes acho que ela/ele é fundamental na minha vida, mas outras vezes não.-----	1	2	3	4	5	6
29.	Confio nela/nele para me apoiar nos momentos difíceis da vida.-----	1	2	3	4	5	6
30.	Quando tenho problemas nem sempre gosto de procurar a(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
31.	Quando não podemos estar juntos, eu não sei o que fazer.-----	1	2	3	4	5	6
32.	Quando tenho um problema, só o facto de pensar nela/nele põe-me mais calmo(a).-----	1	2	3	4	5	6
33.	Não preciso dos cuidados da(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
34.	A/O minha/meu namorado(a) faz-me sentir bem comigo próprio(a).-----	1	2	3	4	5	6
35.	Não costumo precisar do apoio da(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
36.	As minhas conversas com ela/ele não me trazem nada de novo.-----	1	2	3	4	5	6
37.	Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ela/ele for comigo.-----	1	2	3	4	5	6
38.	Apesar da minha relação ser muito importante, muitas vezes sinto-me sozinho(a).-----	1	2	3	4	5	6
39.	Quando algo de grave acontece comigo, prefiro não estar perto dela/dele.-----	1	2	3	4	5	6
40.	A/O minha/meu namorada(o) aceita-me como eu sou.-----	1	2	3	4	5	6
41.	Apesar de haver coisas que não gosto na(o) minha/meu namorada(o), no fundo gostaria de ser igual a ela/ele.-----	1	2	3	4	5	6
42.	Quando tenho um problema prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
43.	Não me preocupa não pudermos estar juntos durante as férias.-----	1	2	3	4	5	6
44.	Gostava que a(o) minha/meu namorada(o) me ligasse mais.-----	1	2	3	4	5	6
45.	Tenho medo de ficar sozinho(a) se perder a(o) minha/meu namorada(o).-----	1	2	3	4	5	6
46.	A/O minha/meu namorada(o) só pensa em nela/nele.-----	1	2	3	4	5	6



Sujeito: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nas páginas que se seguem está uma lista de situações que algumas vezes trazem mudanças nas nossas vidas. Por favor leia cuidadosamente cada frase e indique com uma cruz (X) se passou ou não por cada situação descrita (à esquerda do questionário). Se não passou pela situação, responda “Não” e passe à pergunta ou grupo de perguntas seguintes, tal como assinalado no questionário.

Para cada frase a que respondeu “Sim” assinale de seguida em que medida a situação foi positiva ou negativa na sua vida, indicando a sua posição através de um círculo (O) nas colunas da direita. Uma cotação de menos três (-3) indica um impacto extremamente negativo na sua vida. Uma cotação de zero (0) sugere que não existiu qualquer impacto. Uma cotação de mais três (+3) indica um impacto extremamente positivo da situação na sua vida. Sempre que são pedidas indicações acerca do tempo, com quem ou o porquê da situação acontecer, preencha por favor os espaços em branco com essas informações (para o tempo, a resposta deve ser dada em meses). Por favor, responda a tudo, seguindo as indicações que são dadas ao longo do questionário.

Obrigada desde já pela sua colaboração.



			Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo	
<b>A</b>	<b>Questões Escolares</b>									
1.	Ser aceite pelos professores	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
2.	Ser injustiçado(a) pelos professores	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
3.	Saber que os professores (ou alguns professores) são seus amigos	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
4.	Discutir/brigar com professores	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
5.	Ser apoiado(a) pelos empregados da escola	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
6.	Ter problemas com os empregados da escola	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
7.	Ter boas notas	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
8.	Ter más notas	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
9.	Ter finalizado o ano escolar anterior ao que agora se encontra (se frequentar um curso profissional ou a faculdade, siga para a alínea a., b. ou c.)	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
	<b>Apenas para aqueles que frequentam um curso de nível 2</b>									
a.	Ter finalizado o 6º (ou 7º ou 8º) ano e ingressar no curso	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
	<b>Apenas para aqueles que frequentam um curso de nível 3</b>									
b.	Ter finalizado o 9º (ou 10º ou 11º) ano e ingressar no curso	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
10.	Reprovar	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
11.	Desistir de estudar	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
12.	Mudar de área de estudo (por explo., de Humanidades para Artes, ou de Electricidade para Informática)	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
13.	Mudar de escola ou de Universidade (por explo. do Porto para Coimbra)	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>B</b>	<b>Amigos</b>									
1.	Mudança no número de amigos (se sim, continue para a. e b., indicando há quanto tempo tal aconteceu, em meses):	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>							

			Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo
<b>a.</b>	Mais amigos <input type="checkbox"/>	Menos amigos <input type="checkbox"/>							
	Há quanto tempo _____ Meses		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>b.</b>	Mais amigas <input type="checkbox"/>	Menos amigas <input type="checkbox"/>							
	Há quanto tempo _____ Meses		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>2.</b>	Sentir que não se consegue ter amigos	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>3.</b>	Zanga grave com o(a) melhor amigo(a) (se sim, há quanto tempo, em meses)								
	Há quanto tempo _____ Meses	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>4.</b>	Reconciliação com o(a) melhor amigo(a) (se sim, há quanto tempo, em meses)								
	Há quanto tempo _____ Meses	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>5.</b>	Doença ou ferimento grave de um(a) amigo(a)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>6.</b>	Morte de um(a) amigo(a)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>7.</b>	Você ou o(a) melhor amigo mudam-se para longe um do outro (se sim, há quanto tempo, em meses)								
	Há quanto tempo _____ Meses	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>C</b>	<b>Questões da Relação Amorosa</b>								
<b>1.</b>	Apaixonar-se	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>2.</b>	Estar apaixonado(a) e não ser correspondido(a)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>3.</b>	Não conseguir ter namorado(a)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>4.</b>	Noivado	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>5.</b>	Casamento	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>6.</b>	Terminar a relação com o(a) namorado(a)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>7.</b>	Reconciliação com o(a) namorado(a)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>8.</b>	Gravidez da própria/gravidez da namorada	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>9.</b>	Fazer um aborto/a namorada faz um aborto	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>10.</b>	Morte do(a) namorado(a)/companheiro(a)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>D</b>	<b>Questões Sexuais</b>								
<b>1.</b>	Ter medo da sexualidade	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>2.</b>	Ter medo de “falhar”	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3

			Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo
3.	Ter medo da "1ª vez"	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
4.	Perder a virgindade	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
5.	Ter medo de engravidar/que a namorada engravide	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
6.	Ter medo que a relação acabe depois da 1ª vez	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
7.	Ter medo que o(a) namorado(a) não goste do seu corpo	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
8.	Ter medo de apanhar uma doença sexualmente transmissível (SIDA, Sífilis, Hepatite B., etc.)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
9.	Já tentaram abusar sexualmente de si	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
10.	Já abusaram sexualmente de si	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
11.	Ter medo de ser homossexual	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
12.	Sentir que se é homossexual	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>E</b>	<b>Questões Familiares</b>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
1.	Aumento da família em casa (se sim, continue para a., b., c. e d.)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
a.	Adopção de uma criança	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Nascimento de um irmão(ã)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Familiar que vem viver para casa (se sim, quem)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
d.	Outra pessoa/situação		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
2.	Mudança grande na proximidade (emocional) dos membros da família (se sim, continue para a., b., c. d., e., f. e g. e diga há quanto tempo, em meses)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>							
a.	Mãe	mais afastada <input type="checkbox"/> mais próxima <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	mais afastado <input type="checkbox"/> mais próximo <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Irmã	mais afastada <input type="checkbox"/> mais próxima <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
d.	Irmão	mais afastado <input type="checkbox"/> mais próximo <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
e.	Avó	mais afastada <input type="checkbox"/> mais próxima <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
f.	Avô	mais afastado <input type="checkbox"/> mais próximo <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
g.	Outro (quem?) _____	mais afastado(a) <input type="checkbox"/> mais próximo(a) <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3

			Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo
3.	Mudar para uma casa melhor	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
4.	Doença ou ferimento grave de um familiar próximo (se sim, continue para a., b., c. d., e., f. e g. e diga quem e há quanto tempo, em meses)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>							
a.	Mãe	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Irmã	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
d.	Irmão	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
e.	Avó	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
f.	Avô	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
g.	Outro (quem?) _____	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
5.	Um dos pais perde o emprego (se sim, continue para a. e b., indicando qual (ou ambos) e há quanto, em meses)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>							
a.	Mãe	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
6.	Um dos pais reforma-se (se sim, continue para a. e b., indicando qual (ou ambos) e há quanto, em meses)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>							
a.	Mãe	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
7.	Prisão de um membro da família (se sim, continue para a., b., c. d., e., f. e g. e diga quem e há quanto tempo, em meses)	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>							
a.	Mãe	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Irmã	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
d.	Irmão	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
e.	Avó	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
f.	Avô	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
g.	Outro (quem?) _____	<input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
8.	Divórcio dos pais (se sim, diga há quanto tempo, em meses)	_____ Meses							
		Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3

			Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo	
9.	Um dos pais volta a casar/tem um(a) companheiro(a) (se sim, continue para a. e b., indicando qual (ou ambos) e há quanto, em meses)									
	Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>							
a.	Mãe	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
10.	Irmã ou irmão saem de casa									
	Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>							
11.	Morte de um membro da família (se sim, continue para a., b., c. d., e., f. e g. e diga quem e há quanto tempo, em meses)									
	Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>							
a.	Mãe	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Irmã	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
d.	Irmão	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
e.	Avó	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
f.	Avô	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
g.	Outro (quem?) _____	<input type="checkbox"/>	_____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
F	<b>Questões Religiosas</b>			-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
1.	Acreditar numa religião (se sim, diga qual)									
	Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>							
	Qual _____									
2.	Deixar de acreditar na religião									
	Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>							
3.	Mudar de crença religiosa (se sim, diga qual era a anterior e a actual)									
	de _____ para _____		Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>					
4.	Pertencer a um grupo satânico									
	Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>							
5.	Estar envolvido(a) nas actividades da paróquia									
	Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>							
G	<b>Problemas Éticos</b>			-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
1.	Traficar drogas									
	Há quanto tempo _____ Meses		Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>					
2.	Roubar									
	Há quanto tempo _____ Meses		Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>					
3.	Ser violento(a) com alguém									
	Há quanto tempo _____ Meses		Não <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>					

			Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo
4.	Ser apanhado(a) pela polícia Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
5.	Ser detido(a) e ir para uma instituição de correcção de menores/prisão Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>H</b>	<b>Situações relativas a trabalho/emprego que impliquem receber dinheiro (se não trabalha/tem emprego, passe ao grupo I)</b>								
1.	Ter um emprego/trabalho novo (se sim, diga há quanto tempo, em meses) _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
2.	Ter sido despedido(a) (se sim, diga há quanto tempo, em meses) _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
3.	Mudança na situação pessoal de emprego/trabalho (se sim, continue para a., b., c. e d. e diga quem e há quanto tempo, em meses) Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>								
a.	Mais responsabilidade <input type="checkbox"/> Menos responsabilidade <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Mais horas de trabalho <input type="checkbox"/> Menos horas de trabalho <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Receber mais dinheiro <input type="checkbox"/> Receber menos dinheiro <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
d.	Outra situação (qual?) _____		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
4.	Problemas com o patrão (se sim, continue para a., b. e c.) Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>								
a.	Apenas discussão Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Suspensão Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Despromoção Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
<b>I</b>	<b>Questões Pessoais</b>								
1.	Ter conquistado algo importante para si (se sim, diga o quê) O quê _____ Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
2.	Grande mudança nas finanças pessoais (se sim, passe a a.) Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
a.	Ter muito mais dinheiro <input type="checkbox"/> Ter muito menos dinheiro <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
3.	Pedir dinheiro emprestado (se sim, diga para quê) Para quê _____ Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
4.	Beber álcool Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
5.	Consumir drogas Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
6.	Sair de casa pela primeira vez para viver sozinho(a) Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3

		Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo
7.	Fugir de casa (se sim, há quanto tempo, em meses) Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
8.	Já alguém que você conhece pensou em suicidar-se (se sim, há quanto tempo, em meses) Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
9.	Já pensou em suicidar-se (se sim, há quanto tempo, em meses) Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
10.	Já tentou suicidar-se (se sim, há quanto tempo, em meses) Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
J	<b>Estado Geral</b>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
1.	Tem estado gravemente doente (se sim, diga há quanto tempo, em meses, e continue para a., b. e c.) Há quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
a.	Em casa (se sim, quanto tempo esteve em casa) Quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	No hospital (se sim, quanto tempo esteve no hospital) Quanto tempo _____ Meses Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Sentiu-se acompanhado(a) ao longo da doença Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
2.	Como se tem sentido ultimamente (se sentiu alterações responda a a. e diga há quanto tempo em meses) Sem alteração <input type="checkbox"/> Com alteração <input type="checkbox"/>	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
	Mais em baixo <input type="checkbox"/> Mais bem disposto(a) <input type="checkbox"/>							
a.	Há quanto tempo _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
3.	<b>Se tiver outras experiências recentes que tiveram impacto na sua vida, diga quais e cote em a., b. e c.</b>							
a.		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.		-3	-2	-1	0	+1	+2	+3

**Instruções:** Nas páginas que se seguem está uma lista de situações que algumas vezes trazem mudanças nas nossas vidas. Por favor leia cuidadosamente cada frase e indique com uma cruz (X) se passou ou não por cada situação descrita (à esquerda do questionário). Se não passou pela situação, responda “Não” e passe à pergunta ou grupo de perguntas seguintes, tal como assinalado no questionário.

Para cada frase a que respondeu “Sim” assinale de seguida em que medida a situação foi positiva ou negativa na sua vida, indicando a sua posição através de um círculo (O) nas colunas da direita. Uma cotação de menos três (-3) indica um impacto extremamente negativo na sua vida. Uma cotação de zero (0) sugere que não existiu qualquer impacto. Uma cotação de mais três (+3) indica um impacto extremamente positivo da situação na sua vida. Sempre que são pedidas indicações acerca do tempo, com quem ou o porquê da situação acontecer, preencha por favor os espaços em branco com essas informações (para o tempo, a resposta deve ser dada em meses). Por favor, responda a tudo, seguindo as indicações que são dadas ao longo do questionário. Veja como cotar e os exemplos abaixo.

Obrigada desde já pela sua colaboração.

Cotação							
Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo	
-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	

### Exemplo A

		Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo
1.	Mudança no número de amigos (se sim, continue para a. e b., indicando há quanto tempo tal aconteceu, em meses): Não <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/>							
a.	Mais amigos <input checked="" type="checkbox"/> Menos amigos <input type="checkbox"/> Há quanto tempo _____ Meses	-3	-2	-1	0	(+1)	+2	+3
b.	Mais amigas <input type="checkbox"/> Menos amigas <input type="checkbox"/> Há quanto tempo _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3

- Existiu mudança no número de amigos que esta pessoa tinha, por isso a cruz foi colocada no “Sim”;
- Em a., a pessoa colocou a cruz no quadrado correspondente ao tipo de mudança “Mais amigos”;
- De seguida afirmou que a situação ocorreu há seis (6) meses, escrevendo o número seis no espaço correspondente;
- Por último, considerou que essa situação foi ligeiramente positiva na sua vida, desenhando por isso um círculo à volta do número correspondente, o mais um (+1);
- Esta pessoa não sofreu alterações no que diz respeito ao número de amigas, pelo que deixou em branco toda a linha b..



**Exemplo B**

				Extremamente negativo	Moderadamente negativo	Algo negativo	Sem impacto	Ligeiramente positivo	Moderadamente positivo	Extremamente positivo
2.	Mudança grande na proximidade (emocional) dos membros da família (se sim, continue para a., b., c. d., e., f. e g. e diga há quanto tempo, em meses)									
	Não <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/>									
a.	Mãe	mais afastada <input type="checkbox"/>	mais próxima <input type="checkbox"/> <u>três</u> Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
b.	Pai	mais afastado <input type="checkbox"/>	mais próximo <input type="checkbox"/> <u>3</u> Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
c.	Irmã	mais afastada <input type="checkbox"/>	mais próxima <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
d.	Irmão	mais afastado <input type="checkbox"/>	mais próximo <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
e.	Avó	mais afastada <input type="checkbox"/>	mais próxima <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
f.	Avô	mais afastado <input type="checkbox"/>	mais próximo <input type="checkbox"/> _____ Meses	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3
g.	Outro (quem?) _____ mais afastado(a) <input type="checkbox"/> mais próximo(a) <input type="checkbox"/> _____ Meses			-3	-2	-1	0	+1	+2	+3

1. Esta pessoa começou por responder que existiu de facto modificação na sua proximidade com os membros da família, colocando uma cruz no “Sim”;

2. De seguida, respondeu que existiu maior proximidade com a mãe, colocando a cruz na linha a., à frente da frase “Mais próxima”;

3. Continuou a responder na linha a., escrevendo que a situação ocorreu há três (3) meses a esta parte;

4. Por último, colocou um círculo à volta do número “Mais três”, dizendo deste modo que considerou esta alteração como extremamente positiva na sua vida;

5. Mas também existiu alteração na proximidade com o pai, desta feita, sendo preenchido o quadrado de “Mais afastado” com uma cruz, na linha b.;

6. Esta alteração ocorreu também há três (3) meses, tendo sido colocado o número na linha correspondente;

7. Esta situação foi considerada como não tendo tido impacto na vida da pessoa, pelo que foi colocado um círculo à volta do número zero (0), correspondente a essa avaliação;

8. Por último, repare que as linhas c., d., e., f. e g. foram deixadas em branco, pelo que na vida desta pessoa não existiram alterações na proximidade emocional com outros membros da família

Sujeito: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Na página que se segue está uma lista de frases que dizem respeito ao modo como se sente acerca de si mesmo(a). Por favor leia cuidadosamente cada frase, decidindo de seguida em que medida concorda com cada uma desenhando um círculo (O) à volta do número que melhor descreve a sua opinião. Responda por favor a todas as frases. Veja de seguida as alternativas de resposta.

Obrigada desde já pela sua colaboração.

Pode escolher entre seis alternativas, identificadas por seis números:

<b>Discordo completamente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo ligeiramente</b>	<b>Concordo ligeiramente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo completamente</b>
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

	<b>Discordo completamente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo ligeiramente</b>	<b>Concordo ligeiramente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo completamente</b>
<b>1.</b> Sinto que sou alguém de valor, pelo menos se comparado(a) de forma justa com outras pessoas.-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>2.</b> Sinto que tenho algumas boas qualidades.-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>3.</b> Tudo bem ponderado, sou levado(a) a sentir que sou um falhanço.-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>4.</b> Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>5.</b> Sinto que não tenho muita coisa de que me orgulhar.-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>6.</b> Tomo uma atitude positiva em relação a mim mesmo(a).-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>7.</b> No geral, estou satisfeito(a) comigo próprio(a).-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>8.</b> Desejava ter mais respeito por mim próprio(a).-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>9.</b> Às vezes sinto-me completamente inútil.-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>10.</b> Por vezes sinto que não presto para nada.-----	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>



Sujeito: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**eu**

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Sexo \_\_\_\_ (F/M)

Sou casado(a) Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)

Tenho filhos Sim ☐ Não ☐

Quantos

**a minha família**

**PAI**

Idade (em anos) \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_  
Escolaridade \_\_\_\_\_  
Está empregado? Sim ☐ Não ☐

**MÃE**

Idade (em anos) \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_  
Escolaridade \_\_\_\_\_  
Está empregada Sim ☐ Não ☐

**Os meus pais são...**

Casados Sim ☐ Não ☐

Separados Sim ☐ Não ☐

Divorciados Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**PAI**

Viúvo Sim ☐ Não ☐  
Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Viúva Sim ☐ Não ☐  
Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

No caso dos pais terem **Voltado a Casar com outra(s) pessoa(s)** responda de seguida...

**PAI**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)  
Quantas vezes \_\_\_\_\_  
Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_\_  
Tem filhos deste(s) casamento(s)?  
Sim ☐ Não ☐  
Quantos? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)  
Quantas vezes \_\_\_\_\_  
Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_\_  
Tem filhos deste(s) casamento(s)?  
Sim ☐ Não ☐  
Quantos? \_\_\_\_\_

**Quantos IRMÃOS tenho...**

Número total de irmãos \_\_\_\_\_

Número total de irmãs \_\_\_\_\_

Quantos irmãos tem mais novos que você? \_\_\_\_\_

**a escola**

Frequento a escola \_\_\_\_\_

Anoº \_\_\_\_

Turma \_\_\_\_

**depois deste ano escolar o meu projecto é...**

Continuar a estudar Sim ☐ Não ☐

(se respondeu **sim**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

Fazer o próximo ano numa escola regular ☐

Ir para o ensino profissional ☐

Outros estudos ☐

Quais? \_\_\_\_\_

(se respondeu **não**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

Não sei o que vou fazer ☐

Vou trabalhar ☐

Em que trabalho? \_\_\_\_\_

Penso fazer outra coisa ☐

O quê? \_\_\_\_\_

**Penso também...**

Casar Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

Viver com o(a) meu/minha namorado(a):

Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

Ter filhos Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**Responda apenas a esta questão no caso de ser casado(a):**

Separar-me Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

**nos meus projectos está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Comprar casa ☐

Alugar casa ☐

Viver sempre com os meus pais, mesmo se casar com alguém ☐

Viver sempre numa casa com amigos ☐

**Mas nos meus horizontes está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Ir viver para outro país Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_

Ir viver para outro local dentro de Portugal Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**tenho vivido (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Sempre com ambos os meus pais ☐

Apenas com o meu pai ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Apenas com a minha mãe ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Com um dos meus pais e a nova família ☐ Qual dos pais? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Vivo com outros familiares ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Vivo com outras pessoas ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

**gostaríamos de saber quantos livros tem em casa...**

Tenho cerca de \_\_\_\_\_ livros em casa

**Muito obrigada pela sua colaboração e volto a dizer-lhe que os dados obtidos neste e nos questionários seguintes são estritamente confidenciais**

Sujeito: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**eu**

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade (em anos) \_\_\_\_

Sexo \_\_\_\_ (F/M)

Sou casado(a) Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)

Tenho filhos Sim ☐ Não ☐

Quantos

**a minha família**

**PAI**

Idade (em anos) \_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Está empregado? Sim ☐ Não ☐

**MÃE**

Idade (em anos) \_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Está empregada Sim ☐ Não ☐

**Os meus pais são...**

Casados Sim ☐ Não ☐

Separados Sim ☐ Não ☐

Divorciados Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**PAI**

Viúvo Sim ☐ Não ☐

Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Viúva Sim ☐ Não ☐

Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

No caso dos pais terem **Voltado a Casar com outra(s) pessoa(s)** responda de seguida...

**PAI**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)

Quantas vezes \_\_\_\_

Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_

Tem filhos deste(s) casamento(s)?

Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)

Quantas vezes \_\_\_\_

Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_

Tem filhos deste(s) casamento(s)?

Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**Quantos IRMÃOS tenho...**

Número total de irmãos \_\_\_\_

Número total de irmãs \_\_\_\_

Quantos irmãos tem mais novos que você? \_\_\_\_

**a escola**

Frequento a escola \_\_\_\_\_

Anoº \_\_\_\_

Turma \_\_\_\_

Agrupamento \_\_\_\_\_

**depois deste ano escolar o meu projecto é...**

Continuar a estudar Sim ☐ Não ☐

(se respondeu **sim**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

Ir para a faculdade ☐

Ir para o ensino profissional ☐

Outros estudos ☐

Quais? \_\_\_\_\_

(se respondeu **não**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

- Não sei o que vou fazer ☐
- Vou trabalhar ☐ Em que trabalho? \_\_\_\_\_
- Penso fazer outra coisa ☐ O quê? \_\_\_\_\_

**Penso também...**

- Casar Sim ☐ Não ☐ Quando (em anos)? \_\_\_\_\_
- Viver com o(a) meu/minha namorado(a):  
Sim ☐ Não ☐ Quando (em anos)? \_\_\_\_\_
- Ter filhos Sim ☐ Não ☐ Quantos? \_\_\_\_\_

**Responda apenas a esta questão no caso de ser casado(a):**

- Separar-me Sim ☐ Não ☐ Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

**nos meus projectos está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

- Comprar casa ☐
- Alugar casa ☐
- Viver sempre com os meus pais, mesmo se casar com alguém ☐
- Viver sempre numa casa com amigos ☐

**Mas nos meus horizontes está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

- Ir viver para outro país Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_
- Ir viver para outro local dentro de Portugal Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**tenho vivido (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

- Sempre com ambos os meus pais ☐
- Apenas com o meu pai ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_
- Apenas com a minha mãe ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_
- Com um dos meus pais e a nova família ☐ Qual dos pais? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_
- Vivo com outros familiares ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_
- Vivo com outras pessoas ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

**gostaríamos de saber quantos livros tem em casa...**

Tenho cerca de \_\_\_\_\_ livros em casa

**Muito obrigada pela sua colaboração e volto a dizer-lhe que os dados obtidos neste e nos questionários seguintes são estritamente confidenciais**

Sujeito: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**eu**

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade (em anos) \_\_\_\_

Sexo \_\_\_\_ (F/M)

Sou casado(a) Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)

Tenho filhos Sim ☐ Não ☐

Quantos

**a minha família**

**PAI**

Idade (em anos) \_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Está empregado? Sim ☐ Não ☐

**MÃE**

Idade (em anos) \_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Está empregada Sim ☐ Não ☐

**Os meus pais são...**

Casados Sim ☐ Não ☐

Separados Sim ☐ Não ☐

Divorciados Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**PAI**

Viúvo Sim ☐ Não ☐

Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Viúva Sim ☐ Não ☐

Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

No caso dos pais terem **Voltado a Casar com outra(s) pessoa(s)** responda de seguida...

**PAI**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)

Quantas vezes \_\_\_\_

Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_

Tem filhos deste(s) casamento(s)?

Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)

Quantas vezes \_\_\_\_

Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_

Tem filhos deste(s) casamento(s)?

Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**Quantos IRMÃOS tenho...**

Número total de irmãos \_\_\_\_

Número total de irmãs \_\_\_\_

Quantos irmãos tem mais novos que você? \_\_\_\_

**a escola**

Frequento o pólo \_\_\_\_\_ Anoº \_\_\_\_ Turma \_\_\_\_

Curso \_\_\_\_\_ Nível \_\_\_\_

**depois do curso o meu projecto é...**

Continuar a estudar Sim ☐ Não ☐

(se respondeu **sim**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

Fazer o 10º ano numa escola regular ☐

Continuar no ensino profissional ☐

Outros estudos ☐

Quais? \_\_\_\_\_



(se respondeu **não**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

Não sei o que vou fazer ☐

Vou trabalhar ☐

Em que trabalho? \_\_\_\_\_

Penso fazer outra coisa ☐

O quê? \_\_\_\_\_

**Penso também...**

Casar Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

Viver com o(a) meu/minha namorado(a):

Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

Ter filhos Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**Responda apenas a esta questão no caso de ser casado(a):**

Separar-me Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

**nos meus projectos está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Comprar casa ☐

Alugar casa ☐

Viver sempre com os meus pais, mesmo se casar com alguém ☐

Viver sempre numa casa com amigos ☐

**Mas nos meus horizontes está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Ir viver para outro país Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_

Ir viver para outro local dentro de Portugal Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**tenho vivido (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Sempre com ambos os meus pais ☐

Apenas com o meu pai ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Apenas com a minha mãe ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Com um dos meus pais e a nova família ☐ Qual dos pais? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Vivo com outros familiares ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Vivo com outras pessoas ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

**gostaríamos de saber quantos livros tem em casa...**

Tenho cerca de \_\_\_\_\_ livros em casa

**Muito obrigada pela sua colaboração e volto a dizer-lhe que os dados obtidos neste e nos questionários seguintes são estritamente confidenciais**

Sujeito: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**eu**

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade (em anos) \_\_\_\_

Sexo \_\_\_\_ (F/M)

Sou casado(a) Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)

Tenho filhos Sim ☐ Não ☐

Quantos

**a minha família**

**PAI**

Idade (em anos) \_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Está empregado? Sim ☐ Não ☐

**MÃE**

Idade (em anos) \_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Está empregada Sim ☐ Não ☐

**Os meus pais são...**

Casados Sim ☐ Não ☐

Separados Sim ☐ Não ☐

Divorciados Sim ☐ Não ☐

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**PAI**

Viúvo Sim ☐ Não ☐

Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Viúva Sim ☐ Não ☐

Se sim, há quanto tempo (em anos)? \_\_\_\_\_

No caso dos pais terem **Voltado a Casar com outra(s) pessoa(s)** responda de seguida...

**PAI**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)

Quantas vezes \_\_\_\_

Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_

Tem filhos deste(s) casamento(s)?

Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**MÃE**

Sim ☐ Não ☐ (se sim continue)

Quantas vezes \_\_\_\_

Há quanto tempo foi o último casamento (em anos)? \_\_\_\_

Tem filhos deste(s) casamento(s)?

Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**Quantos IRMÃOS tenho...**

Número total de irmãos \_\_\_\_

Número total de irmãs \_\_\_\_

Quantos irmãos tem mais novos que você? \_\_\_\_

**a escola**

Frequento a escola/pólo \_\_\_\_\_

Anoº \_\_\_\_

Turma \_\_\_\_

Curso \_\_\_\_\_

Nível \_\_\_\_

**depois do curso o meu projecto é...**

Continuar a estudar Sim ☐ Não ☐

(se respondeu **sim**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

Fazer um curso superior ☐

Fazer uma especialização ☐

Outros estudos ☐

Qual? \_\_\_\_\_

Quais? \_\_\_\_\_

(se respondeu **não**, escolha apenas uma opção entre as três seguintes):

Não sei o que vou fazer ☐

Vou trabalhar ☐

Em que trabalho? \_\_\_\_\_

Penso fazer outra coisa ☐

O quê? \_\_\_\_\_

**Penso também...**

Casar Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

Viver com o(a) meu/minha namorado(a):

Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

Ter filhos Sim ☐ Não ☐

Quantos? \_\_\_\_\_

**Responda apenas a esta questão no caso de ser casado(a):**

Separar-me Sim ☐ Não ☐

Quando (em anos)? \_\_\_\_\_

**nos meus projectos está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Comprar casa ☐

Alugar casa ☐

Viver sempre com os meus pais, mesmo se casar com alguém ☐

Viver sempre numa casa com amigos ☐

**Mas nos meus horizontes está também (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Ir viver para outro país Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_

Ir viver para outro local dentro de Portugal Sim ☐ Não ☐ Qual? \_\_\_\_\_

**tenho vivido (escolha apenas a opção que melhor se adequa a si)**

Sempre com ambos os meus pais ☐

Apenas com o meu pai ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Apenas com a minha mãe ☐ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Com um dos meus pais e a nova família ☐ Qual dos pais? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Vivo com outros familiares ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

Vivo com outras pessoas ☐ Quem? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo (em anos) \_\_\_\_\_

**gostaríamos de saber quantos livros tem em casa...**

Tenho cerca de \_\_\_\_\_ livros em casa

**Muito obrigada pela sua colaboração e volto a dizer-lhe que os dados obtidos neste e nos questionários seguintes são estritamente confidenciais**

Porto, 00 de Abril 2004

Pólo de Aprendizagem

XXXXXXXXXX

Sr. Xxxxx Xxxxx Xxxxxx

R. Xxxx Xxxxx, 000

0000 PORTO

Ex.mo Sr. Director

No âmbito de um projecto de doutoramento, a decorrer na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, está em curso uma investigação científica, cujo tema versa sobre os relacionamentos afectivos desenvolvidos pelos adolescentes e jovens adultos ao longo do tempo. Nesta medida, venho colocar à consideração de V. Exc<sup>ia</sup>. e da comunidade escolar a possibilidade de serem administrados alguns questionários de recolha de dados nos 2º ano dos cursos de nível II, 1º e 3º anos dos cursos de nível III (Aprendizagem) que frequentam a Vossa instituição (Pólos do Porto e Matosinhos), nos meses de Abril ou Maio de 2004. O preenchimento dos questionários exige a disponibilidade dos alunos para dois períodos seguidos, cerca de 45 minutos cada (ou, em alternativa, nos períodos lectivos de 90 min.). A recolha e o tratamento dos dados ficarão a cargo da doutoranda Magda Rocha, que efectuará os contactos com a instituição, necessários a uma boa administração dos mesmos.

Esperando a V.<sup>a</sup> melhor compreensão e colaboração, fico a aguardar autorização, dispondo-me naturalmente para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos

(Prof. Doutora Paula Mena Matos)  
responsável pela investigação



### ***Formulário de Consentimento***

Os questionários que pedimos aos Vossos filhos para preencher são parte de um estudo, efectuado no âmbito da construção de uma tese de doutoramento, que pretende compreender o modo como os adolescentes se sentem nas relações com os pais, amigos e nas relações amorosas.

Este estudo é voluntário, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade dos participantes.

O estudo compreende um primeiro momento de recolha de dados em sistema de questionários e um segundo momento de entrevistas pessoais, para o qual necessitamos de uma morada de contacto.

Pedimos por isso que seja dada a anuência do encarregado de educação do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_, para a recolha de dados inicial e também para a recolha do contacto posterior para recolha de dados em regime de entrevista.

O(A) Encarregado(a) de Educação

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_



Caro(a) jovem:

Os questionários que te pedimos para preencher são parte de um estudo efectuado no âmbito da construção de uma tese de doutoramento que pretende compreender o modo como os adolescentes se sentem nas relações com os pais, amigos e nas relações amorosas.

Este estudo é voluntário, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigada desde já pela tua colaboração.





## **PREENCHIMENTO DE QUESTIONÁRIOS**

**Devem responder a todas as questões**

### **QAV**

- Trata-se de coisas que já vos aconteceram ou não na vossa vida
- Se responderem “SIM”, de imediato têm de cotar a resposta e as alíneas que se adequam através dos números (-3 -2 -1 0 +1 +2 +3)
- Se responderem “NÃO” não cotam e passam à questão ou grupo de questões seguintes (tal como indicado no questionário)
- A questão nº. J2 é obrigatório cotar independentemente de ser “COM ALTERAÇÃO” ou “SEM ALTERAÇÃO”, tal como a alínea correspondente se responderem “COM ALTERAÇÃO”
- Se a resposta for de anos, multipliquem o número de anos por 12 para que a resposta seja em meses

### **ANQ**

- Não é necessário utilizar todas as 15 linhas, devem apenas colocar as pessoas que de facto são actualmente emocionalmente próximas a vocês
- Os quadros devem mostrar todas as colunas preenchidas, eventualmente à excepção da última coluna do quadro 2 (alguém desta lista o/a transtorna)

### **Dados demográficos**

- Todas as questões devem ser respondidas sim ou não através de uma cruz e isto para todos os grupos de questões
- No caso de não saberem nada dos pais (por morte ou por afastamento há muito tempo), então devem escrever no topo do questionário o porquê de não responderem
- No grupo de questões “Penso também...” devem responder “Se Sim” (a casar e a viver junto com o/a namorado/a DAQUI A QUANTOS ANOS
- A última questão é feita por estimativa (quantos livros têm em casa)
- No grupo “Mas nos meus horizontes está também...” respondem às 2 questões
- Nada deve ficar por responder

Todos os restantes questionários são respondidos do mesmo modo. Têm uma frase sobre a qual devem dar a vossa opinião colocando um círculo (ou uma cruz) à volta /sobre de um número (1=Discordo totalmente até 6=concordo totalmente).

### **QVA (46 frases)**

- Devem sempre optar por uma das alíneas da 1ª página

**SE NAMORAM** (Alínea 1), colocam uma cruz e escrevem há quanto tempo namoram

**SE JÁ NAMORARAM MAS AGORA NÃO**, colocam uma cruz na alínea 2, escrevem à frente quanto tempo durou a relação mais longa e respondem pensando nessa relação

**SE NUNCA NAMORARAM**, colocam uma cruz na alínea 3 e respondem pensando como gostariam que fosse uma relação de namoro

**SE NUNCA NAMORARAM MAS JÁ CURTIRAM**, colocam uma cruz na alínea 4 e respondem pensando nessas “Curtições”

### **IPPA (25 frases)**

### **RSES (10 frases)**

### **QVPM (30 frases)**

- Respondem na 1ª coluna para o pai e na 2ª coluna para a mãe

- No caso de não saberem nada de um ou dos dois pais(ou por afastamento há muito tempo ou por morte), então devem escrever no topo do questionário o porquê de não responderem

**VERIFIQUEM SEMPRE SE RESPONDERAM A TUDO E SE O FIZERAM**

**CORRECTAMENTE**

**MUITO OBRIGADA PELA VOSSA PARTICIPAÇÃO**

## QUADRO a

### Diferenças significativas entre Mãe e Pai (Procura de Proximidade)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Procura de Proximidade	Pai		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Pai		<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Mãe	Não Sim					Mãe	Não Sim	
13-14	Não	8	2	10	38	.453	Não	8	1	.039
	Sim	5	23	28			Sim	8	20	
	<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>25</b>				<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>21</b>	
15-16	Não	24	0	24	58	.031	Não	13	6	1.000
	Sim	6	28	34			Sim	7	36	
	<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>28</b>				<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>42</b>	
17-18	Não	42	5	47	149	.000	Não	32	12	.034
	Sim	36	66	102			Sim	26	57	
	<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>71</b>				<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>69</b>	
19-23	Não	13	2	15	76	.000	Não	25	2	.002
	Sim	28	33	61			Sim	15	38	
	<b>Total</b>	<b>41</b>	<b>35</b>				<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>40</b>	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

## QUADRO a1

### Diferenças significativas entre Mãe e Pai (Uso de Porto Seguro)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Porto Seguro	Pai		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Porto Seguro	Pai		<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Mãe	Não Sim					Mãe	Não Sim	
13-14	Não	17	1	18	38	.003	Não	9	0	.002
	Sim	12	8	20			Sim	10	18	
	<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>9</b>				<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>18</b>	
15-16	Não	29	2	31	58	.001	Não	30	3	.344
	Sim	16	11	27			Sim	7	22	
	<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>13</b>				<b>Total</b>	<b>37</b>	<b>25</b>	
17-18	Não	58	5	63	149	.000	Não	45	7	.000
	Sim	58	28	86			Sim	42	33	
	<b>Total</b>	<b>116</b>	<b>33</b>				<b>Total</b>	<b>87</b>	<b>40</b>	
19-23	Não	26	2	28	76	.000	Não	27	5	.004
	Sim	33	15	48			Sim	20	28	
	<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>17</b>				<b>Total</b>	<b>47</b>	<b>33</b>	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

## QUADRO a2

### Diferenças significativas entre Mãe e Pai (Protesto de separação)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Protesto de Separação	Pai		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Protesto de Separação	Pai		<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Mãe	Não Sim					Mãe	Não Sim	
13-14	Não	0	1	1	38	.219	Não	5	0	.063
	Sim	5	32	37			Sim	5	27	
	<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>33</b>				<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>27</b>	
15-16	Não	6	1	7	58	.002	Não	7	4	.688
	Sim	13	38	51			Sim	2	49	
	<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>39</b>				<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>53</b>	
17-18	Não	21	5	26	149	.000	Não	13	4	.000
	Sim	32	91	123			Sim	25	85	
	<b>Total</b>	<b>53</b>	<b>96</b>				<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>89</b>	
19-23	Não	3	0	3	76	.000	Não	9	1	.012
	Sim	26	47	73			Sim	10	60	
	<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>47</b>				<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>61</b>	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO a3

#### Diferenças significativas entre Mãe e Pai (Uso de Base Segura)

Género feminino						Género masculino								
idade	Base Segura	Pai		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Base Segura	Pai		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial		
		Mãe	Não					Sim	Mãe				Não	Sim
13-14	Não	17	0	17	38	.016	Não	9	1	10	37	.006		
	Sim	7	14	21			Sim	11	16	27				
	Total	24	14				Total	20	17					
15-16	Não	28	1	29	58	.000	Não	20	4	24	62	.180		
	Sim	17	12	29			Sim	10	28	38				
	Total	45	13				Total	30	32					
17-18	Não	65	5	70	149	.000	Não	53	8	61	127	.000		
	Sim	42	37	79			Sim	33	33	66				
	Total	107	42				Total	86	41					
19-23	Não	33	2	35	76	.000	Não	23	4	27	80	.002		
	Sim	30	11	41			Sim	20	33	53				
	Total	63	13				Total	43	37					

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$

### QUADRO a4

#### Diferenças significativas entre Mãe e Amigo (Procura de Proximidade)

idade	Género feminino					Género masculino								
	Procura de Proximidade	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial		
		Mãe	Não					Sim	Mãe				Não	Sim
13-14	Não	9	1	10	.001	Não	6	3	9	.003				
	Sim	15	13	28		Sim	17	11	28					
	Total	24	14	38		Total	23	14	37					
15-16	Não	17	7	24	.003	Não	12	7	19	.013				
	Sim	24	10	34		Sim	21	22	43					
	Total	41	17	58		Total	33	29	62					
17-18	Não	40	7	47	.000	Não	27	17	44	.000				
	Sim	75	27	102		Sim	52	31	83					
	Total	115	34	149		Total	79	48	127					
19-23	Não	11	4	15	.000	Não	17	10	27	.000				
	Sim	48	13	61		Sim	34	19	53					
	Total	59	17	76		Total	51	29	80					

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO a5

#### Diferenças significativas entre Mãe e Amigo (Protesto de separação)

idade	Género feminino					Género masculino						
	Protesto de Separação	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Protesto de Separação	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Mãe	Não					Sim	Mãe			
13-14	Não	0	1	1		.000	Não	3	2	5		.000
	Sim	23	14	37			Sim	18	14	32		
	Total	23	15		38		Total	21	16		37	
15-16	Não	7	0	7		.000	Não	8	3	11		.000
	Sim	35	16	51			Sim	27	24	51		
	Total	42	16		58		Total	35	27		62	
17-18	Não	21	5	26		.000	Não	14	3	17		.000
	Sim	93	30	123			Sim	67	43	110		
	Total	114	35		149		Total	81	46		127	
19-23	Não	1	2	3		.000	Não	6	4	10		.000
	Sim	61	12	73			Sim	44	26	70		
	Total	62	14		76		Total	50	30		80	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a6

## Diferenças significativas entre Mãe e Amigo (Uso de Porto Seguro)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Porto Seguro	Amigo		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Porto Seguro	Amigo		Total
	Mãe	Não	Sim				Mãe	Não	Sim	
13-14	Não	15	3	18		.003	Não	8	1	9
	Sim	17	3	20			Sim	20	8	28
	Total	32	6		38		Total	28	9	37
15-16	Não	23	8	31		.007	Não	15	18	23
	Sim	24	3	27			Sim	19	10	29
	Total	47	11		58		Total	34	28	62
17-18	Não	49	14	63		.000	Não	34	18	52
	Sim	78	8	86			Sim	60	15	75
	Total	127	22		149		Total	94	33	127
19-23	Não	26	2	28		.000	Não	20	12	32
	Sim	44	4	48			Sim	37	11	48
	Total	70	6		76		Total	57	23	80

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a7

## Diferenças significativas entre Mãe e Amigo (Uso de Base Segura)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Base Segura	Amigo		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Base Segura	Amigo		Total
	Mãe	Não	Sim				Mãe	Não	Sim	
13-14	Não	12	5	17		.017	Não	7	3	10
	Sim	17	4	21			Sim	17	10	27
	Total	29	9		38		Total	24	13	37
15-16	Não	22	7	29		.008	Não	7	17	24
	Sim	22	7	29			Sim	25	13	38
	Total	44	14		58		Total	32	30	62
17-18	Não	60	10	70		.000	Não	38	23	61
	Sim	65	14	79			Sim	49	17	66
	Total	125	24		149		Total	87	40	127
19-23	Não	30	5	35		.000	Não	16	11	27
	Sim	41	0	41			Sim	34	19	53
	Total	71	5		76		Total	50	30	80

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a8

## Diferenças significativas entre Mãe e Amiga (Uso de Porto seguro)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Porto seguro	Amiga		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Porto seguro	Amiga		Total
	Mãe	Não	Sim				Mãe	Não	Sim	
13-14	Não	6	12	18		.832	Não	8	1	9
	Sim	10	10	20			Sim	20	8	28
	Total	16	22		38		Total	28	9	37
15-16	Não	15	16	31		.856	Não	25	8	23
	Sim	14	13	27			Sim	26	3	29
	Total	29	29		58		Total	51	11	62
17-18	Não	30	33	63		.050	Não	41	11	52
	Sim	52	34	86			Sim	71	4	75
	Total	82	67		149		Total	112	15	127
19-23	Não	13	15	28		.049	Não	24	8	32
	Sim	29	19	48			Sim	39	9	48
	Total	42	34		76		Total	63	17	80

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a9

## Diferenças significativas entre Mãe e Amiga (Protesto de separação)

Género feminino						Género masculino						
idade	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	p.exactop.distribuição binomial	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	p.exactop.distribuição binomial
		Mãe	Não					Sim	Mãe			
13-14	Não	0	1	1	.039	Não	4	1	5	.000		
	Sim	8	29	37		Sim	18	14	32			
	Total	8	30	38		Total	22	15	37			
15-16	Não	6	1	7	.000	Não	9	2	11	.000		
	Sim	21	30	51		Sim	34	12	51			
	Total	27	31	58		Total	43	19	62			
17-18	Não	17	9	26	.000	Não	15	2	17	.000		
	Sim	60	63	123		Sim	84	26	110			
	Total	77	72	149		Total	99	28	127			
19-23	Não	1	2	3	.000	Não	8	2	10	.000		
	Sim	39	34	73		Sim	49	21	70			
	Total	40	36	76		Total	57	23	80			

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a10

## Diferenças significativas entre Mãe e Amiga (Uso de Base segura)

Género feminino						Género masculino						
idade	Base Segura	Amiga		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Base Segura	Amiga		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial
	Mãe	Não	Sim				Mãe	Não	Sim			
13-14	Não	5	12	17		.359	Não	9	1	10		.000
	Sim	7	14	21			Sim	19	8	27		
	Total	12	26	38			Total	28	9	37		
15-16	Não	13	16	29		.856	Não	18	6	24		.000
	Sim	14	15	29			Sim	32	6	38		
	Total	27	31	58			Total	50	12	62		
17-18	Não	34	36	70		.230	Não	50	11	61		.000
	Sim	48	31	79			Sim	57	9	66		
	Total	82	67	149			Total	107	20	127		
19-23	Não	15	20	35		.878	Não	21	6	27		.000
	Sim	22	19	41			Sim	41	12	53		
	Total	37	39	76			Total	62	18	80		

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a11

## Diferenças significativas entre Mãe e Par amoroso (Procura de Proximidade)

Género feminino						Género masculino						
idade	Procura de Proximidade	Par Amoroso		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Par Amoroso		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Mãe	Não Sim					Mãe	Não Sim			
	13-14	Não Sim	5 13	3 3	8 16	.021	24	Não Sim	6 12	1 8	7 20	.003
Total		18 6		24	Total			18 9		27		
15-16	Não Sim	16 19	18 10	24 29	.052	53	Não Sim	12 30	3 6	15 36	.000	
Total		35 18		53		Total		42 9		51		
17-18	Não Sim	21 48	22 44	43 92	.003	135	Não Sim	29 45	10 26	39 71	.000	
Total		69 66		135		Total		74 36		110		
19-23	Não Sim	9 23	6 35	15 58	.002	73	Não Sim	18 27	9 21	27 48	.004	
Total		32 41		73		Total		45 30		75		

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a12

## Diferenças significativas entre Mãe e Par amoroso (Uso de Porto Seguro)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Porto Seguro	Par Amoroso		Total	(N)	p.exacto	Porto Seguro	Par Amoroso		p.exacto
						distribuição binomial				distribuição binomial
	Mãe	Não	Sim				Mãe	Não	Sim	
13-14	Não	10	3	13	24	.092	Não	6	1	27
	Sim	10	1	11			Sim	12	8	
	Total	20	4				Total	18	9	
15-16	Não	20	8	28	53	.011	Não	23	5	51
	Sim	23	2	25			Sim	21	2	
	Total	43	10				Total	44	7	
17-18	Não	34	24	58	135	.015	Não	37	11	110
	Sim	45	32	77			Sim	47	15	
	Total	79	56				Total	84	26	
19-23	Não	18	9	27	73	.014	Não	24	7	75
	Sim	24	22	46			Sim	32	12	
	Total	42	31				Total	56	19	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a13

## Diferenças significativas entre Mãe e Par amoroso (Protesto de separação)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Protesto de Separação	Par Amoroso		Total	(N)	p.exacto	Protesto de Separação	Par Amoroso		p.exacto
						distribuição binomial				distribuição binomial
	Mãe	Não	Sim				Mãe	Não	Sim	
13-14	Não	8	2	1	24	.000	Não	2	0	27
	Sim	5	23	23			Sim	16	9	
	Total	18	6				Total	18	9	
15-16	Não	24	0	7	53	.000	Não	8	2	51
	Sim	6	28	46			Sim	35	6	
	Total	38	15				Total	43	8	
17-18	Não	42	5	22	135	.000	Não	14	0	110
	Sim	36	66	113			Sim	66	30	
	Total	70	65				Total	80	30	
19-23	Não	13	2	3	73	.000	Não	9	1	75
	Sim	28	33	70			Sim	44	21	
	Total	39	34				Total	53	22	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO a14

## Diferenças significativas entre Mãe e Par amoroso (Uso de Base Segura)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Base Segura	Par Amoroso		Total	(N)	p.exacto	Base Segura	Par Amoroso		p.exacto
						distribuição binomial				distribuição binomial
	Mãe	Não	Sim				Mãe	Não	Sim	
13-14	Não	10	2	12	24	.039	Não	6	1	27
	Sim	10	2	12			Sim	13	7	
	Total	20	4				Total	19	8	
15-16	Não	21	7	28	53	.064	Não	17	4	51
	Sim	17	8	25			Sim	26	4	
	Total	38	15				Total	43	8	
17-18	Não	36	26	62	135	.053	Não	37	17	110
	Sim	43	30	73			Sim	40	16	
	Total	79	56				Total	77	33	
19-23	Não	24	10	34	73	.185	Não	18	6	75
	Sim	18	21	39			Sim	32	19	
	Total	42	31				Total	50	25	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .



## QUADRO b

### Diferenças significativas entre Pai e Amigo (Procura de Proximidade)

Género feminino						Género masculino						
idade	Procura de Proximidade	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Pai	Não Sim					Pai	Não Sim			
	13-14	Não Sim	10 14	3 11	13 25	.013	Não Sim	10 13	6 8	16 21	.167	
Total		24 14		38	Total			23 14		37		
15-16	Não Sim	22 19	8 9	30 28	.051	Não Sim	12 21	8 21	20 42	.024		
Total		41 17		58		Total		33 29			62	
17-18	Não Sim	61 54	17 17	78 71	.000	Não Sim	36 43	22 26	58 69	.013		
Total		115 34		149		Total		79 48			127	
19-23	Não Sim	28 31	13 14	41 35	.010	Não Sim	30 21	10 19	40 40	.071		
Total		59 17		76		Total		51 29			80	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

## QUADRO b1

### Diferenças significativas entre Pai e Amigo (Uso de Porto Seguro)

idade	Género feminino					Género masculino						
	Porto Seguro	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Porto Seguro	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
	Pai	Não	Sim				Pai	Não	Sim			
13-14	Não	24	5	29	38	.581	Não	15	4	19	37	.049
	Sim	8	1	9			Sim	13	5	18		
	Total	32	6				Total	28	9			
15-16	Não	36	9	45	58	.824	Não	18	19	37	62	.736
	Sim	11	2	13			Sim	16	9	25		
	Total	47	11				Total	34	28			
17-18	Não	98	18	116	149	.144	Não	63	24	87	127	.419
	Sim	29	4	33			Sim	31	9	40		
	Total	127	22				Total	94	33			
19-23	Não	53	6	59	76	.035	Não	32	15	47	80	.154
	Sim	17	0	17			Sim	25	8	33		
	Total	70	6				Total	57	23			

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

## QUADRO b2

### Diferenças significativas entre Pai e Amigo (Protesto de separação)

idade	Género feminino					Género masculino						
	Protesto de Separação	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Protesto de Separação	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Pai	Não					Sim	Pai			
13-14	Não	3	2	5		<i>.000</i>	Não	6	4	10		<i>.019</i>
	Sim	20	13	33			Sim	15	12	27		
	Total	23	15	38			Total	21	16	37		
15-16	Não	17	2	19		<i>.000</i>	Não	7	2	9		<i>.000</i>
	Sim	25	14	39			Sim	28	25	53		
	Total	42	16	58			Total	35	27	62		
17-18	Não	37	16	53		<i>.000</i>	Não	32	6	38		<i>.000</i>
	Sim	77	19	96			Sim	49	40	89		
	Total	114	35	149			Total	81	46	127		
19-23	Não	21	8	29		<i>.000</i>	Não	14	5	19		<i>.000</i>
	Sim	41	6	47			Sim	36	25	61		
	Total	62	14	76			Total	50	30	80		

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO b3

#### Diferenças significativas entre Pai e Amigo (Uso de Base segura)

Género feminino						Género masculino						
idade	Base Segura	Amigo		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Base Segura	Amigo		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial
	Pai	Não	Sim				Pai	Não	Sim			
13-14	Não	18	6	24		.332	Não	13	7	20		.481
	Sim	11	3	14			Sim	11	6	17		
	Total	29	9		38		Total	24	13		37	
15-16	Não	34	11	45		1.000	Não	11	19	30		.875
	Sim	10	3	13			Sim	21	11	32		
	Total	44	14		58		Total	32	30		62	
17-18	Não	91	16	107		.015	Não	62	24	86		1.000
	Sim	34	8	42			Sim	25	16	41		
	Total	125	24		149		Total	87	40		127	
19-23	Não	58	5	63		.096	Não	28	15	43		.324
	Sim	13	0	13			Sim	22	15	37		
	Total	71	5		76		Total	50	30		80	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO b4

#### Diferenças significativas entre Pai e Amiga (Procura de proximidade)

Género feminino						Género masculino						
idade	Procura de Proximidade	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Pai	Não					Sim	Pai			
	13-14	Não	4	9	13	.804	Não	11	5	16	.210	
	Sim	7	18	25	Sim		11	10	21			
	Total	11	27	38		Total	22	15	37			
15-16	Não	18	12	30	1.000	Não	16	4	20	.000		
	Sim	13	15	28		Sim	28	14	42			
	Total	31	27	58		Total	44	18	62			
17-18	Não	42	36	78	.457	Não	48	10	58	.000		
	Sim	29	42	71		Sim	53	16	69			
	Total	71	78	149		Total	101	26	127			
19-23	Não	20	21	41	.163	Não	28	12	40	.012		
	Sim	12	23	35		Sim	29	11	40			
	Total	32	44	76		Total	57	23	80			

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO b5

#### Diferenças significativas entre Pai e Amiga (Uso de Porto seguro)

Género feminino						Género masculino						
idade	Porto Seguro	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Porto Seguro	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
	Pai	Não	Sim				Pai	Não	Sim			
13-14	Não	10	19	29		.015	Não	16	3	19		.035
	Sim	6	3	9			Sim	12	6	18		
	Total	16	22		38		Total	28	9		37	
15-16	Não	19	26	45		.011	Não	27	10	37		.024
	Sim	10	3	13			Sim	24	1	25		
	Total	29	29		58		Total	51	11		62	
17-18	Não	60	56	116		.000	Não	77	10	87		.000
	Sim	22	11	33			Sim	35	5	40		
	Total	82	67		149		Total	112	15		127	
19-23	Não	30	29	59		.012	Não	36	11	47		.014
	Sim	12	5	17			Sim	27	6	33		
	Total	42	34		76		Total	63	17		80	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

## QUADRO b6

### Diferenças significativas entre Pai e Amiga (Protesto de separação)

Género feminino						Género masculino						
idade	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Pai	Não					Sim	Pai			
	13-14	Não	1	4	5	.549	Não	8	2	10	.004	
	Sim	7	26	33	Sim		14	13	27			
	Total	8	30	38		Total	22	15	37			
15-16	Não	14	5	19	.096	Não	7	2	9	.000		
	Sim	13	26	39		Sim	36	17	53			
	Total	27	31	58		Total	43	19	62			
17-18	Não	32	21	53	.000	Não	32	6	38	.000		
	Sim	45	51	96		Sim	67	22	89			
	Total	77	72	149		Total	99	28	127			
19-23	Não	18	11	29	.080	Não	14	5	19	.000		
	Sim	22	25	47		Sim	43	18	61			
	Total	40	36	76		Total	57	23	80			

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

## QUADRO b7

### Diferenças significativas entre Pai e Amiga (Uso de Base segura)

Género feminino							Género masculino						
idade	Base Segura	Amiga		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Base Segura	Amiga		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	
	Pai	Não	Sim				Pai	Não	Sim				
13-14	Não	6	18	24		.023	Não	16	4	20		.077	
	Sim	6	8	14			Sim	12	5	17			
	Total	12	26		38		Total	28	9		37		
15-16	Não	19	26	45		.003	Não	21	9	30		.002	
	Sim	8	5	13			Sim	29	3	32			
	Total	27	31		58		Total	50	12		62		
17-18	Não	58	49	107		.005	Não	70	16	86		.005	
	Sim	24	18	42			Sim	37	4	41			
	Total	82	67		149		Total	107	20		127		
19-23	Não	31	32	63		.000	Não	30	13	43		.007	
	Sim	6	7	13			Sim	32	5	37			
	Total	37	39		76		Total	62	18		80		

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

## QUADRO b8

### Diferenças significativas entre Pai e Par amoroso (Procura de Proximidade)

idade	Género feminino						Género masculino							
	Procura de Proximidade	Par Amoroso		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Par Amoroso		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial		
		Pai	Não					Sim	Pai				Não	Sim
13-14	Não	6	4	10	.077	Não	9	4	13	.267				
	Sim	12	2	14		Sim	9	5	14					
	Total	18	6	24		Total	18	9	27					
15-16	Não	20	10	30	.424	Não	12	5	17	.000				
	Sim	15	8	23		Sim	30	4	34					
	Total	35	18	53		Total	42	9	51					
17-18	Não	36	35	71	.904	Não	32	19	51	.004				
	Sim	33	31	64		Sim	42	17	59					
	Total	69	66	135		Total	74	36	110					
19-23	Não	20	19	39	.281	Não	25	15	40	.500				
	Sim	12	22	34		Sim	20	15	35					
	Total	32	41	73		Total	45	30	75					

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO b9

## Diferenças significativas entre Pai e Par amoroso (Uso de Porto Seguro)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Porto Seguro	Par Amoroso		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Porto Seguro	Par Amoroso		p.exacto distribuição binomial
	Pai	Não	Sim				Pai	Não	Sim	
13-14	Não	15	4	19		1.000	Não	12	4	.754
	Sim	5	0	5			Sim	6	5	
	Total	20	4		24		Total	18	9	
15-16	Não	34	8	42		1.000	Não	27	5	.017
	Sim	9	2	11			Sim	17	2	
	Total	43	10		53		Total	44	7	
17-18	Não	61	45	106		.001	Não	60	17	.349
	Sim	18	11	29			Sim	24	9	
	Total	79	56		135		Total	84	26	
19-23	Não	35	22	57		.008	Não	31	13	.073
	Sim	7	9	16			Sim	25	6	
	Total	42	31		73		Total	56	19	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO b10

## Diferenças significativas entre Pai e Par amoroso (Protesto de separação)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Protesto de Separação	Par Amoroso		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Protesto de Separação	Par Amoroso		p.exacto distribuição binomial
	Pai	Não	Sim				Pai	Não	Sim	
13-14	Não	2	1	3		.000	Não	5	2	.007
	Sim	16	5	21			Sim	13	7	
	Total	18	6		24		Total	18	9	
15-16	Não	14	4	18		.000	Não	6	2	.000
	Sim	24	11	35			Sim	37	6	
	Total	38	15		53		Total	43	8	
17-18	Não	26	21	47		.006	Não	28	6	.000
	Sim	44	44	88			Sim	52	24	
	Total	70	65		135		Total	80	30	
19-23	Não	19	8	27		.036	Não	15	3	.000
	Sim	20	26	46			Sim	38	19	
	Total	39	34		73		Total	53	22	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO b11

## Diferenças significativas entre Pai e Par amoroso (Uso de Base Segura)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Base Segura	Par Amoroso		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Base Segura	Par Amoroso		p.exacto distribuição binomial
	Pai	Não	Sim				Pai	Não	Sim	
13-14	Não	13	3	16		.344	Não	12	3	.344
	Sim	7	1	8			Sim	7	5	
	Total	20	4		24		Total	19	8	
15-16	Não	31	12	43		.359	Não	22	5	.002
	Sim	7	3	10			Sim	21	3	
	Total	38	15		53		Total	43	8	
17-18	Não	54	44	98		.029	Não	58	18	1.000
	Sim	25	12	37			Sim	19	15	
	Total	79	56		135		Total	77	33	
19-23	Não	37	24	61		.001	Não	24	16	.164
	Sim	5	7	12			Sim	26	9	
	Total	42	31		73		Total	50	25	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO c

## Diferenças significativas entre Amigo e Amiga (Procura de Proximidade)

Género feminino						Género masculino						
idade	Procura de	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
	Proximidade						Proximidade					
	Amigo	Não	Sim				Amigo	Não	Sim			
13-14	Não	10	14	24	.001		Não	16	7	23	1.000	
	Sim	1	13	14			Sim	6	8	14		
	Total	11	27	38			Total	22	15	37		
15-16	Não	24	17	41	.064		Não	26	7	33	.043	
	Sim	7	10	17			Sim	18	11	29		
	Total	31	27	58			Total	44	18	62		
17-18	Não	63	52	115	.000		Não	65	14	79	.003	
	Sim	8	26	34			Sim	36	12	48		
	Total	71	78	149			Total	101	26	127		
19-23	Não	26	33	59	.000		Não	41	10	51	.327	
	Sim	6	11	17			Sim	16	13	29		
	Total	32	44	76			Total	57	23	80		

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO c1

## Diferenças significativas entre Amigo e Amiga (Uso de Porto Seguro)

Género feminino						Género masculino						
idade	Porto Seguro	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Porto Seguro	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
	Amigo	Não	Sim				Amigo	Não	Sim			
13-14	Não	15	17	32		.000	Não	23	5	28		1.000
	Sim	1	5	6			Sim	5	4	9		
	Total	16	22	38			Total	28	9	37		
15-16	Não	25	22	47		.001	Não	29	5	34		.002
	Sim	4	7	11			Sim	22	6	28		
	Total	29	29	58			Total	51	11	62		
17-18	Não	75	52	127		.000	Não	85	9	94		.004
	Sim	7	15	22			Sim	27	6	33		
	Total	82	67	149			Total	112	15	127		
19-23	Não	41	29	70		.000	Não	48	9	57		.307
	Sim	1	5	6			Sim	15	8	23		
	Total	42	34	76			Total	63	17	80		

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO c2

## Diferenças significativas entre Amigo e Amiga (Protesto de separação)

Género feminino						Género masculino						
idade	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Amigo	Não					Sim	Amigo			
	13-14	Não	8	15	23	.000	Não	16	5	21	1.000	
	Sim	0	15	15	Sim		6	10	16			
	Total	8	30	38	Total		22	15	37			
15-16	Não	25	17	42	.001	Não	19	6	35	.115		
	Sim	2	14	16		Sim	14	13	27			
	Total	27	31	58		Total	43	19	62			
17-18	Não	70	44	114	.000	Não	71	10	81	.005		
	Sim	7	28	35		Sim	28	18	46			
	Total	77	72	149		Total	99	28	127			
19-23	Não	38	24	62	.000	Não	45	5	50	.143		
	Sim	2	12	14		Sim	12	18	30			
	Total	40	36	76		Total	57	23	80			

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO c3

#### Diferenças significativas entre Amigo e Amiga (Uso de Base Segura)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Base Segura	Amiga		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Base Segura	Amiga		Total
	Amigo	Não	Sim				Amigo	Não	Sim	
13-14	Não	10	19	29		.000	Não	20	4	24
	Sim	2	7	9			Sim	8	5	13
	Total	12	26		38		Total	28	9	37
15-16	Não	22	22	44		.002	Não	29	3	32
	Sim	5	9	14			Sim	21	9	30
	Total	27	31		58		Total	50	12	62
17-18	Não	73	52	125		.000	Não	79	8	87
	Sim	9	15	24			Sim	28	12	40
	Total	82	67		149		Total	107	20	127
19-23	Não	35	36	71		.000	Não	41	9	50
	Sim	2	3	5			Sim	21	9	30
	Total	37	39		76		Total	62	18	80

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO c4

#### Diferenças significativas entre Amigo e Par amoroso (Procura de Proximidade)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Procura de Proximidade	Amigo		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Procura de Proximidade	Amigo		Total
	Par Amoroso	Não	Sim				Par Amoroso	Não	Sim	
13-14	Não	10	8	18		.581	Não	13	5	18
	Sim	5	1	6			Sim	3	6	9
	Total	15	9		24		Total	16	11	27
15-16	Não	21	14	35		.720	Não	20	22	42
	Sim	17	1	18			Sim	7	2	9
	Total	38	15		53		Total	27	24	51
17-18	Não	46	23	69		.000	Não	44	30	74
	Sim	55	11	66			Sim	25	11	36
	Total	101	34		135		Total	69	41	110
19-23	Não	23	9	32		.000	Não	29	16	45
	Sim	35	6	41			Sim	19	11	30
	Total	58	15		73		Total	48	27	75

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

### QUADRO c5

#### Diferenças significativas entre Amigo e Par amoroso (Uso de Porto Seguro)

idade	Género feminino					Género masculino				
	Porto Seguro	Amigo		Total	(N)	p.exacto distribuição binomial	Porto Seguro	Amigo		Total
	Par Amoroso	Não	Sim				Par Amoroso	Não	Sim	
13-14	Não	14	6	20		.754	Não	14	4	18
	Sim	4	0	4			Sim	5	4	9
	Total	18	6		24		Total	19	8	27
15-16	Não	33	10	43		1.000	Não	25	19	44
	Sim	9	1	10			Sim	4	3	7
	Total	42	11		53		Total	29	22	51
17-18	Não	67	12	79		.000	Não	56	28	84
	Sim	46	10	56			Sim	23	3	26
	Total	113	22		135		Total	79	31	110
19-23	Não	37	5	42		.000	Não	39	17	56
	Sim	30	1	31			Sim	13	6	19
	Total	67	6		73		Total	52	23	75

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO c6

## Diferenças significativas entre Amigo e Par amoroso (Protesto de separação)

idade	Género feminino					Género masculino								
	Protesto de Separação	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Protesto de Separação	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial		
		Par Amoroso	Não					Sim	Par Amoroso				Não	Sim
13-14	Não	9	9	18	24	.424	Não	13	5	18	27	.727		
	Sim	5	1	6			Sim	3	6	9				
	Total	14	10				Total	16	11					
15-16	Não	24	14	38	53	1.000	Não	25	18	43	51	.011		
	Sim	15	0	15			Sim	5	3	8				
	Total	39	14				Total	30	21					
17-18	Não	48	22	70	135	.001	Não	51	29	80	110	.072		
	Sim	52	13	65			Sim	16	14	30				
	Total	100	35				Total	67	43					
19-23	Não	30	9	39	73	.001	Não	37	16	53	75	.327		
	Sim	30	4	34			Sim	10	12	22				
	Total	60	13				Total	47	28					

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO c7

## Diferenças significativas entre Amigo e Par amoroso (Uso de Base Segura)

Género feminino						Género masculino						
idade	Base Segura	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Base Segura	Amigo		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
	Par Amoroso	Não	Sim				Par Amoroso	Não	Sim			
13-14	Não	13	7	20		.549	Não	13	3	16		.508
	Sim	4	0	4			Sim	6	5	11		
	Total	19	7		24		Total	19	8		27	
15-16	Não	27	11	38		.690	Não	23	3	26		.000
	Sim	14	1	15			Sim	20	5	25		
	Total	41	12		53		Total	43	8		51	
17-18	Não	61	18	79		.000	Não	49	25	74		.784
	Sim	50	6	56			Sim	28	8	36		
	Total	111	24		135		Total	77	33	110	110	
19-23	Não	37	5	42		.000	Não	32	15	47		.728
	Sim	31	0	31			Sim	18	13	28		
	Total	68	5		73		Total	50	25		75	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO d

## Diferenças significativas entre Amiga e Par Amoroso (Procura de proximidade)

idade	Género feminino					Género masculino								
	Procura de Proximidade	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Procura de Proximidade	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial		
		Par Amoroso	Não					Sim	Par Amoroso				Não	Sim
13-14	Não	5	13	18	24	.002	Não	10	8	18	27	.791		
	Sim	1	5	6			Sim	6	3	9				
	Total	6	18				Total	16	11					
15-16	Não	16	19	35	53	.487	Não	26	16	42	51	.230		
	Sim	14	4	18			Sim	9	0	9				
	Total	30	23				Total	35	16					
17-18	Não	27	42	69	135	.738	Não	53	21	74	110	.134		
	Sim	38	28	66			Sim	33	3	36				
	Total	65	70				Total	86	24					
19-23	Não	14	18	32	73	1.000	Não	29	16	45	75	.211		
	Sim	17	24	41			Sim	25	5	30				
	Total	31	42				Total	54	21					

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO d1

## Diferenças significativas entre Amiga e Par Amoroso (Uso de Porto seguro)

Género feminino							Género masculino						
idade	Porto Seguro	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Porto Seguro	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	
	Par Amoroso	Não	Sim				Par Amoroso	Não	Sim				
13-14	Não	7	13	20		.002	Não	14	4	18		1.000	
	Sim	1	3	4			Sim	5	4	9			
	Total	8	16		24		Total	19	8		27		
15-16	Não	20	23	43		.005	Não	34	10	44		.629	
	Sim	7	3	10			Sim	7	0	7			
	Total	27	26		53		Total	41	10		51		
17-18	Não	42	37	79		.720	Não	73	11	84		.029	
	Sim	33	23	56			Sim	25	1	26			
	Total	75	60		135		Total	98	12		110		
19-23	Não	18	24	42		1.000	Não	43	13	56		.711	
	Sim	23	8	31			Sim	16	3	19			
	Total	41	32		73		Total	59	16		75		

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO d2

## Diferenças significativas entre Amiga e Par Amoroso (Protesto de separação)

Género feminino						Género masculino						
idade	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Protesto de Separação	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
		Par Amoroso	Não					Sim	Par Amoroso			
	13-14	Não Sim	5 0	13 6	18 6	24	.000	Não Sim	11 5	7 4	18 9	27
	Total	5	19		Total			16	11			
15-16	Não Sim	17 9	21 6	38 15	53	.043	Não Sim	26 8	17 0	43 8	51	.108
	Total	26	27				Total	34	17			
17-18	Não Sim	36 33	34 32	70 65	135	1.000	Não Sim	62 24	18 6	80 30	110	.441
	Total	69	66	135			Total	86	24			
19-23	Não Sim	24 14	15 20	39 34	73	1.000	Não Sim	37 16	16 6	53 22	75	1.000
	Total	38	35				Total	53	22			

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .

# QUADRO d3

## Diferenças significativas entre Amiga e Par Amoroso (Uso de Base segura)

Género feminino						Género masculino						
idade	Base Segura	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial	Base Segura	Amiga		Total	(N)	<i>p.exacto</i> distribuição binomial
	Par Amoroso	Não	Sim				Par Amoroso	Não	Sim			
13-14	Não	6	14	20		.004	Não	14	5	19		1.000
	Sim	2	2	4			Sim	5	3	8		
	Total	8	16		24		Total	19	8		27	
15-16	Não	15	23	38		.058	Não	34	9	43		.607
	Sim	11	4	15			Sim	6	2	8		
	Total	26	27		53		Total	40	11		51	
17-18	Não	38	41	79		.911	Não	62	15	77		.036
	Sim	39	17	56			Sim	30	3	33		
	Total	77	58		135		Total	92	18		110	
19-23	Não	19	23	42		.337	Não	38	12	50		.163
	Sim	16	15	31			Sim	21	4	25		
	Total	35	38		73		Total	59	16		75	

**Nota.** O teste de McNemar utiliza a distribuição binomial e tem um valor de corte para a significância estatística de  $p.exacto \leq .05$ .





